



BOX DAMAS

DA SOCIEDADE

JULIE LOPO



DAMAS
DA SOCIEDADE

JULIE LOPO

Copyright © 2019 Julie Lopo

Capa: LA Design

Revisão e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor. Os infratores serão punidos na forma da lei.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Ficha técnica

A ESPOSA DO DUQUE

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

A NOIVA AMALDIÇOADA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Epílogo

A DAMA FORMOSA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Epílogo

A DONZELA EM PERIGO

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Epílogo

A PRINCESA FUGITIVA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Epílogo

A VIÚVA ESTIMADA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Epílogo

O SEGREDO DA LADY

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Epílogo

A CONDESSA VIÚVA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Epílogo

A SENHORITA ASTUCIOSA

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Epílogo

A FILHA DO CONDE

Família

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

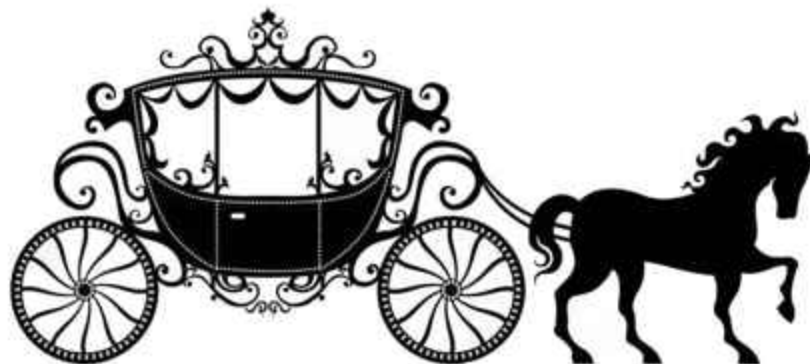
Epílogo

Nota da autora

Bônus

Biografia

Obras



A ESPOSA DO DUQUE

AS DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO I

Prólogo

— Sinto muito pela sua perda — uma senhora diz para Eleanor.

Era apenas mais uma da alta sociedade londrina que passou para prestar os seus sentimentos para Eleanor e seus irmãos, após a morte dos seus pais. Os dois voltavam para casa, quando uma carruagem com cavalos assustados os atingiram, causando assim a morte do Conde de Greenwood e sua esposa, deixando órfãos seus três filhos.

Eleanor olha para James, o atual conde, um menino de apenas oito anos, tão pequeno, na fase que mais precisava de um pai, e sua irmã Charlotte, de apenas quinze anos, tão perto de sua estreia na temporada. O que seriam deles agora?

Alfie Bartlett cumprimenta alguns nobres e Eleanor solta um suspiro. O único parente vivo estava ali e, assim que colocou os pés na casa, informou que não permitiria que nada acontecesse com eles. Alfie era irmão do pai de Eleanor, três anos mais novo, e se não fosse James, seria o atual conde de Greenwood.

— Eleanor — o advogado de seu pai se aproxima e Alfie se junta a eles —, o seu tio foi nomeado por seu pai antes de sua morte como tutor de seus filhos, caso alguma coisa acontecesse.

— Então, o senhor é agora responsável pelos bens? — Eleanor pergunta a seu tio.

— Dos bens, do condado, do dote, tanto seu quanto de Charlotte, até que você ou sua irmã se case. Quando isso acontecer, o seu marido será o novo tutor de James até a sua maioridade — o advogado informa.

— O que será de nós? — Charlotte pergunta segurando a mão da irmã.

— Vocês me acompanharão a Londres, no momento o ideal é que fiquemos unidos — Alfie diz e dá um sorriso de orelha a orelha e Eleanor sente um frio na espinha. — Cuidarei dos meus sobrinhos com todo amor e carinho que merecem.

Aquela noite, após arrumar suas coisas, Eleanor deita na cama e encara a janela, não sabia o que Londres lhe guardava. Aos vinte e um anos de idade, poderia ser considerada “solteirona”, já que as moças da sua idade já estavam casadas e com filhos. Mas como seu pai permitiu que casasse por amor, não escolheu um dos vários pretendentes que apareceram no decorrer dos anos.

Agora se via sozinha, com dois irmãos, sendo um pequeno ainda, aos cuidados de um tio que era considerado por seu pai como perdulário. Tio esse que cuidaria do seu dote e do da sua irmã, bem como de toda fortuna pertencente a James, o novo conde de Greenwood. Não restava mais nada a Eleanor a não ser orar para que tudo desse certo na nova vida.



Dois anos depois...

Eleanor sabia que algo de muito errado estava acontecendo em sua casa. Desde que seus pais morreram dois anos atrás e seu tio assumiu a sua guarda e a de seus irmãos, tudo mudou. Aos poucos, James começava a ficar doente e quieto, completamente diferente do menino que era. Charlotte passara a ter receio de sair em público, pois a todo momento dizia que estava gorda demais.

E tudo isso Eleanor sabia que devia ao seu tio Alfie; desde o momento em que ele reaparecera na vida deles, nada mais foi o mesmo. A princípio, não desconfiara de que ele pudesse ser o causador de tudo, achara que era o fato de terem perdido seus pais, mas quando os empregados passaram a ser demitidos e trocados por outros que ela não conhecia, somando ao fato de que James ficava doente e mais fraco a cada dia, passou a desconfiar do que realmente acontecia em sua casa.

Somente quando, em uma conversa com sua melhor amiga Scarlett, que sem querer perguntou o que aconteceria com o título de conde se

James viesse a morrer, foi que Eleanor entendeu o mistério que parecia ter surgido em sua vida.

Se James morresse, seu tio Alfie seria o novo conde e assumiria tudo: o dinheiro, as casas, as terras e tudo mais.

E fazia sentido se ela parasse para analisar friamente, Alfie não permitia que chamassem nenhum médico a não ser o que ele mesmo chamara, não podiam tirar James da casa que ficava constantemente vigiado por uma criada. Era como se ele não quisesse que o menino fosse tratado e curado.

Mas a gota d'água que fez com que entendesse os planos de seu tio foi a conversa que ouviu por trás de uma porta. Ele dizia a alguém que garantiria que o dinheiro ficaria com ele, fosse com a morte de James ou então se casando com ela ou sua irmã. Assim, pelo testamento, o primeiro a se casar com uma das irmãs assumiria tudo gerenciando a fortuna.

E foi aí que Eleanor percebeu que precisava se casar o mais rápido possível, não poderia se dar ao luxo de escolher pretendentes, de sonhar com um casamento por amor. Necessitava de um marido.

Para sua sorte a temporada estava começando, receberia inúmeros convites para os bailes, mesmo sendo considerada uma solteirona aos vinte e três anos, sabia que as famílias nobres a convidariam, era filha do conde de Greenwood e sua presença seria requisitada.

O único problema em seu caminho era o fato de que Alfie passara a esconder os convites, ele não queria que ela fosse vista, nem mesmo suas saídas passaram a ser permitidas. Então a única solução que encontrara fora ficar sentada em frente a uma janela observando a movimentação na rua. Quando um mensageiro subiu os degraus da mansão quase três horas depois ela correu até a porta, recebendo assim um convite para o baile da Condessa Maisie Haylock, uma das amigas de sua mãe. Rapidamente

respondera ao mensageiro que iria ao baile e solicitara que agradecesse o convite em seu nome.

Alfie então não tivera outra solução a não ser permitir sua presença no baile. E era por isso que agora estava em um canto do salão com Scarlett segurando um copo de limonada e olhando atentamente todas as suas opções.

— Tem certeza de que se casar com qualquer um é a melhor solução? Poderia cair nas mãos de um lunático ou um perdulário que acabaria com toda a fortuna de seu irmão.

— Eu sei, Scarlett, mas o desespero é maior que qualquer bom senso que eu poderia ter. Preciso me casar antes que meu tio me comprometa em frente à sociedade ou então que James venha a falecer. Não é somente a minha vida que está em risco, e sim a de meus irmãos. Preciso tirar Charlotte e James daquela casa o mais rápido possível.

— Eu entendo, Eleanor, de verdade. Apenas tenho medo que acabe cometendo um erro. E outra, a temporada apenas começou, pode demorar dias ou semanas até que alguém finalmente decida pedi-la em casamento.

A temporada londrina era o momento esperado por parte das moças solteiras, elas poderiam ser apresentadas formalmente à Corte e à sua Rainha, e seriam permitidas nos salões de bailes para seu debut. Para uma moça como Eleanor, que, aos vinte e três anos, passara seis temporadas sem casar, as coisas ficavam complicadas, já que era considerada velha demais para um casamento vantajoso.

— Você poderia desistir de seu noivo e deixá-lo para mim — Eleanor brinca fazendo a amiga sorrir.

Scarlett tivera a sorte que Eleanor não tinha, um jovem marquês lhe pedira em casamento algumas semanas antes e os dois estariam casados até o fim da temporada naquele ano.

— Pedi a Riley que apresentasse algum amigo para você. Ele disse que o único problema era que a maioria de seus amigos não queria se casar. Mas que ele pensaria no assunto.

— Obrigada, na minha atual situação aceitaria qualquer um. — Eleanor volta a olhar o grande salão, as pessoas começam a se afastar e olham para um ponto específico. — O que está acontecendo?

Scarlett segue o olhar da amiga e treme levemente ao seu lado.

— O Duque Monstruoso acaba de chegar.

— Duque Monstruoso?

— Simon Halsey, duque de Wentworth. Ele é chamado assim por causa de seu rosto, que tem o lado esquerdo cheio de cicatriz por causa de uma queimadura severa. Nunca ouviu falar sobre ele?

— Meu tio me deixou fora da temporada passada lembra-se? E com tudo o que tem acontecido com a minha família, não tenho prestado atenção às fofocas da sociedade.

— Tem razão. Segundo o que Riley me disse, o duque esteve recolhido em sua propriedade no campo, as pessoas sempre o apontam ou se afastam quando ele chega. Por isso prefere ficar recluso, não sei o que o levaria a vir até Londres e, principalmente, a um salão de baile.



Simon não queria estar ali, não era necessário que alguém o lembrasse dos motivos para que ficasse no campo longe da sociedade londrina. Eram os olhares de pena, nojo e escárnio que o mantinham afastado. Ele sabia que as marcas em seu rosto afastavam as pessoas, era assim desde os seus dez anos de idade. Por vinte anos convivera com o fato de que tinha o rosto e o corpo desfigurado.

Apenas alguns rapazes o receberam bem em Eton, e era por causa de um deles que estava ali: Riley Callow, marquês de Eglington, um dos poucos amigos que conseguira manter. Enviara-lhe uma mensagem dizendo que iria para Londres, pois precisava urgentemente de uma esposa. Sua irmã Daisy debutaria no ano seguinte e precisaria de uma mentora, sem contar o fato de que precisava de um herdeiro.

Mesmo que por anos pensara em negar ao seu pai uma continuação ao título, decidira por fim ter um herdeiro, não por seu pai, mas por si mesmo. Queria algo que sempre desejara: uma família.

Não que acreditasse que fosse dar certo, as mulheres mais velhas iam para a sua cama e queriam apenas isso, não aceitavam serem vistas ao seu lado. As moças olhavam para ele com puro terror nos olhos. E era assim que sua determinação de se casar era praticamente destruída.

— Vinte anos se passaram e ainda assim a sociedade me olha como se eu fosse de outro mundo.

— Você ficou tempo demais no campo, Simon, as pessoas apenas se esqueceram de como você se parece. Se estivesse ativamente no Parlamento e circulando por Londres, isso não aconteceria — Riley brinca e acena para o outro lado do salão, fazendo com que Simon olhe naquela direção.

— Sua noiva presumo?

— Sim, Scarlett.

Simon olha para a jovem ao lado da noiva de Riley, os cabelos escuros estão presos no alto de sua cabeça, os olhos escuros mesmo de longe parecem brilhar, sua pose delicada e ao mesmo tempo elegante são provas de um título que muito provavelmente possuía, o vestido claro só ressalta sua beleza, e Simon chega à conclusão de que a bela jovem

deveria ser comprometida, não haveria como uma moça tão bela estar solteira.

Desviando o olhar da acompanhante da noiva de Riley, ele deixa seus olhos vagarem pelo salão. Precisava de uma noiva, alguém desesperada o bastante para se casar com ele.



Eleanor estava desesperada e não poderia negar esse fato. Buscara por todo o salão pelos homens que seriam elegíveis para se casar, mesmo que sua aparência não fosse de todo tão bela. Mas quando Riley e o duque de Wentworth se aproximaram sentiu um arrepio por seu corpo.

— Como vai, Lady Bartlett? — Riley pergunta inclinando sobre sua mão.

— Estou bem — ela responde e olha para o seu acompanhante.

— Lady Bartlett tenho a honra de lhe apresentar um velho amigo, Simon Halsey, duque de Wentworth. Simon, essa é Eleanor Bartlett, a melhor amiga de minha noiva. E essa bela moça, claro, é a minha noiva, Scarlett — ele faz as apresentações.

— Vossa Graça. — Eleanor e Scarlett fazem uma reverência e ele inclina a cabeça sem se aproximar.

Os olhos de Eleanor vagam discretamente pelo corpo de Simon tanto quanto é possível, a roupa preta ricamente trabalhada e engomada envolvem o seu corpo perfeitamente, mostrando os ombros largos, as luvas brancas impedem que veja suas mãos e Eleanor se pergunta se não

seria por causa das queimaduras que tomam o lado esquerdo do seu rosto e pescoço.

— O que o traz a Londres, Vossa Graça? — Scarlett pergunta puxando assunto.

— Alguns assuntos pessoais — ele responde educadamente e ao mesmo tempo dizendo que não quer falar a respeito.

— Simon está em uma missão — Riley diz com um sorriso. — Segundo ele, essa missão é de suma importância.

— Obrigado por falar tão abertamente sobre meus assuntos.

— Eu não disse o que era, apenas disse que tinha uma missão.

— Podemos ajudar em alguma coisa? — Eleanor pergunta sem resistir à curiosidade. O que um homem, que mesmo com o rosto marcado ainda possuía uma aparência tão bela, como seu lado direito mostrava, e seu porte elegante que emanava poder, estaria em busca.

— Ele quer se casar — Riley responde e recebe um olhar mortal de seu amigo.

— Casar? — Scarlett troca olhares com Eleanor, percebendo que a amiga chegou a mesma conclusão.

— Casar — Simon concorda. — Minha irmã irá debutar muito em breve e preciso de uma mentora para ela. Por mais que sua preceptora seja alguém muito competente, não acredito que possa ajudá-la com a sociedade londrina.

— Tem alguém em vista, Vossa Graça? — Scarlett pergunta.

— Ainda não. — Simon deixa seus olhos correrem pelo salão. Ele sentia que as paredes se fechavam a sua volta, podia ouvir os sussurros nada discretos a seu respeito. Ele sabia que a sociedade comentava sobre ele desde seu acidente. E com o tempo, quando herdou o título, acreditou

que seria aceito, mas estava enganado, ele ainda provocava repulsa em algumas pessoas. — Se me dão licença, vou tomar um pouco de ar.

Simon vai em direção as portas abertas do salão, saindo para uma grande sacada, um casal está ali conversando e o ignoram completamente. A música do salão tão convidativa para alguns era para ele um tormento. A única mulher com quem ele dançava era sua irmã e sabia que se entrasse e tirasse alguém para dançar receberia um sonoro não.

Eleanor observa Simon se afastar e sente Scarlett agarrar sua mão.

— Ele quer se casar.

— Eu ouvi.

— E então?

— O que se passa, querida? — Riley olha para as duas moças ao seu lado sem entender.

— Eleanor precisa se casar, o tio dela pretende comprometê-la a obrigando assim a se casar com ele. Ele deseja tomar toda a herança deles. Se ela se casar, será o marido quem irá controlar tudo.

Riley olha na direção que Simon saiu, agora tudo fazia sentido quando ouviu as duas conversarem mais cedo sobre encontrar um noivo.

— Simon precisa de uma esposa, não só para ajudar a irmã, mas também porque deseja um herdeiro. Ele seria um noivo elegível. Sem contar que estaria amparada pelo título dele, caso seu tio deseje brigar.

— Ele tem razão. Um tribunal ficaria a favor de um duque e não de um homem sem título — Scarlett diz rapidamente. — Ele é o homem ideal, Eleanor.

— Você acha que ele realmente aceitaria se casar comigo?

— Por que não? É uma moça bonita, não está se casando com interesse pelo dinheiro dele. Quer apenas alguém que a proteja e a seus irmãos. — Riley dá de ombros. — Não vejo por que ele não aceitaria.

— Sem contar que não acredito que ele tenha muitas opções, assim como você. Precisa se casar o quanto antes, ele também. Não pense muito, Eleanor, ou alguma interesseira passará na sua frente. Ou, então, que ele descubra sobre Katherina.

— Quem é essa? — Eleanor pergunta tentando se lembrar do nome.

— A noiva amaldiçoada, não se lembra dela? — Scarlett olha pelo salão e aponta para um jovem que está em companhia de duas mulheres e um homem muito bem-vestido. — Katherina Threston, filha do conde Rathbone. Três anos atrás, ela se casou com um marquês, mas quando saíam da igreja ele simplesmente parou de andar do nada e foi ao chão, morreu na hora. Como o casamento não fora consumado, a sociedade não esperava dela que ficasse de luto, ainda mais que o pai requereu a anulação do casamento. No ano seguinte, ela conheceu o filho de um conde e marcaram casamento, ele morreu um dia antes do casamento.

— Meu Deus! — Eleanor olha para a moça em questão. — Ela tentou se casar novamente?

— Não, ficou reclusa por dois anos na casa do conde Weston, ele se casou com a irmã mais velha dela, Cornélia. Ninguém soube dela até que finalmente voltou aos salões de baile acompanhando a irmã que está debutando esse ano, se não me engano o nome dela é Hester.

— E com certeza a fama dela não vem ajudando para conseguir um pretendente.

— As matronas da sociedade não falam de outro assunto — Riley brinca. — Ao que tudo indica, Katherina foi considerada amaldiçoada e nenhuma mãe ou homem deseja um relacionamento com ela. Então ela estaria tão desesperada quanto você para um casamento. Seria uma hipótese para Simon. Se tem planos de se casar o mais rápido possível, sugiro aproveitar a oportunidade.

Eleanor olha para a porta do outro lado do salão e as palavras de Riley e Scarlett rodam por sua mente, eles tinham razão. Precisava se casar o mais rápido possível e Simon queria uma noiva. Não custava nada perguntar, se ele dissesse não poderia voltar para o salão e procurar por outro pretendente.

Sem pensar demais, Eleanor atravessa o salão e sai para a sacada, respirando fundo ela chama por ele.

— Vossa Graça. — Simon escuta atrás dele e se vira rapidamente, encontrando Eleanor parada olhando para ele insegura.

— O que você deseja? — ele pergunta se aproximando um pouco, saindo da escuridão que se escondera.

— Não é questão do que eu desejo, mas sim do que eu necessito — responde misteriosamente o deixando curioso.

— E o que seria?

— Necessito de um marido. Meu tio está determinado a me obrigar a casar com ele, há muito em jogo e ele não está disposto a abrir mão de tudo.

— Não entendo — ele diz confuso, tentando compreender porque aquela jovem estava lhe dizendo isso.

— Quando meu pai faleceu deixou três filhos aos cuidados do único irmão, e com isso uma grande fortuna. Sou a mais velha e com o meu casamento, meu marido se tornaria o representante legal do condado, administraria todos os bens, incluindo o dote de minha irmã. Enquanto meu irmão for menor de idade, meu marido cuidaria de tudo. Uma vez que meu tio não quer perder a fortuna e muito menos o título do meu irmão, decidi que vou me casar com ele.

— E você não deseja isso? — ele diz a olhando atentamente e entendendo sua história.

— Não. Eu não desejo. Por isso preciso de um marido que esteja disposto a enfrentar meu tio. Infelizmente, não achei ainda um que queira assumir essa briga. E com isso temo por meu irmão. Os empregados da casa estão estranhos, a saúde do meu irmão está debilitada. Acredito...

— Acredita? — pergunta assim que ela para de falar.

— Acredito que meu tio planeja matar meu irmão e assim ficar com o título de conde. Ao se casar comigo assume o meu dote e controla o da minha irmã. Tenho que me casar para protegê-los.

— E está aqui me dizendo tudo isso, porque estaria disposta a se casar comigo? Um monstro?

Ela olha para o seu rosto com cicatrizes e balança a cabeça.

— Você não é um monstro.

— Não é o que as damas dizem. — Ele aponta para o salão de baile.

— Eu não sou elas. Eu não o acho um monstro.

— Se eu fosse você teria cuidado, posso provar que está enganada.

— Vivo com um monstro há dois anos, acredite em mim, Vossa Graça, o senhor não é um monstro.



Eleanor sabia que era um risco se aproximar de Simon e fazer uma proposta como essa, mas não tinha outra escolha. Caso ele não aceitasse seria obrigada a procurar por outra pessoa, os dois não conseguiram terminar a conversa, já que foram interrompidos por alguns casais que saíram para a sacada. Aproveitando a distração do duque, Eleanor voltou para o lado de sua amiga. Não queria correr o risco de ser vista por seu tio e por alguns minutos sentira vergonha do que fizera, praticamente se jogara nos braços do duque de Wentworth.

— Como foi? — Scarlett pergunta assim que se aproxima.

— Eu fiz a proposta, mas acho que foi um erro, ele estranhou e ficou dizendo que era um monstro.

— Deixe-o pensar por um tempo, Eleanor, tenho certeza de que ele verá que terá vantagens com essa união. Não vejo as mulheres no salão disputando pela atenção dele e, quando não encontrar uma noiva, verá que a sua proposta é atrativa.

Não demorou muito para que seu tio Alfie a encontrasse e dissesse que deveriam partir. Ele não queria a presença dela no baile, mas não podia recusar o convite feito pela condessa. Eleanor se despede de todos e

ao sair do salão avista Simon conversando com Riley. A noite toda havia sido uma completa loucura, e torcia para que seu tio não desconfiasse de seus planos.



No dia seguinte, Eleanor estava se sentindo em trapos, seu corpo estava dolorido, sua cabeça pesada de tanta dor. Assim que chegara do baile, Charlotte a chamara para o quarto de James, o menino tivera uma piora e as duas ficaram de prontidão ao lado da cama, a febre não parecia querer abaixar, ao mesmo tempo que seu corpo tremia incontrolavelmente. Seu tio se recusara a chamar um médico, ordenando que a governanta tentasse abaixar a febre do menino.

Sua vontade era de ir para o quarto e se jogar na cama esquecendo que o mundo a sua volta estava implodindo, mas um dos criados informou que havia uma visita na sala a esperando. Reunindo o pouco de força que tinha, Eleanor desceu até a sala de visitas, onde encontrou Scarlett conversando com Alfie.

— Scarlett?

— Oi, Eleanor, desculpe vir sem avisar, mas minha mãe e eu tivemos uma ideia hoje pela manhã e claro que não podia esperar para vir pessoalmente.

— O que houve?

— Daremos um jantar essa noite para alguns amigos mais próximos, nossa família e a família de Riley. A temporada está começando e os bailes, jantares formais, sarais estão praticamente marcados em todas as noites até o meu casamento que será em dois meses. Então aproveitamos a noite livre de hoje para nos reunirmos. E claro, conto com sua presença e a de Lorde Bartlett.

— Será uma honra. — Seu tio faz uma reverência.

Eleanor sabia que ele aceitaria o convite, a família de Scarlett era nobre, apesar de seu pai ser apenas o segundo filho e ter se formado como advogado. Ela era sobrinha de um conde e por isso aos olhos de Alfie era uma amizade que lhe daria muitos lucros.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — ela se oferece.

— Não é necessário. A cozinheira, claro, ficou louca quando soube que terá que fazer um jantar enorme com cinco pratos, mas já começou a trabalhar. Sua presença e a de seu tio é apenas o que preciso.

— Estaremos lá.

Eleanor abraça a amiga, que sussurra em seus ouvidos:

— Não se preocupe, tenho um plano.

As duas se afastam e Eleanor olha preocupada para a amiga, que apenas sorri e se despede.

Scarlett entra em sua carruagem pedindo para que o cocheiro a leve até o escritório de Riley, precisava avisar o noivo do jantar, pedir que levasse sua família e, claro, o duque de Wentworth. Pela manhã, quando dissera aos seus pais que daria um jantar naquela noite, ambos se recusaram a princípio, mas quando explicara os motivos eles voltaram atrás.

Seus pais eram amigos dos de Eleanor e ficaram enfurecidos quando souberam que James, provavelmente, era envenenado aos poucos e que Alfie planejava forçar Eleanor a se casar com ele. Claro que sua mãe Georgianna não concordara em ajudar Eleanor a se casar com o Duque Monstruoso, mas, após algumas argumentações da filha, concluiu que era melhor um duque com seu corpo deformado, do que um tio mau-caráter.

— A que devo a honra da visita de minha bela noiva? — Riley pergunta assim que Scarlett entra em seu escritório.

— Daremos um jantar essa noite por nosso noivado, leve seus pais e, claro, o duque.

— Hoje, Scarlett? Não está muito em cima da hora?

— Eleanor não tem muito tempo, devemos ajudá-la a se casar. O duque deve perceber o quanto será vantajoso se casar com ela.

— Tudo isso então é para casar sua amiga?

— Por favor, Riley — ela pede abraçando o noivo, que suspira.

— Está bem, minha querida, levarei Simon hoje à noite.



Eleanor sentia o estômago revirar. Desde que entraram na casa de Scarlett, seu tio praticamente lambia o chão em que Lorde Thomas Wright, pai de Scarlett, pisava. Lady Georgianna a abraçara com carinho, ela e sua mãe foram amigas na época de escola e debutaram juntas, o que acabou refletindo na amizade das filhas.

Eles estão na sala de visitas conversando quando Riley foi anunciado, ele entra acompanhado por seus pais e por Simon fazendo com que a pele de Eleanor se arrepie. Do outro lado da sala, seu tio olha de cara fechada para o duque e por alguns instantes ela tem medo de que ele tenha desconfiado ou descoberto sobre a proposta que fizera a Simon.

— Sejam bem-vindos! — Lorde Wright diz recebendo os visitantes e Scarlett sorri para o noivo. Ela se vira para Eleanor e diz animada:

— Quero lhe mostrar o meu véu, ele ficou pronto e é simplesmente a coisa mais linda que eu já vi. — Ela se levanta puxando Eleanor.

— Posso acompanhá-las? — Riley pergunta se aproximando.

— Claro que não. Não deve ver nada do meu vestido antes do casamento.

— Sendo assim, vou aproveitar para mostrar a Simon a biblioteca, eu disse a ele o quanto invejo sua biblioteca, meu sogro — Riley diz sorrindo para o pai de Scarlett, que infla o peito com orgulho.

— Espero que goste, Vossa Graça.

— Tenho certeza que sim.

Scarlett puxa Eleanor para fora da sala, mas ao invés de tomar as escadas vai para a biblioteca. Sem entender o motivo, ela a segue sem reclamar.

— Como está o seu irmão? — Scarlett pergunta assim que se sentam no sofá confortável e Eleanor deixa as lágrimas caírem.

— Achamos que ele não resistiria essa noite. Ele quase morreu, Scarlett, e meu tio não permitiu que chamássemos um médico.

As duas se abraçam no mesmo momento em que as portas da biblioteca se abrem. Simon olha para o sofá, os olhos vermelhos de Eleanor chamam sua atenção, mesmo que ela tente limpá-los e respirar fundo, é impossível esconder que está chorando.

— O que aconteceu, minha querida? — Riley corre até a noiva, que suspira tomando as mãos da amiga.

— James quase morreu essa noite.

— Sinto muito, Eleanor — Riley diz baixinho e Eleanor sente os olhos se encherem de água novamente.

— O menino está mal? — Simon pergunta de sua posição mais afastada e Eleanor levanta a cabeça para olhá-lo.

Mesmo da distância em que se encontra, percebe a vulnerabilidade, o medo, a insegurança de Eleanor refletida em seu rosto e olhos.

— Muito, passou a noite com febre e tremendo. Não creio que resista por muito tempo mais. Algo me diz que estão aumentando o

veneno que lhe dão todos os dias. Vou perder meu irmão. — Ela leva as mãos ao rosto e Simon observa a cena.

Após a saída de Eleanor do baile, tentara conversar com algumas mulheres, mas não obtivera sucesso. Ao voltar para a mansão de sua família tomara praticamente todo o conhaque que encontrara. Ele sabia que não era desejável, sabia que teria que usar sua influência para se casar. Queria alguém que cuidasse de sua irmã e lhe desse herdeiros.

Havia uma jovem que não saía de sua cabeça durante o dia e agora ela estava sentada a alguns metros de distância tentando se recompor. Ela lhe pedira em casamento, era sua oportunidade de conseguir o que queria ao mesmo tempo que lhe ajudaria.

Determinado, ele atravessa a biblioteca e se ajoelha em frente à Eleanor, toma as suas mãos na sua e espera até que ela olhe para o seu rosto.

— Não tenho muito a lhe oferecer em relação a sentimentos ou até mesmo em boa aparência. Mas lhe ofereço minha posição, minha proteção e lhe prometo que farei de tudo ao meu alcance para que seu irmão se recupere. Lady Eleanor Bartlett, aceita se casar comigo?

Eleanor prende a respiração e mantém o olhar fixo nos olhos azuis do duque, não era o homem com quem sonhara em se casar, mas ele estava ali disposto a ajudá-la, seria um casamento por conveniência para ambos. Seus irmãos estariam seguros e seria obrigada a lhe dar herdeiros. Teria que se deitar com ele todas as noites até que estivesse grávida.

Simon não era atraente, mas o seu olhar aquecido parecia lhe fazer várias promessas para o futuro.

— Aceito, Vossa Graça — Eleanor diz baixinho e ele se levanta a puxando para os seus pés.

— Riley, você e Lorde Wright conseguiriam uma licença especial para amanhã mesmo?

— Cuidarei disso na primeira hora.

Simon retira um lenço do bolso e entrega para Eleanor enxugar o rosto.

— Amanhã pela tarde, lady Eleanor, estaremos casados e seu irmão estará muito longe do homem que tenta matá-lo. Isso é uma promessa.



Ao voltar para casa naquela noite, a primeira coisa que Eleanor fez foi ir até o quarto da irmã, para sua sorte ela ainda estava acordada com a criada a ajudando a se trocar.

— Como foi o jantar? — Charlotte pergunta e Eleanor dispensa a criada dizendo que ajudaria a irmã. Assim que estão sozinhas, ela puxa Charlotte para o mais longe possível da porta.

— Preste muita atenção no que vou dizer, não teremos muito tempo para nos preparar — Eleanor sussurra olhando para a porta.

— Preparar para o quê?

— Em silêncio arrume uma mala para você, poucas coisas, depois damos um jeito de comprar mais. Amanhã, após o almoço, vou sair com a desculpa de acompanhar Scarlett até a modista para experimentar o vestido de noiva, mas na verdade vou até o cartório para me casar.

— Casar? — Charlotte arregala os olhos entendendo o motivo dos sussurros. — Com quem?

— Ele é um duque que precisa de uma esposa, eu preciso de um marido, então entramos em um acordo, vamos nos casar amanhã com uma licença especial, depois voltamos até a mansão para pegar o James e você.

Esconda a sua mala no quarto de James e não saia do lado dele em hipótese nenhuma. Faça uma mala para ele também.

— E se nosso tio descobrir ou tentar impedir?

— Nosso tio não pode fazer nada. Segundo o testamento, meu marido passa a ser tutor tanto do James como de você, ele também controla toda a fortuna e o título. Mas acredito que ele não estará aqui para impedir. Scarlett vai pedir para o pai chamar nosso tio para um almoço que será estendido até mais tarde. Quando voltar para casa ou ficar sabendo o que aconteceu estaremos fora daqui. O importante é que tome muito cuidado amanhã, Charlotte, ninguém pode desconfiar de nada até que eu esteja casada.

— Não se preocupe. — Charlotte abraça a irmã. — Sinto muito que esteja se casando nessas circunstâncias.

— Faço qualquer coisa pela segurança dos meus irmãos. Agora vou para o meu quarto arrumar algumas coisas. Nosso tio foi encontrar a amante, então estamos seguras.

— Tenho pena dessa pobre coitada.

Eleanor e Charlotte haviam conhecido a amante do tio um dia sem querer em uma modista, quando a mesma solicitara o envio das contas para Alfie.

— Tome cuidado, minha irmã. — Eleanor vai para o seu quarto onde sua criada a espera.

Depois de tirar o vestido e colocar uma camisola, a criada a deixa sozinha, retira uma mala do armário e guarda algumas roupas. Não seria possível levar muita coisa, se tudo desse certo como Riley dissera, assim que Simon se tornasse responsável por tudo poderiam reaver a casa e o que havia nela, o único problema seria se seu tio contestasse tudo, até mesmo

o casamento. Por isso era importante que ele se tornasse oficial o mais rápido possível.

Eleanor não sabia direito tudo o que envolvia um casal à noite em um quarto. Sabia que teria suas obrigações, mas era muito leiga ainda no assunto. Teria que confiar mais uma vez em um homem que vira apenas duas vezes e que no dia seguinte se tornaria seu marido.



No dia seguinte Eleanor estava nervosa, ela e a irmã ficaram no quarto de James durante toda a manhã, até que chegou a hora de se trocar para o casamento. Um vestido verde cor de maçã é o escolhido, com cintura alta e um decote recatado, mangas compridas, não era a cara de um vestido de noiva, mas era um dos melhores que possuía. A criada prende seu cabelo em um coque alto com alguns cachos soltos.

Uma vez que está pronta, ela desce até a sala onde Scarlett já a espera como combinado, as duas saem até a carruagem dos Wrigth que as espera, uma última olhada para a mansão de sua família como solteira faz o peito de Eleanor se apertar.

Seu tio chegara no meio da manhã, trocara de roupa e saiu novamente para encontrar com o pai de Scarlett. O plano estava a todo vapor e, em alguns minutos, Eleanor seria a nova Duquesa de Wentworth.

A carruagem atravessa a cidade até o cartório, o cocheiro abre a porta informando que está tudo tranquilo e as duas entram rapidamente no prédio, Riley e Simon as esperam em frente à sala do juiz onde o casamento será realizado.

— Está muito bonita, lady Eleanor. — Riley beija a sua mão e ela agradece timidamente.

— Está tudo bem? — Simon pergunta se irritando por Riley ter tomado sua frente.

— Sim, meu tio saiu. Minha irmã está com tudo preparado para sair de casa assim que voltarmos.

— Então vamos nos apressar. — Simon estica o braço esquerdo onde usa uma luva branca.

Enquanto o acompanha, Eleanor não consegue tirar os olhos da luva, mesmo que o tenha visto em apenas duas ocasiões, nas duas ele jamais retirara a luva. Simon chama sua atenção quando o juiz começa o casamento e ela volta os olhos para seu rosto. Como solicitado por Simon o casamento é rápido, e não demora muito para que ela esteja com uma aliança em sua mão esquerda.

— Você está casada — Scarlett diz atrás dela e Eleanor volta a olhar para o seu marido.

Ele se inclina lentamente e beija seus lábios levemente. Apenas um roçar de lábios, mas que é o suficiente para fazer seu corpo tremer, Simon fecha a cara com a sua reação e direciona para fora da sala do juiz com a certidão do casamento em mãos.

Simon sabia que sua aparência não era das melhores, seu rosto causava repugnância, nojo em algumas mulheres. A reação de Eleanor não fora diferente de outras mulheres que ele levou para a cama. Elas aceitavam ser suas amantes apenas pela vantagem do seu dinheiro, mas mesmo nesses casos não escondiam o nojo que sentiam.

Eleanor entra na carruagem de seu novo marido e olha para as mãos sobre o seu colo, ele não lhe dirigira a palavra após o casamento, estava em silêncio com o semblante fechado e carregado, a boca estava comprimida em uma linha como se estivesse nervoso. Por mais que não quisesse tocar no assunto, não conseguia ficar em silêncio.

— Vossa Graça se arrependeu do casamento?

— Meu nome é Simon, agora é minha esposa. Deve me chamar por meu nome — ele responde irritado.

— Me desculpe.

— Não, eu não me arrependi — responde sem olhar para ela. — Assim que chegarmos deve subir para buscar seus irmãos. John, um dos meus criados, vai acompanhá-la para ajudar com James. Quero entrar e sair o mais rápido possível. Se seu tio chegar e ainda estivermos lá, ele pode armar um escândalo, nosso casamento não foi consumado ainda e pode solicitar a Câmara dos Lordes e até mesmo a Justiça a anulação.

— Serei rápida, prometo — ela concorda.

A carruagem para com uma sacudida e a porta se abre revelando um homem grande e forte, ele ajuda Eleanor a descer, que corre para dentro da mansão. Ao notar a agitação, a governanta tenta agarrá-la, mas Simon é mais rápido segurando a mulher.

— Rápido, Eleanor — ele diz e ela sobe as escadas com John.

— Quem é você?! — a governanta grita.

— Sou o duque de Wentworth, marido de Eleanor, por meu direito a estou levando embora com seus irmãos.

— Lorde Bartlett não vai permitir.

— Lorde Bartlett pode até tentar. — Simon sorri, ele sabe que ao fazer isso sua pele no rosto enrugando lhe dando um aspecto ainda mais asqueroso e a prova disso é o fato da mulher ao seu lado ao qual mantém em seu aperto treme incontrolavelmente e fecha os olhos.

Eleanor grita por Charlotte, que sai do quarto de James assustada.

— Vamos embora!

Charlotte concorda e John entra no quarto atrás dela, a pedido de Eleanor. Enquanto ele ajuda a irmã e o irmão, ela pega sua mala embaixo

da cama e volta para o corredor.

John passa por ela com James enrolado em um cobertor em direção das escadas enquanto Charlotte carrega duas malas. As duas correm para baixo e não param nem quando a governanta grita tentando impedi-las. John coloca James no banco da carruagem e pega as malas para prender na carruagem. Charlotte entra primeiro colocando a cabeça do irmão em seu colo. Assim que Eleanor se ajeita no banco em frente a eles, Simon entra batendo a porta e a carruagem se afasta.

— Foi tudo como esperado. Minha intenção a princípio era ir para a minha casa no campo, mas seu irmão não está em condições de uma longa viagem, então ficaremos aqui mesmo, chamarei o melhor médico de Londres para examiná-lo.

— Obrigada, Simon — Eleanor agradece apertando sua mão e ele olha para as mãos unidas. — Essa é Charlotte, minha irmã.

— Como vai? — Simon pergunta.

— Obrigada por sua ajuda — Charlotte agradece baixinho.

Simon concorda com a cabeça e olha pela janela. Assim que chegassem a sua mansão, ele deveria consumir o casamento, não haveria tempo para conversas ou intimidades, os empregados avisariam o tio de Eleanor e ele iria para lá com a polícia. Por isso era importante a consumação.

— Eu sei — Eleanor sussurra ao seu lado e ele olha para ela sem entender. — Eu sei o que devemos fazer.

Simon mantém os olhos no rosto de Eleanor, ela era linda, jovem, pura e ele era marcado pelo passado, era um homem monstruoso e assim que tocasse nela a contaminaria. Mas era necessário, tanto para mantê-la segura, bem como aos seus irmãos, mas também porque sua irmã teria a

ajuda necessária no ano seguinte em seu debut, e principalmente era a única forma de ter seu herdeiro.

Ele teria que levar Eleanor para a sua cama, seria obrigado a revelar seu corpo marcado e sabia qual seria sua reação, afinal era a única que as mulheres tinham ao ver qualquer parte de seu corpo.



Ao chegarem à casa de Simon, Eleanor começa a respirar um pouco mais aliviada, estava segura agora com seus irmãos ao seu lado. Claro que ainda havia mais um passo a ser dado, o casamento precisava ser consumado para que não corressem o risco de ter uma anulação. A carruagem para em frente a uma escadaria e John abre a porta para eles descerem.

— John vá até a casa do Dr. Boorman e o traga imediatamente. Diga que é um caso urgente.

— Sim, senhor.

Simon ajuda Eleanor descer e ele mesmo carrega James para dentro de casa.

— O senhor precisa de ajuda? — o mordomo pergunta assim que eles entram.

— Sr. Haylock, lhe apresento James e Charlotte Bartlett e Eleanor, minha esposa.

— Senhorita, Vossa Graça. — O mordomo faz uma reverência para Eleanor, que sente seu rosto esquentar. Era a primeira vez que era tratada como uma duquesa.

— Providencie, por favor, para que as bagagens deles sejam levadas aos seus aposentos. Onde está a Sra. Haylock?

— Aqui mesmo, senhor. — Uma mulher roliça sai de uma sala apressada. — Em que posso lhe ajudar.

— Preciso de um quarto para o menino, o Dr. Boorman logo estará aqui para examiná-lo.

Eleanor e Charlotte sobem atrás de Simon, que segue a governanta até um quarto, ele deposita o menino sobre a cama e a Sra. Haylock o ajeita.

— Ele está fraco. — A governanta faz uma careta.

— Meu irmão vinha sendo envenenado constantemente, por isso está assim. — Charlotte senta ao lado do irmão e segura a sua mão.

— Vamos cuidar dele e logo será um menino alegre novamente. — A Sra. Haylock dá um tapinha no ombro de Charlotte tentando acalmar a menina.

A porta do quarto se abre e um senhor entra passando por eles, Eleanor observa o homem atentamente enquanto examina seu irmão.

— Quais os sintomas do menino? — ele pergunta e Eleanor explica rapidamente o que vinha acontecendo. — Temo que não há muito o que fazer, o veneno esteve correndo por seu corpo por muito tempo. A única coisa que posso fazer por ele é orientar que o mantenham hidratado, uma alimentação leve. Mas nada disso é garantia de que ele vá se recuperar, e se ele se recuperar não sabemos as sequelas. Sinto muito.

— Ele ainda pode morrer então? — Charlotte pergunta abraçando Eleanor.

— Infelizmente sim, teremos que aguardar os próximos dias. Caso ele sinta alguma dor ofereçam um pouco de láudano. E o mantenham confortável. Ar puro também fará bem.

— Obrigado, doutor. — Simon aperta a mão do médico. — Mande a conta depois.

— Se precisar, estou à disposição.

— Ele pode viajar?

— O ideal é que fique aqui na cidade por enquanto, ainda há muitos riscos.

O médico sai do quarto e a governanta o acompanha para buscar um pouco de água para hidratar James. Eleanor, que estava abraçada a irmã perto da cama, pede que ela fique com o menino e se afasta.

— Meu tio pode chegar a qualquer momento.

Simon concorda com a cabeça e sai do quarto com Eleanor atrás dele.

Os dois atravessam o corredor até o final dele, Simon entra em um quarto assustando algumas moças que trabalhavam ali. Elas são dispensadas e ele fecha a porta trancando os dois ali.

— Esse é o quarto da duquesa, aquela porta leva para uma sala em comum com o meu quarto — ele indica. — Espero que seja do seu agrado.

Eleanor olha para o quarto em tons pastéis, uma grande cama no centro, uma penteadeira com um grande espelho, uma escrivaninha e uma lareira que tomava uma parede do quarto com duas poltronas na frente.

— É muito bonito, obrigada.

— Eleanor, sei que não é... — Ele para de falar e se senta em uma das poltronas. — Que esse casamento não é o que desejou.

— Ele é exatamente o que eu desejei, fui eu que o pedi em casamento lembra-se, Vossa Graça?

— Simon, meu nome é Simon.

— Desculpe. — Eleanor torce os dedos nervosa e se senta na beirada da cama. — Os meus sonhos sobre casamento eram todos infantis. Com o

tempo não pensei muito nisso, nem mesmo no meu debut, meu pai permitiu que eu me casasse por amor e não por interesse.

— Mas não foi o que aconteceu hoje.

— Não, mas tenho certeza de que ele iria entender.

— Você sabe o que se passa entre um homem e uma mulher em seu leito matrimonial?

— Minha mãe nunca explicou com todas as palavras, mas eu sei que é necessário para se fazer filhos.

— Necessário? — Simon ri e se levanta. — É necessário sim, mas é mais do que isso, infelizmente não temos muito tempo para pensar ou conversar, gostaria que fosse diferente ainda mais você sendo inexperiente, contudo se seu tio chegar aqui com um magistrado e o casamento não tiver consumado, pode exigir uma anulação.

— Eu sei. — Eleanor se levanta e encara os seus pés por um tempo. — Eu não sei o que fazer.

Simon levanta a mão esquerda e faz um carinho no rosto de Eleanor, ela era linda, delicada, merecia alguém melhor do que ele, alguém que não tivesse marcas terríveis pelo corpo. Merecia também que sua primeira vez não fosse correndo contra o tempo.

— Prometo que não vou beijá-la novamente — ele diz baixinho e a gira para abrir seu vestido.

Eleanor pensa em suas palavras tentando processar o fato de que ele não a beijaria novamente, qual era o problema nisso? Scarlett dissera uma vez que Riley a beijara e que havia sido a melhor coisa do mundo. Por que então seu marido não queria beijá-la?

As mãos de Simon abrem o vestido e o empurra para o chão, deixando Eleanor apenas com a combinação que usava, ele pede que ela se deite e enquanto isso retira sua calça, as meias e os sapatos, o paletó e o

colete. Ficaria com seus calções e a camisa, principalmente com a luva em sua mão esquerda. Era assim que ele se relacionava com as mulheres que aceitavam ir para a sua cama, não havia outro jeito, bastava apenas uma olhada para seu corpo queimado, cheio de cicatrizes para que elas fossem embora. Simon sabia que Eleanor não poderia fugir, mas não queria assustá-la em sua primeira vez com ele.

Simon se junta a Eleanor na cama, ela encara o dossel fixamente sem saber o que fazer. Não sabia se poderia tocá-lo, ou como seria o ato entre eles. Gentilmente ele se deita sobre ela levantando sua mão para depositar um beijo na palma, o corpo de Eleanor treme sob ele, que fecha os olhos.

— Desculpe assustá-la, prometo ser rápido.

— Eu não sei... — ela sussurra.

— Não sabe o quê?

— Não sei o que fazer, não é medo... quer dizer, tenho medo de fazer alguma coisa errada, mas não é medo de você.

Os dois se olham pelo que se parece um longo tempo, Simon não poderia negar que estava excitado, que deseja possuir Eleanor e fazê-la sua, para que ninguém a leve embora. Mesmo se conhecendo há três dias, no momento que decidiu que se casaria com ela, fez uma promessa de que ficaria com ela para sempre e tentaria tornar o convívio com ele o melhor possível.

— Não a assusto?

Os olhos de Eleanor correm pelo rosto de Simon, ela sabia o que ele queria dizer, as cicatrizes eram assustadoras, mas o lado do rosto intocado pelas chamas era belo, o cabelo loiro quase batendo nos ombros escondia o lado que Simon não queria que ninguém visse.

— Não, como eu disse, já vi monstros piores que você. — Ela tenta sorrir, Simon abre um pequeno sorriso e Eleanor leva sua mão até o seu

rosto, mas ele a impede de tocar suas marcas.

— Desculpa machucá-la na primeira vez, mas é algo necessário. — Simon abre os calções e levanta a combinação de Eleanor.

Ela não entendia como ele poderia machucá-la, enquanto segura firmemente a mão direita de Eleanor, para que não toque suas marcas, Simon gentilmente abre suas pernas se encaixando entre elas. Não haveria romance na primeira vez, apenas pressa em consumir o casamento. Ele impulsiona o corpo a penetrando e Eleanor grita de dor, se agarrando a ele com a mão livre.

— Dói — ela resmunga fechando os olhos.

— Me desculpe — ele pede se mexendo lentamente. — Gostaria de poder evitar essa dor.

Simon pôde sentir o corpo de Eleanor tenso sob o seu, a mão livre dela estava fechada firmemente em sua camisa mantendo um aperto de morte por causa da dor. Apesar de querer parar, acabar com aquilo, ele precisava ir até o fim. Nunca foi seu desejo machucá-la, mas era necessário. Quando finalmente sente seu prazer chegar, ele se entrega e rola para o lado, Eleanor respira pesadamente quando tudo termina.

— Estamos casados?

— Estamos... — Simon para de falar ao ouvir uma batida na porta do quarto.

— Desculpe incomodar, Vossa Graça, mas o senhor tem visitas. Ele disse se chamar Alfie Bartlett e veio com o magistrado.

— Já estou descendo. Obrigado, Haylock.

— Ele veio para tentar me levar embora.

— Veio, mas não se preocupe, não pode fazer mais nada para tirá-los daqui. — Simon se levanta e se veste rapidamente. — Necessito do lençol, querida, ele não vai acreditar a menos que veja a marca de sangue.

Eleanor estranha o que ele diz, mas se levanta sentindo uma pontada de dor entre suas pernas. Ao olhar para o lençol, a marca de sangue parece gritar o que acontecera alguns minutos antes.

— Não se preocupe, é assim mesmo. — Simon recolhe o lençol. — Vou pedir a Sra. Haylock que lhe prepare um banho.

Após sair do quarto, Simon desce as escadas rapidamente. Estava irritado não só com ele mesmo por tê-la machucado, mas também com o tio de Eleanor. Se ele não fosse um maldito interesseiro e um assassino, Eleanor se casaria por amor e teria uma primeira vez para se lembrar para sempre.

— Boa tarde, Vossa Graça — o magistrado o cumprimenta assim que ele termina de descer as escadas.

Seu mordomo não levou os dois homens para a sala de visitas, o que era bom, resolveria tudo ali mesmo e os dispensaria.

— Em que posso lhes ajudar?

— O Sr. Bartlett acusa o senhor de invadir sua casa e levar seus sobrinhos. Acredito que seja algum engano, é claro.

— Não houve engano algum. Eles estão aqui, mas amparados pela Justiça. Casei-me com Eleanor, a mais velha dos três hoje; e segundo o testamento do pai dela, sou o novo tutor de seus irmãos e o administrador da fortuna e do condado até que o menino seja maior de idade.

— Não dei minha autorização para esse casamento! — Alfie grita a plenos pulmões. — Traga meus sobrinhos agora mesmo.

— Eleanor é maior de idade e assim pode responder por seus atos, como, por exemplo, se casar. Uma licença especial foi solicitada e então nos casamos hoje.

— Vou pedir a anulação. Não vou permitir que ela fique casada com você.

— Sinto lhe informar, mas não tem como pedir uma anulação. — Simon abre o lençol mostrando a marca de sangue para o magistrado. — O casamento foi consumado, não há como voltar atrás.

— Sinto muito, Sr. Bartlett, mas a lei está a favor dele. Se o testamento realmente diz que ele se torna o tutor dos seus sobrinhos, não há o que fazer.

— Vou brigar na Câmara dos Lordes, vou apelar para a Rainha se for necessário.

— Como quiser. — Simon sorri fazendo o homem se contorcer. — Sou o duque de Wentworth, lembre-se disso ao tentar me desafiar. O senhor não tem um título para se fazer valer na Câmara dos Lordes, muito menos para conseguir uma audiência com a Rainha, mas lhe desejo boa sorte. Agora peço que vão embora, o dia foi cansativo para a minha esposa, não gostaria que ela fosse atormentada.

O magistrado faz uma reverência antes de sair e puxa o tio de Eleanor com ele, Simon sabia que o assunto não estaria encerrado, mas ele tinha razão, como duque possuía não só a Câmara, mas também a Rainha a seu favor. Alfie Bartlett teria muito pelo que brigar para tentar anular aquele casamento.

— Sra. Haylock — Simon chama e a governanta se aproxima. — Prepare um banho para a minha esposa, por favor.

— Sim, senhor. — A mulher se afasta para fazer o que Simon pediu e ele vai para a biblioteca, queria ficar sozinho por um tempo, como também desejava deixar Eleanor processar tudo o que acontecera entre eles naquele dia.



— Posso entrar? — Eleanor escuta a Sra. Haylock dizer e permite que a governanta entre no quarto. — Preparamos um banho para a senhora.

Algumas mulheres entram no quarto com baldes e levam até o banheiro para encher a banheira.

— Vou precisar de uma camareira — Eleanor diz sem graça para a governanta, que sorri.

— Vamos providenciar isso, temos algumas meninas trabalhando aqui na mansão, não se preocupe.

— Obrigada. — Eleanor observa a banheira em silêncio.

— Ele a machucou, não foi?

— Como... — Eleanor sente o rosto esquentar e a Sra. Haylock sorri.

— É assim mesmo na primeira vez. Desculpe tocar nesse assunto, sou apenas uma criada da casa, mas me parece que a duquesa está abalada.

— Minha mãe nunca explicou muito bem como funcionava um relacionamento entre uma mulher e seu marido.

A Sra. Haylock dispensa as outras mulheres e ajuda Eleanor a tirar a roupa que vestia e entrar na banheira.

— Muitas mulheres não preparam suas filhas, ou por vergonha, ou porque não sabem como falar sobre isso. Posso ter a liberdade de falar livremente?

— Por favor — Eleanor concorda, a governanta joga um pouco de água em seus cabelos o lavando delicadamente.

— A primeira vez, como eu disse, sempre dói. Mas com o tempo essa dor não existirá mais, sentirá um prazer enorme ao se deitar com seu marido. Claro que as primeiras vezes serão estranhas, pois estará tímida com a presença dele, mas com o tempo conhecerá o corpo do seu marido como se fosse o seu. Saberá como agradá-lo com apenas um toque.

— Ele não permitiu que eu o tocasse.

A governanta suspira e olha para o rosto de Eleanor.

— O duque não permite que ninguém o toque desde os dez anos, não é nada contra você. Como a duquesa precisa aprender a conviver com seu marido, ele também precisa aprender a conviver com a senhora. Tenha calma com ele, o pobre rapaz sofreu muito desde o dia em que teve o corpo queimado.

— O que aconteceu?

— Creio que é algo que ele mesmo deva contar.

A mulher ajuda Eleanor a terminar seu banho e a sair da banheira. Enquanto ela se seca em frente à lareira, a Sra. Haylock sai do quarto para buscar uma camareira.

As chamas na lareira queimam intensamente, assim como os pensamentos de Eleanor em sua mente. Ela desejava saber o que aconteceu com seu marido para que tivesse o corpo queimado, mas pelo visto teria que perguntar diretamente para ele.

— Com licença. — Uma jovem entra no quarto. — Sou Claire, a Sra. Haylock me enviou para ajudá-la.

— Obrigada. — Eleanor sorri para a moça.

Com rapidez e eficiência, a moça ajuda Eleanor a se vestir, secar e prender seus cabelos. Depois de dois anos reclusa morando com seu tio, estava bem arrumada novamente, como na época em que morava com seus pais.

Uma vez pronta, ela vai para o quarto que seria de Charlotte e encontra a irmã sentada em um divã com um livro na mão.

— Como está o James?

— Dormindo tranquilamente, a governanta enviou uma criada para ficar com ele. Os deixei sozinhos, pois não tenho mais medo de que alguém o machuque. Estamos seguros nessa casa, não estamos?

— Estamos sim, minha irmã.

— Como foi? — Charlotte pergunta depois de um tempo analisando a irmã.

— Foi tudo bem, não se preocupe — Eleanor tenta tranquilizar a irmã. — Estamos casados oficialmente e nosso tio não poderá nos levar embora.

— Sinto apenas o fato de que não se casou por amor.

— Quem disse que não foi por amor? Casei-me por amor a você e ao James.

— Mas não ama o seu marido.

— Charlotte, fiz minha escolha. Foi pelo seu bem e o de James e, principalmente, para evitar ser obrigada a me casar com o nosso tio. Nada seria pior do que me casar com ele.

— Mesmo casar com um homem que mal conhece.

— Mesmo isso. Vou conhecer o Simon com o tempo, seremos amigos, futuramente teremos filhos juntos. Estou bem, querida. Não se

preocupe. Agora vou deixá-la terminar sua leitura, vou conhecer a nossa nova casa.

— Eleanor — Charlotte chama a irmã quando ela está para fechar a porta. — Obrigada.

Não é preciso dizer sobre o que ela estava agradecendo, Eleanor sabia que a irmã era grata por tirá-la da casa onde estavam vivendo um verdadeiro inferno. O casamento com Simon fora necessário pela segurança deles. Eleanor não se arrependia, mas sabia que era apenas o primeiro dia de casados, haveria muito ainda pela frente. Contudo, estava determinada a fazer funcionar, pelo pouco que sabia poderia já ter em seu ventre um filho, a quem amaria, e teria certeza de que não viveria momentos de terror como ela e seus irmãos.



Ao descer para jantar, Eleanor se sente insegura, tudo era novo para ela, a mansão do duque era imponente, seu passeio pelos quartos e salas só mostrou o quanto a casa de sua família era pequena comparada a dele.

Havia três salas de visitas, duas de estar, doze quartos, um salão grande para baile, a sala de jantar, um solário na parte de trás da casa e um grande jardim. Ela só conseguia tentar imaginar como seria a casa de campo. Enquanto fazia seu passeio, o fato de ser a nova Duquesa de Wentworth se processava em sua cabeça. Tinha apenas vinte e três anos, e agora era alguém de influência na sociedade.

Ao entrar na sala de jantar, um criado faz uma reverência e se adianta para puxar uma cadeira para ela, Simon entra logo em seguida e se senta ao seu lado.

— Como você está? — Ele olha atentamente para o seu rosto e ela sorri.

— Estou bem, obrigada, tomei um longo banho quente e depois aproveitei para conhecer a casa.

— Desculpa não ter te acompanhado, era meu dever mostrar tudo.

— Não se preocupe, gostei de conhecer tudo sozinha, pude ser curiosa e mexer em algumas coisas — ela diz corando e Simon tenta não sorrir, ele sabia o quanto a assustaria quando sua pele enrugasse ao fazer isso.

— Faltou algum lugar para conhecer?

— Acredito que apenas o escritório, um dos criados me indicou a porta e disse que você estava lá, decidi não o atrapalhar.

— Após o jantar prometo acompanhá-la, a biblioteca fica no escritório.

— Você tem uma biblioteca? — ela pergunta abrindo um sorriso enorme.

— Tenho.

— Acredito que será o lugar favorito de minha irmã. Aquela está sempre com um livro na mão. Por diversas vezes ela pediu para ir a uma livraria, mas nosso tio proibia nossa saída, no início por causa do luto, depois como forma de nos controlar.

— Vou deixar a carruagem a disposição de vocês amanhã, poderão passear à vontade. Enviei uma carta para o contador responsável pelas finanças do seu pai e também para o administrador da casa no campo. Quero ficar a par de como estão as coisas, então provavelmente não sairei amanhã.

— Falando no meu tio, como foi a visita?

— Ele se irritou bastante... — Simon para de falar enquanto um dos criados o serve. — Quis levá-los à força, mas expliquei para o magistrado sobre o casamento, então não houve o que pudessem fazer. Riley está com uma cópia do testamento e me trará amanhã. Mesmo com a lei a nosso favor, não acredito que seu tio vá deixar por isso mesmo. Posso ser tutor do James agora, mas ainda assim se ele morrer seu tio será o novo conde.

— Então ainda há perigo?

— Infelizmente sim.

— Desculpem o atraso, eu estava olhando o James antes de descer.

— Charlotte entra lentamente na sala e se senta do lado esquerdo de Simon.

— Não se preocupe, acabamos de ser servidos — Eleanor tenta tranquilizar a irmã.

— O quarto é do seu agrado? — Simon tenta puxar assunto com a moça ao seu lado, que olha rapidamente para ele.

— É sim, ele é lindo. Muito obrigada.

— Se precisarem de alguma coisa, seja o que for, me avisem. Acredito que tenham que encomendar roupas, já que a maioria ficou para trás.

— Realmente será necessário, ainda mais você, Eleanor, precisa de um guarda-roupa novo — Charlotte concorda.

— Por que principalmente eu?

— Agora é uma duquesa, seus vestidos devem ser à altura.

— Não me acostumei com esse fato ainda — ela diz baixinho.

— Procurem a modista amanhã e providenciem roupas novas. Você também, Charlotte, um presente meu para você.

— Obrigada — ela agradece e desvia os olhos tentando não olhar fixamente para o seu rosto.

Simon olha para o seu prato tentando ignorar o desconforto de sua cunhada.

— E a sua irmã? Onde ela está?

— Em nossa casa de campo, imaginei que me casaria e voltaria para lá, por isso a deixei.

— Posso pedir para que ela venha? Tenho certeza de que ela e Charlotte serão amigas e poderão aproveitar esse período até o debuté delas, já que serão juntos. Além do mais, acredito que ela tenha uma preceptora?

— Tem sim.

— Charlotte precisa terminar os estudos, poderiam estudar juntas.

— Vou enviar uma carta amanhã, solicitando que ela venha. Daisy ficará animada ao vir para Londres, ela queria me acompanhar, mas eu que não permiti.

Ao terminarem de jantar, Charlotte sobe para o quarto, enquanto Simon acompanha Eleanor até o escritório. Ao entrarem na sala, Eleanor corre até as prateleiras de livros, delicadamente ela passa o dedo pelas lombadas.

— Tínhamos uma biblioteca, mas meu tio quis reformar a sala e se desfez dos livros. Charlotte e eu ficávamos horas naquele lugar.

— Pode usar meu escritório sempre que quiser.

— Obrigada.

Eleanor se senta em uma poltrona em frente à lareira e encara o fogo.

— Algo lhe preocupa? — Simon se apoia na lareira deixando o lado esquerdo nas sombras.

Olhando para o seu marido, Eleanor percebe o quanto ele é bonito, com a cicatriz escondida podia ver o seu rosto como deveria ser, o maxilar forte, os olhos claros. Não havia nada de delicado nele, nem em seu rosto, nem em seu corpo.

— Não, apenas preciso me acostumar que sou uma mulher casada agora, é tudo muito novo.

— Bem como para mim, acho que teremos que aprender juntos. Está cansada?

— Um pouco — ela concorda e Simon se aproxima esticando a mão.

— Vou acompanhá-la até seu quarto.

Os dois sobem juntos para o quarto. Com a mão na de Simon, que era quente, e mesmo somente essa parte se tocando, Eleanor podia sentir a força que ele possui. Ao pararem na porta do quarto dela, Simon a solta.

— Tenha uma boa-noite.

— Você não vai entrar? — ela pergunta confusa.

— A machuquei em sua primeira vez, vou deixar que descanse.

Simon inclina a cabeça e segue para o próprio quarto fechando a porta logo em seguida. Ao entrar no quarto, Eleanor se senta em sua cama. Às vezes, em momentos como esse, sentia a falta da mãe, não fora preparada para o que deveria acontecer entre um casal. E sentia que tudo era ainda mais difícil pelo fato de que o casamento fora rápido e Simon se fechava em alguns momentos.

Sentia que o passado dele ainda o assombrava e a todo momento esperava que alguém o tratasse mal por suas marcas, ele sempre estava pronto para ser atacado ou então rechaçado. E agora, como sua esposa, precisava ter cuidado para não tratá-lo igual.

Era preciso descobrir o que acontecera com seu marido quando era uma criança, seria a única forma de se aproximar dele.



No dia seguinte, Simon acompanha Eleanor e Charlotte até o ateliê da Sra. Flossen, a francesa era a sensação do momento em Londres, as mulheres da alta sociedade disputavam sua atenção e seus vestidos quase a tapas — o que só não acontecia normalmente, pois prezavam as boas aparências. Ao entrar na loja, os três são recebidos por uma das empregadas da modista que vai chamá-la.

— *Bonjour*, em que posso ajudá-los? — ela pergunta com um sorriso, que se fecha logo em seguida ao olhar para Simon.

— Bom dia, gostaríamos de olhar alguns vestidos — Eleanor se adianta tentando atrair a atenção da modista para ela e não para o rosto de Simon.

— Estou com muitos pedidos — ela começa a dizer tentando dispensar os clientes. Eleanor sabia que não estava com um vestido de alta costura e na moda, o que fazia com que a Sra. Flossen a descartasse como uma cliente em potencial.

— Sou o duque de Wentworth, essas são Lady Charlotte Bartlett, minha cunhada, e Eleanor Halsey, minha esposa. — Simon se aproxima tomando a mão de Eleanor e colocando em seu braço. — Estamos aqui

porque elas precisam de um guarda-roupa completamente novo, o que significa todos os tipos de peças que venham a precisar.

— É claro, Vossa Graça! — A mulher faz uma reverência exagerada, agora que sabia que estava conversando com um duque tudo mudava. — Vou cuidar de sua esposa e de sua cunhada com toda a atenção que merecem.

— Obrigado, após envie a conta para a Casa Halsey em Mayfair.

A mulher concorda com a cabeça e abre um sorriso enorme. Ela sabia o quanto iria lucrar com Charlotte e Eleanor.

— Vou deixar a carruagem a sua disposição, o escritório de Riley é aqui perto, vou até lá para saber como anda a documentação e depois vou para casa, divirta-se e não se preocupe com o valor. — Simon leva a mão de Eleanor até os lábios, uma vez que ela estava de luva ele não precisava tomar cuidado em não tocar a parte retorcida de seus lábios na pele de Eleanor.

Simon se despede da modista e de Charlotte e sai da loja se afastando rapidamente e com elegância pela rua.

— *Mon Die*, não consigo imaginar me casar com um homem como ele — a modista diz levando a mão ao peito. — Imagine ser obrigada a olhá-lo todos os dias e ter que beijá-lo ou então ter que aceitá-lo em minha cama. — Ela estremece. Charlotte olha para Eleanor sem acreditar que a mulher tivesse coragem de falar algo do tipo na presença delas. — Bom, venham, minhas queridas, vou tirar as medidas e mostrar alguns modelos.

— Creio que isso não será possível — Eleanor diz. — Caso tenha se esquecido, Sra. Flossen, aquele era o duque de Wentworth e eu sou sua esposa. Escutei cada palavra que disse. Se acredita realmente que ficarei aqui e farei vestidos com a senhora, deve estar mais maluca do que imagino que seja. Vamos embora, Charlotte.

— Sou a melhor modista de Londres! — a mulher praticamente grita ao constatar que estava perdendo uma grande soma de dinheiro.

— E isso não lhe dá o direito de dizer coisas desagradáveis, ainda mais de meu marido. Tenha um bom-dia.

— O que vamos fazer agora? — Charlotte pergunta ao saírem da loja.

— Vamos encontrar outra modista. Tenho certeza de que ela não é a única em Londres.

Eleanor avisa ao cocheiro que procurarão outra modista, e caso ele quisesse poderia esperar ali mesmo. O homem concorda e as duas se afastam da carruagem.

— Outras pessoas pensam igual aquela mulher?

— Infelizmente sim, Charlotte. A nossa sociedade gosta de julgar as pessoas sem conhecê-las, ainda mais se existe algo que as diminua, ou seja estranho. O rosto de Simon não é algo que possa ser escondido, como ele faz com o braço e a mão.

— Não imagino o quanto ele deve ter sofrido com os olhares de repulsa ou palavras aviltantes como aquelas que a modista disse.

— Ele sofre com isso desde os dez anos, é de se admirar que tenha decidido se casar depois de tanto tempo. Scarlett disse que ele viveu recluso em sua casa no campo por todo esse tempo. Agora, como sua esposa, tenho que ser alguém que o apoie e não aceite que seja tratado assim.

— Confesso que a princípio também me assustei, ainda fico insegura em como falar com ele sem tirar meus olhos das marcas. Creio que ontem o deixei irritado por não olhar para ele.

— Acredito que ele entende, querida, precisamos apenas de tempo para acostumar. Além do mais, se você olhar para o lado intacto perceberá

o quanto ele é bonito.

— Vou reparar, já que minha irmã e esposa dele permitiu — Charlotte brinca. — Esse é um ateliê. — Ela aponta para uma janela e as duas entram na loja.

— Bom dia, em que posso ajudá-las? — uma moça por volta dos trinta anos pergunta com um sorriso.

— Bom dia, sou Eleanor, a Duquesa de Wentworth, e essa é a minha irmã Lady Charlotte Bartlett, precisamos de um guarda-roupa completamente novo. — A moça arregala os olhos e fica sem jeito.

— Sou apenas uma modesta modista, creio que a Sra. Flossen possa atendê-las melhor.

— A Sra. Flossen é uma linguaruda! — Charlotte reclama.

— Charlotte! — Eleanor dá um leve tapa no braço da irmã.

— Estou dizendo a verdade. Ela perdeu completamente nosso respeito e o direito de fazer roupas para uma duquesa — ela diz a jovem mulher.

— Antes de nos dispensar, por favor, nos mostre alguns modelos — Eleanor pede.

— É claro, aliás, sou Annora Bower, estes são alguns modelos que já costurei. — Ela entrega alguns desenhos. — E temos alguns tecidos muito bonitos, temo apenas que não seja nada elegante digno de uma duquesa.

— Se eu gostar de algum modelo, isso não impede que você encomende o tecido, veremos isso depois. — Eleanor sorri.

— Olha esse que lindo! — Charlotte entrega um desenho para a irmã.

O vestido realmente era lindo, com mangas curtas, em um tom de verde folha com detalhes em dourado.

— Esse modelo é maravilhoso. — Eleanor entrega o desenho para Annora. — Acredito que temos uma encomenda para fazer, não apenas de vestidos, mas de todo um guarda-roupa.

Depois de uma hora escolhendo modelos, tecidos, tirando medidas, Eleanor e Charlotte saem do ateliê, deixando Annora desorientada. A moça não conseguia acreditar no grande pedido de roupas que recebera e, principalmente, a alta soma que receberia por ele. As duas saem da loja e Eleanor atravessa a rua com sua irmã.

— Quer um sorvete? — Eleanor pergunta com um sorriso em frente ao Gunter's.

— Eu não quero engordar ainda mais.

— Você não é gorda, Charlotte, para de pensar assim. Você é linda, minha irmã, e nós vamos tomar um sorvete. Meu marido deu algum dinheiro e disse para aproveitar o nosso dia.

— Seu marido está se saindo muito bem em querer nos agradar.

— Por algum motivo acredito que ele queira nos ganhar com o seu dinheiro, presentes, para compensar o fato de que não se acha bonito.

Depois de fazerem os pedidos, elas se sentam em uma mesa.

— Não acho que ele tenha que compensar alguma coisa. E como eu disse, o acho muito bonito.

— Talvez deva falar isso para ele, quem sabe seu marido não acabe acreditando?

— Não acho que o trauma de anos passe tão rápido assim, Charlotte.

— Não custa tentar. — Eleanor observa a porta da sorveteria se abrir e três mulheres entrarem. Enquanto elas vão ao balcão, seus olhos as acompanham. — Quem são?

— Aquela é Katherina, Scarlett me contou sobre ela. Alguns anos atrás, ela se casou e o noivo morreu alguns minutos depois do casamento,

no ano seguinte ela ficou noiva novamente e ele morreu um dia antes da cerimônia.

— Ela tem alguma maldição por acaso? — Charlotte ri.

— Não sei. Mas tenho certa compaixão por ela. Imagina perder dois noivos assim?

— Não desejo essa sorte. — Charlotte treme levemente. — O que vamos fazer agora? Voltar para casa?

— Que tal irmos até a loja de departamentos Lavelly's? Sempre quisemos ir até lá, mas nosso tio nunca permitiu.

Eleanor e Charlotte se levantam e vão para a loja, não era a hora do almoço ainda, e estavam se divertindo passeando pela cidade. Durante dois anos tiveram suas vidas controladas pelo tio, agora poderiam se divertir à vontade.



A loja de departamento Lavelly's era o paraíso de consumo para as mulheres, independente de qual classe social pertencesse. O dono Aiden Lavelly não possuía títulos, era apenas um homem comum que, com muita determinação, transformou a pequena loja do pai em algo enorme. Claro que ele possuía concorrentes na cidade, mas o seu carisma e o fato de ainda atender alguns clientes pessoalmente o tornaram preferência de compras na cidade.

O grande prédio que pegava metade de um quarteirão abrigava diversos itens, e o que não possuía o dono iria atrás para agradar os clientes.

Eleanor e Charlotte passeiam entre os diversos itens, parando para analisar atentamente alguns deles. Enquanto a menina compra um leque e um par de luvas, Eleanor busca um presente especial para Simon. Queria agradecê-lo de alguma forma por ter lhe ajudado, sacrificando-se em casar com ela. Provavelmente, ele poderia encontrar alguém muito melhor e sem problemas como ela estava.

— O que está procurando, minha bela jovem? — um rapaz alto, loiro e com um sorriso que parece nunca sair de seus lábios pergunta para

Eleanor. — Temos de tudo e se não encontrar o que deseja irei pessoalmente providenciar.

— Deixe-me adivinhar, Sr. Lavelly? — Eleanor pergunta e ele inclina a cabeça.

— Seu humilde servo. E então, senhorita, o que deseja?

— Na verdade é senhora, casei-me ontem. Sou Eleanor Halsey, Duquesa de Wentworth. Essa é minha irmã Charlotte Bartlett.

— Mil perdões, Vossa Graça. — Ele faz uma mesura. — Erro meu. Senhorita Bartlett — ele cumprimenta Charlotte. — Minha proposta continua de pé. Em que posso lhe ajudar?

— Estou procurando um presente especial para o meu marido. Algo digno de um duque, mas ao mesmo tempo simples, para ser entregue por uma esposa.

— Missão difícil. — Aiden pensa um pouco e indica para que lhe acompanhem. — Normalmente sugeriria algo pomposo, mas quem dá esses presentes são pessoas tentando ganhar vantagem de alguém como seu marido. Por isso sugiro algo mais simples, mas de extremo bom gosto. Um presente que somente uma esposa poderia dar. Temos cartolas, lenços, luvas, bengalas — ele indica os itens e Eleanor pega um par de luvas pretas.

— Ele sempre está de luvas — ela diz baixinho.

— Perdoe a minha indiscrição, mas o duque de Wentworth não é o duque que chamam de monstruoso?

— É sim, mas ele não é um monstro — Eleanor responde nervosa.

— Claro que não é, se ele fosse um monstro não estaria casado com um anjo. — Aiden sorri novamente. — Acredito que as luvas seriam um ótimo presente.

— Elas são muito bonitas, Eleanor — Charlotte concorda.

— Está certo, vou levá-las.

Aiden entrega as luvas para o vendedor embrulhá-las e Eleanor paga por elas.

— Tenho certeza de que ele gostará do presente. Se precisar de alguma outra coisa volte aqui. Será um prazer atendê-las novamente. — Ele se afasta, mas volta logo em seguida. — Traga seu marido, aqui ele será tratado como um comprador comum, e não como um monstro como a sociedade gosta de dizer. Não me importa a classe social, se possui mais dinheiro do que possa contar. Aqui todo cliente é igual. Ele será tratado com o respeito que um duque merece, mas mais do que isso, será tratado como um homem.

— Obrigada, Sr. Lavelly, pode acreditar que acaba de ganhar uma cliente fiel — Eleanor agradece de coração e o Sr. Lavelly vai embora.

— Somente agora parei para pensar que talvez Simon seja visto como um monstro onde quer que ele entre — Charlotte comenta com a irmã enquanto saem da loja.

— Acredito que seja por isso que ele sai tão pouco de casa.

Ao retornar para casa, Eleanor entrega seu chapéu, as luvas e a bolsa para a criada e vai até o escritório onde lhe informaram que Simon estaria.

— Posso entrar? — Eleanor pergunta abrindo a porta e Simon tira os olhos do livro que estava lendo.

— Claro que sim, como foi o passeio? — Ele pousa a pena que usava para escrever sobre a mesa.

— Tomamos sorvete e depois fomos até a Lavelly's, nunca tínhamos ido até lá — diz animada.

— E as roupas? — Simon observa Eleanor caminhar até ele e se apoiar em sua escrivaninha.

— Não espere por contas a pagar da Sra. Flossen, me recusei a fazer roupas com ela. Outra modista enviará os valores.

— O que houve? — Ele se levanta preocupado e Eleanor examina seu rosto.

— Não gostei da forma que ela lhe tratou depois que foi embora. Então desisti de comprar qualquer coisa em seu ateliê.

— Eleanor, é comum que as pessoas me olhem torto, me menosprezem...

— Pode ser normal, Simon, mas agora é meu marido. E como sua esposa é meu dever protegê-lo da mesma forma que você me protege do meu tio. Ninguém irá falar mal de você na minha frente. Não vou permitir.

Simon não tem palavras após escutar Eleanor, nunca em sua vida alguém tomara a decisão de protegê-lo de palavras duras, de risadas, ou olhares tortos. Agora uma pequena moça estava determinada a lutar contra o mundo por ele.

— Obrigado, Eleanor.

— Comprei-lhe um presente. — Ela entrega o embrulho e ele abre curioso. — Achei que eram lindas.

Simon olha para as luvas pretas por um tempo em silêncio, sua mão esquerda estava constantemente com luvas, para que ninguém visse as marcas que ali eram piores, já que ele tentara apagar as chamas com a própria mão.

— Obrigado, são realmente lindas.

— Simon? — Ele olha para ela quando para de falar e pode ver sua indecisão se deveria perguntar ou não. Sabia que ela estava curiosa sobre o que aconteceu com ele.

— Outra hora explico, Eleanor, não quero estragar esse momento, depois de ter recebido um belo presente e, principalmente, minha esposa

dizer que me protegeria com unhas e dentes. — Ele sente os lábios dispostos a sorrir, mas tenta se segurar.

— Você...

— Eu?

— Nada, não vou mais te atrapalhar, mais tarde vou visitar Scarlett para o chá da tarde.

— Está bem. — Simon observa a esposa sair relutante do seu escritório.

A curiosidade dela era grande, tinha todo o direito de saber a verdade sobre o que aconteceu com ele aos dez anos de idade, mas era difícil lembrar daquele dia em que toda a sua vida mudou. O passado sempre afetara sua vida e agora pairava como uma nuvem negra sobre o seu casamento. Por mais que quisesse ter um relacionamento íntimo com a esposa, o medo de ser rechaçado por ela era enorme. Não suportaria viver ao seu lado todos os dias vendo a sua cara de descontentamento ou de nojo ao ser tocada por ele.

Por anos sofreu com os olhares e sussurros sobre ele. Sua estadia no colégio fora difícil, pois arrumava confusão todos os dias, aprendera com o tempo a se defender das provocações, até que fez um amigo. Riley estava ao seu lado o defendendo, fora o único a se tornar seu companheiro e o aceitar com marcas e tudo. Havia duas pessoas em quem ele confiava cegamente: Daisy, sua irmã, e Riley.

Agora, depois de ouvir a forma como Eleanor falava, acreditava que poderia confiar em mais alguém, sua esposa parecia não suportar a forma como o tratavam, o seu único medo era que tudo mudasse quando finalmente visse cada marca em seu corpo. Seu lado esquerdo estava praticamente destruído, algumas vezes sentia dor, pois a pele era mais sensível.

Não foi fácil suportar todos esses anos, ainda mais sem alguém ao seu lado o confortando ou simplesmente o apoiando. Mesmo que seu coração e a sua mente houvesse se endurecido com o tempo, ainda desejava uma esposa com quem pudesse se sentar na sala em silêncio lendo um livro, ou conversando tranquilamente sobre nada.

Ao olhar para as luvas em sua mão, seu peito se aperta com o desejo de quem sabe Eleanor fosse finalmente a esposa que desejava, um anjo enviado especialmente para ele.



Eleanor poderia dizer que estava frustrada e ao mesmo tempo irritada, queria saber o motivo de Simon ter aquelas marcas, queria entender o que o levava a ser desse jeito fechado algumas vezes.

Depois de passar no quarto de James e verificar como o irmão estava, pediu que a levassem até a casa de Scarlett, durante o caminho não conseguia parar de sorrir ao sentir a liberdade de poder sair a hora que quisesse, com o tio tudo sempre era controlado. Ao chegar à casa da amiga, o mordomo a leva até a sala de visitas onde Scarlett e a mãe estão.

— Como é estar casada? — Scarlett pergunta assim que se sentam.

— Não sei direito, só tem um dia que estamos casados e com o tanto de coisas acontecendo não tive tempo de pensar nisso ainda. Ontem mesmo meu tio foi até a Casa Halsey para tentar nos levar embora, o Simon foi obrigado a comprovar que o casamento foi consumado para o magistrado, senão ainda estariam brigando.

— Fora isso, você está bem? — Georgianna pergunta e Eleanor suspira. — O que houve, querida? Sabe que estou aqui para tudo o que precisar, sua mãe era a minha melhor amiga e por isso tenho um carinho especial por você e seus irmãos.

— Acho que está tudo bem, não sei como funciona direito essas coisas de marido e mulher, passei a noite pensando no assunto, mas não cheguei a conclusão nenhuma.

— Pensando? E onde estava seu marido? — Georgianna pergunta preocupada.

— No quarto dele, disse que provavelmente eu estaria com dor e por isso dormiria em seu quarto. Não entendi muito bem.

— É normal, querida, a primeira vez sempre dói, não tem como evitar. Mas com o tempo as coisas... — ela para de falar e parece procurar as palavras. — Com o tempo as coisas melhoram, se o homem claro se dedica a isso. Alguma coisa lhe assustou?

— Não, apenas achei estranho...

— O quê?

— Ele ficou de roupa, é assim mesmo? — Eleanor pergunta sem graça.

— Não, não é. — Georgianna sorri. — Ele tem vergonha das marcas, não tem? Provavelmente foi isso. Não queria lhe assustar.

— O que eu faço? Algumas vezes ele parece se afastar. Hoje conversamos um pouco e ele pareceu se retrair.

— Como você mesma disse é apenas o primeiro dia de casados, você não foi cortejada, não conversaram bastante antes. Scarlett e Riley conversam praticamente todos os dias, já se conhecem, então para eles as coisas serão mais fáceis. Meu conselho é que tente criar momentos em que fiquem sozinhos e assim conversem, se conheçam. E com o tempo você saberá o que lhe agrada, o que lhe irrita. Saberá até mesmo como dobrá-lo a fazer algo que você queira, como toda mulher casada. Mas tudo isso vai requerer tempo e paciência.

— Obrigada.

Georgianna se levanta de sua poltrona e se senta ao lado de Eleanor a abraçando.

— Se tiver alguma dúvida me procure, agora preciso perguntar uma coisa. Como a sociedade não sabe ainda que estão casados, pensei em dar um baile em comemoração ao seu casamento aqui em casa. O que acha?

— Aqui?

— Iria sugerir que fosse em sua nova casa, mas se for lá você e o duque serão os anfitriões, aqui se alguma coisa acontecer ou alguém faltar com o respeito ao seu marido, poderão simplesmente ir embora.

— Minha mãe tem razão, Eleanor.

— Vou conversar com o Simon e respondo depois.

— Não tem pressa, querida. Conversem com calma.

Ao sair da casa de Scarlett, depois do chá, Eleanor se sentia mais tranquila, conversar com Georgianna a acalmou, sentiu como se tivesse falado com a própria mãe. Seguiria o seu conselho, conversaria sobre qualquer assunto com o Simon, se tornariam amigos e, quem sabe, com o tempo ele se abriria com ela e os dois se sentissem mais confortáveis na presença um do outro.



Ao retornar para casa, Eleanor sentia que estava em uma missão especial, faria de tudo para conhecer o marido, mesmo que fosse aos poucos, não queria forçar uma situação constrangedora e fazer com que se afastassem ainda mais. Desde pequena admirara o relacionamento dos pais, eles se amavam de verdade, seu pai nunca levantara a voz para a esposa, estavam sempre rindo, brincando e até mesmo em alguns momentos Eleanor presenciara troca de carinhos.

Era isso o que sempre desejara para si, por isso o pai concordara em deixar que escolhesse seu noivo sem pressa. Ela não queria um casamento arranjado ou forçado, queria se casar por amor e o pai permitira. Infelizmente, o seu destino foi outro e acabou se casando com Simon sem amor. Mas estava determinada a, pelo menos, ter uma relação de amizade com seu marido.

Durante o jantar, Eleanor pensava em mil maneiras de fazer com o que o marido ficasse e conversasse com elas. Quando terminam de comer, Charlotte sobe para o quarto os deixando sozinhos.

— O que vai fazer agora? — Eleanor pergunta assim que Simon se levanta.

— Vou para o meu escritório — responde confuso.

— Eu pensei em conversarmos um pouco, nos conhecer melhor. Não precisamos falar sobre o seu acidente ou qualquer outra coisa que não queira.

— De acordo. — Simon se inclina um pouco fazendo uma reverência e puxa a cadeira para ela. Após dar o braço para Eleanor os dois vão para a sala, onde a lareira estava acesa aquecendo o ambiente. — Sobre o que deseja conversar?

— O que acha de falarmos sobre nossa infância? Eu falo alguma coisa hoje e amanhã você. — Eleanor percebe que Simon fica nervoso e aperta a mão dele que está próxima a ela. — Então... — Ela pensa um pouco e abre um sorriso. — Quando eu era pequena adorava pescar com o meu pai, eu o acompanhava todas as vezes e por um bom tempo era só nós dois, mas aí um dia Charlotte cresceu e decidiu que iria junto. Fiquei furiosa por não ter o meu pai só para mim. Então, um dia quando meu pai não estava olhando, empurrei-a para o lago de tão nervosa que estava, porque ela o chamava toda hora para ajudá-la. Meu pai pulou atrás dela na mesma hora. Depois ela ficou gritando que eu a tinha empurrado.

— E você ficou ainda mais brava porque ela tinha te entregue para o seu pai.

— Exato, fiquei de castigo por três dias, não poderia sair para brincar. No segundo dia, meu pai me chamou para ir ajudá-lo com alguma coisa do lado de fora da casa. Cinco minutos depois estávamos correndo e rolando no chão. Quando viu, minha mãe ficou brava e brigou com o papai porque eu estava de castigo. Só que ele tinha esquecido completamente disso.

— Seu pai te amava — Simon afirma.

— Minha mãe também. Erámos muito amigos, acreditava que nada poderia nos machucar. Mas um dia meus sonhos e esperanças caíram por terra quando eles foram mortos. Uma carruagem com cavalos desgovernados os atingiu, meu pai morreu na hora, minha mãe algumas horas depois. A camareira da minha mãe veio trazer a notícia. Eles estavam retornando de viagem e pararam em uma estalagem para descansar e trocar os cavalos. E foi assim que chegamos aqui hoje.

— Não sei se possuo histórias como a sua, minha infância foi difícil, ainda mais depois dos dez anos.

— Tenho certeza de que alguma história você tem para contar. Você tem uma irmã, não tiveram nenhuma traquinagem?

— Crescemos separados, até que meu pai faleceu. Eles... — Simon para de falar e encara as chamas.

— Não precisa falar nada hoje, Simon, eu só inventei essa conversa porque queria passar um pouco mais de tempo com você. Quero ter uma amizade com o meu marido.

Simon olha para Eleanor e faz um carinho em seu rosto com a mão enluvada. Era a única forma que ele tocaria nela com a mão esquerda.

— Também quero que sejamos amigos. Apesar de não ter sonhado em me casar, houve um tempo em que desejei uma família, abandonei esse desejo por um tempo e somente agora com a minha irmã perto de debutar na sociedade é que voltei a pensar nisso. Mas...

— Mas o que você passou quando criança influencia no homem que é hoje.

— Exatamente. Apesar de algumas vezes não me reconhecer perto de você. Normalmente não estaria sentando em um sofá conversando com alguém, ainda mais de mãos dadas — Ele olha para as mãos unidas. — Você me acalma de uma forma que não entendo.

— Espero que o acalme o suficiente para confiar em mim. Não precisa contar tudo agora, mas um dia quem sabe se sinta confortável para falar. Eu vou esperar.

Simon observa Eleanor atentamente, os dois eram tão diferentes, a única coisa em comum é que haviam sofrido terrivelmente, ele não poderia comparar as queimaduras em seu corpo com a morte dos pais de sua esposa. Ele sabia que provavelmente para ela tinha doído tanto quanto ele ao sentir sua pele derreter sob as chamas. Ela merecia saber sua história, mas não se sentia pronto ainda para contar. Quando sua esposa sorri novamente e abaixa os olhos para as duas mãos juntas, ele sente o quanto gostaria de levá-la para o quarto. Para ter a primeira vez realmente, sem pressa por uma consumação, sem criados batendo na porta, queria dar uma experiência especial para Eleanor. Mesmo que ele não tirasse a roupa na hora. Ficar nu em frente à Eleanor a assustaria ou faria com que tivesse uma reação muito pior.

— Está cansada?

— Não, por quê? — Simon se levanta sem soltar a mão dela e a guia lentamente pela casa até o quarto que ela ocupava.

Se fosse honesto confessaria que não desejava quartos separados, queria poder dormir com a esposa todas as noites, mas não queria que ela tocasse as marcas do seu corpo, e ele sabia que se dormissem juntos, um dia ela veria as cicatrizes.

Ao entrarem no quarto, Eleanor se afasta até a penteadeira e se senta soltando os grampos dos cabelos, deixando que os cachos caiam sobre as suas costas, decidida a fazer com que o marido se aproximasse dela não só naquela hora, mas intimamente, entrega uma escova para ele pedindo em silêncio que escove seus cabelos.

Simon se posiciona atrás de Eleanor e lentamente escova seus cabelos, sentindo os fios sedosos se espalharem. Ele tocava apenas o cabelo de Eleanor, mas sentia como se tocasse seu corpo, tamanha a intimidade, os olhos de sua esposa estão fixos nele através do espelho e ele não deseja mais esperar. Deixando a escova de lado, ele empurra os cabelos sobre o ombro de Eleanor e abre os botões do vestido revelando o corpete.

Eleanor se levanta e ainda de costas para Simon espera até que ele solte os cordões do corpete, o vestido já estava no chão, um amontoado de tecido aos seus pés, o corpete se junta ao vestido e Eleanor fica apenas de combinação, uma longa camisola que usava por baixo do vestido. Ela gira para olhar Simon e tomando coragem puxa a camisola lentamente até estar completamente nua em frente a ele.

Um ar gelado bate em seu corpo e Eleanor treme levemente fechando os olhos. Era a primeira vez que estava nua em frente a um homem. Quando acredita que Simon não vai fazer nada, sente a mão enluvada dele tocar seu pescoço descendo lentamente em direção aos seios.

— Você é linda, e eu não a mereço.

— Pois adivinha — ela sussurra abrindo os olhos. — Eu sou sua.

Eleanor abraça Simon pela cintura e sente os braços dele a envolverem. As mãos dele ficam quietas por um momento, mas não demoram a passear por seu corpo, ela se afasta um pouco de Simon e empurra o seu paletó o jogando ao chão, o lenço tem o mesmo destino, mas ao tentar abrir a camisa Simon segura suas mãos.

— A camisa não.

— Por quê?

— Eu... — Simon tenta se afastar, mas Eleanor o segura.

— Ok, a camisa fica. Não vai embora, por favor.

Simon levanta Eleanor nos braços e a leva para cama a deitando. Ele se senta ao lado dela e retira as botas e as meias, a calça é jogada sobre o monte de roupas e ele sobe na cama usando camisa e os calções. A mesma forma que fora no dia anterior. Ele se deita sobre Eleanor e resiste à vontade de beijá-la.

— Posso fazer uma pergunta? — Eleanor toca os ombros de Simon e ele suspira.

— Claro que sim.

— Por que prometeu que não me beijaria?

— Olhe para a minha boca, Eleanor, ela é marcada, retorcida no lado esquerdo. Eu sei que você sentiu repulsa ao me beijar em nosso casamento.

— Eu? — ela pergunta confusa tentando lembrar do beijo que fora tão rápido.

— Senti seu corpo tremer ao meu toque.

— Simon... — ela para de falar e ri.

— O que é engraçado?

— Eu tremi porque fora o meu primeiro beijo, nunca havia sido beijada. Foi um ato involuntário, não foi por repulsa.

Simon fica em silêncio sem acreditar que alguém tão linda como Eleanor não fora beijada. Aproveitando que o marido está perdido em pensamentos, Eleanor segura o seu rosto e beija levemente seus lábios. Ela pode sentir o lado deformado, mas sua mente não processa nada do tipo, a única coisa que consegue pensar é o quanto gostaria de ser beijada de verdade.

— Me beija, Simon — ela sussurra e Simon que estava sustentando o corpo para não pressioná-la na cama, deixa os corpos se colarem e o seu

peso cair sobre ela.

Jogaria as razões pelas quais não deveria beijá-la ao vento, e sentiria o calor do seu corpo junto ao seu. Simon cola os lábios sobre os de Eleanor sentindo a maciez dos lábios dela, sua língua toca a pele a instigando a se abrir para ele e não demora muito para que ela corresponda. Os suspiros de Eleanor parecem música aos ouvidos de Simon, enquanto se perde no beijo, sua mão direita corre pelo corpo de Eleanor, sentindo a pele delicada. Por onde a mão passa pode sentir Eleanor reagir ao toque. Por um momento sua mente se perde e o pensamento de que ela não deseje suas mãos sobre ela o atinge, mas logo é esquecido quando as pernas dela envolvem seu corpo, e ela solta um gemido angustiado.

— Simon, me toque — ela pede ao ter sua boca livre.

Simon beija o pescoço de Eleanor descendo lentamente pelo corpo depositando beijos, os seios pequenos o provocam como se quisessem desesperadamente sua boca, o que ele prontamente obedece. As mãos de Eleanor agarram sua camisa o puxando de volta para ela, Simon abre seus calções e a penetra lentamente. A mão direita de Eleanor procura a barra de sua camisa para tocar em sua pele, mas ele a impede agarrando a mão e a levando para cima de sua cabeça.

Com uma das mãos presa, Eleanor tenta se agarrar ao máximo a Simon, que se mexe lentamente, sem parar de beijar seu rosto, pescoço e ombros. Era como se um beijo não fosse suficiente, como se ele desejasse uma intimidade como essa tanto quanto ela. Eleanor pôde sentir pela primeira vez seu corpo querendo se entregar ao desconhecido, se libertar de algo que a aprisionava sem seu conhecimento. Com mais alguns movimentos do quadril de Simon, Eleanor se perde do seu mundo e solta um grito angustiado, não por dor, por repulsa, mas um grito de prazer e de angústia porque o momento de maior intimidade deles chegara ao fim.

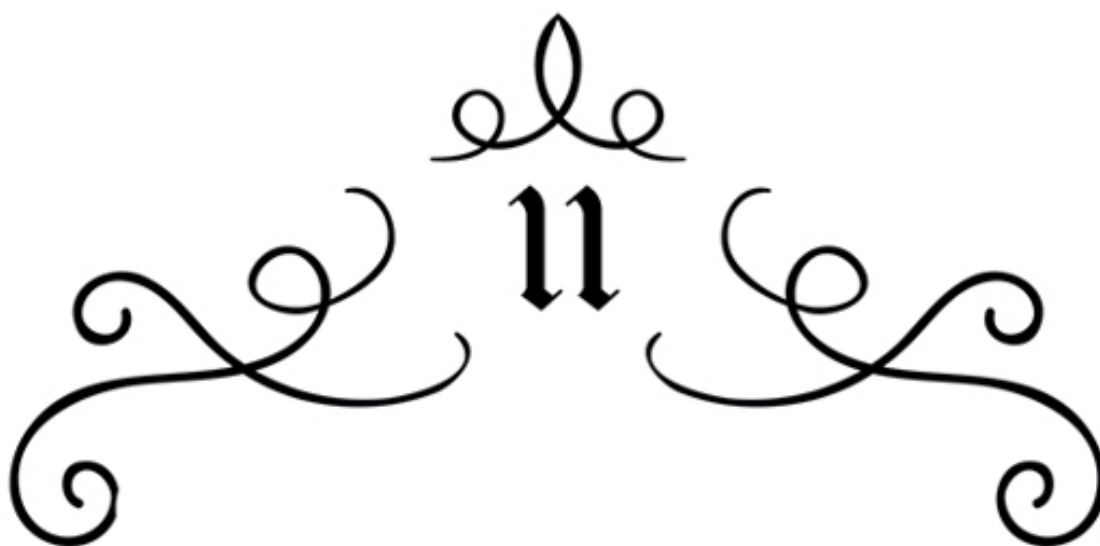
Ao sentir a libertação de Eleanor, Simon se entrega deixando sua semente dentro dela, criando quem sabe seu herdeiro, um filho a quem ele amaria, protegeria e ensinaria a ser um bom homem. Um filho que teria um pai melhor do que o seu fora.

Eleanor abraça Simon que para de se mexer, o peso dele não é sufocante, o fato de ele ainda estar dentro dela não a apavora, é de uma certa forma até prazerosa. Simon gira o corpo sem se soltar e permite que ela se deite sobre ele. Com delicadeza, ele joga os cabelos dela de lado para poder olhar para o seu rosto.

— Te machuquei?

— Não. — Ela sorri e se ajeita sobre o seu corpo. — Não ouse se levantar, estou confortável. — Ela coloca a mão sobre peito dele, diretamente sobre o coração.

Simon levanta a mão para retirar a de Eleanor, mas desiste no meio do caminho a abraçando pela cintura. Ela era sua esposa, havia o beijado sem medo ou nojo, estava confortável sobre ele. O momento de intimidade era exatamente o que desejara por tanto tempo. E ele seria um maldito bastardo que queimaria no inferno se empurrasse Eleanor e se soltasse do seu abraço. Ele gostava de ficar abraçado a ela, e não sairia dali tão cedo.



Eleanor temeu que durante a noite Simon a deixasse e voltasse para o seu quarto, mas para a sua surpresa ele passara a noite toda com ela, e por duas vezes a acordara. Estava cansada, com sono, o corpo dolorido pelas atividades da noite, mas estava feliz. Sabia que o seu marido tinha traumas por causa das marcas, não gostava que ela o tocasse nas queimaduras. Mas mesmo assim passara a noite toda ao seu lado.

Pela manhã, quando finalmente o sono chega, sente os lábios de Simon beijando a sua coluna delicadamente.

— Vou para o meu quarto me vestir. Se estiver muito cansada, pode dormir até mais tarde.

— Não. — Eleanor se espreguiça. — Quero tomar café da manhã com você e depois ficar um tempo com o James e a Charlotte.

— Está bem, vou pedir para a sua camareira subir.

Após se vestir com a ajuda da camareira, Eleanor desce até a sala de refeições, onde encontra Simon com uma xícara de chá lendo o jornal. Enquanto se serve, Charlotte entra na sala e cumprimenta os dois.

— Bom dia.

— Bom dia, Charlotte — Simon responde e a menina sorri para ele, já se sentindo um pouco mais confortável com o cunhado.

— Simon, esqueci completamente de falar ontem, Lady Georgianna Wright está disposta a dar um baile em homenagem ao nosso casamento. Sugeriu que fosse em sua casa.

— E por que não fazem aqui? — Charlotte olha confusa para a irmã.

— Porque se Simon se sentir constrangido podemos inventar uma desculpa e vir embora, se for aqui teremos que ficar até o final.

— Não poderia tirá-la da sua festa, Eleanor, não seria certo.

— Não me importo com o que vão pensar, Simon, você é o meu marido e é a minha prioridade. Então, se alguém falar algo desagradável e quiser vir embora, venho com você. E então, vamos aceitar?

— Se fosse só por mim, eu não aceitaria, mas quero que você tenha uma festa pelo nosso casamento, então sim, pode aceitar o baile em nossa homenagem. — Simon se estica para pegar a mão da esposa.

— É uma pena que não vou poder acompanhá-los, adoraria ir a esse baile.

— E se dermos um pequeno jantar em nossa casa, apenas com alguns amigos? Assim você pode participar. — Eleanor sorri para a irmã. — Você mandou avisar Daisy para vir a Londres?

— Enviei uma carta ontem — Simon assente.

— Excelente, então assim que ela chegar daremos o jantar. Teremos nossos irmãos presentes. — Eleanor deixa o sorriso morrer e Simon aperta sua mão.

— Ele vai se recuperar, Eleanor, e logo estará correndo por essa casa e a nossa casa de campo. Não perca as esperanças — ele diz sabendo que Eleanor se preocupava com o irmão. — Só o fato de ter resistido por tanto tempo, mostra o quanto ele é forte.

— Com licença, Lady Halsey. — A Sra. Haylock entra na sala de jantar. — É o menino.

— O que houve, Sra. Haylock? — Eleanor se levanta rapidamente e Simon se posiciona atrás dela.

— Ele acordou, está fraco, mas acordou.

— Mande alguém chamar o médico, Sra. Haylock — Simon pede e acompanha a esposa para o quarto de James com Charlotte atrás deles. Os três entram no quarto e, sem perder um minuto, Eleanor corre até a cama sentando ao lado do irmão.

— James?

— El... — o menino diz com dificuldade.

— Estou aqui, meu amor, vai ficar tudo bem.

— Dor...

— Já chamamos um médico, não se preocupe — Charlotte diz ao irmão sentando ao lado oposto de Eleanor.

— Não se preocupe, James, a dor vai passar. Por que não descansa um pouco?

— Melhor não. — Simon se aproxima e coloca a mão sobre o ombro de Eleanor. — Se ele dormir pode acabar ficando inconsciente novamente, o melhor é que fique acordado, assim pode dizer ao médico o que está sentindo.

James olha para Simon e seus pequenos olhinhos mesmo que ainda fracos pela dor que sente se fixam nele.

— Este é o Simon, meu marido — Eleanor explica fazendo um carinho nos cabelos do irmão. — Não moramos mais com o nosso tio.

Durante longos vinte minutos, Eleanor e Charlotte a todo custo evitaram que o irmão dormisse, enquanto Simon ficava do outro lado do

quarto observando a cena. Quando finalmente o médico chega, ele respira aliviado. Com o menino desperto seria possível examiná-lo melhor.

Enquanto o médico conversa com James, Eleanor levanta da cama e vai até Simon, que estende a mão para ela.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ter me ajudado, se não tivesse se casado comigo ainda estaríamos naquela casa e nem imagino o que poderia ter acontecido com o meu irmão.

— Não tem nada para me agradecer, Eleanor — Simon toca o rosto dela com a mão enluvada. — Você é que tem me ajudado.

— Vossa Graça? — O médico se aproxima deles.

— Como ele está?

— Fraco, mas acredito que o veneno aos poucos esteja saindo de seu sistema. Contrariando o que muitos médicos diriam, sugiro que o menino passe alguns minutos fora de casa tomando um pouco de sol. Não esquecendo, claro, de se alimentar e hidratar. O sol e ar puro lhe farão bem. Evitem que ele se esforce muito nesse primeiro momento, deixarei um remédio para dor, mas, como ficará sonolento, recomendo que lhe seja ministrado se não houver alternativa. Não quero que o organismo dele se acostume com outra droga forte.

— Ele ainda corre riscos? — Eleanor segura a mão de Simon preocupada ao perguntar ao médico.

— É cedo para dizer, ele foi envenenado por muito tempo. Somente o tempo é quem vai dizer. Se precisarem me chame a hora que for. Estarei à disposição. Acredito que se seguirem o que recomendei, não terão problemas.

— Obrigada, doutor.

Simon acompanha o médico até a porta, enquanto Eleanor volta para a cama do irmão, ele ouvia tranquilamente a história que Charlotte contava, sobre o casamento da irmã mais velha e de como saíram da casa onde moravam com o tio. Não demora muito, Simon retorna ao quarto e sugere em levar James até o jardim. Pegando a criança no colo, ele desce as escadas devagar evitando movimentos bruscos e vão até o jardim atrás da casa.

A Sra. Haylock termina de estender uma coberta sobre uma cadeira e Simon coloca James sentado sobre ela.

— Vou trazer um caldo para que ele se alimente. — A governanta volta para o lado de dentro da casa.

— O dia está tão bonito. — Charlotte sorri e se senta em uma cadeira com o seu livro para terminar a leitura.

Eleanor ocupa uma namoradeira com Simon ao seu lado. Os quatro ficam em silêncio, os olhinhos de James percorrem o jardim tentando absorver o novo mundo em que vivia.

— Sabe, James, quando se sentir melhor podemos passear, o que acha? Existe uma loja de departamentos nova, dizem que tudo o que você precisa está lá — Simon puxa assunto.

— Até mesmo um barco? — ele diz devagar, mas interessado na conversa.

— Acho que um barco grande não, mas deve ter.

— Eu queria viajar em um grande barco, como nas histórias de piratas. — Charlotte ri.

— Piratas são homens maus, Charlotte — Eleanor diz arregalando os olhos com a ideia de romance da irmã.

— Nem todos são maus — a irmã replica.

— Nem todos, mas deve tomar cuidado. — Simon segura a mão de Eleanor. — Não é garantido que vá conhecer um pirata bonzinho.

— Eu sei que no mundo real tudo é diferente. Mas devido às últimas experiências passadas por essa família, descobri que nem sempre a aparência é a verdade sobre a pessoa — Charlotte diz olhando para o cunhado. — Quando o vi pela primeira vez, meu cunhado, temi que fosse um homem ruim. E se quer saber, eu estava errada e por isso devo lhe pedir desculpas.

— Eu... — Simon perde as palavras ao ouvir Charlotte.

— Ela tem razão, meu marido, as marcas em seu rosto e corpo não refletem quem você é. Ao contrário do que dizem, você não é um monstro.

— Eu quero um barco — James diz depois de um tempo ignorando a conversa entre os adultos. — Ou um cavalo, o papai disse que me daria um cavalo.

Simon desvia o olhar de sua esposa e dá atenção para o menino.

— Quando se sentir melhor, o levarei para escolher um cavalo.

— Você vai me dar um cavalo?

— Vou, James, você terá o seu cavalo.

Eleanor olha para Charlotte, que assim como ela estava com lágrimas nos olhos. Algumas horas atrás temiam pela vida do irmão, o medo de que tivesse uma recaída era enorme, mas estavam agarradas ao pequeno fio de esperança de que talvez tudo ficasse bem.



Eleanor e Charlotte passam o dia com James se revezando nos cuidados, o menino reclamara que estava com dor de ficar tanto tempo deitado, então providenciaram uma poltrona confortável em seu quarto. Perto do final da tarde com a ajuda da irmã, Eleanor deu um banho em James e colocou roupas confortáveis.

— Vou ficar sozinho? — pergunta enquanto as duas o ajeitam na cama. — Não quero ficar sozinho.

— Você não pode abusar, James, até essa manhã tivemos medo que você morresse! — Charlotte briga.

— Charlotte!

— O quê? — ela pergunta para Eleanor. — É a verdade. Ele quase morreu, estávamos com medo de perder nosso irmão. Ele não pode abusar e ter uma recaída. Desculpa se estou sendo chata, mas não quero ter que usar luto porque meu irmãozinho nos deixou.

— Eu vou morrer? — James pergunta com os olhinhos brilhando e cheios de água.

— Não, James, não vai, porque, como sua irmã mais velha, eu proíbo que morra. Você vai viver muitos anos, vai se casar com uma moça muito

bonita...

— Meninas são nojentas! — ele a interrompe e arranca risadas das irmãs.

— Nem todas — uma voz grossa diz atrás de Eleanor. Simon se aproxima da cama e apoia a mão no ombro de sua esposa. — Eu achava a mesma coisa, mas conheci suas irmãs. E posso afirmar que elas não são nojentas.

— Meninas pequenas são nojentas — James reitera.

— Nesse caso tenho que concordar, na minha época elas também eram nojentas. — James dá risada das palavras de Simon. — Você quer descer e jantar com a gente? Ou prefere ficar no quarto?

— Não quero ficar sozinho, tenho medo.

— Medo do quê, meu amor? — Eleanor pergunta preocupada.

— A moça má.

— Não tem mais moça má. Estamos na casa do Simon agora e aqui todos são bonzinhos e vão cuidar bem de você. Não precisa ter medo.

— E se eu o carregar até a sala de jantar? Você come com a gente e se ficar cansado, eu o trago para o quarto. Ouvi a Sra. Haylock dizer que teremos torta de maçã para a sobremesa.

— Eu quero torta — ele pede.

Simon levanta James no colo e desce com ele. Durante a refeição, os olhos de Eleanor a todo instante vão para o menino que come lentamente, já que não possuía firmeza nas mãos. Ele sabia que a esposa queria tomar a colher e alimentar o pequeno, mas estava deixando que ele sentisse que era capaz de se alimentar.

— James precisa de roupas, Eleanor.

— Eu sei, Charlotte, precisamos resolver isso, eu estava tão preocupada com a saúde dele que sequer pensei nas roupas.

— Vou pedir que o Sr. Haylock envie uma mensagem para o meu alfaiate, tenho certeza de que ele virá até aqui para tirar as medidas de James, afinal ele é um conde e cunhado de um duque, tem todo o direito de ter algumas regalias.

— Você é um duque? — James pergunta interessado.

— Sou.

— O que houve com o seu rosto? — o garoto pergunta, Simon sabia que provavelmente ele passara o dia inteiro querendo lhe perguntar isso.

— Eu sofri algumas queimaduras que deixaram marcas.

— Doeu?

— James...

— Está tudo bem, Eleanor. — Simon segura a mão da esposa. — Doeu, doeu muito, James. Mas o tratamento não se comparou a ter o corpo queimado pelas chamas.

James continua observando Simon, seus olhinhos concentrados em seu rosto desfigurado.

— Você é forte. Aguentou a dor.

— Sim, ele é muito forte. — Eleanor sorri. — Espetei meu dedo com a agulha uma vez e saiu muito sangue, chorei por quase uma hora.

— Ela é bobona. — James ri.

— Esse pestinha ria da minha cara durante todo o tempo. — Eleanor belisca a barriga de James, que solta uma gargalhada com cócegas.

— Os homens são mais fortes que as mulheres — James provoca.

— Algumas mulheres são muito mais fortes que os homens. Se Eleanor não fosse forte e determinada, não acredito que estaríamos aqui hoje conversando. Provavelmente não teria me casado com ela.

— Minha irmã é a melhor de todas.

— Até mais do que eu? — Charlotte pergunta chateada.

— Você é a segunda melhor, mas só porque nasceu depois.

— Nossa, obrigada.

— Sabe, James, acredito que nós dois sejamos homens de muita sorte por ter essas duas nos fazendo companhia.

Eleanor sente o peito apertar com as palavras de Simon, ouvir que ele se importava com ela, que a considerava especial, aquecia seu íntimo. Não poderia negar que em poucos dias começava a se encantar por ele e quem sabe até mesmo se apaixonar.

Após o jantar, Simon sobe com um James praticamente adormecido. Depois de o colocar na cama e deixar que Charlotte cuide do irmão, ele sai do quarto, para encontrar Eleanor em frente à porta de sua suíte.

— Obrigada pela ajuda com James.

— Não precisa agradecer, ele é um bom garoto.

— É sim. — Ela sorri e abre a porta do quarto entrando, para no vão da porta e olha por sobre o ombro. — Você vai dormir essa noite em seu quarto ou virá para o meu?

— Eleanor...

— Se depender de mim, gostaria que viesse.

Simon observa Eleanor que estende a mão para ele, que a aceita e é puxado para dentro, a porta se fecha atrás dele e os dois se olham por um tempo.

— Não está cansada do dia agitado?

— Não, na verdade esperei ansiosamente pela noite. O momento em que teria meu marido somente para mim. Aqui não preciso dividi-lo com ninguém.

— Como se alguém fosse me querer, Eleanor.

— Alguém quer você Simon, eu.

Eleanor se aproxima colocando as mãos no peito de Simon e se levanta na ponta dos pés o beijando delicadamente. Os braços dele a envolvem a colando de encontro ao seu corpo e ele aprofunda o beijo. Antes que possa perceber seus movimentos, Eleanor sente o vestido escorregar por seu corpo caindo aos seus pés. Os lábios de Simon descem por seu pescoço até os seios e ela suspira.

— Simon... — Eleanor segura os seus cabelos e puxa o seu rosto para ela novamente.

Simon não poderia esperar mais, sentir as mãos de Eleanor quente por sobre as suas roupas, os beijos, o excitavam mais do que qualquer outra mulher. Não que já tivesse sentido tanto prazer com uma prostituta, elas eram praticamente as únicas que aceitavam ficar com ele, já que receberiam um gordo pagamento.

Depois de deitar Eleanor na cama, ele retira suas roupas, e novamente mantém a camisa e os calções.

— Simon, por favor, tire a roupa.

— Não posso, vou assustá-la.

— Achei que confiasse em mim. — Eleanor senta na cama e puxa as cobertas para cobrir a nudez. — Em algum momento demonstrei sentir nojo ou repulsa?

— Não — ele responde baixinho.

— Tire a roupa, Simon, por favor.

Simon lhe dá as costas e abre os calções permitindo que o tecido caia, ele sabia que a parte de trás do seu corpo não era terrível quanto a frente. A camisa é a parte mais difícil de tirar, depois de jogar a luva sobre as roupas descartadas, a camisa se junta ao monte no chão. Ele se senta na beirada da cama e fica em silêncio de olhos fechados.

Uma mão delicada toca suas costas, os dedos passando levemente pelas marcas, seu corpo treme diante do toque, sua vontade é de se levantar e esconder, mas antes que ele possa se mexer, Eleanor beija suas costas. Ele pode sentir o corpo quente se colando ao seu, as mãos dela descendo pelos ombros e braços, enquanto distribui beijos por sua pele.

— Simon... — Eleanor sussurra e de alguma forma consegue montar em seu colo de frente para ele, com as pernas uma de cada lado do seu corpo.

Os olhos de Eleanor passeiam pelo peito e o braço esquerdo de Simon, o seu olhar parece queimar como as chamas, as mãos dele se fecham em sua cintura pronto para tirá-la dali, mas ela é mais rápida o beijando e o distraindo. Com uma força que ele não sabia que a esposa possuía, ela o derruba na cama e se movimenta até que ele esteja dentro dela. Incapaz de libertar agora e sem ao menos desejar isso, Simon gira na cama deixando Eleanor sob ele.

Por aquele momento ele se permitira deixar acreditar que ela não se importava com suas marcas e com o seu corpo. Era a primeira vez que fazia amor com uma mulher completamente nu. Era a primeira vez que sentia seu corpo de encontro a outro. Por mais que o inconsciente o tentasse a fugir, seu corpo e principalmente seu coração o mantinham ali, com as mãos de sua mulher o tocando, com os beijos incessantes e um prazer que ele jamais sentira.



Eleanor não conseguia acreditar que estava deitada nos braços de Simon, sentindo a sua pele de encontro a dela, ele estava completamente nu ao seu lado. Ele tentara fugir diversas vezes antes que fizessem amor, e quando terminaram se deitou apoiando no seu peito. Delicadamente para não assustá-lo, ela coloca a mão sobre o seu coração sentindo as batidas, a pele sob a mão era enrugada, marcada pelas queimaduras.

— Eu tinha oito anos — Simon diz a abraçando.

— O que aconteceu?

— Eu estava no berçário com a minha babá, ela estava contando uma história quando meu pai entrou no quarto. Ele estava bêbado, com uma garrafa em uma das mãos. Ele gritava alguma coisa que não consigo me lembrar. Eu fiquei em pé perto da lareira, estava assustado com o comportamento dele. Minha mãe entrou no quarto e tentava acalmá-lo sem sucesso. Em um rompante de fúria, ele tacou a garrafa de encontro a cornija da lareira, ela se quebrou e o líquido caiu em mim. Mesmo com a garrafa passando tão perto da minha cabeça eu não me mexi, estava com medo. Meu pai continuava a gritar, empurrou minha mãe de encontro à parede e nervoso derrubou tudo que estava sobre a cornija, incluindo um

castiçal. Bastou uma vela encostar na minha roupa úmida pelo álcool para que pegasse fogo.

— Simon. — Eleanor tenta se levantar para olhar para ele, mas é segurada.

— Meu pai parou de gritar e olhava para mim sem se mexer. Foi a babá que me socorreu junto com o mordomo. Eles tentaram apagar o fogo, mas onde o álcool caíra, tudo foi queimado. Quando chamaram um médico vi em seu rosto que meu estado não era nada bom. As dores eram horríveis, mas quando limpavam as queimaduras para tirarem os pedaços de tecido que estavam grudados, eu desejei a morte. A cada hora que passava depois disso, eu queria morrer.

— O que aconteceu depois?

— Meu pai veio para Londres, nos deixou na casa de campo. Não suportava olhar para mim. Um dia o ouvi dizer que não entendia por que eu não morria de uma vez. Sofri em uma cama durante meses. Até que finalmente me recuperei. Crescer era horrível, a minha pele esticava e doía demais. Mas a rejeição dos meus pais foi o que doeu de verdade.

— Sua mãe te rejeitou?

— Sim, quando o médico disse que eu já estava melhor, mais ou menos um ano depois, me mandaram para Eton, meu pai disse que se minha mãe o queria ao lado dela e sair do campo, deveria me enviar para um colégio interno e foi o que ela fez. Raramente eu voltava para casa, meu pai não dava permissão para minhas visitas. Riley e sua família foram o meu refúgio, eles me aceitaram. Foram os únicos a me acolherem. Alguns anos depois recebi a notícia de que minha mãe estava grávida. Torci e rezei noite e dia para que não fosse um menino, senão eu teria a rejeição final do meu pai.

— Ele te rechaçaria e o outro menino seria seu herdeiro.

— Exato. Quando recebi uma mensagem do mordomo dizendo que era uma menina respirei aliviado. Daisy era um bebê lindo, só pude visitá-la quando já tinha quase um ano. Foi a segunda pessoa a me aceitar, ela nunca chorou ao me ver. Quando eu conseguia visitá-la corria atrás de mim gritando para que a levasse comigo onde quer que eu fosse. Meu pai sempre odiou nossa amizade. Como minha mãe não engravidava novamente ele foi se irritando, até que um dia ele morreu. Ele passou mal na casa da amante, um ataque do coração fulminante e eu me tornei o novo duque. Usei meu título para voltar para casa e ficar com minha irmã. Minha mãe passava seus dias trancada no quarto, não queria me ver. Nem mesmo no dia em que ela estava para morrer mandou me chamar.

— Odeio seus pais! — Eleanor diz irritada e Simon a aperta em seus braços.

— Você é a primeira pessoa para quem eu conto o que aconteceu naquele dia, fora Riley e Daisy.

— Você não deve ter vergonha. Você era uma criança, menor que o James. Não teve culpa, Simon.

— Não lembro o motivo da briga entre os meus pais, nem o porquê ele entrou no quarto e gritava comigo. Não consigo me lembrar das palavras.

— Pois não tente se lembrar. Está no passado, Simon, seu pai não pode mais te ferir. E se ele estivesse vivo teria que me enfrentar. — Eleanor tenta se levantar novamente e ele permite. — Já disse que não vou permitir que ninguém fale mal ou destrua meu marido.

— E eu digo novamente que não a mereço. Você deveria ter se casado com algum homem com uma beleza estonteante.

— Não quero beleza, Simon, quero alguém que me trate bem, que aceite meus irmãos, que se sente comigo no final do dia e se importe com

o que eu tenha para dizer. Quero alguém que se deite em uma cama comigo sem contar os minutos para ir embora. Mas, principalmente, eu quero alguém que moveria céus e terras para me proteger, porque sou importante para ele.

— E eu sou esse homem?

— Sim, você é esse homem, Simon, só precisa perceber que estou aqui do seu lado, não me importo com a sua aparência. Meus irmãos não se importam e tenho certeza de que nossos filhos não se importarão.



No dia seguinte após o café da manhã, Simon acompanha Eleanor e Charlotte até a loja Lavelly's. Elas estavam ansiosas pelo passeio e James praticamente o obrigara a prometer que procuraria um barco. Ao entrarem na grande loja de departamentos, Simon pôde sentir os olhares sobre ele. Se pudesse ele viraria as costas e iria embora, como sempre fazia. Mas Eleanor e sua irmã estavam de braços dados com ele, então uma fuga era impossível.

— Ah, se não é minha cliente mais importante. — Um homem se aproxima sorrindo e pega a mão de Eleanor, que sorri para ele. Simon sente uma queimação no corpo e uma vontade de bater no homem que ousava tocar em sua mulher.

— Como vai, Sr. Lavelly? — Eleanor pergunta. — Posso lhe apresentar meu marido? Simon Halsey, o duque de Wentworth. Simon, este é Aiden Lavelly, o dono da loja.

— É um prazer recebê-lo — Aiden faz uma reverência para Simon e cumprimenta Charlotte. — Posso lhes ajudar com alguma coisa?

— Meu irmão quer um barco, e Simon garantiu que aqui encontraríamos um.

— Tenho vários barcos, quantos anos ele tem?

— Dez.

— Então eu sugiro um barquinho de madeira, assim ele pode brincar com ele na água. — Aiden indica o caminho e os três os acompanham.

O olhar de Simon não saía de Aiden, ele sorria e praticamente flertava com sua esposa e cunhada. A cada segundo que passava, ele se irritava cada vez mais.

— Deseja mais alguma coisa, Eleanor? — ele pergunta assim que ela escolhe um dos barcos.

— Eu gostaria de comer uma daquelas tortinhas que vimos na entrada da loja.

— Aquelas são as melhores tortas de toda Londres — Aiden diz. — Espero que Vossa Graça aprove.

— Obrigada.

Aiden olha para Simon e sorri.

— Temos vários artigos masculinos, ao contrário do que muitos acreditam, não somos uma loja apenas para mulheres. Será muito bem-vindo para visitar nossa seção masculina. Tenho certeza de que meus funcionários o receberão com o devido respeito.

— Obrigado — Simon diz a contragosto.

— Está tudo bem, Simon? — Eleanor pergunta preocupada.

— Seu marido está bravo comigo. — Aiden sorri. — Mas garanto que é sem fundamento, Vossa Graça. Sua esposa é muito bonita, não posso negar. Mas sou um homem inteligente e sei quando teria alguma chance ou não. E jamais me relacionaria ou tentaria me relacionar com uma mulher casada, ainda mais com uma que olha como sua esposa olha para você.

— Eu... — Simon para de falar sem saber direito o que poderia dizer.

— Eu sei o que é ser rejeitado e, apesar de não conhecê-lo tão bem, imagino que saiba tanto quanto eu como é esse sentimento. Por isso, ofereço minha amizade. Não sou um nobre, sou apenas um plebeu que conseguiu com esforço ganhar o seu próprio dinheiro e montar um império. Mas garanto que ofereço minha amizade da forma mais verdadeira possível.

— Obrigada. Sr. Lavelly — Eleanor diz tentando segurar as lágrimas.

Simon gesticula com a cabeça para o outro homem e se afasta de braços dados com a mulher. Poucos homens desejavam ser seus amigos. Muitos da nobreza se aproximavam porque ele era um duque, desejavam algo em troca. Aiden Lavelly fora o primeiro a tentar se aproximar, de forma simples e verdadeira. Ao olhar para Eleanor ao seu lado, ele suspira. Desde que sua esposa entrara em sua vida, as coisas estavam mudando. Um mundo novo se abria diante dele.



O dia seguinte amanhece fechado, a chuva cai incessantemente, Eleanor sabe que provavelmente não parará tão cedo o que as manterá presas em casa. Depois de ajudar a Sra. Haylock a dar um banho em James e o deitarem na cama para descansar, já que pequenas coisas parecem esgotar o garoto, Eleanor desce para a sala onde se senta no sofá com um bordado nas mãos. Charlotte está perto da lareira lendo um livro, os pés virados em direção ao fogo para esquentá-los.

O silêncio é reconfortante, mas não demora muito para ser interrompido com algumas batidas na porta e uma voz feminina que fala rapidamente. Deixando o bordado de lado, Eleanor sai da sala e encontra uma jovem loira, com feições delicadas conversando com a Sra. Haylock. Quando ela se vira para olhar Eleanor, é possível notar as semelhanças com Simon.

— Daisy, eu presumo. — Eleanor se aproxima.

— E você a nova duquesa, presumo? — A menina ri.

— Eleanor.

— É um prazer conhecê-la. Quando recebi uma carta de meu irmão informando que ele se casara tão rapidamente e que a sua esposa desejava

que eu viesse ficar em Londres, mal pude acreditar. Vivi bastante tempo naquela casa, praticamente a minha vida toda.

— Sozinha a maior parte, presumo.

— Até que Simon veio morar comigo. Nossa casa é no campo a maior parte do tempo.

— Infelizmente, por causa da saúde do meu irmão não será possível uma longa viagem, por isso pedi que viesse para cá. Charlotte — Eleanor indica para a irmã se aproximar — vai debutar ano que vem, assim como você. Então pensei que poderiam aproveitar para se conhecerem e também teriam a mesma tutora. E, claro, vou tentar ajudá-las a se prepararem para o que está por vir.

— Obrigada, só o fato de já poder estar em Londres é incrível.

— Seu irmão está resolvendo alguns assuntos no escritório, por que não sobe e troca a roupa de viagem e descansa um pouco? O almoço será servido em breve.

— Vou fazer isso, viajar na carruagem por tanto tempo é cansativo.

A Sra. Haylock sobe com Daisy, com sua criada particular a seguindo logo atrás.

— Ela é bonita e muito mais educada do que eu. — Charlotte faz uma careta para a irmã.

— Ela é filha de um duque. Tenho certeza de que o pai exigia nada menos do que perfeição e elegância enquanto o nosso queria apenas nossa felicidade. Acha que vai ser amiga dela?

— Acho que sim. — Charlotte dá de ombros.

— Bom, agora que Daisy chegou posso pensar no jantar de comemoração do casamento.

— Você vai chamar muitas pessoas?

— Acredito que não, basta o baile que lady Georgianna dará em nossa homenagem. Terá tantas pessoas que temo que Simon não se sinta bem. Vai levar um tempo para que ele se acostume as multidões.

— Se precisar de ajuda me avise. Posso não entender tudo de bailes e jantares, mas tenho bom gosto.

— Isso você tem, minha irmã. Por que não sobe para verificar o James? Se ele estiver se sentindo melhor, gostaria que almoçasse à mesa conosco.

Enquanto a irmã sobe para verificar o menino, Eleanor vai para o escritório de Simon. Após uma leve batida, ela entra na sala.

— Desculpe não ter saído do escritório até agora, Riley enviou algumas notícias sobre o seu tio.

— Ele não ficou em silêncio aceitando o casamento presumo.

— Não. Ao que tudo indica, ele está apelando a corte dos nobres. Sua alegação é que eu a enganei para tentar colocar a mão na sua fortuna. E, principalmente, ele alega que o casamento não é oficial, já que muito provavelmente você me considera horrível o suficiente para não me aceitar em sua cama.

— Ele está falando da minha intimidade junto a corte dos nobres? — Eleanor solta um ofego e Simon se levanta para abraçá-la.

— Ele está desesperado, meu amor. Uma vez que proibi o seu acesso a todas as contas, propriedades e títulos da sua família. Muito em breve ele vai receber uma visita da polícia ordenando que ele saia da Mansão Bartlett. Ele sabe que perdeu tudo e não ficará quieto. É muito dinheiro.

— Existe alguma chance de que ele consiga nos separar? Ou então que ele consiga colocar as mãos nos meus irmãos?

— Duvido muito, mas por segurança Charlotte não deve sair sozinha de casa, nem mesmo você. Pedi para John contratar alguns homens para

vigiar a casa e as acompanharem quando forem sair. Avise sempre aonde você vai para alguém que fique aqui em casa, infelizmente serão necessários alguns cuidados por agora. Mas assim que seu tio perder finalmente, teremos alguma paz.

— Temo que ele não irá desistir tão facilmente, Simon. Acredito que meu tio tenha contraído algumas dívidas, ouvi quando ele conversava com um amigo, ele está devendo para algumas pessoas perigosas e pretendia usar o dinheiro de James para quitar essas dívidas.

— Vou tentar descobrir quanto ele deve, não se preocupe, Eleanor, ele terá que enfrentar pessoas poderosas para conseguir colocar as mãos em você ou no dinheiro.

— Vamos falar de coisas boas, não quero pensar mais no meu tio por hoje.

— O que você quer falar? — Simon começa a abrir um pequeno sorriso, que some rapidamente quando percebe o que está fazendo.

— Algum dia meu marido vai sorrir para mim?

— Meu rosto...

— É lindo. — Eleanor coloca a mão na parte deformada fazendo um carinho, dessa vez ele não tenta fugir do seu toque. — Eu sou sua esposa, Simon, e para mim você é lindo, não vai ser um sorriso que irá mudar minha opinião. Tenho certeza de que algum dia ganharei um lindo sorriso de presente.

— Achei que iríamos falar de coisas boas.

— Tem razão. Adivinha quem acabou de chegar?

— Daisy?

— Sim, ela subiu para descansar da viagem antes de almoçar conosco. Sua irmã é linda, Simon, ano que vem será uma das sensações da temporada.

— Agora que ela terá sua ajuda, não tenho dúvidas.



Durante o almoço ficou claro que as duas famílias se dariam muito bem. Assim que conheceu James, Daisy praticamente o adotara como um irmão caçula. Após comerem, ela e Charlotte foram com o menino para o jardim para que ele tomasse um pouco de sol.

Charlotte e Daisy pareciam ter se tornado amigas rapidamente, apesar da grande diferença entre elas. Daisy era refinada, delicada, treinada como filha de um duque. Enquanto Charlotte, mesmo sendo filha de um nobre, era mais aventureira, não fazia caras e bocas e, principalmente, não levava jeito para se fazer de delicada. As duas moças eram completamente opostas uma da outra, mas pareciam ter se completado de uma forma que não poderia se imaginar.

Após explicar para as duas jovens que não deveriam andar sozinhas pela cidade e os motivos de sua preocupação, Simon se despediu de todos e saiu de casa. Ele queria descobrir quem eram os credores de Alfie o quanto antes. O único problema era que Simon não tinha tantos contatos que poderia usar. Apesar de ser um grande amigo, Riley não tinha relações duvidosas. Por isso, ele decidiu arriscar procurando o único homem que, depois de muito tempo, havia se oferecido para ser seu amigo sem qualquer tipo de interesse.

— Wentworth. — Aiden abre a porta do seu escritório e gesticula para que ele entre. — A que devo a honra da sua visita?

— Vou direto ao ponto, porque não sou de fazer muitos rodeios. O tio de minha esposa está devendo muito dinheiro, acredito que não seja apenas para o seu alfaiate.

— Você acha que ele tem alguns credores no submundo? — Aiden pergunta servindo dois copos de conhaque e entregando um para Simon. — Dívidas de jogos, prostíbulo... coisas assim?

— Não me surpreenderia se ele estivesse praticamente falido. Ele está desesperado, apelando para a corte dos nobres, alegando que meu casamento é uma farsa. — Simon dá um gole na sua bebida e explica toda a história de Eleanor e seus irmãos.

— Você não está louco de suspeitar que ele esteja envolvido com pessoas perigosas — Aiden concorda ao ouvir toda a história. — Conheço algumas pessoas da minha infância, quando eu não era o grande empresário Lavelly. Vou tentar descobrir alguma coisa para você.

— Obrigado, estarei em dívida com você.

— Eu tomaria muito cuidado com sua esposa e a irmã dela. Se o tio está devendo para alguém perigoso como suspeitamos, eles podem se aproveitar delas para conseguir tirar o dinheiro diretamente de você.

— Estou contratando alguns homens para vigiar a casa. Esse é um dos meus medos também.

— Você também deve tomar cuidado, Halsey, se você morrer sua esposa será uma viúva, o tio dela pode continuar com a alegação de que o casamento não foi consumado e de alguma forma recuperar o poder dele sobre ela e os irmãos. Não é apenas a vida delas que está em risco.

— Vou tomar cuidado. Se souber de alguma coisa, por favor, me avise imediatamente.

— Eu vou, não se preocupe.

Simon sai da loja Lavelly's olhando para os lados até entrar em sua carruagem. Aiden tinha razão, sua vida também estava em perigo; se algo acontecesse com ele, Eleanor cairia nas garras de seu tio novamente. Se não fosse a saúde de James levaria todos para a casa no campo. Alguns

dias atrás, a sua única preocupação era encontrar uma esposa que orientasse sua irmã, agora ele precisava se preocupar em manter todos seguros. Mesmo que sua vida estivesse atribulada agora, não voltaria atrás. Eleanor valia a pena qualquer preocupação que surgisse no caminho.



Depois de uma semana preparando o jantar em comemoração ao casamento de Eleanor e Simon, a noite finalmente chegou. Por opção de Eleanor seriam poucos convidados, apenas a família, Scarlett com seus pais e Riley, e um convidado um pouco surpreendente: Aiden Lavery. Simon solicitara a Eleanor que convidasse o empresário, sua justificativa é que já que o homem dissera que poderiam ser amigos, ele lhe daria uma oportunidade.

O maior medo de Eleanor é que os convidados encontrassem algum erro ou falha sua, já que era o primeiro jantar que preparava. Suas mãos estavam frias e suando de preocupação, seu coração batia rapidamente, diminuindo apenas quando Simon a levou até o escritório e fez com que esquecesse qualquer preocupação com um beijo de tirar o fôlego.

— Os convites do baile em homenagem ao seu casamento já foram enviados, não vejo a hora de poder comemorar essa união — lady Georgianna diz com um sorriso para Eleanor. — Duvido que alguém tenha coragem de dizer que o casamento é falso, basta olhar para vocês dois para ter certeza de que estão felizes juntos.

— Eleanor é mais do que eu poderia pedir em uma esposa — Simon diz apoiando uma mão na cintura de Eleanor.

— Confesso que estava preocupado com esse casamento, Halsey, mas não posso negar que você tem cuidado muito bem de Eleanor e seus irmãos, ver James se recuperando é um motivo de alegria — lorde Thomas diz apontando o garoto.

— Tem sido um dia de cada vez, o médico garantiu que ele irá se recuperar, provavelmente ficarão algumas sequelas, mas ele está vivo e isso é o que mais importa no momento — Eleanor explica.

— Claro que sim. Perder James não era uma opção — lady Georgianna concorda.

— O jantar está servido — a Sra. Haylock avisa e todos vão para a sala de jantar.

— É verdade que tem muitos barcos na sua loja? — James pergunta para Aiden, que está sentado à sua frente. Não era costume que crianças se sentassem à mesa, ou então que puxassem assunto, mas Simon garantira ao menino que ele era bem-vindo no jantar e que ninguém o proibiria de falar, o que deu coragem ao garoto.

— É verdade, temos barcos de todos os tipos. Quando estiver bem o suficiente para um passeio, peça para as suas irmãs o levarem até a minha loja.

— Papai fazia barquinhos de papel e brincávamos na fonte. Tudo bem que eles molhavam e acabavam afundando rapidamente, mas eu gostava de ficar com ele.

— E ele adorava brincar com você, James. Nosso pai te amava. — Eleanor segura a mão do irmão, ele era muito pequeno e suas lembranças dos pais eram escassas.

— Papai fazia barcos de papel para mim, eu os arremessava para todos os lugares. — Scarlett sorri e James presta atenção no que ela fala. — Uma vez, um dos aviõezinhos caiu na lareira, lembro que eu chorei ao vê-lo queimar.

— Ela chorava tanto que achei que alguém a estava matando — lady Georgianna diz arrancando risada de todos. — Nunca vi essa menina chorar tanto.

— Eu tinha quatro anos. Era normal que eu ficasse desesperada.

O jantar transcorre tranquilamente, Charlotte e Daisy receberam a atenção de todos, Riley não deixou de provocar Simon dizendo que ele teria muito trabalho no ano seguinte com duas belas jovens debutando. Uma vez que a refeição termina, as mulheres vão para a sala tomar o chá, enquanto os homens ficam na sala de jantar apreciando seu conhaque.

— Perdoe a minha indiscrição e, claro, o meu abuso. Mas acho que a melhor forma de fazer com que ninguém mais duvide que o casamento foi consumado é sua esposa ficando grávida — Aiden diz olhando para o seu copo.

— Por mais que a ideia seja boa, temo que Alfie acusaria Eleanor de adultério. Ele alega em alto e bom som que Eleanor jamais aceitaria Halsey em sua cama, com a aparência que tem — lorde Thomas diz irritado. — Acredito que deva começar a aparecer na Câmara dos Lordes, Halsey. Sua presença pode colocar em dúvida o que ele anda dizendo por toda Londres.

— Não acredito que isso vá desmotivá-lo, mas talvez Lately tenha razão. Se Eleanor aparecer grávida, os boatos espalhados por seu tio serão colocados em dúvida — Riley diz.

— Se meu casamento foi consumado ou não, não diz respeito a ninguém. Não é justo que minha esposa seja motivo de fofoca nos salões

de baile. Ela é uma duquesa e merece o respeito que o título lhe confere.

— Então, meu caro amigo, você terá que abandonar a clausura autoimposta e passar a frequentar os salões com ela. Sua esposa precisa ser vista como uma duquesa. Aparecer ao seu lado como um casal vai demonstrar que ela tem o seu respeito.

Após todos os convidados se despedirem e lady Georgianna garantir que o baile no próximo sábado seria um sucesso, Eleanor sobe para verificar James antes de ir para o quarto. O menino se divertira conversando com os adultos e, principalmente, ficara extasiado ao receber atenção de Simon todas as vezes que ele perguntava algo, seu marido lhe dedicava seu tempo para conversar. Seu irmão sentia a falta de uma figura paterna, e ter Simon ao seu lado lhe fazia bem.

— Ele está dormindo? — Simon pergunta enquanto desfaz a gravata e observa Eleanor fechar a porta do quarto.

— Está, acho que ficou cansado com tanta atenção que recebeu.

— Ele é um bom garoto.

— Você está bem? Desde que se juntaram a nós na sala, percebi que estava mais calado que o normal.

— Apenas pensando em algumas coisas que Riley me disse.

— Por exemplo? — Eleanor se aproxima e o ajuda a retirar o paletó.

— Seu tio continua gritando aos quatro ventos que nosso casamento não foi consumado, que você jamais se deitaria com um homem com a minha aparência.

— Você sabe que não é verdade, principalmente porque tem dormido na minha cama todas as noites. — Eleanor sorri para o marido e se vira para que ele abra o seu vestido.

— Apenas nós dois sabemos o que acontece em nosso quarto. Aiden até mesmo sugeriu que ficasse grávida o quanto antes, assim não teriam

qualquer dúvida. — Simon sente Eleanor tremer um pouco. — O que foi? Pensar em ter filhos comigo é tão repugnante assim?

— Claro que não. — Eleanor gira fazendo com que o vestido caia aos seus pés, ficando apenas com sua combinação. — O que eu mais desejo, Simon, é um filho com os seus olhos. — Ela toca o rosto do marido. — Minha reação não foi porque não quero um filho. É porque ao mencionar a palavra filho, percebi que minhas regras estão atrasadas, acredito que foi o choque de não ter percebido isso antes.

— Então, você poderia estar grávida?

— É provável. — Ela sorri e puxa as mãos de Simon para a sua barriga. — Quem sabe em alguns meses não teremos um pequeno Simon em nossos braços?

— Prefiro uma pequena Eleanor. — Simon levanta sua esposa em seus braços e se deita com ela na cama. — Acredito, minha querida esposa, que devemos garantir que realmente teremos um filho, o que acha?

— Eu acho que você está falando demais, meu esposo, ao invés de providenciar que ninguém tenha dúvidas de que sou sua.



A semana foi corrida para Eleanor, com o baile se aproximando precisava buscar seu vestido na modista, verificar as encomendas de Charlotte e providenciar algumas roupas para Daisy. Para sua sorte, Simon chamara seu alfaiate, que fora até a Mansão Halsey tirar medidas de James para providenciar roupas para ele.

Enquanto Annora tirava as medidas de Daisy, Eleanor olhava as fotos de alguns modelos para sugerir a cunhada.

— Não vejo a hora de poder finalmente debutar, sonho com os salões de baile todos os dias. — Daisy suspira.

— Você conseguirá um noivo logo no primeiro baile. Enquanto eu será preciso umas cinco temporadas para que alguém finalmente tenha pena de mim e me peça em casamento.

— Para de besteiras, Charlotte, você é uma moça linda, tem tantas chances de encontrar um noivo na primeira temporada quanto Daisy! — Eleanor repreende a irmã.

— Esqueceu que nosso tio...

— Nosso tio não manda mais nessa família e qualquer coisa que ele tenha falado não importa mais. Simon me garantiu que providenciará um

dote generoso para as duas, você é inteligente, bonita. E, além do mais, terão uma madrinha na temporada que vem, que lhes trará grandes oportunidades.

— Que madrinha? — Daisy pergunta curiosa.

— Lady Georgianna. Ela garantiu que irá lhes apresentar a Rainha, depois disso terão uma duquesa, que no caso serei eu, as acompanhando em todos os eventos.

— Espero que os meus vestidos façam jus a tanto prestígio. — Annora sorri para Eleanor.

— Você tem alguma dúvida? Meu vestido no jantar de comemoração do meu casamento fez sucesso, isso que tínhamos poucos convidados presentes. Você tem muito talento, Annora.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Se prepare para um grande número de pedidos, Annora, você está vestindo a Duquesa de Wentworth. Após o baile de sábado, seu nome será conhecido como uma das melhores modistas de Londres — Charlotte brinca.



Simon atravessa a loja de departamentos Lavelly's até o escritório de Aiden, o lugar estava cheio. Durante a manhã, um garoto de recados trouxera um bilhete informando que Lavelly tinha algumas informações para Simon.

— Como vai, Halsey?

— Estou bem, tem alguma informação para mim? — Lavelly fecha a porta do escritório e indica para que ele se sente.

— Contatei um dos meus informantes, com base no que ele descobriu acredito que exista ainda mais casos. O tio de sua esposa está

devendo para vários clubes de jogos e alguns fornecedores. Alguns estão exigindo seu dinheiro e, como não tem como pagar, está se complicando.

— Ou seja, está ficando desesperado.

— Esse é o valor da dívida dele, claro, do que consegui apurar. — Aiden entrega um papel para Simon. — Esse número pode ser bem maior.

— Obrigado pela informação.

— Meus informantes estão de ouvidos bem abertos, se souberem de mais alguma coisa irão me avisar.

— Seria possível descobrir se ele conseguiu o veneno com um desses credores? Ou com outra pessoa? Se conseguíssemos ligá-lo ao veneno que era dado todos os dias para James teríamos alguma prova contra ele.

— Ninguém confessará tão facilmente que forneceu o veneno, mas posso tentar descobrir. Esse é um dos motivos pelos quais estou preocupado. Se ele não teve escrúpulos ao tentar matar o próprio sobrinho, o que ele poderia tentar contra você, para garantir que Eleanor fique viúva ou então que o casamento seja anulado.

— Espero que o baile nesse sábado diminua os falatórios. Nunca imaginei que Eleanor fosse ter a imagem manchada por minha causa.

— Manchada?

— Alguns nobres estão comentando o fato de que uma jovem tão bonita tenha se casado comigo. Como pode ver, minha aparência não é das melhores e todos sabem disso.

— Você se arrepende de ter se casado com Eleanor?

Simon olha para a janela atrás de Aiden e balança a cabeça.

— Não, eu não me arrependo. Podemos ter nos casado no início para ajudar um ao outro, mas agora não me vejo casado com outra pessoa. Eleanor é a mulher perfeita para mim, ela me olha e realmente me vê, não

são as cicatrizes no meu rosto e no meu corpo que lhe chama a atenção. Por muito tempo esperei encontrar alguém que visse além dessas marcas.

— Não pude deixar de notar a forma como ela olha para você. Ela já te ama, Simon, e tenho certeza de que nesse baile ficará claro para todos que os dois estão casados e felizes.

Simon concorda e se despede de Aiden levando a lista de credores com ele. Eleanor lhe dera muito mais do que ele poderia querer, não só tinha uma esposa amorosa do seu lado, mas também para ela as cicatrizes algumas vezes pareciam não existir. Pela primeira vez em muito tempo, ele se sentia querido e amado e faria qualquer coisa pela esposa; ele a protegeria de seu tio. Garantiria que nada acontecesse com ela e os irmãos. Ninguém mexeria com a sua família, ele era o duque de Wentworth e usaria o poder do seu nome para garantir a proteção de sua família.



Simon estava agitado e não era para menos, quando finalmente o dia do baile chegou sua vontade era de ir para a casa de campo e se esconder. Mas devia aquele dia para Eleanor, por mais que ele se sentisse um monstro algumas vezes, sua esposa merecia um dia para comemorar seu casamento. Uma grande festa em sua homenagem.

Quando Eleanor desceu as escadas trajando um lindo vestido azul-marinho com bordados em dourado, sentiu o ar fugir de seus pulmões. Ele estava casado com uma mulher linda, e não conseguia entender o que havia feito para merecê-la.

— Gostou do vestido? — Eleanor pergunta passando as mãos e alisando a saia.

— Você está linda, creio que não haverá mulher mais linda em toda Londres hoje.

— Obrigada. — Ela sorri.

— Não vejo a hora de um dia ser eu a usar um vestido tão lindo como esse. — Daisy suspira saindo da sala de visitas com Charlotte e James, que já caminha lentamente.

— Você está bonita — James diz olhando para ela.

— Obrigada, querido. A Sra. Haylock vai cuidar de vocês essa noite.

— Não se preocupe, Eleanor, eu e Daisy somos capazes de cuidar do James e, principalmente, não entrarmos em confusão.

— Eles vão ficar bem. — Simon pega a mão de Eleanor gentilmente e coloca na curva do seu braço. — Agora temos que ir, temos um baile para comparecer. Apesar de desejar que nenhum homem veja minha esposa tão linda assim e a cobice, quero que toda Londres veja a mulher maravilhosa com quem me casei.

— Eles formam um casal tão lindo. Simon está completamente apaixonado — Daisy diz enquanto observam o casal entrar na carruagem.

— Espero que nada estrague essa noite, eles merecem comemorar o casamento — Charlotte diz ao fechar a porta. A noite prometia muitas coisas, sua única preocupação era que seu tio aparecesse e estragasse a felicidade da sua irmã.



Eleanor sentia os músculos do rosto cansados de tanto sorrir, durante quase uma hora ela e Simon ficaram ao lado de lady Georgianna e seu marido cumprimentando os convidados que chegavam. A mansão estava lotada, e ela sabia que muito se devia ao fato de que a maior parte dos convidados desejavam ver Simon de perto.

Por isso, Eleanor fizera questão de rodar pelo salão de braços dados com o marido enquanto conversavam com algumas pessoas. Somente quando se aproximaram de Aiden, Scarlett e Riley, ela pôde finalmente se soltar um pouco.

— Não se deve monopolizar sua esposa. Esqueceu as regras de etiqueta da alta sociedade londrina que diz que somente deve dançar uma

dança com ela, e dividi-la com os convidados? — Riley pergunta provocando o amigo.

— Isso quer dizer que vai permitir que sua bela noiva dance com praticamente todos os homens da festa? — Simon pergunta devolvendo a provocação.

— Nunca entendi essas regras. Claro que uma jovem solteira, em busca de um marido, deve dançar com tantos solteiros ela consiga em uma noite. Mas uma noiva ou uma mulher casada? Não, a elas não se deve aplicar essa regra.

— Está dizendo, Aiden, que o dia que se casar não vai permitir que sua esposa dance com outros homens? — Eleanor ri.

— Talvez com Simon ou Riley, ou então um homem velho, esses estão autorizados. Agora esses engomadinhos que estão somente esperando que os pais morram para herdar um título e uma fortuna? Nem pensar.

— Isso se chama ser possessivo — Scarlet comenta.

— Talvez, mas se um dia eu der a sorte de ter uma linda esposa como as duas belas moças que nos fazem companhia agora, a última coisa que permitirei de bom grado é que algum interesseiro se aproxime.

— Cuidado para que as moças solteiras não o ouça, ou então jamais encontrará uma candidata a casamento — Eleanor diz.

— No momento não estou procurando por uma esposa, não encontrei ainda aquela que fará com que eu desista da minha vida de libertino e principalmente da minha bela... — Aiden para de falar e olha para Eleanor e Scarlett.

— Suponho que iria dizer amante? — Scarlett provoca e olha para Riley. — Espero que algumas pessoas não possuam uma.

— Eu jamais iria manter uma amante tendo você como minha bela noiva. Abandonei essa vida há muito tempo.

— Acho bom, ou então teríamos sérios problemas.

— Acredito que ciúmes não seja algo exclusivo dos homens — Simon diz a Aiden. — Mas devo concordar, é difícil observar sua esposa sendo elogiada e recebendo convites para dançar. Creio que serei obrigado a inventar algo para mantê-la constantemente ao meu lado.

— Não será preciso inventar, ficarei ao seu lado por toda a noite se deixarem, não desejo dançar com nenhum outro homem.

Conforme a música começa e os casais assumem a pista de dança, Simon e Eleanor conversam com os convidados, muitos nobres estavam presentes, e era fundamental que todos vissem como os dois estavam felizes e que o casamento era real.

— Eleanor? — Alguém chama e Simon gira lentamente para encontrar Alfie parado atrás deles. — Como está, minha querida?

— Acredito que esteja esquecendo algo de muito importante — Simon diz tentando se controlar. — Eleanor agora é minha esposa e a Duquesa de Wenthworth. Acredito que deva tratá-la da forma correta e não tão impessoal como fez.

— Ela é minha sobrinha.

— Ela é uma duquesa — Simon rebate. Ao lado deles, alguns convidados começam a cochichar vendo o princípio de confusão.

— O que está fazendo aqui? — Lorde Wright diz se aproximando com Riley e Aiden atrás dele.

— É um baile em homenagem a minha sobrinha. Onde mais eu estaria?

— Você não foi convidado, e creio que a última coisa que deseja é comemorar seu casamento.

— Thomas...

— Lorde Wright — o pai de Scarlett corrige.

— Sou o único parente vivo de Eleanor e seus irmãos, só desejo a felicidade deles. Se duvido sobre esse casamento é porque me importo com essa menina.

Eleanor se agarra à manga do casaco de Simon, ela temia esse confronto e que a festa fosse arruinada por seu tio. Ela pôde sentir sua pele gelar da cabeça aos pés, sua cabeça gira e pontos pretos piscam na sua visão.

— Simon — ela sussurra se agarrando ainda mais a ele. — Não estou me sentindo muito bem.

Simon gira rapidamente a tempo de segurar Eleanor, que desmaia em seus braços. Levantando-a sem qualquer tipo de esforço, ele segue Scarlett até a biblioteca onde a deita no sofá.

— Já chamei o médico — lady Georgianna diz entrando na biblioteca. — Eu imaginava que ela não aguentaria a presença daquele homem essa noite. Não sei como ele pode ter entrado, garanti que os criados vigiassem a porta e não permitissem a sua presença.

O Dr. Boorman entra rapidamente se dirigindo ao sofá, usando alguns saís para despertar Eleanor, ele pede para ficar sozinho com ela e assim examiná-la corretamente.

— Agora, minha jovem, o que você sentiu antes de desmaiar?

Simon anda de um lado para o outro em frente à porta da biblioteca, ele queria ficar e observar o médico examinar sua esposa, mas as malditas regras de etiqueta diziam que ele deveria sair. Quando a porta se abriu e o médico disse que ele poderia entrar, ele corre até Eleanor, que está sentada olhando para as próprias mãos.

— O que houve, meu amor? — Simon pega suas pequenas mãos nas suas e as aperta levemente.

Eleanor levanta o rosto para olhar Simon e abre um sorriso.

— Estou grávida.



— Grávida? — Simon arregala os olhos ao ouvir a novidade e se ajoelha em frente a Eleanor a puxando para perto, ficando entre as suas pernas, a posição não era nada elegante, mas nenhum dos dois parecia se importar. — Um filho — ele sussurra e leva as mãos à barriga de Eleanor fechando os olhos.

— Está feliz?

— Você não pode imaginar o quanto. — Simon abre os olhos e segura o rosto de Eleanor. — Prometo a você que jamais serei como meu pai, não perderei a razão, ficarei sempre ao seu lado e ao lado de nossos filhos. Eu serei um bom pai.

— Claro que será, você é um homem maravilhoso, Simon, nossos filhos terão muita sorte.

— Quer voltar para a festa ou ir para casa?

— Acho que voltar para a festa seja o melhor, ainda teremos o jantar, não vou deixar que meu tio estrague essa noite. Ainda mais com essa notícia maravilhosa. Hoje a noite é nossa, Simon, e ninguém vai impedir que comemoremos.

— Se ficar cansada ou se quiser ir para casa, me avise na mesma hora. Não me importo com etiquetas ou convenções, você e nosso filho são minha prioridade.

— Eu vou avisar. — Eleanor beija Simon delicadamente e se levanta com sua ajuda. Ao passarem pela porta da biblioteca, eles avistam seus amigos com semblantes preocupados. — Acredito, Scarlett, que sua oportunidade de ser uma tia coruja chegou — Eleanor revela com um sorriso e sua amiga dá um gritinho nada elegante e a abraça.

— Parabéns!

— E não é que ele realmente seguiu meu conselho? — Aiden gargalha.

— Conselho? — Eleanor olha para Simon, que balança a cabeça.

— Lately sugeriu que eu a engravidasse, assim ninguém teria dúvidas de que estamos casados.

— Não acredito que tenha sido seu conselho o motivo da minha gravidez — Eleanor provoca o amigo, que revira os olhos.

— Tanto faz, o importante é que agora ficará ainda mais difícil de negarem seu casamento. E já que tirou o meu mérito da questão, posso fazer algo de útil?

— O quê? — Riley pergunta.

— Jogar o inútil do tio de Eleanor para fora dessa casa?

— Apenas se eu puder ajudar. — Riley bate no ombro do Aiden e os dois voltam para o salão.

— Esses dois vão arrumar confusão — lady Georgianna suspira, mas não se move para impedi-los. — Seus pais estariam nas nuvens com a notícia.

— Eu sei que é muito cedo, mas gostaria de saber, se quiser, é claro, a senhora aceitaria ser uma avó postiça para meus filhos? Tenho certeza de

que será a única que irá tratá-los como minha mãe faria.

— Seria uma honra, Eleanor. — Georgianna a abraça. — Estarei aqui sempre que você ou seus filhos precisarem. Agora vamos voltar para o salão, temos uma notícia para dar e um jantar maravilhoso para aproveitar.

Após a notícia ser ecoada pelo salão de baile, muitos vieram parabenizar Simon e Eleanor, os dois praticamente não se soltaram a maior parte da noite. As danças começaram e depois de dançarem juntos, Eleanor vai até a mesa de refrescos, sua atenção desvia para as três mulheres que conversam baixinho e ela se aproxima.

— Lady Benningfiel — Eleanor cumprimenta a mulher casada e mais velha das três.

— Vossa Graça. — As três fazem reverência. — Permita-me apresentar minhas irmãs, Katherina e Hester.

— Espero que estejam aproveitando o baile.

— Está tudo maravilhoso, e parabéns pelo casamento e, claro, pelo bebê. — Katherina sorri e Eleanor percebe o quanto a jovem é bonita.

— Já dançaram?

— Infelizmente ainda não, parece que os homens essa noite estão tímidos — Cornélia Eymer, a Condessa de Benningfiel, diz olhando para as irmãs.

— Seja honesta, Cornélia, não dançamos porque os homens preferem pegar algum tipo de peste a me convidar para dançar e devido a minha fama isso reflete em Hester. — Katherina revira os olhos fazendo a irmã ficar vermelha com a vergonha por estarem na presença de Eleanor.

— Por acaso há algo de tão desabonador em sua reputação? — Eleanor pergunta com um sorriso doce.

— Apenas minha fama de noiva amaldiçoada.

— Ah sim, acredito que já ouvi falar de sua má sorte.

— Má sorte é elogio, Vossa Graça. Está mais para uma desgraça. Voltei para os salões de baile esse ano, apenas porque Hester iria debutar e pediu minha companhia, mas acredito que ela estaria melhor sem mim.

— Minha irmã e minha cunhada irão debutar na próxima temporada, só de pensar sinto uma dor de cabeça enorme. Temo fazer algo de errado.

— Tenho certeza de que se saíra bem, Vossa Graça. — Cornélia sorri. — Conseguir passar incólume com Hester na apresentação a Rainha esse ano, isso com essa barriga gigante. — Ela aponta para a barriga de oito meses. — E acredite em mim quando digo que Hester é um grande desafio.

— Muito obrigada pela difamação — Hester responde contrariada.

— Tenho certeza de que aproveitarão a temporada, ela mal começou. E as duas são tão bonitas que encontrarão pretendentes.

— Nenhum homem, nobre ou não, irá querer ser meu pretendente, eles morrem antes ou logo após o casamento — Katherina brinca para horror da irmã mais velha.

Eleanor nota uma presença por perto e com um sorriso chama Aiden para se aproximar.

— Sr. Lavelly, deixe-me apresentar Lady Cornélia Eymer, Condessa de Benningfiel, e suas irmãs, ladies Katherina e Hester. Esse é o Sr. Aiden Lavelly, acredito que o conheçam por causa da loja Lavelly's.

— É um prazer conhecê-las. — Aiden leva a mão das três mulheres aos lábios as cumprimentando.

— Sua loja é encantadora, estivemos lá essa semana.

— Encontraram tudo o que desejavam?

— Nem tudo. — Katherina torce o nariz.

— Isso é imperdoável, por favor, me deixe saber o que procura e irei providenciar.

— Por que o senhor não tira lady Katherina para dançar? A próxima música está para começar, assim podem conversar sobre o que ela procura em sua loja — Eleanor sugere, Katherina se prepara para a rejeição, que sempre vem logo em seguida, mas Aiden abre um sorriso e estica a mão para ela.

— Será um prazer dançar com uma bela dama.

Katherina olha para a mão estendida sem acreditar que depois de tanto tempo alguém a convidou para uma dança.

— Kathy. — Hester a cutuca e ela dá um passo para frente aceitando a mão dele.

O casal se afasta para o centro do salão onde os casais se posicionam para a próxima dança.

— Obrigada — Cornélia agradece baixinho.

— Não precisa agradecer. — Eleanor toca o braço dela. — Na verdade, pode me agradecer ano que vem, me ajudando com as duas que tenho em casa.

— Será uma honra, garanto que irei ajudá-la.

Eleanor se despede de Cornélia e Hester e vai se encontrar com Simon, que olha para ela divertido.

— Se fazendo de cupido?

— Não, apenas ajudando uma moça rejeitada por praticamente todos os homens solteiros e elegíveis de Londres. Ela não tem culpa de ter perdido dois noivos em seguida.

— Só espero que Lavelly não decida ficar noivo da Srta. Threston, ou perderemos um amigo.

— Simon! — Eleanor dá um tapa discreto no braço do marido. — A pobrezinha não tem culpa.

— Eu sei que não. — Simon puxa Eleanor para perto e beija sua testa. — Espero que esse jantar seja servido logo, quero ir para casa para ficar a sós com minha esposa.

— Falta pouco, e então serei sua pelo resto da noite.



A carruagem balança suavemente enquanto Simon e Eleanor voltam para casa, a noite tinha sido memorável. Os dois receberam felicitações pelo casamento e pelo bebê que estava a caminho. É claro que Simon recebera diversos olhares, alguns de repulsa, outros de pena, mas ele preferira não se apegar a isso. Eleanor estava linda ao seu lado, não só pela forma que estava vestida, mas havia um brilho novo no olhar, um sorriso que parecia não sair do seu rosto, desde que descobrira que estava grávida.

— Será que nossos irmãos já estão dormindo? — Eleanor pergunta baixinho.

— Provavelmente, podemos dar a notícia amanhã no café da manhã.

— Charlotte vai ficar encantada com a notícia.

— Acredito que James também, já que não será mais o caçula da casa.

— Ele está bem melhor, não está?

— Agora que consegue andar sozinho tenho certeza de que a melhora será mais rápida. Ele precisa se exercitar, ficou muito tempo na cama. Logo iremos para a nossa casa no campo, onde ele vai poder correr à vontade e respirar ar puro.

— Às vezes me pego pensando que tudo isso não passa de um sonho. Que vou acordar e me encontrar no meu antigo quarto, temendo pela minha vida e a dos meus irmãos.

— Não é um sonho, querida, você e seus irmãos estão seguros.

Simon e Eleanor entram na casa que está tranquila e vão para o quarto, ele dispensa a criada da esposa, dizendo que ele mesmo vai cuidar dela. Assim que ficam sozinhos no quarto, Simon tira o paletó o jogando sobre uma cadeira, a gravata sai em seguida, enquanto ele observa Eleanor desmanchar o penteado.

— Você tem preferência? — Eleanor pergunta olhando para ele pelo espelho.

— Preferência?

— Sim, menino ou menina?

— Não, eu não tenho preferência. A única coisa que eu quero é ser um bom pai para os nossos filhos.

— Então se não tiver um filho para herdar seu título não vai se importar?

— Não. Como prometi, não serei como meu pai. A única coisa que importava para ele era um herdeiro, alguém digno para herdar o título e a fortuna. E foi justamente isso que fez com que ele me rejeitasse quando fiquei desfigurado.

— Seu pai foi um tolo. Você é um bom homem, Simon.

Eleanor se levanta e o abraça.

— Eu tento ser, ainda mais para merecer ficar com você.

— Merecendo ou não, eu sou sua.

Eleanor desce para o café da manhã ansiosa, após a noite em que praticamente não dormira, pois Simon não deixara, estava cansada, mas feliz. Ao entrar na sala de jantar, sua irmã, Daisy e James já estavam sentados.

— Como foi o baile? — Charlotte pergunta antes que ela possa se sentar.

— Foi maravilhoso, praticamente todos os convidados de lady Georgianna estavam presentes. Vocês teriam gostado.

— Mal posso esperar para que chegue minha vez na próxima temporada.

— Você será a sensação da temporada, Daisy, tanto você quanto Charlotte.

— Isso eu já não tenho certeza, minha irmã. Daisy e eu não somos em nada parecidas. Duvido que alguém se interesse por mim.

— Você é irmã de um conde e cunhada de um duque, seu dote deixado por seu pai é generoso, e o estou aumentando. Tenho certeza de que se sairá bem — Simon responde.

— Então terei todos os nobres falidos aos meus pés. — Charlotte ri.

— Se tiverem todos os dentes e os cabelos será uma vantagem — Daisy diz e as duas dão risadas, a amizade entre elas se formara rapidamente.

— Vocês duas encontrarão bons maridos. Terão a mim, lady Georgianna e a Condessa Benningfiel se ofereceu para ajudá-las ano que vem. Então tenho certeza de que se sairão bem — Eleanor diz sorrindo para as jovens. — Aproveitando o clima leve que estamos, gostaria de dizer algo.

— Está tudo bem? — Charlotte pergunta olhando atentamente para a irmã.

— Mais do que bem. Simon e eu teremos um bebê.

— Um bebê? — Daisy solta um grito nada elegante e se levanta para abraçar o irmão. — Vamos ter um bebezinho em casa.

Charlotte e Daisy gritam animadas sobre o sobrinho. James olha para o casal com um rostinho preocupado.

— O que foi, meu amor? — Eleanor se levanta e vai para o lado dele.

— Nada.

— Tem certeza?

— Eu vou atrapalhar quando o bebê nascer.

— Você jamais vai atrapalhar, James. Nós dois somos os homens da casa e você tem que me ajudar a cuidar dessas mulheres.

— Mas se for um menino...

— Ele ainda será muito pequeno para me ajudar. Você tem um lugar nessa casa, James, e não importa se Eleanor e eu tenhamos dez filhos homens. Você faz parte dessa família, é o meu cunhado e conto com sua ajuda.

— Está bem, eu vou ajudar. — James se arruma na cadeira ficando com uma postura igual a de Simon. — E como conde e responsável por Charlotte, tenho que ter certeza de que a minha irmã encontre um marido com todos os dentes — ele diz e todos dão risada.

— Obrigada, James, tenho certeza de que com você e Simon encontrarei um bom marido. — Charlotte abraça o irmão.

Simon sorri para Eleanor, que o agradece com o olhar, seu irmão era pequeno e havia perdido os pais, agora com a chegada de um novo membro na família, estava com medo de perder seu lugar. E Simon lhe dera justamente um propósito, algo para se agarrar, um lugar entre eles.



O silêncio pode ser considerado valioso, mas Simon estava agitado com o fato de que o tio de Eleanor não se manifestara desde o baile. A paz vivida por eles nas duas semanas após a festa o preocupava. Enquanto a família comemorava o fato da chegada de um novo membro, ele andava ansioso pela casa. Seus únicos minutos de sossego era quando tinha a esposa em seus braços e ele confirmava que tudo estava bem.

Muitas vezes após a calmaria vinha tempestade e era justamente isso que ele temia.

Não demorou muito para que ele tivesse a certeza de que Alfie dera alguns dias para que acreditassem que tudo estava resolvido e que ele não tentaria mais nada. Mas quando um recado chegou pela manhã solicitando que ele fosse imediatamente para a Câmara dos Lordes, ele soube que a paz chegara ao fim. Após encaminhar um recado solicitando que Riley e Thomas Wrigth fossem encontrá-lo entrou em sua carruagem rumo a reunião que poderia decidir não só sua vida, mas a de sua família também.

— Como está, Vossa Graça? — o conde de Pritchett pergunta o cumprimentando.

— Poderia estar melhor, não entendo como a Câmara dos Lordes acolheram as reclamações daquele homem.

— Ele tem se feito bastante exigente, soube que ele visitou diversos nobres procurando apoio para desfazer seu casamento.

— Meu casamento é oficial, minha esposa até mesmo está grávida, por isso não entendo o que há para se discutir.

— Espere alguns minutos, assim que todos chegarem podemos dar início a reunião.

Um a um, os nobres foram chegando e tomando seus lugares, Riley se senta ao seu lado com seu futuro sogro e conversam com Simon tentando tranquilizá-lo.

Quando por fim a reunião começa, Simon procura por Alfie, que está sentado do outro lado da sala com um olhar vitorioso.

— Chegou ao nosso conhecimento o pedido do Sr. Alfie Bartlett, sob a custódia de seus sobrinhos — Pritchett diz se levantando. — Contudo, o marquês Riley Callow nos apresentou documentos, incluindo entre eles o testamento do antigo conde de Greenwood, onde ele estipula que o primeiro homem a se casar com uma de suas filhas, se tornaria o tutor legal dos outros irmãos. No caso, o duque de Wenthworth se casou com lady Eleanor, e se tornou oficialmente tutor dos menores lady Charlotte e do atual conde de Greenwood, James. Mesmo sabendo do testamento e da vontade de seu irmão, o senhor insiste em brigar pela guarda dos menores, Sr. Bartlett?

— Eles são meus sobrinhos, minha única família. James deve ser criado por mim e não por esse homem.

— Esse homem é um duque respeitado — Riley diz se levantando.
— Ele se casou com lady Eleanor, não possui qualquer dívida ou necessita

de dinheiro. O que significa que seu interesse não tem nada a ver com a fortuna do conde.

— Eu só quero o bem-estar dos meus sobrinhos.

Simon olha para Alfie, que estava vermelho e esbravejando do outro lado da sala, agora tudo fazia sentido. Ele ficara em silêncio nas duas semanas, pois estava verificando que caminho poderia seguir a partir dali. Com o casamento dele com Eleanor se confirmando como oficial, sua única opção era apelar pelo lado da família.

— James — Simon diz baixinho e Riley olha para ele por sobre o ombro.

— O atual conde de Greenwood, do momento em que ficou sob sua custódia, até o dia em que se mudou para a casa do duque esteve doente. O médico que o atendeu até mesmo atestou que o menino estava sendo envenenado aos poucos. Lady Eleanor e lady Charlotte garantem que o senhor não permitia que chamassem um médico para atender o conde. Não me parece muito estranho, senhores, que misteriosamente um garoto de dez anos cheio de vida, aos poucos adoça, e que no caso de sua morte o único que herdaria o título seria o Sr. Bartlett?

— Está me acusando de tentar matar o garoto? Ele é da minha família, meu sobrinho! — Alfie grita se levantando.

— Controle-se, Bartlett — Coltrane diz com sua voz grossa se levantando. Simon olha para o conde de Benningfiel. Sua altura era impressionante, bem como seu olhar aguçado, ele sempre se mantinha em silêncio, mas não era segredo que de dentre todos os lordes presentes, ele poderia ser o mais impiedoso. — O marquês apresentou relatos de testemunhas e tenho certeza de que o médico aceitaria falar também, todos são categóricos ao dizer que o garoto teve uma melhora surpreendente desde que se mudou para a casa do duque. Agora não estou dizendo que o

senhor estava envenenando seu sobrinho. Mas se a melhora foi significativa, então não vejo o porquê de tirar o menino de onde está. O antigo conde determinou em seu testamento quem seria o responsável em sua morte. Então não há o que discutir aqui.

Simon olha agradecido para Coltrane, que se senta novamente. Os lordes na sala começam a cochichar entre eles.

— Acho que a decisão de Coltrane será levada em consideração. Ele é um nobre respeitado. E até mesmo a Câmara não pode ir contra um testamento, principalmente quando Charlotte e James estão muito melhor com você.

— Chegamos a uma conclusão então? — Pritchett pergunta. — Os a favores que os menores em questão permaneçam com o duque de Wentworth digam sim.

Os lordes ecoam a concordância deles como o entendimento de Coltrane, Simon se levanta e agradece a todos e sai da Câmara. Por mais que quisesse respirar aliviado, sentia uma pontada de preocupação. As palavras de Aiden não saíam de sua cabeça. A guerra não estava ganha e se alguma coisa acontecesse com ele, Alfie recuperaria a guarda de James e Charlotte, isso se não conseguisse colocar as mãos em Eleanor e seu filho por nascer.

Descendo rapidamente os degraus em frente a Câmara, Simon avista sua carruagem, pedira a seu cocheiro que não saísse dali, queria voltar assim que possível para casa. Ao colocar os pés no último degrau, um som alto praticamente estoura em seus ouvidos, uma fígada em seu ombro o derruba de costas sobre a grande escadaria. A visão do rosto de seu cocheiro e de Riley é a última coisa que ele vê antes da escuridão o engolir.



O som apressado dos cascos dos cavalos em frente à casa e gritos chamam atenção de Eleanor, que se levanta do sofá onde estava tomando chá com Charlotte e Daisy. Ela vai para a porta principal da casa, que se abre com tudo, e Riley entra com o cocheiro, entre eles está Simon desacordado.

— Simon? — ela grita tentando ir até ele, mas a Sra. Haylock a segura.

— Levem-no para o quarto. Temos que chamar o médico — a Sra. Haylock diz apressada.

— Mandeí um garoto de recados, daqui a pouco ele está aqui — Riley diz subindo as escadas.

Eleanor sobe apressada atrás deles com as duas garotas atrás dela, Daisy perguntando a todo instante o que aconteceu.

— Riley! — Eleanor grita assim que Simon é colocado em sua cama.

— Tudo o que eu sei é que ele levou um tiro saindo do Parlamento, ninguém viu quem foi.

A Sra. Haylock se adianta arrancando a camisa de Simon revelando o ferimento que imediatamente tenta estancar usando a camisa descartada.

— Onde ele está? — o médico pergunta entrando apressado no quarto e vai até a cama examinando Simon. — Sei que estão preocupadas, mas preciso que saiam do quarto, tem gente demais aqui.

— Ele é o meu marido.

— E vou cuidar dele, prometo que farei o meu melhor, mas preciso que saia do quarto.

Eleanor olha para Simon, que está desmaiado, e respira fundo.

— Não o deixe morrer.

— Eu não vou.

Puxando Charlotte e Daisy para fora do quarto, as três descem para a sala onde estavam.

— O que aconteceu, Eleanor? — Daisy tenta limpar as lágrimas do rosto.

— Está tudo bem? — James entra devagar na sala e se senta ao lado de Charlotte.

— Simon levou um tiro. — Eleanor olha pela janela tentando se controlar, não podia surtar, sua família dependia dela.

— Alguém tentou matar o Simon? — James pergunta preocupado.

— Por que alguém tentaria matar o meu irmão?

— Porque se ele morrer, teremos que voltar a morar com o nosso tio.

— Eleanor gira para olhar o irmão, suas palavras não poderiam estar mais corretas.

— Eleanor? — Lady Georgianna entra na sala e a puxa para um abraço, atrás dela entram Scarlett e lorde Thomas.

— Lorde Thomas, preciso do senhor. — Eleanor se afasta de lady Georgianna. — Acredito que tudo isso não passe de uma armação do meu tio. Ele é o único que teria interesse na morte do meu marido.

— Acredito que possa ter razão. Mas seria uma estupidez ainda mais logo após a sessão da Câmara, que estava decidindo sobre o testamento do seu pai. Mas faz sentido. Vou procurar a polícia agora mesmo e contar a nossa versão.

— Como o Simon está? — Scarlett puxa Eleanor para o sofá a obrigando a se sentar.

— Não sei, o médico me expulsou do quarto. Ele estava sangrando muito e desacordado. Estou com medo.

— Seu marido é forte e enfrentou coisa muito pior, ele vai ficar bem — lady Georgianna diz e vai acalmar Daisy.

Quase meia hora depois, Riley entra acompanhado do médico na sala.

— Consegui tirar a bala e parar a hemorragia. Felizmente nada vital foi atingido. Ele vai ficar bem. Se ele tiver febre ou passar mal, me avisem imediatamente.

— O senhor não vai ficar? — Eleanor se levanta e corre até o médico.

— Ele está bem, e eu moro perto, se precisar mande me chamar.

Eleanor concorda e observa o médico sair da sala, antes que alguém possa tentar impedi-la, ela corre para o quarto de Simon, precisa verificar com os próprios olhos que o marido está bem.

O quarto de Simon está com as cortinas fechadas e apenas algumas velas iluminam o recinto, ela entra devagar tentando não fazer barulho permitindo que ele descanse. Dando a volta na cama, ela se deita ao lado de Simon e coloca a mão sobre o seu peito, sentindo o coração bater.

— Simon? — ela sussurra o seu nome. — Não me deixe, por favor.

Apoiando a cabeça sobre o ombro bom de Simon, ela fecha os olhos, cuidaria dele durante toda a noite se fosse preciso.



A primeira coisa que Simon percebe ao recuperar a consciência é que seu ombro parece queimar, sua boca está seca e uma dor irradia pelo lado esquerdo. Por alguns segundos, sua cabeça volta na noite em que sua vida mudou e ele tenta gritar, mas uma doce voz chamando o seu nome o impede.

— Simon? Você acordou, meu amor?

— El... — ele diz com a voz rouca e tenta abrir os olhos.

— Eu estou aqui. — Eleanor beija os seus lábios secos repetidas vezes. — Eu estou com você.

— O qu... que...

— Shhh... descanse, querido, está tudo bem. — Os olhos de Simon piscam rapidamente até que ele consegue focar seu olhar em Eleanor, seu rosto está abatido e está cansada. — Você está bem, descanse.

Simon volta a fechar os olhos, aceitando a sugestão da esposa e volta a dormir rapidamente.

— Como ele está? — Eleanor se assusta ao sair do quarto e dar de frente com Aiden. — Eu soube o que aconteceu e vim direto para cá.

— Ele está fraco, o remédio o deixou um pouco desnortado, mas o médico disse que está bem. Só vou buscar um pouco de água para umedecer seus lábios que estão secos e volto para ficar com ele, não quero sair do seu lado.

— Eu vou pedir para a criada trazer a água, volte a ficar com ele. — Eleanor concorda e ao voltar para o quarto escuta o seu nome. — Eu prometo que vou tentar descobrir o que aconteceu, seja lá quem fez isso, não vai sair impune.

— Obrigada, Aiden.

— Tente descansar um pouco, você está com a aparência horrível.

— Nossa, obrigada, isso é tudo o que uma mulher quer ouvir.

— Uma vez que você é casada e minha amiga, não preciso flertar ou pensar em seus sentimentos. Posso ser completamente honesto. — Aiden pisca para ela sorrindo e vai para as escadas. — Vai dormir, Sra. Halsey.

Eleanor sorri com as brincadeiras de Aiden e obedientemente volta para a cama com Simon, nas poucas horas que tentara descansar ao lado dele estava preocupada demais para pegar no sono. Mas agora que ele despertara e parecia bem, dormir parecia tentador.



A noite só poderia ter sido considerada horrível, Simon tivera febre e Eleanor se alternava com a Sra. Haylock tentando esfriar seu corpo. Quando o dia começava a clarear, Simon finalmente adormecera tranquilamente sem seu corpo tremer devido a febre. Muito contrariada, Eleanor foi levada para o seu quarto para que descansasse um pouco. Depois do que parecia ter sido apenas alguns minutos, ela acorda e se arruma rapidamente decidida a voltar para o quarto de Simon.

— Simon? — ela sussurra ao entrar no quarto e encontrar o marido sentado apoiado em alguns travesseiros.

— Oi, meu amor. — Ele estica o braço para ela, que pula na cama o abraçando.

— Eu temi...

— Está tudo bem, eu estou bem agora. A Sra. Haylock trouxe um caldo para que eu tomasse, muito em breve estarei fora dessa cama.

— Você não pode me deixar, eu não... — Eleanor balança a cabeça e beija Simon. — Não posso ficar sem você.

— Isso não é uma opção, querida, estarei ao seu lado eternamente. Eu prometo. Agora quero que você desça e coma alguma coisa. Fui

informado que não cuidou de si mesma. Lembre-se de que carrega nosso filho e precisa cuidar dele também.

— Não tive cabeça para isso.

— Eu sei, mas agora eu estou bem e quero que você vá se cuidar. Já providenciei uma companhia para mim.

— E quem seria melhor do que eu para ficar com você? — Antes que Simon responda, a porta se abre e James entra com um criado que segura uma caixa.

— Achamos! — James grita animado.

— O que você achou? — Eleanor pergunta olhando curiosa para a caixa.

— Vou ensinar James a jogar xadrez. Ele ficará comigo durante toda a manhã. Então desça e se alimente e depois descanse um pouco.

— Não consigo mais dormir longe de você — ela diz sentindo o rosto esquentar.

— Então volte para cá logo em seguida e deite-se ao meu lado.

— Está bem.

Eleanor beija James na testa e o menino se senta na cama cruzando a perna, entre ele e Simon o tabuleiro é arrumado e seu marido começa a explicar as peças do jogo. Descendo com o coração um pouco mais aliviado, Eleanor vai diretamente para a cozinha assustando as criadas.

— Deseja alguma coisa, Vossa Graça? — uma delas pergunta fazendo uma reverência.

— Eu perdi o café da manhã, poderia preparar alguma coisa?

— Agora mesmo, se quiser ir para a sala eu levo sua refeição assim que estiver pronta.

— Obrigada. — Eleanor está para sair, mas gira novamente assustando novamente a criada. — Mil perdões, não pretendia assustá-la, é

que esqueci de dizer que o cheiro de frango tem me deixando enjoada, então se puderem evitar.

— É claro — a cozinheira diz se aproximando e entregando uma xícara para ela. — A última coisa que eu queria quando estava carregando meu filho era entrar na cozinha. Os cheiros eram horríveis, agora se a senhora for para a sala, levaremos sua refeição.

— Obrigada, mais tarde levem refrescos e biscoitos para o quarto do duque, ele e meu irmão estão jogando xadrez e provavelmente não verão a hora passar.

Depois de um café da manhã com torradas, ovos mexidos, e chá, já que foram as únicas coisas que conseguiu comer devido ao enjoo, Eleanor vai para o quarto de Simon, os dois continuavam entretidos no jogo, mudando o tabuleiro de lugar para que ficasse do seu lado esquerdo, Simon pede para James ir para o outro lado da cama, deixando assim o lado direito para Eleanor. Sem conseguir resistir, já que estava realmente cansada, ela se deita ao lado de Simon, que estica a mão para segurar a dela, que adormece rapidamente.

— É assim que um homem deve cuidar da esposa? — James pergunta olhando rapidamente para a irmã, que dorme profundamente.

— Você é um pouco novo demais para pensar nisso, não acha? — Simon pergunta tentando segurar o riso.

— Não tenho ninguém para perguntar essas coisas. — Ele dá de ombros e volta a olhar para o jogo.

— Eu estou aqui para isso, James, e tenho certeza de que Charlotte encontrará um bom homem, que também será seu amigo e assim como eu explicará tudo para você.

— Ficamos com medo.

— Imagino, mas nada vai acontecer comigo.

— Foi meu tio, não foi?

Simon suspira e olha para o garoto tão pequeno, apenas há pouco tempo que seu semblante começara a melhorar, não estava mais com um ar abatido, tinha um pouco mais de forças até mesmo para andar sozinho. Completamente diferente do menino desacordado que se agarrava ao pequeno fio de vida.

— Acredito que sim. Mas não vou deixar que ele faça nada contra vocês ou comigo. Sou um duque, James, e minha posição dispõe de muitos privilégios. Entre eles ser ouvido pelo Parlamento e pela polícia. Seu tio irá pagar não só por tentar me matar ou por tentar prejudicar suas irmãs, ele irá pagar principalmente por ter te envenenado aos poucos. Eu juro que ele não ficará impune.

— E depois?

— Depois o que você acha de irmos para o campo? Preciso ensinar meu cunhado, o conde de Greenwood, a andar a cavalo. Podemos pescar, o que acha?

— Acho que eu gostaria disso.

— Então é o que faremos. Tenho certeza de que ficará muito melhor no interior se alimentando corretamente e respirando ar puro. Quando estiver completamente recuperado, poderemos visitar suas terras e assim posso ajudá-lo a cuidar de tudo.

— Vai me ajudar a administrar tudo?

— Vou, porque um dia, meu caro conde, você será responsável por todo um condado, pelos arrendatários, e farei de tudo para que seja o melhor nessa posição.

— Obrigado. — O menino olha para irmã novamente e se levanta da cama. — Vou deixar que cuide de Eleanor agora. Ela cuidou de mim e de Charlotte por todo esse tempo, sabia?

— Eu sei. — Simon olha para a esposa. — Está na hora de alguém cuidar dela, não é verdade?

— Sim, e você é o melhor para fazer isso. Fico feliz por minha irmã ter se casado com você.

— Eu também fico.

O garoto fica em silêncio por alguns segundos e abre um sorriso travesso.

— Você precisa me ajudar a arrumar um marido com dentes para Charlotte, eu prometi para ela.

— Eu vou ajudar, não se preocupe.

Tão rápido quanto sua condição permite, James sai do quarto fechando a porta devagar, Simon se ajeita na cama e puxa Eleanor para os seus braços. Por mais que quisesse se levantar e garantir que Alfie pagasse pelo que fez, iria aproveitar um pouco o fato de que estava com sua esposa em seus braços. No dia seguinte, ele poderia cuidar dos assuntos mais complicados, para que finalmente pudesse cumprir sua promessa para James.



— Então ele foi preso? — Simon pergunta para Riley, dois dias depois de seu atentado, estava forte o suficiente para descer até a sala de visitas e receber seu amigo e sua noiva.

— Foi, todos ouviram o tiro, Coltrane na mesma hora ordenou que Bartlett fosse preso quando ficaram sabendo que levou um tiro. Ele disse que se havia alguém que desejaria sua morte, seria Bartlett. Ele foi levado sob custódia e interrogado. Enquanto você descansava, eu e Lorde Wrigth garantimos que ele seria condenado. As provas são mais do que suficientes para isso.

— Então finalmente acabou? — Eleanor estende a mão para segurar a do marido.

— Acabou. — Riley sorri. — Haverá um julgamento, mas não me preocupo com isso. Ele atentou contra a vida de um conde e de um duque. Chegou aos ouvidos da Rainha que o conde de Greenwood estava sendo envenenado, ela exigiu que Bartlett fosse condenado. Acho que depois disso, ele não tem como fugir de sua punição.

— Por que a Rainha iria se envolver? — Simon pergunta confuso e escuta uma risada ao seu lado. — O que eu não sei, Eleanor?

— Meu pai, apesar de ser um conde respeitado, tinha um grande talento para a música. Depois de ouvi-lo tocar em uma festa em que fora convidada, a Rainha por diversas vezes o convidou até a Corte para tocar especialmente para ela. Os dois acabaram se tornando amigos de certa forma. Recebemos uma carta de condolências da Rainha logo após a morte dos nossos pais, ela sentira profundamente a perda dele. Não estranho o fato de que ela se envolva.

— Essa amizade foi muito útil agora. Uma ordem da Rainha não se pode ser negada. Então a justiça e a Câmara dos Lordes não têm outra alternativa a não ser condená-lo. — Riley dá de ombros. — O que irão fazer agora? A temporada ainda está em alta, tenho certeza de que receberão vários convites.

— Se Eleanor desejar ficar, então ficaremos até o final da temporada. Caso contrário, gostaria de levar minha família para o campo.

— Acho que podemos ficar mais um pouco. Você e James estão se recuperando. E o casamento de Scarlett está próximo. Após a cerimônia podemos ir para o campo.

— Como preferir. — Simon dá um leve aperto na mão da esposa. — Ficamos até o casamento de Scarlett e Riley.

— Ainda bem que irá ficar, preciso de sua ajuda. Meu vestido de noiva parece um poodle gigante. Não tenho noção do que aquela modista fez.

— Annora é muito melhor do que a Sra. Flossen. Você deveria falar com ela — Charlotte comenta folheando seu livro.

— Acredito que talvez tenha razão. A modista não fez nada do que eu pedi. É capaz de Riley ter um ataque de risos quando eu entrar na

igreja.

— Jamais daria risada de você, minha querida.

— Você diz isso, porque não viu a catástrofe do meu vestido de noiva. Minha mãe está inconformada.

— Então vamos até o ateliê de Annora, ela fará um belo vestido de noiva.

— Mais uma cliente importante que a Sra. Flossen perde. — Charlotte ri e se levanta. — Posso acompanhá-las?

— Claro que sim, você também Daisy. — As meninas sobem para colocarem seus vestidos de passeio, enquanto Scarlett acompanha Eleanor até seu quarto.

— Acho que sobramos, James — Simon diz para o menino que estava sentado no chão com seu barco de madeira. — O que faremos?

— Alguma coisa de homem, nada de bobagens sobre vestidos e fitas.

— E se fôssemos ao alfaiate? Tenho que terminar de ver meu terno...

— Isso é bobagens de roupas. — James revira os olhos para Riley, que solta uma risada alta.

— Creio que algo mais de homem seja impróprio para você ainda, James. — Simon bagunça o cabelo do garoto.

— Eu sou um conde.

— Um conde de dez anos. Terá que esperar mais uns oito anos para finalmente fazer coisas de homens de verdade. — Riley sorri. — Mas já que quer fazer algo que não seja tão bobo, o que acha de irmos até a sua mansão e tomar posse dela? Agora que seu tio não vive mais lá, podemos fazer o que quiser com ela.

— Eu quero que a governanta seja mandada embora, ela trazia a sopa ruim para mim.

— Então temos uma missão de homens. — Simon se levanta. — Vamos despedir todos os criados que deseja e fazer o que você quiser com a mansão.

— Eu vou morar nela um dia?

— Assim que fizer dezoito anos, você toma posse de tudo. Então ela passa a ser a casa onde você pode morar. Claro que sempre terá um lugar aqui comigo e sua irmã.

— Acho que vou ficar com ela, foi lá que moramos a vida inteira. Tem memórias dos meus pais.

— Então vamos mantê-la.



Após uma tarde agitada, onde muitos dos criados foram mandados embora, e informar para os que ficaram, que a partir de agora James com apoio de Simon mandava na Mansão Bartlett, os dois voltaram para casa. Era quase noite quando finalmente entraram na Mansão Halsey.

— Deu tudo certo? — Eleanor pergunta saindo da sala de visitas.

— Sim, agora eu mando em tudo — James diz esfregando os olhos.

— Senhora Haylock, providencie um banho para o James e o seu jantar em seu quarto. Ele está cansado.

— Agora mesmo, Vossa Graça.

James sobe sem protestos com a governanta, enquanto Simon puxa Eleanor para os seus braços.

— Ele entrou de cabeça erguida na casa, reuniu todos os criados e mandou embora os que ele queria. Exigiu que tudo do seu tio fosse recolhido e enviado para a casa dele. Após pediu que a casa inteira fosse limpa, não queria nenhum vestígio de que Alfie um dia morou ali.

— Ele é tão pequeno.

— James pode ser pequeno, mas tem um coração enorme e, principalmente, já é ciente de suas funções. Ele sabia que Riley e eu estávamos com ele, e isso lhe deu forças para fazer valer sua posição. Ele será um grande conde um dia.

— Graças a você. Você salvou a vida dele, da minha irmã e a minha. Nem acredito que me ouviu aquele dia e concordou em se casar comigo.

— Eu achava que estava louca por querer se casar com um homem como eu, e principalmente que estava desesperada. Mas agradeço aos céus, por ter tido a coragem de falar comigo. Ganhei mais do que você imagina quando fiz de você minha esposa. E agora que não temos mais qualquer tipo de ameaças, ou preocupações com o dia de amanhã, vou fazer dos meus dias a missão de fazê-la feliz.

— Você já faz, Simon. Eu te amo.

— Eu também te amo, Eleanor. Você nem imagina o quanto.

Epílogo

Simon andava de um lado para o outro, tomara praticamente meia garrafa de conhaque, desde a hora que a Sra. Haylock avisara que Eleanor estava em trabalho de parto. A sala de visitas da Mansão Halsey estava praticamente cheia com seus amigos. Riley ria dele a cada resmungo que soltava. Não suportava saber que sua esposa estava no andar de cima sofrendo enquanto dava à luz.

— Ela vai ficar bem, Simon — lady Georgianna diz se levantando para ficar ao seu lado. Desde que ela praticamente se tornara oficialmente uma segunda mãe para Eleanor, passara a tratá-lo como seu filho também. — Eleanor é uma mulher forte.

— Eu sei, mas saber que ela está sofrendo por minha causa me deixa louco.

— Isso que é apenas o primeiro filho. — Charlotte ri de seu cunhado.

Um grito alto pôde ser ouvido, seguido do silêncio e um choro fraco.

— Nasceu. — Daisy enxuga uma lágrima. — Parabéns.

Simon recebe as felicitações de todos, enquanto sua vontade era de correr aquelas escadas até seu quarto e abraçar sua esposa. Scarlett entra

na sala com um grande sorriso e finalmente diz que ele pode subir. Ao entrar em seu quarto, Simon vai até a cama onde Eleanor segura um pequeno pacote.

— Você está bem? — Ele beija a testa de Eleanor, que abre um sorriso cansado.

— Estou, nós dois estamos bem. — Ela se remexe na cama e coloca o pequeno bebê nos braços de Simon. — Esse é o seu filho.

— Filho?

— Sim, tivemos um menino.

Simon olha para o rosto gordinho e vermelho do filho, seu peito parece que vai explodir com a emoção e o amor instantâneo pela pequena criança.

— Estive pensando. — Eleanor solta um bocejo involuntário e se ajeita sobre os travesseiros. — O que acha de Oliver? Oliver Halsey, futuro duque de Wentworth. — ela para de falar enquanto adormece.

Simon sorri para a esposa adormecida e beija a testa de seu filho. Quase um ano se passara desde que Eleanor entrara em sua vida. Muito mudara de sua rotina, principalmente o fato de que agora ele era um homem melhor, um homem que não temia mais sorrir. Levantando-se com o filho, ele caminha até a janela, o dia estava cedendo espaço para a noite, sua esposa estava dormindo calmamente e seu filho o olhava fixamente, como se tentasse entender quem era aquele homem que o segurava.

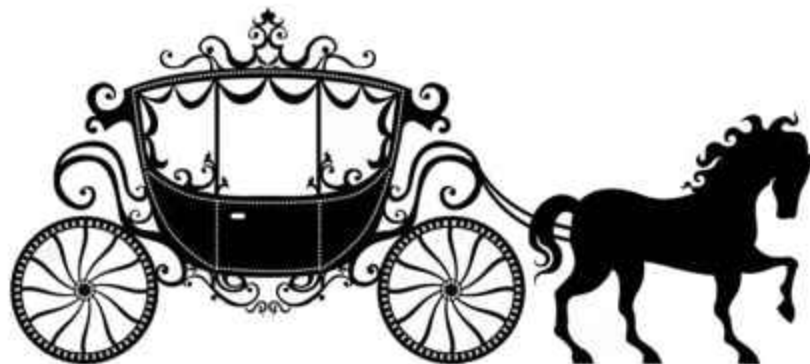
— Eu prometo que serei um bom pai, melhor do que o meu foi um dia. Darei-lhe tudo o que um futuro duque precisa. Mas, principalmente, darei tudo o que um menino precisa. Incluindo um pai amoroso, justo e sempre disponível para você. Seja bem-vindo, meu filho.

Parecendo concordar com suas palavras, Oliver fecha os olhos se entregando ao sono como sua mãe. Simon volta para a cama e beija a testa

de sua esposa. Eleanor trouxera alegria a sua vida. E ele era eternamente grato.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A NOIVA AMALDIÇOADA



A NOIVA AMALDIÇOADA

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 2

Prólogo

Tudo o que Katherina Threston sempre quis foi se casar, um ano antes obtivera sucesso, se não fosse o jovem marquês cair morto assim que saíam da igreja. Para evitar qualquer problema para a jovem noiva, seu pai providenciara a anulação do casamento, uma vez que ele não havia sido consumado. Após um ano, onde guardara luto por um tempo em memória do falecido noivo, Katherina se encontrava novamente na expectativa pelo casamento, que se realizaria no dia seguinte.

Carter Rodwell, futuro conde de Eglington, era completamente diferente de seu antigo noivo, ele possuía um charme cativante, era gentil, sabia dançar, a respeitava e principalmente não era esnobe. Os dois se conheceram na temporada londrina no ano anterior, mas já estava noiva. Depois da morte de seu marido, Carter se aproximara e com o tempo a cortejou com a permissão de seu cunhado Coltrane Eymer, conde Benningfiel, que assumira tanto a sua tutela quanto das irmãs mais novas, após a morte de seu pai por escarlatina; devastada com a perda do marido, sua mãe o seguiu poucos meses depois.

Coltrane era o tipo de homem que recebia o máximo de respeito possível. Ele era conhecido por ser implacável e sem coração, mas

Katherina sabia que não era verdade, por presenciar a forma como tratava sua irmã mais velha, Cornélia, com carinho e principalmente o filho recém-nascido deles.

Fora Coltrane então que permitira a corte de Carter, e dera sua mão em casamento. No dia seguinte, em uma linda capela no centro de Londres, Katherina se tornaria Katherina Rodwell, e começaria sua vida de casada como sempre sonhou.

— Não vejo a hora de ser a minha vez — Hester diz sorrindo para Katherina enquanto tomam um chá da tarde. — Daqui dois anos serei eu a debutar e conseguir um rapaz tão lindo quanto Carter e tão justo quanto Coltrane.

— Tenho certeza que conseguirá encontrar o que deseja — Cornélia diz e olha para a porta onde uma pequena agitação começa.

Coltrane entra a passos largos na sala da família e olha para Katherina, seus olhos parecem pegar fogo, seus lábios apertados em uma linha fina demonstram que as notícias não são boas.

— O que houve, Coltrane? — Cornélia se levanta e se aproxima do marido.

— A sessão do Parlamento foi interrompida, chegou uma péssima notícia. Eu vim diretamente para cá, porque queria ser eu a contar.

— O que de tão terrível poderia ter acontecido? — Cornélia pergunta se preocupando.

— Houve um acidente, os cavalos da carruagem que Carter estava perderam o controle e saíram em disparada. Eles atropelaram tudo o que viram pela frente, antes de caírem de uma ponte em um rio.

— Ele está bem? — Katherina se levanta. — Tenho que ir para a casa dele, devo ficar ao seu lado. O casamento deverá ser adiado caso sua

condição... — ela para de falar ao perceber que o cunhado esfrega o rosto.
— Ele está bem, não está?

— Infelizmente, querida, Carter não resistiu aos ferimentos. Ele foi traspassado por um pedaço da carruagem na queda.

— Carter está morto? — Katherina sente suas pernas falharem, Hester e Pippa, sua irmã mais nova, a seguram e a ajudam a se sentar. — Diz que é mentira, Coltrane.

— Bem que eu gostaria, Kathy, mas infelizmente Carter está morto.



Katherina observa o grande salão de baile, depois de dois anos reclusa sem frequentar saraus, bailes, festas e jantares importantes voltara ao agito da temporada apenas porque sua irmã Hester pedira. Ela não queria enfrentar a alta sociedade londrina sozinha, e mesmo que tentasse argumentar que sua companhia não seria útil na tentativa de encontrar um marido, Hester estava determinada a tê-la ao seu lado.

Ficar de lado em um salão lotado, ou sentada no canto das solteiras, era praticamente sua rotina de todos os bailes, a única vez que conseguira dançar foi por intermédio da duquesa de Wentworth, que lhe apresentara Aiden Lavelly, dono das lojas Lavelly. Katherina conhecia bem o lugar, ela e suas irmãs passeavam pela loja que possuía praticamente de tudo. Era ali que encontrava os materiais necessários para o seu passatempo. Sua única distração e seu único talento era a pintura. A casa de campo em Hampshire e a Mansão Eymer, em Londres, estavam praticamente lotadas de telas pintadas por ela.

Deixando seus olhos vagarem pelo salão, Katherina avista a condessa Henrietta Rodwell, mãe de Carter, seu noivo morto há dois anos em um acidente horrível. No tempo em que tirara para praticamente viver

reclusa se afastara de tudo, suas amigas estavam todas casadas, e se aproximar da família de Carter a machucava profundamente. A mulher ricamente vestida em um vestido de veludo preto, deveria ser sua sogra, ela a recebera de braços abertos ao que seria sua nova família. A última vez que vira Henrietta fora no enterro de Carter.

Soltando um suspiro, Katherina atravessa o salão de cabeça erguida, ela sabia que agora possuía uma fama de Noiva Amaldiçoada, as matronas da sociedade alertavam seus filhos para que ficassem longe dela, pois se tentassem se casar com Katherina teriam o mesmo destino de seus dois noivos anteriores.

— Condessa? — Katherina chama baixinho, a mulher olha para ela e abre um sorriso radiante e se levanta para abraçá-la.

— Como está, minha querida?

— Envergonhada por não ter a visitado antes.

— Não precisa sentir vergonha, você precisava de um tempo para se recuperar de sua perda. Eu sei como se sentiu após a morte de Carter, nós duas o amávamos.

— Como a senhora está? O conde está bem?

— Fergus está bem, foi difícil aceitar a morte de nosso único filho. Mas com o tempo a dor foi diminuindo. Lorcan tem ajudado bastante.

— Lorcan?

Katherina lembrava perfeitamente do único sobrinho e agora herdeiro do título. Lorcan e Carter se entendiam tão bem quanto era possível. Por diversas vezes, seu noivo dissera que se desentendera com o primo. Lorcan era ambicioso, gostava de esbanjar charme e dinheiro para todos os lados. A antiga rixa entre os primos começara quando eram ainda crianças e persistira até o dia da morte de Carter.

— Ele tem ficado ao lado de Fergus durante todo esse tempo. O tem ajudado com a propriedade e administrar os arrendatários. O rapaz sentiu a morte do primo, e se viu como o único que deveria assumir o cuidado com os pais de seu primo querido.

— Eu não diria tão querido assim — Katherina diz sem acreditar no que ouvia. — Carter e ele discutiam praticamente todas as vezes que se encontravam.

— Eu sei, mas acredito que ao ver Carter em um caixão, fez com que ele mudasse de atitude. Somos a única família que lhe resta. Como estão suas irmãs?

— Cornélia está esperando o segundo filho. Ela e Benningfiel, estão torcendo para que dessa vez venha uma menina. Ele disse que já tem seu herdeiro, então uma filha seria muito bem-vinda. O que eu não entendo, já que ele vive em uma casa cheia de mulheres.

— Deve ser exatamente por isso, ele sabe o quanto meninas são preciosas. Se não me engano, Hester está perto de debutar.

— Ela foi apresentada a Rainha esse ano, somente por isso voltei para os salões de bailes, porque queria minha companhia. O que foi um erro, Hester quase não recebeu convites para dançar, e sei que isso se deve a minha presença.

— Ah... — Henrietta pega a mão de Katherina e dá um tapinha tentando confortá-la. — Escutei as más-línguas a seu respeito, não dê ouvidos para essas matronas que não possuem nada para fazer a não ser difamar jovens damas. Você é linda, Katherina, tem um bom coração, meu filho a amava e eu sei que seria uma boa esposa para ele. O homem que se casar com você irá tirar a sorte grande.

— Um homem para se casar comigo terá que quebrar essa terrível maldição e não creio que algum desses homens nesse salão tem coragem

suficiente para se arriscar a um noivado comigo.

— Tenho certeza que encontrará alguém que não se importará com uma bobagem como uma “maldição”. Isso não existe, querida.

Após conversar mais um pouco com Henrietta, Katherina atravessa o salão para se encontrar com Cornélia. Mais um pouco e o jantar seria servido e eles poderiam ir embora.



Katherina, Hester e Cornélia passeiam pelos corredores da Lavelly's. Como precisava de algumas tintas e um novo pincel, convencera suas irmãs a acompanharem. Mesmo com uma barriga enorme praticamente no final da gravidez, Cornélia as acompanhava. Por serem jovens e solteiras, Katherina e Hester não poderiam andar pela cidade desacompanhadas.

— Precisam de mais alguma coisa? — Cornélia pergunta assim que descem a escada para o térreo. Elas passaram quase uma hora olhando todos os produtos.

— Apenas os pãezinhos doces — Hester diz com os olhos brilhando.

— Não tenha dúvidas, minha irmã, que compraremos os pãezinhos.

Katherina se diverte com a resposta de Cornélia, desde que experimentara o pão doce da Lavelly's, não saía dali sem comprar alguns para levar para casa. Enquanto tenta se concentrar na conversa das irmãs ao seu lado, sua cabeça gira com as imagens que gostaria de pintar quando chegassem em casa, comprara um lindo tom de azul que poderia mesclar criando um grande mar na tela, que estava em seu cavalete esperando por um pouco de cor. Por causa de sua distração, não percebe que pisa em falso, seu corpo começa a cair e a única coisa que poderia se agarrar é em Cornélia, mas temendo levar sua irmã junto, ela leva as mãos para frente para tentar amortecer a queda da escada.

— Kathy! — Hester grita tentando segurá-la sem sucesso.

O corpo de Katherina se choca no chão frio, seu tornozelo parece queimar devido a torção ao tentar evitar a queda.

— Você está bem? — Cornélia pergunta preocupada, por causa da barriga não poderia se abaixar ao lado de Katherina.

— Meu tornozelo está doendo.

Ao lado delas uma grande multidão começa a se formar, algumas pessoas se afastam abrindo caminho para um homem alto, com os cabelos loiros levemente encaracolados, ele se abaixa ao seu lado e Katherina precisa se concentrar no que ele diz:

— Está bem, Srta. Threston?

— Acho que machuquei o tornozelo.

Aiden Lavelly olha para o pé dela demonstrando certa preocupação, ele pede para um dos funcionários chamar um médico e se vira para ela novamente.

— Vou levá-la para o meu escritório, o médico já está a caminho, depois que ele der uma olhada em seu estado a ajudarei a ir para casa. Permita-me. — Gentilmente Lavelly a levanta em seus braços e sobe a escada sem qualquer esforço. Atrás dele suas irmãs os acompanham.

Lavelly entra em um escritório minimamente mobiliado; se não fosse a mesa, duas cadeiras e um sofá, a sala estaria praticamente vazia. Ele a coloca com cuidado no sofá e se afasta.

— Acredito que o melhor seja tirar o sapato e a meia dela. Vou pedir para que levem sua carruagem para os fundos, será mais fácil na hora de irem embora.

— Obrigada, Sr. Lavelly — Cornélia o agradece e pede para Hester tirar o sapato e a meia de Katherina assim que elas ficam sozinhas.

— Acho que a maldição decidiu que eu devo ser a próxima vítima — Katherina tenta brincar, mas recebe um olhar de desaprovação da irmã mais velha.

— Não brinque com isso, Kathy. O que seria de mim nos salões de bailes com aquelas matronas rabugentas? — Hester pergunta enrolando a meia e a colocando no sapato que havia tirado.

Uma batida leve, mas determinada na porta as alerta de que alguém vai entrar, Lavelly indica para que o médico entre, ele vai até Katherina e a examina com atenção.

— A carruagem já está nos fundos da loja. Se precisarem de mais alguma coisa, por favor, me avisem.

— Obrigada pela gentileza, Sr. Lavelly — Cornélia agradece educadamente.

— Não há nada quebrado, apenas uma torção. Deve descansar por alguns dias com o pé para cima. Vou lhe dar um pouco de láudano para a dor. Se não abusar muito, em pouco tempo estará de pé novamente — o médico diz para Katherina e entrega um pequeno frasco para Cornélia. — Se a dor persistir, me chamem novamente.

Após o médico ir embora, Aiden se oferece para carregar Katherina até a carruagem, seria necessário descer outra escada e ele não queria que ela se machucasse novamente.

Ao estar novamente nos braços de Lavelly, Katherina sente o seu perfume, almíscar misturado com algo um pouco mais forte. É inebriante e ao mesmo tempo perturbador, ela parecia não pensar corretamente enquanto estava em seus braços. O peito firme dele parecia uma rocha, os braços fortes a sustentavam sem qualquer esforço. De tão perto era possível observar os seus olhos claros como dois rios, o leve sorriso sempre presente em seu rosto era ainda mais conquistador.

— Obrigada e desculpe pelo trabalho.

— Trabalho algum, Srta. Threston, espero que se recupere rapidamente.

— Se depender de Cornélia ficarei de cama por duas semanas — ela suspira e escuta uma risada baixa, o peito de Lately treme levemente enquanto ele ri.

— Ela é uma irmã mais velha, não tenho dúvidas que a vigiará como um falcão para garantir que descanse.

— Não poderia estar mais coberto de razão.

Lately ajuda Katherina entrar na carruagem e oferece sua mão para que as irmãs entrem logo atrás. Enquanto a carruagem se afasta, ele a segue com o olhar. Desde que fora apresentado para Katherina por Eleanor, não conseguira tirar os olhos da jovem dama, ela era linda, possuía um belo sorriso, mesmo que seus olhos passassem um pouco de dor e sofrimento. Após a dança ele ouvira sobre sua história, sobre como os seus dois noivos morreram precocemente, lhe causando um terrível apelido de A Noiva Amaldiçoada. Ele não achava certo que a rotulassem com algo tão depreciativo.

Ao voltar para o seu escritório, determinado a trabalhar um pouco e tirar a bela moça de sua cabeça, percebe um delicado sapato com uma meia dentro e algumas sacolas esquecidas. Katherina e suas irmãs haviam esquecido suas compras para trás. Seu desejo de esquecê-la some ao perceber que agora seria obrigado a visitá-la e levar suas sacolas.

Com um sorriso de orelha a orelha, Lately junta as coisas esquecidas e leva para sua mesa, o destino lhe dera um motivo perfeito para visitar Katherina, e se o queria os dois se encontrassem novamente, quem seria ele para dizer não?



— Só você mesmo para conseguir cair de uma escada em uma loja lotada — Pippa diz segurando a barriga de tanto rir.

As irmãs Threston são em quatro, sendo que Pippa, a caçula, perto de completar quinze anos, era paparicada pelas irmãs mais velhas, já que era ainda muito nova e praticamente passado três anos das mortes dos pais ela quase já não se lembrava mais deles.

— Você fala como se eu tivesse a intenção de rolar pela escada. Cornélia e Hester são as culpadas.

— Posso saber, em nome de Deus, como sou culpada? Eu nem mesmo te empurrei — Cornélia pergunta indignada.

— Vocês duas estavam falando demais, e quando comecei a cair a única coisa que poderia me agarrar era em você, e para evitar de levá-la junto, caí sozinha. Então você tem culpa.

Pippa volta a rir enquanto Cornélia balança a cabeça pela provocação da irmã. Depois de passar o resto da tarde e à noite deitada na cama, Katherina praticamente implorara para descer e ficar na sala no dia seguinte.

— Com licença, Lady Benningfiel, um senhor deseja fazer uma visita — Gibbons, o mordomo diz ao entrar na sala.

— Quem seria?

— Ele diz se chamar Aiden Lavelly.

— O que o Sr. Lavelly está fazendo aqui? — Hester pergunta se arrumando no sofá, onde estava praticamente deitada lendo um livro.

— Vamos ter que convidá-lo a entrar para descobrir. Traga-o aqui, Sr. Gibbons. — O mordomo faz uma reverência e não demora muito para que Lavelly entre na sala.

— Bom dia, desculpem vir a essa hora, mas é que, à tarde, terei algumas reuniões. — Lavelly se aproxima e cumprimenta a todas.

— Essa é Pippa, minha irmã mais nova — Cornélia apresenta.

— É um prazer. — Ele sorri para Pippa. — Acredito, Lady Benningfiel, que isso seja de vocês — diz levantando as sacolas.

— Por Deus, eu nem mesmo me lembrava das nossas compras.

— É compreensível, saíram preocupadas com a senhorita Threston. — Virando-se para Katherina, ele se aproxima um pouco, depois de deixar as sacolas com uma criada. — Como está?

— Um pouco melhor, o inchaço começou a diminuir, e já não dói tanto.

— Fico feliz em saber.

— Por favor, Sr. Lavelly, sente para tomar um chá. Se não estiver com pressa, é claro — Cornélia convida, Katherina sempre invejara a irmã, que conseguia ser a anfitriã perfeita.

— Obrigado pelo convite.

Sentando-se em uma poltrona perto de Katherina, Lavelly olha para a sala que possuía um ou dois quadros adornando lindamente o ambiente.

— Lady Benningfiel, perdoe a minha intromissão, mas quem é o artista? — Ele aponta para o quadro sobre a lareira. — Essas telas são lindas, percebi algumas assim que entrei em sua casa, e vejo que todas possuem a mesma assinatura.

— Khaty é quem pintou todos — Pippa entrega a irmã, que fica sem graça.

— Você pintou essas telas? — Lavelly pergunta sem acreditar. — A senhorita tem um grande talento.

— Obrigada.

— Já pensou em vender os seus quadros?

— Quem iria querer comprar esses desenhos?

— Todos que virem as telas — Cornélia responde por ele. — Já incentivamos a Kathy de vender alguns quadros, Benningfiel até mesmo se oferecera em procurar alguma galeria, mas ela sempre se recusa. Diz que não tem tanto talento assim.

— Você é a talentosa da família, Cornélia, não eu.

— Querida, eu apenas toco o piano, você consegue retratar sentimentos nas telas.

— Senhorita Threston, aceitaria fazer um experimento? — Lavelly pergunta com os olhos brilhando. Uma coisa que ele sempre teve talento, era identificar algo que desse dinheiro, e esses quadros valiam muito para ficarem escondidos. — Levo alguns quadros para a minha loja e os coloco à venda, assim saberá se as pessoas comprariam ou não.

— E quanto ela ganharia pelas vendas? — Hester pergunta interessada.

— Eu fico com 20% e o restante será dela. Mas uma vez que percebo que a Srta. Threston não acredita em seu talento, eu mesmo colocarei os valores nas telas.

— Que telas gostaria de enviar, Kathy? — Cornélia pergunta com um sorriso, pela primeira vez sua irmã teria o devido reconhecimento.

— Eu não sei.

— Por que as suas irmãs não escolhem algumas telas? — Lately sugere.

— Eu posso fazer isso. — Pippa se levanta rapidamente e puxa Hester.

— Quantos quadros você possui prontos? — Lately pergunta e escuta uma risada de Cornélia.

— Só em Hampshire, acredito que tenham por volta de umas quinhentas telas, Kathy leva em média de dois a três dias em cada tela. Então temos muitas para vender.

Não demora muito Pippa, Hester e um criado entram na sala com alguns quadros. Lately se levanta e pega as telas com cuidado, o talento de Katherina era nítido, ele poderia ser apenas um homem comum, não ser letrado em artes, mas sabia reconhecer talento, e ela tinha de monte.

— São lindos — Lately diz sem conseguir tirar os olhos das telas.

Katherina observa suas irmãs levantarem as telas dizendo que cada uma deveria ser vendida por um valor praticamente exorbitante. Quando uma tela específica é mostrada para Lately, o coração de Katherina bate mais rápido.

— Essa não! — ela grita tentando se levantar e assusta a todos.

A tela escura com a paisagem de um campo aberto com uma árvore pegando fogo no centro, por ser atingida por um raio, era uma de suas telas mais importantes, havia um significado por trás e ela jamais conseguiria se desfazer daquele quadro.

— Pippa, leve esse quadro de volta — Cornélia pede e se senta ao lado de Katherina, que não desvia os olhos da tela. — Existe alguma outra

tela que não queira se desfazer?

— Das que trouxeram apenas essa.

— Está bem, ela vai voltar para o quarto de pintura. Mais tarde podemos nos sentar e repassar cada um dos quadros e você pode dizer o que quer vender ou não.

— Você fala como se meus quadros fossem vender rapidamente.

— Eu não tenho dúvidas de que isso irá acontecer — Lately responde e indica cinco telas separadas. — Vou levar essas cinco hoje e prometo que assim que vendê-las informarei. Acredito que até o final do dia terei muitas encomendas.

— O senhor está sendo muito gentil.

— Estou sendo apenas realista. E como um bom empresário, devo salientar que uma vez que eu estou incentivando esse talento, espero que os próximos sejam vendidos em minha loja.

— Não deveria falar comigo sobre isso? — Coltrane pergunta entrando na sala, Lately estica a mão se apresentando. — Eu sei quem você é. Então vai levar os quadros de Katherina para vender em sua loja?

— Exato, ela concordou em fazer uma experiência. Se desejar, podemos fazer um contrato de venda exclusiva.

Coltrane observa Lately por alguns segundos e balança a cabeça.

— Me informe por quanto vendeu os quadros, se eu acreditar realmente que obtive sucesso em divulgar essas telas, poderemos negociar.

— Obrigado. Se me dão licença, vou para a loja, quero arrumar um lugar de destaque para os quadros.

Ao sair da mansão Benningfiel, Aiden sentia ter um tesouro em suas mãos, as telas eram incríveis, ele sabia que as venderia rapidamente, mas uma em específico ele mesmo seria o comprador. O belo alazão preto

empinado em duas patas, com um belo pôr do sol atrás, era espetacular. Ele colocaria aquela tela em seu escritório.



Quase no final do dia, um mensageiro bate na porta da mansão enquanto eles se preparam para jantar, o mordomo se aproxima com um bilhete e entrega para Coltrane, que o lê concentrado enquanto as mulheres a sua volta o observam. Ele estende o bilhete para Katherina e gesticula com a cabeça, tomando a mão da esposa ele vai para a sala de jantar. Katherina olha para o pequeno recado e sente seu coração bater mais rápido.

Todos os quadros foram vendidos, tenho uma encomenda para mais seis. Quando posso buscá-los?

Lavelly



Aiden jamais se sentira tão animado por um negócio em sua vida, como estava agora com os quadros que Katherina pintara. Assim que colocara as quatro telas à venda, em menos de meia hora todos estavam vendidos e já possuía encomendas para outros. A quinta tela, estava em sua sala, ele mesmo comprara, pois não conseguia tirar os olhos da pintura.

Na manhã seguinte, após cuidar de alguns assuntos, decide fazer uma visita para Katherina, não só para pegar as telas encomendadas, mas também para lhe pagar a primeira parte das vendas. Ao decidir os preços, levava em conta o tamanho da tela e a simplicidade da pintura. Ele sabia que provavelmente Katherina possuía quadros muito mais elaborados, como o que ela se recusara a vender.

Após se anunciar para o mordomo da casa, ele espera por alguns segundos até ser levado novamente para a sala de visitas; para sua surpresa, o conde Benningfiel estava presente.

— Veio buscar as telas? — Coltrane se levanta tomando a palavra.

— Sim, mas também para entregar o dinheiro da venda de ontem. As telas ficaram expostas por exatos trinta minutos antes de serem vendidas.

Meus funcionários tiveram que controlar alguns compradores chateados porque não havia outros quadros. — Aiden sorri para Katherina, que está com os olhos brilhando. — Suas irmãs tinham razão, seus quadros são um sucesso. E eu gostaria de continuar a vendê-los.

— Coltrane? — Katherina pergunta para o cunhado, que olha o envelope com o dinheiro.

— Vamos até o meu escritório, Lately.

Pedindo licença para as senhoras, ele acompanha o conde até o seu escritório. Depois de Benningfiel lhe servir um cálice de conhaque, ele se senta à sua frente.

— Ela é muito talentosa.

— Se acha isso vendo os quadros de agora, deveria ver os que ela pintou aos seis anos de idade. Katherina sempre possuiu o talento para a arte. Meu sogro a incentivava a pintar, em seus últimos dias me chamou em seu quarto e praticamente me obrigou a cuidar de suas filhas – como se eu já não fosse fazer isso –, mas também exigiu que eu permitisse que as meninas mantivessem seus sonhos e hobbies. Enquanto Katherina pinta lindamente, Hester possui uma voz de anjo ao cantar, já Pippa apesar de tão pouca idade pode entalhar em madeira o que ela quiser, meu sogro a ensinou quando ela era menor e, apesar de quase não se lembrar mais dos pais, o seu dom permanece. Como o chefe dessa família, Lately, quero que saiba que minha prioridade é o bem-estar de minhas cunhadas. Sei que elas vão se casar e seus maridos assumirão essa tarefa, mas até lá, sou eu quem decide.

— Eu jamais tentaria enganar, Katherina, tanto que juntamente com o dinheiro está a lista com os valores dos quadros vendidos, quanto foi a minha parte retirada e o total devido a ela. Se achar que os preços estipulados não foram justos, podemos entrar em um acordo nos próximos.

Benningfiel abre a lista e lê atentamente os valores, Lately tinha razão, ele especificara qual o quadro e quanto cobrara por eles. Os valores eram justos, ou talvez até maiores do que poderia ter imaginado.

— Qual foi a sua base para estipular o valor?

— Tamanho da tela e complexidade da pintura. As que possuíam mais cores e mais detalhes foram vendidas por um preço maior.

— Por mais que eu quisesse encontrar algo errado, tenho que concordar que foi justo nos valores. Esse dinheiro será guardado para que Katherina faça o que bem entender com ele. Acredito que lhe será muito útil em alguns meses, assim que a temporada acabar. Ela poderá ter seu próprio sustento sem depender de ter que trabalhar como uma acompanhante como deseja.

— Acompanhante? E por que a cunhada de um conde iria querer trabalhar como acompanhante? — Lately pergunta indignado e teme ter passado dos limites quando Benningfiel fecha a cara.

— O senhor deve ter ouvido sobre as fofocas que correm por Londres a respeito de minha cunhada.

— Que ela é amaldiçoada? — Lately dá uma risada seca. — Me desculpe, mas acho tudo isso uma grande baboseira.

— Concordo com você. Mas essa baboseira tem influenciado a vida de Katherina; como deve imaginar, as matronas não permitem que seus filhos a cortejem, ela nem ao menos recebe um convite para dançar. O seu foi o único. Katherina acredita que jamais se casará, e está determinada a não viver sob minha proteção para o resto da vida. Então está decidida que se não se casar nessa temporada, irá procurar uma vaga de acompanhante ou preceptora, assim poderá se sustentar. Agora que seus quadros finalmente estão à venda, poderá se sustentar sozinha e fazer a única coisa que realmente ama: pintar.

— Justamente por coisas assim que dou graças a Deus por não ser um nobre. Não é preciso dar satisfação da minha vida para a alta sociedade. Uma moça tão bela e cheia de vida, não deveria ser rotulada por um infortúnio que aconteceu anos atrás.

— Infelizmente é o mundo em que ela nasceu e cresceu. Enquanto as pessoas não a verem como mais do que apenas as mortes de seus noivos, ela jamais será completamente feliz. Por isso, Lavelly, estarei de olho em tudo o que se relaciona a venda dessas telas. Vou proteger Katherina o máximo que for possível, se ela realmente desistir de encontrar um marido e quiser morar sozinha, vou continuar olhando por ela.

— Não espero menos de você.

— Vou pedir para que os meus advogados redijam um contrato de parceria entre vocês dois. Assim que estiver tudo pronto mando chamá-lo.

— Obrigado, agora se me dá licença, tenho alguns quadros para pegar.



— Juro que não consigo acreditar que venderam tão rápido — Katherina diz andando lentamente ao seu lado tentando não forçar o tornozelo machucado.

— Eu imaginava. — Ele sorri e abre a porta que ela indica.

O quarto que ela e suas irmãs chamavam de quarto de pinturas estava repleto de telas, nas paredes alguns estavam pendurados, outros no chão separados pelo que ele imaginava ser por tipo.

— Parece uma loucura, não é? — Katherina se senta em uma poltrona no centro do quarto e olha em volta sem graça. — Por incrível que pareça existe um padrão nessa bagunça.

— Percebi assim que entrei — Ele vai para uma fila de quadros e rapidamente entende o padrão, ela separava por paisagem, animais, flores. Cada tela agrupada por tipo. — Esses na parede são lindos — diz notando que o quadro do dia anterior, que ela se recusara a vender, estava pendurado.

— Ontem minhas irmãs e eu viemos para o quarto e separamos tudo. Os que estão pendurados nas paredes não estão à venda. Então pode escolher o que quiser dos que estão no chão, menos os que estão na parede oposta, eles não secaram ainda, acredito que na semana que vem ou na outra já estejam prontos para venda.

— Senhorita Threston, é um crime que esses quadros estejam nesse quarto. Eles deveriam estar expostos em alguma galeria.

— Nunca tive intenção de vendê-los. Alguns dou de presente, outros Cornélia escolhe para enfeitar a casa. Meus quadros variam muito de acordo com o meu humor, se estou estressada ou chateada venho para cá e fico horas pintando até me acalmar, mas também quando estou tão feliz acabo pintando também.

— Eu diria que os com cores escuras e um pouco mais sombrios são pintados quando seu humor não está bom?

— Exato. — Ela sorri e arregala os olhos quando ele se senta ao seu lado. Os dois estavam sozinhos, mesmo que a porta do quarto estivesse aberta, não era de bom tom que ficassem tão próximos.

— Posso ter a ousadia de perguntar o que aquele quadro significa e por que não está à venda? — Ele aponta para o quadro da árvore pegando fogo ao ser atingida por um raio.

— Minha irmã perguntou a mesma coisa ontem e nem mesmo para ela, a quem confio todos os meus segredos contei, o que o leva acreditar que contaria para o senhor?

— Não custava nada tentar. — Ele pisca para ela e se levanta separando alguns quadros. — Vou arrumar a loja para que tenha uma seção apenas para os quadros, assim podemos levar mais deles para lá. Se eles venderem tão rápido quanto ontem, em duas semanas esse quarto estará vazio.

— Impossível, Sr. Lavelly, aproveitamos a arrumação de ontem para contar. São 487 quadros disponíveis para venda. — Ela ri gesticulando para o grande quarto.

Coltrane o reformara para que fosse o lugar de pintura exclusivo de Katherina, os únicos móveis eram a poltrona de dois lugares, uma cadeira em frente ao cavalete onde apoiava suas telas, uma mesinha lateral para apoio das tintas, um armário onde guardava os vidros de tintas e uma mesa de preparação para as telas. Fora isso ele era disposto com as filas e filas de quadros.

— Acredito, Srta. Threston, que sua presença em minha loja será necessária, assim que ver com seus próprios olhos que houve briga pelos quadros, concordará comigo que são poucos.

— Vamos pedir para que tragam os que estão em Hampshire — Cornélia diz ao entrar no quarto e se sentar ao lado de Katherina. — Coltrane já enviou um mensageiro, os empregados irão armazenar corretamente os quadros e os enviar para cá.

— Vocês três estão loucos — Katherina ri balançando a cabeça e se levanta; ao lado da janela, ela procura por um quadro específico e entrega para Lavelly. — Esse é o meu presente para o senhor, por acreditar em mim e estar disposto a vender minhas telas.

Lavelly observa a tela, era o contorno de alguns prédios, com um pôr do sol praticamente se findando, dando lugar à noite. Leva alguns segundos para que ele perceba que é a retratação do centro de Londres.

— Obrigado, esse quadro terá um lugar especial na minha casa.

Katherina lhe brinda com um lindo sorriso e Lavelly se pega imaginando o que mais poderia fazer para receber outros sorrisos como aquele.



Ao voltar para loja, Aiden solicita que seus funcionários preparem um setor especial para os quadros, eles seriam pendurados para ficar em exposição, enquanto isso seu gerente, com sua ajuda, estipularia o preço de cada um. Ao total trouxera vinte e seis quadros, incluindo as encomendas do dia anterior. Após conversar com seu gerente, Lately volta para o andar de baixo. Sua equipe decidira usar o lado direito da loja que ficava alguns itens de pesca, que poderiam ser redirecionados para outro local, para usarem o espaço, o lugar era perfeito, já que quem entrasse daria de frente com as telas.

— Fazendo mudanças? — Simon Halsey, duque de Wentworth, pergunta parando ao seu lado. Os dois acabaram se tornando amigos depois que Aiden conhecera Eleanor, sua esposa, um dia na loja, e descobrira que Simon, mesmo possuindo um título, ainda assim era rejeitado pela alta sociedade.

— Vamos abrir um setor novo na loja, descobri uma pintora que faz telas maravilhosas. Ontem trouxe algumas para um teste e venderam todas na mesma hora. O que devo a honra da sua visita?

— Eleanor pediu que eu viesse e trouxesse um convite.

— Vamos até a minha sala, assim podemos conversar.

Aiden sobe com Simon, durante o pequeno percurso é possível notar os olhares para o rosto do duque, ele sabe que provavelmente isso o incomoda, mas mesmo assim recebe cada olhar e cada sussurro em silêncio. O que Aiden não acreditava que pudesse aceitar tranquilamente.

— E então? Qual o convite? — Aiden se senta em sua cadeira atrás da mesa enquanto Simon parece concentrado na pintura do cavalo. — Essa é uma das pinturas da minha nova parceira de negócios.

— É impressionante, parece tão real.

— Precisa ver os outros quadros. Teremos vinte telas à venda no primeiro momento, enquanto ela separa as restantes.

— Vou trazer, Eleanor, para que possa escolher. — Simon se senta. — No próximo sábado daremos uma pequena festa em casa para comemorar o aniversário de onze anos do James. Devido a tudo que ele enfrentou nos últimos anos, Eleanor não quer deixar passar em branco. Ela pediu que eu o convidasse.

— Obrigado pelo convite, estarei lá.

— Se quiser levar alguém... — Simon diz e dá de ombros. — Ela disse que pode convidar uma acompanhante.

— Não tenho acompanhante, mas acredito que o ideal seria ter outras crianças na festa.

— Não conhecemos muitas.

Aiden olha para o quadro em sua parede e sorri.

— A pintora dos quadros tem uma irmã de quinze anos e um sobrinho pequeno. Posso convidá-los?

— Quem é essa pintora tão incrível que parece ter lhe conquistado?
— Simon pergunta sarcástico, ele percebera que Aiden não parecia poupar elogios para a pintora.

— Lady Katherina Threston.

— A amaldiçoada?

— Ela não é amaldiçoada, não entendo como as pessoas tem coragem de chamar assim.

— Não sou alguém para julgar, mas já ouvi algumas histórias sobre ela. São inúmeras, até mesmo ouvi dizer que ela suga a alma dos noivos.

— Aiden olha para Simon sem acreditar.

— Realmente falam isso?

— Falam. Mas acho que tudo não passe de exagero. Convide Lady Threston e a família. Eleanor quer a casa lotada e, como você sabe, não temos tantos amigos assim para convidar. Eles serão bem-vindos.

— Repassarei o convite. Precisam de alguma coisa da loja?

— Não, lady Georgianna está ajudando a arrumar tudo. Com ela e Eleanor cuidando da festa, tenho certeza de que não faltará nada. Só a sua presença será o suficiente.

— Agradeça a duquesa pelo convite — Aiden se despede de Simon e volta a sua mesa para trabalhar.

No final do dia, por mais que quisesse fazer uma visita para Katherina e contar sobre as novas vendas, Aiden sabia que provavelmente não seria bem recebido, já que seria a terceira visita em três dias. Benningfiel provavelmente o expulsaria de lá, já que para a aristocracia, as aparências e regras de etiqueta eram tudo.

Então ele caminha até sua casa, um sobrado a dois quarteirões de distância de sua loja. Quando conseguira dinheiro suficiente, ou poderia dizer, mais do que suficiente, comprara a casa que sempre desejara desde que abriu a Lavelly's.

Ao entrar em casa, sua criada o recebe avisando que o jantar em breve seria servido, ele agradece e vai para a sala se servir de uma taça de

conhaque. Os momentos em que chegava em uma casa vazia, sem ninguém o esperando passara a incomodar. Desejava uma mulher, alguém com quem dividir tudo o que conquistou no decorrer dos anos.

Mas não era fácil para alguém, ainda mais depois de passar a desejar justamente a única que não poderia querer. Katherina era filha de um nobre, pertencia a aristocracia, jamais se casaria com um homem sem berço. Alguém que trabalhou desde os nove anos para não morrer de fome.

Aiden caminha até o centro da sala e olha para a cornija da lareira, onde um dos quadros de Katherina estava pendurado. Ele não resistira a comprar a tela onde o perfil de uma bela jovem estava sombreado; no momento em que colocara os olhos na imagem reconhecera Katherina. Ela desenhara o próprio rosto, era um pouco mais jovem que da atualidade, mas ainda assim ele a reconheceria.

Ele reconheceria Katherina de qualquer forma que estivesse.



— Parece tudo uma loucura, meus quadros em uma grande loja sendo vendidos e as pessoas realmente comprando — Katherina diz durante o jantar e recebe um sorriso de sua irmã mais velha.

— E por que parece loucura? Você é talentosa, sempre dissemos isso. Fico feliz que finalmente alguém reconheceu seu talento e esteja disposto a mostrá-lo para o mundo. Se dependesse de você, os quadros ainda estariam escondidos.

— Porque eu não acredito que sejam tão bons assim. Tudo bem que alguns são lindos. O Sr. Lavelly enviou uma mensagem, os quadros que levou hoje estão praticamente todos vendidos.

— Ele me enviou um relatório preliminar das vendas — Coltrane diz. — Você, minha querida cunhada, vai se tornar uma mulher muito rica. Diria que não vai precisar de minha ajuda futuramente como acreditava. Isso, é claro, se não se casar.

— Eu não vou me casar, Coltrane, você sabe disso. Que homem seria louco o suficiente para querer se comprometer comigo? Seria o mesmo que arriscar a própria cabeça.

— Não fale bobagens! — Cornélia briga. — Você é uma jovem linda, prendada, educada, é claro que vai se casar.

— Não se esqueça de que sou amaldiçoada.

— Não é maldição, você apenas é azarada — Hester diz fazendo todos à mesa rirem. — Ainda acho que a morte de Carter não foi uma maldição.

— Os cavalos dispararam em uma corrida ensandecida, destruindo a carruagem que ele estava no caminho. O pai de Carter disse que quase não pôde reconhecer o próprio filho. Você consideraria a morte dele como o quê então?

— Qualquer coisa, menos maldição. Eu não acredito nessas coisas. Daqui a pouco vai dizer que gato preto realmente dá azar.

— Eu acho que é apenas o destino tentando dizer que você ainda não encontrou o seu príncipe encantado — Pippa diz entrando na conversa. Em outras famílias, a jovem menina jantaria sozinha, mas Coltrane exigira que ela sempre fizesse as refeições com eles.

— Então, segundo o seu entendimento, meus noivos morrem porque não são o homem certo? — Katherina pergunta para a irmã mais nova, que concorda.

— Quando encontrar o certo, ele não vai morrer.

— Enquanto isso os errados morrem. Não, muito obrigado, acho que vou desistir de encontrar alguém para me casar. Não vou arriscar a vida de mais nenhum pobre coitado.

— Falando em pobre coitado... adivinha quem me procurou na saída do parlamento? — Coltrane diz meio contrariado.

— Pela sua cara, meu marido, foi alguém indesejado.

— Lorcan.

— O que ele queria com você? — Cornélia pergunta confusa, refletindo o pensamento de Katherina.

— Pedir autorização para cortejar Katherina.

— Você é claro, não deu — Cornélia diz nervosa.

— Respondi apenas que iria falar com Kathy, se você quiser eu autorizo a corte.

— Como eu disse, não tenho interesse em me casar. Além do mais, Carter e Lorcan não eram amigos. Não vou manchar a memória dele casando com seu primo.

— Ele não é atual herdeiro do conde Eglington? — Hester pergunta para Katherina.

— Sim, com a morte de Carter se tornou o herdeiro. Henrietta disse que ele tem sido um bom rapaz os ajudando nesse período de luto. Mas ainda assim não quero me comprometer a ele. Carter não o suportava, e acredito que por uma boa razão.

— Se essa for sua vontade, então direi a Lorcan que não tem minha permissão para cortejá-la.

— Obrigada, eu realmente não desejo vê-lo em nossa sala de visitas se passando por um bom homem. Principalmente fingir que estou interessada em seus galanteios.



Após o jantar, Katherina sobe para o seu quarto de pinturas, sentia as mãos coçando com vontade começar um novo quadro. Apesar de não entender como as pessoas estavam tão interessadas em suas telas, lá no fundo ficava contente por alguém admirá-las. Tudo se devia ao Sr. Lavelly, que insistira tanto em vendê-las.

Sentando-se em seu banco em frente a tela, pega um pedaço de carvão e deixa sua mão correr pela tela branca. Era poucas as vezes em que se sentara com um desenho em mente. Os traços firmes começam a aparecer, o tempo praticamente voa. Katherina sempre se perdia quando começava a desenhar, esquecia a hora, o tempo parecia não existir.

Ao deixar o carvão de lado, ela olha para a imagem, o rosto que a encarava parecia ver profundamente sua alma, exigindo que contasse seus maiores segredos, suas angústias, seus sonhos, quase da mesma forma que o dono daquele rosto algumas vezes parecia fazer.

Katherina levanta a tela e com ela debaixo do braço vai para o seu quarto. Se a deixasse na sala de pinturas, provavelmente uma de suas irmãs a veria, ou pior, o dono do rosto a encontraria. Abrindo seu armário, ela abre um espaço no fundo depositando a tela com cuidado. O certo seria atirá-la no fogo e permitir que se queimasse, não sendo assim mais nenhuma prova contra ela, mas não tinha coragem de fazer isso.

Fechando o armário, Katherina se troca rapidamente colocando uma camisola branca, e se deita em sua cama, ao fechar os olhos o rosto continuava em sua mente. Parecia que ele não queria abandoná-la nem mesmo em seus sonhos. Soltando um suspiro irritado, Katherina gira na cama algumas vezes tentando pegar no sono, mas parecia impossível, assim que começava a adormecer Aiden Lavelly aparecia em sua mente novamente, com os incríveis olhos azuis a sondando, exigindo que se abrisse, contasse seus maiores temores.

Desistindo de lutar, Katherina se entrega ao sonho com o homem que acreditara nela tão rapidamente, e que por algum motivo parecia insistir em não sair de sua cabeça.



Aiden sabia que o horário não era muito adequado para uma visita, era quase a hora do almoço e provavelmente não seria bem recebido. Mas estava ansioso para ver Katherina, não só por causa do convite que levava, Eleanor enviara e ele uma mensagem convidando a família de Katherina para o aniversário de James, bem como para falar sobre as telas.

Assim que é recebido por um mordomo com uma cara irritada por causa da hora, Aiden percebe que talvez não tenha tomado a melhor decisão.

— Senhor Lavelly? — Cornélia sai de uma sala lateral acompanhada das irmãs.

— Desculpa o horário, provavelmente estou atrapalhando a refeição, mas era necessário. Temo que minha loja possa sofrer um ataque se não levar novos quadros.

— Mas e os que levou da última vez? — Katherina pergunta sem acreditar.

— Todos vendidos. Os últimos venderam essa manhã. Algumas senhoras vieram para comprar e não encontraram nenhuma tela. Temi pela

minha integridade ao descer até o andar principal. Assim que me viram houve reclamações.

— Eu disse que era um sucesso. — Hester sorri para Katherine.

— Acredito que seja necessário levar praticamente todos os selecionados para venda, assim teremos alguns no estoque, e eu não precisarei atormentá-las mais — Aiden diz com um sorriso.

— Não é incômodo nenhum, ainda mais sendo por um bom motivo. — Cornélia estende a mão para ele e o direciona para a sala de jantar. — Por favor, almoce conosco e depois meus criados o ajudarão com o transporte dos quadros.

— Será uma honra. — Aiden faz uma mesura para Cornélia.

Aiden não poderia negar que o almoço estava maravilhoso, a cozinheira da mansão Benningfiel era talentosa. Assim que os pratos começaram a serem servidos, Coltrane chegou para o almoço e estranhou a presença de Aiden à mesa, que rapidamente é justificada por Katherine.

— Já ia me esquecendo — Aiden retira um pequeno envelope e estende para Coltrane. — A duquesa de Wentworth, pediu que eu trouxesse esse convite. Seu irmão, o conde de Greenwood, comemorará seu aniversário nesse fim de semana.

— Ela está nos convidando? — Cornélia pergunta sem acreditar.

— Ela estende o convite para Pippa e nosso filho. — Coltrane lê a carta. — O por que desse convite? Não temos qualquer amizade com eles.

— Acredito que saibam da história da família Bartlett, eles querem comemorar o aniversário do jovem conde e, como não possuem muitos amigos, estão convidando as pessoas por quem possuem certo apreço, suas irmãs causaram uma boa impressão na duquesa — Aiden diz a Cornélia. — E também gostariam de ter algumas crianças na festa, já que James vai fazer onze anos.

— Vamos, por favor, Cornélia — Pippa pede juntando as mãos e implorando. — É uma festa na casa de um duque e eu fui convidada.

— O que você acha? — Cornélia pergunta para o marido, que olha para Katherina e Hester.

— Uma amizade com uma duquesa vai favorecer as meninas.

— Não quero ser amiga dela por interesse — Katherina balança a cabeça.

— Não seria um interesse. Apenas o fato de serem amigas farão com que as olhem diferente. Envie uma mensagem para a duquesa aceitando o convite — Coltrane diz a esposa.

— O que vamos levar de presente? — Hester pergunta animada.

— Wentworth disse que o garoto gosta de barcos. Acredito que seria um ótimo presente. Se quiserem, temos muitos itens na loja.

— Podemos acompanhar o Sr. Lavelly até a loja? — Hester pergunta para Coltrane.

— Posso ir junto? — Pippa se agita na cadeira.

— Peça para uma das criadas as acompanharem, assim você descansa um pouco. Tenho certeza que alguns minutos longe de suas irmãs serão restauradores.

— Meu cunhado, está insinuando que nós cansamos Cornélia? — Katherina pergunta levantando uma sobrancelha.

— Não, Kathy, eu estou afirmando.



Enquanto Aiden cuidava dos quadros que eram levados para uma sala particular no andar de cima, onde eles ficariam guardados, Katherina e as irmãs passeiam pela loja a procura de algum presente para James.

Mesmo com o tornozelo ainda um pouco dolorido, Katherina conseguia andar devagar.

Enquanto alguns itens femininos atraíam a atenção das irmãs, ela realmente procurava algo para presentear o jovem conde.

— Hester — Katherina chama ao parar em frente a um balcão.

— Encontrou alguma coisa?

— Acho que o presente perfeito — Katherina aponta para uma pequena fantasia de capitão. Se James gostava de barcos, provavelmente adoraria o presente.

Após comprar a roupa, as três decidem ir até o outro lado da loja para comprar algum doce na confeitaria.

— O que está acontecendo ali? — Pippa aponta para uma pequena multidão.

— Dez quadros foram colocados à mostra e já foram vendidos — Aiden diz parando ao lado delas.

— Estou ficando preocupada, Sr. Lavelly, acredito que esteja inventando tudo isso e que na verdade meus quadros estão escondidos em algum lugar ou queimados.

— E eu estaria depositando uma alta soma em uma conta aberta por seu cunhado a troco de quê?

— Eu tenho uma conta?

— Tem, um assistente dele me procurou há alguns minutos com os dados de uma conta onde devo depositar todo o valor dos quadros vendidos.

— Hester, isso quer dizer que Katherina está rica? — Pippa pergunta dando pulinhos.

— Acredito que sim, Pippa.

— Isso quer dizer que ela pode comprar um novo kit de entalhe para mim?

— Pippa...

— No primeiro andar, virando à esquerda tem um balcão com ferramentas, diga que eu a enviei — Aiden diz interrompendo Katherina.

— Escolha o que quiser, será um presente meu. Lady Hester pode escolher algo também. Peguem algo para sua irmã, Lady Benningfiel, e claro seu sobrinho.

— Você não precisa — Katherina diz e tenta segurar as irmãs, que correm para escolher seus presentes.

— Tem razão, não preciso, mas insisto em presenteá-las.

Aiden estende o braço para Katherina, que aceita e a leva até a pequena multidão, onde algumas mulheres discutiam com um de seus funcionários.

— Cheguei tarde? — Aiden sorri para Eleanor, que se aproxima com a irmã e a cunhada.

— Depende para o quê.

— Meu marido disse que eu deveria olhar alguns quadros que o senhor está vendendo. Mas não vejo nenhum a exposição.

— Tenho alguns em estoque, mas antes de qualquer coisa, deixe-me apresentar a talentosa pintora. — Aiden gesticula para Katherine, que cora.

— Simon comentou que era a senhorita que pintava os quadros. Ele viu um de perto e disse que tem um grande talento. Pinta apenas paisagens e animais?

— Não, pessoas também. — Katherina sorri.

— Você precisa vê-las para isso? — Eleanor pergunta e Aiden percebe um brilho passar por seus olhos.

— Não, se me descrever a pessoa enquanto desenho, acredito que possa chegar ao mais fiel possível, por quê?

Eleanor olha para a irmã e sorri.

— Meu irmão era muito pequeno quando meus pais faleceram, e não temos nenhuma pintura deles. Se eu os descrevesse, você os pintaria?

— É possível.

— Ah, Eleanor, será um presente maravilhoso para James. — Charlotte toca o braço da irmã.

— Quando podemos nos encontrar?

— Se quiser, pode ir até nossa casa amanhã para o chá da tarde, leve sua irmã e sua cunhada. Enquanto elas se divertem com minhas irmãs, eu faço seu quadro.

— Muito obrigada, lady Katherina.

Aiden observa o rosto de Katherina, que adquirira um lindo tom rosado. Coltrane tinha razão ao dizer que uma amizade com a duquesa as favoreceria, mas ele estava presenciando uma amizade começar, sem qualquer tipo de interesse, e sabia que ela valeria muito mais.



— Sr. Lavelly, o senhor tem uma visita — Baldrick, secretário particular de Aiden, o avisa abrindo caminho para o homem entrar.

— Osborne? — Aiden se levanta sorrindo e estica a mão para cumprimentar o homem.

Walden Osborne, visconde de Culbert, tinha tudo para ser um nobre enfadonho, que passa seus dias sem fazer nada ou simplesmente jogando dinheiro fora. Mas desde pequeno sentira que havia algo muito maior que poderia fazer de seu tempo. Então, enquanto seu irmão assumia sua herança e o título de conde, Walden fechou sociedade com um amigo de escola e fundaram os transportes Osborne & Hawley. Seus navios eram os responsáveis por trazerem mercadorias da Índia e outros países. Muitos dos produtos vendidos na Lavelly's vinham em seus navios.

— Como está, Lavelly?

— Como pode ver, sempre correndo.

— E fazendo dinheiro. Fiquei sabendo sobre o novo ramo de sua loja. Agora vende quadros? — Osborne pergunta achando graça.

— A pintora é talentosa, até mesmo você se encantaria por um de seus quadros. Mas me diga, o que devemos a honra da sua presença? Achei

que jamais abandonasse Augustina.

Augustina era o nome dado ao navio em que Osborne viaja frequentemente. Era de conhecimento notório, que o homem preferia estar em alto-mar do que em terra firme.

— Meu querido irmão decidiu que minha presença no nascimento do seu quarto filho era necessária. Isso e o fato de que ele insiste que está na hora de que eu me case. Como se ele não tivesse filhos suficientes para sucedê-lo.

— Então foi obrigado a ficar em terra firme?

— Espero que por pouco tempo. Devo voltar ao alto-mar em breve. Faremos algumas viagens para o novo continente. A companhia está crescendo.

— Fico feliz por saber. Precisa de algo?

— Na verdade passei para chamá-lo para beber alguma coisa, antes que eu me apresente para o meu martírio.

Osborne se levanta e Lavelly o acompanha para um clube na mesma rua.

— Aproveitando que irá para o novo continente, vou fazer uma lista de algumas mercadorias que eu gostaria que trouxesse para mim.

— Entregue para o meu secretário e providenciaremos. Se tudo der certo, em duas semanas espero estar longe da Inglaterra.

— Ansioso para fugir de algo?

— Sabe como é, antigas amantes, moças desesperadas para casar. Nada disso faz muito meu estilo. Se souberem que estou aqui em plena temporada, serei arrastado para um salão de baile e obrigado a dançar diversas vezes com noivas em potencial. Não, muito obrigado, prefiro o mar.

— Um dia vai ter que se aquietar. Seria bom ter um herdeiro para cuidar da companhia um dia.

— Pensando em filhos, Lately?

— Se me perguntasse isso um tempo atrás daria a mesma resposta que a sua. Mas agora passo a desejar em encontrar alguém com quem eu possa dividir meus dias. Seria bom ter alguém me esperando em casa, um filho que eu poderia contar para herdar meu império um dia. Deveria pensar nisso.

— Ainda estou muito novo para pensar em me amarrar.

— Vinte e oito anos é muito novo?

— Prefiro ter uma mulher em cada porto para me divertir, do que apenas uma presa a minha perna me matando de tédio.

— Nem todas são tediosas. — Lately ri e dá um gole em seu conhaque.

— Encontrou alguém, Lately? — Osborne o observa atentamente.

— Talvez. Não posso negar que uma certa jovem chamou minha atenção. Mas não é tão simples assim. Ela é de uma família nobre e eu sou apenas um plebeu que tem uma cabeça boa para negócios.

— Se ela pensa assim, deveria descartá-la.

— Não, duvido que ela pense assim. Mas é como a sociedade vai pensar.

— Lately, ouça as palavras de um nobre. Que a alta sociedade vá para os diabos. Se a moça realmente é tão importante assim e o vê mais do que apenas como um plebeu. Então raios, se case com a moça! — Osborne balança a cabeça. — Não acredito que eu, um solteiro convicto, um libertino notório, esteja incentivando um velho amigo a se casar.

— Talvez devesse ouvir o próprio conselho.

— Talvez, mas meus ouvidos estão surdos, passei tempo demais no mar — Osborne brinca. — Mas me diz, eu conheço a moça?

— Lady Katherina Threston.

— Threston? Esse nome não me é estranho. — Osborne pensa por um tempo e arregala os olhos. — Você deve estar louco. Até mesmo eu que não passo tanto tempo em Londres sei sobre a noiva amaldiçoada. Está procurando a morte, meu amigo?

— Tudo isso não passa de uma fantasia, nenhuma mulher é amaldiçoada, principalmente lady Katherina.

— Eu tomaria cuidado com o que deseja, Lavelly. Ela já matou dois noivos. Não gostaria de ser o terceiro.

Lavelly revira os olhos para as brincadeiras do amigo e termina sua bebida. Achava um absurdo que as pessoas considerassem Katherina como amaldiçoada, uma jovem tão bela, com uma alma tão pura, não era uma assassina e principalmente não tinha algum feitiço amarrado ao seu corpo. As mortes de seus noivos eram apenas coincidências.

Para Lavelly, é um absurdo que alguém realmente acreditasse que se tornar noivo de Katherina seria uma sentença de morte. Para ele, se tivesse a oportunidade de colocar um anel em seu dedo e transformá-la em sua esposa, seria a maior sorte de sua vida.



— Ainda não acredito que vamos receber uma duquesa para o chá — Cornélia diz esfregando a barriga distraidamente. — Quando pensamos que uma amizade com ela seria vantajosa não imaginava que seria tão rápido.

— Senhor Lavelly disse a ela que sou eu que faço os quadros, e ela pediu para que fizesse um em especial para o irmão dela — Katherina explica. — Mas não tenho interesse em ter vantagens em uma amizade.

— Eu também não, querida. Mas para a sua situação atual, será importante.

— Minha situação atual? — Katherina pergunta sem entender.

— A maldição — Pippa responde recebendo um olhar feio da irmã mais velha.

— Lady Benningfiel, a duquesa chegou — a governanta informa.

Com a ajuda de Hester e Katherina, Cornélia se levanta para receber as visitas.

— Vossa Graça. — Elas fazem uma mesura para Eleanor.

— Obrigada por nos receber. Essas são Charlotte e Dayse, minha irmã e cunhada.

— É um prazer recebê-las, pedi que servissem o chá aqui, a sala é mais aconchegante. — Cornélia se senta novamente, ela estava sem graça, já que era a primeira vez que recebia alguém tão importante.

— Por favor, não precisa se preocupar com regras e etiquetas. Apesar do título sou apenas uma mulher como vocês. E confesso que já estou cansada de tantas formalidades nas festas.

— Imagino, assim que me casei levou um tempo para me acostumar com a forma que era tratada. Apesar de família nobre, passei de um dia para o outro a ser uma condessa.

O chá é servido e, enquanto Cornélia e Eleanor conversavam sobre as festas e sobre gravidez, já que as duas estavam esperando um filho, as moças mais jovens se divertiam sobre as histórias que Katherina e Hester contava sobre os bailes.

— Ano que vem terei muito trabalho. — Eleanor aponta para onde as jovens estão rindo.

— Como eu estou tendo esse ano. Minha maior preocupação é que falta pouco para o bebê nascer e, segundo as regras de etiquetas da sociedade, não devo mais aparecer em público. Não sei o que será das minhas irmãs sem acompanhante. Temo que talvez tenham que se retirar das atividades.

— Se não se importar, posso acompanhá-las. Não tenho tanta experiência claro, mas não deve ser tão difícil.

— Na verdade, as duas não dão trabalho algum, ainda mais sendo evitadas por todos os homens. Minha maior dificuldade é convencer Kathy que não existe essa história de maldição.

— Então não se preocupe, serei a acompanhante delas pelo resto da temporada. Lady Georgianna vai me ajudar, tenho certeza que nós duas daremos conta de duas jovens.

— Obrigada. Ontem mesmo estava conversando com Coltrane, estava angustiada em pensar em retirá-las da temporada. Ainda mais Kathy que ficou três anos escondida em casa. Não sei como agradecer.

— Pode me agradecer ajudando ano que vem com aquelas duas. — Ela aponta para a irmã e a cunhada.

— De acordo — Cornélia concorda com um sorriso.

— Podemos começar? — Katherina pergunta apontando para o cavalete que fora trazido para a sala.

Eleanor se senta ao lado dela e começa a descrever o rosto dos pais. Ela e Charlotte passaram a noite conversando, tentando se lembrar de como eles pareciam. Katherina trocara a tela algumas vezes, quando algo não parecia certo, mas ao finalizar o último traço, sente que a duquesa ao seu lado está emocionada.

— Charlotte — Eleanor chama baixinho, a irmã se aproxima e a abraça.

— Está tudo bem, Vossa Graça? — Katherina pergunta preocupada, todas na sala ficam em silêncio as observando.

— Você tem alguma noção, lady Katherina, do dom que possui em suas mãos? — Eleanor toca o braço de Katherina gentilmente. — Você conseguiu retratar meus pais, por três anos não vi os seus rostos. Não percebi que começava a me esquecer.

— Ela era linda. — Charlotte encosta a cabeça na da irmã.

— Eu vou pintar ainda hoje e deixar secar, tenho certeza que no final de semana já estará pronto.

A porta da sala de visitas se abre permitindo que Coltrane entre acompanhado de Simon, que cumprimenta Cornélia, os olhos dele vagam pela sala até encontrar a esposa; ao notar seu semblante emocionado, aproxima-se rapidamente.

— O que houve? — ele pergunta para Charlotte percebendo que a cunhada também está emocionada.

— São meus pais, Simon. — Eleanor aponta para o quadro.

Simon observa o quadro atentamente e passa o braço envolvendo a esposa e a cunhada.

— Obrigado, Srta. Threston, tenho certeza que será um presente precioso para James.

— Não fiz nada de mais — ela responde sem graça. Simon retira uma bolsinha de dinheiro e entrega para ela. — Tem muito mais do que vale essa tela, não posso aceitar, Vossa Graça.

— Você retratou os pais de minha esposa, pela forma com que ela e minha cunhada estão, tenho certeza que foi bastante fiel. Nenhum dinheiro do mundo pode pagar o que a senhorita fez. Além do mais, gostaria que fizesse outros dois quadros, um para Eleanor e um para Charlotte se for possível.

— Obrigada, Simon. — Charlotte abraça o cunhado.

— Eu farei com o maior prazer.

— Como soube que eu estava aqui ainda? — Eleanor pergunta.

— Benningfiel me trouxe, imaginávamos que não teria sido rápido a visita. Apenas dei sorte. — Ele dá de ombros e ajuda a esposa se levantar.

— Coltrane, a duquesa se ofereceu para ajudar Katherina e Hester, já que estou indisposta para acompanhá-las aos bailes.

— Muito obrigado, Vossa Graça. — Coltrane levanta a mão de Eleanor aos lábios.

— Imagine, não é como se eu não fosse ganhar nada em troca. Ano que vem Lady Benningfiel irá me ajudar com aquelas duas. — Ela aponta para Charlotte e Dayse.

— Tenho certeza de que não será um problema para Cornélia. Dayse se parece como ela, sendo assim, no momento em que colocar os pés no primeiro salão de baile conquistará um conde — Katherina brinca.

— Eu não conquistei um conde assim que entrei em um salão.

— Tem razão, querida, fui conquistado assim que a vi descer da carruagem. — Coltrane sorri para a esposa.

— Nossa mãe estava tão animada, que nem ao menos brigou quando encontrou Hester e eu acordadas esperando para saber como foi o primeiro baile de Cornélia.

— Ela falava sem parar como Cornélia conquistara a atenção do solteiro mais cobiçado de Londres. E como as matronas estavam irritadas porque uma juvenzinha conseguira em pouco tempo o que tentavam há anos — Hester complementa.

— No dia seguinte, nosso pai só reclamava que não dormira nada à noite, porque nossa mãe não parava de falar sobre o conde Benningfiel.

— Meninas! — Cornélia tenta brigar com elas, mas o sorriso acaba a traindo.

— Estamos apenas falando a verdade — Katherina ri.

— Creio que o problema não será Dayse, mas sim eu. Não sou em nada parecida com ela. — Charlotte faz uma careta e recebe um abraço de Dayse.

— Não se preocupe, Lady Bartlett, tenho certeza de que conquistará muitos corações — Cornélia tenta tranquilizá-la.

— Bom, meninas, está na hora de irmos — Eleanor diz. — Muito obrigada por nos receber. Vocês foram convidadas para o baile na casa da condessa de Eglington?

— Sim — Cornélia responde e olha para Katherina. — Mas não sabemos ainda se elas irão.

— A condessa seria minha sogra — Katherina explica.

— Acredito então que deva ir. — Eleanor a pega pela mão. — Será um baile em um local conhecido, a anfitriã é alguém que suponho goste de você?

— Sim, nos tornamos amigas, eu teria muita sorte em tê-la como minha sogra.

— Então, querida, arrume seu melhor vestido. Eu a acompanharei a esse baile, você e lady Hester irão se divertir bastante. Não se importe mais com o que a alta sociedade diz. Se fôssemos dar importância a tudo jamais seríamos felizes. Eu mesma se fosse escutá-los, jamais me casaria com Simon, e não seria tão feliz quanto sou agora.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Nos encontramos no baile ou prefere que venhamos buscá-la?

— Eu as acompanharei até o baile — Coltrane responde.

— Está bem, então nos vemos lá.

Katherina se senta ao lado de Cornélia assim que as visitas vão embora e solta um suspiro.

— Ela será uma ótima madrinha para vocês duas.

— O que adianta ter uma duquesa como uma madrinha, se ficaremos sentadas com as solteironas por toda a noite? — Katherina pergunta.

Antes que Cornélia possa responder, Katherina se levanta e pega o quadro indo para seu quarto te pinturas, passaria a noite colorindo a tela, assim quem sabe se acalmaria um pouco. Ver a emoção da duquesa e a irmã ao verem o rosto dos pais a emocionara, ela mesmo se esforçava para lembrar do rosto da mãe.

Em momentos como aquele sentia muita falta da mulher sábia que se sentava com ela e lhe dava conselhos. Se sua mãe estivesse ali,

provavelmente teria algo a dizer sobre essa loucura toda de Cornélia e Coltrane em tentar casá-la.



Sair correndo de um lugar nunca pareceu tão tentador para Katherina quanto naquele momento. O salão de bailes de lady Henrietta, a condessa de Eglington, estava praticamente lotado. Jovens com idades para se casarem, matronas à espreita de qualquer homem solteiro, mas o principal, dezenas de pessoas a olhando e comentando sobre o fato dela estar ali.

Quando seu noivado com Carter fora anunciado, ele foi recebido com algumas felicitações e alguns comentários desdenhosos. Na época, ela não poderia se importar menos, estava encantada pelo noivo. Além de gentil e muito educado, Carter tinha o dom de fazê-la rir; se tivesse que ser honesta, teria que confessar que não o amava realmente, mas a amizade criada entre eles era forte o suficiente para que tivessem um casamento feliz, e sabia que o amor viria com o tempo.

A morte prematura de Carter levava com ele para o túmulo os sonhos de ter uma família, ter alguém com quem conversar à noite, alguém para dividir seus dias. Carter e ela eram muito parecidos em vários assuntos, ele fora não só uma boa escolha, mas também uma sábia decisão. As pessoas passando por ela no salão de baile, sussurrando só fazia com que se lembrasse de tudo o que perdera.

— Se não quiser ficar a noite toda me avise, e iremos embora na mesma hora — Coltrane diz entregando um copo com refresco para Katherina, que sorri agradecida para o cunhado.

— Obrigada, vou tentar aguentar por um tempo, você viu como lady Henrietta e lorde Fergus pareceram felizes em me ver.

— Eles já a consideravam como uma filha. O carinho por você não morreu.

— Eu sei — Katherina diz e se inclina em uma mesura para Eleanor e Simon que se aproximam.

— Vocês estão lindas. — Eleanor abraça Hester e Katherina.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Bom, já que estão acompanhadas para a noite, vou levar Wentworth para beber alguma coisa.

— Eu agradeço. — Simon dá um beijo nos cabelos de Eleanor e se afasta com Coltrane.

— Como estão seus cartões de dança?

— Vazios como sempre — Hester responde com uma risada para Eleanor.

— Precisamos mudar essa questão então. — Eleanor gesticula para que elas as acompanhe. — Riley? — ela chama o noivo de sua amiga assim que se aproximam.

— O que posso lhe ajudar, lady Eleanor? — ele pergunta dando um leve beijo em sua mão. Hester e Katherina olham curiosas para o tratamento dele tão íntimo para uma duquesa.

— Riley é noivo de minha melhor amiga, é um dos poucos que aceitou me tratar como uma pessoa e não só como uma duquesa — ela explica para as moças. — Riley, preciso que tire lady Katherina e lady

Hester para dançar. Seus cartões de dança estão vazios e isso não pode acontecer.

— Será um prazer.

— Vossa Graça...

— Você pode me chamar de lady Eleanor, afinal de contas sou madrinha de vocês nessa temporada — Eleanor interrompe Katherina.

— Lady Eleanor, não é necessário que ele nos tire para dançar.

— Alguém precisa fazer, querida, ou então ficarão sentadas em um canto do salão a noite toda.

— Não será nenhum incômodo. — Riley estende a mão para anotar seu nome nos cartões de dança. — Acredito que as próximas músicas dançarão com um duque? — Ele olha para Eleanor, que concorda.

— Simon também dançará com elas. Vocês precisam ser notadas e vou garantir que isso aconteça.

Com a ajuda de Scarlett e lady Georgianna, Katherina e Hester passeiam pelo salão de baile cumprimentando algumas pessoas, apesar dos olhares recriminadores, são bem tratadas ao descobrirem que uma duquesa as acompanhava.

— Queria que Cornélia pudesse ver essa noite — Hester diz com brilho nos olhos. — Falamos com praticamente todos os convidados. E recebi três convites para dançar, além é claro dos parceiros que lady Eleanor escolheu.

— Não demorará muito para que todas as noites receba convites — Eleanor diz, seu olhar vai para Katherina, que treme levemente ao seu lado. — O que houve?

— Aquele é lorde Lorcan, ele se tornou herdeiro de lorde Fergus com a morte de meu noivo. Ele procurou por meu cunhado pedindo autorização para me cortejar.

— Imagino que isso não é uma boa coisa.

— Carter não o suportava, não sei ao certo o que houve entre eles, mas havia um motivo muito forte para isso.

— Lady Katherina — Lorcan diz se aproximando e pegando as mãos dela para beijar. — Quando soube que estava presente fiquei encantado. É bom vê-la novamente. Continua linda como sempre.

— Obrigada, lorde Lorcan, permita-me apresentar Lady Wentworth.

— Ah, é um prazer, Vossa Graça — ele diz rapidamente e gira novamente para Katherina.

— Me concederia a honra de dançar a valsa?

— Creio que não será possível — Eleanor diz recebendo um olhar ferino de Lorcan. — Sou a madrinha de lady Katherina e lady Hester pelo restante da temporada, e como bem sabe, lorde Lorcan, elas podem dançar apenas com meu consentimento, ainda mais uma valsa. Alguns instantes atrás permiti que ela aceitasse dançar a valsa com outro. Sinto muito.

— Eu sou o herdeiro do Condado de Eglington — ele diz estufando o peito. — Quem poderia ser melhor do que eu?

A vontade de Katherina era de perguntar a mesma coisa, já que ela não fora convidada para a valsa por nenhum outro homem. Eleanor abre um sorriso e antes que ela possa responder, uma figura alta, vestido todo de preto para ao seu lado, sua altura marcando presença.

— Sr. Lavelly, que bom que o senhor chegou, estava explicando para lorde Lorcan que já autorizei que o senhor dançasse a valsa com lady Katherina.

— Obrigado por manter a minha vez — Lavelly agradece com uma medida. — A valsa já vai começar, podemos ir?

Eleanor concorda com a cabeça para Katherina, que toma os braços de Lavelly.

— Não me lembro de ter pedido permissão?

— Encontrei com lady Eleanor em minha loja hoje, ela perguntou se eu viria ao baile, quando soube que estaria presente requisitei a valsa e ela prontamente concordou.

— Por que iria pedir a valsa? Ainda mais com tanta antecedência?

— Katherina apoia a mão sobre o ombro de Lavelly, que segura sua cintura com delicadeza, mas com muita firmeza ao mesmo tempo.

— Porque, lady Katherina, não poderia suportar vê-la valsar com outro homem que não fosse eu.



— Senhor Lately...

— Por que parece tão terrível assim que eu queira dançar com a senhorita?

— Talvez porque os homens prefiram contrair uma peste do que ficar ao meu lado?

— Creio que deve procurar homens melhores, uma peste nunca será melhor do que a senhorita. — Aiden sorri para Katherina a puxando um pouco mais para perto do seu corpo. — Eu a conheço, e sei o quanto sua companhia é agradável.

— Obrigada, mas ainda assim...

— Katherina — ele diz a interrompendo, falando seu nome com intimidade. — Esqueça qualquer tipo de comentário maldoso ou fofoca, pelo menos por agora.

Katherina acena levemente com a cabeça e se entrega a valsa, apesar de não ter nascido um nobre e treinado desde criança, Lately valsava maravilhosamente bem, seus passos eram firmes e determinados. Antes que possa perceber, a valsa termina e ela é levada de volta para a companhia de Eleanor.

— Obrigada pela valsa, Sr. Lately.

— Eu que agradeço. — Lately se afasta, as pessoas abrindo caminho para ele.

— Vocês ficam muito bem juntos — Eleanor diz.

— Não sei o que quer dizer, lady Eleanor.

— O fato dele ser um plebeu a incomoda?

— Não, mas deve se lembrar que não devo me comprometer com nenhum homem.

— Onde está essa determinação? Por acaso, seu cunhado decidiu que será uma solteirona?

— Não, mas como deve saber, qualquer homem que se comprometer comigo terá uma morte prematura. E não vou permitir que outro morra por minha causa.

— Isso é um absurdo, Katherina. Não deve acreditar nessas bobagens.

— Foram dois noivos e duas mortes. Agradeço o que pretende fazer por mim, mas peço que se concentre apenas em Hester, não irei me casar nessa temporada e nem na próxima. Não vou causar mais mortes.

Katherina se afasta de Eleanor em direção à cadeira das moças solteiras, ela se senta com as costas retas observando o salão. Dançar com Lately fora maravilhoso, um sonho. Mas não iria permitir que qualquer coisa fosse mais longe, ele era um parceiro de negócios, poderia arriscar até mesmo que era um bom amigo, e seria apenas isso.



Se não fosse o fato de ter prometido que iria ao aniversário do irmão de Eleanor, Katherina teria inventado uma forte dor de cabeça, ou uma

indisposição. Mas prometera pessoalmente para a duquesa que iria, somente por isso estava na carruagem da família.

Devido à grande barriga de Cornélia, Elliot, seu sobrinho, estava em seu colo segurando um embrulho. O menino insistira que seria ele a entregar a fantasia de capitão, depois de horas de choro por querer uma igual, ele apenas se aquietou, quando Katherina prometera que iria comprar uma para ele na segunda-feira.

— Sejam bem-vindos — o mordomo da Mansão Halsey diz assim que abre a porta para eles.

Katherina e a família entram em silêncio, até mesmo Elliot parecia impressionado com a mansão.

— Obrigada por terem vindo — Eleanor diz ao sair de uma sala com um garoto ao seu lado, após fazer as apresentações, Elliot entrega o embrulho de tão ansioso que estava.

— Minha tia vai me dar uma de presente — o pequeno diz enquanto o aniversariante abre o embrulho.

— Uma fantasia de capitão! — ele grita animado. — Olha, Eleanor, até tem uma espada.

— É muito linda. — A irmã sorri para ele e indica a sala. — Por favor, vamos entrar.

Devido a saúde do conde de Greenwood ainda estar frágil, a família optara por fazer apenas um lanche, por isso todos estavam na sala de família aproveitando alguns sanduíches e refrescos. Lately se aproxima para conversar com Katherina, que tenta ser o mais cordial possível, ao mesmo tempo que tenta afastá-lo. Ao perceber que não conseguiria conversar com ela, ele se afasta.

— Acredito que toda conversa ou tentativa de sermos educados, não signifique nada para um menino — Lately diz fazendo os adultos rirem.

— Por isso, vou aproveitar para entregar meu presente. Pedi que meus funcionários cuidassem pessoalmente dessa encomenda. Como conde de Greenwood, acredito que deva ter essas coisas. — Ele entrega uma sacola para James, que solta um grito infantil animado, retirando uma cartola e uma pequena bengala.

— Olha, Simon, agora estou como você. — O menino coloca a cartola na cabeça e anda pela sala se apoiando na bengala.

— Você está muito nobre com essa cartola, James — Charlotte brinca com o irmão.

— Obrigado, Aiden, agora ninguém mais vai dizer que sou apenas um menino. — James o abraça pela cintura arrancando um sorriso de Aiden.

— De nada, Greenwood.

Os presentes começam a serem entregues, Katherina observa Pippa se levantar com o seu pacote, ela passara a semana inteira concentrada em um pedaço de madeira.

— Esse é o meu — ela diz baixinho e insegura. — Eu mesma fiz.

— Obrigado — James agradece e abre rapidamente o pacote revelando um barco de madeira. — Olha, um barco.

— Eu o testei, ele boia sem problema algum.

— Obrigado.

— Foi um presente precioso — Eleanor agradece e olha para Katherina, que gesticula para um criado que se aproxima com o quadro coberto por um lençol. — James, o presente a seguir é o meu e de Charlotte.

— Um lençol?

— Não, querido, o presente está embaixo dele.

James puxa o lenço revelando o quadro de seus pais, Katherina passara os seus dias cuidando de cada cor pintada, queria que o quadro refletisse a emoção que Eleanor e Charlotte tiveram ao ver os rabiscos com o carvão. A sala fica em silêncio, lady Georgianna enxuga algumas lágrimas com os olhos fixos na tela.

— Quem são? — James pergunta para Eleanor, que se abaixa ao lado dele.

— Nossos pais.

James olha o quadro por mais um tempo antes de abraçar sua irmã, seu pequeno corpo treme levemente enquanto ele chora baixinho.

— Não lembro deles.

— Não se preocupe, querido, Charlotte e eu contaremos tudo o que quiser saber.

— Está bem. — Ele enxuga os olhos na manga da camisa.

— Bem, agora que todos os presentes já foram entregues, acredito que o meu e o de Dayse já possa entrar na sala — Simon diz gesticulando para a irmã, que corre para fora da sala sem se importar com o decoro.

— O que você comprou? — James pergunta.

— Feche os olhos e já vai descobrir.

James obedece ao cunhado, que sinaliza para que todos fiquem em silêncio, Katherina olha curiosa para a porta da sala por onde Dayse entra com um filhote de cachorro nos braços. A jovem o coloca aos pés do menino.

— Feliz aniversário, James — Dayse diz e o cachorro, como se quisesse participar da festa, solta um latido.

— Um cachorro. — James se senta no chão esquecendo do momento emotivo anterior e os convidados. Pippa e Elliot se juntam a ele enquanto tentam dar um nome para o filhote.

— Acredito que aquele seja um dos quadros mais belos que já pintou
— Aiden diz se aproximando de Katherina, que dá um passo para trás se afastando.

— Obrigada.

— O que irá fazer amanhã?

— Por que a pergunta?

— Gostaria de levá-la juntamente com suas irmãs até a confeitaria.

— Eu...

— É apenas um passeio, e sua madrinha concordou.

— Você perguntou a lady Eleanor?

— Sim, e para minha sorte ela estava com lady Cornélia, que também deu sua permissão. Então amanhã à tarde daremos um passeio.

— Sr. Lavery, creio que não seja certo.

— Sua irmã e sua madrinha disseram que é uma ideia maravilhosa, passarei em sua casa amanhã à tarde.

— O senhor não sabe aceitar um não como resposta?

— Não, Katherina, não sei. — Ele sorri para ela e discretamente pisca um olho se afastando.

— Ele está te cortejando? — Hester sussurra ao seu ouvido.

— Não sei, mas se estiver, vou cortar suas intenções.

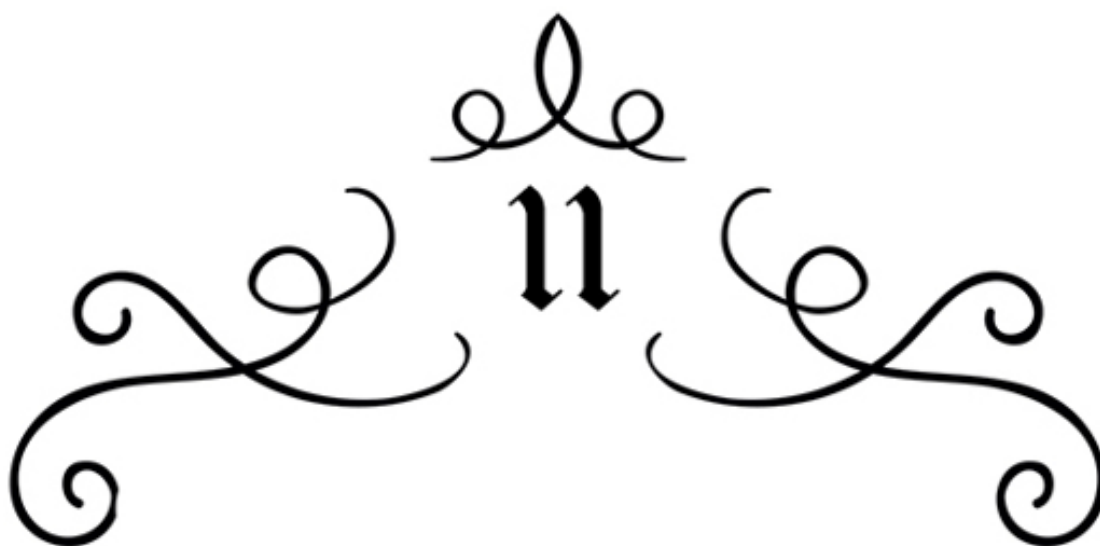
— Ele é um homem muito bonito.

— Ele será um homem muito bonito e morto se tentar alguma coisa comigo, Hester.

— Pare de besteira, Kathy, pela primeira vez nessa temporada alguém demonstrou interesse em você.

— Eu preferia que ele não demonstrasse. Não vou ser a culpada da morte do Sr. Lavery.

Katherina vai para junto das crianças, enquanto estivesse com elas não teria que escutar besteiras, ao que parecia ela era a única naquela sala que parecia ter um pouco de juízo na cabeça.



No momento em que entrou na residência Benningfiel, Aiden teve a certeza que era esperado, mas não por Katherina. Ele segue o mordomo até o escritório do conde, que o espera.

— Benningfiel — Aiden o cumprimenta e se senta.

— Como não sou um homem de meias palavras, vou perguntar de uma vez, o que deseja com Katherina?

Aiden olha surpreso para o homem a sua frente.

— Nos tornamos parceiros...

— Não estou falando disso, estou falando do fato de que a convida para valsar, e está aqui com a intenção de um passeio. Você pretende cortejá-la?

— E se for essa a minha intenção?

Coltrane se levanta e caminha pelo escritório esfregando o rosto.

— Quando meu sogro morreu e assumi a responsabilidade por essas moças, passei a noite em claro. Foi pouco tempo depois do primeiro noivo de Kathy falecer. Quando houve a tragédia da morte do segundo, permiti que ela tivesse o seu tempo de luto e ficasse recolhida em casa. Mas não existe nada nesse mundo que eu queira mais do que vê-la casada e feliz.

— Está me avisando para que eu me afaste?

— Pelo contrário, estou dando a minha autorização para que a corteje. Como deve saber, não existe nenhum homem interessado em se tornar o marido dela. A sociedade londrina decidiu que Kathy é uma assassina de noivos e por isso todos fogem para o sentido contrário ao avistá-la. Você pode ser a última possibilidade de que ela se case. Apenas não será fácil. — Coltrane se senta e olha fixamente para Aiden. — Ela está decidida a não se casar, ouvi pela manhã quando ela e Cornélia discutiram.

— Ela teme que o próximo noivo morra também?

— Exato. E por isso está determinada a rejeitar todas as suas investidas.

— Ainda bem então que sou um homem teimoso. — Aiden se levanta. — Tenho sua permissão para fazer o que for preciso?

— Maldição. — Coltrane também se levanta e estende a mão para Aiden. — Vou negar até a morte que disse isso, mas se for preciso comprometê-la em frente a toda sociedade para que ela se case, faça isso. Você tem a minha permissão.

— Espero não ter que chegar a isso.

Aiden sai do escritório, ao voltar para o hall da casa escuta algumas conversas abafadas vindas do andar de cima, antes que uma menina desça as escadas saltitando.

— Posso ir à confeitaria também, Sr. Lavelly?

— Claro que pode, Pippa, meu convite foi para todas.

— A Kathy não quer ir, aí achei que desistiria de nos levar.

— Quem vai sair perdendo é ela então. — Aiden olha para o alto da escada onde Katherina o observa. — Boa tarde.

— O senhor não deveria estar aqui.

— Eu fiz um convite ontem à noite e estou aqui para levá-las em um passeio.

— Eu estou pronta. — Hester desce as escadas de mãos dadas com Elliot. — Ele está me implorando para ir junto.

— E por que ele não poderia? Tenho certeza que duas belas jovens podem me ajudar com uma criança.

— Hester. — Katherina desce apressada chamando a irmã.

— Kathy, se você não quer ir então fique em casa — Pippa responde seguindo o grupo para a carruagem.

Aiden ajuda Elliot e Pippa a subirem logo atrás de Hester. Tentando disfarçar um sorriso, ele estende a mão para Katherina, que a aceita irritada.

— Só vou porque essas duas não vão cuidar de Elliot.

— É claro.

O percurso até a confeitaria é feito rapidamente, então não demora para que todos estejam sentados com um pedaço de bolo.

— Eu amo bolo — Elliot diz alegre comendo seu pedaço.

— Fico feliz que ao menos um dos meus convidados esteja feliz pelo passeio.

— Eu também estou, Sr. Lavelly, Kathy que é uma chata.

— Pippa — Hester tenta calar a irmã caçula.

— Tenho meus motivos, Pippa.

— Seus motivos são bobos, qual o problema de comer um pedaço de bolo?

— O bolo não é o problema.

— Eu sou o problema então? — Aiden pergunta para Katherina, que desvia o olhar. — Já fui chamado de muitas coisas, até mesmo de problema, mas acredito, Katherina, que na verdade eu seja a solução.

— Solução do quê? — ela pergunta olhando fixamente dentro dos olhos dele.

— Para a sua maldição. — Ele sorri.

— Não, Sr. Lavelly, o senhor será nada menos do que apenas mais uma vítima.

— Não sabe que sou considerado o homem de mais sorte em toda Londres?

— Isso será suficiente para fugir da morte?

— Isso é mais do que suficiente, Katherina, para conseguir o que eu mais desejo nos últimos dias.

— E o que seria?

— Você.



Lavelly só poderia estar louco, era a única conclusão que Katherina poderia chegar, um homem em plena consciência jamais desejaria se casar com ela, sabendo de seu passado. O risco de morte era alto e por isso, se casar não era uma opção.

— O senhor anseia pela morte? — Katherina pergunta fazendo Lavelly sorrir.

— Não, e tenho certeza que não morrerei tão cedo, afinal de contas preciso ajudar Coltrane a casar Hester e Pippa.

— E por que iria ajudá-lo? Isso não é um trabalho para o senhor.

— Será, assim que nós dois nos casarmos.

— Não vamos nos casar, Sr. Lavelly. — Katherina se levanta indo em direção ao lado de fora da confeitaria.

— Temos um grande problema em nossas mãos — Lavelly diz parando ao lado de Katherina, que fecha os olhos tentando ignorar sua presença. — Desejo torná-la minha esposa, ao passo que a senhorita tenta me afastar. O que faremos?

— O senhor poderá encontrar outra moça para se casar. Ano que vem, as irmãs de lady Eleanor debutarão, elas são adoráveis. Ou então

poderia se casar com Hester.

— E a senhorita ficaria feliz em me ver casado com uma delas? Tão próximo a você, cuidando e adorando outra mulher?

Katherina gira o corpo para dar as costas para Lately. Sendo franca, presenciar esses momentos a destruiria, por algum motivo não conseguia tirar Lately de sua cabeça, outros dois quadros com seu rosto se juntaram ao seu armário, escondidos atrás de diversos vestidos.

— Você estaria vivo, isso é a única coisa que importa.

— Não acredito em maldições, Katherina — ele diz usando apenas seu nome a fazendo estremecer.

— Carter também não, ele disse que a morte do meu primeiro noivo era apenas uma fatalidade, mas um dia antes de nosso casamento ele teve uma morte horrível. — Katherina olha para Lately por sobre o ombro. — Deveria me ouvir, Sr. Lately, não sou alguém com quem gostaria de se casar.

— Acredito que seja completamente o contrário, você é exatamente com quem quero me casar. Terá que se acostumar com minha presença, Coltrane deu a permissão para que eu a corteje e pretendo fazer exatamente isso.

— Ele não tinha o direito — Katherina tenta se controlar para não gritar no meio da rua. As pessoas que passavam por eles os olhavam com grande interesse.

— Como seu tutor, ele tem total direito. — Lately sorri.

Antes que Katherina possa responder, suas irmãs saem da confeitaria, Lately as convida para um passeio no Hyde Park.

— Eu vou para casa. — Katherina tenta se afastar, mas Lately toma seu braço a puxando para perto.

— A senhorita não deve andar por Londres sozinha, e uma vez que vamos ao parque deverá nos acompanhar.

— Lately...

— Aiden, me chame por Aiden, afinal de contas a estou cortejando.

— Sêrio? — Hester solta um gritinho animado. — Parabéns, Kathy.

— Ele não está fazendo a corte, já disse que não vou permitir.

— Você é uma moça teimosa. — Lately começa a andar a obrigando a acompanhá-lo, como o parque não era longe poderiam caminhar até lá. — Mas sou ainda mais teimoso.

— Você deseja a morte por acaso? Porque é a única explicação para continuar com isso.

— Não vou morrer, Katherina, nós vamos nos casar e ter filhos, veremos nossos netos nascer e quando chegar a hora de partir, faremos isso juntos.

— Não vou me casar, Sr. Lately.

— Aiden — ele insiste em ser chamado pelo nome.

Katherina faz o caminho até o parque em silêncio, normalmente as pessoas da alta sociedade passeavam em suas carruagens abertas ou a cavalo. Tomando cuidado para que não se machucassem durante o passeio, Lately leva o grupo para um lado mais afastado do parque, onde normalmente eram realizados alguns piquenique.

— Senhor Lately. — Um rapaz se aproxima apontando para um lado onde uma grande toalha estava disposta sob uma árvore.

— Obrigado. — Lately retira uma bola de dentro de uma cesta e entrega para Elliot, que a chuta animado com Pippa e Hester o seguindo. — Aquilo é para você. — Ele aponta para um cavalete.

— O quê... — Katherina observa o pincel e tintas sobre uma mesinha.

— Achei que gostaria de pintar um pouco.

Sem conseguir resistir, Katherina se senta e traça levemente a tela, desenhando suas irmãs e sobrinho brincarem. Lately se apoia na árvore e a observa. O rosto dela se iluminava, enquanto seus olhos estavam concentrados na imagem à sua frente, a mão delicada traçava os riscos, dando forma a um lindo desenho.

— Vê-la desenhar provavelmente é uma das coisas mais calmantes que já fiz na minha vida — Lately diz e solta uma risada baixa ao vê-la se assustar. — Me desculpe pelo susto.

— Esqueci completamente que estava aí, estava tão silencioso.

— Vou providenciar o melhor quarto de minha casa para que seja seu quarto de pinturas.

— Não é necessário, não vamos nos casar, esqueceu?

— Como eu disse, Katherina, nosso casamento é algo certo, terá que se acostumar com a ideia.

Katherina se levanta largando o pincel que usava e olha para ele, era possível ver o quanto estava irritada.

— Não vou ser a causa de sua morte.

— Ninguém vai morrer, Katherina.

— É exatamente o que vai acontecer se insistir nessa ideia absurda.

Sem conseguir resistir a imagem a sua frente, Lately agarra Katherina girando os dois para que ela fique presa contra a árvore e o seu corpo.

— Nós vamos nos casar, Katherina, eu a desejo e sempre possuo o que mais quero.

— Me solte, Sr. Lately.

— Não. — Ele sorri e aproxima o seu rosto de encontro ao dela. — Acredito que seja necessário algum tipo de persuasão.

— E o que pretende? — ela pergunta ofegante, o corpo dele era quente de encontro ao seu.

Com um sorriso que faria qualquer mulher ceder aos seus desejos, Lately se aproxima ainda mais e a beija. Não era o primeiro beijo que Katherina recebia, ela e Carter se beijaram diversas vezes, mas Lately parecia consumi-la, sua língua explorava a sua boca sem vergonha alguma. Uma das mãos de Lately desce por seu corpo agarrando sua cintura a trazendo para mais perto, como se isso fosse possível.

— Você será minha esposa, Katherina — Lately diz ao separar seus lábios do dela. — Nada me fará mudar de ideia.

Lately se afasta deixando que Katherina respire fundo e se recomponha, os lábios dela estavam inchados por causa do beijo, os olhos meios desfocados. Sem perceber que fazia isso, ela leva a mão até a boca, tocando seus lábios delicadamente.

— Isso é uma loucura — ela sussurra.

— Uma loucura certamente. — Ele sorri. — Mas que pretendo repeti-la novamente.



Após deixar Katherina e as irmãs em casa, Lavely volta para a loja. Devido a sua vontade de convencê-la a se casar com ele, deixou muitas coisas de lado. Sua sorte é que seu secretário conseguia gerenciar tudo sem a sua presença. Ao entrar na Lavely's, Aiden sente a presença de alguém ao seu lado, seus olhos correm pela loja e encontra a pessoa que o observa fixamente.

— Deseja alguma coisa? — Aiden pergunta para o homem, que se afasta da bancada em que estava.

— O que deseja se aproximando de Katherina? — Lorcan pergunta.

— Acredito que isso diga respeito apenas à família dela.

— Sou o herdeiro do Condado de Eglington, Katherina seria da família...

— Lady Katherina — Aiden diz, corrigindo o fato de que Lorcan a tratara com intimidade. — Não se esqueça da forma adequada a se referir a ela.

— Como eu dizia, Katherina seria da família e é minha obrigação velar por ela. Meu primo a amava e não vou permitir que um plebeu nascido nas docas se aproxime.

— Como o senhor bem disse, ela seria da família. Uma vez que seu noivo está morto e não se casaram, lady Katherina não faz parte da família Rodwell. E está disponível para se casar com quem bem entender.

— Katherina jamais se casará com um plebeu, seu cunhado jamais permitiria.

— Não é o que ele me disse ontem, quando me concedeu a permissão para cortejá-la. Ao contrário do que ele fez com o senhor acredito.

— Você está brincando com fogo, Lavelly, vou dizer isso apenas uma vez. Se afaste de Katherina. — Lorcan se aproxima praticamente se colando a Aiden.

— Digo o mesmo. Se afaste de minha noiva ou então sofrerá as consequências.

— Katherina jamais será sua noiva ou se casará com você. Guarde bem minhas palavras.

Lorcan sai da loja praticamente empurrando cada pessoa que entra em seu caminho. Aiden chama um dos funcionários e solicita que entreguem uma mensagem para Coltrane. Devido a sua origem, ele conhecia bem uma ameaça quando era verdadeira, Lorcan realmente não deixaria por isso mesmo. Vinte minutos depois, Benningfiel estava em sua sala, um olhar assassino em seu rosto.

— Ele parece determinado a se casar com Katherina, ele me procurou para pedir permissão para fazer a corte por duas vezes e eu rejeitei. Minha cunhada está determinada a não se casar, mas se por algum motivo decidisse pelo casamento, Lorcan seria o último. Ao que tudo indica, Carter e Lorcan não se entendiam e por respeito a memória do noivo, ela rejeita qualquer investida.

— Deixei claro que Katherina é minha noiva e que ele deve se afastar, mas não tenho tanta certeza que ele irá obedecer.

— Tome cuidado, Lavelly, se ele realmente for cumprir suas palavras, você poderia ser o terceiro noivo de Kathy morto. — Coltrane ri.

— Já disse que não tenho medo dessa maldição. Mas me preocupo com Katherina.

— Vou mantê-la segura. O ideal seria que ela se case de uma vez, assim Lorcan não a comprometeria, não que eu fosse permitir que ela se casasse com ele. Mesmo que sua reputação fique manchada perante a sociedade, eu a acolheria com a honra destruída, mas não permitirei que se case com Lorcan.

— A parte difícil nessa situação seria convencê-la a se casar. Ainda mais com uma ameaça sobre a minha cabeça.

— Ignore esse fato e se concentre a se casar. — Coltrane se levanta de sua cadeira e ajeita o casaco. — Talvez a sugestão de comprometê-la seja a única forma. Faça isso antes que Lorcan tente alguma coisa.

— Ela jamais me perdoaria.

— Ela não vai se casar de livre e espontânea vontade — Coltrane diz e Aiden resmunga. Katherina não se casaria de boa vontade e provavelmente nem mesmo com a reputação comprometida.



— Acho melhor alguém chamar por Coltrane — Hester diz enxugando a testa de Cornélia, que estava em trabalho de parto.

— Já mandei alguém até o Parlamento, mas ele não estava lá — Katherina diz se aproximando com uma bacia de água. — No parto de Elliot, as coisas demoraram tanto, não entendo como já está em um estágio avançado.

— Nenhum nascimento é igual ao outro — a parteira explica. — Temo que não teremos tempo para o conde chegar, o bebê já está coroando.

— O que vamos fazer? — Cornélia pergunta angustiada.

— Você vai fazer força e dar à luz a um lindo bebê, Hester e eu a ajudaremos; e quando Coltrane chegar, eu o socarei por desaparecer — Katherina responde fazendo Cornélia sorrir.

— Obrigada.

— Está na hora de fazer força — a parteira pede e Cornélia empurra agradecida por finalmente fazer isso.

Alguns minutos se passam, que parecem mais uma eternidade, e um choro alto enche o quarto.

— O que é? — Cornélia pergunta praticamente sem forças.

— Uma menina. — Katherina ri pegando o pequeno bebê e colocando nos braços da irmã. — Uma linda menina, como Coltrane queria.

— Ainda bem, porque essa será a última vez que terei um bebê.

Katherina sorri para Hester, que revira os olhos; no parto de Elliot, Cornélia garantira que ele seria filho único, e agora estavam ali novamente com um bebê recém-nascido.

— Como quiser, querida. — Katherina levanta o bebê em seus braços, permitindo que a parteira, Hester e a governanta arrumem Cornélia.

Enquanto a irmã é limpa e veste roupas frescas, Katherina observa o lindo rostinho da sobrinha, tudo o que ele sempre desejara foi um filho, Carter e ela costumavam brincar que teriam pelo menos três filhos. Era um sonho perdido agora, jamais seguraria seu próprio filho, não saberia como ele se pareceria, ela não se casaria. Todos os seus planos e sonhos

estavam esquecidos, mas por alguma razão, lá no fundo de sua mente, imaginava como seria um filho seu e de Lately.



Lavelly era um homem com uma missão, depois de avisar seu secretário que se ausentaria pelo resto do dia, ele praticamente corre até a casa Halsey. Se havia alguém que poderia ajudá-lo a convencer Katherina de se casar era Eleanor. Após ser anunciado, ele entra na sala de visitas.

— Parece que algo o perturba — Eleanor diz assim que ele toma sua mão para um leve beijo.

— Necessito de sua ajuda — Aiden conta sua conversa com Lorcan e Coltrane para Eleanor. — Talvez você seja a única que possa convencê-la a se casar. Como sua madrinha para a temporada acredito que ela a escute.

— Temo que não seja tão fácil, nas poucas vezes que falamos sobre casamento, Katherina me pareceu determinada a permanecer solteira. Segundo ela, não quer carregar o fardo de mais uma morte.

— Você sabe que isso é tudo uma grande lorota, não sabe? Não existe maldição.

— Eu sei, mas depois de presenciar a morte de dois noivos, a confiança dela está abalada. Mas concordo que o único meio de mantê-la segura é a casando o mais rápido possível. Prometo que vou falar com ela.

— Faça isso o mais rápido possível. Infelizmente não sou alguém com influência na alta sociedade, então uma autorização para um casamento às pressas será praticamente impossível.

— Converse com Simon, ele está na biblioteca, o nosso casamento foi com uma licença especial. Como um duque, tenho certeza que ele conseguirá a autorização para você.

— Espero que sim. — Aiden se levanta esfregando o rosto. — Se Katherina não concordar com o casamento, terei que comprometê-la em frente a toda sociedade londrina, e não quero que seja assim, ela jamais me perdoaria.

— Vou agora mesmo visitá-la. Enquanto você e Simon vão atrás da licença, cuidarei de Katherina.



— Lady Eleanor? — Hester se surpreende ao sair da sala de visitas e encontrar a duquesa.

— Como vai, lady Hester?

— Estou bem, esquecemos de algum compromisso?

— Não, querida, estou aqui para uma visita apenas, gostaria de falar com Katherina.

— Ela está no quarto de pinturas — Hester diz e um pequeno choro chega ao andar de baixo. — Cornélia teve o bebê agora pela manhã — explica.

— Por Deus, então é um péssimo momento para uma visita — Eleanor resmunga. — Desculpe a intromissão, mas eu realmente preciso falar com Katherina, a felicidade dela depende disso.

— Então deve falar com ela — Coltrane diz descendo as escadas.

— Obrigada, lorde Benningfiel. Sei que o momento não é apropriado, mas meu marido e o Sr. Lavelly vão tentar uma licença especial, creio que sua presença seria um fator determinante para consegui-la.

— Vou encontrá-los agora mesmo. Hester, leve a duquesa para conversar com Katherina.

Acompanhando Hester ao andar de cima, Eleanor não consegue deixar de notar os diversos quadros espalhados pela casa, Katherina tinha um dom maravilhoso.

— Kathy, você tem visitas.

— Lady Eleanor? — Katherina se levanta de seu banquinho e limpa as mãos.

— Obrigada, Hester — Eleanor agradece e vai até o sofá dando uma batidinha para que Katherina se sente ao seu lado. — Estou aqui porque precisamos ter uma conversa séria.

— Eu fiz algo de errado? — Katherina pergunta notando que Hester as deixa sozinhas.

— Não. — Eleanor sorri com os seus olhos vagando pelo quarto. — Essas telas são lindas. — Ela aponta para a parede.

— Obrigada, as que estão penduradas não estão à venda, vou mantê-las comigo.

— Percebo certo padrão; enquanto essas são mais sombrias, as da outra parede são alegres. Algum motivo em especial?

— Acho que apenas depende do meu humor para o dia — Katherina explica sem se aprofundar na questão.

— Katherina, estou aqui porque algo de muito sério está para acontecer.

— Algum problema?

— Lorde Lorcan procurou pelo Sr. Lavelly, ele queria alertá-lo para que se afastasse de você. Lorcan o ameaçou.

— Mas por que ele faria isso?

— Segundo ele mesmo, você se casará com ele. Porque você é da família Rodwell.

— Jamais me casaria com Lorcan, Carter não o suportava, não posso desonrar a memória dele assim.

— Então deve se casar com o Sr. Lavelly o mais rápido possível.

— Isso também não é uma alternativa, lady Eleanor, não vou me casar.

— Kathy — Eleanor diz usando seu apelido. — Lavelly acredita e tenho que concordar com ele, que talvez Lorcan tente comprometê-la de alguma forma e assim obrigá-la a se casar com ele.

— Isso...

— Você sabe como foi que Simon e eu nos casamos? — Eleanor a interrompe. — Três anos atrás perdi meus pais e meu tio assumiu nossa tutela, com o tempo James começou a ficar doente e ficou muito perto da morte. Suspeitei que meu tio pretendesse matá-lo, já que ele seria o próximo herdeiro. Certo dia o ouvi dizer que se casaria comigo, assim teria o testamento do meu pai a seu favor. O homem que se casasse comigo seria o tutor legal de toda fortuna. Por isso procurei um noivo e me casei tão rapidamente. Meu tio iria me comprometer perante a sociedade, exatamente como Lorcan pretende.

— Mesmo que ele faça isso, não me casarei com ele.

— Do que tem medo, Kathy?

— Meus noivos sempre morrem.

— Isso é apenas um infortúnio, não pode deixar que uma bobagem como essa interfira em sua vida. Não quer uma família? Filhos? Alguém

que fique ao seu lado a apoiando durante todo o caminho.

— Claro que eu desejo uma família — Katherina diz com uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. — Mas o destino decidiu que ficarei sozinha. Não vou ser a culpada pela morte de Lately.

— Ele não vai morrer, querida. Você precisa se casar, tenho certeza que Carter não desejaria que ficasse sozinha.

— Eu sei que não.

— Simon e Lately foram tentar uma licença especial para que se casem; caso não consiga, a única alternativa seria fugir para a Escócia e se casarem lá.

— Não estou concordando com esse casamento.

Eleanor suspira e olha para os quadros sombrios na parede.

— Não deixe que os seus medos a impeçam de ser feliz. Lately a respeita e tenho certeza que a deseja, por que não se casar com ele e dar uma chance a si mesma de ser feliz?

— Porque não serei feliz quando ele estiver morto. O destino vai encontrar um meio de matá-lo.

— Kathy, Lately está determinado a ser seu marido e ele fará de tudo para que se casem, creio que até mesmo enfrentar a morte de frente. E alguma coisa me diz que ele sairá vitorioso.

Katherina se levanta e caminha até a parede, com seus olhos fixos na árvore atingida por um raio. Ela estava com medo. Como poderia concordar com essa loucura? Se dissesse sim, Lately estaria em risco na mesma hora, alguma coisa ruim aconteceria e ele seria morto.

— Se quiser um noivado mais longo, permitindo que se prepare...

— Um noivado longo é mais chances para o destino matar Lately.

— Se tudo der certo, amanhã pela manhã estarão casados. E seja lá qual for a maldição, tenho certeza que não aparecerá nesse dia.

— Passarei o resto dos meus dias temendo a morte de Lately.

— Da mesma forma que eu temo pela vida de Simon, se eu o perder sofrerei imensamente. Mas terei o conforto de saber que pude viver ao seu lado, não importa quantos dias foram. Você não gosta de Lately?

— Esse é o problema, lady Eleanor. — Katherina gira para olhar Eleanor. — Eu gosto muito de Lately, a ponto de temer por sua vida.

— Isso é amor, querida, e temeremos por suas vidas todos os dias, mas pelo menos os teremos ao nosso lado. Não deixe que as fofocas da sociedade atrapalhem a sua vida.

— Se eu disser sim, ele estará correndo risco de vida.

— Se disser sim, a sua chance de ser feliz finalmente chegará.

Katherina volta a olhar para o quadro e fecha os olhos. Sempre desejara uma família, ter filhos, sonhara com um marido que a olhasse com o mesmo brilho nos olhos que Coltrane tinha ao olhar para Cornélia. Mas parecia que estava fadada a ser sozinha para sempre; seria egoísmo aceitar se casar com Lately, em uma tentativa de ser feliz, o colocaria em risco.

Tocando a tela, ela sente o tecido grosso e frio de encontro a sua mão. A friagem refletia o frio que sentia em todo o seu corpo. Desejava ter a mãe ao seu lado a aconselhando, seria certo aceitar se casar com Lately, mesmo que ele estivesse em risco?

— E então, Kathy? — Eleanor pergunta.

— Sim — Katherina responde fechando os olhos e fazendo uma prece para quem pudesse ouvi-la.

Uma vez que aceitara se casar com Lately, só poderia pedir a Deus que o conservasse com vida.



Katherina sabia que era loucura aceitar se casar com Lavelly, mas uma vez que havia aceitado não poderia voltar atrás.

A noite passara tão rápido que, quando dera por si, estava em frente à sua penteadeira com a criada prendendo seus cabelos, um dos seus vestidos feitos para a temporada foi ajustado para se tornar um vestido de casamento. Cornélia buscara em um baú seu véu de noiva, que agora era preso nos cabelos de Katherina.

— Você está linda, minha irmã. — Cornélia segura a mão de Katherina. — Será uma das noivas mais lindas já vistas em Londres.

— Pela terceira vez serei uma noiva, Cornélia. Estou com medo.

— Não tenha, dará tudo certo.

Uma vez que Katherina está pronta, ela desce para se encontrar com as outras irmãs e Coltrane, que a esperavam para irem até a igreja.

— Você está linda. — Coltrane toma o braço de Kathy e os dois saem de casa. — Vai ser um prazer entregá-la para o seu futuro marido.

— Por que não vê a hora de ficar com uma irmã a menos? — Kathy provoca arrancando uma risada de Coltrane.

— Não, porque finalmente cumprirei a minha promessa para o seu pai. Quando me casei com Cornélia, ele me fez prometer que se acontecesse algo com ele, cuidaria de todas, me certificaria que fizessem um bom casamento e fossem felizes.

— E me casar com um homem sem título é um bom casamento?

Coltrane para em frente à porta aberta da carruagem e toma as duas mãos de Kathy.

— É um bom casamento, porque eu sei que ele vai protegê-la, vai ampará-la em todas as questões e, principalmente, vai permitir que o seu talento cresça ainda mais, ele vai incentivá-la e ver você florescer de perto. Dará-lhe uma família. Você merece se casar, Kathy, independente do que a sociedade ou as matronas digam, você tem todo direito de se casar e ser feliz.

— Obrigada. — Kathy tenta segurar as lágrimas e entra na carruagem acompanhada por sua família.

Ao chegarem à igreja, Kathy percebe certa movimentação na porta, lady Eleanor e sua família estavam à espera deles.

— Algum problema, Wentworth? — Coltrane pergunta subindo as escadas correndo.

— Lavelly não chegou ainda — ele tenta dizer baixinho, mas Kathy consegue ouvir suas palavras.

— Eu disse, eu disse para vocês. — Ela se desespera e tenta voltar para a carruagem, mas é segurada por suas irmãs. — Ele deve estar morto em algum lugar, tudo por minha culpa.

— Não fale besteiras, Kathy. Não aconteceu nada com o Sr. Lavelly — Cornélia diz.

— Por que não vamos para a sacristia esperar por ele? Talvez alguma coisa o tenha atrasado — Eleanor diz indicando o caminho e Kathy é

praticamente arrastada pelas mulheres.

— O que aconteceu? — Coltrane pergunta olhando para a rua.

— Não sei ainda, enviei meu criado até a loja para saber se aconteceu alguma coisa. Ele queria esse casamento, não iria sumir assim, Coltrane.

— Eu sei que não, o homem estava praticamente desesperado para se casar com Katherina. O meu medo é que essa história de maldição seja verdade e realmente alguma coisa tenha acontecido. Kathy não se perdoaria e temo que não se recuperaria de mais uma tragédia.



Aiden estava nervoso, era o dia do seu casamento e tudo parecia conspirar para que não conseguisse chegar à igreja. Primeiro, ao arrumar sua roupa, seu criado havia cometido um deslize e queimado seu paletó, o obrigando a preparar outra roupa; quando estava para sair, um problema na loja demandou sua atenção, o que o obrigou a correr até seu escritório para resolver.

Ao sair da loja, depois de quarenta minutos fechado no escritório com dois funcionários, não estava olhando para onde ia, já que estava nervoso por causa do atraso e quase fora atropelado por uma carruagem, se não fosse um dos empregados da loja o puxar, muito provavelmente estaria em uma cama esperando pelo médico.

Quando finalmente conseguiu entrar em uma carruagem de aluguel temeu respirar fundo, já que o dia parecia ser de azar, não queria demonstrar que começava a se acalmar, parecia que tudo finalmente daria certo. Até que a carruagem chacoalhou quase tombando. Uma das rodas se soltara, o que obrigou que ele descesse irritado.

— Será que um homem não pode chegar para o seu casamento em paz? — Aiden reclama olhando para o cocheiro, que se encolhe com a sua raiva. — O que mais pode acabar acontecendo?

— Não diria isso, senhor, essas palavras podem trazer ainda mais azar para o senhor — o cocheiro diz e se afasta depois de receber um olhar irritado.

Antes que possa esbravejar com outra pessoa, do nada um trovão se ouve e começa a chover molhando completamente Aiden.

— Que ótimo! — ele grita olhando para céu. O cocheiro que o tinha alertado começa a balançar a cabeça enquanto tenta arrumar a roda.

Sem alternativas, Aiden vira as costas para a carruagem quebrada e praticamente corre para a igreja, durante todo o caminho é preciso se desviar de algumas pessoas, cavalos com seus cavaleiros que passeiam sem se importar com quem está passando, algumas carruagens que passam a toda velocidade por ele. Ao virar uma esquina, uma carruagem que passa por ali atravessa sobre uma poça de lama espirrando a água suja e enlameada sobre ele, fazendo com que desfira todos os tipos de maldições que conhecia.

— Senhor Lavelly? — Aiden escuta alguém gritar seu nome e ele olha por sobre o ombro, uma carruagem para ao seu lado. — Sou o cocheiro do duque de Wentworth, ele me enviou atrás do senhor — o homem grita para ser ouvido por sobre o som da chuva.

— Graças a Deus, vamos para a igreja, homem. — Aiden sobe ao lado do cocheiro mesmo, já que estava com pressa demais, para esperar que ele descesse e puxasse a escada para que entrasse na carruagem.

ele

— Ele está praticamente duas horas atrasado, ele não vem, aconteceu alguma coisa — Kathy diz caminhando de um lado para o outro na sacristia. — É quase meio-dia e, quando der o horário, o padre não vai mais realizar o casamento.

— Não aconteceu nada, Kathy, acalme-se — Hester diz se abanando com o leque e mantendo um olhar atento no altar da igreja.

— Esqueceram quem eu sou? Sou a noiva amaldiçoada. Não tenho sorte, homem nenhum vive o suficiente para se casar comigo! — ela grita dando as costas para a porta e tenta arrancar o véu.

— Espero que não tenha desistido de se casar, enfrentei todos os tipos de má sorte para estar aqui, e se tiver que amarrá-la para que se case comigo eu farei. — Kathy gira ao ouvir a voz de Aiden.

— Você está vivo. — Kathy o olha da cabeça aos pés, completamente molhado e sujo de lama.

— Claro que estou, agora vamos nos casar, antes que o padre diga que teremos que esperar até amanhã.

— O que aconteceu, Aiden? — Eleanor pergunta.

— Depois eu explico, agora temos um casamento para realizar.

— Mas é quase meio-dia, e o noivo está completamente imundo — o padre diz para Coltrane, que olha para os noivos que se aproxima.

Kathy linda em seu vestido claro ao lado de Aiden, completamente imundo.

— Se realizar o casamento, farei uma doação generosa para a igreja — Coltrane diz fazendo com que o padre pare de resmungar.

— E se fizer isso o mais rápido que conseguir, lhe darei outra doação tão generosa quanto — Aiden complementa e o padre se arruma rapidamente no altar.

Aiden toma a mão de Kathy após limpá-la em um lenço que Simon lhe entrega e o padre pega a Bíblia.

— Trouxe as alianças? — o padre pergunta e Aiden tira uma caixinha do bolso. — Lady Katherina Threston aceita se casar com o Sr. Aiden Lavelly?

— Sim — ela diz baixinho e o padre não a corrige para que fale mais alto.

— Senhor Aiden Lavelly, aceita se casar com Lady Katherina Threston?

— Sim — ele diz com a voz grossa e alta.

— Troquem as alianças. — Aiden retira a luva de Kathy colocando a aliança em seu dedo, para em seguida Kathy fazer o mesmo. — Pelo poder a mim conferido pela igreja, os declaro marido e mulher. Por favor, assinem o livro de registros.

Após a assinatura, Kathy olha para suas irmãs, ela estava casada, mas o medo não passara ainda, na primeira vez seu noivo morrera ao sair da igreja.

— Eu disse que, assim que aparecesse o homem certo, ele quebraria a maldição — Pippa tenta cochichar para Hester, mas todos na igreja conseguem ouvi-la.

— Estamos casados — Aiden diz com um sorriso e puxa Kathy para ele a beijando na frente de todos.

— Finalmente — Cornélia resmunga e enxuga algumas lágrimas. — Só espero que mais nada de azar aconteça com eles.

— Dos seus lábios para os ouvidos de Deus — Eleanor diz arrancando risada de todos.



Aiden observa Katherina ao seu lado na carruagem, uma vez que ele estava completamente sujo e nenhuma carruagem de aluguel iria querer levá-lo, Coltrane mandou que fossem na dele, que ele alugaria outra para a família. Os dois estavam a caminho de Eymer House, onde um café da manhã especial pelo casamento havia sido preparado.

— Você está bem? Está tão quieta — Aiden diz resistindo a vontade de segurar a mão de Katherina.

— Estou apenas preocupada, olha o seu estado, tenho certeza de que a maldição tentou a todo custo matá-lo.

— Não foi assim. — Aiden sorri. — Foram apenas alguns percalços, mas estou aqui. Nada de mal vai me acontecer. E outra, já nos casamos.

— O meu primeiro noivo morreu logo após o casamento.

— Já faz alguns minutos que nos casamos. Tire isso de sua cabeça, amor, nada vai me acontecer, já disse isso.

Katherina volta o rosto para olhar Aiden e tenta sorrir, ela estava preocupada, passaria todos os seus dias temendo a morte de seu marido.

— Você deve achar que sou uma louca.

— Louca não, apenas passou por coisas que a traumatizaram, não posso imaginar como é perder alguém logo após o casamento, ou então um dia antes de se casarem. Isso lhe causou marcas que não serão apagadas tão facilmente.

— Após a morte de Carter, decidi que jamais me casaria novamente, não arriscaria a morte de outra pessoa, e agora veja só, estou aqui, casada novamente.

— E dessa vez será para sempre, vamos envelhecer juntos, ver nossos netos crescerem e quando um se for o outro irá junto. Morreremos velhinhos, dormindo em nossa cama de mãos dadas.

— Você não tem como prometer isso, Sr. Lavery.

— Talvez, e é Aiden, estamos casados agora.

Aiden estende a mão para segurar a de Katherina, que abre um sorriso tímido.

— E eu sou Katherina Lavery. — Ela ri. — Esposa do maior comerciante de toda Londres.

— Acho que a minha posição é ainda mais importante, afinal de contas sou casado com a maior pintora que esse mundo já viu.

— Bobagem, não sou tão boa assim; e outra existem outros pintores muito mais famosos que eu.

— Para mim não, só existe uma pessoa digna de todos os méritos por suas pinturas, e ela está ao meu lado.

A carruagem para em frente à Eymer House e Aiden ajuda Katherina a descer; ao entrarem em casa, o mordomo se aproxima rapidamente.

— Senhor Lavery, seu criado o aguarda com uma muda de roupa nova.

— Obrigado, vou me trocar de roupa e volto para ficar com você. — Aiden beija a mão de Katherina e acompanha o mordomo para o andar de

cima.

— Onde está o noivo? — Cornélia pergunta ao entrar em casa.

— Foi se trocar, seu criado trouxe uma roupa nova para ele.

A família, bem como os convidados vão para a sala de jantar onde o café da manhã estava sendo servido. Alguns minutos depois, Aiden se junta a eles, sentando-se ao lado de Katherina.

— Vou sentir falta de Katherina. — Pippa suspira encarando seu pãozinho doce e sente alguém lhe fazer um carinho nos cabelos.

— Ela não está se mudando para longe, poderemos visitá-la sempre que quisermos, não é, Sr. Lavelly?

— Sim, Hester, e agora podem me chamar de Aiden, somos da mesma família. E vocês serão sempre bem-vindas, tanto em nossa casa, quanto na loja.

— Viu, Pippa, vamos visitar a Kathy quantas vezes quisermos, e não haverá problema nenhum nisso, porque agora ela é uma mulher casada, não precisamos nem da nossa preceptora junto.

— Isso é a melhor parte — Pippa diz voltando a se alegrar.

— Coltrane, gostaria que pedisse para que os seus criados cuidem de transportar todo o material de pintura de Katherina para a minha casa. Pedi a minha governanta que arrumasse um dos quartos para ser o ateliê de pinturas, e acredito que a essa hora ele já esteja pronto.

— Vou pedir para que façam isso. Sei que Kathy não consegue ficar sem pintar um dia que seja.

— Nem sempre estou inspirada, Coltrane.

— Mas hoje é o seu casamento, quer inspiração melhor do que essa?

— Hester pergunta. — Se eu soubesse pintar, faria um lindo desenho de você agora, está tão bonita.

— A mamãe estaria emocionada — Cornélia concorda e enxuga uma lágrima. — Agora só falta arrumarmos um noivo para Hester e teremos alguns anos de folga até que chegue a vez de Pippa.

— Quem sabe, sem a minha presença ao lado de Hester, alguém demonstre interesse por ela.

— Não será tão fácil assim, agora Hester é minha cunhada e vou ajudar Coltrane a afastar os caçadores de dotes.

— Isso é o que mais me preocupa, alguns me procuraram demonstrando interesses por Hester, três deles estavam praticamente falidos e só perguntavam quanto que viria de dote junto com Hester. Os coloquei para correr.

— Alguém quis fazer-me a corte? — Hester pergunta sem acreditar. — Por que não disse nada?

— Como eu disse, eram apenas interesseiros. Quando alguém demonstrar que realmente deseja a você e não o seu dote, deixarei que saiba do seu interesse.

— Conte com minha ajuda, Coltrane, sei muito bem quem são os nobres que estão com dificuldades, já que alguns deles estão devendo em minha loja.

— Céus, agora é que não me caso! — Hester resmunga arrancando risada de todos.

— Não se preocupe, Hester, Cornélia e eu a ajudaremos.

— Isso mesmo, Kathy. Nós a ajudaremos, Hester.

Após a refeição servida, os convidados se despedem e vão embora, deixando apenas a família de Katherina, suas irmãs tinham lágrimas nos olhos quando começaram a se despedir. Por mais que Cornélia insistisse que ficassem aquela noite ali, Aiden queria mostrar para Kathy sua nova casa.

O novo casal desce as escadarias até a carruagem após abraçar a todos, Aiden ajuda Katherina a entrar na carruagem e ocupa um lugar ao seu lado.

— Você pode visitá-las amanhã se desejar. Agora pode fazer tudo o que quiser sem se importar com as fofocas.

— Eu sei. — Katherina suspira. — É a primeira vez que me separo delas, Pippa é tão pequena ainda.

— Não moramos muito longe, amor, e tenho certeza que muito antes que você possa sair de casa para visitá-las, elas estarão batendo em nossa porta.

— Você não se importa? Realmente?

— Claro que não, são suas irmãs. Não quero que perca o contato com elas. Somos uma família agora.

— Obrigada.

A carruagem de Coltrane para em frente a um sobrado e Katherina, com ajuda de Aiden, desce observando a construção.

— Sei que não é uma mansão, mas é muito confortável. Se quiser podemos procurar outra casa.

— Não, somos somente nós dois, tenho certeza que essa casa está perfeita.

— Vamos entrar? — Aiden toma a mão de Katherina apoiando em seu braço e os dois entram na casa.

Katherina olha para os quatro criados da casa, que estão parados um ao lado do outro esperando as apresentações.

— Boa tarde — Katherina diz e eles respondem fazendo uma mesura para ela.

— Kathy, esses são o Senhor e Senhora Hughes, meu mordomo e a governanta, Turner meu criado particular e a senhorita Halls, ela lhe

ajudará por enquanto até que sua criada chegue com suas coisas.

— É um prazer conhecer a todos.

Os criados se dispersam e Aiden toma todo o tempo do mundo apresentando cada cômodo da casa. Ao chegarem no que seria seu quarto a partir daquele dia ela encara a cama.

— Eu sei que os casamentos na alta sociedade, normalmente cada um tem o seu quarto, mas eu gostaria que ficasse aqui comigo.

— Aqui? — Katherina observa o quarto.

— Muito simples?

— Não, tem o seu estilo, é limpo, organizado. Apenas não esperava que quisesse que eu dormisse com você.

— Pois eu quero, e é algo que não tem negociação. Você dormirá todas as noites comigo em minha cama.

— Está bem — Katherina sussurra e vai até a janela observar a rua.

— Você vai consumir o casamento agora?

— Está nervosa?

— Há algo que preciso contar, algo que ninguém sabe.

— O que foi, Kathy? — Aiden se aproxima e ela pode sentir o calor do seu corpo.

— Eu não sou virgem, alguns dias antes da morte de Carter, ele e eu ficamos juntos. — Katherina olha por sobre o ombro para Aiden, que a olha sem dizer nada. — O decepcionei? Sei que talvez deveria guardar segredo, mas eu não podia, queria lhe contar a verdade.

— Não importa, Kathy. Nada disso importa. Você o amava, não é verdade?

— Sim, de certa forma. Estávamos apaixonados, na época a morte de meu primeiro noivo parecia apenas um acidente, não imaginava que Carter morreria poucos dias depois.

— As duas mortes foram um acidente, Kathy. — Aiden estende a mão para ela, que coloca a sua delicadamente sobre a dele. — Venha, vou lhe mostrar que não me importo por não ser o primeiro, já que a única coisa que me importa é ser o último.



No dia seguinte ao casamento, Katherina se surpreendeu com a visita de Hester e Pippa logo pela manhã. Aiden, que estava saindo para a loja, apenas olhou para ela com um olhar de “eu avisei” e saiu de casa com um sorriso.

— Como você está? — Hester pergunta se sentando e olhando a pequena sala. — A casa não é tão grande quanto a nossa.

— Não me importo, Aiden me mostrou tudo, adorei essa casa e ainda não temos filhos, então é perfeita para o momento. Sinto certa paz e aconchego ao morar aqui.

— Que bom, temíamos que iria querer voltar correndo para casa — Pippa brinca arrancando uma risada de Katherina.

— Temo que não voltarei.

— Então já se conformou que a maldição não existe?

— Ainda não, temo que esse medo não me abandone tão cedo. Meu coração está apertado por pensar nele lá fora, com tanta coisa que pode acontecer.

— Se viver com medo, não vai aproveitar o casamento, o Sr. Lave... quer dizer, o Aiden — Pippa se corrige. — Parece muito apaixonado por

você.

— Vou tentar não pensar muito nisso, mas mudando de assunto, já que vieram até aqui, porque não vamos até a loja, podemos tomar um chá e comprar os pãezinhos da Cornélia.

— E eu preciso de uma fita nova para usar hoje à noite, será meu primeiro baile sozinha. Agora que é casada, não terei ninguém para me acompanhar no canto das solteiras.

— Você vai se divertir, tenho certeza que terá diversos pedidos para dançar.

— Você não vai ao baile, Kathy? — Pippa pergunta enquanto elas colocam as luvas e saem de casa.

— Lady Eleanor sugeriu ontem que eu não comparecesse essa noite, a notícia do meu casamento vai começar a se espalhar, ela achou que seria melhor se comparecêssemos como um casal no baile do marquês de Eglington. Como será algo um pouco menor e cheio de amigos será ideal para que eu apareça com meu marido.

— Se lady Eleanor disse, então talvez seja realmente o ideal — Hester concorda.

As três caminham os dois quarteirões que separam a casa da loja, ao entrarem no grande prédio Katherina pode sentir alguns olhares sobre ela, principalmente pelos funcionários.

— Acho que seu casamento não é mais novidade aqui na loja. — Hester ri enquanto Katherina empurra as irmãs para a confeitaria no andar térreo.

— Três chás e bolinhos — Katherina pede e a moça atrás do balcão rapidamente entrega os pedidos.

— Você acha que haverá fofocas? — Hester pergunta olhando para os outros fregueses da confeitaria.

— Provavelmente, mas já sabíamos que isso poderia acontecer. Além do mais, fofocas a meu respeito não é novidade.

— Cornélia disse que não deveríamos responder as provocações ou aos falatórios.

— E ela está certa, Pippa, se formos dar atenção faremos apenas o que eles querem, dar ainda mais motivos para mexericos.

Após o chá com bolinhos, e comprarem os pãezinhos de Cornélia, as três sobem para o primeiro andar atrás da fita de Hester. Enquanto sua irmã escolhe o tom certo da fita, Katherina observa os outros vendedores, um deles lhe chama a atenção por preparar algumas telas, depois de avisar as irmãs onde estaria, ela vai até ele.

— Bom dia.

— Bom dia, Lady Lavelly, em que posso ajudá-la? — Katherina olha para o senhor e abre um sorriso.

— Pode me chamar por Sra. Lavelly, meu marido não tem um título, nada mais que justo que eu use o mesmo tratamento que ele.

— Como quiser, Sra. Lavelly.

— O senhor faz essas telas?

— Sim, meu filho me ajuda.

— Em qualquer tamanho?

— O que a senhora desejar.

Katherina pega três telas as colocando lado a lado e olha para elas por um tempo.

— Acredita que poderia fazer uma desse tamanho?

— Ficará enorme, mas sim, podemos fazer, terei que sustentar no meio, para que o tecido não se rasgue.

— Quanto...

— Não, senhora. — O senhor balança as mãos. — O Sr. Lately já orientou a todos, a senhora pode comprar o que quiser e devemos apenas enviar a nota para ele. Não se preocupe com o valor.

— Está bem, já que é assim que meu marido deseja. — Katherina tenta resistir ao desejo de revirar os olhos. — Vou precisar de alguns pincéis maiores, os que eu tenho são para desenhos mais delicados.

— Temos alguns ideais para isso. Assim que a tela estiver pronta, meu filho entregará tudo em sua casa.

— Obrigada.

— Não tem de quê, se precisar de mais alguma coisa, me avise.

Katherina volta para junto de suas irmãs, que a puxam para o próximo andar. Ao contornarem a escada dão de frente com Aiden e seu secretário.

— Ouvi comentários que minha querida esposa estava na loja, ao que parece são verdadeiros. — Aiden toma a mão de Katherina e deposita um beijo.

— Hester precisava de uma fita.

— Encontrou, minha irmã? — Aiden pergunta fazendo Hester corar com o tratamento.

— Como não haveria de encontrar? Parece haver de tudo nessa loja.

— Essa é a intenção. Tenho que conversar com alguns funcionários. Ficarão bem sozinhas?

— Não se preocupe, não nos perderemos dentro da loja — Pippa diz puxando Hester deixando Katherina para trás com Aiden.

— Elas estão nas nuvens com o tratamento que estão recebendo, tudo porque são suas cunhadas.

— Pedi que informassem a todos sobre o nosso casamento, aqui vocês receberão o melhor tratamento que poderiam ter.

— Obrigada. Melhor ir atrás delas, ou terá que enviar uma equipe de resgate para os seus funcionários, pois elas os deixarão doidos.

— Não vou detê-la mais, antes de ir embora me procure.

Katherina tenta se afastar, mas Aiden segura a sua mão, ele olha para os lados e uma vez que tem certeza de que ninguém os observa a beija delicadamente, provocando um arrepio no corpo de sua esposa.

— Não se esqueça de me procurar. — Aiden se afasta com um sorriso e Katherina balança a cabeça tentando clarear as ideias. Desde que tiveram a primeira noite juntos, todas as vezes que ele a tocava provocava arrepios.



A festa do marquês, mesmo que menor em comparação aos outros bailes, estava praticamente lotada. Segundo lady Eleanor, todos estavam ansiosos por poderem finalmente ver Katherina e seu marido. Muitos queriam comprovar com os próprios olhos que Aiden ainda estava vivo alguns dias depois.

— Não há mais nada para essas pessoas verem do que nós dois? — Katherina pergunta irritada e Aiden ri ao seu lado.

— Somos o casal da temporada, acredito que até mesmo superamos o casamento de Eleanor e Simon.

— Ele é um duque, como podemos superar o casamento deles?

— Você é a pintora sensação do momento e eu sou o dono de uma loja de departamentos. Você uma dama e eu apenas um plebeu.

— E você é a noiva amaldiçoada, não se esqueça, Kathy — Hester complementa.

— Muito obrigada por me lembrar, Hester. — Katherina revira os olhos e se aproxima de Aiden apertando o seu braço.

— O que foi, meu amor? — Aiden pergunta preocupado, mas antes que ele possa responder, alguém se aproxima.

— Você se casou?! — Lorcan grita atraindo a atenção de várias pessoas.

— Lorde Rodwell — Aiden estica a mão, que é ignorada.

— E então, Katherina?

— É Sra. Lavelly agora — Katherina responde. — Sim, eu me casei.

— Não que seja de sua conta — Aiden complementa respirando aliviado quando Simon e Riley se aproximam.

— Você não poderia ter se casado, você deveria ser minha noiva. Eu estava conversando com Coltrane...

— E, segundo ele, não havia qualquer hipótese nesse casamento, já que a Sra. Lavelly havia rejeitado a ideia — Simon diz e recebe um olhar mortal de Lorcan.

— Não estou falando com vocês. Vamos, Katherina, temos que conversar. — Lorcan agarra o braço de Katherina e leva um empurrão de Aiden.

— Nunca mais toque em minha esposa, ou não vou responder pelos meus atos.

— Quem você pensa que é para me enfrentar? Sou o herdeiro de um título, um cavalheiro, enquanto você cresceu nas sarjetas de Londres. Não deveria nem estar nesse baile.

— Uma vez que eu sou o anfitrião e convidei o Sr. Lavelly e sua esposa, eles estão aqui com a minha bênção. No seu caso, foi convidado apenas porque convidei o conde de Eglington e sua esposa, e por ser sobrinho dele — Riley explica.

— O que está acontecendo, Lorcan? — Fergus, o conde de Eglington, pergunta.

— Katherina se casou com um plebeu — Lorcan diz cuspiendo as palavras.

— Casou? — Henrietta leva as mãos ao rosto para, em seguida, puxar Katherina para um abraço. — Mil felicidades em seu casamento, minha querida. Carter estaria muito feliz por ver que finalmente se deu uma chance de ser feliz.

— Feliz? — Lorcan grita. — Meu primo não estaria feliz por ver sua noiva casada com um ninguém.

— E ele estaria feliz se ela se casasse com você? — Aiden pergunta.

— Sou da família.

— Você vai herdar um título, terras, dinheiro, mas não significa que irá herdar a noiva de seu primo — Simon diz tentando afastar Lorcan de Aiden. — Além do mais, agora não há o que fazer. O casamento foi realizado e consumado.

— Vou apelar para o Parlamento, para a igreja, esse casamento será anulado. Katherina foi ludibriada por esse homem, ele quer apenas o dinheiro dela.

— Lorcan, não faça nada impensado, Katherina tem o direito de se casar com quem bem desejar — Henrietta diz. — Vamos, já chega de confusão, estão todos olhando e comentando.

— Vamos, Lorcan — Fergus chama e olha para Katherina. — Henrietta tem razão, Carter estaria feliz. Você não deveria parar sua vida por causa da morte dele. Ele a amava.

— Obrigada — Katherina sussurra e volta para perto de Aiden, que abraça a sua cintura sem tirar os olhos de Lorcan.

— Isso não vai ficar assim.

— Vou considerar isso como uma ameaça, e tenho várias testemunhas que podem confirmar suas palavras — Aiden alerta.

Lorcan sai puxado por seu tio. Assim que eles se afastam, Katherina abraça Aiden, que a sente tremer em seus braços.

— Ele não vai deixar por isso mesmo vai? — Katherina pergunta.

— Temo que não, mas não se preocupe, vou cuidar de você.

— Não é comigo que estou preocupada, mas sim com você.

— Vou ficar bem, meu amor, quer ir para casa? Hester pode ficar com Eleanor.

— Não, eu vou embora também, não estou mais no clima para dançar — Hester diz e faz um carinho na irmã. — E tenho certeza que Coltrane gostaria de saber o que aconteceu aqui.

— Desse jeito não vai se casar, minha irmã — Katherina diz levantando o rosto do ombro de Aiden.

— É a minha primeira temporada, Kathy, e ela ainda não terminou. Além do mais, se for para arrumar um noivo interesseiro ou grosso como Lorcan, prefiro procurar alguém como Aiden.

— Fico feliz que me considere como um exemplo. — Aiden sorri e estende o braço livre para Hester.

Depois de se despedirem de todos, o trio vai para a carruagem que Coltrane emprestara, a noite estava terminada da pior forma possível. Mas Aiden planejava animar a esposa assim que chegassem em casa e, principalmente, tirar o medo que via em seus olhos.



Duas semanas se passaram após a festa em que Lorcan praticamente enfrentara Aiden, as coisas pareciam se acalmar, mas a sensação de medo e de que alguma coisa poderia acontecer, não abandonava Katherina. Como distração, ela passava o dia em seu quarto de pinturas, a tela encomendada chegara e ela preparava um presente especial para o marido.

Ao ver a tela tão grande e descobrir que seria um presente, por diversas vezes, Aiden perguntara se seria um retrato de corpo inteiro de Katherina para ele.

— Você não deveria estar aqui — Katherina resmunga pela quinta vez e Aiden apenas sorri, ele estava sentado em uma poltrona atrás da tela que ela pintava, assim não poderia ver o que estava sendo retratado.

— Vê-la pintar, me acalma. Além do mais, a loja está praticamente transbordando de pessoas, o baile de Eleanor e Simon parece ter movimentado toda Londres.

— O duque sempre se manteve fora dos salões, agora que se casou e acompanha Lady Eleanor atraiu as atenções.

— Sem contar que todos estão ansiosos para verem a Mansão Halsey por dentro.

— Tem isso também. — Katherina ri e se levanta, ela caminha lentamente até Aiden, que a puxa para o seu colo.

— O que foi, meu amor?

— Sinto uma inquietude em meu peito, estou com medo desde a hora que eu acordei.

— Está tudo bem, você está segura e eu estou aqui com você.

— Eu sei, mas não consigo evitar, meu coração está batendo tão rápido que tenho até medo que pare de bater.

— Quer que eu a distraia? — Aiden pergunta abrindo os botões do vestido de Katherina e beijando seu pescoço.

Uma batida na porta faz com que Katherina dê um pulo do colo de Aiden, que resmunga.

— Sim? — Katherina pergunta abanando o rosto, tentando controlar o desejo que o marido despertara nela.

— Desculpe por aparecer sem avisar, Sr. Lavelly — Baldrick diz ao abrir a porta. — Mas o senhor é necessário na loja.

— Avisei que passaria o dia com minha esposa.

— Sinto muito, se realmente não fosse importante, não estaria aqui.

— Pode ir, Aiden, vou ficar bem. Além do mais vou visitar minhas irmãs, estou com saudades dos meus sobrinhos.

— Não saia sozinha.

— Não vou.

Aiden beija Katherina e, após lhe fazer um carinho, acompanha seu secretário até a loja.

Após limpar todos os pincéis que usara e pegar sua bolsa e chapéu, Katherina sai de casa, onde o senhor Hughes parara uma carruagem de aluguel.

— Obrigada — Katherina agradece e entra com sua ajuda na carruagem.

O percurso até a casa de Cornélia não era longe, poderia fazer a pé, mas prometera a Aiden que não andaria sozinha por Londres, por isso optara por uma carruagem. Katherina olha pela janela o caminho, e quando o cocheiro passa direto pela rua de sua irmã ela se preocupa.

— Com licença? — Katherina chama pela janela de comunicação, mas é completamente ignorada. — Senhor?

A carruagem toma um pouco de velocidade e depois de alguns minutos para em uma rua um pouco mais afastada, a porta se abre e Katherina grita ao notar o homem que sobe.

— Como vai, Katherina?

— Lorcan? O que deseja? — Katherina se aproxima da outra porta tentando abri-la sem sucesso.

— Você. — Lorcan abre um sorriso e a carruagem chacoalha ao voltar a se movimentar. — Vamos para a minha casa de campo, lá poderemos ficar juntos e acertar tudo.

— Acertar tudo? — Katherina continua tentando abrir a porta e Lorcan abre um sorriso.

— Ela está trancada, não conseguirá fugir, minha querida.

— Me deixe ir, Lorcan, eu me casei, não há nada que possa fazer.

— Sempre posso fazer alguma coisa.

— Aiden vai notar meu sumiço, ele virá atrás de mim.

— Lately não é nada comparado a mim. O que ele pode fazer? Sou um cavalheiro e se removi um obstáculo do meu caminho sem ser descoberto, o que a leva a crer que responderei por roubá-la?

— Que obstáculo? — Katherina sente seu corpo gelar ao ouvir as palavras de Lorcan, ele se ajeita no banco a sua frente e o sorriso que abre

é diabólico.

— Carter. Ele estava me atrapalhando a conseguir o que eu queria, o que era meu por direito. Eu deveria ser um conde.

— Vo-você... você o matou?

— Não foi difícil, bastou apenas pagar para o cocheiro assustar os cavalos e deixar que eles fizessem o resto. Claro que o acidente foi melhor do que eu imaginava. Não precisei nem ao menos fingir ao lado da sua cama, que estava triste por sua perda.

— Como você pode? — Katherina grita e avança sobre Lorcan, que lhe dá um tapa no rosto a derrubando no chão da carruagem.

— Eu mereço ser o conde de Eglington e não Carter, aquele estúpido. E quando ele anunciou o seu casamento com você, percebi que ele teria ainda mais do que era meu por direito. Então simplesmente o tirei do meu caminho e permiti que você vivesse o seu luto. Quando voltou para Londres, deveria ter se tornado minha noiva, mas o que você fez? Permitiu que um rato de sarjeta tocasse em você! — Lorcan grita cuspidando as palavras. — Você era intocada, pura, era para ser minha.

— Nunca seria sua — Katherina diz se afastando. — Eu amava Carter, me entreguei a ele, minha pureza foi entregue nas mãos de Carter sem remorso e após me entreguei ao Aiden com alegria. Você jamais encostaria ou encostará em mim. Prefiro a morte.

— Eu posso providenciar isso. — Lorcan aproxima seu rosto de Katherina. — Mas apenas depois de tê-la em minha cama. Você será minha pelo tempo que eu quiser, após permitirei que morra.

— Jamais serei sua.

— É o que veremos.

— Como assim, ela não chegou? — Aiden pergunta para Cornélia, que ao notar sua preocupação se levanta. — Meu mordomo disse que a colocou em uma carruagem há meia hora e que ela estava vindo para cá.

— Ela não está aqui, Aiden, estamos esperando por ela a tarde inteira — Cornélia diz. — Onde Kathy poderia estar?

O mordomo de Cornélia entra na sala acompanhado por um casal e após anunciá-los se afasta.

— Katherina está? — Henrietta pergunta preocupada.

— Não, ela deveria estar aqui, mas não a encontramos — Aiden diz.

— Lorcan sumiu — O conde diz para Aiden, que sente suas pernas falharem.

— O senhor acha...

— É possível, desde o baile em que ele os confrontou, tem andando estranho, e hoje ele sorria a todo momento. Uma hora atrás, ele simplesmente sumiu, seu criado particular entrou em sua carruagem e foi embora.

— Para onde ele poderia ter ido? — Cornélia pergunta.

— Acredito que para a casa de campo dele, é o único lugar que não está sob a minha posse. São duas horas de viagem. Se ele conseguiu colocar suas mãos em Katherina, deve ter ido para lá.

— Eu tenho que ir. — Aiden vai para a porta e escuta passos atrás dele.

— Vamos com você — Coltrane diz com o conde de Eglington ao seu lado. — Vou pedir que preparem os cavalos, enquanto isso vou enviar uma mensagem para Wentworth, tenho certeza de que irá nos ajudar.

Meia hora depois, Aiden, Coltrane, Simon, Riley e Fergus partem a caminho da casa de campo de Lorcan. Estavam em desvantagem, já que

ele conseguira se afastar tempo o suficiente de Londres, mas eles não desistiriam.

Katherina precisava dele, Aiden prometera que a protegeria e não conseguira manter sua promessa. Durante todo o caminho, ele só conseguia pedir para quem fosse que o ouvisse, que protegesse sua esposa, até que ele chegasse a tempo de salvá-la.



— Sabe que lugar é esse? — Lorcan pergunta apontando para a janela, a carruagem acabara de atravessar uma ponte e diminuía para a troca de cavalos.

— Não — Katherina responde sem olhar para onde ele indicou.

— Foi bem aqui que Carter morreu. Ele caiu daquela ponte.

— E sente satisfação em me apontar isso?

— Por que não haveria de ter? Estou prestes a ter tudo o que desejo.

— Não serei sua.

— Já disse que sua vontade é um mero detalhe.

— Vou providenciar a troca dos cavalos — o cocheiro avisa saltando da carruagem e Lorcan se ajeita.

— Não demorará muito para seguirmos viagem, logo estaremos em casa.

— Minha casa está em Londres — Katherina diz irritada mexendo as mãos para tentar soltar o nó que Lorcan havia feito para amarrar suas mãos e pés.

— Logo chamará minha casa de lar. É onde ficaremos juntos, provavelmente por pouco tempo, já que assim que tiver o que desejo

providenciarei seu pedido.

Katherina olha de canto de olho para a porta da carruagem tentando pensar em uma fuga. A estalagem onde pararam estava com pouco movimento e precisava contar com a ajuda de alguém. Mesmo que não tivesse certeza de que alguém a ajudaria e enfrentaria Lorcan, precisava tentar.

— Senhor? — O cocheiro se aproxima e Lorcan levanta para amarrar a boca de Katherina para que não grite.

— Fique em silêncio.

Lorcan salta da carruagem e bate a porta, ele se afasta alguns passos e Katherina se estica, não haveria outra chance de escapar. Durante todo o caminho, Lorcan se vangloriara de quanto era inteligente por conseguir orquestrar a morte de Carter, mas naquele momento ele era um estúpido. Algumas senhoras saem da estalagem e param em frente à porta, provavelmente esperando por sua carruagem.

Elas estavam a vários metros de distância, mas Katherina não via outra forma, tinha que atrair a atenção delas, se levantando com dificuldade, ela pula até a porta a abrindo de uma vez e se jogando ao chão com um grito abafado.

— Por Deus! — uma das senhoras grita ao olhar a cena.

— Katherina. — Lorcan se aproxima dela, que já tentava tirar a mordaca.

— Socorro! — Katherina grita assim que é jogada por cima do ombro de Lorcan e atrai a atenção de todos. — Me ajudem!

— Por favor, não prestem atenção, minha esposa tem um problema mental, estou levando-a para nossa casa onde ficará em repouso — Lorcan diz e tenta entrar na carruagem.

— Alto lá! — Um homem se aproxima e olha para Katherina.

— Sou Katherina Lavelly, meu marido é Aiden Lavelly, ele está me sequestrando, alguém me ajude! — Katherina se debate sobre o ombro de Lorcan.

— Ela está delirando.

— Delirando ou não, o senhor vai colocá-la no chão, não sairá daqui enquanto não acreditarmos que diz a verdade.

— Sou um cavalheiro, minha palavra é válida.

— Cavalheiro ou não, vai colocar a moça no chão. — Alguns homens se juntam em volta deles e Katherina continua pedindo por ajuda.

— Se afastem! — Lorcan diz e puxa a porta da carruagem, mas alguns homens o pressionam e arrancam Katherina dele.

— Por favor, estou dizendo a verdade — ela diz enquanto a desamarram. — Ele não é meu marido.

— Calma, moça, vamos levá-la para dentro da estalagem — um dos homens diz e a ajuda a caminhar. — Não deixem ele escapar, ele vai fugir! — ele grita por sobre o ombro.

A estalagem não era elegante como alguns hotéis de Londres, mas era bem arrumada e limpa, a mulher do dono se aproxima com um copo de água e um pedaço de pão, para que Katherina se alimente.

— Vamos enviar uma mensagem para o seu marido, poderá ficar essa noite aqui até que ele chegue.

— Obrigada, senhora, temia que ninguém fosse me ajudar.

— Está bem-vestida, o que comprova que é uma dama, e o seu olhar de pânico era possível ser visto de longe. Não poderíamos deixar que ele a levasse e no final ser verdade que estava sendo mantida contra sua vontade.

— Katherina! — A porta se abre batendo de encontro à parede e Aiden corre até ela a puxando para si.

— Aiden?

— Viemos assim que percebemos que havia desaparecido. — Aiden beija seu rosto e volta a abraçá-la forte.

— Ele está louco.

— Não se preocupe, Coltrane e lorde Eglington estão lá fora cuidando de tudo, ele vai responder pelo seu sequestro.

— Ele matou Carter, ele ordenou a morte dele, Aiden — Katherina diz finalmente derramando as lágrimas que segurara por tanto tempo. — Ele é um assassino.

— Ele vai pagar, meu amor, fique calma.

— Se quiser, temos um quarto disponível, podem ficar lá — a senhora diz novamente e Katherina rejeita.

— Quero ir para casa, preciso ir para casa.

— É claro, meu amor, vou providenciar uma carruagem, quer ficar aqui enquanto cuido de tudo?

— Não, por favor, não se afaste de mim.

— Eu não vou. — Aiden coloca o casaco sobre os ombros de Katherina e sai com ela da estalagem depois de agradecer a todos pela ajuda.

Katherina olha para Lorcan, que está sendo arrastado para uma carruagem da polícia com seu tio logo atrás.

— Lorde Fergus? — Katherina chama e ele vai até ela. — Ele matou Carter, ele queria o título.

— Tem certeza, criança?

— Ele confessou o crime. Na verdade, ele teve o prazer de me contar que foi aqui que ele matou Carter.

— Vou cuidar disso... — Fergus suspira e olha para Aiden. — Cuide dela, meu rapaz, dê todo o amor e carinho que ela teria recebido de meu

filho.

— Eu vou cuidar, e o senhor e sua esposa serão sempre bem-vindos em nossa casa.

— Obrigado.

Coltrane, Simon e Riley se aproximam do casal, Katherina abraça o cunhado.

— Quem imaginaria que eu estaria aqui — Simon diz olhando para a estalagem e balança a cabeça.

— Por quê? — Aiden pergunta puxando Katherina para ele novamente.

— Os pais de Eleanor morreram aqui. Eles foram atropelados por uma carruagem.

— Oh, Deus! — Katherina sente as pernas falharem e Aiden a pega no colo.

— O que foi, meu amor?

— Lorcan matou os pais de Eleanor, a carruagem que os matou era a de Carter.

— Impossível — Simon diz se aproximando de Katherina.

— O cocheiro assustou os cavalos antes da troca, eles saíram em disparada e a carruagem de Carter saiu destruindo tudo no caminho até cair da ponte. Três anos. Foi bem aqui.

— Riley?

— Sim? — Riley pergunta para Simon. — Vá para a minha casa e fique com Eleanor, peça para Scarlett não sair do lado dela até que eu chegue e, por favor, não conte nada ainda. Vou com a polícia, quero garantir que Lorcan jamais veja o sol novamente.

— Não se preocupe, vou cuidar dela.

— Vamos para casa? — Coltrane pergunta indicando uma carruagem e Aiden concorda; após entrar, ele ajeita Katherina novamente em seu colo, puxando sua cabeça para apoiar em seu ombro.

Ela estava segura em seus braços e finalmente todo o perigo tinha terminado.

Epílogo

Três meses se passaram desde que Katherina fora levada por Lorcan, muitos mistérios haviam sido resolvidos, principalmente a questão da morte dos pais de Eleanor. Após descobrir a verdade e que fora tão vítima quanto Katherina, a duquesa se dirigira até a sua casa, onde as duas choraram abraçadas por um tempo.

Descobrir que a morte de Carter fora planejada por Lorcan acabara com o falatório de que Katherina seria amaldiçoada. A morte de seu primeiro noivo fora um acidente e não havia mais nada a temer.

A temporada em Londres estava no fim, Cornélia decidira ir para o campo ficar por alguns meses com sua família, Hester e Pippa iriam junto. Mesmo que ficasse para trás e sentisse a falta de suas irmãs, Katherina estava feliz por ficar na cidade. Estaria ao lado de Aiden, o homem que a amava imensamente, demonstrando seu sentimento a cada segundo.

Antes que sua família partisse, todos se reuniram no saguão da Lavelly's, Katherina finalmente terminara seu quadro, que agora estava pendurado em uma parede coberto por um grande tecido.

— Nem mesmo eu sei o que está pintado ali — Aiden diz para Coltrane, que ri ao seu lado. — Fui impedido de colocar meus olhos na

tela.

— É uma surpresa, meu marido, e não teria qualquer sentido de ser assim, se visse antes.

— Quando podemos tirar o tecido? — Pippa pergunta impaciente e Aiden pisca para ela indo para a frente do grupo que estava reunido.

— Alguns meses atrás, minha querida esposa começou a pintar um novo quadro, disse que seria um presente especial para todos na loja. Acredito que finalmente chegou a hora de finalmente testemunharmos a nova obra da Sra. Lately.

Aiden puxa o tecido revelando o imenso quadro onde a fachada da loja estava pintada, na rua em frente alguns funcionários foram retratados, era possível até mesmo identificar alguns deles. Sentadas em uma mesa na confeitaria estavam as irmãs de Katherina. No telhado da loja, um casal passara despercebido por Aiden.

— Não notou nada, meu marido? — Katherina pergunta apontando para o casal.

— Nós dois? — Aiden pergunta depois de se aproximar para olhar melhor. — Não pode ser, existe um bebê no colo da mulher. — Ele ri e olha para Katherina, que sorri. — Kathy?

— Foi uma adição de última hora.

— Está grávida? — Aiden a puxa para os seus braços, em sua animação perguntara tão alto que todos olhavam para eles em silêncio agora.

— Estou, meu marido, vamos ser pais.

Gritos de alegria encham a loja enquanto Aiden beija Katherina apaixonadamente, comemorando a notícia.



À noite, após a grande revelação do quadro, Katherina e Aiden caminharam até a casa deles. Mesmo que ele estivesse disposto a encontrar uma casa maior, ela estava determinada a morar ali por longos anos.

Após entregar a capa, as luvas e o chapéu para o mordomo, Katherina toma as mãos de Aiden e o puxa para o quarto de pintura. Ao entrar, os olhos dele vão diretamente para um quadro que começava a receber algumas cores. Katherina revelara o quadro de seu perfil no dia que voltaram após o sequestro de Lorcan.

Ela mostrara para Aiden, confessando que não conseguia deixar de pensar nele nenhum dia antes de se casarem e principalmente após o casamento.

— Quero lhe contar algo — Katherina diz se separando dele, ela levanta um quadro o pendurando na parede e se afasta.

Aiden observa o quadro onde uma árvore solitária é atingida por um raio. O mesmo quadro que ela se negara por tantas vezes a contar o seu significado.

— O que foi, meu amor?

— Pinteí esse quadro na noite em que soube da morte de Carter. Aquela árvore sou eu. Foi assim que me senti quando Carter morreu. Atingida por um raio, partida em milhares de pedaços, sozinha em uma grande escuridão.

— Por isso ele significa tanto para você?

— Sim, de todos os quadros foi o que melhor retratou meu sentimento naquele dia. — Katherina gira para Aiden e o abraça. — Já não me sinto mais assim. Estou completa, o meu mundo está cheio de luz, calor, felicidade. Eu te amo, Aiden, e jamais poderia ser tão feliz quanto agora.

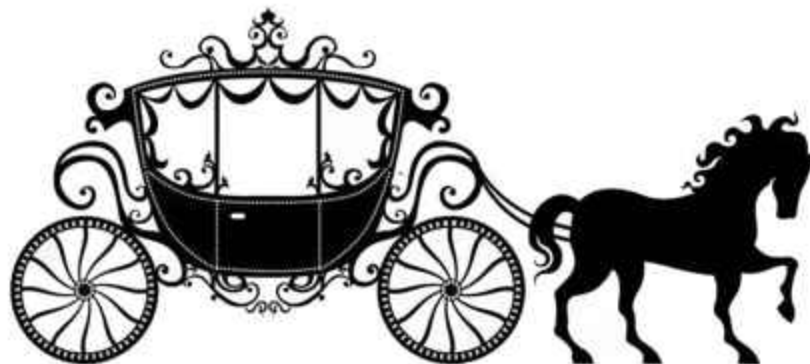
— Eu te amo, Kathy, e fico imensamente feliz por você ter caído em minha loja. Carregá-la em meus braços naquele dia foi a melhor decisão que tomei. Porque foi o caminho aberto para finalmente tê-la comigo.

— Eu te amo, Sr. Lately. — Katherina beija Aiden, que a pega no colo indo para o quarto que dividiam.

Não existia nenhuma maldição em suas vidas, havia uma nova vida a caminho, e eles não poderiam ser mais felizes.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A DAMA FORMOSA



A DAMA FORMOSA

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 3

Prólogo

Hester Threston estava cansada, no ano anterior passara praticamente todos os bailes em um canto com sua irmã, já que ninguém queria se aproximar. Pois consideravam Katherina amaldiçoada e com isso a fama passara para Hester.

Após descobrirem a verdade, e que seu último noivo na verdade fora assinado, Katherina fora aceita novamente nos salões como uma dama. Mesmo tendo se casado com um plebeu, dono de uma grande loja de departamentos.

A temporada estava na metade naquele ano e Hester tivera alguns pretendentes que procuraram por Coltrane para lhe fazer a corte. Mas, como prometido, seus dois cunhados investigaram o passado de cada um deles, os rejeitando um após o outro. O último fora o mais difícil, pois se classificava como um marido em potencial. O problema é que, quando finalmente Coltrane liberara a corte, descobriram que o rapaz tinha uma amante a qual engravidara.

A mulher fizera questão de adentrar o salão gritando que a criança que carregava em seu ventre avantajado, pela gravidez adiantada, era dele. Hester saíra na mesma hora com sua família e o acordo fora quebrado.

Determinada a se afastar dos salões pelo resto da semana, Hester fora visitar Katherina e seu sobrinho de alguns meses. Nathan era um bebê gorducho, com as bochechas rosadas e um sorriso sem dentes encantador.

— Já disse que deve se acalmar, Hester, uma hora o homem certo irá aparecer — Katherina diz tomando seu chá, enquanto observa a irmã balançando o sobrinho em seu colo.

— Estou calma. Na verdade, minha irmã, estou determinada a não aceitar nenhum convite pelo resto da semana, ficarei em casa, sentada na sala observando Pippa fazer seus entalhes.

— Esse também não é o que eu diria de se acalmar. Se não for aos bailes, ao teatro, dirão que está em casa, reclusa, chorando pelo provável noivo que perdeu.

— Mas não estou chorando, acredito que estou aliviada. Já imaginou me casar e depois descobrir que ele tem um berçário cheio de filhos ilegítimos? Não, muito obrigada.

— Então, deve voltar para as atividades da sociedade de cabeça erguida.

— Kathy, irão todos me olhar com cara de pena, não quero passar por isso.

— Acredito então que tenho uma solução — Aiden diz entrando na sala e beija Hester em sua fronte e vai para sua esposa.

— Que solução? — Katherina pergunta.

— Tenho um novo sócio, ele convidou a mim e a minha família para visitarem sua casa por duas semanas. Hester pode nos acompanhar como uma desculpa para ajudar com Nathan.

— E a babá?

— Oras, ela também vai, Kathy. Apenas diremos para todos em Londres que Hester aceitou nos acompanhar. Podemos até mesmo levar

Pippa. Coltrane disse que a menina está irritada por ficar em casa.

— Não é fácil ter dezesseis anos e ser impedida de ir aos bailes e saraus — Hester concorda.

— O que me diz, irmãzinha? Aceita nos acompanhar?

Hester olha para o sobrinho em seus braços, que abre um sorriso babado e ri.

— Como posso resistir ao senhor? — Hester pergunta ao sobrinho, que solta um gritinho animado com a atenção. — Está bem, eu irei com vocês.



Lucca observa o vasto campo à sua frente e suspira dando um toque em seu cavalo para continuar a caminhada. Alguns anos atrás poderia dizer que não havia nada mais prazeroso do que cavalgar de encontro ao vento, vistoriando a propriedade que um dia seria sua, quando herdasse tudo.

Agora, quatro anos depois de um grave acidente que sofrera, não poderia mais se imaginar assumindo tudo o que era de sua família. Quando chegasse a hora daria um jeito para que seu irmão George assumisse tudo em seu lugar. Estava danificado e se achava indigno de assumir o título de seu pai. Jamais poderia ser o Conde de Bonneville.

Quando seu cavalo tropeçara em um buraco o derrubando e caindo sobre seu braço esquerdo, jamais imaginara que alguns dias depois seria obrigado a passar por uma cirurgia, que tiraria tudo de seu cotovelo para baixo. Agora era obrigado a conviver com apenas um pedaço de seu braço. E sob os olhares de pena constantes de seus vizinhos e família.

Ao se aproximar da casa grande da propriedade percebe que uma carruagem está parada e algumas pessoas descem com a ajuda dos criados.

— Lucca, venha cumprimentar os nossos convidados — sua mãe ordena e ele desce de seu cavalo em um pulo, evitando assim que o criado,

que se aproximava, tentasse ajudá-lo.

— Boa tarde. — Lucca estende a mão direita para o homem ao lado de seu pai.

— Lately, esse é meu filho mais velho Lucca, marquês de Portendorfer — seu pai lhe apresenta. — Lucca, esse é Aiden Lately, meu novo sócio.

— É um prazer. — Aiden devolve o aperto de mão sem nem ao menos olhar para seu outro braço, onde a manga está costurada. — Minha esposa Katherina e minhas cunhadas, Pippa e Hester.

Lucca olha para as duas jovens rapidamente, desde o seu acidente que não demorava seu olhar em uma dama. Cometera o erro no início de manter seus olhos nos rostos delas, para apenas ver seus olhares de pena ao notar seu braço faltante.

— Creio que desejem descansar, principalmente o bebê, vou levá-las até seus quartos — sua mãe Ellen diz tomando o braço da Sra. Lately.

— Adoraria tomar uma xicara de chá agora, realmente foi um pouco cansativa a viagem, mas o lugar é tão lindo, que esqueci completamente o cansaço — Katherina diz para sua anfitriã, enquanto Hester e Pippa as seguem.

Ao passar pelo marquês, Hester não consegue deixar de notar a manga esquerda costurada, evidenciando assim que ele não possui metade de seu braço. Determinada a não permitir que ele perceba que ela notou sua condição, ela vira para Pippa, que falava alegremente ao seu lado.

— Você viu o lago? Tenho certeza que é um lugar maravilhoso para um barquinho.

— Os passeios de barco são emocionantes — George diz as acompanhando.

O falatório aos poucos fica inaudível quando entram em casa. Lucca olha para seu pai, que está em silêncio.

— Vou conversar com alguns arrendatários, devo voltar na hora do jantar.

— Seu pai me informou que administra todo o lugar. Creio que os nossos negócios serão passados a você um dia — Aiden diz abrindo um pequeno sorriso. — Gostaria de conhecê-lo também.

— Creio que o único que deva conhecer é meu irmão George, já que ele é o meu herdeiro e assim assumirá tudo.

— Mas levará tempo...

— Não, não levará — Lucca interrompe.

— Perdoe meu filho — Stefan, seu pai, entra na conversa e dá a Lucca seu olhar de desagrado. — Por que não entramos e assim pode descansar um pouco?

Lucca volta para o seu cavalo montando rapidamente e se afasta de casa. Não imaginava que receberiam a visita de duas jovens. Quando elas passaram por ele, não pôde deixar de notar que lady Hester era muito bonita. Com um sorriso doce e jeito delicado. Seria perfeita para seu irmão, os dois se dariam bem, no final das duas semanas quem sabe não haveria até mesmo um anúncio de casamento?



— O que será que aconteceu com ele? — Pippa pergunta para Hester se jogando na cama. As duas dividiriam um quarto durante as duas semanas.

— Não é educado perguntar, sabe disso. Se quisessem que soubéssemos comentariam.

— Eu sei, mas é que ele é tão bonito.

— Bonito? — Hester pergunta se dirigindo para a janela. — Não percebi.

— Como não, Hester? Ele é ainda mais bonito que seu irmão. Se bem que George tem um sorriso maravilhoso.

— E George tem vinte anos.

— E? Um dia terei que me casar, por que não posso pensar em possíveis candidatos?

— Tem razão. — Hester ri e volta a olhar pela janela.

O jardim, que ficava atrás da casa era impressionante, era muito bem cuidado e com diversas flores coloridas, alguns pássaros descansavam nos galhos de algumas árvores, enquanto o vento balançava as folhas.

— Não pretende escolher outro cavalheiro? Não é porque esse deu errado que todos são ruins.

— Não se preocupe, Pippa, um dia irei me casar, apenas quero alguém que não seja um tolo, ou que não possa ver uma mulher e se jogar em sua cama. E principalmente quero ser a única a dar filhos para o meu marido.

— Você poderia esperar como Katherina fez. Daqui dois anos farei meu debut, poderíamos procurar por noivos juntas — Pippa diz sentando na cama animada.

— Serei terrivelmente ofuscada pela beleza de minha irmã caçula.

— Isso é impossível, Hester, você sabe que é a irmã doce e requintada. Eu sou a maluca que anda com uma faca e procurando pedaços de madeira para entalhar alguma loucura.

— Katherina é a louca das pinturas, você a do entalhe, sou a louca que procura um marido fiel. Fazemos um bom conjunto.

— E Cornélia?

— Cornélia é a louca que acredita que todas as irmãs são sãs —
Hester diz e as duas soltam uma gargalhada. — Vamos, deite-se e descanse
um pouco.

— Não quero me deitar, por que não descemos para o jardim e
passeamos um pouco?

— Sem acompanhantes?

— O que de mal pode acontecer? Acha mesmo que podemos nos
meter em algum problema, Hester?

Hester olha pela janela para o jardim e concorda com o passeio. Que
problemas poderiam arrumar em um pequeno passeio?



— Olha esse graveto — Pippa diz levantando um pedaço de madeira grosso do tamanho de seu dedo.

— E por acaso isso daria alguma coisa? — Hester pergunta ajeitando seu chapéu.

— Poderia fazer uma minhoca. — Pippa ri e coloca o graveto em sua cesta. — Ou uma cobra para Nathan, ele adora os bichinhos que eu faço.

— Ele é ainda um bebê, Pippa, não consegue brincar com os objetos que você faz.

— Eu sei, mas o Aiden imita os sons dos bichos, e ele dá risada. Então é um incentivo para continuar a fazer os bichinhos, além do mais um dia ele irá crescer e terá uma floresta inteira de animais.

— Está bem, não vou mais discutir. — Hester ri e volta a caminhar observando as flores. Desde pequena sempre admirara a beleza de um belo jardim. Por muitas vezes se sentara com sua mãe enquanto ela podava algumas rosas e mudava de vaso.

— Você acha que Charlotte e Dayse se sairão bem até o final da temporada?

— Dayse praticamente tinha uma horda de pretendentes atrás dela. Agora Charlotte está com tanta sorte quanto eu.

— Juro que não entendo essa caça aos maridos que algumas moças fazem. Cornélia conseguiu Coltrane antes de entrar em um salão de baile e Kathy literalmente caiu aos pés de Aiden. Parece-me muito mais fácil.

— Mas nem todas têm tanta sorte. Eu mesma não consegui nada.

— Será que você tem uma maldição? — Pippa solta uma gargalhada derrubando sua cesta.

— Não, sua tola. — Hester tenta se manter séria, falhando totalmente. — Esqueceu que a única com uma maldição é Kathy?

— Se a maldição dela é se casar com um homem como Aiden, quero ser amaldiçoada também.

— Somos duas. — Hester puxa Pippa para entrelaçarem os seus braços e seguem pelo caminho de pedras até o lago.

Ao notar outros pedaços de madeira, Pippa se separa de Hester para juntar os que poderia usar enquanto sua irmã caminha lentamente pela borda do lago.

— Tome cuidado, Pippa! — Hester grita por sobre o ombro e pega algumas pedras para arremessar no lago tentando fazer com que algumas quiquem na água.

— Você deveria se casar com algum duque velho, assim ficará rica, uma duquesa e jovem — Pippa diz fazendo Hester rolar os olhos.

— Para que quero um marido velho? — Hester resmunga e lança uma pedra com força em direção à moita perto da borda do lago.

— Maldição! — um homem grita e diz outras palavras que Hester jamais ouvira. Ao ouvir os gritos, Pippa corre até Hester a abraçando. — Quem...

— Me perdoe, Lorde Portendorfer, não vi que o senhor estava ali — Hester diz para um Lucca muito irritado e sem camisa, com o peito molhado.

Os olhos de Hester viajam em direção ao seu braço esquerdo cortado pela metade. Por mais que sobrasse apenas um pedaço, ele ainda conseguia movimentá-lo. Nunca antes vira alguém com um membro amputado e não conseguia desviar os olhos.

— Imagine se soubesse — ele diz irritado e vai para uma grande pedra onde pega sua camisa a vestindo.

— O senhor não deveria estar no lago a essa hora, ainda mais desnudo — Pippa diz.

— O lago é meu — ele reclama mais irritado porque o viram sem camisa do que por ter levado a pedrada.

— Sim, mas há visitantes...

— As senhoritas não deveriam estar acompanhadas? — Lucca interrompe Pippa.

— Mas estamos — Hester finalmente responde.

— E onde está sua companhia?

— Pippa está me acompanhando e eu a ela.

— Sim. — Pippa sorri.

— Isso não é ter uma acompanhante.

— E o que mais poderia acontecer conosco? Insinua que suas terras são perigosas? — Hester questiona e Lucca lhe dá as costas irritado.

— Não. É completamente seguro. Mas duas damas não deveriam andar sozinhas. Venham, vou acompanhá-las até a casa antes de voltar para os meus afazeres.

— Viemos sem ajuda, podemos voltar da mesma forma — Hester diz girando as costas para ele e puxa Pippa pela mão. As duas podem ouvir

alguns resmungos atrás delas e uma olhada sobre o ombro revela que Lucca as segue.

— Não precisa nos acompanhar.

— Não sei onde as senhoritas estavam com a cabeça. Estou tanto tempo longe de Londres que não estou sabendo que as regras mudaram e agora as jovens solteiras podem andar sozinhas.

— O senhor está sendo ofensivo. — Hester gira para ele irritada. — Não estávamos fazendo nada de mais.

— Jogar uma pedra na cabeça de seu anfitrião não é nada de mais?

— O senhor que estava no lugar errado — Hester devolve a provocação e volta a andar. — Não pode me culpar por estar escondido e sem roupas.

A casa aparece no campo de visão deles e Lucca as ultrapassa nervoso. Depois de longo dia de trabalho estava cansado, o sol fizera com que transpirasse e ansiasse por um bom banho gelado. A água do lago estava convidativa, por isso tirara a camisa para se refrescar, até que fora atingido em sua cabeça. O ponto atingido ainda estava dolorido.

— Tudo bem, Lucca? — George pergunta assim que ele entra em casa.

— Essas senhoritas Threston são duas doidas. Estavam caminhando sozinhas e jogando pedras nas pessoas.

— Eu estava jogando pedras no lago. O senhor que estava escondido nos espionando — Hester diz ao entrar e recebe um olhar divertido de George.

— Não estava espionando ninguém — ele diz entredentes e sobe as escadas.

— Perdoe meu irmão. Ele tem andado nervoso ultimamente.

— Ele precisa aprender a ter um pouco mais de educação com as visitas e não andar escondido nas moitas.

— A senhorita realmente o acertou com uma pedra?

— Foi sem querer — Hester solta um gemido.

— Pois da próxima vez, por favor, espere que eu esteja presente para testemunhar a cena, nada me deixaria mais feliz do que ver meu irmão levando uma pedrada. — George pisca para Hester e Pippa, que dão risada, e some por uma porta lateral.

— Como pode um irmão ser tão engraçado e o outro tão irritado?

— Nós quatro também não somos nada parecidas, Pippa.

— Tem razão, eu sou a mais inteligente. — Pippa dá de ombros e sobe a escada correndo em direção ao quarto, provavelmente passaria a tarde toda fazendo seus entalhes.

Sem qualquer outra coisa para fazer, Hester vai para a sala de música, poderia tocar alguma coisa e se distrair até a hora do jantar.



O jantar na opinião de Hester fora terrível, praticamente a cada troca de prato recebera um olhar ferino de Lorde Portendorfer, parecia que ele não esquecera o episódio da pedra, sem contar que um grande galo em sua cabeça era visível e ele tivera que explicar o que acontecera mais cedo.

— A Srta. Threston me acertou com uma pedra — Lucca diz para sua mãe.

— Pippa? — Kathy olha para a irmã mais nova, que revira os olhos.

— Não fui eu, Kathy. Estava distraída olhando alguns gravetos. — Kathy olha para Hester, que fecha a cara irritada.

— Ele estava escondido atrás de uma moita, não tive culpa.

— Por que a senhorita estava olhando gravetos? — George pergunta mudando o rumo da conversa e Hester olha agradecida.

— Faço entalhes em madeira, aprendi com meu pai. Estou sempre à procura de pedaços de madeiras que dariam bons objetos. Meus sobrinhos possuem vários brinquedos feitos por mim — Pippa diz.

— Amanhã a levarei até a nossa madeireira, tenho certeza que encontrará madeiras ideais para os seus projetos.

— Obrigada — Pippa diz com os olhos brilhando.

— O dia amanhã promete ser maravilhoso, podemos ir até o vilarejo — Ellen diz para Katherina.

Hester escuta a conversa a sua volta, com o assunto da pedrada esquecido conseguia voltar a comer. Quase no final do jantar, Hester escuta seu nome ser chamado e olha para lady Ellen, que a observa em silêncio.

— Desculpe, estava perdida em pensamentos, o que a senhora perguntou?

— Como está a temporada esse ano? Tínhamos a intenção de ir para Londres, mas como esses dois estão determinados a não se casarem nos próximos meses, preferimos ficar na tranquilidade do campo.

— A senhora sabe que a última coisa que desejo é alguma jovem elegível marcando-me como um alvo a ser conquistado — George reclama. — E se eu for a Londres levarei Lucca comigo.

— Não sairei daqui — Lucca resmunga.

— O que significa que estamos presos no campo. — George dá de ombros fazendo sua mãe reclamar.

— Desse jeito jamais terei noras e netos.

— Tudo tem o seu tempo, lady Ellen, eu mesma estava determinada a não me casar e veja só, hoje tenho um marido maravilhoso e um filho lindo. Por isso não apressamos Hester, temos certeza de que uma hora encontrará um par perfeito.

— Alguém de cabeça-dura espero, ou então ele sofrerá terrivelmente ao ser alvejado pela esposa — Lucca diz e a mesa fica em silêncio.

— O senhor deveria ser um cavalheiro e não tocar em um assunto esquecido — Hester diz.

— Nunca disse que sou um cavalheiro. — Lucca se levanta. — Se me dão licença, devo verificar um assunto antes de me recolher.

— Perdoe meu filho, ele parece ter esquecido completamente como se trata uma visita — lady Ellen diz segurando a mão de Hester, que estava ao seu lado.

— Por favor, não é necessário se desculpar por ele.

Após todos os pratos servidos, todos vão para a sala tomar chá.

— Lady Ellen, onde fica a biblioteca? Gostaria de um livro para ler.

— No final do corredor, quarta porta à esquerda.

— Obrigada.

Hester sai da sala e conta as portas até a biblioteca, assim que ela abre a porta acaba se assustando com a presença de Lucca, que está sentado escrevendo em um livro.

— Deseja alguma coisa?

— Vim procurar um livro para ler. — Hester entra na biblioteca e vai até a estante para olhar as lombadas.

— Estou trabalhando.

— Não pedi que me indicasse um livro, ou que o pegasse para mim. Posso muito bem fazer isso sozinha.

— Não me atrapalhe — Lucca resmunga e volta a escrever.

Por sobre o ombro, Hester dá algumas olhadas para Lucca, mesmo com apenas um braço, ele se virava perfeitamente usando a pena e o tinteiro, folheando as páginas. O termo inválido usado por muitas pessoas, não parecia ser aplicado a ele.

Hester puxa uma escada para subir e olhar os livros que estão mais altos e escuta um suspiro.

— Não vou conseguir ajudá-la se cair.

— Não pedi ajuda — ela diz baixinho e volta a olhar os livros, após escolher um título ela desce lentamente evitando passar vergonha ao cair.

Deixando o livro sobre a mesa, ela vai para o outro lado olhar os outros livros.

— Já não escolheu?

— Estou fazendo de tudo para imaginar que não está aqui e assim não atrapalhá-lo, mas o senhor parece determinado a se fazer notar. Por que não trabalha em silêncio? Se não falar comigo, consigo escolher o que eu quero e vou embora.

— A senhorita está andando de um lado para o outro, fazendo barulhos, não notar a sua presença é impossível.

— Pois tente. — Ela dá de ombros e volta a olhar para os livros, a outra estante era ainda mais atrativa, enquanto passa o dedo pelas lombadas escolhendo o que parecia ser interessante para ler, Hester canta baixinho uma melodia.

— Mas que... — Lucca para de escrever e olha por sobre o ombro. Hester estava com um sorriso no rosto cantarolando, enquanto olhava os livros. Diferente dele, parecia não perceber que estava acompanhada.

Por muito tempo após o seu acidente, Lucca não dedicava um segundo olhar para alguma dama, sabia o que elas pensavam dele. Era um homem incompleto, a falta de seu braço o tornava repugnante para algumas mulheres, nem mesmo as que moravam no vilarejo e sabiam que ele tinha o título de marquês e era herdeiro de seu pai, dedicavam seu tempo a ele. Todas desejavam George, com a esperança que ele morresse logo e deixasse a herança para o seu irmão mais novo.

Hester era a primeira mulher que ganhava seu tempo, permitira que seus olhos vagassem pelo corpo pequeno e bem formado. Não era uma mulher cheia de curvas ou com um decote generoso, mas os cabelos negros presos à nuca, com alguns cachos soltos, pareciam implorar para serem bagunçados por ele. Toda ela estava bem arrumada, nem mesmo um

botão fora do lugar. Enquanto as roupas de Lucca foram adaptadas por causa de seu braço. As roupas de Hester pareciam abraçar seu corpo perfeitamente.

Irritado por seus pensamentos divagarem sobre o corpo de uma dama insolente que adorava retrucá-lo, Lucca volta a se concentrar nas contas que está fazendo, alguns minutos depois uma presença ao seu lado chama sua atenção, ao levantar a cabeça, percebe que Hester lê o que ele escreve sobre o seu ombro.

— Algum problema, lady Hester?

— O senhor está fazendo a conta errada. — Ela dá de ombros e vai buscar o livro que deixara na ponta da mesa. — Mas sou apenas uma mulher, não é?

— A senhorita entende de contas?

— Tive ótimas professoras, posso fazer contas de cabeça, ajudo minha irmã a cuidar da casa, assim posso me preparar para quando tiver a minha.

— Com algum nobre afetado — Lucca concorda.

— Não estou à procura de um nobre afetado. Katherina se casou com um plebeu e é muito feliz.

— Lately é rico, sua irmã manteve o padrão de vida. Se a senhorita se casasse com um plebeu e tivesse que trabalhar arduamente para se sustentar, não veria esse mundo como um reino encantado.

— Não vejo o mundo como um reino encantado, lorde Portendorfer, sei muito bem as feiuras que estão em cada esquina.

— Verdade? — Lucca coloca a pena sobre a mesa e olha atentamente para Hester. — Uma jovem dama sabe alguma coisa sobre sofrimento e pesadelos? Não me parece ter sofrido.

— Perdi meus pais, milorde — Hester diz tentando segurar a emoção. — Após vi minha irmã enterrar dois noivos e sofrer as acusações da alta sociedade. Essa mesma irmã foi sequestrada por um louco e quase a perdemos. Minha vida não foi um mar de rosas como acredita. E o fato de ter perdido um braço não lhe dá o direito de julgar as pessoas.

— A senhorita deveria se retirar. — Lucca se levanta com a mão fechada em punho, estava nervoso e sua vontade era de socar alguma coisa. — Não a conheço, o que significa que não tem o direito de tocar em assuntos que não são de sua competência.

— O senhor foi o único a julgar alguma coisa aqui. Sou uma dama e estava determinada a não tocar no assunto sobre seu braço, já que nessa casa parecem evitar de propósito esse tema. Mas saiba que se me atacar, não ficarei calada. Responderei cada uma de suas provocações, quer doa ou não, ouvirá a verdade.

— Tenha uma boa-noite, Srta. Threston — Lucca diz esperando que a jovem saia do escritório, mas ela apenas aperta ainda mais com força os livros que estão em suas mãos e olha para ele com os olhos cheios de cólera.

— Lembre-se que o que falta em seu corpo é um braço e não a cabeça, tenho certeza de que não foi essa educação dada por seus pais. Sua mãe ficaria imensamente horrorizada se visse como trata uma dama. Vou embora, não porque está me expulsando, mas porque eu quero, a companhia de um livro é muito mais atrativa do que a de um homem sem educação.

Hester sai de cabeça erguida da biblioteca deixando a porta aberta atrás dela, não se voltaria para fechá-la, não queria olhar para Lucca novamente. Alguns segundos depois, a porta bate de encontro ao batente e

Hester não resiste a olhar por sobre o ombro. Alguns criados correm naquela direção e ela se afasta rapidamente.

Lucca, marquês de Portendorfer, não tinha educação nenhuma e ainda tivera a coragem de dizer que ela não entendia nada do mundo. Ele não poderia ser mais mal-educado e grosso se desejasse na opinião de Hester. Ela sempre tinha razão, e para fazer valer essa verdade, ela sobe para o quarto, passaria o resto da noite lendo um dos livros que escolhera, eles sim eram companhias muito melhores do que o estúpido do marquês.



No dia seguinte, Katherina e a condessa saem para visitar algumas pessoas no vilarejo, enquanto Pippa, juntamente com sua criada, acompanham George até a madeireira. Hester sabia que o rapaz se metera em uma enrascada ao sugerir acompanhar sua irmã até lá, ela ficaria perdida em meio a tantas madeiras e não sairia tão cedo do lugar.

Sem qualquer outra coisa para fazer, Hester passa no berçário para dar um beijo no sobrinho e após desce até o jardim, onde poderia se sentar para terminar de ler o seu livro. O dia estava claro, com poucas nuvens no céu, o que proporcionava um pouco de calor.

Escolhendo uma cadeira para se sentar, Hester ajeita o guarda-sol sobre a sua cabeça e se senta abrindo na página que parara anteriormente.

— Não quis passear? — Aiden pergunta se sentando ao seu lado um tempo depois.

— Não estava com vontade, e estou viajando nas páginas desse livro. Não tinha uma reunião agora?

— Já conversamos, e o conde foi chamado para vistoriar algo, já que estamos os dois aqui sem nada para fazer, o que acha de darmos um passeio a cavalo?

— É uma ideia maravilhosa, vou me trocar e o encontro nos estábulos.



— Então? — Aiden diz enquanto guia o seu cavalo ao lado de Hester, que sorri.

— Trouxe-me aqui para conseguir perguntar algo indiscreto?

— Nunca tive essa intenção. — Ele ri. — Desde que me casei com Katherina passei a me preocupar com minhas novas irmãs. Até mesmo já ameacei Coltrane caso faça algo contra Cornélia.

— Estou bem, Aiden, confesso que fiquei chateada com tudo o que aconteceu, mas foi mais por causa da mentira do que por gostar dele. Pelo menos foi antes de nos casarmos.

— Falando em casamento, espero que não esteja decidida a ter a mesma vida que Kathy queria antes de se casar comigo.

— Claro que não — Hester diz indignada. — Desejo me casar e ter filhos. Acredito que esse ano não terei minha oportunidade.

— Como não? Temos dois rapazes solteiros na casa, tenho certeza que um deles poderia ser seu marido.

— Lorde George é bonito e simpático, mas não sinto nada quando falo com ele.

— E lorde Portendorfer?

— Ele é um estúpido.

— Qualquer homem seria se levasse uma pedrada na cabeça.

— Foi sem querer, Aiden. Ele estava escondido atrás de uma moita. Além do mais, prefiro ficar solteira a me casar com ele. Você não disse que iria investigar cada um dos meus pretendentes?

— E faço, claro que no último caso não poderia desconfiar da gravidez. Mas em relação aos filhos de Bonneville, não encontrei nada que poderia desaboná-los.

— Você os investigou?

— E como não poderia? Não poderia fazer uma sociedade com essa família, sem saber com quem negociava. Os filhos são ajuizados, mesmo com a reclusão de Portendorfer, creio que um acidente como esse mudaria qualquer pessoa.

— O que aconteceu com ele?

— Seu cavalo caiu sobre ele e esmagou o seu braço, o médico não conseguiu salvá-lo e foi obrigado a amputá-lo. Quando acordou já estava sem o braço. Ele pode ser um pouco arrogante ou mal-educado, mas é honesto e muito competente. Os negócios da família prosperaram com a administração dele.

— Está contando vantagens sobre lorde Portendorfer com alguma intenção, Aiden?

— Nenhuma, mas saiba que ele seria alguém que eu indicaria para se casar com você.

— Por quê?

— Porque, minha linda irmãzinha, nenhum homem que aceitaria ser mandado por uma mulher, ou fosse fraco emocionalmente seria bom o suficiente para se casar com uma das irmãs Threston. Dentre as quatro, você é a mais forte, não aceita nada calada, e um homem fraco não saberia conviver com você.

— Creio que tenha razão, mas não sei se lorde Portendorfer seria o ideal. Principalmente porque não o suporto, nem ele a mim.

— Nesse caso, talvez seja melhor que eu não fale o que penso.

Hester para o cavalo e olha para Aiden, que sorri.

— E o que pensa?

— Que, quando duas pessoas brigam tanto, só existem duas coisas que podem acontecer: a primeira delas é que os dois se matem.

— E a segunda?

— A segunda, é que os dois acabem sozinhos em uma cama.

— Está se referindo a... — Hester para de falar e Aiden solta uma gargalhada.

— Não estou dizendo nada, mas essa é a verdade, não há outra alternativa.

— Então creio que matarei lorde Portendorfer.

— Se você diz. — Aiden dá de ombros e instiga seu cavalo para voltar a andar.

Contrariada com as palavras de Aiden, Hester gira o cavalo e volta para a mansão, ela jamais terminaria em uma cama com Portendorfer, ele era insuportável e seria o último homem que ela escolheria.



— Hester, veja! — Pippa entra na sala correndo com sua cesta praticamente lotada de madeiras, com lorde George a seguindo, com os braços cheios.

— Você trouxe toda madeira que encontrou? — Hester ri tentando segurar a irmã, que praticamente tremia de tanta felicidade.

— Claro que não, lorde George disse que eu poderia pegar o que eu quisesse.

— É verdade, eu permiti que pegasse o que ela achasse que poderia dar algum objeto. E não se preocupe, lady Hester, lady Pippa praticamente atacou a pilha de sobras. Tudo o que os empregados consideravam lixo, ela viu potencial.

— Terei madeira suficiente para duas semanas.

— Duas semanas? — George pergunta coçando a cabeça e olhando a pilha de madeira que estava no chão agora. — Lady Pippa, ainda tem madeira lá fora. Acredito que seria madeira suficiente para um ano.

— Não seja tolo. — Pippa ri. — Em duas semanas precisarei de mais madeiras.

— Acredite, lorde Bonneville, nem toda madeira do mundo seria suficiente para que Pippa passasse o resto da vida fazendo entalhes. Acredito até mesmo que tudo o que trouxeram não dure duas semanas.

— Por Deus, o que é tudo isso? — Katherina pergunta ao entrar na sala e olhar para a imensa pilha de madeira.

— Lorde George permitiu que eu pegasse as madeiras que eu quisesse.

— E por isso trouxe a madeireira inteira?

— Não exagere, Kathy, aqui tem pouca coisa. É que fui tímida, senão teria pego toda a madeira que servirá como lenha depois. Tinha muita coisa que não seria aproveitada.

— Se queria tudo, poderia pegar, dei minha permissão, não foi? — Pippa praticamente fica vermelha com a atenção de George; notando o estado da irmã, Kathy pede para que os criados levem toda a madeira para o quarto da menina, que corre atrás deles.

— Ela passará todos os dias trancada no quarto; enquanto houver uma lasca de madeira, não a veremos novamente — Hester diz para Kathy, que se senta ao seu lado.

— Foi praticamente a única coisa que aprendeu com nosso pai, acredito que é uma forma dela se sentir perto dele.

— Será que ela conseguiu um pretendente também? — Hester sussurra apontando para George, que se servia de uma bebida.

— A diferença de idade é grande, mas, segundo Aiden, ele não tem intenção de se casar esse ano. Quem sabe? Talvez ele espere por Pippa. Os dois parecem ter se entendido.

— Pelo menos, ela teria um pretendente valioso.

— Você vai encontrar alguém, Hester, se não for esse ano, talvez ano que vem. Não sabemos o que o destino nos reserva.

— Você diz isso porque conseguiu um marido quando menos esperava.

— Tem razão, mas não perca as esperanças. Valeu a pena esperar.

— Esperar? Você nem queria se casar.

— Tem razão. — Kathy ri. — O que vai fazer agora à tarde?

— Pensei em dar uma volta pelo jardim. O lugar é tão bonito. Preciso de acompanhante?

— Seria o ideal, mas não, pode ir. Vou subir para ver o Nathan, passei a manhã toda fora.

Hester vai para o jardim onde praticamente esquece tudo o que está acontecendo a sua volta. Observar sua mãe cuidar das flores a acalmava e agora parecia sentir que ela estava ao seu lado. Deixando de lado o fato de que era a fofoca do momento em Londres, por praticamente ter se comprometido com um libertino, Hester caminha lentamente catalogando as espécies de flores em sua mente.

Depois de várias voltas, Hester sabe que está longe da casa, o certo deveria ser voltar, mas não estava com vontade de se sentar na sala novamente com um livro nas mãos. Ficar longe de Londres no momento era o ideal, talvez fosse melhor ir para a casa de campo da família, mesmo que fosse ficar sozinha durante todos os dias.

Mesmo que ficar sozinha fosse a última coisa que quisesse. Diferente das irmãs, sempre sonhara em se casar e ter uma casa cheia de crianças, ter alguém para conversar todas as noites em frente a uma lareira, sonharem juntos com o futuro. Ficara completamente arrasada quando aquela mulher invadira o baile alegando estar grávida. Os seus sonhos praticamente ruíram na sua frente, deixando uma imensa pilha de cacos.

Ao sentir uma gota cair em seu rosto, Hester levanta a face para olhar o céu, não notara que o dia ficara escuro de uma hora para outra e uma grande chuva se aproximava. Antes que pudesse correr em direção a casa, o céu praticamente desaba em sua cabeça e ela se desespera. Girando para procurar um abrigo, vê um pouco distante um chalé e corre para lá disposta a pedir por refúgio.

Ao chegar ao chalé, ela empurra a porta que estava entreaberta e entra rapidamente chacoalhando seu vestido que estava ensopado.

— O que pensa que está fazendo? — Hester escuta a voz de Lucca e fecha os olhos sem se virar para ele.

— Está chovendo.

— Já notei. O que quero saber é o que está fazendo aqui?

— Estava passeando pelo jardim, e de repente começou a chover, não tenho como voltar para casa, pois está muito longe.

Hester escuta um suspiro e logo uma manta lhe é entregue.

— Tire essa roupa molhada, ou vai ficar doente. Prometo que não vou olhar.

— Obrigada. — Hester olha por sobre o ombro para Lucca, que está de costas para ela, observando o fogo. — Que lugar é esse?

— É um antigo chalé construído por meu bisavô. Ele usava para se encontrar com sua amante.

— Ele construiu um chalé dentro de suas próprias terras, para encontrar com a amante? — Hester pergunta se virando para ele, após retirar o vestido e se enrolar na manta.

— Minha bisavó e ele nunca se amaram. Cada um tinha o seu amante, então estavam de comum acordo com a situação. — Lucca se abaixa e reaviva o fogo. — Venha para perto ou vai congelar.

Hester se senta em uma poltrona em frente ao fogo e ajeita a manta para que nada fique à mostra.

— Ainda usam esse lugar?

— Eu moro aqui.

— Aqui? Achei que morasse na mansão.

— Não, desde o meu acidente não fico mais lá — Lucca diz irritado e vai para a cozinha.

Hester olha para o pequeno chalé, não havia cômodos, a cama estava ao lado da lareira, e na outra parede era o que parecia ser a cozinha. Apesar de pequeno era muito arrumado.

— Eu prefiro o conforto da mansão — ela diz baixinho, mas ele a escuta.

— É claro que prefere, que dama ficaria em um lugar como esse?

— Eu ficaria, tem um certo charme. Apenas disse que prefiro ter mais conforto. Mas se fosse necessário, moraria em um lugar como esse.

— Não posso acreditar que uma moça como você ficaria em um lugar sem os milhares de criados para atendê-la. — Lucca lhe entrega um copo. — Tome tudo vai ajudar a se aquecer.

— Não sou tão esnobe quanto imagina, milorde. — Hester pega o copo e dá um gole no líquido escuro cuspindo tudo depois. — O que é isso?

— Conhaque, pare de desperdiçar e tome tudo. — Lucca pega o vestido que Hester deixara sobre uma cadeira e o coloca perto do fogo para secar. — Assim que a chuva passar, irá embora.

— Muito obrigada pela hospitalidade — Hester diz sarcasticamente e dá pequenos goles na bebida.

— A senhorita invadiu meu chalé.

— Estava procurando por abrigo e não sabia que morava aqui. Não deveria estar trabalhando?

— Isso não lhe diz respeito — Lucca se senta e olha para o fogo. Uma vez que seu lado esquerdo está virado para ela, Hester o observa em silêncio. — Já matou sua curiosidade?

— Não sei do que está falando.

— Não tira os olhos do que sobrou do meu braço esquerdo. E já o viu uma vez sem camisa. O que mais quer saber?

— Não quero saber nada. — Hester olha para o fogo e tenta ignorá-lo.

— Não preciso de pena.

— Quem disse que tenho pena do senhor? Está vivo, trabalhando, anda a cavalo e tenho certeza que faz milhares de outras coisas, por que haveria de ter pena? Conheço alguém que é digno de pena mais do que milorde, e nem assim penso sobre ele dessa forma, nem ninguém que o conheça.

— Alguém digno de pena? — Lucca dá uma risada seca. — Quem seria mais digno de pena?

— O duque de Wentworth. Já ouviu falar sobre ele?

— O que é considerado um monstro? E por acaso a senhorita o conhece?

— A duquesa é minha madrinha e melhor amiga de Katherina, por diversas vezes nos visitamos. O duque é um homem digno, forte e não se deixa levar pelo que as pessoas pensam dele. A última coisa que ele recebe é pena. O que eu também não tenho pelo senhor. Tenho dó de um cachorro ferido, de uma flor pisoteada, agora de um homem que tem uma língua ferina que compensa o braço faltante? Não, eu não tenho pena.

— O que a senhorita tem então? — Lucca se levanta e aproxima da poltrona que Hester está.

— Raiva, raiva por ser tratada dessa forma. — Hester se levanta também e tenta se afastar, mas Lucca a segura.

— Raiva? — Ele ri. — Não tente me enganar, senhorita, posso ver em seu olhar que sente por eu ser dessa forma.

— A última coisa que poderia sentir pelo senhor é pena. Agora me solte.

— E para onde vai? Está uma tempestade lá fora.

— Talvez seja melhor atravessar a tempestade e pegar um resfriado que poderá me levar à morte, do que ficar mais um segundo com o senhor.

— Prefere a morte então do que ficar com um inválido?

— Não coloque palavras em minha boca.

— Foi o que a senhorita disse.

— O que eu disse é que prefiro a morte do que ficar com um estúpido, grosseirão, que não sabe tratar uma dama.

— Ah, mas eu sei como tratar uma dama, apenas a senhorita não gostaria de receber o mesmo tratamento. — Lucca abre um sorriso lentamente e puxa Hester para mais perto. — E duvido que alguma vez tenha recebido o mesmo tratamento.

— Sou uma dama.

— Sim, uma dama respondona, que não segue as tradições levando uma acompanhante para um passeio. Não sabe que pode haver lobo mau na floresta?

— Não acredito nessas histórias para crianças dormirem.

— Talvez eu deva lhe provar que lobo mau existe.

— C-como? — Hester sente um arrepio no corpo e se arrepende imediatamente pela pergunta.

O sorriso de Lucca fica ainda maior e ele rapidamente abaixa a cabeça encostando seus lábios nos de Hester. Ela sente a mão dele descer por sua coluna a apertando ainda mais de encontro a ele, quando ela solta um suspiro, Lucca aproveita para colocar sua língua dentro da boca dela, que solta um gemido indignado.

Hester tenta se soltar, mas mesmo com apenas um braço para segurá-la, Lucca é mais forte que ela; quando finalmente a liberta, ele solta uma risada e se afasta.

— É assim que trato uma dama. Mas não se preocupe, será a última vez que a tratarei dessa forma.



Hester sente suas pernas falharem e cai na poltrona, enquanto Lucca se afasta indo até a lareira para jogar outra lenha. Era a primeira vez que fora beijada, já vira suas irmãs trocarem beijos apaixonados e sempre se perguntou como seria, mas nunca tivera a oportunidade, até agora.

Discretamente ela leva a mão aos lábios, que estão inchados por causa do beijo. Sempre imaginou que seu primeiro beijo seria um ato apaixonado, que lhe tiraria o fôlego e principalmente que a arrebatasse. Se fosse honesta, perdera o fôlego, e estava com as pernas bambas, não sabia o que fazer ou dizer.

O silêncio preenche o chalé, Lucca está parado de frente a lareira com a mão no bolso, Hester percebe que ele está tenso e se não fosse a chuva lá fora, ou que estava apenas com sua combinação por baixo da roupa, sairia correndo em direção a mansão. Mas como não poderia fugir, era obrigada a ficar ali, com o clima tenso e pesado.

— Foi o primeiro? — Lucca pergunta depois de um tempo assustando Hester.

— O quê?

— O beijo.

— Acredito que não seja de seu interesse.

— Se não fosse, eu não estaria perguntando — ele responde secamente e olha para ela por sobre o ombro. — Pelo seu rosto posso perceber que foi.

— E qual o problema se ele foi ou não?

— Nenhum. Apenas não quero uma virgem inocente acreditando que agora tem um compromisso comigo por causa de um simples beijo.

— Acredita mesmo, milorde, que sou uma tola, uma menina inocente que acredita em tudo que ouve? Pois saiba que estou praticamente calejada com homens como o senhor.

— Ah é? — Ele se vira para ela e apoia o braço na cornija da lareira.
— E como são os homens como eu?

— Que se sentem superiores, que as mulheres deveriam obedecer sem questionar, que pode sair beijando quem quiser e no final ainda aparece com uma amante grávida do senhor.

— Sua mente é fértil, senhorita.

— Não, é exatamente o que aconteceu comigo. — Hester se levanta e vai até a janela, a chuva ainda cai incessante, com alguns relâmpagos cortando o céu.

— Seu pretendente tinha uma amante? — Lucca pergunta com a voz suave. — Por isso fugiu de Londres?

— Não fugi, apenas achei melhor me afastar um pouco da agitação da cidade, a cada esquina tinha alguém para apontar o dedo para mim. Como se eu fosse quem errou. A sociedade perdoa um homem infiel e mentiroso, mas uma dama humilhada por esse homem? Não, ela nem ao menos recebe convites para dançar.

— E o que acha que a sociedade pensa de homens como eu? Incompletos. Sabe quantos olhares recebi de pena nos salões? Ou de

repulsa de damas como a senhorita?

— Por que o senhor gosta de trazer à tona sua situação todas as vezes? — Hester gira para encará-lo. — É como se implorasse que as pessoas sentissem pena de você. Como se quisesse mostrar a todo momento que tem um problema.

— Não faço isso — Lucca resmunga e dá as costas para ela.

— É exatamente o que o senhor faz. Está tão acostumado a receber pena dos outros, que quando é olhado diferente parece não perceber que o olham com respeito.

— E a senhorita me respeita? Tacando uma pedra em minha cabeça, invadindo minha casa?

— As duas coisas foram feitas sem querer — Hester reclama e sem perceber solta a manta que vai ao chão, deixando à mostra sua combinação úmida e colada ao corpo.

Os olhos de Lucca vagam pelo corpo de Hester, que grita indignada e volta a se enrolar na manta.

— A senhorita tem uma ótima forma de distrair em uma discussão.

— Foi sem querer.

— Novamente sem querer? A senhorita não faz nada querendo em sua vida?

— Não é de seu interesse.

Lucca atravessa o chalé e se aproxima de Hester, que cola o corpo na parede.

— Acredito que esteja nervosa por causa do beijo, que esteja irritada consigo mesma por ter gostado e praticamente se entregado. Se eu tocar em seu corpo poderei sentir que treme com a excitação e o desejo de ser beijada novamente.

— Nunca! — Hester empurra Lucca e vai para perto da lareira, mas ele a agarra girando seu corpo, a manta vai ao chão novamente e ele a abraça.

— Nunca ouviu dizer, nunca diga nunca? Tenho certeza de que se beijá-la novamente, vai responder.

— Eu te odeio, me solte! — Hester esmurra o peito de Lucca, que apenas sorri para ela.

— Acho que terei que colocar à prova esse ódio.

Lucca beija Hester novamente, que para de bater em seu peito, as mãos dela agarram sua camisa, enquanto ele lentamente a direciona até a cama onde os dois caem deitados. Liberando seus lábios, Lucca trilha um caminho de beijos até o decote de Hester; como sua única mão está ocupada segurando a moça, ele usa os lábios para desamarrar os nós.

— Se-senhor Porte...

— Lucca, me chame de Lucca.

— Não posso — Hester suspira.

— Lucca — ele insiste.

— Não podemos.

— O quê? — Lucca olha para ela antes de abaixar a cabeça e beijar o seio que liberou. Hester solta um gemido e agarra os cabelos de Lucca o puxando para cima, para beijá-lo novamente.

— Lucca! — Alguém bate na porta e ele dá um pulo da cama jogando a manta sobre Hester, que se enrola rapidamente.

— O que é?

A porta se abre e George entra apressado.

— Está uma tempestade e Lady Hester... — George para de falar e olha para a cama, onde Hester está sentada ajeitando os cabelos.

— Ela entrou aqui à procura de abrigo, seu vestido estava ensopado.

— Percebo. — George olha para os dois por um tempo. — Sua família está preocupada, estávamos preparando uma equipe de busca, mas parece que não é mais necessário. Vou voltar para a mansão.

— Vou com o senhor — Hester diz se levantando.

— É melhor que os dois fiquem, a chuva está muito forte para que fiquem atravessando o jardim — Lucca reclama.

— Devo voltar e tranquilizar a todos. Fique aqui, senhorita, assim que a chuva diminuir Lucca a levará de volta para casa.

— Ela não deve ficar sozinha desacompanhada na casa de um homem.

— Ela esteve até agora aqui e não aconteceu nada, ou aconteceu?

— Claro que não — Hester responde rapidamente.

— Sendo assim, não haverá problemas.

George sai do chalé fechando a porta atrás dele e Hester olha para Lucca.

— Haverá falatório.

— Não se preocupe; quando falarem algo, minha família dará a notícia de que se casará com George.

— O quê?

— Ele é melhor do que eu, e será o futuro conde Bonneville, a senhorita fará um bom casamento.

— O senhor estava me beijando alguns minutos atrás, agora quer que eu me case com o seu irmão?

— Ele limpará a sua honra se casando com a senhorita.

— Não preciso que limpem a minha honra. E além do mais, não fico mais nenhum minuto com o senhor.

Hester agarra o vestido e corre para fora do chalé gritando o nome de George, ela preferia ficar de cama com uma febre terrível, do que ficar

mais um minuto com Lucca, sozinhos em uma cabana. Se não fosse a interrupção, não poderia imaginar o que aconteceria.

Enquanto corre até a mansão com George, as palavras de Aiden voltam à sua mente, os dois se odiavam tanto que poderiam acabar em uma cama. E foi o que quase acontecera.



— A senhorita deveria ter ficado no chalé! — George grita por sobre o barulho da chuva enquanto Hester veste o vestido ensopado.

— O senhor também, mas nem por isso ficou.

— Sua família está preocupada, só quero tranquilizá-los, a senhorita vai ficar doente.

— Sou forte, não se preocupe. — Hester gira para George, que a ajuda a fechar o vestido e os dois voltam a correr.

Hester poderia dizer que estava mais do que irritada com Lucca, ele a beijara até perder os sentidos e depois alegara que seu irmão se casaria com ela para limpar a sua honra, era um grande atrevimento dele achar que aceitaria esse acordo. Por estar tão distraída, Hester não percebe uma raiz de uma árvore à sua frente e acaba enroscando seu pé e indo ao chão.

— Senhorita Threston! — George corre até ela e a ajuda a se levantar. — Céus, seu rosto!

— O que houve? — Hester leva a mão até a sobrancelha que começa a latejar, e percebe que está sangrando.

— Melhor levá-la o resto do caminho, falta pouco agora.

George levanta Hester em seus braços e se apressa até a casa, ao entrar uma agitação começa ao notar os dois completamente molhados e Hester machucada.

— O que houve? — Katherina corre até a irmã.

— Me perdi quando a chuva começou, acredito que estava andando em círculos até que o Sr. Boneville me encontrou, quando voltávamos acabei caindo.

— Vamos levá-la para o quarto, precisa tirar essas roupas molhadas ou vai ficar doente — Ellen diz para o filho, que sobe as escadas em silêncio.

Assim que se afasta um pouco, ele sussurra para Hester:

— Não vai contar que estava com Lucca?

— Por que deveria? Ele é um grosso e sugeriu coisas que prefiro nem pensar.

— Algo indecente?

— Que eu deveria me casar com milorde para limpar minha honra. Ela não precisa ser limpa.

— Algo aconteceu, não é verdade?

— Não sei o que está dizendo, milorde. — Hester fica em silêncio.

Ao entrarem no quarto, algumas criadas os acompanham trazendo uma banheira de madeira e água quente. George é expulso por sua mãe do quarto e as mulheres ajudam Hester a tirar as roupas molhadas e entrar na banheira.

— O seu rosto está muito machucado — Katherina diz ajudando a lavar o cabelo de Hester.

— Meu mordomo enviou alguém até a vila para chamar o médico. Em breve, ele estará aqui e dará uma olhada na senhorita.

— Obrigada, lady Ellen.

— Não deveria ter permitido que fosse passear sozinha.

— Se alguém fosse junto, Kathy, teria se perdido junto comigo. Estou bem, a única coisa que dói é a minha cabeça.

— O que já em si é uma grande preocupação, pode ter se machucado seriamente.

Katherina ajuda Hester a se levantar e vestir sua camisola, as duas se sentam em frente à lareira, que está acesa. Enquanto Katherina penteia seus cabelos para secarem, Hester mantém o olhar sobre o fogo. Quando as duas ficam sozinhas, Katherina para a escova.

— O que realmente aconteceu, Hester? Você tem um ótimo senso de direção, jamais se perderia.

— Encontrei um chalé quando a chuva começou e corri até lá em busca de abrigo.

— E?

— É onde lorde Portendorfer mora.

— Ele estava lá?

— Sim, ele deixou que eu sentasse perto do fogo para me aquecer, eu ficaria lá até que a chuva passasse.

— E por que não ficou?

— Ah, Kathy. — Hester começa a soluçar e é abraçada pela irmã.

— O que ele fez? Ele a maltratou? Faltou com respeito?

— Ele me beijou, e eu permiti. Não consegui resistir ao beijo dele e quando dei por mim, as coisas estavam...

— Vocês dois... — Kathy para de falar e respira fundo. — Ele tirou a sua pureza?

— Não, mas acredito que apenas porque lorde George apareceu. O que eu mais odeio em tudo isso, Kathy, é que eu permitiria que acontecesse, não estava conseguindo pensar.

— É claro que não consegue. Eu mesmo não penso direito quando Aiden se aproxima dessa forma. Mas, querida, se aconteceu alguma coisa, você está comprometida, ele deve se casar com você.

— Ele não vai. — Hester se levanta e anda de um lado para o outro. — Assim que Lorde George saiu do chalé, ele disse que o irmão se casaria comigo para limpar a minha honra. Que a família dele cuidaria de tudo.

— Ele a beijou e depois disse que o irmão se casará com você?

— Sim, por isso saí correndo e voltei para a mansão, no caminho tropecei e caí. Eu o odeio, Kathy.

— Até eu o odeio no momento. Quando Aiden souber...

— Não! — Hester a interrompe e corre até a irmã. — Ninguém pode saber, não quero que saibam a verdade. Para todos os efeitos, me perdi e Lorde George me encontrou. Se ele acha que vou correr até o pai dele ou ao Aiden e exigir que se case comigo está enganado.

— Quer ir embora? Podemos dizer que quer ficar com Cornélia, ou que prefere que um médico em Londres a examine.

— Não, saí fugida de Londres por causa de um homem, não vou repetir a mesma história. Se for possível jantarei aqui no quarto essa noite, amanhã descerei como se nada tivesse acontecido.

— Admiro sua coragem, minha irmã.

— Sou uma Threston, não sou?

— Sim, você é. — Katherina abraça Hester e a direciona para a cama. — Deite-se, logo alguma criada trará um chá, você deve descansar. Vou dizer a todos que ficará essa noite recolhida.

— Você não vai contar ao Aiden, vai?

— Meu amor, o certo seria contar, ele é meu marido e não temos segredos um para com o outro. Entendo que não queira que todos saibam, mas não posso esconder isso dele.

— Me desculpe por pedir que esconda.

— Não precisa pedir desculpas, prometo que farei com que ele não tome nenhuma decisão por você.

— Obrigada.

No dia seguinte, depois de passar toda a noite no quarto, Hester levanta determinada a continuar com o programa, aquele dia fariam um piquenique no jardim e não perderia por nada.

— Hester! — Pippa solta um arquejo ao olhar para ela e leva a mão à boca.

— O que foi?

— Seu olho.

Hester corre até a penteadeira e se olha no espelho tomando um susto. Seu olho esquerdo estava praticamente fechado e devido ao sono, não percebera que não conseguia abri-lo, por toda a sua volta a cor roxa e preta dominava sua pele que estava inchada.

— Céus, estou parecendo um monstro!

— Acho melhor que não saia do quarto. Fique aqui, vou pedir para Katherina vir.

— Não. Não vou deixar que isso me prenda aqui pelo resto de nossa visita.

— Mas...

— Não, Pippa, vou me arrumar e descer para tomar café, depois iremos até a sala escrever nossa carta para Cornélia.

— Eu não teria coragem de colocar meus pés para fora do quarto.

As criadas entram algum tempo depois e, após se assustarem com o rosto de Hester, ajudam as irmãs a se arrumarem. As duas descem de braços dados até a sala de jantar. Assim que entram, um silêncio domina o ambiente.

— Bom dia — Hester diz e vai se sentar, mas seu braço é puxado.

— O que houve com o seu rosto?

— Bom dia, lorde Portendorfer. Não foi nada, apenas tropecei e caí por causa da chuva. — Hester tenta se soltar, mas ele continua segurando seu braço e olhando para o seu rosto.

— Eu...

— Se quiser ficar no quarto, Hester, não tem problema — Katherina interrompe os dois e puxa a irmã para se sentar ao seu lado.

— Não, estou bem, nem ao menos fiquei resfriada. Lady Ellen prometeu um piquenique e não vou perdê-lo.

— Se está disposta a tomar um pouco de sol, quem somos nós para impedir — George diz e pisca para ela.

— Tomou o remédio que o médico deixou? — Katherina pergunta.

O médico viera na noite anterior e a examinara, uma vez que nada parecia quebrado e não havia como evitar um inchaço, deixou um remédio para dor e foi embora.

— Tomei ontem à noite, mas não estou com dor agora — Hester mente para a irmã. Seu rosto estava latejando, mas não queria ficar drogada e sonolenta com o remédio.

— Pedi que preparassem um grande banquete, os criados foram até o jardim e, para nossa sorte, a chuva não impediu que nosso lanche aconteça

— Ellen diz para todos e Hester se levanta indo até o buffet para se servir.

— Deveria ter ficado no chalé — Lucca diz baixinho se aproximando de Hester, que nem ao menos vira o rosto para ele. — Estava segura.

— Estava, milorde? — Hester finalmente pergunta olhando por sobre o ombro. — Não creio realmente que segura seja a palavra. Além do mais, o senhor praticamente me expulsou.

— Não expulsei.

— Foi exatamente o que fez ao sugerir meu casamento com seu irmão.

— É a melhor opção.

— Para quem? — Hester pergunta e percebe que Aiden e Katherina olham para os dois.

— Se souberem...

— Ninguém vai saber, não há porque falar alguma coisa, nada aconteceu.

— George será um bom marido.

— Se o senhor diz. — Hester dá de ombros e tenta passar por ele. — Saia da frente.

— Vou dizer para o meu pai que será um bom casamento.

— O senhor realmente acredita que devo me casar com seu irmão?

— Ele é um bom rapaz, pode lhe fazer feliz e é meu herdeiro.

— Pois saiba, lorde Portendorfer, que apenas me casarei com o homem de minha escolha. Nem o senhor nem ninguém vai me obrigar a casar com quem eu não quero.

— Hester...

— Lady Threston, não somos íntimos para que me chame pelo nome.

— Acredito que ontem tivemos intimidade o suficiente — ele diz em provocação.

— Então, se acredita nisso realmente, deveria ser o senhor a se casar comigo e não seu irmão.

— Jamais me casarei.

— Então, se me dá licença, vou para a mesa, estou com fome e aproveitarei o dia. Já que não estou comprometida com ninguém, posso aproveitar minha liberdade.

— Hester... — Lucca começa a dizer, mas Hester se afasta rapidamente indo até a mesa onde se senta e come sem olhar para ele. Irritado, ele sai da sala e escuta seu nome ser chamado. — O que quer, George?

— Vai se casar com ela?

— Sabe que não.

— Então se eu decidir que quero me casar, não terá objeções?

— Por que eu haveria de ter?

— Se eu tivesse uma dama em minha cama, apenas em suas roupas de baixo, corada e com os lábios inchados por causa de meus beijos, e eu fosse pego com minha camisa aberta e algumas marcas de unhas no peito, creio que me incomodaria se outro homem tentasse cortejá-la.

— Não aconteceu nada disso — Lucca diz irritado.

— Não foi o que eu vi com meus próprios olhos. Não disse nada para lady Hester, porque não queria envergonhá-la, mas se nosso pai ou o cunhado dela estivessem comigo naquela hora, os dois estariam se casando nesse exato momento. Sei muito bem o que aconteceu ontem, Lucca. Faça o que é certo e se case com ela.

— Não vou me casar, e se acha que a honra dela merece ser limpa, case-se você.

— Está bem, como deseja. Vou pedir para o Sr. Lavelly que permita que eu faça a corte. Uma dama como lady Hester não se deve correr o risco de permitir que outro homem a roube. Mas já que meu irmão não a quer. — George dá de ombros e volta para dentro da casa, deixando um Lucca irritado para trás.



O local que Lady Ellen escolhera para o piquenique parecia um sonho, mesmo com a chuva da noite anterior, ele estava espetacular, o chão de pedra cinza cercado por flores e árvores, tinha um ar encantador. Algumas borboletas voavam entre as flores, enquanto alguns pássaros cantavam por ali.

— A calmaria depois da tempestade — George diz se aproximando de Hester, que observava uma borboleta. — Parece que tudo foi apenas um pesadelo.

— Se não fosse meu olho que mal se abre, concordaria com o senhor — Hester diz arrancando uma risada de George.

— Daria uma volta comigo? O refresco logo será servido.

— Podemos? — Hester olha para a mesa onde as irmãs e lady Ellen conversam.

— Vamos até aquele canteiro. — George aponta para o outro lado do jardim. — Não sairemos da vista delas, desejo conversar com a senhorita.

— Sobre? — Hester pega o braço que George oferece e os dois caminham lentamente.

— Sei que o certo seria não comentar sobre o assunto que parece encerrado, mas não posso esquecer da cena que presenciei ontem.

— Não aconteceu nada.

— Desculpe discordar, senhorita, sou homem, e sei reconhecer uma mulher que foi devidamente beijada e acariciada. Meu irmão estava alterado.

— Lorde...

— Não a estou acusando. — George levanta a mão livre. — Pelo contrário, estou aqui porque amo meu irmão e a senhorita é a primeira mulher por quem ele demonstrou interesse desde seu acidente.

— Seu irmão e eu discutimos a todo momento. Não trocamos nenhuma palavra amigável. Não entendo o motivo dessa conversa.

— A senhorita não sente nada por ele?

— Ódio? — Hester pergunta se sentando em um banco e George senta ao seu lado.

— Ele não a afetou de nenhuma maneira?

— Lorde George, o senhor está sendo indiscreto.

— Perdoe-me, mas é que, pela manhã, ele insinuou que a senhorita deveria se casar comigo.

— Não vou me casar com ninguém que eu não queira. — Hester tenta se levantar, mas George a impede.

— Não estou aqui para pedir que se case comigo, pelo contrário, estou aqui para que se case com Lucca.

— Me casar com... com seu irmão?

— Sim, os dois estão alterados quando o assunto é outro. Vi a forma com que ele ficou preocupado pela manhã ao notar seu rosto. Acredito que Lucca tenha interesse na senhorita.

— O único interesse dele é me tirar do sério. — Hester olha para onde sua família está, Lucca se juntara a eles e os observava de longe.

— Ele não tira os olhos daqui desde que chegou. Eu disse a ele que iria pedir a permissão de seu cunhado para cortejá-la.

— Sabe por que corri atrás do senhor ontem? Ele disse que deveria me casar com o senhor para limpar a minha honra.

— Sinto muito, desde o acidente Lucca mudou completamente. Antes era alegre, conversava por horas comigo sobre qualquer assunto, era sempre gentil. Acredito que a grosseria dele de hoje é apenas uma forma de se proteger.

— Dos olhares de pena?

— Exato. Peço desculpas por ele, tenho certeza de que não é sua intenção magoá-la.

— A única coisa que seu irmão fez, desde que cheguei aqui, foi brigar comigo ou apontar algum erro.

— E é por isso que eu acredito que ele está fascinado pela senhorita, ou do contrário sua presença não o incomodaria.

— E o que o senhor quer?

— Que se case com meu irmão.

— Para duas pessoas se casarem, ambos devem estar de acordo.

— Ele ficará, vou ajudá-la. Creio que se Lucca ficar com ciúmes o suficiente fará alguma coisa.

— Não acredito, já que ele mesmo disse que devemos nos casar.

— Ele diz isso, porque a senhorita nega. Mas se for uma possibilidade, tenho certeza que mudará de opinião.

— O que o leva a crer, lorde George, que desejo me casar com seu irmão? Se fosse meu desejo, teria contado a todos o obrigando a se casar.

— A senhorita não fez isso, porque não é de seu feitio obrigar outras pessoas a fazer o que a senhorita deseja, sem se importar com os desejos deles. Percebi isso desde o primeiro dia. Aceita fazer ciúmes para Lucca?

— Não sei se quero me casar com ele. Um homem rude, grosseiro...

— E com o maior coração que eu já vi em toda a minha vida. Se a senhorita se permitir conhecê-lo de verdade, verá que não existe ninguém melhor que ele.

— E como vou conhecê-lo? Se a única coisa que ele faz é me afastar ou discutir?

— Vamos pensar em algo, e então?

Hester olha com o seu único olho bom para Lucca, que está do outro lado do jardim. Percebe que ele conversa com Aiden, mas que seu olhar viaja até ela a todo momento. Ele estava curioso sobre o que ela conversava com George, parecia irritado, e só por esse motivo sua vontade era de provocá-lo ainda mais.

— Aceito. — Hester se levanta e George toma seu braço novamente. Os dois se aproximam da mesa sob o olhar atento de Lucca.

— Senhor e Senhora Lavelly, estava conversando com lady Hester, disse a ela que tenho o interesse em cortejá-la, ela disse que se concordarem, não irá se opor ao meu pedido.

— O que disse? — Lucca pergunta indignado e todos olham para ele.

— Que desejo fazer a corte a Srta. Threston — George repete apertando a mão de Hester.

— Se é o que ela deseja, então tem a minha permissão — Aiden responde com um olhar curioso para Hester, lhe dando a certeza que Katherina contara tudo o que aconteceu na noite anterior.

— Desejo conhecer lorde George melhor, acredito que temos muitas coisas em comum.

— Fico muito feliz com essa notícia — lady Ellen diz abraçando Hester e George.

Hester olha para Lucca, que está nervoso, ela levanta uma sobrancelha o desafiando a falar algo, mas ele simplesmente lhe dá as costas e se afasta.



Desde o momento em que dera a sugestão de que Hester se casasse com George, parecia que ele havia sugerido que ela matasse um filhote de cachorro, sua irritação era visível, mas se passara apenas algumas horas, e agora os dois anunciavam que desejavam se conhecer melhor. George lhe faria a corte e ela estava de acordo.

Lucca não conseguia entender os motivos que fizeram com que ela passasse a aceitar a ideia de se casar com seu irmão. Principalmente não conseguia entender porque motivo estava tão irritado, por sua sugestão ter sido aceita.

Sem conseguir ficar mais nenhum minuto na presença do casal feliz, ele vai para o estábulo pegar seu cavalo, tinha que vistoriar algumas plantações, ir até a madeireira, a vila e fazer milhares de outras coisas. Não tinha tempo para ficar sentado aproveitando um piquenique.

Durante todo o dia, Lucca tentara se distrair com seu serviço, mas por diversas vezes se pegou pensando na noite anterior, quando tivera Hester em sua cama, sua mão ainda queimava do toque em sua pele suave. Os beijos inexperientes dela, mas que se renderam a ele.

Desde seu acidente tivera algumas mulheres, claro que pagara por todas elas, era a única forma de uma mulher ir para a sua cama de livre e espontânea vontade. Por isso, quando se deitara com Hester, alguma coisa dentro dele tentou se libertar, se não fora por George interromper os dois, teria ido até o fim, e feito de Hester sua mulher. O que traria muitas complicações, sua família o obrigaria a se casar e não poderia obrigá-la a conviver com um homem incompleto pelo resto de sua vida.

Se casar com George era a melhor opção que Hester teria.

Depois de deixar seu cavalo com um dos criados para que cuidasse dele, Lucca vai para o seu chalé, estava cansado, desejava tomar um banho e um bom prato de comida. Infelizmente seria obrigado a ir até a mansão e jantar com sua família e os convidados.

Ao se aproximar do chalé, percebe que alguém está sentado no jardim, sua cabeça está inclinada para baixo, e mesmo que não veja todo o seu rosto, reconhece Hester. Sua primeira reação é fingir que não a viu ali, mas seus pés decidem o contrário e o obrigam a ir até ela.

— Algum problema, lady Hester? — ele pergunta se aproximando e ela levanta o rosto para ele. A luz do entardecer a deixava ainda mais bonita, e ele se irrita por pensar assim.

— O jardim é um dos meus lugares favoritos de suas terras, lorde Portendorfer, me traz boas lembranças.

— Quais? — ele pergunta se sentando ao lado dela.

— Minha mãe adorava cuidar do jardim, nosso jardineiro sabia que não havia como proibi-la de ajudar, então ele permanecia ao seu lado auxiliando. Ela não se importava de sujar as mãos ou seus vestidos. Tinha um grande talento para as flores. Sinto saudades do jardim.

— Saudades?

— Quando meu pai morreu, seu irmão mais novo herdou o título, as terras, as casas. Para nossa sorte, Cornélia já estava casada e seu marido assumiu nossa tutela. Coltrane tem cuidado de nós todo esse tempo, agora conta com a ajuda de Aiden. Claro que não posso reclamar de meus cunhados. Coltrane é o irmão mais velho que sempre desejei ter. Eu o admiro.

— Mas sente falta de sua casa de infância.

— Sim. Desde que nosso tio assumiu tudo e saímos de lá, nunca mais voltamos. Ele desejava o título, nem ao menos esperou o luto passar para tomar posse da casa. Coltrane nos levou embora um dia depois do enterro.

— Seu tio é um bastardo.

— Obrigada pela gentileza. — Hester ri. — Coltrane usou palavras ainda piores para descrevê-lo.

— Por que ele não assumiu a responsabilidade pelas sobrinhas?

— Meu pai imaginava que ele não cuidaria de suas filhas, em seu testamento determinou que Coltrane fosse nosso tutor. Meu tio não tinha muito o que dizer, e nem queria. Ficou feliz por ver as filhas de seu irmão irem embora.

— E a senhorita?

— Sinto falta da casa, mas não posso dizer que fiquei triste, Coltrane e Cornélia cuidam de nós três com muito amor e carinho. Ele cuidou de Kathy quando seu noivo morreu e permitiu que ela vivesse reclusa pelo tempo que desejou. Permite que Pippa deixe pedaços de madeira espalhados pela casa, e não se importa quando passo horas ao piano, mesmo quando está trabalhando.

— Pelo que vejo, ele é um bom homem.

— O melhor. Não podemos reclamar, tivemos sorte por Cornélia se casar com ele.

— E agora a senhorita vai se casar.

— Não sei ainda. — Hester olha para ele por um tempo. — Seu irmão decidiu fazer a corte, mas deixei claro que isso não significa um compromisso ainda. Ele terá que me conquistar.

— Por quê?

— Porque não vou me casar com alguém que eu não tenha algum sentimento.

— Não. — Lucca levanta a mão a parando. — Por que aceitou que ele faça a corte, se estava tão irritada quando sugeri que ele seria um noivo ideal?

— Lorde George é um bom homem, foi gentil e paciente com Pippa, e o senhor mesmo disse que ele seria um bom marido. Por que eu deveria rejeitar a ideia tão rapidamente? Pensei bem essa noite, e acredito que eu deva lhe dar uma chance. Ainda mais depois que ele me ajudou tanto e me carregou em seus braços ontem.

— Carregou? — Lucca pergunta um pouco alto demais.

— Quando tropecei, ele me levantou em seus braços e me levou até meu quarto. Como pode ver, meu pequeno tropeço foi feio. — Hester coloca a mão no olho inchado.

— Talvez ele seja o ideal realmente, eu jamais poderia carregá-la em meus braços, já que não tenho um deles.

— Novamente se fazendo de vítima, Sr. Portendorfer?

— Não. — Lucca se levanta e dá as costas para Hester. — Apenas dizendo um fato. Se fosse eu com a senhorita, teria que andar por todo o caminho com suas próprias pernas, pois jamais poderia carregá-la.

— Não acredito que permiti falar da minha intimidade para você.

— Como? — Lucca gira para olhá-la e Hester se levanta.

— Achei que estava interessado em me ouvir, mas não demorou muito para voltar com sua atitude grosseira.

— Por que eu disse que jamais poderia carregá-la em meus braços?

— Por insistir em se tratar como um inválido, quando não o vejo assim. — Hester se aproxima dele. — Talvez tenha razão, George é uma opção melhor, ele pode me abraçar, me beijar, poderá me carregar em seus braços quando quiser, é gentil, carinhoso. E beija muito melhor que o senhor.

— Não reclamou de meus beijos ontem.

— Estava irritada no momento, mas agora, de cabeça mais fria, pude perceber que George beija melhor.

— Vocês se beijaram? — Lucca passa seu braço pela cintura de Hester, que solta um ofego. — Quando?

— Demos um passeio pelo jardim agora à tarde, ele me beijou.

— E a senhorita gostou?

— Muito mais do que beijar o senhor.

— Mentirosa. — Lucca olha para os lábios de Hester e sorri. — Ontem estava entregue aos meus beijos.

— Como o senhor mesmo disse, foi o meu primeiro, não havia como comparar com outros. Agora que beijei George, posso dizer que não foram assim tão bons.

— Creio, Hester, que tenho que provar que está mentindo.

— Não estou mentindo e é lady Hester para o senhor.

— Como eu disse anteriormente, a tive ontem na minha cama. — Lucca aproxima o rosto do dela e diz baixinho: — Beijei seu seio, minha cara, passei minha mão por seu corpo. Creio que nos tornamos íntimos de alguma maneira e com isso ganhei o direito de lhe chamar por Hester.

— Me solte.

— Eu vou, mas somente depois de provar que prefere o meu beijo.

Lucca toma a boca de Hester, que passa os braços pelo pescoço dele. Inventara o beijo com George em um impulso, estava irritada, mesmo sem saber muito bem o porquê, e queria irritá-lo, da mesma forma que estava. Infelizmente, não contava com o fato de que ele sabia beijar e que seu corpo traidor aceitava seu toque.

A mão de Lucca em sua cintura, aos poucos começa a subir, até roçar em seus seios, Hester sente um gemido escapar de sua garganta, quando Lucca libera seus lábios para beijar seu pescoço e a borda de seu decote.

— A senhorita ainda prefere os beijos de George? — pergunta beijando o topo do seio de Hester.

— Ele é cavalheiro, jamais tentaria alguma intimidade do tipo. — Hester escuta a risada de Lucca, que volta a beijá-la. Os pensamentos de Hester giram a mil por hora, até que ela finalmente percebe que está se rendendo a Lucca. — O senhor está mudando de ideia? — ela pergunta quando ele se afasta um pouco.

— Não. Mesmo que a senhora prefira os meus beijos, é com George que deve se casar.

Hester empurra Lucca lhe dando um tapa no rosto.

— Nunca mais encoste em mim.

Agarrando a saia de seu vestido, Hester corre para o seu quarto. Após bater a porta, ela se joga em sua cama, que parece tremer como se um terremoto tivesse atingido aquelas terras, mas era apenas ela, que chorava desesperadamente.



Lucca não conseguia acreditar que levara um tapa no rosto, Hester se irritara com ele e seus beijos. Ele estava irritado pela ousadia dela de bater nele, mas involuntariamente um sorriso abre em seu rosto. Ela tinha coragem, não era uma moça delicada e que gritava ou desmaiava por qualquer motivo. Daria uma boa esposa algum dia. Havia um fogo que ardia dentro dela e em alguns momentos saía sem controle e a única pessoa que parecia se queimar era ele.

Ao entrar em seu chalé, ele retira a roupa e entra na banheira deixada por seu criado. Não se importava em tomar banho gelado, principalmente porque algumas vezes ajudava com a dor fantasma em seu braço. Acalmava a sensação de formigamento. Havia momentos em que jurava ser possível fechar sua mão esquerda, mas ela não estava ali.

Após se vestir, algo que foi a primeira coisa que insistiu em fazer sozinho logo após a sua recuperação, Lucca vai para a casa grande. Era quase a hora do jantar, e sabia que se atrasasse ou faltasse ouviria reclamações de sua mãe a noite toda.

Ao entrar na sala, seus olhos vagam involuntariamente, até encontrarem Hester sentada ao piano com George. Os dois estavam rindo

de alguma coisa enquanto olhavam algumas partituras.

— Que bom que chegou, Lucca, estávamos lhe esperando para jantar.

— Sua mãe se levanta e ele estica seu braço para que ela o tome, e todos vão para a sala de jantar.

Por ser um jantar informal, seriam poucos pratos a serem servidos. Após o anúncio de corte por parte de seu irmão, George mudara seu lugar para perto de Hester, onde os dois poderiam conversar durante a refeição. Para o tormento de Lucca era bem à sua frente.

— Podemos dar um passeio no lago amanhã, temos um pequeno barco. A visão no centro do lago do jardim é espetacular — George convida Hester.

— Eu adoraria. Posso ir, Kathy?

— Claro que sim. Vocês precisam de alguns momentos juntos para se conhecerem.

— A encontro então às dez da manhã.

— Perfeito.

Lucca sente seus lábios se retorcerem com a conversa dos dois. Seu irmão parecia realmente determinado a fazer a corte, e Hester a aceitar. Algumas vezes sem querer, mas querendo totalmente, George deixava sua mão tocar a de Hester, que abria um sorriso para ele.

— Foi à madeireira hoje, Lucca? — seu pai pergunta tirando sua atenção do casal meloso.

— Fui, eles já providenciaram o carregamento de amanhã. Não precisa se preocupar. Acredito que teremos madeira para fornecimento por pelo menos mais duas semanas.

— Isso é ótimo. Estava conversando com o Sr. Lavelly, e amanhã vamos até a vila, quero apresentar a ele alguns comerciantes. Quero que cuide de tudo aqui.

— Sim, senhor. — Lucca dá um gole em seu vinho e volta a olhar para Hester, que diz alguma coisa para sua irmã ao seu lado.

Tirando os momentos em que os dois ficavam sozinhos, o sorriso parecia não sair de seu rosto. Ela dava completa atenção para a pessoa com quem conversava, com palavras doces, a não ser que fosse ele.

Após o jantar, todos voltam para a sala, onde Hester vai até o banco em frente a janela e se senta observando o lado de fora.

— O que será que sua irmã diria se soubesse que deu um tapa em um cavalheiro? — Lucca pergunta se aproximando e Hester olha irritada para ele, como sempre.

— Se souber o motivo, dirá que foi merecido.

— As mulheres Threston têm costume de bater nos homens?

— Se eles merecem — Hester responde dando de ombros.

— E pensar que os comentários que chegaram até nós, era que a senhorita era uma flor delicada. Mas ao que tudo indica é um cacto espinhoso.

— Como ousa? — Hester se levanta e abre um sorriso. — George.
— Ela estica a mão para George, que a pega rapidamente.

— Está tudo bem aqui?

— Se você considerar o fato de que fui comparada a um cacto, então sim, está tudo ótimo.

— Quem teve coragem em compará-la com um cacto? — George olha para Lucca, que não tira os olhos da mão de Hester em seu braço. — Não foi você, foi, Lucca?

— A única coisa que recebi de lady Hester foram espinhos.

— Cada um tem o que merece. — Ela abre um sorriso. — Pronto para jogar?

— Estou.

George atravessa a sala com Hester até uma mesa onde o jogo de xadrez os espera. Lucca gira em seus calcanhares e sai da sala, não ficaria mais nenhum minuto observando aquela cena.



Hester gostava de passear, de todas as irmãs era a que apreciava caminhar. Passara a noite ansiosa esperando pelo passeio com George no lago. Mesmo que fosse apenas como amigos. Ele insistia que Lucca a cada momento ficava ainda mais louco com o contato entre eles, e que em breve faria alguma coisa. O que ela duvidava muito, já que a única coisa que ele parecia saber fazer era irritá-la.

Ela atravessa o jardim até o pequeno cais, onde um barco boia tranquilamente, ela fecha os olhos levantando o rosto para o céu, para receber o calor do dia e se assusta quando alguém coloca a mão em sua cintura.

— Me assustou, George. — Ela ri e se vira para encontrar Lucca a observando. — O que está fazendo aqui?

— George foi chamado às pressas e não poderá passear com a senhorita. Vim até aqui para avisá-la.

— Melhor voltar para a mansão então.

— Por que não a levo para um passeio?

— Como se o senhor realmente desejasse isso.

— Vamos, Hester, estou tentando ser gentil. Não quero que perca a sua manhã. O que fará ao voltar para casa? Passará a manhã bordando? Escrevendo uma carta?

— E passar a manhã brigando com o senhor seria melhor?

— Podemos tentar não brigar.

— Impossível. — Hester revira os olhos e caminha na margem do lago, segurando firmemente a sombrinha.

— Nasci nessas margens — Lucca diz.

— Está brincando.

— Não. — Ele ri. — Minha mãe passeava com sua criada até que começou a sentir as dores do parto. Elas tentaram voltar para casa, mas foi tudo muito rápido. Conforme fui crescendo vivia nadando nessas águas, costumava dizer que o lago me pertence, já que nasci aqui.

— Não consigo imaginar o senhor como uma criança.

— Pois saiba que minhas babás reclamavam o tempo todo do quanto eu aprontava. Mesmo sendo o herdeiro de meu pai, ele jamais me tratou apenas como alguém que herdaria o título, ele permitiu que eu fosse uma criança, aproveitei cada fase da minha vida. Não posso reclamar.

— Das quatro, Kathy sempre foi a mais agitada. Por ser a mais velha, Cornélia incorporou a obrigação de nos vigiar a todo instante. Somente após o casamento com Coltrane que relaxou um pouco. Era como se ele tirasse de seus ombros a obrigação de cuidar das irmãs mais novas, principalmente após a morte de nossos pais. Sei que ela ficará completamente aliviada depois que Pippa e eu nos casarmos.

— Lady Pippa será um verdadeiro fenômeno quando tiver sua estreia na temporada. É uma menina muito bonita e educada.

— Sim, mas temo que alguém não perceba o talento que ela possui e a impeça de continuar com seus entalhes. É o que a acalma e principalmente mantém a memória de nosso pai viva em sua mente.

— Ela terá seus cunhados para ajudá-la a tomar uma decisão.

— Sim, Coltrane diz que não permitirá que nos casemos com alguém que deseja apenas dinheiro ou que não cuidará de nós. Por isso fico

tranquila, ele nos conhece muito bem. Foi ele que insistiu no casamento de Kathy com Aiden, mesmo estando determinada a não se casar.

— E a senhorita? Foi um fenômeno na temporada?

— Não, ninguém queria dançar comigo, já que eu era a irmã da “noiva amaldiçoada”. Somente depois que lady Eleanor nos adotou como suas pupilas, é que os convites começaram a chegar, ainda mais esse ano, com sua irmã e cunhada debutando.

— Lembro bem da época que eu frequentava os salões, as moças ansiosas para conseguir um noivo. As matronas observando como falcões quem seriam os rapazes ideais para suas filhas. Confesso que não sinto falta de ser avaliado como uma mercadoria.

— Mas as moças também são avaliadas. Se possuem quadris bons os suficientes para terem filhos, se são educadas, talentosas, bonitas, refinadas. É ainda pior para as mulheres.

— Imagino. — Lucca olha para Hester, que desvia o olhar.

Hester estava acostumada com um Lucca resmungão, grosso, mas não estava preparada para um que conversava gentilmente com ela. Não sabia se os ciúmes que ela e George estava funcionando e por isso ele estava ali. Mas era preciso confessar que estava encantada por poder ter uma conversa sem brigas pela primeira vez.

— Veja. — Hester aponta para uma flor na beira do lago e caminha rapidamente.

— Cuidado, Hester, essa parte do lago é apenas... — Lucca tenta segurar Hester, mas é tarde demais, ela cai de uma vez com um grito. — Barro.

Lucca olha para a cena na frente dele e não sabe se ri ou se corre para ajudá-la. Hester gritava horrorizada por estar completamente suja.

— Não vai me ajudar?

— Só um minuto. — Lucca volta alguns passos e entra no lago, molhando suas botas. — Venha nessa direção, encontrará o chão mais firme e conseguirá caminhar, se eu tentar fazer o caminho que você fez, ficarei preso.

Hester tenta se levantar sem sucesso algumas vezes, até que consegue se firmar, ela atravessa a poça de lama até que se aproxima da mão estendida de Lucca, mas seus pés escorregam e ela afunda completamente no lago. Ao se levantar escuta a gargalhada de Lucca, irritada ela joga água nele, que para imediatamente.

— Não é educado rir de uma dama — Hester reclama e Lucca não consegue resistir. — Oras, do que tanto ri como uma hiena?

— A senhorita está completamente suja de barro. Talvez seja melhor mergulhar algumas vezes até limpar tudo.

Irritada, Hester faz como ele diz e mergulha esfregando o rosto e os braços, até que está completamente limpa.

— O senhor parece ter algo que atrai meus acidentes — ela resmunga e tenta andar, mas o vestido está pesado e enrosca em suas pernas.

— A senhorita que não se atenta por onde anda. — Lucca volta a esticar a mão para ela e a ajuda a sair do lago.

Lucca observa o vestido rosa claro que agora está grudado no corpo de Hester como uma segunda pele, em algumas partes ele é praticamente transparente, como na região dos seus seios.

— O que tanto olha?

— Talvez deva ir até o meu chalé, pode se secar, não ficou doente com a chuva, mas o ideal é não tentar a sorte.

— Vou para casa...

— E terá que justificar novamente porque está molhada.

— Prefiro isso, a ir para seu chalé.

Irritado com suas palavras, Lucca se aproxima rapidamente a pegando pelas pernas e a jogando por sobre seu ombro como um saco e vai para o chalé.

— Me coloque no chão, seu ogro.

— Estou apenas preocupado com a sua saúde.

— Então deixa que eu volte para casa.

— O chalé está mais perto.

Ele entra no chalé e deixa Hester em frente a lareira, rapidamente ele acende o fogo e se levanta para abrir os botões do vestido.

— O que está fazendo? — ela pergunta irritada se afastando, todo o seu corpo treme por causa do frio.

— Tire esse vestido, se sente em frente a lareira, logo estará aquecida. Não seja uma criança teimosa.

— Não sou uma criança! — ela reclama e vai para perto da fogueira, Lucca termina de abrir os botões resmungando e se afasta.

Hester arranca o vestido pendurando em uma cadeira e olha para sua roupa íntima completamente molhada. Lucca sai do chalé dizendo que vai buscar mais lenha. Aproveitando que está sozinha, Hester arranca a roupa íntima e agarra uma camisa que estava sobre a cama se vestindo, era grande o suficiente para bater em seus joelhos.

A porta do chalé se abre e Hester olha para Lucca, que derruba a lenha, ele fica parado olhando para ela. Por algum motivo, não conseguia entender por que seu coração batia mais rápido, e por que em sua mente ver Hester vestindo sua camisa o agradava.

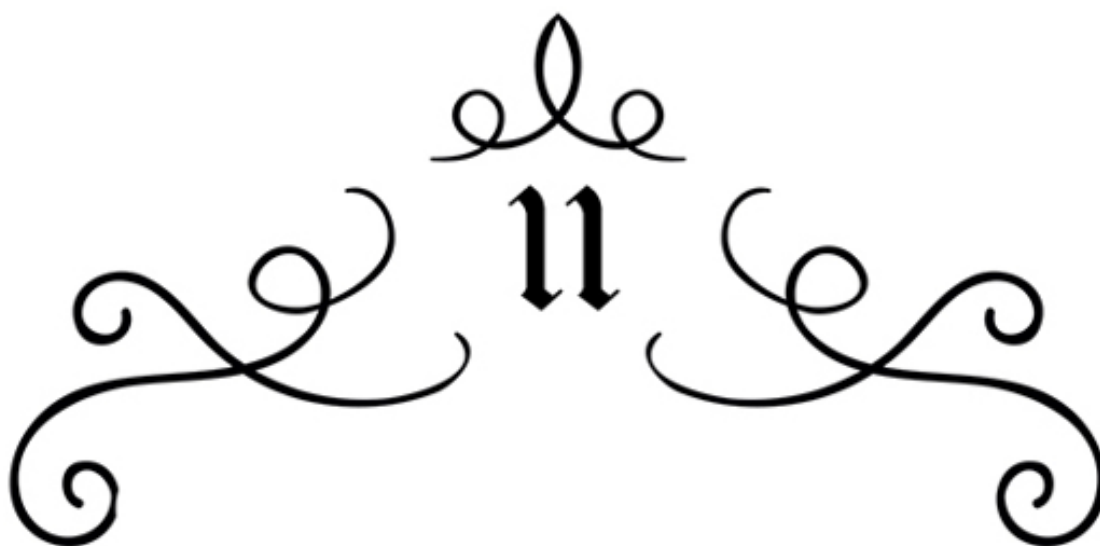
— O que foi? — Hester pergunta abraçando sua própria cintura. Lucca recolhe a lenha e joga em frente a lareira, antes que ela possa gritar ou se afastar, ele a agarra e a beija. — O... — ela tenta dizer quando ele

libera seus lábios. Mas solta um suspiro ao sentir a mão dele abrir um botão e tocar os seus seios.

— Eu não devia... — ele para de falar e olha para o seu rosto. — Que se dane tudo...

Lucca volta a beijar Hester e direciona para a cama onde os dois caem deitados. Os lábios de Lucca tocam toda a pele de Hester que está exposta, enquanto sua mão abre a camisa. Ela sabe que deveria empurrá-lo, que deveria gritar e sair correndo, mas só consegue agarrar a roupa de Lucca o puxando ainda mais para perto. Havia tempo para terminar com tudo aquilo, mas sua cabeça estava atordoada com o que estava sentindo no momento.

Lucca a faria dele e mesmo que brigasse a todo momento, por algum motivo não conseguia impedi-lo de continuar.



Hester sabia que alguma coisa estava errada ao abrir os olhos, estava virada para a parede, parede essa que no seu quarto não existia, o colchão era diferente e havia um corpo quente pressionando contra ela, bem como um braço por cima da sua cintura. Fechando os olhos novamente, ela respira fundo; aos poucos, a lembrança do que fizera alguns momentos antes volta à sua mente.

Tinha se entregado para Lucca no meio de uma paixão irresistível, a cada momento em que ele a tocava, esquecia completamente tudo. E agora estava deitada na cama dele, havia entregado sua virgindade para ele. E corria o risco de estar grávida.

— O que foi? — Lucca pergunta com a voz rouca pelo cochilo que tiraram. — Você está tensa.

— O que nós fizemos...

— Eu sei. — Ele suspira e puxa Hester ainda mais para perto, colando seu peito as costas dela.

— Eu posso estar grávida — ela sussurra.

— Daremos um jeito nisso.

— Que jeito?

— Vou falar com George...

— George? — Hester grita e pula da cama completamente nua e anda de um lado para o outro pegando suas roupas para se vestir. — Entrego a você minha pureza e a única coisa que consegue dizer é que vai falar com o seu irmão? O que pretende? Que nos casemos com uma licença especial e assim ele possa assumir essa criança?

— Hester...

— Eu te odeio, Portendorfer! — Hester grita e sai da casa com o vestido aberto em suas costas.

As lágrimas correm pelo seu rosto, estava mais do que irritada. Como ele poderia sugerir que após o que tiveram, ela deveria se casar com George? Que ele deveria assumir o filho que talvez carregava?

Sem se importar com o que iriam dizer, ela sobe as escadas correndo para o seu quarto e se joga em sua cama chorando. Não entendia por que seu peito doía tanto, por que parecia completamente despedaçada.

— Hester? — Depois de algum tempo, ela sente alguém fazer carinho em seus cabelos. — O que houve, minha irmã? Está trancada no quarto faz horas, o seu vestido está aberto e você só chora. Aiden está no corredor andando de um lado para o outro perguntando quem ele deve matar.

— Eu o odeio.

— Aiden? — Katherina pergunta sem entender.

— Não, Portendorfer.

— O que ele fez?

— Oh, Kathy! — Hester volta a soluçar, estava doendo mais do que poderia suportar.

— O que aconteceu, Hester? — Katherina a puxa para que possa olhar o seu rosto.

— George não apareceu para o passeio, ao invés disso foi Lucca que apareceu, nós caminhávamos nas margens do lago, até que eu caí em uma poça de lama, entrei no lago para me limpar e ele me levou para o chalé, para tirar a roupa molhada. Eu sabia que era errado, mas ele me carregou até lá. Uma coisa levou a outra e.... — Hester solta um gemido e leva as mãos ao rosto.

— Ele a forçou?

— Não, eu quis, Kathy, quando dei por mim estava nos braços dele.

— Você se arrependeu então?

— Não, ele sugeriu que talvez o melhor é que eu realmente me case com George, porque assim, se eu estiver grávida, ele assumirá a criança.

— Bastardo! Vou deixar que Aiden o mate! — Katherina se levanta da cama nervosa. — Como ousa sugerir algo assim?

— Está doendo, Kathy.

— Claro que está, mesmo com tantas brigas, aposto que se apaixonou por ele. — Katherina suspira. — Quer ir para casa? Tenho certeza de que Aiden não vai se importar se formos.

— Kathy! — Pippa entra correndo no quarto gritando animada. — Cornélia chegou.

— O que disse?

— Cornélia e Coltrane acabaram de chegar.

— O que estão fazendo aqui? — Hester pergunta para Kathy.

— Tentando descobrir que história é essa de receber a corte — Cornélia diz ao entrar no quarto com Coltrane e Aiden atrás dela. — O que houve, Hester? — Ela corre até a cama e abraça Hester, que volta a chorar.

— Onde está esse rapaz? — Coltrane pergunta a Aiden nervoso.

— Só um minuto, Coltrane, porque temos que descobrir que rapaz exatamente devemos matar.

— Que rapaz?

— Aiden...

— Kathy, nós dois sabemos que essa corte não passa de uma mentira, o que significa que provavelmente essas lágrimas são por causa de Portendorfer.

— Obrigado por me dar um nome. — Coltrane sai do quarto e Aiden corre atrás dele praguejando.

— Agora que os dois foram matar alguém, me explique exatamente o que aconteceu — Cornélia pede enxugando o rosto de Hester.

— Não consigo — Hester resmunga e Katherina se senta em frente a elas contando tudo para Cornélia.

— Torço para que Coltrane o faça morrer lentamente e agonizando — Cornélia diz.

— Mas se ele for morto, quem vai se casar com Hester? — Pippa pergunta confusa.

— Ela não precisa se casar, cuidaremos dela. Vamos para a nossa casa de campo e tudo ficará bem.

— Cornélia, como soube da corte?

— Pippa me enviou uma carta, quando contei a Coltrane estávamos em uma carruagem uma hora depois vindo para cá. Ainda bem que fica perto de Londres.

— Desculpa — Pippa diz e Katherina a puxa para um abraço.

— Não precisa se desculpar, meu amor. O que faremos, Cornélia?

— Se Hester quiser, arrumamos tudo e vamos para casa.

— Mais uma vez sairei fugida e a grávida agora serei eu.

— Não sabemos ainda se está grávida, pode ser... — Cornélia para de falar ao ouvir alguns gritos. — Parece que eles encontraram o alvo de sua raiva.

— Oh, Deus! — Katherina se levanta e corre para fora do quarto, com suas irmãs logo atrás.

As quatro param no balcão olhando para a cena no hall, Coltrane e Aiden olhavam irritados para Lucca, que estava ladeado por seu pai e George.

— Vamos manter a calma, senhores — lorde Boneville pede.

— Calma? Meu sogro confiou que eu cuidaria de minhas cunhadas, que as protegeria, e agora uma delas está lá em cima chorando sem parar por causa do seu filho. Não me importa o motivo, ele a fez sofrer, então eu o matarei — Coltrane diz.

— E eu esconderei o corpo — Aiden diz complementando.

— Senhores — George começa a dizer e olha para cima, e todos seguem o seu olhar.

— Tenho certeza de que Lucca não fez nenhum mal para sua cunhada. Não é, meu filho? — Lucca escuta seu pai dizer, mas sua atenção está em Hester, com o rosto inchado de tanto chorar, os olhos vermelhos.

— Acredito que isso seja um assunto entre mim e Hester.

— Entre vocês dois? Ou isso inclui seu irmão, que será obrigado por sua família a assumir qualquer um dos seus atos? — Aiden pergunta.

— George? — lorde Boneville olha para o filho mais novo.

— Lucca acredita que eu deva me casar com Lady Hester porque ele não é o homem ideal para isso.

— Hester não se casará com nenhum dos dois. Vou levá-la embora agora mesmo.

— E a criança? — Lucca pergunta olhando para Hester.

— Que criança? — Coltrane pergunta friamente.

— Ela pode estar esperando um filho meu — Lucca diz e não percebe o punho que se aproxima rapidamente do seu rosto; quando dá por

si, está estendido no chão.

— Coltrane! — Hester grita e desce as escadas correndo.

— Seu bastardo, como ousa encostar em Hester?

— Aiden faça alguma coisa — Katherina pede.

— Mas vou fazer, meu amor, assim que Coltrane se cansar, assumirei o lugar dele.

— Não haverá mais troca de socos em minha casa — lady Ellen diz do alto da escada e todos olham para ela. — George, leve Lucca para o escritório, seu pai e os cunhados de Lady Threston se juntarão a ele. Temos um casamento para acertar.

— Ele não quer se casar... — George para de dizer ao ver o olhar ferino de sua mãe.

— Não ensinei meus filhos a desonrarem uma moça e fugirem de seus atos. Lucca e lady Hester se casarão com uma licença especial.

— Mãe. — Lucca se levanta.

— Não ouse dizer que lady Hester não deve se casar com você porque é um inválido. Você não foi um inválido na hora de comprometê-la e, principalmente, na hora de colocar um filho em seu ventre. Você irá se casar.

— Não! — Hester diz alto e todos olham para ela.

— Não é certo que estou esperando um filho. Cornélia, vou pedir para a minha criada arrumar minhas coisas, irei embora com vocês para Londres.

— Hester...

— Kathy, se, e eu disse *se*, eu estiver grávida, quando soubermos, discutiremos o assunto. Não vou me casar com um homem que não deseja isso. Não viverei todos os meus dias ao lado de um homem que não me deseja. Lorde Portendorfer não deseja se casar, que assim seja.

— Lady Threston...

— Estou decidida, lady Ellen, seu filho não me deseja, então não o obrigarei a se casar. Vi amor o suficiente em minha casa, para desejar ter o mesmo todos os dias da minha vida.

Hester sobe as escadas com suas irmãs a acompanhando, não deseja sair fugida, mas não tinha outra solução. Não se casaria com Lucca obrigada, por mais que machucasse toda a história, desejava ter um casamento por amor. Provavelmente estava grávida, e se fosse verdade, quando chegasse a hora, tomaria uma decisão. Por ora só desejava seu quarto e o conforto da sua casa, queria distância de Lucca e todo aquele sofrimento.



— Quanto tempo para sabermos se vamos ter um bebê? — Pippa pergunta uma semana depois de terem voltado para Londres.

— Não muito. — Cornélia ri. — Se as regras de Hester demorarem um pouco mais para virem, então teremos nossa resposta.

— E o que desejamos? — Pippa olha para Hester, que suspira.

— Se Hester estiver grávida será terrível, a sociedade não aceitará uma mulher mãe solteira — Katherina diz pegando a mão de Hester.

— Quem se importa com a sociedade? — Pippa dá de ombros arrancando uma risada de todas.

— Se eu estiver grávida, você não conseguirá se casar.

— Se Kathy se casou, quando todos acreditavam que ela matava seus noivos, por que eu não haveria de me casar? E se um rapaz é estúpido o suficiente para não se casar comigo porque não quer que a imagem fique manchada por causa de uma das minhas irmãs, então não merece se casar comigo.

— Oh, Pippa! — Cornélia puxa a irmã caçula para o um abraço. — Você não poderia ter dito palavras mais belas. Realmente se um rapaz não quer se casar por causa de suas irmãs, então não deve se casar com ele.

— Só não entendo por que o Lucca não quer se casar.

— Porque ele é um inválido, não tem um braço — Hester diz e todos olham para ela. — Esses são os motivos que ele me deu. Segundo ele, não é bom o suficiente para se casar com alguém.

Hester se levanta e alisa o vestido.

— Onde vai, querida? — Katherina também se levanta.

— Vou para o meu quarto, quero terminar de ler um livro.

— Está bem.

Com os olhares atentos de suas irmãs, Hester vai para o quarto. Uma semana se passara sem qualquer notícia de Lucca, ele não a procurara nem ao menos para saber se estava esperando uma criança ou não. Por mais que fosse preciso esperar mais alguns dias, Hester sabia que carregava um filho, podia sentir dentro de si. Era um pressentimento de mãe, como Cornélia dizia algumas vezes ao sentir que um de seus filhos se machucara.

Deitando em sua cama, ela puxa os cobertores por sobre a sua cabeça, queria que o mundo parasse de rodar, que o tempo congelasse e não fosse obrigada a justificar a ninguém porque teria um filho sem se casar.

O colchão afunda ao seu lado e ela sente alguém puxar as cobertas, ela se agarra a elas, se recusando a permitir que quem quer que fosse a visse agora.

— Me deixa em paz — ela resmunga sob as cobertas.

— Não posso, uma semana foi tempo demais.

Hester joga as cobertas de lado e olha para o rosto que por uma semana desejara ver novamente.



— O que pensa que está fazendo aqui? — Cornélia pergunta ao visitante, que apenas ri.

— A senhora foi até a minha casa e levou Hester sem nem ao menos permitir que eu dissesse alguma coisa. Durante uma semana permiti que todos dessem conselhos tanto a mim quanto a ela. Mas agora já chega.

— E que direitos o senhor acredita ter, para entrar assim? — Katherina pergunta.

— Onde ela está? — Lucca pergunta ignorando as perguntas.

— No quarto dela, está chateada e triste — Pippa responde se aproximando dele. Antes que ele possa prever, ela lhe dá um chute na canela. — Isso é por magoar a minha irmã.

— Obrigado pelo castigo — Lucca solta um grunhido enquanto esfrega a canela. — Onde é o quarto?

— Não vai subir — Cornélia diz irritada. — Não causou sofrimento demais?

— Eu subirei e abrirei cada maldita porta até encontrar o quarto que procuro. Se me disserem qual é evitaremos perda de tempo.

— O que tanto deseja, Sr. Portendorfer? — Katherina pergunta desconfiada.

— Acredito que isso diga respeito apenas a Hester e a mim.

— Eu o levarei até ela.

— Pippa!

— Cansei de ver minha irmã chorar, Cornélia. Ela o ama, Sr. Portendorfer, e já lhe aviso, se ela chorar novamente por sua causa, eu mesmo o matarei, sei muito bem como manusear uma faca.

Lucca tenta evitar um sorriso ao ouvir as palavras da menina, ele a segue para o andar de cima, e ela gesticula para uma porta. Ao entrar, Lucca acredita que o quarto está vazio, até perceber um calombo no

colchão que se agitava por causa de alguns soluços. Ele se senta na cama e com o coração apertado tenta puxar as cobertas.

— O que faz aqui? — Hester tenta se levantar, mas Lucca a empurra de volta para a cama e se deita sobre ela. — Levante-se.

— Não posso, esse é o único jeito de mantê-la no lugar para me ouvir. Por duas vezes fugiu de mim.

— Não tenho nada para ouvir. Cansei de ser empurrada para o seu irmão.

— George não tem nada a ver com isso. Na verdade, ele está em algum clube aqui em Londres, jogando e bebendo. Veio apenas para me acompanhar.

— O que você quer?

— Você — Lucca diz e beija o pescoço de Hester. — Quero você, Hester. Quando fizemos amor a primeira vez e senti seu corpo junto ao meu, percebi que não poderia enviá-la para longe, ou então permitir que outro homem a possuísse. Você é minha.

— Mas disse que teríamos que falar com George.

— Sim, para que ele se afastasse, porque o único a se casar com você seria eu.

— Mas quando...

— Quando seus cunhados tentaram me matar? Você não permitiu que eu falasse, fugiu novamente de mim, entrou em uma carruagem e foi embora. Deixei que por uma semana se acalmasse para que me ouvisse. Mas não pense que a deixei longe das minhas vistas. Minha carruagem partiu logo atrás da sua. Durante essa semana percorri toda Londres arrumando o necessário.

— Necessário?

— Sim, para nos casarmos.

— Não vou me casar. — Hester tenta empurrar Lucca, mas o seu corpo é muito mais pesado que o dela.

— Hester, desde o meu acidente acreditei que não poderia ser feliz, que não poderia me sentir completo novamente, mas estava enganado. Nunca fui um homem inteiro em toda a minha vida; somente ao deitar em minha cama, com você ao meu lado, é que entendi toda a situação. Mesmo que me devolvessem o braço, se não a tivesse comigo, continuaria sendo apenas metade de um homem. Você, minha querida, é a minha metade perfeita. Você me completa. E por isso fui atrás de uma licença especial. Quero me casar com você, ter filhos. Ficar ao seu lado por toda a minha vida.

— Realmente deseja isso?

— Com todo o meu ser, Hester. Aceita se casar comigo?

Epílogo

— Não acredito que se casou — Charlotte diz para Hester a abraçando. — Quando essa temporada começou, achei que Dayse seria a primeira.

— Acreditei a mesma coisa. — Hester ri e Dayse revira os olhos para as duas.

— A mãe de meu noivo quer um casamento enorme. Se fosse por mim, eu me casaria com uma licença.

— Queria ter uma sogra para reclamar, nem ao menos um pretendente eu tenho.

— Não diga besteiras, Charlotte, descobri que muitas vezes o nosso parceiro ideal não está em um salão de baile. Veja nossos exemplos: Cornélia conquistou Coltrane ainda na escadaria da mansão, Katherina caiu de uma escada e assim conheceu o seu marido e eu tive que ir para o campo para encontrar o meu.

— Talvez tenhamos que passear por toda Londres, Charlotte, assim encontrará o seu noivo. — Dayse ri.

— Sei que desisti de me casar nessa temporada. Ia para o interior, quando Eleanor contou sobre o seu casamento, não perderia isso por nada.

Mas agora vou manter minha decisão. Vou me recolher no campo e quem sabe lutar para emagrecer, assim terei chances com um cavalheiro no ano que vem.

— Se precisa mudar quem é para se casar, então esses homens são estúpidos! — Hester abraça Charlotte. — É linda, minha amiga, não mude nada por causa da sociedade.

— Eu sei, mas talvez perder alguns quilos não seja assim tão ruim. Mas chega de falar sobre isso, você é a noiva, deve estar feliz e cumprimentar todos os convidados.

Hester abraça Charlotte e Dayse uma última vez e vai até seu marido, que conversava com Coltrane e Aiden. Fazer com que os cunhados aceitassem Lucca fora difícil, por três dias discutiram incansavelmente, até que finalmente chegaram em um acordo. Claro que o fato de que Hester gritara que estava grávida interferiu no assunto. Mesmo que ainda não tivesse certeza.

Agora estava casada e no dia seguinte iriam para o chalé de Lucca. Os dois morariam ali até que o primeiro filho nascesse, após se mudariam para a casa principal.

— Teremos mais algum tempo para pensar no casamento de Pippa — Coltrane diz emburrado para Aiden.

— Só toquei no assunto, porque parece que essas irmãs estão determinadas a encontrarem maridos turrões.

— Não poderia dizer melhor, meu irmão. — Hester abraça Aiden, antes de ir para Lucca, que a abraça pela cintura. — Os nossos maridos parecem dispostos a serem teimosos.

— Como se essas irmãs não tivessem um pouco de teimosia correndo pelas suas veias — Lucca diz.

— Nunca negamos o fato de que somos teimosas. — Hester ri.

Após a festa, Hester e Lucca sobem para o quarto dela onde passariam a noite. Com a ajuda de seu marido, Hester retira o vestido e se deita esperando por ele.

— Quando os meses passarem e sua barriga não crescer, Coltrane e Aiden descobrirão que mentimos sobre a gravidez. — Lucca se senta na cama retirando as botas e escuta uma risadinha. — É sério, posso até mesmo sofrer algumas agressões por termos mentido.

— Mas quem mentiu, meu marido? — Hester pergunta e Lucca olha por sobre o ombro.

— O que disse?

— Minhas regras deveriam ter vindo há três dias, mas não houve nada até agora e sinto aqui dentro que temos uma criança a caminho. — Hester coloca a mão sobre o seu ventre.

— Tem certeza, meu amor?

— Vamos ter um filho, Lucca, e eu sei que será um pai maravilhoso.

— Você me fez um homem melhor, quem diria que uma pedrada na cabeça faria com que eu me apaixonasse.

— Eu não joguei aquela pedra de propósito — Hester reclama e Lucca se deita a puxando para ele.

— Há controvérsias, minha querida.

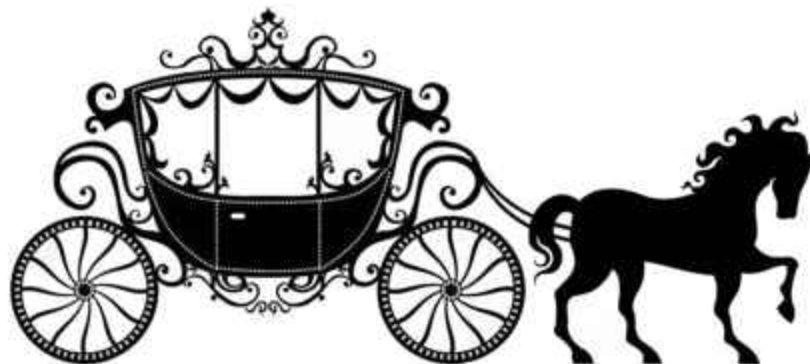
— Passaremos o resto de nossa vida discutindo por causa dessa maldita pedrada?

— Se isso significa que passaremos o resto de nossos dias juntos, então sim, discutiremos eternamente por causa dela.

— Não desejo nada menos do que isso, meu amor. — Hester puxa o rosto de Lucca para ela e o beija, as diferenças estavam esquecidas, as limitações de Lucca também, a única coisa que importava para os dois eram os dias que teriam pela frente, juntos, poderiam fazer qualquer coisa.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A DONZELA EM PERIGO



A DONZELA EM PERIGO

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 4

Prólogo

Para Charlotte Bartlett, o amor representava nunca mais ficar sozinha. Não que se sentisse solitária, tinha seu pequeno irmão, sua irmã, cunhado, sobrinho e Daisy, irmã de seu cunhado e que se tornara como outra irmã para ela. Mas algumas vezes sentia falta de ter alguém somente para ela, alguém com quem poderia abrir seu coração, alguém para abraçá-la à noite.

Desde que conhecera Simon e vira o modo que seu cunhado tratava Eleanor, passara a desejar o mesmo para si. O único problema é que desde o momento em que colocara os pés em um salão de baile em seu debut, percebera que não seria tão fácil assim. Todos a consideravam muito acima do peso, mesmo que não fosse tanto assim. E ter Daisy ao seu lado dificultava ainda mais as coisas.

Amava Daisy terrivelmente, seria capaz de matar alguém por ela, era sua outra irmã, mas ela era tudo o que Charlotte não era: pequena, delicada, loira, grandes olhos azuis, um sorriso constante no rosto, uma pessoa doce. Desde o primeiro momento se tornara a sensação da temporada. Até mesmo a Rainha, ao conhecê-la, dissera que Daisy arrasaria corações nos salões de baile, o que realmente aconteceu.

Mesmo que Simon e Eleanor não a pressionassem para escolher um noivo, dizendo que ela teria todo o tempo que desejasse para isso, Daisy escolhera um jovem marquês como noivo e já estavam marcando a data do casamento.

Claro que Charlotte ficara feliz por ela, não desejava o seu mal, apenas não conseguia deixar de sentir um pouco de ciúmes, porque ela conseguira tão cedo o que tanto desejava.

Para sua tristeza ficar maior, não demorou muito para que Hester Threston, outra grande amiga, se casasse repentinamente, com uma licença especial. Parecia que todos a sua volta estavam se casando. E ela ficando de lado.

Sem conseguir suportar mais nenhum momento nos salões, saraus, peças de teatro, incluindo toda Londres, Charlotte pedira para Simon que a deixasse ir à casa de campo da família Halsey, queria ficar apenas sozinha, sem ter que fingir um sorriso ou que estava bem – o que ela não estava.

Depois de muita conversa, finalmente Simon concordara, Eleanor não poderia acompanhá-la, pois Daisy estava noiva e planejando o casamento para o final da temporada, James não poderia ir com ela, pois estava estudando em casa com um tutor contratado. Então ela iria sozinha com sua criada particular. A viagem levaria um dia inteiro, seriam necessárias algumas paradas para trocas de cavalo, mas não teriam que passar a noite. Então, não haveria problema em viajar sem alguém da família.

Após se despedir de todos, Charlotte entra na carruagem, com sua criada à sua frente. Ela acena pela janela até não poder ver mais sua família, fechando a cortina respira fundo e sente seu peito se apertar.

— Tudo bem, Srta. Bartlett?

— Está, Jane, não se preocupe. Apenas é a primeira vez que me separo de minha família.

— Dá tempo de desistir.

— Não, eu preciso disso.

Charlotte encosta a cabeça no encosto da carruagem e fecha os olhos, queria chegar logo na casa de campo, onde poderia ficar sozinha finalmente com seus pensamentos, sem ter que dizer a todo momento que estava tudo bem. Porque não estava.



Charlotte estava cansada da viagem. Após pararem para almoçar enquanto o cocheiro trocava os cavalos, seguiram seu caminho. Faltavam algumas horas ainda, para finalmente chegarem ao seu destino. À sua frente Jane dormia, enquanto os pensamentos de Charlotte não a deixavam descansar. Irritada com sua situação, ela fecha os olhos tentando se obrigar a dormir. A carruagem para com um solavanco e abre os olhos rapidamente, ouvindo alguns gritos do lado de fora.

— O que está acontecendo? — Jane pergunta acordando assustada.

— Não sei.

A porta se abre de um supetão e o braço de Charlotte é agarrado e a puxam para o lado de fora, com Jane logo atrás.

— Veja só o que temos aqui — um homem grosseiro, barba por fazer e com uma arma em mãos, diz olhando para Charlotte.

— Deixe a senhorita em paz! — o cocheiro grita e Charlotte olha para ele sem acreditar, ele está com sangue escorrendo por seu rosto.

— O que fez com meu cocheiro?

— A moça é brava — outro homem avisa, do alto da carruagem.

— Farei o mesmo com a senhorita se me irritar. — O homem empurra Charlotte e Jane para perto do cocheiro e se inclina fazendo uma reverência. — Muito obrigado por pararem, minha senhora ficará imensamente feliz com os presentes.

— Presentes? — Charlotte pergunta indignada, o homem sobe na carruagem e eles rapidamente se afastam. — Ele nos roubou?

— São assaltantes de estrada, Srta. Barlett. Eu temia que pudesse acontecer.

— Não devíamos ter vindo sozinhas, senhorita — Jane diz olhando assustada para a estrada.

Charlotte se irrita não só com a ousadia daqueles homens de roubá-la, mas também porque Jane não para de resmungar.

— Consegue andar, Rudow?

— Posso tentar, senhorita, mas estou muito zozinho por causa da pancada.

— A próxima vila está muito longe?

— Não, seria a nossa próxima parada. Fica a meia hora daqui.

— Façamos assim, vou até a vila pedir por ajuda. Jane, você fica aqui com Rudow.

— A senhorita não deve andar sozinha, talvez devamos ficar juntos até uma carruagem passar.

— Poderíamos, Jane, mas não é o que vamos fazer. Vou pedir por ajuda, alguém precisa cuidar de Rudow, você fica. Vou conseguir ajuda e logo voltarei.

Charlotte caminha o mais rápido que consegue pela estrada, os sapatos não são feitos para esse tipo de caminhada, e o longo vestido a cada minuto fica cada vez mais quente. Depois de muito andar, Charlotte avista o alto de uma torre de igreja, e sabe que finalmente está chegando

ao seu destino. A primeira construção que entra em sua visão é uma estalagem, onde provavelmente os cavalos serão trocados.

Algumas carruagens estão na porta, enquanto as pessoas entram ou saem da estalagem para seguirem suas viagens. Quando um cavalo se assusta e empina à sua frente, Charlotte acaba tropeçando ao tentar se afastar, ela sente seu corpo cair, mas dois braços a seguram.



Quando Walden recebe a carta de seu irmão, convocando-o para voltar, está determinado a ignorar, ele sabe o que Henry quer: o mesmo assunto de sempre. Quando ele finalmente se casaria e teria uma família?

Mesmo que Henry tenha três filhos homens para sucedê-lo, fazendo com que Walden não tenha obrigação nenhuma com o título, parece que seu irmão mais velho tem como missão de vida, o amarrar com alguma dama insípida.

É por isso que ama tanto Augustina, seu barco, quando está em alto-mar não precisa dar satisfações a ninguém, é ele quem decide o que fazer da sua própria vida, ali ninguém o obriga a frequentar salões de baile para encontrar uma noiva. Pelo contrário, em alto-mar, pode ter quantas mulheres deseja, uma em cada porto esperando por ele. Sua vida é agradável, não há o que reclamar. A não ser as intimações de seu irmão.

Se não soubesse que seu irmão provavelmente enviaria homens para arrastá-lo até sua antiga casa de família, iria ignorar com prazer a intimação. Por isso, agora está parado em uma estalagem esperando pela troca de cavalos. Falta ainda quatro horas de viagem; está cansado, deseja apenas uma cama e comida.

Enquanto seu criado particular cuida da troca dos seus cavalos, ele se senta em um banco em frente à estalagem e observa o movimento, a tarde

está agitada, e ele sabe que se deve ao fato de que muitos estão indo para Londres, o final da temporada está chegando e alguns grandes casamentos acontecerão. Seus olhos percorrem o grande pátio se prendendo em uma moça que praticamente corre segurando a barra do seu vestido.

Se a jovem não fosse exatamente o que ele sempre desejou em uma mulher, jamais prestaria atenção nela. Para Walden, as mulheres devem ter carne em seus ossos, seios fartos, lábios generosos e longos cabelos escuros. Ele não sabe quem é a moça, imagina que não é alguém de família, já que está sozinha em uma estrada, segurando seu vestido, com os cabelos praticamente soltos de seu penteado.

Ela desvia de alguns cavalos, mas um em particular se agita e vem em sua direção, na tentativa de escapar, ela acaba tropeçando e, por instinto, Walden se levanta e a segura impedindo que vá ao chão.

Os olhos dos dois se encontram e lentamente ele abre um sorriso, o mesmo que sempre dá quando tenta conquistar uma mulher.

— Cuidado, doçura.

— Não sou sua doçura. — Charlotte tenta se segurar, mas ele a aperta em seus braços.

— Se não fosse por mim, estaria no chão agora, provavelmente machucada.

— Agradeço por sua ajuda. — Charlotte empurra seu peito e ele a solta. — Preciso falar com o estalajadeiro.

— Procurando por algo? — Walden cruza os braços e continua sorrindo.

— Fomos atacados na estrada, meu cocheiro está ferido e minha criada ficou com ele.

— É claro — Walden concorda, tentando não rir. Parece um absurdo uma dama de família estar andando sozinha pela estrada em busca de

ajuda para seus criados. — Posso ajudá-la se me permitir.

— Obrigada — Charlotte agradece com um suspiro. — Eles estão a meia hora daqui.

— Vou ajudá-la, mas com uma condição. — Walden levanta um dedo e se aproxima.

— Que condição? — Charlotte pergunta desconfiada.

— Quero um beijo — ele pede baixinho e ela tenta se afastar, mas ele a segura.

— Como ousa? Eu sou uma dama.

— É claro. — Walden ri, e a puxa para si.

— Me... — Charlotte para de falar quando os lábios de Walden grudam aos dela, ela sente o calor do corpo dele de encontro ao seu.

A mente de Charlotte grita para que se afaste, mas seu corpo tem outros planos. Era seu primeiro beijo, mesmo que fosse roubado, na frente de dezenas de pessoas.

— Obrigado pelo pagamento — Walden agradece se afastando e solta um gemido quando Charlotte acerta seu rosto com um tapa.

— Nunca mais faça isso! — Charlotte grita.

— Senhorita Barlett. — Charlotte gira ao ouvir seu nome ser chamado e corre até uma carruagem, que para. — Alguns minutos depois da senhorita sair, uma carruagem passou, conseguimos ajuda — Jane diz ajudando Rudow a descer.

— Obrigada, milorde — Charlotte agradece ao homem que ajudou seus criados. — Vamos entrar na estalagem e procurar por ajuda.

Com a ajuda de Jane, Charlotte vai para a estalagem, ela pode sentir os olhos do homem que a beijou, sem permissão, queimar em sua pele. Ele teve a ousadia de agarrá-la. Está ainda mais irritada do que antes. Mesmo que por alguns segundos adorara o beijo.



Após conseguir atendimento médico para Rudow, Charlotte se senta à mesa nervosa, sabe que terá que avisar Eleanor e Simon do que aconteceu, e esse é o seu último desejo, muito provavelmente o cunhado ordenará que uma carruagem vá buscá-la e a levarão de volta para Londres, que é o último lugar que deseja estar agora.

Sem sua bagagem ou dinheiro, Charlotte conta com a generosidade do dono da estalagem, já que é onde Simon sempre passa a caminho da casa de campo. Ele promete que enviará a conta para o duque, e que ela não se preocupe com nada, até mesmo providenciará uma carruagem para levá-la no trecho que falta.

— O que vamos fazer, Srta. Barlett? — Jane pergunta sentando ao seu lado, enquanto uma moça serve algo para comerem.

— Vamos esperar notícias de Rudow, após seguiremos viagem, mais umas quatro horas e estaremos em casa.

— E como vamos para casa?

— O dono da estalagem disse que poderia arrumar uma carruagem. Então acho que temos que esperar.

— Quer ajuda? — Charlotte ofega ao tomar um susto com alguém falando tão perto de seu ouvido.

— Como ousa?

— Desculpa. — Walden ri e se senta ao seu lado. — Meu criado segue com uma carruagem com minhas coisas; se quiser, posso levá-los até sua casa.

— Nem ao menos sabe para onde estamos indo — Charlotte diz e gira na cadeira para evitar olhar para ele.

— Ouvi o estalajadeiro conversando lá fora, tentando arrumar uma carruagem para a senhorita. Vou fazer o mesmo caminho — ele diz deixando de lado o fato de que a mansão de sua família estava a vinte minutos de carruagem da dela.

— Quem é o senhor? — Charlotte pergunta irritada.

— Walden Osborne, visconde de Culbert. — Walden levanta a mão de Charlotte para um beijo. — Fui convocado por meu irmão para uma visita, acho que o filho número seis ou sete nasceu. — Ele dá de ombros. — Parei de contar quando tive certeza de que haviam herdeiros suficientes para sucedê-lo e assim me deixar livre das obrigações do título.

— Ou seja, permitir que seja um libertino?

Walden sorri para ela, que percebe os olhos dele brilharem em diversão.

— Algo do tipo.

— Do tipo, seu irmão trabalha para enviar dinheiro e assim garantir a sua vida de *bon vivant*?

— Talvez. — Walden ri.

— Com licença, Srta. Barlett — o médico diz se aproximando. — O seu cocheiro está fora de perigo, mas o ideal é que ele descanse essa noite.

— Ele pode ficar aqui essa noite — o estalajadeiro oferece.

— Enquanto isso a levarei até sua casa, onde poderá enviar alguém para buscá-lo amanhã. Não há por que ficar aqui essa noite — Walden diz.

— Aceite, senhorita, minha estalagem é frequentada por pessoas de bom caráter, mas uma jovem sozinha não deve dormir aqui.

— Mas devo ir em uma carruagem com um homem que nem ao menos conheço?

— Estará com sua dama de companhia, e eu viajo a cavalo. Então estará segura na carruagem.

Charlotte olha para os três homens, que a encaram, e solta um suspiro; faz sentido em aceitar a oferta que o Visconde fazia. O que não faz é ficar ali aquela noite, quando falta tão pouco para chegar ao seu destino.

— Está bem, eu aceito.

— Perfeito, vou pedir que meu criado providencie tudo. — Walden se levanta.

— O senhor cuidará do Sr. Rudow?

— Não se preocupe, Srta. Barlett, ele está recebendo os melhores cuidados.

Após terminar a breve refeição, Charlotte agradece a hospitalidade ao estalajadeiro e pede que ele envie a carta que escreveu para Eleanor, enquanto ela vai com Jane encontrar-se com o visconde.

— Este é Fruvick, meu criado — Walden apresenta. — A carruagem está pronta se quiser partir.

— Estou pronta, agradeço pela gentileza.

Walden ajuda Charlotte e a criada a subirem na carruagem e fecha a porta.

— Vou acompanhá-los ao lado da carruagem, quero ter certeza de que estarão bem — ele avisa ao criado e monta em seu cavalo.

— Ele é um visconde realmente? — Jane pergunta e Charlotte observa a estrada que passa pela janela.

— É o que ele diz. Há brasões nas portas da carruagem, mas desconheço de que família seja. Simon provavelmente saberia.

— O duque ficará irritado quando souber do roubo — Jane diz torcendo as mãos.

— Não se preocupe, Jane, quem rejeitou a ideia de uma escolta fui eu. Serei a única a ouvir as reclamações de Simon.

— A senhorita está sem roupas, o que faremos?

— Dayse possui algumas roupas aqui, talvez alguma delas sirva.

— Cuidarei disso assim que chegarmos, senhorita.

Charlotte encosta a cabeça na janela e fecha os olhos, cansada, esgotada e principalmente aterrorizada, é a primeira vez que foi assaltada e temeu por sua vida. Se não fosse a gentileza de Walden Osborne, estaria na estalagem ainda, sem saber o que fazer. Um pouco mais estará no conforto de sua casa, sua irmã não demorará a chegar, abandonando os salões de baile e indo em seu socorro.

Um solavanco faz com que Charlotte desperte de seu cochilo e ela se agarra ao banco.

— O que houve? — pergunta para Jane, que solta um choramingo.

— Espero que não seja outro assalto.

— Mil perdões, senhoritas. — Walden abre a porta da carruagem e estica uma mão para Charlotte. — Uma das rodas quebrou.

Walden ajuda Charlotte a descer e ela olha para a roda quebrada.

— E agora?

— Podemos seguir viagem em meu cavalo, falta pouco para chegarmos ao seu destino.

— Talvez seja melhor ficar aqui, senhorita — Jane diz tentando segurar Charlotte.

— Falta pouco para escurecer, prometi que a levaria em segurança até a sua casa.

— Creio que não será possível. Seu cavalo não aguentará a nós dois, milorde.

— O quê? — Walden olha para o cavalo e depois para ela. — Meia hora de viagem e estará em segurança. Seus criados poderão vir até aqui buscar sua dama de companhia e ajudar a consertar minha carroça.

— Senhorita? — Jane chama por Charlotte, que segura as saias e caminha até o cavalo.

— Estou cansada, com fome, frio e não vejo a hora desse dia terminar, aceito sua oferta Lorde Culbert.

— Estupendo. — Walden ajuda Charlotte a montar de lado no cavalo e sobe atrás dela.

— Não me deixe cair.

— Jamais — Walden diz próximo ao seu ouvido. — Sou um exímio cavaleiro.

Walden instiga seu cavalo a caminhar e seguir viagem.

— Espero que ninguém nos veja, já será difícil explicar o roubo para meu cunhado, imagina ter que explicar por que estava em um cavalo com um homem.

— Tem medo de seu cunhado?

— Não, apenas não gosto de deixá-lo chateado com alguma coisa. Ele fez muito por mim e meus irmãos.

— Tipo?

— Tipo, não é da sua conta milorde.

— Não se esqueça de que a estou ajudando, senhorita.

— Não esqueci e sou grata. Apenas não vejo motivos para contar sobre minha vida, para alguém que acabo de conhecer.

Eles seguem viagem em silêncio por um tempo, até que Charlotte suspira alto.

— Algum problema?

— Chegamos. — Ela aponta para uma torre e Walden para o cavalo.

— Aquela é a mansão do duque de Wentworth.

— Ele é meu cunhado.

Walden solta um xingamento em voz baixa e volta a seguir viagem.

— Algum problema?

— A senhorita realmente é uma dama.

— Eu disse ao senhor. — Charlotte ri.

Os dois atravessam o caminho até a mansão, onde alguns criados correm até ela. Charlotte desce do cavalo e explica para o mordomo o que aconteceu, ele corre para enviar ajuda à carruagem. Charlotte gira para encontrar Walden parado a observando.

— Algum problema, milorde?

— Nenhum, fico feliz que esteja em segurança. Se me permite, vou seguir viagem.

— Obrigada pela ajuda.

— Não precisa agradecer. — Ele dá um toque em seu chapéu e gira o cavalo para ir embora.

— Esse é o visconde de Culbert? — a Sra. Trollope, a governanta, pergunta sem acreditar. — Ele quase não vem para casa, os criados da mansão do conde de Ashworth dizem que ele só volta quando é intimado por seu irmão.

— Intimado? — Charlotte pergunta curiosa.

— Senhora Trollope — um dos criados chama e ela se afasta deixando Charlotte sozinha e encarando a estrada.

Se a Sra. Trollope sabia alguma coisa sobre Walden, era porque então ele não estava tão longe assim da mansão.



— Os vestidos da senhorita Daisy ficarão apertados, mesmo que eu solte toda a costura. Teremos que pedir o envio de suas roupas, senhorita.

— Jane diz olhando alguns vestidos de Daisy que ficaram na casa de campo.

— Enviei uma carta para Eleanor, amanhã minhas roupas estarão aqui, provavelmente com toda a família junto.

Charlotte se levanta da escrivaninha em seu quarto e vai até a janela, o dia já está acabando e ela está cansada de todos os acontecimentos.

— Vou pedir que sirvam o jantar aqui, assim pode descansar.

— Obrigada, Jane, por favor, tente conseguir algo para que eu vista amanhã, até que minhas roupas cheguem.

— Vou tentar ao máximo.

A criada sai do quarto e Charlotte se senta no banco embaixo da janela observando a paisagem. Saíra de Londres, pelo cansaço de ser deixada de lado por todos nos salões. Não é tão bonita, não tem um corpo magro e desejável como as outras moças. Por diversas vezes ficou sentada em um canto junto com outras solteiras, sonhando em poder dançar com um belo par. O que era impossível, já que nenhum dos solteiros a

convidava, os únicos com quem dançou desde a sua estreia na sociedade, foram seu cunhado e os maridos das amigas de Eleanor.

Odiava ser tratada com pena por eles, dançavam com ela, porque se não fosse isso estaria sentada a noite inteira em todos os bailes. Invejava Daisy, Katherina e Hester, elas encontraram seus pares e agora estavam felizes, parecia que esse não seria o seu destino.

No dia seguinte, após uma noite insone, Charlotte desce para a sala da família e se senta com um livro, Jane havia feito o possível para alargar um vestido para que ela usasse. A tarde parece andar a passos lentos, quando se aproxima o barulho de uma carruagem que chama a sua atenção.

Charlotte vai até a janela e observa a carruagem, que para em frente a mansão, e com um suspiro sai para encontrar Simon, que é o primeiro a descer.

— Desculpa — Charlotte diz assim que o cunhado a nota. Simon sobe as escadas rapidamente e a puxa para os seus braços.

— O que eu disse sobre ser necessário uma escolta?

— Eu sei — ela afirma com a voz abafada por estar presa em seus braços. — Mas não queria chamar a atenção durante a viagem.

— Minha vontade era de colocá-la de castigo, pensei nisso durante toda a viagem.

— Charlotte? — Eleanor se aproxima e puxa a irmã para um abraço. — Está tudo bem?

— Foi apenas um susto, eu estou bem.

— Um susto? Vocês ficaram sem carruagem, teve que andar até uma estalagem sozinha, alguma coisa poderia ter acontecido.

— Eu sei, me perdoe — Charlotte diz baixinho.

— Apenas ficamos preocupados, Charlotte. — Simon pega a sua mão. — O lado bom disso tudo é que consegui convencer sua irmã a

tirarmos alguns dias de férias, vamos ficar aqui com você.

— Mas e a Dayse?

— Achou mesmo que eu não viria? — Dayse pergunta correndo até ela. — Meu noivo deve vir amanhã com os pais dele. Eleanor sugeriu que passássemos quinze dias no campo, as famílias todas juntas para nos conhecermos melhor.

— Assim posso dar minha aprovação ou não — James diz passando por elas. — Simon prometeu que eu posso dar minha opinião sobre seu noivo, já que somos irmãos.

— Eu já estou noiva, James. — Dayse ri.

— Mero detalhe, ele vai ter que me ganhar, da mesma forma que o rapaz que quiser casar com Charlotte vai ter que fazer.

— Como se eu fosse me casar um dia.

— Não fale assim, querida, é claro que vai se casar. Agora vamos entrar, preciso descansar um pouco.

Charlotte pega o sobrinho do colo da babá e vai para a sala comum da família, uma das coisas que mais adora no mundo é segurar Oliver, o futuro duque em seus braços. O bebê gordinho havia dado lugar para um menino cheio de energia que adora andar sozinho, achando que já é grande suficiente para ter independência.

— Espero que não se importe, Charlotte, sei que veio para o campo para ter sossego e fugir da confusão de Londres, mas, já que estamos aqui, pensei em fazer um baile de noivado para Dayse, seria algo mais simples.

— Claro que não me importo, não é porque eu não me casei ou não tenho nenhum pretendente que vou proibir Dayse de ser feliz. Esse baile não vai ficar vazio, se formos só nós?

— Dayse e Simon passaram a maior parte da vida deles aqui, então possuem amigos que desejam convidar. E claro, aproveitei e enviei um

convite para Katherina e o Aiden. Eles voltaram do casamento da Hester faz alguns dias.

— Alguma notícia de Hester?

— Kathy disse que a irmã está muito feliz, apesar de todos os percalços entre ela e o marido. Os dois formam um belo casal.

— Tomara que eles sejam muito felizes — Dayse diz se servindo de uma xicara de chá que a criada trouxera.

— Quem sabe você não encontra o seu futuro marido aqui no campo? — Eleanor pergunta. — Hester precisou sair de Londres para achar o dela, tudo é possível.

— Claro, tanto que, se nenhum rapaz de Londres se interessou por mim, alguém do campo vai querer, talvez um cavaliço? Ou o padeiro da vila, talvez.

— Charlotte, não diga coisas assim. Você é linda, inteligente, tenho certeza de que vai encontrar alguém que lhe dê valor. Só precisa ter paciência e estar aberta às possibilidades.

— Você é muito gentil, minha irmã, mas nós duas sabemos a verdade, jamais serei uma beldade, meu corpo não está no padrão da sociedade, sou a última mulher que alguém iria querer. Acredito que só serei desejada, caso Simon e James aumentem o meu dote para um valor absurdo.

— Se quiser que faça isso, farei com o maior prazer — Simon diz entrando na sala e se senta ao lado da esposa. — Mas terei meus amigos me ajudando a filtrar seus pretendentes. Não vou permitir que um caçafortunas se case com você apenas pelo dote e que viva os seus dias ressentida trancada em uma casa enquanto ele se diverte com o seu dinheiro. Seu pai não está vivo, Charlotte, mas mesmo assim fui até o

túmulo dele e dei a minha palavra de que não permitiria que você fosse infeliz. E vou cumpri-la.

— Talvez eu devesse ir para a França, ou talvez Espanha, sei lá. Passar um ano fora viajando, assim quem sabe a sociedade esquece quem eu sou.

— Fugir nem sempre é a solução, querida.

Charlotte se levanta e coloca o sobrinho no colo de sua irmã e vai para o seu quarto. Ela sabia que sua família desejava apenas o seu bem. Mas era difícil suportar o sentimento de rejeição, afinal fora ela que presenciara os olhares de pena, de indiferença. Estava cansada por desejar algo que jamais poderia ter.



Por mais que ame seu irmão e sobrinhos, em alguns momentos a vontade de Walden é de fugir. Completamente diferente da alta sociedade, o irmão e sua cunhada criam os filhos perto deles, a babá raramente toma alguma atitude, por isso as crianças estão sempre por perto. Como nesse exato momento em que ele está sentado com uma vara de pesca tentando conseguir algum peixe, enquanto Owen, seu sobrinho mais velho, não para de falar.

— Então, meu pai prometeu que eu posso escolher um cavalo, os cavalos do duque são lindos e mais tarde vamos até lá escolher.

— Tenho certeza de que vai escolher um cavalo à altura do futuro conde de Ashworth.

— Vai comigo, tio Walden? Me ajuda a escolher um cavalo?

— Seu pai não vai com você?

— Ele vai, mas queria sua ajuda.

— Ok, eu vou, mas agora fique em silêncio, não consegui pescar um maldito peixe ainda.

— Você falou uma palavra feia, tio Walden — Lily, uma de suas sobrinhas, diz com a mão na cintura. Aos cinco anos tinha o gênio da mãe transbordando por seus poros. — A mamãe fica brava quando falamos palavras feias.

— Se prometer que não vai contar a ela, compro uma boneca nova para você.

— Com um lindo vestido rosa?

— Com um lindo vestido rosa — ele concorda.

— Está bem. — Lily dá de ombros e volta a se sentar com suas bonecas.

— Meninas são bobas, só pensam em bonecas.

— Quando tiver a minha idade, Owen, a última coisa que vai pensar é que meninas são bobas ou nojentas, vai passar a desejar beijar cada uma das moças que passarem por você.

— O senhor beija muitas moças?

Walden olha para o sobrinho de quatorze anos e ri.

— Tive a minha cota. — Walden tenta evitar pensar na jovem que beijara no dia anterior, acreditara que, mesmo com o vestido fino, era uma simples jovem da vila, mas estava enganado, ela era uma dama, mas não uma dama qualquer, era a cunhada do duque de Wentworth. E agora será obrigado a acompanhar o irmão e o sobrinho até as terras do duque para comprar um cavalo correndo o risco de encontrar novamente a dama que não sai dos seus pensamentos.



— Henry — Simon se adianta e cumprimenta o amigo de velha data que desce de seu cavalo.

— Como vai, Simon? Não sabia que estava aqui.

— Cheguei hoje pela manhã, minha irmã teve um problema vindo para cá então não poderia deixar de vir.

— Espero que Dayse esteja bem.

— Ah, sim ela está, mas não foi ela. Charlotte, minha cunhada, quando vinha para cá teve a carruagem roubada.

— Ela está bem?

— Por incrível que pareça sim, minha esposa achava que estaria nervosa ou traumatizada, mas Charlotte é uma moça forte, não se assusta fácil. Walden, é você?

— Eu mesmo, Vossa Graça. — Walden aperta a mão de Simon.

— Deixou o seu navio finalmente?

— Henry decidiu que precisava da minha presença, o que não entendi, já que não está prestes a ter seu filho de número trinta.

— Cale-se, Walden! — Henry briga com o irmão, sem surtir qualquer efeito, já que está com um sorriso no rosto.

— Não tenho culpa se você e minha cunhada são tão férteis.

— Pelo menos tenho filhos, o que você já não pode dizer.

— Não pretendo ter filhos por agora, muito menos me casar. —

Walden levanta as mãos.

— O que está fazendo aqui? — Walden escuta alguém perguntar de forma ríspida atrás dele e ele sorri ao se virar.

— Como vai, lady Charlotte?

— Já se conhecem? — Simon estranha.

— Por sorte, eu estava na estalagem quando tudo aconteceu, trouxe a senhorita em segurança até em casa.

— Oras, muito obrigado. — Simon dá um tapa no ombro de Walden.

— Fico feliz que ela encontrou alguém decente para ajudá-la.

— Não poderia deixá-la largada na estrada à própria sorte. — Walden sorri para Charlotte, que o fulmina com o olhar.

— Papai, o meu cavalo — Owen diz chamando a atenção de todos.

— É claro — Henry diz desviando o olhar de seu irmão. — Prometi um cavalo para Owen, e não poderia ir a outro lugar se não aqui.

— Obrigado por virem, vamos até os estábulos — Simon diz.

— Eu vou junto — James se adianta até ficar ao lado do cunhado.

O grupo começa a se afastar, mas Walden permanece no mesmo lugar olhando para Charlotte.

— Deseja alguma coisa, milorde?

— Talvez que a senhorita me agradeça.

— Já agradei, o que mais deseja? — ela diz rispidamente.

— Charlotte! — Eleanor chama a atenção da irmã. — Isso são modos?

— Como vai, Vossa Graça, sou Walden Osborne, visconde de Culbert.

— É um prazer — Eleanor o cumprimenta e coloca o filho, que estava impaciente, no chão. — Vocês se conhecem?

— Eu trouxe lady Charlotte em segurança para a casa ontem.

— Ah, muito obrigada, milorde. — Eleanor pega as mãos dele. — Como poderia agradecer?

— Eu já agradei — Charlotte reclama.

— Talvez queira vir jantar essa noite? — Eleanor pergunta ignorando a irmã.

— Será uma honra — Walden diz olhando para Charlotte. — Se me dão licença, prometi ao meu sobrinho que o ajudaria a escolher um cavalo.

— Posso saber por que estava tratando tão rispidamente um homem que a ajudou? — Eleanor pergunta com a mão na cintura.

— Ele é irritante.

— E bonito — Eleanor diz olhando por sobre o ombro. — Tem um sorriso lindo.

— Você é casada, minha irmã.

— E muito bem casada, mas você não.

— Como se um homem que transpira libertinagem fosse querer alguém como eu.

— Não fale assim, Charlotte, você sabe o quanto me magoa ouvir você se autodepreciando.

— É apenas a verdade.

Charlotte volta para a casa irritada, não esperava encontrar Walden enquanto passeava no jardim. Pensara nele desde que se afastaram, era claro que não poderia deixar de pensar no sorriso, nos olhos brilhantes e principalmente no beijo, seu primeiro beijo. Mas ele a tratara como se fosse uma mulher qualquer e não uma dama e por isso não poderia perdoá-lo.



Walden sabia que estava provocando a ira de Charlotte, o olhar dela era tão claro quanto a luz, ela o odiava e isso o incentivava a atormentá-la ainda mais.

Enquanto Owen e Henry olham os cavalos, Walden se senta em um banco na frente dos estábulos, ele deveria ajudar o sobrinho, mas sabia que primeiro iria querer ouvir as qualidades de cada um antes de tomar uma decisão.

— Por que minha irmã não gosta de você? — Walden olha por sobre o ombro e encara o menino pequeno que o observava.

— Não acreditei quando ela me disse que era cunhada do duque. Achei que seria alguém querendo tirar proveito.

— Normal. — James dá de ombros e senta ao lado dele. — Eu sou James, conde de Greenwood.

— Não é muito pequeno para ser um conde?

— Sou o único herdeiro do meu pai. O Simon tem me ajudado a cuidar de tudo. Assim que eu completar dezoito anos assumirei oficialmente.

— E está ansioso para isso?

— Eleanor disse para que eu não apresse as coisas, porque vai chegar um dia que vou desejar ser apenas um menino e não vou poder ser mais.

— Ela tem razão. Algumas vezes queria não ter nenhuma responsabilidade. James, por que sua irmã veio sozinha?

— Ela não queria mais frequentar os salões de baile. Ninguém a tirava para dançar, ouvi quando ela reclamou para Eleanor que os homens a achavam feia e gorda. Como alguém pode achar minha irmã feia?

— Não sei. — Walden suspira. — Ela é muito bonita, chata, mas muito bonita.

— Eu sei. — James levanta os braços. — Minhas irmãs são muito chatas e protetoras, mas não as trocaria por nada.

— Normal serem protetoras, você é muito pequeno ainda.

— Não, elas são assim porque eu quase morri. Os médicos disseram que ainda precisam manter um olho em mim, por causa do veneno que pode estar no meu corpo ainda.

— Veneno? — Walden pergunta sem acreditar olhando para o garoto.

— Nosso tio tentou me matar, se eu morresse ele assumia o título e toda a nossa fortuna. Então ele me envenenava todos os dias. O Simon salvou nossas vidas. Foi ele que dizia todos os dias que Charlotte era gorda, eu queria proteger minhas irmãs, mas estava muito fraco. Ainda sou fraco, não posso correr como os outros meninos porque canso muito fácil. Mas vou crescer e ficar muito forte e então ninguém vai mexer com as minhas irmãs. Enquanto isso, o Simon é quem protege elas.

— Tenho certeza de que vai ficar um rapaz forte e vai poder bater em qualquer um que tente magoar suas irmãs.

— Só espero que não leve tudo isso para Charlotte encontrar um marido. Ela é boazinha comigo, e não gosto quando as pessoas a chamam de solteirona.

— E as pessoas a chamam disso?

— Sim, eu ouvi a Eleanor falar para o Simon, estão dizendo que Charlotte não vai se casar.

— Tenho certeza de que um dia a sua irmã vai encontrar alguém decente para se casar.

James olha para Walden por um tempo e sorri.

— Abre a boca.

— Abrir a boca? Por quê?

— Quero ver se tem todos os dentes.

Walden estranha o pedido do menino e sem querer começa a pensar se o garoto não teve o juízo afetado pelo veneno. Uma vez que ele o olha com expectativa, ele atende ao pedido.

— Isso, todos os dentes.

— O quê? — Walden ri com a empolgação dele.

— Eu prometi para a Charlotte que arrumaria um noivo para ela com todos os dentes. E você tem todos, então pode se casar com ela se quiser.

— Acho que é preciso mais do que apenas ter todos os dentes.

— Você a salvou também. — James dá de ombros. — O que precisa mais? Beijar?

— Talvez um pouco mais do que isso — Walden diz deixando de fora o fato de que já beijara Charlotte. — Acho que precisamos ter alguma coisa em comum.

— Então vamos descobrir. Minha irmã é a segunda melhor irmã do mundo, depois da Eleanor. Eu quero que as duas sejam felizes, e parem de se preocupar comigo.

— Acredito que nunca deixarão de se preocupar.

— Eu sei. — James suspira. — Você vai pensar no assunto?

— Você realmente quer que eu me case com a sua irmã, ou qualquer um serviria?

— Não qualquer um, precisa ter todos os dentes.

— Então, qualquer um que tenha todos os dentes serve?

— Bom, se você tivesse um barco seria ainda melhor.

— Barco? — Walden pergunta levantando uma sobrancelha.

— A Charlotte lê um monte de livros, a maioria sobre capitão de navio. Uma vez ela disse que se casaria até com um pirata.

— Então ela gosta de capitão de um navio?

— Sim.

Walden sorri para James se levantando em seguida quando seu irmão e sobrinho saem do estábulo com um cavalo. Enquanto a conversa sobre a compra continua, sua mente vaga rapidamente para a jovem que estivera em seus braços por pouco tempo. Ela fantasiava com um pirata? Talvez isso pudesse contar alguns pontos a seu favor.



Charlotte estava mais do que contrariada, se dependesse dela ficaria em seu quarto a noite toda e não desceria para jantar, mas Eleanor a atormentara a noite toda e Simon contribuía com as argumentações. Então, colocara o melhor vestido que sua irmã trouxera e desceu para jantar.

Ao entrar na sala de visitas, ela para em frente à porta e observa a cena à sua frente, Walden estava sentado ao lado de James conversando sobre alguma coisa, seu irmão estava sorrindo e por muito pouco ela repensaria seu conceito sobre o visconde abusado.

— Finalmente, achei que teria que enviar Simon para buscá-la — Eleanor diz atraindo a atenção de todos na sala para Charlotte.

— Como vai, milorde? — Charlotte pergunta fazendo uma pequena reverência contrariada.

— Muito bem, a senhorita está muito bonita. — Walden dá um beijo em sua mão e Charlotte revira os olhos pela escolha das palavras.

— Vamos jantar? — Simon pergunta tomando a mão de Eleanor, que dá risada com a mudança de assunto.

— O senhor mora em Londres? — Eleanor pergunta durante o jantar.

Charlotte estava ainda mais irritada com a irmã, que propositalmente a colocou sentada ao lado de Walden.

— Tenho uma casa em Londres, mas não moro lá durante a maior parte do ano. Devido aos meus negócios me alterno entre as Américas e Londres.

— E com o que você trabalha? — James pergunta.

Mais cedo, o garoto dissera com grande orgulho que Simon fazia questão que ele ficasse à mesa, já que era um conde e ficar na ala das crianças o irritava.

— Sou dono da Transportes Osborne & Hawley.

— A companhia de navios que faz importação? — Simon pergunta curioso.

— Exato, hoje contamos com uma frota de oito navios, contamos com um rodízio para garantir que teremos navios chegando em semanas alternadas. Nossa meta é até o final do ano comprar mais dois.

— Você tem um navio?! — James grita animado fazendo Walden se lembrar da conversa anterior.

— Na verdade, são oito. — Walden pisca para James.

Walden pôde sentir o olhar de Charlotte sobre ele, sabia que ganhara a atenção dela ao mencionar os navios, passara o resto do dia tentando a provocá-la e sua irmã dera a oportunidade perfeita. De início queria apenas tirá-la do sério, arrancar uma reação ao dizer que ele possuía o objeto de desejos dela. Mas quando a viu parada na porta da sala, com um vestido leve rosado, os cabelos soltos em cachos, fora ele que ficou irritado.

Irritado porque seu corpo estava reagindo a ela, ele estava determinado a apenas provocá-la, sem sentir nada, já que estava decidido a não arrumar uma mulher. Mas ao vê-la, por algum motivo passara a

imaginar como seria tê-la por perto todos os dias, provavelmente discutiriam bastante, mas nem mesmo isso parecia irritá-lo.

— E o que o senhor exporta?

— Comida, couro, madeira, ferro, essas coisas. Muitas vezes meus clientes pedem alguma coisa específica e trazemos.

— Então tem uma residência na América? — Simon pergunta.

— Sim, foi mais fácil do que ficar sempre em um hotel. Chega uma hora que você deseja ter seu próprio canto.

— Deve ter uma mulher também imagino.

— Charlotte! — Eleanor chama a atenção sem acreditar no que a irmã disse.

Walden tenta segurar uma risada, Charlotte não poderia estar mais coberta de razão. Ele possuía uma amante na América e outra em Londres, possuía uma até mesmo na Índia. Era um homem jovem e cheio de desejos.

— Não é segredo que todo capitão de navio possui uma amante em cada porto.

— Onde a senhorita ouviu isso? — Walden pergunta curioso.

— Eu leio bastante, milorde.

— Os livros nem sempre retratam com tanta exatidão o que vivemos no mar. O medo constante de ter algum navio pirata roubando sua mercadoria ou até mesmo seu navio, adoecer em alto-mar, tempestades, nem sempre é tão romântico, Lady Barlett.

— Já foi atacado alguma vez?

— Três vezes na verdade, em duas delas estávamos com o navio praticamente vazio, saímos de Londres com pouca mercadoria. Tenho algumas cicatrizes dessas lutas.

— Não consigo imaginar como deve ser estar em alto-mar e enfrentar perigos como esse. — Eleanor balança a cabeça.

— Eu queria uma aventura como essa. — James sorri. — Imagina lutar contra piratas.

— Eu prefiro que você lute contra os fantasmas dos antepassados do Simon no salão dos retratos do que em alto-mar.

— Um dia serei grande e vou atrás das minhas aventuras — James reclama para a irmã mais velha.

— Falando em aventuras, James, amanhã vou pescar com meus sobrinhos, quer ir junto?

— Pescar é uma aventura? — Charlotte ri.

— Quando se tem cinco sobrinhos, sendo a mais nova com cinco anos, sempre é uma aventura. Ela acredita ter visto uma sereia no lago; um de seus irmãos, para provocá-la, disse que era na verdade uma cobra. Lily decidiu então que, já que ele a contrariava, deveria entrar no lago e descobrir por conta própria, ela de alguma forma conseguiu reunir forças para empurrar o irmão quatro anos mais velho que ela no lago.

— Posso ir, Eleanor? — James pergunta e ela olha para Charlotte, que suspira.

— Eu vou com ele.

— Não preciso de babá.

— Eu sei que não precisa, mas prefiro que Charlotte esteja junto, caso você precise.

— Deixamos sua irmã com Lily procurando por sereias, James, enquanto pescamos alguns peixes.

— Isso, meninas fazendo coisas de meninas, falando de laços e vestidos, enquanto os homens pescam — James concorda.

— Acho que nosso irmão precisa de um bom puxão de orelha, Eleanor.

— Estamos sendo muito gentis com ele — Eleanor concorda e James olha para elas sem demonstrar remorso.

Walden sorri com a troca de farpas, mas com muito carinho. Podia perceber o quanto James era amado por sua família, sabia que um dos motivos era o fato dele ter quase morrido, mas por algum motivo sabia que mesmo se não fosse por causa do envenenamento, ainda assim James seria muito amado. Charlotte era calorosa, gentil com o irmão e os outros da família. Coisa que com ele parecia ser completamente o contrário.



Charlotte não sabia onde estava com a cabeça quando aceitou ir pescar com Walden e as crianças. Ele aparecera mais cedo com uma carroça onde seus sobrinhos estavam atrás com as varas de pesca e alguns baldes, James rapidamente subiu com as outras crianças deixando assim que ela se sentasse na frente com Walden.

Para a sua sorte, durante o caminho, não foi necessário falar nada, pois as crianças conversavam e riam chamando o Walden para a conversa. Ao chegarem à beira do lago, ele a ajuda a descer e entrega uma manta para que ela estenda na grama e possa se sentar.

— Oi. — A sobrinha de Walden se aproxima a olhando atentamente.

— Oi, você é a Lily?

— Sou, o tio Walden disse que é para eu te ajudar.

Com a ajuda da pequena, ela estende a manta e as duas se sentam. A menina parece uma boneca toda arrumada com laços nos cabelos escuros e grandes olhos castanhos.

— A nossa cozinheira preparou alguns lanches para mais tarde — Walden avisa colocando a cesta ao lado de Charlotte. — Vou com os meninos até a margem preparar as varas.

— E a minha? — Charlotte pergunta se levantando. — Vou pescar também.

— Meninas não pescam — um dos meninos diz e Charlotte olha para Walden esperando que ele concorde ou discorde do sobrinho.

— Meninas têm nojo de minhocas — outro menino diz dando risada. Charlotte toma as duas varas que estavam nas mãos de Walden.

— Acho que vamos ter que provar o contrário. — Estendendo a mão para Lily, Charlotte procura um lugar onde possam pescar.

— Eu nunca pesquei — Lily diz olhando atentamente enquanto Charlotte apoia as varas no chão.

— Então vou te ajudar, meu pai me ensinou a pescar quando eu era menor, era o meu passatempo favorito e da minha irmã.

— Acho que vão precisar disso. — Walden coloca uma vasilha com minhocas ao lado das varas. — Tem certeza de que quer fazer isso?

— O que eu ganho se pescar um peixe? — Charlotte o desafia colocando as mãos na cintura.

— Um só? — Walden pergunta com os olhos brilhando tentando não rir.

— Posso pescar muito mais do que isso.

— Está bem, então faremos uma aposta? — Ele olha para a sobrinha, que se aproxima de Charlotte. — Então se vocês duas pescarem dez peixes, compro um chapéu novo para cada uma. Mas se não conseguirem...

— Se não conseguirmos? — Charlotte pergunta quando ele para de falar.

— Terá que dar um passeio comigo, apenas nós dois.

— Espero que tenha muita paciência, lorde Osborne, porque demoro muito para escolher chapéu.

Charlotte dá as costas para ele e Walden volta para os meninos dando risada.

— Vamos conseguir, Lady Barlett?

— Claro que vamos, e pode me chamar de Charlotte. Agora vamos à parte mais chata, colocar a minhoca no anzol.

Uma vez que as duas varas estão prontas, Charlotte senta Lily em uma pedra e finca a ponta da vara da menina no chão, facilitando assim que ela possa segurá-la; depois de garantir que a sua também está em posição, ela se senta também.

— E agora? — Lily pergunta.

— Agora ficamos quietinhas, os peixes não gostam de barulho e se afastam.

— Os meninos estão gritando — Lily cochicha para Charlotte, que ri.

Mais afastados delas, Walden está com sérios problemas, cinco meninos agitados estão disputando as varas e provocando um ao outro com as minhocas.

— Isso facilita a nossa aposta. — Lily balança a cabeça, concordando.

Charlotte sabia que era arriscado apostar com Walden, poderia ter grande azar naquele dia e não pescar nada, mas precisava confiar nas aulas que seu pai lhe dera. Alguns minutos em silêncio parecem fazer valer a pena, pois a vara de Lily se agita.

— Peguei um peixe, tia Charlotte?

— Pegou! — Charlotte grita animada e ajuda a menina a puxar o peixe para fora do lago. — Ei, lorde Osborne! — Charlotte grita e mostra o peixe pendurado no anzol. — Já pegamos o primeiro.

Walden olha para o peixe que se agita sem acreditar, os meninos ainda discutem a sua volta, ele não conseguira nem ao menos preparar a própria vara e Charlotte já está com um peixe.

— Isso foi sorte! — ele grita de volta tentando mostrar indiferença.

— Acho que vou ganhar a aposta.

Charlotte libera o peixe jogando em um balde e volta a colocar uma minhoca para Lily, que agora, animada, dá pulinhos de alegria por pescar o seu primeiro peixe.

— Eu nunca pesquei, tia Charlotte, os meninos sempre falam que isso não é para meninas, mas eu peguei um peixe, não peguei?

— Pegou sim, querida, e agora temos mais nove para pegar.

Depois de praticamente gritar com os meninos para que sosseguem, Walden finalmente consegue se sentar com a sua vara e tentar pegar alguma coisa, seu olhar toda hora vaga até Charlotte que sorri e fala baixinho com Charlotte, ela parece ter o dom com crianças, sua sobrinha está praticamente enfeitiçada por ela. Por algum motivo, ele anseia que a sorte delas simplesmente suma e não peguem os peixes, assim poderá passar algum tempo a sós com ela. Não consegue esquecer aquele beijo e anseia por poder beijá-la novamente.

Tentando parar de pensar na linda morena com sorriso brilhante, Walden se concentra no lago, ele amava a água, sempre gostou de velejar, um dos motivos pelos quais ele abriu uma transportadora marítima. Estar no mar o acalmava.

— Ei, tio Walden, acho que elas desistiram — Owen diz uma meia hora mais tarde apontando para as duas, que estão sentadas na manta comendo alguns lanches.

Abrindo um sorriso, Walden entrega a sua vara para o sobrinho e vai até Charlotte.

— Desistiu?

— Quem desistiu? — Charlotte pergunta. — Estávamos com fome.

— Podemos pegar flores depois, tia Charlotte?

— Claro que podemos, Lily, temos bastante tempo.

— Não vão mais pegar os dez peixes da aposta? Vão ficar sem chapéus.

— Quem disse? — Charlotte abre um sorriso, que ele tem certeza de ser sarcástico, e olha para o balde ao seu lado. Desconfiado, Walden pega o balde e conta os peixes sem acreditar. — Até pensei em parar no dez, mas estávamos com sorte, então pegamos mais cinco antes de parar.

— Quando vamos comprar o nosso chapéu, tio Walden? — Lily pergunta e ele suspira.

— Amanhã.

Walden se vira contrariado, tentando abafar as risadas de Charlotte, e volta para perto dos meninos, o balde deles tinham apenas três peixes.

— Elas não conseguiram, tio Walden?

— Pelo contrário, Owen, elas pescaram quinze peixes.

Os meninos olham para ele estampando sua cara de descrença. Ele não sabe que magia Charlotte fez para conseguir aquele feito tão rápido. Só sabe que agora deve dois chapéus, e não terá o seu momento a sós com a moça que não sai dos seus pensamentos.



— Vocês apostaram que conseguiria pescar? — Eleanor pergunta sem acreditar se sentando na poltrona do quarto de Charlotte enquanto essa se arruma para ir até a vila escolher seu chapéu.

— Ele e os meninos continuaram falando que pescar não era coisa de menina, que eu tinha medo de minhocas, não aguentei e acabei apostando. Agora ele me deve um chapéu.

— Acho que isso vai ensiná-lo a nunca mais apostar alguma coisa contra você. — Eleanor ri. — E como ele é?

— Quem?

— Como quem, Charlotte? Lorde Osborne.

— Ele até que tem paciência com os sobrinhos, ou pelo menos se controla muito bem, ontem os garotos testaram a paciência dele. Eleanor, o James mudou completamente, ele estava feliz perto dos garotos.

— Ele só precisa de amigos, o Simon vem me dizendo isso. — Eleanor suspira. — Talvez esteja na hora de enviá-lo para a escola, eu insisto em mantê-lo por perto estudando em casa, mas talvez Simon tenha razão.

— Podemos pensar nisso depois? Ele é tão pequeno ainda.

— Ele tem doze anos. Muitos garotos vão para a escola muito antes disso. Mas eu sei o que quer dizer, é difícil se separar dele.

— Mudando de assunto, quando o noivo de Dayse chega?

— Ele enviou uma carta para ela, deve chegar entre hoje ou amanhã, a mãe dele precisou de mais uns dias para se arrumar. Katherina deve chegar hoje com Pippa, a menina disse que não poderia perder uma oportunidade de ir a um baile, já que será algo menor e Cornélia permitiu que ela viesse.

— Lembro-me de quando eu desejava entrar em um salão de baile, agora a última coisa que quero é colocar os meus pés em um.

— Você precisa perder esse medo, minha irmã. — Eleanor se levanta e coloca as mãos no ombro de Charlotte, que se olha no espelho. — Você é linda, e se algum nobre pomposo não viu isso ainda, é porque o seu par ideal não chegou ainda.

— Talvez. — Charlotte suspira, uma batida na porta chama a sua atenção e ela libera a entrada.

— Lorde Osborne chegou — uma criada avisa.

— Escolha o chapéu mais bonito da loja — Eleanor diz a abraçando.
— Divirta-se, minha irmã.

— Eu vou.

Ao sair de casa, Charlotte se surpreende com a carruagem aberta, Lily balança a mão animada.

— Dispensei o cocheiro — Walden diz estendendo a mão para ela.
— Como está essa tarde?

— Muito bem, obrigada. — Charlotte sobe com a ajuda de Walden e abraça Lily.

— A mamãe disse que devia escolher um chapéu lindo para mostrar para o tio Walden que não se deve apostar com mulheres — ela diz rápido

e Charlotte ri.

— Acho que ele vai aprender a lição, não é mesmo?

— Sim.

— Percebo que as duas senhoritas estão conspirando contra mim —
Walden diz dando um toque com as rédeas para os cavalos andarem. —
Talvez não seja o ideal que continuem andando juntas.

— Oras, lorde Osborne, tem medo de duas jovens moças?

— Tenho medo do que a mente feminina pode tramar, ainda mais em
dupla. — Ele sorri para Charlotte.

Durante a curta viagem até a vila, Walden tentava a todo custo não
olhar demais para Charlotte, no momento em que a viu descer as escadas
até ele seu desejo por ela cresceu ainda mais, o vestido leve azul-claro
evidenciava os grandes olhos castanhos dela, o tecido delicado abraçava as
curvas dela o tentando a tocá-la. Para sua sorte, Lily estava junto com eles,
ou pararia a carruagem em algum lugar e beijaria Charlotte novamente.

Ao chegarem à vila, Walden deixa a carruagem com um cavaleiro e
acompanha Charlotte e Lily até a loja de chapéus.

— Não vou conseguir escolher um chapéu, tia Charlotte.

— Não se preocupe, eu vou ajudá-la.

Pedindo ao dono da loja uma cadeira, Walden se senta e observa as
duas que passam pelas prateleiras olhando cada chapéu e experimentando.
De sua posição, ele pode olhar Charlotte sem que ela perceba. Pôde
acompanhar com os olhos o balanço do quadril dela enquanto anda, os
gestos delicados, o sorriso que se abre a cada pergunta de Lily. Ela tem
jeito com crianças, o que só demonstra o quanto será uma boa mãe.

— Tio Walden, gostou desse? — Lily corre até ele com um pequeno
chapéu de palha com algumas flores rosas, uma fita marfim amarrada
embaixo do queixo, atrás dela Charlotte está com um chapéu igual.

— Ficou lindo, vocês duas estão muito bonitas.

— Ele gostou, tia Charlotte, vamos levar esse?

— Vamos.

Walden se levanta e vai até o senhor pagar pelos chapéus, atrás dele Charlotte e Lily conversam sobre os pãezinhos doces que viram na loja ao lado.

— Você disse que demorava a escolher chapéu — Walden diz abrindo a porta para ela.

— E demoro, mas esse me conquistou. — Ela dá de ombros.

— Vamos comer pãozinho? — Lily aponta para a vitrine e Walden concorda.

— Você consegue negar alguma coisa para ela?

— Você percebeu, não é? — Ele ri. — Lily é a princesa da casa, sempre que volto das Américas, ou de qualquer outro lugar, trago alguma coisa para ela; com cinco anos, ela já tem uma coleção de itens estrangeiros de dar inveja. Pode ter certeza de que, quando nos visitar, ela vai levá-la até o seu quarto e mostrar tudo.

— Não posso falar nada, Eleanor e eu fazemos o mesmo por James.

Os três entram na padaria e, após escolher o que querem, sentam-se para comer.

— Ele tem sorte por tê-las como irmãs. Só acho que ele deveria se soltar mais.

— Se soltar mais?

— Charlotte, ele é um menino de doze anos, nessa idade eles gostam de correr, andar a cavalo, deixar as preceptoras loucas...

— Ele quase morreu, lorde Osborne — Charlotte o interrompe. — Por meses, após acordar do sono profundo em que estava, ele mal conseguia andar, o amparávamos para tudo, só agora ele tem engordado

um pouco mais. Quase todos os dias, o médico estava na nossa casa o examinando.

— Mesmo assim ele não deixou de ser um menino de doze anos, aposto que deve ficar doido para correr. Ontem ele se soltou com os meus sobrinhos e a senhorita viu isso, não pode negar.

— Não vou negar, mas devemos tomar cuidado, o médico disse que James talvez nunca se recupere completamente, e a última coisa que eu ou a Eleanor desejamos é enterrar nosso irmão.

— E isso não vai acontecer. — Walden pega a mão dela e dá um aperto firme. — Ele vai viver por muito tempo, e ainda vai deixá-las loucas.

— Como eu queria que fosse uma promessa que o senhor pudesse cumprir.

Walden fica em silêncio olhando para Charlotte, ele sabia o quanto ela amava o irmão, e se pudesse garantir que ele viveria para sempre, ele faria isso, apenas para garantir que ela sorrisse sempre.



Ao voltar do passeio na vila, Charlotte encontra Eleanor na sala de visitas conversando com Kathy, Pippa e Dayse.

— Como foi o passeio? — Eleanor pergunta, depois que Charlotte cumprimenta a todas.

— Lily é um amor, escolhemos chapéus iguais, depois comemos alguns pãezinhos doces.

— Eleanor estava contando sobre o lorde Osborne, como ele a ajudou depois que roubaram sua carruagem — Kathy diz.

— Ele foi um cavalheiro. — Charlotte dá de ombros.

— Sabe o que eu estava pensando? De todas, apenas Dayse encontrou seu noivo em um salão de baile, quem sabe lorde Osborne não seja o seu futuro marido? — Kathy sugere e Charlotte dá uma risada sem graça.

— Acho pouco provável, homens como ele não se interessam por moças como eu.

— Como você? — Eleanor solta um suspiro. — Você é linda, Charlotte, deveria parar de se depreciar.

— E se alguém amaldiçoada conseguiu se casar, por que você não se casaria? — Kathy pergunta. — Hester também encontrou um bom rapaz e está muito feliz, tenho certeza de que você também terá essa sorte.

— Pippa! — James entra na sala animado. — Você veio.

— Oi, James. — Pippa se levanta.

— Eu vou até os estábulos, nasceu um potrinho novo, quer ir comigo?

— Posso, Kathy?

— Claro que sim, querida.

Os dois saem apressados da sala e Charlotte não consegue deixar de pensar nas palavras de Walden sobre James.

— Cornélia está se preparando para o ano que vem, Coltrane acha que é muito cedo para apresentar a Pippa, mas ela não aguenta mais esperar para participar dos bailes. Ele até mesmo aproveitou que agora temos o Lucca e o Aiden na família para tentar adiar essa estreia da Pippa por mais uns dois ou três anos.

— Ela aceitou?

— Não, foi uma verdadeira briga, no final os três tiveram que aceitar que ela vai debutar ano que vem. Só espero que ela tenha tanta sorte quanto nós tivemos — Kathy diz para Eleanor.

— Tenho certeza de que encontrará alguém que a fará feliz, tanto porque ela tem a nós para ajudar. Conseguimos um noivo maravilhoso para Dayse.

— E vamos conseguir um para Charlotte, ou talvez ela já tenha o encontrado.

— Lorde Osborne não é o noivo ideal! — Charlotte reclama. — Ele tem cara de libertino.

— Esses são os melhores. — Kathy dá de ombros. — Aiden também era, e é um ótimo marido e pai, não o trocaria por nada.

— Lorde Osborne tem oito navios — Dayse diz para Kathy, que ri. Não era segredo entre elas que Charlotte adorava navios e histórias que se passavam em alto-mar.

— Então ele não poderia ser melhor.

— Talvez deveriam se perguntar se ele quer uma moça completamente fora dos padrões.

— Ser uma moça fora dos padrões é o que há de melhor em você, Charlotte. — Kathy toma a mão dela e dá um aperto. — Essas moças afetadas, com ossos á mostra, que andam feito pavões pelos salões, podem parecer bonitas, mas é apenas a imagem exterior, muitas delas são cruéis e fúteis por dentro. Não conheço Lorde Osborne, mas poderia apostar que a última coisa que ele gostaria é de se casar com uma menina fútil, ainda mais com a profissão que ele tem.

— Não há como saber. — Charlotte se levanta e vai para o seu quarto.

— Quando ela está por perto, os olhos dele são todos dela. Lorde Osborne não consegue desviar o olhar — Eleanor confessa para Kathy. — Pode ser apenas desejo, mas ele sente alguma coisa.

— Isso significa que temos uma missão? — Kathy pergunta e Eleanor sorri. — Ótimo, então qual é o plano?

le

— Então, como é essa tia Charlotte? — Henry pergunta servindo uma bebida para Walden após ele voltar da vila.

— Por que a pergunta?

— Lily não para de falar sobre ela.

— Ela é muito atenciosa com Lily, por isso está tão encantada.

— E ela é bonita?

— Qual o seu interesse, Henry?

— Você precisa se casar, Walden, chega de atravessar o mar diversas vezes sem ter alguém esperando por você. Está na hora de ter uma família, não quer filhos? Alguém para herdar a empresa que você construiu?

— Sabia que tinha a intenção de me casar quando me chamou para passar alguns dias com você.

— Sou seu irmão mais velho, é minha obrigação colocar juízo na sua cabeça. E segundo meus filhos, você está bastante interessado nessa moça.

— Ela é perfeita, é isso que quer ouvir? Tem curvas nos lugares certos para mim, um sorriso que me enfeitiça, adora barcos.

— E o que vai fazer a respeito?

— Como assim?

— Vai cortejar a moça ou não? Se ela é tão perfeita assim para você, não vai fazer alguma coisa a respeito?

— Eu sei cuidar da minha vida, Henry.

— Espero que saiba mesmo, você não está ficando mais novo, Walden, e eu vejo nos seus olhos o quanto deseja ter algo seu, da mesma forma que eu tenho. No seu lugar, eu não deixaria essa moça escapar.

Henry se levanta e dá um tapa no ombro de Walden, após pensar por um tempo ele se levanta e procura a cunhada que estava na sala da família bordando.

— Angela, tenho um pedido a fazer.

— Você me pedindo alguma coisa? — Ela deixa o bordado de lado e lhe dá toda a atenção. — O que deseja, Walden?

— Que você envie uma carta para Wentworth, convidando o jovem conde para vir amanhã brincar com os meninos.

— E por que eu faria isso?

— Porque vai pedir para que a irmã dele, lady Charlotte, também venha, já que Lily gosta tanto dela.

— E é a minha filha que quer vê-la ou você?

— Vou deixar que fique com essa dúvida. — Walden vai para a porta e para quando escuta a cunhada chamar seu nome.

— Se essa moça conquistou o coração da minha filha, então ela é alguém especial, vou enviar uma carta agora mesmo. Só espero que aja direito com ela.

— Não se preocupe, minha cunhada, minhas intenções são as melhores.

— É claro. — Angela ri e chama uma criada para escrever a carta.

Walden vai para o seu quarto assobiando, no dia seguinte Charlotte estaria ali, e ele poderia quem sabe finalmente conseguir um passeio apenas os dois.



Charlotte e James chegam logo após o almoço, Walden estava ansioso para a chegada dela, pois não via a hora de finalmente conseguir roubá-la para si, ele só não contava com o fato de que Lily passaria na frente dele e as duas fossem até o quarto da menina ver as bonecas que ele trouxera de várias partes do mundo. Enquanto isso, ele fora obrigado a ir para a sala de visitas onde os cinco meninos estavam discutindo sobre o que iriam brincar.

— Eu acho que tenho uma ideia — Walden diz olhando para o grupo ansioso na frente dele e abre um sorriso.



— Lily tem razão, você precisa ver o nosso jardim, venho trabalhando há anos nele, Walden tem me ajudado trazendo algumas sementes de lugares diferentes — lady Angela diz para Charlotte enquanto elas descem as escadas.

— Tenho certeza de que deve ser espetacular.

— Homem ao mar! — Elas escutam um grito vindo da sala seguido por alguns baques.

— O que está acontecendo? — Angela pergunta para ninguém em específico e corre para a sala, ao abrir a sala as três param diante da cena sem acreditar.

Dois sofás estavam virados, atrás deles os meninos e Walden tinham se dividido em dois grupos, eles arremessavam almofadas de um lado para o outro. Charlotte olha para Walden e tenta evitar de correr seus olhos pelo seu corpo, com a gravata amarrada na testa simulando uma faixa, a camisa com alguns botões abertos e fora da calça, as mangas dobradas. Os meninos que estavam com ele tinham as camisas para fora das calças e olhavam ameaçadoramente para o outro grupo.

— O que está acontecendo aqui? — Angela pergunta calmamente e todos param na hora o ataque de almofadas.

— Estamos sendo atacados por piratas, mamãe — o menor dos meninos diz com um sorriso.

Charlotte olha para o grupo de Walden e entende que os piratas só poderiam ser eles.

— E por que não estão brincando de piratas lá fora? Olha o estado da minha sala.

— Certo, meninos, vamos arrumar a bagunça e todos para fora — Walden se levanta e vira o sofá para o lugar certo. Enquanto os meninos se ocupam com a arrumação, ele vai até Charlotte. — Gostou das bonecas?

— São lindas, tem muito bom gosto, milorde.

— Que bom que pense assim. — Ele olha por sobre o ombro para os meninos. — Enquanto eles estão cuidando de tudo, por que não damos uma volta no jardim?

— E livrá-lo da arrumação? — Charlotte pergunta levantando uma sobrancelha e ele sorri.

— Eles conseguem cuidar de tudo. — Walden estica o braço para ela e Charlotte coloca a sua mão depois de pensar por alguns segundos.

O jardim realmente era maravilhoso. Enquanto eles passeavam pelos canteiros, Walden nomeava as flores indicando em seguida de onde elas vieram. O contraste de cores era simplesmente perfeito, a cunhada dele não decidira seguir um padrão, então todas as flores estavam misturadas, criando assim uma confusão encantadora de cores.

— James estava se divertindo — Walden diz depois de caminharem algum tempo em silêncio.

— Ele gostou dos seus sobrinhos, fico feliz que tenham se entendido.

— Acho que as nossas famílias nasceram para ficar unidas.

— Unidas? — Charlotte ri. — Talvez James se casando com Lily?

— Melhor do que isso. — Walden para de andar e gira Charlotte para ele. — Você e eu.

— Não existe um eu e você, milorde.

— Não? Bom, acho que posso resolver isso.

Walden abaixa a cabeça e roça seus lábios nos dela, no primeiro contato ela dá um pulo, mas ao aprofundar o beijo ela acaba cedendo e relaxando em seus braços. O corpo de Charlotte se molda ao dele, as suas mãos descem pelas curvas do seu corpo até pararem no seu quadril, ele a puxa para mais perto segurando a sua nuca.

— Lorde Osborne...

— Walden, me chame de Walden doçura.

— Eu não sou sua doçura. — Ela tenta se soltar, mas ele mantém o aperto sobre ela.

— Charlotte, eu...

— Não tente me enganar lorde Osborne, sei que um homem como o senhor não se interessaria por uma moça como eu.

— Não? Charlotte, sou um homem crescido, respondo pelos meus atos, se eu a beijei foi porque eu quis. Porque a desejo.

— Deseja? Ou só quer mais um passatempo? Mais uma esperando por você no porto?

— Jamais faria isso com você, Charlotte. Não sou um cretino.

— Melhor eu voltar para a mansão.

— O que preciso fazer para acreditar em mim, Charlotte?! —
Walden grita para ela, que para de andar.

— Provar que não serei mais uma.



Após o lanche da tarde, Charlotte e James voltam para casa; enquanto James corre atrás de Simon, Charlotte vai até a sala onde sua irmã e as visitas estão tomando um chá.

— Como foi a tarde? — Eleanor pergunta.

— James se divertiu, ele e os outros meninos praticamente viraram a sala de ponta cabeça simulando um ataque de piratas.

— Ai, meu Deus, a condessa deve ter ficado furiosa.

— Acredito que não, ela estava calma e mandou que arrumassem tudo. Acho que ter seis crianças transforma uma mulher. — Charlotte ri.
— Seu noivo chegou? — pergunta para Dayse, que abre um sorriso.

— Sim, ele, Simon e Aiden estão conversando no escritório, a mãe dele está descansando e o pai dele saiu para cavalgar.

— Aproveitando, Charlotte, a senhorita Annora também veio, pedi para que o noivo de Dayse a trouxesse com ele para arrumar um lindo vestido para você.

— Vestido? Para quê?

— Para o baile, claro.

— Você tem que estar linda para o seu pretendente — Pippa diz com um sorriso. — Está animada?

— Não tenho um pretendente — Charlotte nega fazendo as mulheres darem risada. — Lorde Osborne tem uma mulher em cada porto, não quero ser mais uma, ou a oficial de todas.



Walden era um homem com uma missão, logo após Charlotte e James irem embora ele foi para o seu quarto tomou um banho e se arrumou, o percurso da casa de seu irmão até a mansão do duque foi feito rapidamente com a ajuda do seu cavalo que parecia ter entendido a sua urgência.

Assim que chegou pediu para ser anunciado ao duque, o criado o guia até um escritório e assim que ele entra sente a sua determinação vacilar um pouco, juntamente com o duque estavam outros três homens e James.

— Osborne, o que devemos a sua visita? — Simon pergunta indo até ele.

— Gostaria de falar com Vossa Graça, se não for atrapalhar.

— Claro que não, já estávamos de saída mesmo, prometi a minha linda esposa que passearia com ela no jardim. — Aiden se levanta para ao lado de Walden. — É bom te ver novamente.

— Igualmente, depois nos falamos.

— É claro.

Aiden sai acompanhado dos outros homens, mas James fica sentado o olhando atentamente.

— James? — Simon pergunta.

— Na verdade, se o James puder ficar, acredito que diga respeito a ele também — Walden diz.

— É claro. — Simon indica o sofá e Walden se senta esfregando as mãos na calça. — E então? O que deseja falar?

— Quero pedir a sua permissão e a do James para cortejar formalmente lady Charlotte.

— Eu sabia! — James grita levantando os braços e Simon ri com a animação dele.

— Ela deseja receber a corte? — Simon pergunta.

— Bom, ela disse com todas as letras que eu deveria oficializar os meus sentimentos, então aqui estou.

— A Charlotte é uma boba.

— James — Simon chama sua atenção.

— É verdade, ela queria um marido com um barco e todos os dentes. O Walden tem tudo isso, por que agora ela não quer?

— Se eu for dar a minha bênção, preciso saber exatamente o motivo que o levou a vir até aqui. Como deve saber, Charlotte acredita que não seja bonita para os homens.

— Não me interessa os outros homens, Vossa Graça, a única pessoa que me interessa é a Charlotte, sei bem como ela se imagina, mas não é assim que eu a vejo.

— E como vai ser, Osborne, vai levá-la no seu navio para a América? — James pergunta tentando imitar o tom de voz de Simon fazendo os dois darem risadas.

— Se ela assim desejar, quando nos casarmos a levarei para viajar em meus navios Greenwood — Walden diz usando o título de James. — Ela vai adorar conhecer a América, e você também poderia ir.

— Não tente comprar o garoto — Simon avisa.

— Me perdoe, não era a minha intenção.

— Vou ser muito claro, Osborne, quando me casei com Eleanor, me tornei responsável não só por ela e pelos filhos que teríamos, mas também por seus irmãos. Nesses dois anos aprendi a amar Charlotte como minha irmã, e não desejo nada mais que ela seja feliz. Como James mesmo disse, ela fantasia com uma vida em alto-mar, você seria o homem ideal para ela, porque poderia proporcionar isso. Mas conheço a sua fama, crescemos juntos e sei sobre as várias mulheres que possui.

— Pretendo terminar com cada uma delas, Vossa Graça. Acredite em mim, por algum motivo Charlotte não sai da minha cabeça, quando a vejo consigo imaginar um futuro, coisa que antes nunca sequer pensei. Sempre brinquei com meu irmão e seu monte de filhos. Mas ao ver Charlotte sentada com Lily, as duas conversando e brincando, me peguei desejando que fosse a minha família ali, nossa filha em seus braços. Sou um libertino renomado, confesso. Mas estou disposto a mudar tudo, porque eu sei que Charlotte vale a pena.

James olha para Simon, que retribui o olhar, os dois se encaram por um tempo até que James concorda com a cabeça.

— Está bem, Osborne, você tem a nossa bênção, mas saiba que se não cumprir sua promessa e fizer Charlotte infeliz, vou caçá-lo e nem mesmo a imensidão do oceano pode escondê-lo.

— Aviso recebido, Vossa Graça.

— Vamos falar com a Charlotte.

A sala de visitas estava cheia, foi a primeira coisa que Walden notou. Assim que eles entraram, o silêncio reinou e seus olhos automaticamente procuraram por ela.

— Charlotte, querida, o visconde veio para vê-la — Simon diz apontando para Walden.

— Acabo de sair de sua casa, milorde.

— Eu sei. — Walden sorri. — Mas tinha um assunto para tratar com seu cunhado e seu irmão.

— Então, não veio para me ver?

— Na verdade, o assunto era a senhorita.

Os olhos de todos na sala se alternam entre ele e Charlotte, sentada um pouco mais afastada jogando cartas com outra moça.

— E que assunto seria esse?

— Dei a minha permissão para que Osborne a corteje — James diz estufando o peito. — Sou o homem da família e ele pediu a minha permissão.

— Você o quê? — Eleanor pergunta dando risada, ela olha para o marido, que concorda. — Oh, Charlotte.

— Como seu irmão disse, ele deu a permissão, então estou aqui oficialmente para cortejá-la.

Charlotte se levanta lentamente e vai até Walden, que estica a mão para pegar a dela, mas ela rapidamente desvia.

— Isso não tem graça, milorde.

— Graça? Por que haveria de ter graça o fato de que desejo fazer a corte?

— Porque um homem como o senhor não iria de boa vontade cortejar uma moça como eu.

— Já chega, Charlotte! — Walden grita assustando a todos.

— Osborne! — Simon o alerta colocando uma mão sobre o seu ombro, mas ele se afasta.

— Não, eu cansei de ouvir Charlotte se depreciar, dizer a todos que ninguém se interessa por ela, que não é bonita. Eu te acho linda, não consigo encontrar nenhum defeito em você a não ser o fato de que adora se menosprezar. Sabe por que continua fazendo isso, mesmo eu tendo dito que não penso assim e ter a beijado por duas vezes? Porque está com medo da verdade, com medo de que é desejável para um homem, e não sabe o que fazer com isso. Eu estou aqui, Charlotte, na frente de todos dizendo que quero você, pedi permissão para um menino de doze anos porque eu quero você. Você, Charlotte, será que a sua cabeça avoadada consegue entender isso?

Charlotte olha para Walden sem acreditar nas suas palavras, ele estava nervoso, todos podiam perceber isso, e o motivo da raiva dele era ela. Tinha que confessar que ele a desejar realmente a assustava, estava com medo de se machucar.

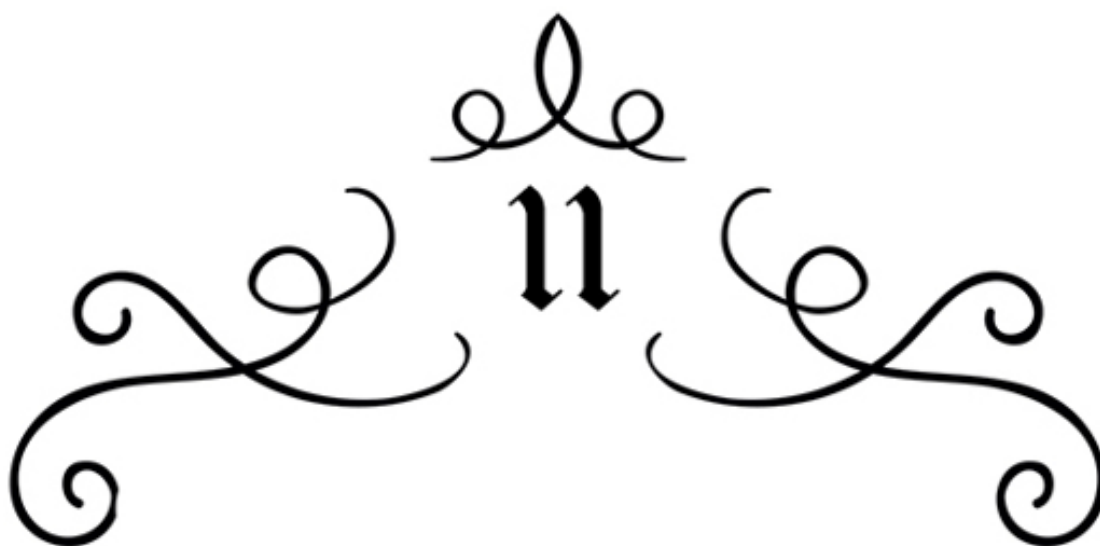
— Charlotte, por que você e lorde Osborne não vão até o terraço conversar? Vou pedir que sirvam um lanche — Eleanor sugere se aproximando de Charlotte e a empurrando levemente para que se mexa.

— Não devo ficar sozinha com ele, lembra?

— Charlotte, se o que ele diz é verdade, não serei eu a impedir que fiquem juntos. Sempre desejei que encontrasse alguém que a enfrentasse e dissesse que esses medos bobos são infundados. Então, pode ir com ele.

Walden estica a mão novamente para Charlotte, que soltando um suspiro coloca a sua na dele e é puxada para fora da sala.

— Fui eu que escolhi o noivo dela — James diz orgulhoso. — Eu prometi para ela que iria encontrar e encontrei. Ele até tem todos os dentes.



Charlotte não sabia se tudo parecia um sonho ou um pesadelo, estava no terraço olhando a paisagem com um belo homem ao seu lado que dizia estar interessado em fazer a corte. Ela, Charlotte, que já estava sendo considerada por todos a solteirona da temporada.

— O que está pensando tanto? — Walden pergunta a girando para ele.

— Por que quer fazer a corte? Digo, você conhece milhares de mulheres em várias partes do mundo, por que eu?

— Porque só passei a desejar ter uma família quando a vi sentada com a Lily. Eu quero isso, Charlotte, filhos, uma casa, todo dia uma aventura diferente com a mesma mulher, você. Por que é tão difícil entender isso?

— Quando se passa muito tempo ouvindo que não é boa o suficiente, você começa a acreditar.

— Então talvez eu seja obrigado a dizer muitas e muitas vezes o quanto você é especial. — Walden enlaça a cintura dela e a puxa para perto. — Desde o momento em que a beijei pela primeira vez, não sai da minha cabeça.

Walden a beija sem conseguir se segurar mais, a sensação de ter Charlotte nos seus braços era maravilhosa, ele queria poder se esconder em algum lugar com ela e passar horas e horas juntos, podendo mostrar o quanto a queria.

— Espera. — Charlotte se solta dele. — E como vai funcionar? Muito em breve você vai voltar para o alto-mar, não vai?

— Em duas semanas, para ser mais exato. Meu sócio vem para Londres e eu devo ir para a América, onde vou ficar seis meses.

Charlotte concorda com a cabeça e se vira para olhar o jardim, ele iria embora e ficaria meses longe.

— Nos veremos novamente apenas daqui seis meses.

— Ou você pode vir comigo.

— Simon jamais deixaria que eu fosse com você e ficasse seis meses longe de casa.

— Deixaria se nos casássemos.

— Lorde Osborne...

— Walden, querida. Diga o meu nome.

— Nos conhecemos há poucos dias, como quer se casar tão apressadamente assim, posso não ser tão perfeita assim.

— Acho pouco provável, além disso quantas mulheres da alta sociedade você conhece que se casou rapidamente, após ter conhecido o seu marido?

— Sei de pelo menos três. — Charlotte suspira lembrando da irmã e das amigas. — É uma decisão muito séria, se nos casarmos agora e logo em seguida ir para a América, só terei a você.

— Eu sei o quanto é difícil, Charlotte, mas podemos conseguir juntos. Ou podemos esperar seis meses, quando eu voltar fazemos o casamento.

— Eu preciso pensar, não posso decidir assim tão rapidamente.

Walden volta a puxar Charlotte para os seus braços, ela abraça sua cintura e apoia a cabeça em seu ombro. Ela se encaixava perfeitamente em seus braços. Podia sentir que tremia levemente, muito provavelmente por causa dos últimos acontecimentos.

— Do que tem medo, querida?

— De que você se arrependa e eu esteja sozinha em uma terra estranha sem ter para onde ir.

— Não vou me arrepender. Não vou ser mentiroso e dizer que não tive outras mulheres, mas posso dizer com toda a verdade do mundo que nenhuma delas me fez pensar em casamento, filhos, uma vida inteira juntos. Somente você me desperta esses desejos, Charlotte. O casamento vai ser algo novo para mim também, vamos descobrir juntos.

— Depois dos seis meses podemos voltar para Londres?

— Sim, será a minha vez de ficar seis meses aqui. Meu sócio e eu nos alternamos sempre. E se, por acaso, no futuro você decidir que quer ficar em Londres definitivamente, nós ficamos. E então? Casa comigo?



— Deixa ver se eu entendi — Eleanor diz enquanto Annora ajuda Charlotte a colocar um vestido para alteração. — Vocês vão se casar rapidamente porque ele parte em duas semanas para as Américas?

— Isso — Charlotte concorda sem conseguir parar de sorrir. — Ele não pode ficar muito tempo, então temos que nos casar logo.

— Tem certeza de que quer isso, Charlotte? Você pode esperar os seis meses — Dayse pergunta preocupada.

— Ou está com medo de que ele desista depois de esperar tanto tempo?

Charlotte chamara todas as mulheres da casa para o seu quarto, até mesmo a futura sogra de Dayse estava ali ajudando com as alterações do que seria o vestido de noiva de Charlotte.

— Não, eu não tenho medo. Mas por que esperar? Você não esperou, Kathy, e foi muito feliz, Hester também. Eleanor mal conversou direito com Simon antes de se casarem. As três estão muito felizes, não estão?

— Estamos, querida, mas como sua irmã não posso deixar de me preocupar, ainda mais quando isso significa que vai estar do outro lado do oceano.

— Eu vou voltar, Eleanor, e você sempre pode ir me visitar.

Enquanto as mulheres começam a discutir sobre o baile, que não só seria a comemoração do noivado de Dayse como seria uma festa de casamento para ela e Walden, não podia dizer para Eleanor que estava com medo do que iria enfrentar, só poderia sorrir e dizer a todas que estava confiante.



Desde o momento em que o casamento de Charlotte com Walden foi anunciado e marcado para a capela nas terras de Simon, a casa parecia em polvorosa. Os criados corriam de um lado para o outro limpando e arrumando o salão, Annora fora até a vila com Eleanor escolher alguns tecidos e fitas que poderia usar para preparar o vestido, enquanto os convidados se dividiam nos seus afazeres diários, deixando Charlotte praticamente livre com os seus pensamentos.

Depois de pegar um dos seus livros, ela desceu até o jardim atrás da mansão, onde poderia se sentar em um banco e ler tranquilamente, era a única forma dos seus pensamentos darem um pouco de sossego. Enquanto se perdia nas páginas do livro em que a mocinha se aventurava em alto-mar, o que naquele momento ela não sabia se era um sinal do destino. Ela escuta algumas risadas e gritinhos vindo do estábulo; ao levantar a vista das páginas, ela toma um susto ao notar James em cima de um cavalo, abandonando o livro ela corre até ele.

— James, desça agora mesmo.

— Está tudo bem, Charlotte, o cavaleiro disse que é um cavalo tranquilo. — Walden a segura para não se aproximar.

— Tudo bem? Ele mal consegue correr direito sem se cansar e você o coloca em cima de um cavalo enorme?

— Ele estava reclamando que todos o tratavam como um bebezinho doente, ele queria poder cavalgar, combinamos que ele ficaria por aqui. Ele não vai se aventurar pelas terras do duque.

— Walden, ele está doente.

— Ele está bem, olha para ele. — Walden aponta para James, que sorria enquanto o cavalariaço andava ao lado do cavalo para o caso de acontecer alguma coisa.

— Se ele cair...

— Ele não vai cair, e também não vai passar mal. Vocês estão o limitando, entendo que tenham medo por tudo o que ele passou, mas, meu amor, ele é uma criança e precisa de um pouco de liberdade. Vocês vão ter que deixá-lo crescer em algum momento.

— Teve uma noite que a respiração dele estava tão fraca que eu pensei que ele iria morrer, eu o coloquei no meu colo e o balancei a noite toda, seu cabelo ficou molhado com as minhas lágrimas, consegue entender isso? Meu irmãozinho quase morreu nos meus braços.

— E agora ele está bem. Um menino que ameaça um homem com o dobro do tamanho dele não pode estar doente.

— Olha, Charlotte! — James grita acenando para ela.

— Viu, está tudo bem. Por que não nos sentamos enquanto ele aproveita um pouco?

Walden puxa Charlotte para um banco e a abraça, os dois ficam em silêncio enquanto James se diverte intercalando um passeio leve com um leve trote.

— Quem o colocou em um cavalo? — Simon pergunta se aproximando.

— Fui eu. — Walden se levanta preparado para uma briga.

— Obrigado. Venho tentando fazer o mesmo há muito tempo, mas toda vez que mencionava o assunto Eleanor se enfurecia. Ele passou mal?

— Ainda não, ele está bem contente em cima do cavalo.

— James? — Simon grita e o menino gira o cavalo para ele. — Você tem visitas.

— Quem?

— Os sobrinhos do Osborne vieram atrás de você.

— Meus sobrinhos?

— Sua cunhada veio falar do casamento com Eleanor e trouxe os meninos. Falando nisso, Charlotte, Lily está impaciente te procurando.

— Ela se apaixonou por você. — Walden estende a mão para ela e a ajuda a se levantar.

Uma vez que James desce do cavalo e se junta a eles para voltar para casa, Charlotte começa a relaxar. Não conseguia deixar de imaginar os diversos cenários que poderiam acontecer com James e um cavalo. O que a fez lembrar que quando estivesse na América não estaria por perto para protegê-lo.

— Quando formos embora, ele ficará para trás — Charlotte diz baixinho, mas Walden a escuta.

— Até pensei em levá-lo conosco, mas acredito que o melhor para ele seja ficar. Ele tem um título para tomar posse muito em breve, precisa aprender como cuidar de tudo e o duque é a melhor pessoa para ajudá-lo. Mas um dia, eu prometo que o levaremos para passar uma temporada na nossa casa na América.

— Ele se divertiria tanto no mar. Eu queria poder dividir isso com ele.

Walden beija rapidamente Charlotte e a aperta em seus braços, ele sabia que estava sendo difícil para ela imaginar deixar os irmãos para trás.

Assim que entraram em casa, Charlotte foi roubada por Lily que queria vê-la com o vestido do casamento, uma vez que ele não poderia estar presente foi expulso pelas mulheres. Sem outro lugar para ficar, ele decide ir até o escritório de Simon, que estava sentado lendo algumas cartas.

— Atrapalho?

— Não, pode entrar.

— Gostaria de falar com você sobre a questão do dote da Charlotte.

— Imaginei que uma hora iria querer saber sobre ele. Além do deixado pelo pai, eu mesmo o aumentei com uma boa quantia e... — Simon para de falar quando Walden levanta a mão.

— Coloque em uma conta ou invista em algo que acredite que vá render lucros. Esse dinheiro é dela, para que ela use da melhor forma que quiser.

— Não vai querer o dote?

— Não estou me casando com ela por causa do dinheiro. Eu quero a Charlotte, e apenas ela. O dinheiro não me interessa, deixe tudo para ela.

— Está bem, vou fazer como me pediu. Vou separar uma quantia para que ela possa levar com ela para usar na América.

— Não é necessário, posso cuidar das despesas da minha esposa.

— Pelo visto os transportes marítimos estão dando muito dinheiro.

— Simon se levanta e serve dois copos de uísque para eles.

— Levou certo tempo para isso acontecer, mas agora posso dizer que finalmente estamos lucrando bastante, sem contar que meu pai deixou uma parte da fortuna para mim. Por isso não preciso do dinheiro da minha noiva.

— Está bem. Então eu posso usar o dinheiro dela como investimento no que eu quiser?

— Pode.

— Até mesmo comprando um navio para ela, e uma parte da sua sociedade? — Simon levanta uma sobrancelha e Walden ri. — Ela adora navios Osborne, se ela souber que tem um navio todo dela ficará eufórica.

— Desde que todo dinheiro gerado do transporte desse navio fique para ela?

— Exato. É claro que vou querer relatórios mensais a respeito.

— Quanto à sociedade preciso conversar com meu outro sócio, vou encontrá-lo no porto no dia em que partimos, e então lhe dou uma resposta. Mas quanto ao navio pode comprar, ele até mesmo pode indicar o vendedor que sempre usamos.

Uma hora mais tarde, um criado bate na porta do escritório avisando que o lanche da tarde fora servido e que as senhoras os estavam esperando.

— Tudo certo com o vestido? — Walden pergunta sentando ao lado de Charlotte.

— É o vestido mais lindo do mundo — Lily diz por Charlotte.

— Então fico feliz. — Walden sorri para a sobrinha.

— Com o casamento da Charlotte e o da Dayse teremos uma folga até que finalmente chegue a vez da Pippa — Kathy diz apontando para irmã, que estava sentada jogando com Dayse.

— Não tenho dúvidas de que ela conseguirá um noivo em seu primeiro baile — Charlotte diz.

— Não temos tanta certeza assim, ela é bem geniosa quando quer.

— Com licença, Vossa Graça. — Um criado entra na sala e todos olham para ele. — Acaba de chegar uma visita para o senhor.

— Quem seria? — Simon se levanta.

— Milorde Tobiah Burbidge, o duque de Hinxtone.

— Tobiah? — Simon estranha e pede licença a todos.

— Quem é ele? — Charlotte pergunta curiosa para a irmã.

— Um amigo de escola, ele me falou sobre esse rapaz, só não sabia que ele agora era um duque.

— O pai dele faleceu no dia em que saíram de Londres, por isso não souberam de nada — Aiden explica. — Só estranho o que ele faria aqui tão cedo logo após a morte do pai.

Charlotte como os outros olham para a porta curiosos sobre o novo visitante do duque. Parecia que o fim de semana reservava muitas surpresas.



O motivo da visita do duque de Hixtone parecia um segredo guardado a sete chaves por Simon, Charlotte poderia apostar que Eleanor era a única a saber, mas ela estava determinada a não comentar nada. E uma vez que tinha muito em que pensar, Charlotte simplesmente decidiu deixar para lá esse assunto.

Com os preparativos do casamento e do baile a mil por hora, não havia um lugar da casa que não estivesse movimentado, para sua sorte, Eleanor decidira que seria ela a tomar as decisões sobre decorações e cardápio, o que permitiu que Charlotte pudesse se afastar um pouco daquela loucura toda, o único momento em que era requisitada era na prova do seu vestido, já que nenhuma outra poderia fazer isso por ela.

— Ansiosa pelo seu casamento amanhã? — Annora pergunta enquanto arruma a barra do lindo vestido azul-claro.

— Mais nervosa do que ansiosa, após o casamento vou com ele para Londres arrumar minhas coisas e pouco depois embarcamos para a América. Apesar de adorar histórias que se passam em navios, nunca viajei em um. Estou com medo.

— Tenho certeza que seu noivo vai tranquilizá-la durante a viagem. Além do mais ele faz isso praticamente o ano todo, deve confiar bastante na tripulação dele para aceitar colocar a esposa em um navio.

— Outro motivo que me deixa nervosa é o fato de que perderei minha modista favorita.

— Muito obrigada pelo favorita. — Annora sorri para Charlotte e volta a abaixar a cabeça para cuidar da barra. — Tenho alguns vestidos e roupas íntimas prontas em Londres, pode escolher o que quiser e levar, assim terá todo um guarda-roupa novo. Alguns são para o inverno o que tenho certeza de que será muito útil para o alto-mar.

— Tem razão, não tinha nem ao menos pensado nisso. Preciso perguntar para lorde Osborne se é frio. Tenho que me preparar.

— Lorde Osborne? — Annora pergunta levantando uma sobrancelha e Charlotte fica sem graça.

— Parece tão estranho chamá-lo por Walden, não tivemos tanta intimidade assim.

— Lady Barlett, posso perguntar algo, se não for me intrometer demais, é claro. — Annora se levanta.

— Claro que não, pode perguntar.

— Tem certeza de que quer se casar? Não é tudo muito rápido? Chegou aqui faz outro dia, o conheceu, conversaram algumas vezes e agora vão se casar. Tenho certeza de que se quiser esperar o duque não se importará.

— Se eu esperar, Annora, quem garante que em seis meses ele voltará com vontade de se casar comigo? E se ele desistir nesse tempo?

— Ele pode se arrepender mesmo se casando. Sei que não é da minha conta, mas a senhorita e a duquesa confiaram em mim quando nenhuma outra dama da sociedade queria confiar. Graças a vocês ganhei

clientes importantes, por isso me sinto meio que amiga de vocês e me preocupo.

— Você é nossa amiga, Annora, e obrigada pela preocupação. Mas quando se é alguém como eu, deve-se aproveitar as oportunidades.

— A senhorita é uma dama, irmã de um conde, cunhada de um duque. Não tem que aproveitar as oportunidades, pode muito bem mandar a alta sociedade às favas e esperar por um grande amor.

— E se for lorde Osborne o meu grande amor? E se for o destino ou Deus que o colocou no meu caminho para ser aquele que vai passar o resto dos meus dias comigo?

— Bom, eu só acredito que a senhorita deve ter certeza de que é isso que deseja. Amanhã, depois que estiver casada, não poderá voltar atrás.

— Eu só queria que aquelas debutantes vissem meu belo vestido de casamento, sentiriam inveja de mim — Charlotte muda de assunto e Annora sorri para ela.

— Creio que sentiriam inveja apenas de ver o belo noivo que a senhorita possui.

— Tem razão, acho que sou obrigada a convencer meu noivo a ir em pelo menos um baile comigo. Assim posso ter o prazer de ver a cara de inveja delas. — Ela ri.

— Tenho um vestido em minha loja que ficaria perfeito para essa ocasião.

Enquanto Charlotte e Annora passam a conspirar a respeito do primeiro baile que ela apareceria como uma mulher casada, Walden estava no escritório de Simon com os outros homens que estavam ali para o casamento.

— Achei que não viveria para ver meu irmão se casar — Henry diz levantando o copo de bebida em direção a Walden, que revira os olhos.

— Você tem uma saúde de ferro e como eu já disse não tinha o porquê eu me casar, se você já tem herdeiros suficientes.

— Todo homem deve se casar, você vai perceber isso logo após o seu casamento, meu amigo — Aiden diz. — Achava também que seria me amarrar, que iria perder alguma coisa, mas ganhei muito mais do que eu poderia imaginar.

— Não posso reclamar também, Eleanor me completa.

— Depois de casados, os homens ficam tão melosos assim? — Tobiah pergunta dando risada e Walden concorda com ele.

— Amanhã Osborne vai entender exatamente o que queremos dizer, você deveria pensar em fazer o mesmo, Tobiah — Simon diz.

— Não deixe minha madrastra o ouvir. Mas, mudando de assunto, vai embora de Londres tão rápido?

— Meu sócio chegou e está cuidando de embarcar toda a mercadoria que devo levar para a América, vou cuidar das coisas por lá e ele fica aqui durante esse tempo, depois invertemos. Foi um acordo que estabelecemos logo no início da empresa. Tem funcionado por enquanto, mas agora, com o casamento e quem sabe a chegada do nosso primeiro filho, terei que ver como faremos. Tudo depende de onde Charlotte vai preferir criar nosso filho.

— Será em Londres — Simon diz. — Ela não vai aguentar ficar muito tempo longe dos irmãos. O que eles passaram nos últimos anos os uniu de uma forma que jamais entenderemos.

— Não é para menos, não consigo imaginar ver um dos meus filhos sendo consumido pelo veneno dia a após dia. — Henry balança a cabeça.

— Mas o garoto está bem, não está? Eu o vi há pouco correndo com os outros garotos — Tobiah diz apontando para a janela.

— Ele está bem, mas se cansa fácil, algumas vezes respira com dificuldade, qualquer coisa que exija um pouco mais de força é pedir muito para ele. O médico recomendou que ele faça algumas atividades diárias para se recuperar, temos tentado aos poucos, seguindo o ritmo dele. Tenho fé de que logo ele estará completamente recuperado.

— Fraco pelo veneno ou não, aquele menino é esperto. — Walden ri.
— Hoje pela manhã veio me procurar para falar sobre o dote de Charlotte, disse que quem vai pagar é ele. Então falei do meu acordo com você, ele concordou, mas fez uma exigência. Que se meu primeiro filho for uma menina devo dar um navio para ela também, porque meu primogênito herdaria o título, então nada mais que justo que a menina herdasse a empresa.

— Se meu cunhado aos doze anos já é assim, imagina o que não fará quando herdar oficialmente o título e poder tomar as próprias decisões. — Simon ri.

— Creio que a duquesa e minha noiva não tem o que se preocupar com o garoto, ele é muito esperto e já sabe o que quer.

Após terminarem a bebida, Walden pede licença e sai do escritório, quer ver Charlotte, saber como ela está. Tem que voltar para a casa do irmão e só a verá novamente no dia seguinte, está ansioso e preocupado se ela não decidira voltar atrás. Após perguntar para alguns criados onde ela está, ele atravessa um corredor até os fundos da casa; saindo por uma porta dupla, ele a avista sentada em gazebo, sua cabeça inclinada levemente para trás, como se estivesse adormecida.

— Charlotte? — ele chama baixinho ao se aproximar e ela abre os olhos.

— Oi.

— O que faz aqui sozinha?

— Fugindo dos preparativos. — Ela sorri timidamente. — Não imaginava que um casamento desse tanto trabalho. Tenho pena de Dayse que terá mais tempo para aguentar tudo isso.

— Espero que não esteja pensando em voltar atrás. — Ele se senta ao seu lado e pega sua mão.

Charlotte olha para a sua mão pequena entre as dele, o calor da pele de Walden aos poucos se transfere para a mão dela que está gelada.

— Não, não vou voltar atrás. E o senhor?

— Senhor? Esqueceu que sou apenas Walden para você?

— É difícil me acostumar. — Ela sorri. — Espero que amanhã ao me ver entrar na igreja perca o fôlego.

— Tenho certeza de que será assim, minha querida.

Walden se inclina e dá um beijo leve em Charlotte, ao se afastar ele observa seu rosto delicado, os olhos ainda fechados, ele volta a se inclinar e beija as pálpebras fechadas descendo até a boca de sua noiva novamente. No dia seguinte, ela seria sua esposa finalmente e poderia tocá-la de todas as formas que queria.



Beijar Walden estava se tornando uma das coisas favoritas de Charlotte, quando estava nos braços dele sentia que era desejada, parecia que as fofocas a respeito do seu peso ou do seu corpo não poderia atingi-la quando estava com ele.

— O que está pensando tanto? — Walden pergunta beijando seu pescoço.

— Estava conversando com Annora e ficamos em dúvida se devo levar roupas quentes para a viagem — ela mente, preferindo não revelar seus pensamentos verdadeiros.

— Em alto-mar pode ser bem gelado essa época do ano, por isso roupas quentes são sempre recomendáveis, mas não se preocupe, temos um quarto privado onde poderei mantê-la aquecida todas as noites. Mas não é isso que está lhe atormentando, é?

— Não sei bem o que me atormenta, acho que é a junção de tudo, o casamento, a viagem, os seis meses longe da minha família. É muita coisa ao mesmo tempo.

— Se quiser podemos esperar os seis meses.

— Não! — Charlotte praticamente grita e se levanta. — Não precisa esperar.

— Entendo. — Walden se levanta e puxa Charlotte para ele, colando seu peito a suas costas. — Está com medo de que se passe seis meses e eu desista de me casar?

— É claro que não. — Ela tenta se soltar, mas Walden abraça a sua cintura e a puxa ainda mais para perto.

— Eu não desistiria, Charlotte, se não tivesse certeza de que quero me casar não a pediria em casamento. Prometo que a farei muito feliz.

— Vai jantar aqui essa noite? — ela pergunta e ele a gira nos seus braços.

— Adoraria, mas vou jantar com a minha família. Minha cunhada insiste que devo ver a minha noiva novamente apenas no casamento. Por isso a estava procurando. A verei amanhã, certo?

— Sim — Charlotte diz baixinho e ele a beija novamente.

— A estarei esperando no altar.



Após um jantar onde todos a fizeram rir, Charlotte vai para o seu quarto, queria apenas se deitar, estava ainda mais nervosa sobre o casamento do que poderia imaginar. Depois de se trocar, ela libera a criada pelo restante da noite, antes que possa se deitar a porta se abre novamente e Eleanor entra.

— Já vai dormir?

— Pensei em descansar um pouco, o dia será agitado amanhã com o casamento pela manhã e o baile à noite.

— E a sua partida para Londres no dia seguinte.

— Sim.

— Não quero atrapalhá-la, apenas estou aqui porque creio que devemos conversar.

— Conversar?

Eleanor se senta na beirada da cama e Charlotte a imita.

— Deveria ser a nossa mãe a falar sobre esses assuntos. Mas como ela não está aqui, creio que deva ser eu.

— Você diz sobre os assuntos no leito de um casal?

— Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Bom, eu leio bastante — Charlotte diz sem graça e a irmã ri.

— Isso já ajuda. Mas precisa saber que não é exatamente como nos livros, a sua primeira vez irá doer, mas garanto que vai passar e nas próximas será melhor. Não tive ninguém para me explicar, apenas pude confiar no Simon e foi a minha melhor decisão. Por isso posso te dizer para confiar em seu noivo. Não é errado desejá-lo, ansiar pelo toque dele, eles também gostam de ser tocados.

— Tocados? Então posso tocá-lo em qualquer lugar?

— Pode, minha irmã. — Eleanor ri e pega a mão de Charlotte. — Simon tinha complexo sobre eu o tocar nas suas cicatrizes, mas foi o meu toque que o curou. Ele não se retrai mais quando eu o toco, tenho certeza de que não terá esse problema com seu noivo, mas é sempre bom lembrar que ele é um homem, e não vai rejeitar o seu toque.

— Não vou ser uma depravada?

— Claro que não. Estarão entre quatro paredes, no seu leito matrimonial. Se tiver dúvidas sobre onde tocá-lo pode sempre perguntar, tenho certeza de que ele não se importará em falar sobre isso. Ele será seu melhor amigo, Charlotte.

— Devo ter medo?

— Como eu disse, a primeira vez sempre dói, não espere que seja maravilhoso ou inesquecível, mas, conforme o tempo, sempre será melhor do que a última vez, isso eu garanto.

— O que vou fazer sem você para me dar conselhos?

— Sempre estarei aqui para você, Charlotte, se quiser voltar antes pode sempre nos avisar por carta e iremos te buscar. Mas quero lhe dar um conselho, não desista na primeira adversidade que surgir, vocês dois estarão se conhecendo, está indo para um lugar novo, vai ter medo e querer voltar. Mas não faça isso se não tiver absoluta certeza.

— E você aceitaria em casa uma irmã que largou o marido? — Charlotte ri e Eleanor a abraça.

— Eu vou sempre aceitar minha irmã em casa, não importa a condição dela. E posso dizer o mesmo do Simon e do nosso pequeno conde.

— Vou sentir muita falta de vocês.

— Eu também vou, mas lembre-se de que está dando um passo para a sua felicidade. Você sempre sonhou em se aventurar no mar, em conhecer lugares novos e é exatamente isso que seu noivo estará lhe proporcionando. Não tenha medo ou arrependimentos, Charlotte.

— Obrigada.

— Agora durma, amanhã será um dos dias mais importantes da sua vida.

— Só queria que o papai e a mamãe estivessem aqui.

— Eu também. — Eleanor faz um carinho em Charlotte. — Nosso pai ficaria orgulhoso em levá-la até o altar.

Após Eleanor sair do quarto, Charlotte se deita e encara o dossel da cama, seu pai não estava ali e agora, quem entraria com ela na igreja?



Depois de ser acordada por mulheres eufóricas e praticamente ser lançada em uma banheira, ter seus cabelos escovados, ser presa em corpete apertado afinando sua cintura. Charlotte estava pronta caminhando até a pequena igreja que ficava nas terras do cunhado; ao seu lado estavam Simon, Eleanor e James, conforme se aproximavam podia ouvir as vozes dos convidados que estavam ansiosos para finalmente ver a noiva.

— Chegou o grande momento. — Eleanor a abraça.

— Mas se quiser desistir, ainda pode — Simon diz dando uma piscadela e ela ri. — James e eu não devemos nada ao seu noivo, então se não quiser se casar é só dizer.

— Tentando me convencer a desistir?

— Não, só deixando claro que tem essa opção. Você não deve nada a ninguém e se decidir que não quer se casar, então estaremos ao seu lado.

— Obrigada.

— Vamos, James. — Eleanor pega a mão do irmão e entram na igreja, fazendo com que todos fiquem em silêncio.

Simon toma a mão de Charlotte, que para na porta e o segura.

— Quer desistir?

— Não. — Charlotte olha para todos os convidados e Walden no altar, todos estão com o semblante curioso devido a sua hesitação.

— Se eu preferir entrar com o James vai ficar chateado? É que se eu entrar com ele, seria como se meu pai estivesse presente — ela sussurra fazendo Simon sorrir.

— Claro que não ficarei chateado, só um minuto.

Simon deixa Charlotte na porta da igreja e atravessa o pequeno corredor até sua esposa, que o olha preocupada.

— Sua irmã quer que entre com ela — Simon diz no ouvido de James, que corre até Charlotte.

— Oh! — Eleanor solta uma exclamação emocionada ao perceber o que estava acontecendo.

— Ela disse que será como se o seu pai entrasse com ela — Simon explica para a esposa.

— Pronta? — James pergunta pegando a mão da irmã, que sorri.

— Pronta.

A música volta a tocar novamente e Charlotte caminha lentamente ao lado de James, que parece ter dobrado de tamanho em poucos segundos, devido ao orgulho de entrar com ela. Assim que se aproximam do altar, Walden vai até ela e James levanta a mão.

— Se fizer minha irmã sofrer, eu vou usá-lo como alimento para tubarões, fui claro, Osborne? — James pergunta arrancando uma risada de todos.

— Claríssimo, Greenwood, não se preocupe, farei Charlotte imensamente feliz.

James coloca a mão de Charlotte na de Walden e se afasta até Eleanor.

— Queridos irmãos...

O padre começa a cerimônia, Charlotte estava nervosa desde que acordara, mas ao sentir a mão de Walden segurando a sua, enquanto seu dedão faz um carinho nela, aos poucos ela começa a se acalmar. Como se a cada movimento do seu dedo, ele apagasse alguma dúvida ou ansiedade que ela possuía. Quando finalmente os dois são declarados marido e mulher sob os aplausos de todos, Walden olha para ela com um sorriso enorme.

— Olá, Sra. Osborne — ele sussurra arrancando uma risada dela.

A comemoração do casamento realizada na mansão foi algo mais íntimo, apenas os hóspedes do duque e a família de Walden, já que a noite seria realizado um grande baile onde praticamente toda a vila e os nobres da região foram convidados.

Charlotte estava preocupada se o marido decidiria consumir o casamento antes do baile, então quando todos se retiraram para descansar antes de se arrumarem, ela sobe as escadas lentamente de braços dados com Walden até o seu quarto. Ao entrarem, uma criada a espera para ajudá-la.

— Não será necessário, pode deixar que cuido de sua senhora — Walden diz e a criada sai com uma mesura.

— Você... — Charlotte para de falar e se senta na penteadeira.

— Se preferir esperar até a noite podemos esperar. Só temo que fique ansiosa com a expectativa e não aproveite o baile.

Walden apoia a mão sobre o ombro de Charlotte fazendo uma massagem, aos poucos ela vai relaxando até apoiar a cabeça nele.

— Acho que prefiro acabar logo com isso. Eleanor disse que a primeira vez sempre dói, é isso que está me deixando nervosa, mais do que o ato em si.

— Infelizmente não tenho como evitar a dor, mas prometo que serei cuidadoso, se quiser podemos sempre parar.

— Está bem.

Walden ajuda Charlotte a se levantar e retirar o vestido, ele finalmente a teria em seus braços depois de tantos dias a desejando.



Os convidados do baile estavam animados, não era todo dia que o duque Wentworth oferecia uma festa em sua casa e ainda mais convidava a todos. Sem contar que poderiam ter um vislumbre do novo casal, o Visconde e a Viscondessa de Culbert.

Após um cochilo à tarde, Charlotte se preparou com a ajuda da criada, enquanto Walden se arrumava no quarto ao lado. Assim que ele entrou em seu quarto novamente, ela sentiu seu corpo esquentar ao olhar o marido. Durante a tarde, ele se empenhara em tornar a experiência prazerosa e mesmo que não puderam evitar a dor, ela se lembraria daquele dia para sempre.

Com a ajuda de seu novo marido, Charlotte desce as escadas com um sorriso que parecia não sair de seu rosto. Annora havia se empenhado ao arrumar o lindo vestido azul-turquesa que abraçava seu corpo lhe dando uma cintura mais fina e um busto de onde Walden não tirava os olhos.

— Vou arrumar alguma confusão — Walden diz enquanto descem as escadas — se alguém ousar colocar os olhos em minha esposa.

— Como se todos os homens fossem querer me olhar. — Charlotte ri e Walden a segura, os dois ficam parados no meio da escada.

— Você é desejável, minha esposa, não mostrei o quanto essa tarde? — Ele espera Charlotte concordar e sorri. — Está ainda mais bonita agora, após descobrir o quanto pode ser bom uma intimidade de um casal, como

se tivesse desabrochado. E por isso, tenho certeza de que arrumarei confusão, assim que todos a notarem.

— Não se preocupe, meu marido, tenho apenas olhos para você.

— Obrigado. — Walden beija a mão dela e terminam de descer as escadas.

Os dois assumem seus lugares ao lado de Dayse e o noivo, o outro casal da noite. Charlotte temia que sua irmã de consideração fosse ficar chateada por tirar a atenção da sua noite, mas Dayse apenas sorria feliz para ela.

Os convidados foram chegando e se encaminhando para o grande salão, quando finalmente Simon declara que podem encerrar os cumprimentos, eles se juntam a festa.

— Simon? — James se aproxima deles rapidamente. — Posso dançar?

— Dançar? — Eleanor pergunta curiosa.

— Tem uma dama que eu gostaria de chamar para dançar — James diz com suas bochechas ficando vermelhas. — Como não é um baile oficial da alta sociedade, achei que poderia dançar com ela.

— O quanto quer dançar com essa dama? — Simon questiona e James olha por sobre o ombro.

— Eu aceitaria fazer os exercícios do médico pelo resto do ano sem reclamar.

— Vejo que seu desejo é enorme então — Simon brinca. — É claro que pode dançar, boa sorte, garoto.

James atravessa o salão rapidamente sobre o olhar atento das irmãs.

— Ele está apaixonado? — Charlotte pergunta para Eleanor, que leva as mãos até a boca ao notar quem era a dama que ele queria dançar.

— Pelo visto sim — Walden diz.

James para em frente a Pippa e os dois conversam por um tempo, depois de uma concordância de Kathy os dois vão para a pista. Mesmo sendo um pouco menor que a acompanhante, James tenta ao máximo agir como os outros homens que rodavam no salão com suas acompanhantes.

— Ah... o primeiro amor. — Walden sorri.

— Ele jamais vai esquecer essa noite — Simon diz e puxa a esposa para a pista e aproveitar a dança como seu jovem cunhado faz.

— Acabo de ter um vislumbre do que meu irmão será um dia.

— Ele será um grande libertino — Walden diz.

— Claro que não, Eleanor e eu não deixaremos.

— Ele será, meu amor, não tem como impedir. Mas tenho certeza de que encontrará um grande amor no processo e será muito feliz. Quem sabe assim, ele esquece da ameaça de alimentar os tubarões com o meu corpo.

— Não acreditou realmente nas palavras de um menino de doze anos, acreditou?

— Não foram palavras de um menino, Charlotte, foram as palavras de um irmão que se preocupa. Não tenho dúvidas de que mesmo com doze anos ele encontraria um meio de defender a irmã.

A noite avança e Charlotte não poderia negar que estava se divertindo, tirando os momentos onde dançara com Simon, Aiden e seu cunhado Henry, ela esteve ao lado de Walden a todo momento. Ele parecia não querer soltá-la. Quando finalmente se aproximam da mesa de refrescos dispostos a descansarem um pouco, um criado atravessa o salão agitado.

— Vossa Graça, creio que sua presença seja necessária — ele diz para Simon, que fica preocupado.

— O que houve?

— O Sr. Gibbson está requisitando sua presença no escritório.

— Está tudo bem? — Eleanor pergunta e, quando o criado engole em seco, eles se preocupam.

Simon toma a mão de Eleanor e ambos saem do salão em direção ao escritório.

— O que será que aconteceu? — Charlotte se preocupa, uma rápida olhada pelos convidados ela não encontra James e sente seu corpo gelar. — James.

Walden segura o cotovelo de Eleanor e a ajuda a sair rapidamente e tão discretamente quanto possível do salão; ao chegarem ao corredor, os dois praticamente correm até o escritório onde algumas vozes podem ser ouvidas exaltadas.

— Não aconteceu nada! — Charlotte escuta Annora gritar ao entrar no escritório.

— Não vou fugir das minhas responsabilidades. — O olhar de Charlotte é atraído para o homem que está tentando se segurar, ela o reconhece: o duque de Hixtone.

— Vamos nos acalmar, por favor — Simon tenta tranquilizar a todos, mas Annora continua agitada.

— Não sou ninguém, Vossa Graça, sou apenas uma humilde modista que teve a sorte de ser convidada para esse baile, não precisa usar seu título ou todo o seu dinheiro para consertar algo que não aconteceu — ela diz para o duque de Hixtone.

— Fomos pegos, senhorita, e sua honra está manchada.

— Uma simples modista não precisa se preocupar com questões como honra. Siga em paz, Vossa Graça. — Annora tenta sair do escritório, mas Hixtone avança para segurá-la sendo impedido por James.

— Ela disse que não quer nada com você — James diz entre os dois. — Deixe a senhorita Annora em paz.

Esquecendo que é apenas um garoto enfrentando um homem o dobro do seu tamanho, James pega a mão de Annora para ajudá-la a sair do escritório.

— Espere, senhorita. — Hixtone tenta se aproximar novamente.

— Quer me enfrentar? — James pergunta levantando os pequenos punhos.

— Você é apenas um fedelho.

— Eu sou o conde de Greenwood, e você está fazendo a amiga das minhas irmãs chorar. Então vai me enfrentar.

— Hixtone, deixe a senhorita Annora ir — Simon diz e coloca uma mão sobre a cabeça de James. — A acompanha até o quarto?

— Claro, eu vou protegê-la — James diz para Annora, que abre um pequeno sorriso para o garoto, e os dois saem do escritório.

— Voltem para o baile, pode deixar que eu cuido disso — Simon diz para Eleanor e Charlotte.

— Precisa de ajuda, Wentworth? — Walden pergunta olhando para Hixtone que fecha a cara irritado.

— Pode ficar.

Eleanor toma a mão de Charlotte na sua e as duas saem do escritório.

— O que aconteceu?

— James e um dos criados ouviram alguns gritos e quando entraram no escritório, Hixtone estava com uma das meias da senhorita Annora em uma das mãos enquanto a outra estava debaixo da saia dela. Ao que tudo indica outras pessoas também viram, devido a comoção dos gritos.

— Ah não, Eleanor, e agora?

— Pelo que entendi, ele ofereceu para se casar com ela, mas ela não quis.

— Devemos ajudá-la?

— Vamos, mesmo sendo uma humilde modista como ela diz ser, ainda é uma mulher e não merece ficar com a honra manchada.



Devido ao fato de Simon ter resolvido a questão de Hixtone e a senhorita Annora rapidamente, os convidados na festa pareciam estar alheios ao problema que acontecera na biblioteca. Sendo assim, Charlotte e Eleanor decidem evitar comentar o assunto. Logo após o jantar ser servido, Simon tomou à frente e anunciou o noivado da irmã, que sorria abertamente, feliz.

— Quando eles vão se casar? — Walden pergunta para Charlotte ao seu lado.

— Não sei ainda, Dayse está tão feliz com o noivado que acredito que tentará se casar o quanto antes.

— Pois está enganada — Dayse diz se aproximando e puxa Charlotte para um abraço.

— Vamos esperar que volte das Américas, assim pode trazer um presente muito especial para mim.

— Vão esperar? Oh, Dayse, não posso obrigá-la a esperar.

— E quem disse que está me obrigando? Sou eu que tomei a decisão de esperar. Não há motivos para apressar meu casamento, não tenho nenhum tio louco me ameaçando ou então um noivo partindo com seu

navio. — Ela ri. — Eu vou te esperar, além do mais, Annora terá seis meses para fazer um lindo vestido de noiva, o mais lindo já visto em toda Londres.

— Tenho certeza de que será lindo. Você merece.

Uma vez que o baile caminhava para o fim, os convidados que moravam longe começam a se despedir, ficando apenas os que estavam hospedados na mansão. Disposto a encerrar o dia agitado, Walden toma a mão de Charlotte e sobem para o quarto para descansar, no dia seguinte partiriam para Londres para os últimos detalhes antes da viagem.



Observando a paisagem passar, Charlotte não consegue evitar um sorriso, o caminho que fizera alguns dias atrás no sentido contrário a levava para o interior fugindo das fofocas dos salões de baile, agora retornava como uma mulher casada e viscondessa de Culbert.

— Está feliz? — Walden pergunta a observando.

— Estou pensando em como a vida é engraçada, fugi de Londres porque era uma solteirona e retorno como uma mulher casada.

— E muito bem casada com um homem encantador — ele brinca fazendo-a rir. — Vamos direto para a minha casa, devo lembrá-la de que é uma casa de solteiro, então não tem todos os confortos que está acostumada na casa do duque.

— Ficaremos poucos dias, então tenho certeza de que será maravilhosa. Quando partimos?

— Em três ou quatro dias, tudo depende da mercadoria que vamos levar. Se Augustina estiver pronta partimos logo.

— E por que dependemos de Augustina estar pronta?

— Com ciúmes, minha esposa? — Walden ri.

— Só queria saber por que essa mulher é tão importante para a nossa viagem.

— Porque Augustina não é uma mulher, é o nome do meu navio.

— Ah! — Charlotte volta a olhar para a janela sem graça e Walden a puxa para perto.

— Vamos providenciar o envio de suas coisas diretamente para o navio. Não se esqueça de ir até a modista e pegar as roupas quentes que ela mencionou.

— Annora estava voltando com Eleanor para Londres hoje, amanhã cedo irei até a loja para providenciar tudo. Tenho algumas roupas que fiz para essa temporada que também posso levar.

— Deixe algumas coisas em nossa casa, assim quando voltarmos para Londres não precisa trazer muita coisa. Eu mesmo faço isso, tenho roupas aqui e na nossa casa nas Américas.

— Temos uma casa lá?

— Temos, perto da praia, você vai adorar.

— Confesso que estou com medo da viagem, mas ao mesmo tempo estou ansiosa.

— Não precisa se preocupar, tenho certeza de que se adaptará fácil a vida em alto-mar.

No dia seguinte, após terem jantado apenas os dois como um casal pela primeira vez, Charlotte sai com Walden para ir até a loja de Annora.

— Lady Osborne, como está? — Annora pergunta assim que ela entra na loja. — Já separei algumas coisas que tenho certeza de que vai querer dar uma olhada.

— Escolha tudo o que quiser, meu amor, vou pedir para que um dos homens do navio venha buscar os baús. A conta deve ser encaminhada diretamente para o meu escritório.

— Obrigada.

— Vou até a loja do Aiden para pegar a lista de mercadoria que ele quer que enviemos para ele, se terminar aqui antes de mim, me encontre na loja.

— Está bem. — Assim que Walden sai da loja, Charlotte olha para Annora, que coloca alguns vestidos sobre o balcão. — Como está?

— Estou bem. — Annora sorri.

— Me refiro ao que aconteceu no baile com o duque.

— Não aconteceu nada. Foi apenas um mal-entendido.

— Então não vai se casar com ele?

— Sou uma modista, alguém sem título, sem dinheiro. Por que me casaria com um duque? Apenas para que as pessoas me tratem como uma duquesa?

— Ou para deixar de trabalhar.

— Eu amo trabalhar, fazer vestidos é minha paixão. Não vejo por que eu deva me casar com ele.

— Nem mesmo para limpar a sua honra?

— Não há o que ser limpo. Ele quer se casar porque acha que é o certo. Mas sabemos a verdade, ele será a piada da temporada se ele se casar com uma modista, eu serei apontada nos salões de baile, salões esses onde as damas desfilam com os meus vestidos. Não, Lady Osborne, não vou me casar com ele.

— Mesmo que eu esteja indo para longe, Annora, saiba que tem em mim e em minha irmã duas grandes amigas. Se precisar de alguma coisa pode sempre contar conosco.

— Eu sei, obrigada. Mas estou bem, não se preocupe, agora vamos escolher os vestidos, roupas íntimas, e uma capa quente para levar. Meu nome de modista vai cruzar o oceano e será conhecido nas Américas —

Annora diz saltitando. — Nunca imaginei que faria roupas para mulheres tão importantes, o que dirá ficar conhecida em outros países.

— Se depender de mim será muito conhecida. — Charlotte a abraça e as duas rapidamente começam a separar as roupas que ela levaria para a viagem.



Augustina era impressionante, Walden explicara a ela que depois que fizeram dinheiro com os transportes, encomendaram a fabricação de dois navios grandes, um ficava com ele e outro com seu sócio. Além do compartimento de carga que ficava no último andar do navio, tinha o compartimento de dormitórios e cozinha, sendo que no andar do convés ficava seu quarto e era ali que ela passaria os próximos dias em alto-mar.

Enquanto os homens de Walden carregavam as últimas coisas para dentro do navio, Charlotte esperava ao lado de sua família, que tinha vindo se despedir.

— Na próxima vez irei junto — James promete para Charlotte com os olhos brilhando enquanto admirava o navio, assim que o garoto chegara Walden pediu para um dos seus homens mostrar tudo para ele.

— Não se preocupe, vou roubá-lo de Eleanor na próxima vez.

— Isso se não estiver ocupado com a escola — Eleanor diz e James olha para ela sem acreditar. — Simon e eu conversamos, você vai para a escola assim que começarem as aulas. Está na hora de confiar que você pode se virar sozinho.

— Obrigado, Eleanor. — James abraça a cintura de Eleanor, que lhe faz um carinho.

— Não esqueça de me enviar carta todos os dias contando suas aventuras na escola — Charlotte pede e retira um caderno de sua bolsa. — Walden me deu esse caderno de presente ontem, ele disse que eu devo usar como um diário contando tudo o que eu vi e vivi em alto-mar. Assim que chegarmos na América, eu o enviarei para você.

— Se quiser pode fazer o mesmo James, escrever um diário contando suas aventuras e enviar para Charlotte, o que acha? — Simon pergunta e o garoto concorda rapidamente.

— Promete que vai manter contato? — Eleanor pergunta abraçando a irmã.

— É claro que sim, Walden escreveu o endereço de onde vamos morar. — Ela entrega o papel para a irmã. — Mas ele disse que podem sempre deixar as cartas aqui no escritório da empresa e eles enviarão pelos navios. Assim não precisamos depender dos correios.

— Espero que esses seis meses passem logo, vou sentir sua falta.

— Eu também. — Charlotte abraça a irmã e puxa James para o meio delas.

— Por que as mulheres gostam tanto de chorar? — James pergunta se soltando delas e Simon ri.

— Elas são sentimentais, James, enquanto você não for o causador das lágrimas delas está tudo bem.

— Charlotte, eu já ia esquecendo, tenho um presente para você. Eu pedi para a Kahty fazer para mim. — James entrega um pequeno quadrado embrulhado e Charlotte abre curiosa, era um pequeno porta-retratos com o retrato dos pais deles. — Ela pintou na semana que passou. Assim você pode levar a imagem deles com você.

— Obrigada, James, é o melhor presente que eu já ganhei em toda a minha vida. — Charlotte abraça seu irmão tentando segurar as lágrimas.

— Lady Osborne. — Charlotte se afasta do irmão ao ouvir seu novo nome de casada e sorri para Annora, que se aproxima rapidamente. — Achei que não conseguiria chegar a tempo, fiz um presente de casamento para a senhora. — Ela lhe entrega uma caixa. — Abra-o quando estiver sozinha.

— Obrigada, é muito gentil de sua parte — Charlotte diz e olha curiosamente para o duque de Hixtone atrás de Annora. — Veio com ele?

— Esse homem estúpido veio até a loja quando eu estava saindo e decidi me acompanhar até aqui. — Annora revira os olhos.

— Talvez ele realmente esteja determinado a se casar com a senhorita.

— O problema é que eu estou tão determinada quanto ele a não me casar. Se ele fosse alguém do meu nível social poderia até ser.

— Não quer ser uma duquesa? — Charlotte pergunta baixinho para a amiga.

— Não, diferente das outras mulheres que entram todos os dias na minha loja, não almejo uma posição social, só quero viver em paz, ter um teto sobre a minha cabeça e poder me sustentar.

— Ter um pouco de conforto e aproveitar a mordomia que ele pode proporcionar não faria mal.

— Pelo contrário, minha vida estaria em risco — Annora diz e Charlotte percebe a dor que passa pelos olhos da amiga.

— O que quer dizer?

— Nada, não se preocupe comigo, eu estou bem. Se não encontrar alguém que faça seus vestidos me avise, posso sempre enviá-los para você.

— Mas é claro que fará isso, não se livrará de mim, Annora. — Charlotte abraça a modista e entrega a caixa para um dos homens de Walden, que passa por ela.

— Pronto, Charlotte? — Walden pergunta descendo do navio.

— Sim. — Ela abraça os irmãos novamente e se agarra a Simon. — Cuide dos meus irmãos.

— Eu vou cuidar, não se preocupe. E lembre-se, pode sempre voltar para casa se quiser. Estaremos de braços abertos.

— Obrigada.

— Lembre-se, Osborne, comida de tubarão — James diz balançando um dedo.

— Não vou me esquecer, Greenwood.

Walden se despede de todos e ajuda Charlotte a entrar no navio, ela se apoia na amurada e acena para sua família conforme o navio começa a se afastar.

— Prometo que será muito feliz, Charlotte. — Walden a abraça por trás. — Sei que não poderei impedir que sinta falta da sua família, mas farei de tudo para que seja feliz.

— Obrigada. — Charlotte segura as mãos dele.

Os dois ficam ali até que não podem mais ver o cais. Uma vez que os homens andavam de um lado para o outro enquanto arrumavam as velas para a viagem, Charlotte vai para a sua cabine e se senta à mesa de Walden abrindo o caderno onde contaria como foi a sua viagem.

“Querido James,

A parte mais difícil da viagem foi dizer tchau para vocês, não me preocupo com o que virá a seguir nesse longo caminho que teremos até as

Américas, ou o que encontrarei lá. Sei que será uma grande aventura, e se virar as próximas páginas, poderá se aventurar comigo.

Com amor de sua irmã, Charlotte”.

Epílogo

Seis meses depois...

Charlotte observa o cais de Londres se aproximando aos poucos enquanto Augustina termina a sua viagem. Seis meses se passaram desde que fizera a viagem inversa se jogando em uma aventura que não imaginava que teria.

Os dias em alto-mar foram emocionantes, tivera algum enjoo até que se acostumasse com o balanço do navio, seus dias eram alternados entre se sentar e escrever no diário para James, sair para tomar sol no convés, conversar com os homens e, à noite, Walden se sentava com ela e ficavam a sós. Foram os dias em alto-mar que fizeram com que conhecesse seu marido melhor, conversaram sobre as infâncias que tiveram, os problemas que ela enfrentou após a morte dos pais, o alívio quando Eleanor se casou.

Quando chegaram no seu destino tudo era novo e estranho, foram necessários alguns dias para se acostumar com a nova vida, mas com o tempo tudo passou a ser normal para ela. Walden a levava para o escritório da empresa onde ela o ajudava alguns dias, fizera amizade com as mulheres dos empregados da transportadora. Ali ela se sentia aceita,

ninguém a julgava por uma posição social ou por ser fora dos padrões da sociedade. Charlotte nunca fora tão feliz em sua vida quanto naqueles meses.

O único problema é que sentia falta de seus irmãos, a saudade era enorme, mesmo que praticamente toda semana chegassem cartas deles, não via a hora de abraçá-los.

— Estamos chegando, senhora — Brian, um dos marinheiros, diz com um sorriso apontando para o cais. Todos no navio a respeitavam, no início a trataram com desconfiança, achavam que ela seria esnobe, mas depois que ela passara mal e vomitara na frente de todos e fizera uma piada com o seu próprio mal-estar, quebrara o gelo e conseguira fazer amizades.

— Não vejo a hora de descer do navio.

— Ainda está enjoada?

— Mais do que a primeira vez.

— É normal. — Brian dá de ombros.

Charlotte sorri para o jeito dele e volta a olhar para o cais que estava ainda mais perto. Estava diferente ao voltar para casa, mais madura, confiante e principalmente estava grávida, a pequena barriga redonda de cinco meses deixava claro que um pequeno ser crescia ali. Segundo Walden, ele não se importava se seria um menino ou uma menina, independente do que fosse seria o herdeiro dele e assumiria os negócios da família um dia.

Charlotte jamais esqueceria quando ele a levou até o cais e mostrou um navio novo com o nome dela; era, segundo ele, um investimento feito por Simon com o dote dela, o navio era dela e todo o dinheiro dos transportes dele seriam depositados em uma conta. Ela poderia decidir o que fazer com o dinheiro.

Era dona de um navio, mesmo que não viajasse com ele era ela quem decidia tudo o que se referia a ele, Walden a ajudou no início, mas quando pegou o jeito passou a cuidar sozinha dos negócios. Agora não tinha mais vergonha de gastar o dinheiro do marido, mesmo que ele a incentivasse. Quando finalmente pôde comprar algo com o próprio dinheiro conheceu o que era liberdade e adorava esse sentimento.

Quando o navio finalmente atraca no porto, Walden a ajuda a descer a rampa, seu nome é gritado sobre todo o barulho que ferve no cais, ela sorri para James, que corre até ela se jogando em seus braços.

— Finalmente está em casa.

— Sentiu a minha falta?

— Muito, mas eu não chorei, porque eu sou um cavalheiro, um conde e homens não choram — ele diz ao mesmo tempo que passa a manga do casaco no rosto para limpar algumas lágrimas que escorrem.

— Você cresceu.

— Tenho feito alguns exercícios que o médico passou, Simon conheceu um médico com um tratamento novo, ele diz que eu devo me exercitar bastante para fortalecer os meus músculos, logo estarei tão grande quanto meus cunhados.

— Não tenho dúvidas disso. — Walden bagunça o cabelo de James.

— Oi, Charlotte. — Eleanor se aproxima e abraça a irmã. — Você está grávida?

— Walden se empenhou bastante para conseguir isso — Charlotte diz no ouvido de Eleanor, que dá risada.

— Não tenho dúvidas. Vamos? Tenho certeza de que está cansada.

— Pode ir, meu amor, vou cuidar do desembarque das mercadorias e depois a encontro. Prometo que não vou demorar.

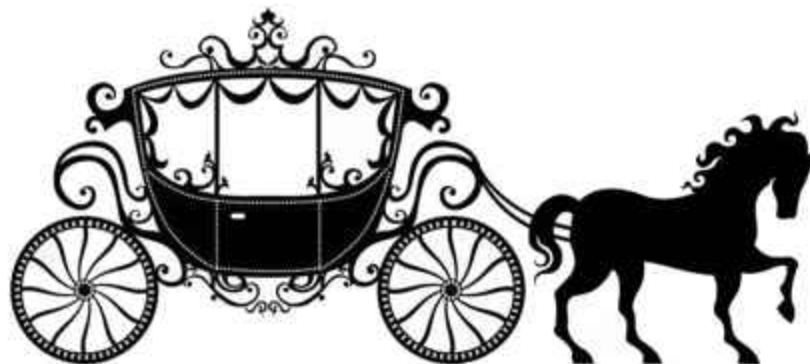
— Está bem. — Walden puxa Charlotte para um beijo na frente de todos e ela se rende a ele.

Uma coisa que ela aprendeu rapidamente é que Walden não tinha vergonha de beijá-la ou demonstrar o seu afeto por ela na frente das pessoas. Ele não tinha vergonha de sua esposa por ser curvilínea ou um pouco acima do peso. Ele demonstrara a cada momento o quanto a amava e ela não poderia ser mais feliz do que isso.

Um dia ela estava sem rumo após sua carruagem ser roubada, quando Walden entrara na sua vida roubando um beijo, achou que o dia não poderia ficar pior, mas agora depois de todo esse tempo, não poderia ser mais grata por ele a ter resgatado de si mesma. Ela era uma mulher confiante, que amava o próprio corpo e era imensamente feliz com tudo o que conquistara.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A PRINCESA FUGITIVA



A PRINCESA FUGITIVA

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 5

Prólogo

Annora Bower sempre soube que sua vida não era igual a das outras mulheres, ainda quando pequena aprendeu que se esconder era o ideal, não permitir que as outras pessoas notassem a sua presença ou soubessem onde ela estava. Tudo porque era uma filha bastarda. O problema era que seu pai não era um homem comum ou um nobre qualquer, ele era um rei, e por ser sua primogênita poderia reivindicar o trono caso quisesse.

Mesmo não se casando com sua mãe, ele a reconheceu como filha, tornando-a assim sua herdeira. Por alguns anos fora criada perto do palácio, sua mãe trabalhava todos os dias costurando vestidos para vender, o que fez com que Annora ganhasse gosto pela costura. A melhor parte do seu dia era quando se sentava com sua mãe para cortar algum tecido e dar forma a um lindo vestido.

Sua vida era tranquila, mesmo que algumas vezes fosse levada para o palácio para aprender outras línguas, como se comportar na corte, história ou qualquer outro assunto que seus professores achassem que fosse necessário para que um dia ela governasse.

Como até então era a única filha do rei, seria ela sua herdeira. Aos quinze anos, Annora viu sua mãe falecer de uma grave doença, após

enterrá-la o pai a levou para o palácio para viver com ele.

Infelizmente, ele fora obrigado pelo antigo rei a se casar, desse relacionamento uma menina nasceu. A rainha decidiu que a presença de Annora no palácio era um risco para sua filha, e enquanto ela vivesse poderia sempre tomar o trono de sua filha. Então, ela passou a tramar a morte de Annora, que, sem alternativa, precisou fugir.

O único lugar que conseguia pensar era na cidade de Londres, a cidade de sua mãe. E com o pouco de dinheiro que tinha guardado conseguiu alugar uma casa, onde na frente abriu sua loja de costura e morava nos fundos em um pequeno quarto.

Aos poucos, Annora foi ganhando clientela e conseguia se sustentar, não passava mais fome tendo que racionar comida ou carvão para se aquecer, mas era muito melhor do que estar enterrada em algum lugar.

Quando Eleanor Halsey entrou em sua vida, as coisas começaram a mudar, antes as roupas que fazia para mulheres simples ou de famílias não tão nobres, agora davam lugar para roupas mais requintadas, vestia uma duquesa, condessas e toda a nobreza.

Seu dinheiro, que antes era tão escasso, agora lhe conferia algum conforto lhe dando até mesmo o luxo de comprar alguns doces mais chiques para comer, ou frequentar a loja Lavelly's. Seu destino parecia ter mudado, a sorte parecia finalmente sorrir para ela. Só poderia agora cruzar os dedos e torcer para que ninguém a descobrisse e seu paradeiro chegasse até a corte de seu pai.

Annora Bower não era seu nome de verdade, registrada com o nome do seu pai sabia que jamais poderia usá-lo novamente. A rainha, esposa de seu pai, não poderia descobrir onde ela estava, ou sua cabeça estaria a prêmio.



Quando Eleanor, a duquesa de Wentworth, solicitou que Annora fosse para a casa de campo dela levando alguns vestidos, prontamente aceitou, devia muito a duquesa, a quem considerava como uma amiga. Quando um ano atrás, ela entrou em sua loja encomendando diversos vestidos para ela e a irmã, achou que a jovem deveria estar louca, já que haviam modistas famosas em Londres. Devia muito a Eleanor, porque graças a ela conseguiu uma grande clientela e seus vestidos passaram a ser cobiçados na alta temporada.

Somente por esse motivo estava ali na casa de campo do duque de Wentworth, do contrário muito provavelmente estaria em seu quarto lendo algum livro ou então desenhando outros vestidos.

No grande salão da mansão, a música ressoava enquanto os casais dançavam, alguns grupos se separaram aproveitando as bebidas servidas ou os balcões para admirar a noite. Para Annora não havia onde ficar, ali estavam diversos nobres e ela era uma humilde modista.

Abandonando o salão, procura um lugar para descansar um pouco de toda a agitação, o lugar perfeito que encontra é o escritório do duque, ela fecha a porta e se senta no sofá com um suspiro. Sabia que a vida dela

seria outra se todos soubessem que era uma princesa, que um dia poderia herdar o trono se não fosse sua madrasta maluca a perseguindo e querendo a sua morte.

Muito provavelmente estaria casada ou com um ou vários pretendentes a perseguindo, mas se esconder era necessário. Ainda estava vivo em sua memória quando a atual rainha foi para cima dela com toda fúria estampada em seu rosto. Annora acreditava que a rainha provavelmente inventara que ela estava morta nesse momento, já que ninguém sabia de seu paradeiro, o que era bom, mas se soubessem que estava viva ou a encontrassem ela estaria em risco. Por isso adotara outro nome, se escondera em Londres e estava trabalhando com a única coisa que sabia fazer.

Ser amiga de uma duquesa era arriscado justamente por motivos como o baile que ela estava agora, alguém conhecido em comum poderia encontrá-la, por isso ficar no escritório era a melhor solução.

Enquanto pensava na sua vida de fugitiva, a porta do escritório se abre e o duque de Hinxtone entra fechando a porta atrás dele completamente alheio que ela estava ali.

— Algum problema, milorde? — Annora pergunta se levantando e ele se assusta. — Me desculpe.

— Imagine, eu estava procurando um pouco de sossego, não vi a senhorita aqui.

— Vou deixá-lo a sós — Annora diz, mas ele levanta uma mão a parando.

— Se estava aqui sozinha é porque também queria um pouco de paz, estou certo?

— Não estou acostumada com bailes, é o primeiro em que eu venho.

— Não deveria estar dançando então?

— Sou uma modista que tem sorte de ser amiga da duquesa, não sou ninguém.

— A senhorita não é ninguém, a senhorita é... — Ele para de falar e dá uma risada. — Qual o seu nome?

— Annora Bower.

— Sou Tobiah Burbidge, duque de Hinxtone.

— É um prazer, Vossa Graça. — Annora se inclina levemente fazendo uma reverência.

— Lady Bower...

— Ah não, não sou uma lady. Sou a modista da duquesa. Não tenho sangue nobre — Annora diz rapidamente. A mesma mentira fora contada tantas vezes que nem gaguejava mais.

— Lady ou não, é uma mulher jovem, bonita e que deveria estar dançando. Já que sou o único homem nessa sala, o que acha de dançar comigo?

— O senhor não precisa se dar ao trabalho.

— Não é trabalho algum, toda moça deve dançar em seu primeiro baile.

Tobiah se aproxima com a mão estendida e Annora a pega timidamente, ao fundo a música da quadrilha muda para uma valsa e ele sorri a puxando para perto. Os dois rodam lentamente no centro do escritório. A mão de Tobiah na cintura de Annora é quente e firme a mantendo colada a ele.

Para Annora seria uma noite que jamais esqueceria, estava dançando com um homem muito bonito, um duque. Seria assim a sua vida se contasse a todos quem ela era. Por apenas um momento, uma dança, Annora deixava de ser uma plebeia e se sentia como a princesa que realmente era.

Praticamente se perdendo na dança, não percebe que algo começa a subir por sua perna, a princípio parece que sua pele está coçando, mas logo a presença de algum bicho é notada.

— Argh! — Annora grita se soltando de Tobiah e começa a bater as saias.

— O que houve?

— Tem alguma coisa subindo por minha perna — ela continua gritando, nunca fora dada a chiliques, mas sentir um bicho subindo por sua perna a fazia perder a compostura.

— Tem certeza? — Tobiah pergunta sem acreditar enquanto se debate.

— Claro que tenho certeza, argh! — Annora se agita tanto que acaba caindo no sofá agitando as pernas.

Ao notar a pequena criatura agarrada à meia de Annora, Tobiah segura sua perna e puxa a meia com bicho e tudo. Enquanto ainda estava segurando sua perna em uma posição totalmente constrangedora, a porta do escritório se abre. James, o cunhado do duque de Wentworth, entra com alguns criados e todos param olhando a cena.

Tobiah sabia que era totalmente recriminador o que ele estava fazendo naquela hora, segurando em uma das mãos uma meia branca e na outra a perna desnuda de Annora, que estava com as saias caídas em volta da cintura, deitada no sofá.

— O que está acontecendo aqui? — James grita e empurra Tobiah, afastando-o de Annora.

— Ela tinha um bicho na perna.

— Um bicho? — James pergunta cruzando os braços. — Não acredito.

Annora, atrás do menino, se levanta arrumando as saias.

— Pergunte a ela, ela pode confirmar.

— Ela não vai confirmar a sua versão, porque você a estava atacando. Eu te desafio para um duelo.

— Duelo? — Tobiah pergunta levantando uma sobrancelha enquanto encara o menino de doze anos à sua frente. — Sou muito maior que você.

— Não me importo, a senhorita Annora é uma amiga e o senhor a estava machucando.

— O que está acontecendo aqui? — Simon, o duque de Wentworth, entra no escritório acompanhado de sua esposa, que vai até Annora.

— Seu cunhado está me desafiando para um duelo.

— Ele estava atacando a senhorita Annora. Olha a meia na mão dele, ele a arrancou da perna dela.

— Hinxton? — Simon pergunta olhando para a meia.

Tobiah sabia que não haveria outra forma, eles foram pegos em uma atitude comprometedor, e não conseguiria escapar. Estava ali escondido, fugindo de sua madrasta que queria casá-lo com sua filha do primeiro casamento e agora se comprometeria com uma modista.

— Não aconteceu nada — Annora diz baixinho.

— Ele a atacou? Pode contar, Annora — Eleanor diz e Annora balança a cabeça, negando.

— Está tudo bem.

— Não está tudo bem, fomos pegos, devemos nos casar.

— Não aconteceu nada! — Annora grita olhando para ele.

— Não vou fugir das minhas responsabilidades.

— Vamos nos acalmar, por favor — Simon tenta tranquilizar a todos, mas Annora continua agitada.

— Não sou ninguém, Vossa Graça, sou apenas uma humilde modista que teve a sorte de ser convidada para esse baile, não precisa usar seu

título ou todo o seu dinheiro para consertar algo que não aconteceu — diz para Tobiah.

— Fomos pegos, senhorita, e sua honra está manchada.

— Uma simples modista não precisa se preocupar com questões como honra. Siga em paz, Vossa Graça. — Annora tenta sair do escritório, mas Tobiah avança para segurá-la sendo impedido por James.

— Ela disse que não quer nada com você — James diz entre os dois. — Deixe a senhorita Annora em paz.

— Espere, senhorita. — Tobiah tenta se aproximar novamente.

— Quer me enfrentar? — James pergunta levantando os pequenos punhos.

— Você é apenas um fedelho.

— Eu sou o conde de Greenwood, e você está fazendo a amiga das minhas irmãs chorar. Então vai me enfrentar.

— Hinxtone, deixe a senhorita Annora ir — Simon pede e coloca uma mão sobre a cabeça de James. — A acompanha até o quarto?

— Claro, eu vou protegê-la — James diz para Annora, que abre um pequeno sorriso para o garoto e os dois saem do escritório.

James a leva para uma escada nos fundos da casa, ela só pode supor que é uma forma de que ninguém a veja naquela situação; quando finalmente chegam à porta do seu quarto, ele solta um suspiro.

— Sou apenas um menino, todo mundo fala isso, mas sou um conde também e se a senhorita quiser eu posso protegê-la.

— Obrigada, James, realmente agradeço de coração. É a primeira vez que alguém me defende assim.

— Se precisar da minha ajuda é só falar, senhorita Annora. Eu vou protegê-la.

— Obrigada, agora por que não volta para a festa?

— Vai ficar bem?

— Vou sim, obrigada.

James olha-a por um tempo e vai para as escadas novamente. Annora entra em seu quarto e tranca a porta, não quer ver ninguém mais àquela noite. Está cansada, e principalmente agitada dos últimos acontecimentos. Assim que foram pegos, mesmo que por uma simples confusão, como um bicho que subia por suas pernas, ela sabia que provavelmente iriam obrigá-la a se casar com o duque para limpar uma honra que não precisava ser limpa.

Um dos principais motivos para ficar longe dele era o fato de que, se eles se casassem, todos saberiam sobre ela, ela passaria a frequentar os mesmos salões em que nobres e embaixadores frequentavam, e isso faria com que fosse descoberta.

Casar com o duque de Hinxtone não era uma opção, agora só poderia torcer para que o escândalo não chegasse a Londres e com isso ela perdesse algumas clientes.



Para a sorte de Annora, no dia seguinte Eleanor e sua família voltariam para Londres, e era tudo o que ela mais desejava, ir para sua casa e se afastar do duque de Hinxtone. Se ele fosse cavalheiro como o duque de Wentworth, faria de tudo para se casar com ela, o que era a última coisa que queria.

Depois de arrumar sua pequena mala de bagagem e o baú com os vestidos que trouxera, Annora observa os criados descerem com tudo para colocar na carruagem, ela confere uma última vez se não esqueceu nada e sai do quarto.

— Bom dia, senhorita Annora — James diz se inclinando para ela. — Vim para acompanhá-la até a carruagem, assim não precisa falar com pessoas indesejadas.

— Muito obrigada, milorde. — Ela sorri e pega a mão dele. — Você é um verdadeiro cavalheiro, quando tiver idade suficiente vai arrancar muitos suspiros nos salões.

— Só tem uma pessoa de quem eu quero tirar suspiros, mas eu acho que ela não me vê assim.

— É ela quem sai perdendo — Annora diz.

James a acompanha até a carruagem, onde Eleanor e o filho já estão sentados; com a ajuda dele, ela entra e se senta no banco em frente à duquesa.

— Como está essa manhã?

— Estou bem, nada que uma boa noite de sono não recupere. Eu posso ir em outra carruagem, se quiserem.

— Imagine, Annora, não há por que ir com os criados, você é minha amiga, tanto eu quanto Simon fazemos questão que venha conosco.

— Obrigada.

— Ansiosa para voltar?

— Muito, quero ver como está a loja, tenho uma moça que cuida de tudo e vende alguns vestidos para mim, mas não é a mesma coisa.

— Segundo o cocheiro, o dia está bom para viajar, não teremos nenhum problema no caminho.

Não demora muito para James e Simon se juntarem a elas, com um pequeno solavanco a carruagem começa a se movimentar para voltar a Londres.

Durante o caminho, Annora se surpreendeu com o fato do duque conversar tanto com ela, sempre imaginou que ele fosse um homem mais reservado, mas era completamente o oposto, ele perguntou sobre a loja, como andavam os negócios e até mesmo dera algumas sugestões como ela poderia cuidar da parte financeira.

Logo após o almoço em uma estalagem, James acaba adormecendo com a cabeça em seu colo.

— Ele está determinado a protegê-la — Eleanor diz olhando para o irmão.

— Nunca tive alguém que me defendesse dessa forma. Ele foi o primeiro.

— Não tem família? — Simon pergunta e Annora respira fundo.

— Tinha apenas minha mãe, ela ficou muito doente e faleceu alguns anos atrás, foi com ela que aprendi a costurar.

— Tenho certeza de que ela teria muito orgulho da sua loja e por ter se tornado uma modista de grande renome.

— Graças à senhora, se não fosse a duquesa entrar em minha loja e encomendar diversos vestidos não seria reconhecida em Londres.

— Você tem muito talento, Annora.

Um pouco depois do sol se pôr, a carruagem do duque para em frente à loja, Annora imaginara que eles seriam os primeiros a descerem e que depois um criado a levaria, mas o casal fizera questão de acompanhá-la até em casa. Annora abre a porta de sua loja para que um dos criados coloque seu baú e sua mala.

— Obrigada pelo convite para o baile — Annora agradece Eleanor.

— Foi o primeiro que eu fui em toda a minha vida.

— Só sinto muito com o que aconteceu nele.

— Não se preocupe, Vossa Graça. Estou bem.

— Tenha uma boa-noite, senhorita Bower. — Simon faz uma medida para ela. — Vamos esperar que entre e tranque a porta.

Se despedindo deles, Annora entra na loja e tranca a porta garantindo que ninguém poderia entrar por ali. Deixando o baú onde estava, já que poderia cuidar dele no dia seguinte, ela pega sua mala e vai para os fundos da loja. A pouca claridade da rua e o fato de que conhecia aquele lugar como a palma da sua mão, permitiram que ela atravessasse até o seu quarto nos fundos.

Abrindo a porta de acesso para seu quarto Annora procura a vela que deixava sobre a cômoda para iluminar seu quarto, aos poucos a claridade vai aumentando conforme acende cada uma das velas do recinto.

O quarto não era em nada parecido com o que ficara na casa do duque. Em uma das paredes havia uma cama de casal simples sem dosséis ou cortinas, com um pequeno criado-mudo ao lado, uma poltrona em frente a uma pequena lareira que ela acende para esquentar o recinto e um balde de água para tomar um banho.

Annora não tinha criadas para fazer as coisas por ela, por isso quem carregava os baldes cheios de água, enchia e esvaziava a banheira, limpava tudo era ela. Uma vez que a água está praticamente na temperatura certa, ela retira seu vestido o colocando em uma cesta de roupas que teria que lavar muito em breve, ela abre a porta do pequeno banheiro.

Não era nada glamoroso, mas atendia suas necessidades, ela joga a água na banheira temperando com um balde de água fria e entra para tomar seu banho. Era nessas poucas vezes que se lembrava da vida que tivera por algum tempo no palácio após a morte de sua mãe.

Criadas a ajudavam a se banhar, a se vestir, penteavam seus cabelos, lhes traziam suas refeições, foi tratada como uma princesa por algum tempo, até que a rainha começasse a demonstrar toda a sua raiva.

Uma vez que a água começa a esfriar, ela se levanta e rapidamente se enxuga colocando uma camisola branca de rendas. Quando começara a costurar, suas camisolas eram feitas de materiais mais simples, preferia economizar do que gastar consigo mesma. Quando o dinheiro passou a entrar em maior quantidade se permitiu a dar o luxo de comprar um tecido leve e algumas rendas para fazer uma camisola para si.

Adorava a sensação da seda leve de encontro ao seu corpo, o busto justo marcando sua cintura. Nada comparado com as camisolas folgadas que as senhoras normalmente usavam para dormir, porque até mesmo ao dormir tinham que ser recatadas. Annora fizera um decote e alças finas,

em um dos lados uma fenda que ia até o seu joelho para dar maior mobilidade ao usar.

Após jogar mais algumas toras no fogo para manter o calor durante a noite, ela coloca um roupão e vai até a sua cozinha, o único outro ambiente que ela possuía para si, o restante era tudo da loja. Pegando alguns biscoitos que preparara antes da viagem e um copo de leite, ela volta à frente da lareira onde se senta para comer.

Teria a noite toda para si mesma, sua cabeça insistia em voltar a reviver a cena no escritório do duque. Dançar com o duque de Hinxtone a deixara em êxtase, nunca nenhum homem a convidara para dançar, ainda mais uma valsa. O seu corpo junto ao dele parecia despertar de anos de sonolência, até mesmo o toque em sua perna quando tentava ajudá-la com o bicho que subia, mesmo que até o momento não tivesse noção de qual animal era.

O duque Hinxtone era muito bonito, alto, com um sorriso encantador, mas era um nobre e não um nobre qualquer, um duque, alguém respeitado na alta sociedade, alguém com quem ela se envolvesse logo teria seu nome em todos os salões de baile. Salões esses que se passasse a frequentar poderia esbarrar em algum diplomata de seu pai e seria reconhecida.

Dançar com o duque teria que ser suficiente para manter as suas fantasias, porque ter algo a mais com ele seria impossível, não era só o seu coração que estaria em risco, mas sua cabeça também.



Tobiah sempre soube que um dia iria herdar o título do pai e todas as obrigações que vinham com ele, só não esperava que, aos vinte e oito anos de idade, fosse obrigado a realmente herdar tudo. Para ele, seu pai viveria muitos anos ainda, jamais poderia imaginar que teria um problema no coração, que o levaria tão cedo.

Além de ser obrigado a assumir o título, ficou responsável por sua madrasta Birdie e sua filha Celestia, do primeiro casamento, e sua meia-irmã mais nova Octavia. No primeiro momento, após o enterro de seu pai, Birdie o interceptara nos corredores da mansão para reclamar qual seria o destino dela como duquesa, Tobiah não conseguia sequer pensar em alguma coisa logo após a morte de seu pai, mas sua madrasta estava determinada a arrancar alguma resposta sua.

Quando tarde da noite, seu criado particular entrou em seu quarto e o acordou para informar que ouvira a criada de Birdie e Celestia conspirando para de alguma forma comprometê-lo com a jovem dama, não teve outra solução a não ser arrumar suas coisas e fugir na calada da noite. Seu único destino em mente era a casa de seu velho amigo Simon Halsey,

o duque de Wentworth, e como previra foi bem recebido por ele, que demonstrou tanta indignação quanto ele pelos planos sórdidos de Birdie.

A única coisa que não contara foi com o episódio do escritório onde sem querer acabara comprometendo uma jovem dama. Todos os criados da mansão Halsey comentavam sobre o fato de que ele e a moça em questão foram pegos em uma cena inusitada onde ele estava com uma meia dela em uma das mãos e a outra por baixo do seu vestido.

Ele que estava ali para fugir de um escândalo e de um casamento que não desejava, agora estava em apuros. O único problema é que a jovem não desejava se casar, até mesmo fugira dele na primeira oportunidade que arranjava.

Mas Tobiah não desistiria e não sabia muito bem o porquê desse sentimento, deveria estar contente por ela aceitar as consequências e sem querer se casar. Ela era apenas uma modista e deveria ficar contente porque um duque desejava se casar com ela. Mas não era o que demonstrava, Annora simplesmente fugia dele a cada momento. Quando achara que conseguiria pegá-la desprevenida, ela estava fugindo novamente com a desculpa de que tinha que ir até o porto entregar um presente para sua amiga, sua única solução foi levá-la ele mesmo. Mas durante todo o caminho ela se recusara a falar alguma coisa, e na primeira oportunidade novamente ela desapareceu.

Só o que Annora não contava era que Tobiah não era de desistir facilmente, por isso, munido de um plano no dia seguinte, ele bate à porta do ateliê dela e entra com uma Octavia sorridente.

— Vossa Graça? — Annora pergunta olhando para os fundos da loja, como se estivesse procurando uma forma de fugir.

— Como vai, senhorita Bower? Ouvi sobre os seus talentos com a costura, então soube exatamente aonde deveria ir. Minha irmã necessita de

algumas roupas de luto, as que ela possui não são exatamente as ideais. — Ele aponta para a menina ao seu lado e Annora entende rapidamente o que ele quer dizer.

A menina que não deveria ter mais do que quinze anos estava com um vestido largo na cintura, as mangas estavam grandes para o seu pequeno corpo e as barras estavam se arrastando.

— Minha criada adaptou um vestido da minha irmã para que eu use, na verdade todos os meus vestidos de luto foram adaptados — informa sem graça.

— Qual seu nome?

— Lady Octavia Burbidge.

— Não se preocupe, lady Octavia, vou providenciar alguns vestidos que se ajustarão melhor ao seu corpo.

Annora a direciona para um pequeno palanque onde a menina se posiciona, chamando por sua ajudante. Pede alguns vestidos que já estavam prontos e, enquanto a moça vai buscar, tira as medidas de Octavia.

— Sei que os vestidos de luto não foram feitos para se ficar bonita, ainda mais quando se é tão jovem como eu, mas queria me sentir bem. Meu pai me amava, então sei que ele não iria querer que eu ficasse chorando o tempo inteiro ou tão desarrumada.

— Tenho certeza de que seria a última coisa que seu pai desejaria. — Annora sorri para Octavia.

Tobiah observa a cena na frente dele enquanto se senta em uma poltrona para esperar, Annora ajudara a menina a se trocar atrás de um biombo e tranquilamente fazia alguns ajustes na barra em cada vestido. Durante todo o momento, as duas conversavam; e desde a morte de seu pai, era a primeira vez que via um sorriso novamente no rosto da irmã.

— Daqui um ano poderei usar vestidos coloridos novamente, a senhorita tem alguns muito bonitos. — Octavia aponta para a vitrine onde alguns vestidos estavam expostos.

— Obrigada. Tenho certeza de que, quando chegar a hora de sair do luto, seu irmão comprará lindos vestidos para a senhorita.

— Ele é um bom irmão, sabe — Octavia diz e Annora olha disfarçadamente para Tobiah, que estava sentado as observando. — Minha mãe diz a todo momento que ele deve se casar, porque deve gerar um herdeiro para o título. Não entendo por que toda essa pressa. Se as mulheres não podem se casar no período de luto, por que os homens podem? Não entendo essas convenções da sociedade.

— São um mistério para mim também, lady Octavia. Fico feliz em ser uma simples modista.

— Algumas vezes eu queria ser alguém sem título, sem ter que me preocupar com os meus atos, ou o que vão achar de mim.

— É a irmã de um duque, tenho certeza de que pode fazer o que quiser.

— Não quando se tem uma mãe como a minha.

Annora se levanta ao finalizar a barra e ajuda Octavia a descer.

— Bom, eu tive uma madrastra muito cruel, então posso dizer o quanto é ruim ter alguém que nos obriga a fazer algo que não queremos.

— Terminaram? — Tobiah pergunta se aproximando e Annora foge para trás do balcão.

— Tenho as medidas de Octavia, vou providenciar outros vestidos e terminar a barra dos que estão prontos, provavelmente os entregarei ainda hoje.

— Envie a conta para o meu administrador, ele providenciará o pagamento de tudo.

— É claro, Vossa Graça.

— Octavia, por que não escolhe algumas luvas também? — Tobiah aponta para uma prateleira e a menina corre até lá. — Obrigado por proporcionar alguns minutos de leveza a ela. Meu pai a mimava todos os dias, ela passou mais tempo com ele do que eu em toda a minha vida.

— Sei como é difícil perder um pai tão cedo.

— A senhorita perdeu seu pai?

— Pais na verdade, praticamente na mesma época.

— Sinto muito.

— Obrigada, deseja mais alguma coisa, milorde?

— Que a senhorita se case comigo.

— Isso não é algo que eu possa fazer, deve procurar uma dama elegível para ser sua duquesa e não uma modista com calos nos dedos.

— E se eu quiser uma modista?

— Então o senhor só pode ser considerado um louco.

— Talvez. — Tobiah sorri.

— Vamos, meu irmão?

— Vamos, Octavia. Fico no aguardo da conta para o pagamento.

— A enviarei o quanto antes. — Annora diz e vai para o caixa de onde retira um caderno para fazer as contas.

— Tenha um bom-dia, senhorita Annora.

— Bom dia, milorde.

Annora observa Tobiah sair com a irmã e rir de alguma coisa que a menina diz. Se não fosse toda a sua história, o fato de que deveria se manter escondida, ela poderia pensar em aceitar um pedido como esse para se casar. Ela não era uma estúpida, sabia as vantagens que teria ao se tornar uma duquesa, mas viver como uma modista simples era o ideal para

Annora, manter-se fora das fofocas da alta sociedade era o que a manteria viva por muitos anos.



Annora deixa sua ajudante cuidando do ateliê enquanto corre até a Lavelly's para comprar algumas coisas que precisava e para abastecer sua despensa, que estava bastante precária. Depois de fazer a encomenda de alguns tecidos e insumos, ela corre até a padaria da loja se dando ao luxo de comprar alguns pães doces.

Ao sair da loja em direção ao mercado, onde tinha intenção de comprar itens para fazer uma sopa aquela noite, por um momento ela sente vontade de dar meia volta e se esconder, se não fosse o fato de que ele não só a viu, como caminha em sua direção.

— Senhorita Bower, que coincidência — Tobiah diz gentilmente e ela sente vontade de revirar os olhos.

— Nem tanta, Vossa Graça, já que parece que o senhor está em todos os lugares que eu estou.

— Essa é uma rua pública, então não posso ser considerado culpado pela coincidência. — Ele gesticula para o saco em suas mãos. — Quer ajuda?

— Tenho certeza de que posso carregar alguns pães doces até a minha loja.

Tobiah olha por sobre o ombro dela e dá risada.

— Está indo em direção contrária à sua loja.

— Está me controlando, milorde? — Annora tenta passar por ele, mas Tobiah a segue.

— Não, apenas a estava orientando, já que está indo em outra direção.

— Preciso comprar algumas coisas para o jantar.

— Vai dar um banquete?

Dessa vez, Annora não consegue evitar o rolar de olhos e uma risada.

— Não, milorde, serei apenas eu e um prato de sopa. Não ofereço banquetes em minha casa.

— A senhorita come sempre sozinha? — Tobiah pergunta curioso enquanto ela escolhe alguns legumes. — Ninguém deveria comer sozinho.

— Sou somente eu, com o tempo você se acostuma. Na hora do almoço, minha funcionária come comigo, mas no jantar estou sempre só.

— Ela dá de ombros.

— Isso é terrível. — Tobiah pega a cesta da mão dela e caminha a seu lado enquanto ela escolhe o que vai levar.

Nunca antes Tobiah se perguntara o que seus criados ou outras pessoas que não fossem do seu nível social faziam durante as refeições. Muito era culpa da criação recebida por seu pai, já que ele estava sendo preparado para assumir o ducado um dia.

— Como eu disse, você se acostuma com o tempo. — Annora toma a cesta da mão dele e paga o vendedor, que coloca tudo em um saco, antes que ela possa pegar o saco para tentar fugir Tobiah é mais rápido.

— Talvez a senhorita deveria tentar convidar alguém para jantar, assim não faria sempre as refeições sozinha.

— Claro, então se eu convidasse algum nobre para se sentar à minha mesa e comer apenas um prato de sopa ele aceitaria?

— Já tentou alguma vez? — Tobiah pergunta diminuindo seus passos para ficar junto a ela.

— Sei que muito provavelmente se eu convidasse a duquesa de Wentworth ela viria, mas é por ser uma mulher incrível e acessível, por isso não convido ninguém. Não quero que a pessoa se sinta obrigada a ir apenas para não fazer uma desfeita.

— Eu iria sem problema algum. — Tobiah dá de ombros.

— Claro, o senhor dispensaria um jantar com oito ou dez pratos em um baile importante para comer com uma modista em uma humilde cozinha? — Ela ri. — Está se esquecendo de quem é o senhor?

— Eu sou Tobiah antes de qualquer coisa.

— O senhor é um duque, e não deveria estar andando ao lado de alguém tão simples quanto eu.

— Por que a senhorita gosta tanto de se desmerecer? Ser uma modista não é um defeito ou uma vergonha.

— E se eu fosse uma duquesa poderia manter a minha profissão? — Ela para em frente à porta da sua loja. — Sabemos que não, Vossa Graça, uma dama jamais teria uma profissão como essa. Não gosto de me desmerecer, apenas sou honesta em relação ao que eu sou.

— Não sei se isso é verdade. Quando olho para a senhorita vejo o porte de uma dama e não de uma plebeia; vejo delicadeza quando fala, em seus gestos, como se tivesse sido preparada desde a infância para ser parte da nobreza.

— Está enganado, milorde. — Annora toma o saco das mãos de Tobiah, ele não poderia estar mais perto da verdade do que agora.

— Não vai me convidar para jantar?

— O senhor jamais viria, e se aceitasse seria somente por educação, no dia seguinte viria uma mensagem dizendo que o senhor foi chamado para algum assunto importante e por isso sentia muito.

— Por que não arrisca? — Tobiah indaga baixinho. — Não tem nada a perder.

— Está bem. — Annora abre um sorriso, que o desconcerta por um momento. — O senhor viria jantar comigo hoje?

— Adoraria, estarei aqui pontualmente às oito da noite.

— Como queira, milorde.

Annora entra em sua loja e vai para os fundos tentando disfarçar a sua reação para as clientes que estavam ali. Tobiah a afetava mais do que queria confessar, e a última coisa que queria era criar esperanças de que ele viesse jantar uma simples sopa com ela.



A sopa estava praticamente pronta quando uma batida na porta lateral da casa de Annora chama sua atenção, era uma porta pouco usada, já que ela mesma só saía por ali quando o dia estava claro, não gostava de andar pelas sombras da rua lateral a sua loja. Pegando um pedaço de madeira que deixava em sua cozinha, mais para tirar seu medo por morar sozinha do que para atacar alguém, ela vai até a porta.

— Quem está aí? — questiona com a mão na maçaneta.

— Vai me deixar esperando a noite toda aqui fora? — Tobiah pergunta e ela pode sentir um pouco de diversão na sua fala.

— O senhor veio? — Annora abre a porta incrédula.

— Eu disse que viria, não disse?

Annora se afasta um pouco para que ele entre antes que alguém o veja.

— Como sabia dessa porta?

— Imaginei que ela existe, por isso dei a volta na sua loja e não estava errado, ainda mais que vi luzes pela janela. — Tobiah olha discretamente para a pequena cozinha que estava muito bem arrumada. — O cheiro está maravilhoso.

— É apenas uma simples sopa, algo que muito provavelmente o senhor nunca comeu.

— Por favor, senhorita Annora, vamos esquecer por um momento que sou um duque. Vamos apenas nos sentar e aproveitar a refeição.

— O que pretende com isso?

— Ter um jantar amigável, o que seria a última coisa que eu teria em minha casa. Tentei me esconder na minha casa de solteiro, mas minha madrasta descobriu meu plano. Então, seu convite para jantar foi providencial.

— E por que o senhor fugiria de sua madrasta? — Annora pergunta enquanto pega duas tigelas do armário.

— Ela tem o plano sórdido de me comprometer com a filha dela. Não quer perder os privilégios de duquesa. De alguma forma, ela acredita que se a filha dela se casar comigo, ela permanecerá como duquesa.

— E o senhor não deseja se casar, correto? — Ela coloca uma tigela com sopa em frente a ele e indica uma cadeira para que se sente.

— A princípio estaria correta, realmente não desejava me casar. Mas agora que minha madrasta deseja me obrigar a casar com a sua filha do primeiro casamento, percebi que minha melhor solução é me casar com outra moça o quanto antes.

— Existem dezenas de moças elegíveis esse ano. Fiz o vestido da maioria, se quiser posso indicar as que possuem um corpo magro e perfeito para o senhor.

— E por que acredita que eu desejo uma moça magra e perfeita?

— Não é o que todos os homens desejam?

— Nem todos. — Tobiah dá uma colherada na sopa e olha para Annora, a refeição era simples, mas estava saborosa. — É a melhor sopa que já tomei em toda a minha vida.

— Obrigada. Se não deseja uma moça com um corpo perfeito, o que deseja então?

— Que a senhorita aceite meu pedido de casamento.

— Acredito que já decidimos que não sou a melhor opção. — Annora revira os olhos.

— Não, não decidimos, a senhorita decidiu sozinha. Já eu estou determinado a me casar com você.

— Jamais poderia frequentar o mesmo círculo que o senhor, frequentar bailes, visitar a rainha, coisas com os quais a nobreza está acostumada. Deveria escolher uma moça à sua altura, milorde.

— Você tem caráter, é honesta, por que não estaria à minha altura?

— Porque sou uma ninguém. — Annora se levanta e vai mexer na panela mesmo sem precisar. — Se um dia me casar, será com alguém do meu nível social e não um duque. A única coisa que poderia conseguir comigo, milorde, é que eu fosse sua amante — ela diz e fecha os olhos se arrependendo de suas palavras.

— Amante? — Tobiah diz e Annora dá um pulo ao sentir a respiração dele em sua nuca. — É isso a que vai se reduzir, Annora? Estou lhe oferecendo uma posição como minha duquesa e quer ser apenas uma simples amante?

— Não nasci para ser uma condessa ou uma duquesa. — “Nem mesmo uma amante”, Annora pensa.

Ela nascera com o destino de se tornar uma rainha, mesmo sendo uma filha fora do casamento, seu pai mudara as leis para que ela governasse um dia e, se não fosse sua madrastra, muito provavelmente se tornaria uma rainha. Mas isso não estava em seu futuro mais. Reclamar o trono seria o mesmo que sentenciar a sua morte, e se casar com Tobiah, muito provavelmente lhe daria o mesmo destino.

— Não consigo entender, Annora. — Tobiah a gira para ele e olha dentro dos seus olhos. — Qualquer mulher estaria honrada com o meu pedido de casamento.

— E eu estou, apenas não posso aceitar. O senhor é um belo homem, vai encontrar uma jovem que estará à sua altura e lhe fará feliz. Infelizmente não serei eu; como eu disse, não tenho nada a lhe oferecer.

— A não ser aquecer minha cama como minha amante?

— Sim — Annora sussurra.

Tobiah a olha por um longo tempo e, antes que ela possa se afastar, ele agarra a sua nuca e a beija. Após o susto passar, Annora passa o braço pelo pescoço dele permitindo que seu corpo se cole ao dele, as mãos fortes dele passam por seu corpo até que ele se abaixa e a levanta em seus braços.

— Onde é o seu quarto?

Annora aponta a direção e Tobiah a leva para o pequeno quarto, ele a deita na cama e vai até a lareira para jogar algumas toras para reavivar o fogo. Ao voltar para a cama, ele a encontra na mesma posição o olhando atentamente.

— Vai me tornar sua amante, milorde?

— Tobiah, me chame pelo meu nome, Annora. Desde o momento em que dancei com você naquele escritório, não consigo tirá-la da minha cabeça.

Tobiah se deita sobre ela voltando a beijá-la. Para ela, o duque apenas tinha tomado a decisão de fazê-la sua amante, mas para ele era muito mais do que isso: garantiria que ela gostasse de ficar ao seu lado; e quem sabe, no final, tivesse sorte quando a pedisse em casamento novamente. Ela estaria tão apaixonada por ele, que aceitaria.



A claridade entra pela janela acordando Annora, normalmente ela se levantava cedo para se arrumar para mais um dia de trabalho, mas por algum motivo estava cansada demais para se levantar. No momento em que alguém a abraça por trás, ela se lembra da noite anterior. Tobiah estava ali com ela, tinha tirado sua virgindade e agora eram amantes.

Ela se solta lentamente dele e corre até o seu lavabo para se limpar e se arrumar para o dia; ao voltar para o quarto, enrolada em seu robe, o encontra sentado na cama e esfregando o rosto.

— Por que fugiu de mim?

— Não fugi, apenas preciso me arrumar para o trabalho, tenho alguns vestidos para entregar hoje, e é melhor que saia antes que a rua comece a ficar movimentada.

Tobiah se levanta deixando o lençol cair, ele está completamente nu e caminha até ela, que tenta desviar o olhar.

— Eu vou deixar que trabalhe, mas volto à noite.

— Volta? — Annora pergunta incrédula.

— Claro que eu volto, temos muito o que conversar e acertar, Annora. Espere por mim.

Tobiah a beija longamente e vai se vestir. Ele voltaria à noite e, depois de demonstrar novamente o quanto eram bons juntos, conversariam sobre um arranjo perfeito para os dois. E daria mais um passo na direção que ele queria: que era Annora como sua mulher.



Ao entrar na casa onde seu pai morou praticamente a vida inteira, Tobiah se arrependeu no mesmo instante. Os criados corriam de um lugar para o outro, os gritos de Celestia eram ouvidos do hall de entrada enquanto a criada dela descia as escadas correndo.

— O que está acontecendo aqui? — Tobiah agarra o braço do mordomo que passava por ele.

— Ao que tudo indica, o vestido de lady Celestia para o baile essa noite não é o ideal.

— E por isso todos os criados estão correndo?

— Er... — O mordomo olha com medo em todas as direções.

— Quero todos de volta as suas funções. Não preciso do meu mordomo preocupado com um vestido. E se chegassem visitas? Querem que toda Londres veja a confusão que é a minha casa?

— Não, senhor.

— Ordene que todos voltem ao trabalho, a única que deve atender Celestia é a criada dela.

— Sim, Vossa Graça. — O mordomo faz uma mesura e vai avisar os outros criados das ordens de Tobiah.

Tobiah sobe as escadas de dois em dois degraus. Conforme ele se aproxima do quarto de Celestia, os gritos são ainda mais altos, alguns vestidos voam pela porta, que está aberta.

— Ela está assim há duas horas — Octavia avisa saindo de seu quarto.

— Tudo por um vestido?

— Ela disse que precisa estar impecável essa noite por sua causa. Não entendi o motivo.

Tobiah solta um suspiro e entra no quarto de Octavia fechando a porta atrás deles.

— Birdie e Celestia têm planos para que eu me case com ela.

— Mas ela é sua irmã.

— Tecnicamente não, não temos os mesmos pais, então não haveria nada que impedisse o casamento.

— Você deseja se casar com ela?

— Não. — Tobiah senta na cama da irmã e bate no colchão para que se sente ao lado dele. — Eu tenho uma moça em vista, estou tentando convencê-la a se casar comigo. Mas não conte a sua mãe.

— Não vou contar, somos irmãos e o seu segredo está seguro comigo. — Octavia sorri e Tobiah a puxa para um abraço.

— Como você pode ter mais juízo aos treze anos do que Celestia aos dezenove?

— Acho que é por causa do nosso pai. — Octavia ri. — Não vai fazer nada? Estou ficando doida com esses gritos.

— Vou ver o que eu posso fazer. — Tobiah se levanta e olha para ela. — Então o plano essa noite é para o baile?

— Sim, eu ouvi mamãe dizendo que essa noite conseguiriam. Só não sei bem o quê.

— Acho que sei o que é. Se eu pudesse a levaria para morar comigo, mas como moro sozinho não seria de bom tom.

— Então tomara que se case de uma vez, assim poderei morar com você e não com essas duas loucas.

— Vou tentar. — Tobiah pisca para ela.

— Tob? — Octavia chama e ele para entre o vão da porta. — Se precisar da minha ajuda para convencê-la, posso ser uma ótima cúmplice.

— Obrigado.

Tobiah fecha a porta do quarto da irmã e vai para o de Celestia, vestidos ainda voavam em todas as direções enquanto a moça gritava histericamente. A essa altura sua criada voltara com alguns vestidos nos braços.

— Já disse que nenhum desses serve! — Celestia grita. Birdie observa tudo sentada em uma poltrona em frente à lareira. — São todos horríveis.

— Então não se importará se eu ordenar que sua criada junte tudo para doar aos mais necessitados? — Tobiah pergunta e a agitação do quarto para na mesma hora.

— Tobiah?

— Como vai, Celestia? Acredito que não esteja bem, já que pude ouvir seus gritos da rua.

— Minha criada é uma inútil e estragou um vestido novo — Celestia reclama apontando para a moça, que olha para o chão.

— E por isso decidiu arremessar todos pelos ares? — Tobiah deixa seu olhar vagar pelo quarto. — Se não me engano são vestidos novos que meu pai pagou para essa temporada, tenho certeza de que muitos, se não todos, estão em perfeita conservação para serem usados hoje.

— Oras, querido, o que um homem entende de vestidos? — Birdie pergunta.

— Um homem entende tudo sobre um vestido na hora de tirá-los.

— Oras. — Birdie se abana com o leque. — Isso não é um tema a ser discutido na frente de damas.

— Mil desculpas — Tobiah pede sem remorso nenhum. — Encontre dentre todos esses vestidos o que mais lhe agrada, Celestia, e de uma vez por todas pare de gritar. Para sua sorte, não cheguei com algum parceiro de negócios, teria sido horrível.

— Só quero estar bonita.

— Seja bonita em silêncio, não é isso que as preceptoras e as mães dizem para as jovens que querem se casar? — Ele ri e se vira para a porta.

— Já vai? — Birdie pergunta.

— Vim apenas para saber como estão as coisas, e já vi com os meus próprios olhos, não há por que ficar aqui. Além do mais preciso me preparar para o baile essa noite.

— Por que não passa por aqui e vamos juntos? — Birdie pergunta abrindo um sorriso traiçoeiro.

— Porque minha casa fica ao lado de onde será o baile, não será necessário uma carruagem, posso ir a pé. Nos vemos no baile. — Tobiah se inclina levemente e sai do quarto de Celestia.

— Finalmente os gritos pararam — Octavia diz abrindo a porta de seu quarto e Tobiah ri.

— Se quiser fugir por alguns momentos, peça para a sua criada levá-la no ateliê da senhorita Annora, tenho certeza de que ela não vai se importar se ficar lá por algum tempo.

— Eu não posso, estou de luto, lembra? — Octavia gesticula para o vestido preto e Tobiah olha para o quarto de Celestia.

— Sua irmã e sua mãe também e nem por isso deixaram de ir em bailes com a intenção de me comprometer. Se questionarem diga que tem a minha permissão para sair. Vou deixar os criados avisados.

— Obrigada.

— Qualquer problema, Octavia, por menor que seja, pode sempre me procurar.

— Eu sei. — Octavia abraça Tobiah rapidamente e volta para o seu quarto.

Enquanto sai da mansão, Tobiah não deixava de pensar no fato de que pelas regras e convenções a madrastra e sua filha não deveriam estar em um baile em um luto tão recente, ainda mais procurando um vestido colorido para usar. Sua intenção não era de ir ao baile, mas precisava tomar uma atitude para tentar cortar de uma vez por todas os planos que estavam armando contra ele e sabia quem exatamente procurar.



— Tem alguém procurando pela senhorita lá fora — Madalena, a ajudante de Annora, avisa apontando a frente da loja.

— Lady Octavia? — Annora estranha a presença da menina, que sorri.

— Desculpa vir assim, mas Tobiah disse que, se eu quisesse fugir um pouco da loucura de casa, para que eu viesse até aqui, que a senhorita não se importaria.

— Está tudo bem na sua casa?

— Além do fato de que minha irmã e minha mãe estão enlouquecendo a todos por causa de um vestido para o baile essa noite? — Annora estranha o fato de que as duas quisessem ir a um baile. Pelas regras da sociedade por estarem em um luto recente, não deveriam ser vistas em um baile. — Posso ficar aqui? Não aguento mais os gritos das duas.

— É claro que pode ficar, se quiser pode se sentar ali, tenho alguns livros se quiser.

— Posso ajudar em alguma coisa? Sempre admirei as mulheres que conseguem costurar, meus bordados são horríveis.

— A senhorita é uma lady, não deveria ter que trabalhar, mas se quiser realmente me ajudar, poderia organizar alguns desenhos que eu fiz. Dei nome aos vestidos e pode colocá-los em ordem alfabética, o que me diz?

— Vai ser uma honra ajudar. — Octavia contorna o balcão e se senta em um banco indicado por Annora, que lhe entrega os desenhos. — Uma vez, quando eu era mais nova, desenhei um vestido; sempre imaginei que poderia um dia costurá-lo ou que alguém fizesse para mim.

— Se quiser, pode me trazer o desenho, eu costuro para a senhorita.

— Obrigada, vou fazer isso, se bem que não o poderei usar até ano que vem por causa do luto.

— Não há problema algum, eu o faço em um tamanho maior e, quando puder finalmente usá-lo, fazemos os ajustes necessários.

— Obrigada, senhorita Annora.

Enquanto Octavia arrumava os croquis dos vestidos, Annora atendia algumas clientes. Quase uma hora depois, uma das senhoras que vieram por causa de Eleanor entra na loja com a sua filha. O vestido encomendado pelas duas era caríssimo, usando apenas tecidos e rendas finas.

— Como vai, Lady Bamborough?

— Muito bem, senhorita Bower, estamos aqui por causa do vestido.

— Ele já está pronto, vou pegá-lo.

— Não precisa — Lady Bamborough a interrompe. — Não vamos ficar com ele.

— Não? — Annora volta para o balcão da loja. — Ele foi feito sob encomenda com os melhores materiais que existem, eu gastei muito dinheiro nele e a senhora não me pagou.

— Pois venda a outra pessoa. Não posso permitir que a minha filha use um vestido feito por uma mulher que se deu ao desfrute com o duque

Hinxtone em um escritório fechado.

— O que disse? — Annora tenta se segurar para não cair já que suas pernas falham.

— Ouvimos sobre o escândalo protagonizado pela senhorita na casa de campo do duque de Wentworth. Se minha filha usar seu vestido será uma piada e a fofoca do momento assim como a senhorita. Por isso não queremos mais o vestido. Passar bem.

A mulher sai da loja sem nem ao menos olhar para trás. Annora estava não só arrasada pela venda perdida que lhe daria muito dinheiro, mas também porque agora todos sabiam sobre o episódio do escritório.

— A senhorita se deu ao desfrute com o meu irmão? — Octavia pergunta assustando Annora, que olha para a menina.

— Foi tudo um engano. Seu irmão estava apenas me ajudando quando um bicho estranho subia por entre as minhas pernas. Não aconteceu nada entre nós dois.

— Tobiah é um verdadeiro cavalheiro — Octavia concorda e coloca os desenhos sobre o balcão. — Não se deixe levar por essas duas, tenho certeza de que outras não pensam como elas.

— Se pensarem, meu negócio estará arruinado. Não farei mais vestidos para as damas da sociedade e é de onde vinha a maior parte do meu dinheiro.

— Não entendo, se meu irmão foi pego em uma situação comprometedor com a senhorita, por que ele não se casou com a senhorita?

— Porque eu não quis aceitar — Annora diz. — Sou uma modista e seu irmão um duque. Não combinamos, somos de mundos diferentes.

— Se um duque quisesse se casar comigo, eu aceitaria.

— A senhorita é filha e irmã de um duque, seria completamente normal e aceitável que se casasse com um. Mas não eu, uma moça simples que trabalha para ganhar seu sustento.

— Não vejo problema nenhum em uma mulher ganhar seu próprio sustento. Se eu pudesse iria trabalhar também, sou muito boa com outras línguas, aprendo muito rápido. Tobiah diz que se eu fosse homem poderia ser um diplomata, um embaixador representando a Inglaterra. Mas como sou mulher não é aceitável e nunca me dariam essa posição.

— Se eu fosse a rainha lhe daria uma posição como embaixadora. Uma mulher no poder necessita de outras mulheres ao seu lado.

— Concordo. — Octavia sorri. — A senhorita passa o dia inteiro costurando?

— Não exatamente, algumas vezes preciso ir até a Lavelly's buscar algum tecido, renda ou botões e então a minha ajudante cuida da loja.

— Queria poder ter essa independência.

— A senhorita é nova ainda, mas tenho certeza de que, quando chegar a hora, o duque lhe apoiará em qualquer coisa.

— Talvez — Octavia concorda.

— Quer ir até a loja comigo?

— Quero! — Octavia grita animada e alisa o vestido tentando se acalmar.

Vendo a menina com um brilho nos olhos, ela acaba entendendo justamente por que Tobiah a enviou ali, ele queria dar alguns momentos de folga e alegria para a irmã.



— Tem certeza de que vai funcionar? — Simon, o duque de Wentworth, pergunta para Tobiah enquanto observam o grande salão de

baile naquela noite.

— A coisa que mais importa para Birdie e Celestia são as aparências perante a alta sociedade. Se forem questionadas em público por uma duquesa o porquê de estarem em um baile tão cedo a farão passar vergonha. E irão embora imediatamente sem que possam colocar o plano em prática.

— Eleanor disse que se dependesse dela não o ajudaria, ainda não perdoa o que aconteceu com a senhorita Annora.

— Eu a pedi em casamento se meu caro amigo se lembra, ela que recusou. Venho tentando convencê-la a se casar comigo desde então.

— Talvez seja uma coisa boa que a convença; segundo Eleanor, já estão comentando sobre o ocorrido. Não a estão vendo com bons olhos.

— Estão comentando? — Tobiah sente seu sangue ferver ao ouvir isso. Ele não queria que Annora fosse o assunto atual da temporada; se dependesse dele, ela seria sua esposa e seria tratada com todo o respeito que merecia.

— Elas chegaram. — Simon aponta para a porta do salão por onde a madrasta de Tobiah e sua filha entram.

Discretamente, Eleanor e Cornélia, a condessa Benningfiel, se aproximam de Birdie, que ao notá-las abre um sorriso.

— Vossa Graça, condessa — Birdie cumprimenta e as mulheres devolvem o cumprimento.

— Não esperava ver Sua Graça em um baile tão cedo — Eleanor diz. — Imagino que esteja sofrendo a perda de seu marido.

— Oh, imensamente, mas não poderia permitir que Celestia ficasse de fora da temporada.

— Não é o primeiro ano dela? — Cornélia pergunta balançando distraidamente seu leque. — Tenho certeza de que ninguém a condenaria

por perder esse ano devido à morte de seu padrasto.

— Foi meu marido em seu leito de morte que pediu para que eu não fizesse isso com Celestia. Ele a amava como uma filha — Birdie tenta justificar, suas bochechas ficam vermelhas ao notar os olhares de todos à sua volta, muitos de recriminação. — Ele até mesmo implorou que não usasse preto por um ano, já que não era pai de verdade dela.

— Entendo. — Eleanor solta um suspiro. — É uma pena que ele a amasse como uma filha e a senhorita não retribuísse o sentimento, já que está usando branco e pronta para dançar em um baile alguns dias depois de tão terrível perda. Mas entendo que o duque tenha pedido isso.

— Mamãe? — Celestia segura o braço da mãe com vergonha, já que todos começavam a cochichar sem tentar se esconder.

Sem alternativa, Birdie pega a filha e rapidamente saem do baile. Eleanor olha para o marido, que sorri e levanta sua taça de champanhe.

— Está devendo uma para a minha esposa, Hinxtone.

— Não se preocupe, eu vou compensá-la na primeira oportunidade que tiver.

Tobiah se despede de Simon e vai para o lado de fora pedindo por sua carruagem, estava ansioso para ver Annora novamente e passar a noite ao seu lado, quem sabe finalmente não a convenceria a se casar?



Quase uma semana depois desde que Tobiah e Annora tinham se acertado em uma relação às escondidas, muita coisa havia mudado. Por exemplo, Octavia quase todos os dias ia até a loja para ajudá-la ou apenas conversar; à noite, Tobiah aparecia, eles apenas conversavam e ele ia embora ou acabava passando a noite.

Annora sabia que essa relação era totalmente reprovável, não só por ser uma amante, mas porque se sujeitara aquilo. Em sua mente não havia outra forma de ficar com o homem que não saía de seus pensamentos, ela jamais poderia andar de braços dados com ele, ou se casar. Chegaria um dia em que ele se casaria e o acordo entre eles se encerraria, porque ela jamais aceitaria enganar outra mulher.

De tantos problemas para pensar, ser uma amante era a última coisa em sua cabeça. Perdera diversas clientes por causa da fofoca sobre o ocorrido na casa de campo, muitas matronas preferiram cancelar seus pedidos, o que agora começava a lhe trazer problemas, pois o dinheiro que antes entrava consideravelmente passou a ser escasso.

Por mais que quisesse ajudá-la, Madalena necessitava sustentar seus filhos, o que significava que trabalhar sem receber seria complicado,

Annora sabia que não seria justo prender a pobre moça sem receber, chegaria um dia que teria que acertar as contas dela, já que ficaria difícil bancar uma ajudante.

— Senhorita Annora? — Octavia chama a sua atenção e Annora deixa de lado a barra que estava fazendo.

— Sim, querida?

— Aquele homem está parado do outro lado da rua desde a hora que eu cheguei. — Octavia aponta para o homem em questão. — Ele não tira os olhos daqui.

— Eu não o conheço — Annora diz olhando atentamente para o homem.

— Será que ele quer alguma coisa?

Annora sabe que um homem encarando sua loja é algo muito estranho, mas o que ela poderia fazer? Atravessar a rua e perguntar o que ele queria? Não poderia enfrentá-lo.

— Talvez ele esteja apenas pensando em um presente para a esposa — Annora sugere e volta para o vestido. Por mais que quisesse deixar aquilo de lado, não conseguia evitar um arrepio que subia por sua coluna.

— Octavia? — Tobiah entra na loja e abraça a irmã com seu olhar sobre Annora.

— O que está fazendo aqui?

— Uma vez que para lhe encontrar é necessário vir até a loja, arrisquei vir aqui primeiro. Vou dar um passeio pelo Hyde Park, quer ir comigo?

— Quero, vai fazer bem tomar um pouco de ar.

— Quer ir junto, senhorita Annora?

— Não posso, tenho que cuidar das poucas encomendas que possuo, não posso mais me dar ao luxo de rejeitar pedidos.

— Está com problemas? — Tobiah pergunta se aproximando e, antes que Annora possa negar, Octavia responde:

— As mulheres estão cancelando os pedidos, dizem que não vão fazer seus vestidos com uma mulher que se dá o desfrute.

— Elas disseram isso? — Tobiah pergunta nervoso e Annora se levanta.

— Posso me cuidar, Vossa Graça.

— A situação está ficando difícil, Annora. Por que não aceita meu pedido? Para de orgulho.

— Não é questão de orgulho, não posso aceitar.

— Por quê?

— Você não entende.

— Claro que não entendo, já que não sei nem ao menos qual é o motivo que a leva a negar e não é porque é uma modista.

— Leve a sua irmã para passear, milorde, preciso terminar o meu trabalho.

Annora dá as costas para ele e Tobiah sabe que não poderá continuar aquele assunto, uma vez que Octavia prestava atenção nos dois.

— Tenha um bom-dia, senhorita Annora.

— Bom dia, milorde.

Tobiah abre a porta para a irmã, que ao sair na calçada para e olha novamente para o homem do outro lado.

— Aquele homem está encarando a loja pelo menos por duas horas

— Octavia informa e Tobiah segue o seu olhar.

— Espere aqui. — Tobiah atravessa a rua em direção ao homem, que se levanta da cadeira em que estava. — Desejando alguma coisa?

— Estou bem — o homem responde com um leve sotaque.

— Por que está encarando a loja da senhorita Annora?

— Ah, então ela ainda se chama Annora?

— Como assim, ainda se chama? — Tobiah pergunta desconfiado e o homem apenas se afasta com um toque no chapéu. — Quem é você?

— Passar bem — O homem se despede e entra em uma carruagem de aluguel, que logo se afasta.

— Está tudo bem, Tob?

— Octavia, pegue a minha carruagem e vá para casa, preciso conversar com a senhorita Annora.

— Ela está em perigo?

— Não sei, querida, mas vou descobrir.

Tobiah espera a sua carruagem se afastar com a irmã e entra na loja; uma vez que ele tem certeza de que estão sozinhos, ele passa a tranca na porta.

— O que pensa que está fazendo?

— O homem que estava do outro lado da rua, ele sabia seu nome, parece que ele ficou feliz em saber que você ainda se chama Annora.

— O que disse? — Annora pergunta com a voz praticamente em um sussurro, seu semblante pálido assustando Tobiah.

— Você está bem? — Ele se aproxima a segurando pelos braços, ele pôde sentir seu corpo tremendo, ela estava praticamente apavorada. — Annora?

— Ele ficou feliz em saber que eu sou Annora?

— Sim, Annora, qual o problema? — Annora se afasta dele e corre para o seu quarto, ela derruba algumas coisas do armário pegando uma mala onde joga algumas roupas. — Annora? — Tobiah grita a segurando.

— Eu preciso ir embora — ela diz com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Por quê? Quem é ele, meu amor?

— Se eu estiver certa, ele está aqui para me matar.



— Matar? — Tobiah agarra Annora e a vira para ele, para que possa olhar o seu rosto. — O que está acontecendo? E não diga que não é nada ou não é da minha conta.

— Minha madrasta deseja a minha morte.

— Por quê?

— Após a morte do meu avô, meu pai conseguiu me reconhecer como filha, já que não se casou com a minha mãe, e com isso passei a ser sua herdeira, por ser a filha mais velha. Com a sua morte por direito serei eu a herdar tudo.

— Sua madrasta quer tirá-la do caminho, para que o filho dela herde então?

— Filha, eles tiveram uma menina. Fui obrigada a fugir ainda muito nova para que não me matassem. Voltei para a Inglaterra e por um tempo trabalhei para uma costureira, quando tive dinheiro suficiente vim para Londres, a cidade da minha mãe.

— Por isso não aceitou se casar comigo?

— Casar com você faria com que todos soubessem sobre mim. Com o tempo as pessoas iriam atrás da minha história, não demoraria muito

para que chegasse até a minha madrastra o meu paradeiro. O que parece ter acontecido, já que esse homem estava aí fora.

— Não vou deixar que fuja.

— Não posso ficar aqui.

— E não vai, arrume uma mala, vou levá-la para um lugar seguro.

Após uma pequena mala de viagem arrumada, Tobiah para uma carruagem de aluguel que os leva até a casa de Eleanor. Annora não queria atrapalhar a duquesa, mas Tobiah insistia que ali seria o melhor lugar para ficar. Após serem recebidos pela duquesa e seu marido, Tobiah rapidamente conta toda a história.

— É claro que pode ficar aqui, senhorita Annora, ninguém ousará invadir a casa de um duque — Eleanor diz pegando a mão da amiga. — Mas se posso dar um conselho, talvez deva aceitar se casar com Hinxtone.

— Eu não posso — Annora insiste e escuta um suspiro de Tobiah.

— Annora, se alguém está aqui para matá-la precisamos da ajuda da polícia, você acha que eles vão se empenhar para investigar uma ameaça de morte contra uma modista ou uma duquesa?

— Minha esposa tem razão, senhorita Annora — Simon diz. — Infelizmente, para a nossa sociedade atual, a vida de uma duquesa vale mais. Tobiah poderá lhe conferir uma proteção com o nome dele.

— Tive que me casar para proteger não só a minha vida, mas a dos meus irmãos também, James estava sendo envenenado dia após dia, se não fosse Simon perderia meu irmão e a minha liberdade.

— Não é certo me casar apenas para usar o duque.

— Eu não me importo de ser usado. — Tobiah dá de ombros. — Mas eles têm razão, Annora, meu nome e minha posição lhe darão mais proteção.

Annora sabe que o que todos estão dizendo é verdade, ela sabia que a rainha teria meios de matá-la, fora por isso que fugira aos quinze anos de idade. Havia apenas duas opções: se casar com Tobiah ou fugir novamente.

— Está bem — ela concorda baixinho e Tobiah se levanta indo até ela para beijar os seus cabelos.

— Vou providenciar a licença para nos casarmos amanhã mesmo. Por enquanto fique aqui com a duquesa, estará segura.

— Eu vou com você — Simon diz e se despede da esposa.

Assim que os dois saem da sala, Annora olha para Eleanor, que percebe sua angústia.

— Tive muitos receios também, sabia que precisava me casar o quanto antes para sair daquele pesadelo, mas não me arrependo. Tenho um marido carinhoso que me ama, um filho lindo, outro a caminho. Minha irmã se casou e está se aventurando em alto-mar, que sempre foi o seu sonho e meu irmão está vivo, frequentando uma escola e curtindo uma paixãoite infantil. Tudo porque um dia decidi me casar. Vai ficar tudo bem, Annora.

— Espero que sim — Annora diz.

— Senhorita Annora. — James entra na sala e faz uma leve reverência para ela, atrás dele um homem se posiciona na porta observando tudo.

— James, Annora e o duque Hinxton vão se casar.

— Finalmente ele decidiu fazer o que é certo — James diz balançando a cabeça.

— Nem ao menos tenho um vestido para usar no casamento. Tenho um lindo que eu fiz para uma cliente e ela se recusou a ficar com ele. Mas não posso voltar à loja.

— Onde está o vestido? Eu busco para a senhorita.

Annora olha para Eleanor, que rapidamente olha para o rapaz na porta, que concorda.

— Eu acho que é uma boa ideia — Eleanor concorda. — Ele pode buscar para você.

Após explicar onde estava a caixa com o vestido e entregar a chave para James, Annora observa o garoto sair com o rapaz misterioso.

— Quem é aquele?

— Ashton, Simon o contratou como criado pessoal de James; além de ajudá-lo a se vestir, o acompanha a todos os lugares. Segundo Simon, ele é mais como um segurança faz-tudo. Já que o James decidiu que pode fazer o que quiser, já que é um conde.

— James tem um bom coração. Ele será muito disputado quando chegar a hora.

— Não tenho dúvidas. Só espero que ele encontre uma moça que lhe dê valor.

— Ele vai — Annora afirma com um sorriso.

— Por que não sobe para descansar um pouco? O dia foi bastante agitado e amanhã você vai se casar.

Annora concorda não porque queria descansar, mas porque queria ficar sozinha. Se casaria no dia seguinte, mas Tobiah não sabia toda a verdade sobre quem ela era. Não sabia se era certo se casar sem revelar que ela era uma princesa, herdeira do trono, mas também não tinha coragem de revelar esse fato.

Sua cabeça estava doendo de tantas conjecturas que fazia; se pudesse, ela desligaria o mundo por algumas horas. Não queria pensar na sua madrasta, na meia-irmã, no trono, no casamento. Só queria poder ficar em silêncio por várias horas, fingindo que era apenas uma moça comum, sem um assassino atrás dela.



Com a ajuda da criada particular de Eleanor, Annora se arruma para o casamento. Passara a noite toda em claro remoendo o que estava acontecendo em sua vida. Ela sabia que, como herdeira do trono, se ainda morasse com o seu pai se casaria com algum nobre, então não estava fazendo nada de diferente ao que aconteceria em sua vida de verdade. Mas o sentimento de trair Tobiah, por não contar quem ela era, não a abandonava.

Uma vez que Annora estava pronta, ela desce para a carruagem, que a esperava, Eleanor e os outros foram antes para a igreja, o que ela agradecia porque assim teria tempo para se acalmar.

No momento em que a carruagem para em frente à igreja, ela sente seu coração bater mais rápido, estava praticamente colada no banco sem forças para sair; quando a porta se abre, ela leva um susto.

— Se quiser, eu posso roubá-la, fugiremos apenas nós dois — James brinca e Annora agradece a Deus por ter enviado o menino para acalmá-la.

— O duque viria atrás de nós.

— E então o Ashton o impediria de se aproximar. — James dá de ombros e estica a pequena mão para ela. Com a ajuda dele, ela desce da

carruagem. — Eleanor comentou que a senhorita não teria ninguém para acompanhá-la até o altar; se quiser, eu posso fazer isso — ele diz sem graça e Annora aperta a pequena mão.

— Seria uma honra entrar acompanhada por um cavalheiro com um coração tão nobre.

James ajuda Annora a subir a escadaria da igreja, ela alisa a saia do vestido pêssego com rendas brancas que passara a tarde ajeitando para o seu tamanho. O tecido era fino e delicado e, quando o colocou naquela manhã, não pôde evitar de ficar feliz com a desistência da cliente.

Uma música lenta começa a tocar assim que ela se aproxima da porta, respira fundo e entra na igreja aceitando que não teria muitos convidados, mas, ao dar o primeiro passo, ela tenta segurar as lágrimas ao notar quem estava ali. A condessa de Benningfiel com o marido e os filhos, Aiden e Katherina Lavelly, Scarlet com o marido e seus pais. Até mesmo Octavia estava com um sorriso a olhando.

— Eleanor convidou a todos — James explica enquanto caminham até o altar. — Cuide bem dela, Hinxtone, ou vamos nos enfrentar. — James estende a mão de Annora para o duque.

— Não se preocupe, Greenwood, eu vou cuidar.

O padre começa a cerimônia e Annora permanece com os olhos no altar, era impossível evitar o arrependimento por se casar assim sem seu pai ali. Ela o amava e sentia sua falta. Se não fosse o medo e a insegurança estaria ao seu lado.

Quando finalmente foram declarados marido e mulher, Tobiah segura o seu rosto e lhe dá um beijo leve.

— Prometo que vou protegê-la todos os dias da minha vida.

O almoço preparado em cima da hora por Eleanor estava além das expectativas de Annora, ela estava feliz por ter suas clientes, que

considerava amigas, presentes na cerimônia, mesmo que agora fosse oficialmente uma delas, não conseguia ainda tratá-las tão intimamente.

Quando por fim todos começam a ir embora, Tobiah aproveita para ir também.

— Obrigada por tudo, Vossa Graça — Annora agradece arrancando uma risada de Eleanor.

— Você também é uma duquesa agora, não se esqueça disso. Pode me chamar por Eleanor.

— Vai ser difícil me acostumar.

— Não se preocupe, estou aqui para o que precisar. Nos vemos amanhã no baile de Lady Kershaw? — Eleanor pergunta para Tobiah, que concorda.

— Não sei se estou preparada para um baile tão cedo. — Annora tenta fazer o marido mudar de ideia.

— É importante a nossa ida, Annora, anunciaremos publicamente o nosso casamento e assim todos saberão que agora é uma duquesa e protegida pelo meu nome.



O baile de Lady Kershaw, na opinião de Annora, era o grande evento da temporada, já que muita gente importante estava ali. Mas, segundo Eleanor, ele não era ainda o mais esperado daquele ano. À volta delas, champanhe e refrescos eram servidos à vontade, alguns casais disputavam um espaço na pista de dança. Tobiah e Simon estavam ao lado delas conversando sobre algum assunto que ela não entendia bem sobre o que era.

Quando sente um arrepio correr por sua espinha, ela agarra o braço do marido que para de conversar na mesma hora.

— O que foi, Annora?

— Não sei, senti como se eu estivesse em perigo. Um frio correu pela minha coluna.

— Quer ir embora? — Tobiah pergunta abraçando a sua cintura enquanto o olhar dela corre pelo salão.

— Deve ter sido apenas impressão — ela tenta sorrir.

— Alteza? — alguém pergunta parando em frente a ela e Annora sente seus joelhos falharem. — Alteza, é a senhorita mesmo?

— Alteza? — Tobiah pergunta para o homem, que não tira os olhos de Annora. — Quem é o senhor?

— Pritchett Ogden, embaixador de Larornna.

Tobiah aproxima Annora ainda mais de seu peito, já que ela não consegue ficar em pé sozinha.

— O que deseja com a minha esposa?

— Esposa? Está casada, Alteza?

— Por que...

— Vamos embora — Annora interrompe Tobiah, que a olha preocupado. — Por favor.

— Se nos der licença.

— Não, por favor, não vá assim. Temos muito que conversar, Alteza.

— Pritchett tenta segurar Annora, mas Tobiah o impede.

Com a ajuda de Simon, Tobiah atravessa rapidamente o salão e logo estão do lado de fora esperando a carruagem. A brisa gelada bate na pele de Annora, que não poderia se importar menos se estava frio ou não. O que ela mais temia acontecera, a reconheceram em um salão de baile e agora sabiam onde exatamente a encontrar.

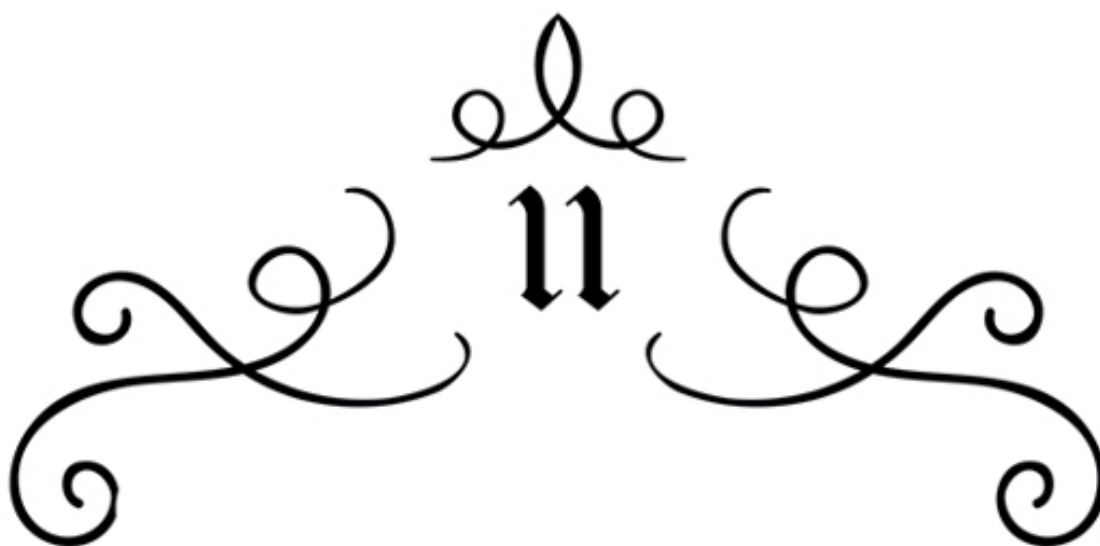
— Por que ele a chamou de Alteza? — Tobiah pergunta assim que se sentam na carruagem, o perfil dele iluminado pelas tochas do lado de fora.

— Você ouviu?

— Ele disse isso várias vezes, era um pouco impossível não ouvir. E então?

A carruagem dá um leve solavanco conforme ela se movimenta e Annora solta um suspiro.

— Porque eu sou uma princesa.



O caminho até a casa de Tobiah e Annora é feito em silêncio, enquanto ela evitava olhar para ele, podia sentir que ele a encarava. Desde o momento em que revelara que era uma princesa, o olhar dele sobre ela era intenso. Ao chegarem em casa, ele a ajuda a descer da carruagem, e ao passarem pelas portas principais ele toma a sua mão e a leva até o quarto; assim que ele fecha a porta, Annora tenta se afastar ao máximo dele, se preparando para a sua fúria.

— Agora que estamos a sós e eu posso vê-la por completo, gostaria que me explicasse o que quis dizer com “eu sou uma princesa”. — Tobiah retira o paletó jogando sobre uma poltrona e afrouxando a gravata.

— Meu pai veio até a Inglaterra em uma visita oficial e conheceu minha mãe. Os dois se apaixonaram e ele a levou com ela, ele estava determinado a se casar, mas quando chegaram em Larornna, seu pai havia acertado seu casamento com a filha de um duque. Ele não permitiu que meus pais se casassem; como estava determinado a ir contra seu pai, ele colocou minha mãe em uma casa para que ficasse por perto, não demorou muito para que ela ficasse grávida. Infelizmente meu pai não conseguiu se livrar do casamento arranjado e foi obrigado a se casar. Por alguns anos fui

considerada a filha bastarda, até que ele finalmente... — Ela para de falar e respira fundo.

— Até que finalmente ele herdou o trono e foi coroado rei? — Tobiah complementa.

— Sim. Quando ele assumiu o trono me reconheceu como filha legítima e sua primogênita. Segundo as leis de Larornna, sou a herdeira principal do trono.

— E por que então está vivendo em Londres como uma modista? Annora, você é uma princesa, uma futura rainha, e aceitou ser minha amante.

— Tive que fugir, Tobiah. Quando minha mãe faleceu fui levada para o palácio. A rainha sabia que seria eu a herdar o trono e não sua filha. Então ela passou a orquestrar a minha morte, minha criada ouviu tudo e me avisou, fugi tarde da noite com um único destino em mente: a cidade da minha mãe. Tenho vivido escondida e com outro nome para garantir que ninguém me encontrasse. Sempre soube que, se a rainha descobrisse meu paradeiro, tentaria me matar. Por isso não poderia me casar com você. E eu tinha razão, no primeiro evento como casados encontrei com o embaixador de Larornna. Sem contar o homem que estava em frente à minha loja. O certo seria fugir novamente.

— Você não vai fugir, ainda mais que pode estar carregando um filho meu — Tobiah diz e a gira para ele, para que possa ver o seu rosto. — Você é minha mulher, e eu vou protegê-la, vou até a rainha da Inglaterra se for necessário para garantir a sua proteção.

— Isidore está determinada a fazer de sua filha a rainha de Larornna. Por mim, elas podem ficar com o trono, a única coisa que mais sinto falta é de meu pai.

— E por que não o procurou? Ele poderia ajudá-la.

— Eu tinha apenas quinze anos quando fugi, Tobiah. Na cabeça de uma menina não passa questões como essa quando se está ameaçada. Só queria colocar o máximo de distância possível entre nós duas.

— Sabe alguma coisa sobre o seu país?

— Não. Eu sabia que não poderia fazer muitas perguntas. Uma simples modista interessada na nobreza de um pequeno país chamaria a atenção.

— Vou pedir que o embaixador nos visite.

— Não. — Annora se afasta dele. — Você não pode chamá-lo.

— Ele estará na casa do duque de Hinxtone, ele já sabe que você é minha esposa, não há mais como impedir que descubram seu paradeiro, Annora. Precisamos saber como estão as coisas no seu país, e se a rainha ainda está determinada a matá-la. Vou enviar um convite para uma visita agora mesmo.

Tobiah sai do quarto para solicitar ao seu mordomo que envie um criado para o baile e procure pelo embaixador. Quanto antes pudesse conversar com aquele homem e descobrir a real ameaça sobre sua esposa melhor.



Tobiah estava tão agitado quanto Annora. O embaixador não só aceitara o convite, como informara que estaria ali na manhã seguinte. Agora os dois estavam sentados no escritório de Tobiah esperando pelo embaixador.

— Senhor Ogden — o mordomo anuncia e permite a entrada do embaixador.

Assim que o homem entra, seu olhar vai para Annora e ele faz uma reverência praticamente colando sua testa no chão.

— Como está, Alteza?

— Estou bem — Annora responde baixinho.

— Senhor Ogden, o chamei aqui porque temos algumas questões a serem tratadas.

— Do tipo por que se casou com nossa futura rainha sem pedir permissão ao rei? — Pritchett Ogden pergunta assumindo sua posição como intermediário do rei.

— Sobre isso conversamos depois. O que me interessa saber é se a rainha ainda deseja a morte de minha esposa — Tobiah pergunta sem cerimônias e se surpreende com a reação do embaixador.

— A rainha deseja a sua morte? — Pritchett pergunta para Annora e tira um lenço para limpar a testa. — Foi por isso que sumiu? O rei a procurou por muito tempo, enviou soldados à sua procura.

— Tive que fugir tarde da noite, antes que a rainha me matasse. Por isso ninguém sabe para onde fui.

— Seu rei sabe alguma coisa sobre isso? — Tobiah pergunta.

— Não, tenho certeza de que, se soubesse, faria algo a respeito, a rainha tem se preparado para a coroação da princesa. Está reunindo todos os conselheiros e o parlamento para isso.

— Meu pai está morto?

— Não, Alteza, mas está muito doente, ela pretende que a filha assuma o trono antes que ele morra. Se o seu paradeiro for revelado, poderíamos impedir que isso acontecesse.

— Alguém está em Londres atrás dela — Tobiah diz. — Ele esteve praticamente o dia inteiro em frente à casa dela.

— Pode ser um dos homens do rei. Eu soube que ele enviaria alguém para Londres. Ele me informou por meio de uma carta que não sabia por que não pensara nisso antes, que sua filha poderia ter ido para a terra de

sua mãe, caso tivesse ido embora por vontade própria. Ele a está procurando justamente por causa da sucessão ao trono.

— Não sei se quero ser uma rainha — Annora diz e Tobiah se aproxima dela.

— Não diga nada ainda, Annora. Vamos pensar sobre tudo o que o embaixador nos disse e tomaremos uma decisão juntos.

— Você aceitaria que sua esposa fosse alguém superior a você? Eu seria uma rainha, Tobiah. Você se sujeitaria a mim perante todo o reino.

— Enquanto você se sujeitar a mim em nossa cama, não teremos problema algum — ele sussurra em seu ouvido fazendo com que ela estremeça. — Vou conversar com a minha esposa, e quando tivermos uma decisão se iremos para Larornna ou não, eu o avisarei. Enquanto isso não avise ao rei que encontrou Annora. Se formos para o seu país, gostaria de fazer isso secretamente. Não quero correr riscos durante a viagem.

— É claro.

O embaixador se despede de Tobiah e Annora, que é puxada para os braços do marido assim que ficam a sós. Seu corpo treme todo ao pensar em voltar para o lugar de onde fugira para se proteger, conforme Tobiah esfrega suas costas lentamente, seu medo vai se esvaindo conforme percebe que, se voltasse agora, teria seu marido ao seu lado.



Decidir voltar para Larornna foi uma das decisões mais difíceis que Annora já tomara em sua vida. Estava com medo do que aconteceria assim que colocasse seus pés em seu país. Mas Tobiah tinha acertado o ponto exato ao argumentar que seu pai poderia morrer e ela nunca o veria novamente.

Por isso dois dias depois, eles estavam em uma carruagem partindo em uma viagem que levaria quatro dias para chegarem até Larornna. Nos dois primeiros dias Annora, por mais que estivesse nervosa, ainda estava um pouco tranquila, pois estavam longe. Mas a cada parada e a cada vez que informavam que Larornna se aproximava seu medo aumentava.

Faltando um pouco mais de seis horas para chegarem, Tobiah decide parar em uma estalagem para passarem a noite e se prepararem. Após pagar por um quarto e solicitar um banho para Annora e o jantar, os dois sobem as escadas em silêncio até o quarto.

— Você sabe que não vou deixar que ninguém a machuque, não sabe? — Tobiah pergunta ao fechar a porta.

— Eu sei, mas tenho medo de que não só eu me machuque, mas você também.

— Isidore não medirá esforços para garantir que sua filha seja rainha. Isso inclui matar uma princesa e seu marido duque.

— Não se preocupe comigo, meu amor, vou garantir a nossa proteção.

Uma batida na porta avisa que o banho de Annora chegou, então Tobiah sai do quarto permitindo que a criada de sua esposa a ajude a se arrumar para a noite. Ele desce para a estalagem e um de seus homens se aproxima rapidamente.

— Alguém está nos seguindo, percebemos apenas no último trecho da viagem — o homem informa envergonhado.

— Quem?

— Ele está lá fora.

Tobiah sai da estalagem e o homem que os seguia é indicado, reconhecendo ser o mesmo que ficara em frente à loja de Annora ele se aproxima.

— O que deseja nos seguindo?

— Estou apenas garantindo a segurança da princesa. — O homem se afasta da parede que estava encostado. — Conseguiu me enganar a tirando de casa, mas não foi difícil encontrá-la novamente, já que não se falava outra coisa em Londres a não ser do casamento de um duque e uma modista.

— E quer que eu acredite que está aqui apenas pela segurança dela?

— O rei me enviou para procurar pela princesa. E garantir o seu retorno para Larornna, caso estivesse viva. Minhas ordens são para garantir o retorno seguro da princesa.

— Você realmente é fiel ao seu rei? — Tobiah pergunta e nota o homem se irritar.

— Não ouse duvidar de minha lealdade para com o meu rei.

— É só a ele que é leal? Ou a rainha também?

— Por que o interesse sobre a minha lealdade?

— Porque minha esposa está correndo risco. Alguém a deseja morta, e levá-la para Larornna só a coloca mais perto da pessoa que ameaça sua vida.

— Quem? — O homem se agita e leva a mão ao punho de uma faca, que estava escondida embaixo do seu casaco.

— A rainha — Tobiah responde tranquilamente.

— A rainha? — Incrédulo, ele respira fundo. — Se a princesa Annora morrer, a princesa Dariela assume o trono.

— Exato, foi por isso que Annora fugiu. Ela estava sendo ameaçada.

— Jamais soubemos sobre a ameaça, ou então teríamos feito alguma coisa. O rei jamais permitiria que sua herdeira corresse risco.

— Assim que chegarmos e a rainha souber da nossa presença, Annora estará ameaçada.

— Não se preocupe, vou partir agora e reunir meus homens. Os escoltaremos diretamente ao quarto do rei para uma audiência.

— Qual seu nome?

— Romulus.

— Obrigado, Romulus. A única coisa que me importa é a segurança da minha esposa.

Após se despedir de Romulus, Tobiah retorna para o quarto. Ao entrar, o cheiro de comida o atrai até a mesa onde Annora está sentada.

— Me perdoe, estava com tanta fome e não sabia se demoraria a retornar.

— Não precisa se desculpar. — Tobiah se senta e começa a se servir.

— O homem que estava em frente à sua loja estava aqui.

— Aqui? — Annora tenta controlar o medo.

— Ele foi enviado por seu pai para encontrá-la. Conversamos por um tempo e temos um plano para protegê-la. Ele partiu agora mesmo para Larornna para garantir uma escolta até o palácio. Vamos levá-la diretamente até o rei.

— Isidore saberá da minha presença.

— Provavelmente, mas até que ela se manifeste, teremos conversado com o seu pai.

No dia seguinte, após passar uma noite quase insone, Annora e Tobiah entram na carruagem para terminarem a viagem. Conforme se aproximam de Larornna, a paisagem passa ser reconhecida por Annora.

— Morávamos naquela rua. — Annora aponta para Tobiah, conforme a carruagem cruza as ruas de Larornna. — Isidore não queria que estivéssemos tão perto do castelo, mas meu pai fazia questão. Todos os dias, eu ia até o palácio para estudar.

— Isidore se irritava porque uma bastarda se preparava para ser uma rainha.

— Sim, mesmo que pelas leis de Larornna eu não seja uma bastarda. Assim que meu pai me reconheceu como sendo sua filha fui legitimada. Então para o povo são tão legítimas quanto Dariela.

— Você e sua irmã eram próximas?

— Não. Isidore sempre disse para Dariela que eu era uma ameaça ao trono, que meu pai preferia uma filha fora do casamento a ela. Desde pequena, ela me odiava por causa de sua mãe.

Annora avista os portões do palácio e aperta a mão de Tobiah. Ao cruzarem os limites do castelo, alguns homens montados a cavalo cercam a carruagem os escoltando.

— Romulus garantiu que estaremos bem. Ele é fiel ao seu pai.

— Estou com medo.

— Não fique, estou aqui com você.

A carruagem para em frente à escadaria do castelo e um criado com um uniforme ricamente ornamentado corre para abrir a porta para eles, Tobiah é o primeiro a descer e estende a mão para Annora.

— Os escoltaremos diretamente para o quarto do rei. — Romulus se aproxima e gesticula para seus homens, que os cercam. — Confie em meus homens, eles dariam a vida deles pela do rei — informa para Annora, que balança a cabeça.

Rapidamente o grupo entra no palácio, Annora tenta evitar olhar para os lados, mas é praticamente impossível. Enquanto crescia corria por aqueles corredores e salões. Ao virarem na ala do rei, seu coração bate mais rápido. Um criado se inclina levemente para ela antes de abrir a porta, assim que eles entram Annora percebe que seu pai não teria mais muito tempo.

O homem alto e forte que conhecera, agora estava debilitado em uma cama, seu corpo magro e frágil apoiado em alguns travesseiros, seu cabelo que era farto e brilhante agora está ralo e opaco.

— *Papa?* — Annora se aproxima lentamente e ele abre os olhos devagar.

— Annora? — Seu pai pergunta e levanta a mão frágil que ela rapidamente segura e se senta ao seu lado. — Minha querida filha.

— Estou aqui, *papa*. — Annora coloca a mão de seu pai contra o seu rosto e tenta segurar as lágrimas. — Vai ficar tudo bem.

— O que está acontecendo aqui? — Annora se assusta com o grito e escuta a sua volta os homens de Romulus se posicionarem cercando a cama. Tobiah se aproxima dela lhe dando proteção. — Annora?

Annora se levanta da cama e gira para encarar sua madrasta.

— Como vai, Isidore?



O silêncio dentro do quarto do rei é praticamente total, Isidore olhava para Annora sem acreditar que ela estivesse ali à sua frente depois de tanto tempo.

— Onde você esteve todo esse tempo? — Isidore diz tentando se aproximar da cama, mas os homens de Romulus a impedem. — Saiam da minha frente, eu sou a rainha.

— Estamos sob ordens do rei — Romulus diz dando um passo para mais perto de Isidore. — E as ordens dele são para que ele converse com sua filha, a herdeira do trono, a sós. Devemos impedir qualquer pessoa que os interrompa, até mesmo a rainha.

— Isso é um absurdo. Rupert, diz para esses homens se afastarem.

O pai de Annora olha para Romulus e, ao perceber como o seu soldado tentava se segurar, sabe que algo de muito errado está acontecendo.

— Nos deixe a sós, Isidore, providencie para que arrumem o quarto de Annora.

— Você está fraco, não deve se exaltar ou ter emoções fortes, qualquer coisa que tenha para conversar com Annora pode ficar para

depois.

— Receio que não, passei anos sem ver a minha filha, agora que ela está aqui vamos conversar. Saiam todos.

Os soldados saem praticamente forçando a rainha a ir na frente deles. Uma vez que estão todos do lado de fora, o rei olha para Annora.

— *Papa*, deixe-me apresentar Tobiah Burbidge, o duque de Hinxtone e meu marido.

— Você se casou? — Rupert pergunta com os olhos marejados. — Sonhei em levá-la até o altar toda a minha vida.

— Foi necessário apressar o casamento, Annora precisava da proteção do meu nome e da minha posição. Como um duque poderia intervir pela segurança dela.

— Segurança? — Rupert tenta se levantar, mas Annora se senta o impedindo de se mexer. — Por que teria que intervir pela segurança da minha filha?

— Pelo mesmo motivo que a forçou a fugir de seu palácio. Sua vida está em perigo.

— Annora? — Rupert olha a filha, preocupado.

— Tive que fugir, *papa*, minha criada ouviu Isidore tramar a minha morte, para que Dariela fosse a futura rainha. Isidore disse que jamais permitiria que uma bastarda governasse o país. Fui obrigada a fazer uma pequena mala e fugir.

— Por que não me procurou? Por que não chamou os guardas? Não deveria ter fugido, Annora.

— Somente alguns anos depois me dei conta de que deveria ter contado ao senhor, mas na época acreditava que ficaria ao lado de Isidore, por ser sua esposa. Seria a palavra da rainha contra a de uma bastarda.

— Não, seria a palavra da minha filha contra a da mulher com quem fui obrigado a me casar. Você é meu tesouro, a filha que tanto sonhei e amei. Eu ficaria ao seu lado, minha querida. A protegeria de qualquer perigo.

— Sinto muito, *papa*.

— Eu não. — Tobiah dá de ombros. — Se tivesse ficado aqui, jamais nos casaríamos, então estou feliz com os acontecimentos.

— Você sabe que, pelas leis de Larornna, uma princesa somente pode se casar com a autorização do rei. No caso, não houve a minha permissão.

— Espero que o senhor a conceda o quanto antes, Annora é minha esposa e já pode estar carregando nosso filho. Não vou abrir mão deles; se for necessário levá-la embora de volta para a Inglaterra, eu farei.

— Você é muito corajoso para falar assim comigo, rapaz.

— Sou um duque, tenho todas as coisas feitas ao meu desejo.

— Pode ser assim na Inglaterra. Mas não se preocupe, se Annora assim desejar darei minha permissão.

— Eu quero sua permissão, *papa*, Tobiah é meu marido e não poderia ter escolhido homem melhor.

— Está bem, vou assinar o decreto autorizando essa união, que deverá ser oficializada na catedral de Larornna. Temos outro assunto para conversar, Annora, algo que não pode ser adiado.

— Podemos conversar depois.

— Não, deve ser agora. Minha saúde não está bem, a cada dia eu pioro e os médicos já disseram que não tenho muito tempo. Isidore vem tentando coroar Dariela como a nova rainha, mesmo antes da minha morte. Mas o parlamento tem ordens para não concordar, todos sabem do meu desejo de que você governasse.

— Algumas vezes me pergunto se sou a pessoa ideal. Sofri tanto por ser sua herdeira.

— Você foi preparada por mim, sua mãe ficou em Larornna porque desejava ver a filha ser uma rainha, ocupando o lugar que meu pai disse que jamais estaria. Você é minha herdeira, Annora, e vou pedir ao parlamento que providencie a sua coroação.

— Não. O senhor é o rei, eu não posso...

— Annora, não tenho muito tempo. Minha última vontade é que você seja coroada.

— Como poderei fazer isso sozinha, *papa*?

— Você tem seu marido, tenho certeza de que ele poderá ajudá-la. Romulus é um bom soldado e vai cuidar de sua proteção. Posso nomear cada um que estaria ao seu lado lhe auxiliando. Vou cuidar para que tudo aconteça amanhã mesmo.

— Nesse caso, acredito que quanto menos souberem melhor. Se a rainha desconfiar que Annora será coroada, ela poderá agir — Tobiah avisa e o rei concorda.

— Peça para Romulus chamar meus conselheiros, depois quero que você vá para a casa de Casimir, ele é meu homem de maior confiança, ele a abrigará essa noite. Se Isidore realmente deseja a sua morte deve permanecer longe dela o máximo possível.

— Descanse, meu sogro, vou cuidar de Annora.

— É uma promessa?

— Sim, senhor.

Tobiah e Annora saem do quarto na mesma hora que Romulus entra acompanhado de alguns homens. Eles preparariam a sua coroação no dia seguinte e ela estava com medo. Isidore não acetaria tudo tão tranquilamente.



Annora se lembrava de Casimir, o homem com o olhar divertido que estava sempre pronto para brincar com ela quando a encontrava no palácio. O reencontro foi marcado por muita emoção e ciúmes por parte de Tobiah ao descobrir que Casimir tinha intenções de casar seu filho com Annora.

Após o jantar, Annora e Tobiah vão para o quarto descansar, o dia tinha sido exaustivo não só pela viagem, mas também pelo reencontro de Annora com o pai e a madrasta.

— Me pergunto qual seria a reação da sua madrasta ao descobrir que se casou — Annora diz para Tobiah, que dá risada.

— Tenho certeza de que ficaria tão revoltada quanto a sua ao ver o seu retorno.

— Estou com medo — Annora admite após um tempo em silêncio e Tobiah a puxa para os seus braços.

— Eu estou aqui, não vou deixá-la nem por um minuto.

— Não é só medo de Isidore e do que ela pode fazer. Como vou ser uma rainha? Sou apenas uma modista.

— Você não é apenas uma modista, é uma princesa, uma duquesa e a mulher com o melhor coração que eu já encontrei em toda a minha vida. E se for muito difícil imaginar como seria governar, pense em Larornna como a sua loja, o que você poderia fazer para melhorar essa loja e a vida dos seus clientes, que serão o seu povo.

— Você vai deixar a Inglaterra?

— Annora, eu vou aonde você for. Não me casei apenas por causa de um escândalo ou para protegê-la. Me casei porque não queria ficar longe de você, porque não podia imaginar outro homem a tocando. Eu vou estar ao seu lado para sempre.

— Espero que não se arrependa.

— Jamais me arrependerei por escolher você.



No dia seguinte, o coração de Annora parecia que iria explodir tamanha era sua ansiedade. Após um café da manhã em que mal tocara, ela e Tobiah voltaram ao palácio. O quarto de seu pai parecia completamente diferente. Onde antes havia uma poltrona agora estava o trono de Larornna, um pedestal estava ao lado com uma coroa prateada e esmeraldas – a pedra oficial de Larornna. Annora se lembrava daquela coroa, seu pai explicara que fora com ela que sua avó fora coroada rainha ao se casar.

— Annora? — Rupert chama a filha, que se aproxima insegura. — Não tenha medo, minha querida.

— A Câmara dos nobres e os conselheiros concordaram com a minha coroação?

— Sim, eles sabem que não tenho mais condições de reinar. Uma rainha jovem e disposta é exatamente o que Larornna precisa no momento.

— E o que eu preciso é do meu pai.

— Não vou estar por aqui por muito tempo, Annora. Por isso é tão importante que seja coroada hoje, assim posso lhe ajudar nos primeiros dias.

— Estamos prontos, Majestade — O bispo responsável pela coroação avisa.

— O que devo fazer? — Annora pergunta.

— Venha comigo, Alteza. — Annora pega a mão estendida do bispo, que a leva diante do trono.

A coroação está para começar quando a porta se abre violentamente e Isidore entra com a filha.

— Parem com esse espetáculo, não vou permitir que uma bastarda seja coroada. Minha filha é a única que deve ser a rainha.

— Dariela jamais será rainha, Isidore. E você sabe o motivo para isso, não me faça falar dele na frente de todos — Rupert avisa. — Annora é a herdeira do trono e a única que será coroada.

— Ela é uma bastarda! — Isidore grita apontando a enteada.

— Chega, Isidore, saia do meu quarto.

— Não. — Isidore gira para olhar os nobres reunidos. — Ela foi rejeitada pelo antigo rei, ele a considerava uma bastarda, alguém indigna a assumir o trono, ele...

— Ele a reconheceu como neta antes de morrer — Rupert diz e solta um suspiro cansado, seu corpo não aguentava toda aquela agitação. — Ele reconheceu Annora.

— Mentira.

— Temo que seja verdade, minha rainha — Casimir diz fazendo uma reverência e gesticula para o livro que estava aberto sobre uma mesa. —

Antes de morrer, nosso antigo rei reconheceu a princesa Annora como sendo herdeira do trono.

— Ele a odiava.

— Meu pai odiava o fato de que eu fui contra ele e trouxe a mulher que eu amava para Larornna, odiava o fato de que eu tive uma filha fora do casamento e a amo mais que tudo. Mas meu pai era o rei, ele sempre colocou o trono e o país na frente de tudo, e ao perceber que não teria outros herdeiros para o trono, decidiu que Annora seria reconhecida como uma princesa e assumiria a coroa.

— Mas houve outros herdeiros. — Isidore aponta para Dariela, que estava em silêncio.

— Dariela não é minha filha, Isidore, e você sabe disso — Rupert revela e, pela primeira vez, desde que entrara no quarto, Dariela se manifesta:

— O que disse, meu pai?

— Sinto muito, Dariela, não queria que soubesse assim. Mas você não é minha filha.

— Claro que ela é sua filha — Isidore afirma nervosa.

— Logo após o nascimento de Annora fiquei muito doente, você se lembra muito bem disso, Isidore. A minha febre foi muito alta e, como consequência, não pude mais ter filhos. Por muitos anos me deitei com a mãe de Annora e não gerei outros filhos, até mesmo demorou para que você engravidasse, isso que dividimos o mesmo leito poucas vezes. Quando me disse que estava grávida, eu soube na mesma hora que não era minha aquela criança. Eu poderia gritar aos quatro ventos que a rainha era uma traidora, e rejeitar aquele bebê. Mas minha honra não me permitiu. Antes eu tivesse feito isso, assim minha filha não teria sido obrigada a fugir para proteger a própria vida.

— Como ousa? — Isidore tenta se aproximar da cama, mas é impedida por Romulus.

— Dariela? — Rupert chama, a jovem limpa algumas lágrimas e se aproxima. — Tenho um carinho especial por você, é minha filha de coração. Mas jamais poderá ser a rainha. Meu pai soube que eu não poderia ter outros filhos e por isso reconheceu Annora e eu pude oficializá-la como sendo minha filha. Ela é a herdeira por direito.

— Eu entendo, meu pai. — Dariela olha para Annora. — Nunca desejei o trono, sempre foi intenção de minha mãe que eu governasse. Desde pequena soube que a coroa seria sua e não tive inveja. Tenho outros desejos no meu coração, desejos que achei que jamais poderia ter.

— O que você deseja, Dariela? — Rupert pergunta. — Como seu rei e, principalmente como o homem que se considera seu pai, será meu último ato. Darei o que quiser.

Dariela se aproxima para pegar a mão que ele estende e dá um beijo delicado.

— Desejo apenas me casar com o homem que eu amo e sei que me ama. Mas ele não é um nobre.

— Nunca, jamais permitirei que se case com um qualquer! — Isidore grita tentando novamente se aproximar, mas os soldados a impedem.

— Não existe uma forma de me separar de você pelas leis de Larornna, mas a partir de hoje está banida do castelo. Será infelizmente reconhecida como a rainha viúva até os últimos dias de sua vida. Mas perderá qualquer outro privilégio, agora cale-se, Isidore, minha filha está falando. E então, Dariela?

— Eu... — ela para de falar e olha por sobre o ombro, insegura.

— Desejo me casar com a princesa, Majestade. — Romulus se aproxima. — Eu amo sua filha.

— Romulus? — Rupert pergunta para Dariela, que concorda e o rei solta uma gargalhada. — Por que não disse antes? Estariam casados há muito tempo. Não existe outro homem que eu poderia achar mais justo e correto para se casar com você. Vocês dois possuem a minha permissão e a minha bênção. — Rupert olha para Annora. — Cuide de Dariela, ela não é sua irmã de sangue, mas é minha filha.

— Eu vou cuidar, *papa*.

— Bispo? — Rupert chama e, antes que o homem possa se aproximar, Isidore tenta avançar novamente. — Pelo amor de Deus, alguém tire essa mulher daqui!

Romulus gesticula para os soldados, que agarram Isidore e a tiram do quarto esperando.

— Alteza — o bispo indica para que Annora se ajoelhe e pega a coroa.

— Eu, Annora Morgade — ela diz usando o seu verdadeiro e antigo nome de princesa —, agora Annora Burbidge, duquesa de Hinxtone, prometo solenemente governar o povo de Larornna, garantindo a paz, a harmonia, e a prosperidade de meu país. Comprometo meus dias a fazer de meu reinado um orgulho para meu povo e meus ancestrais — ela recita as palavras que um dia aprendera com seu pai.

O bispo coloca a coroa sobre a cabeça de Annora e a ajuda a se levantar.

— Lhes apresento, rainha Annora de Larornna.

Annora olha para Tobiah, que estava com um sorriso de orgulho pela esposa. Annora passara muita coisa desde que saíra de Larornna aos quinze anos, fugindo de uma ameaça, por muitos anos viveu como uma

plebeia, uma modista simples que trabalhava para garantir seu sustento. Agora estava ali diante dos nobres, de seu marido, sua meia-irmã e, principalmente de seu pai, o antigo rei, usando uma coroa de brilhantes, como a nova rainha.



Annora sempre acreditara que no momento em que estivesse com a coroa de Larornna em sua cabeça tudo mudaria. Deixaria de ser uma bastarda, alguém que precisou fugir para proteger a própria vida, e tinha razão. Agora ela era uma rainha e todos a tratavam com respeito, paravam para ouvir o que ela tinha a dizer e, principalmente, obedeciam as suas ordens. E a primeira delas fora que arrumassem todas as coisas de Isidore, que se mudaria do palácio.

Quanto a Dariela estava praticamente nas nuvens ao lado de Romulus, que não a soltara nem um minuto. Até mesmo a data do casamento fora acertada para o quanto antes.

Após a coroação, todos saíram do quarto deixando Annora sozinha com o pai. Até mesmo Tobiah saíra com a desculpa de que iria buscar as coisas deles na casa de Casimir para trazer ao palácio.

— Ele é um bom homem — Rupert diz para a filha, que abre um sorriso.

— É sim, tentei afastá-lo por diversas vezes, mas ele é teimoso demais. Decidiu que eu seria a esposa dele e fez de tudo para me convencer.

— O que significa que tem juízo. Fico feliz que tenha alguém com uma posição na nobreza inglesa, isso significa que ele não terá interesses em sua posição.

— Ele queria se casar comigo mesmo sem saber que eu era uma princesa. Ele acreditava que eu era uma modista.

— Você sofreu? — Rupert pergunta depois de olhar intensamente para a filha.

— Mais por estar longe do senhor. Encontrei uma mulher gentil que me ofereceu um emprego como sua ajudante, juntei dinheiro suficiente para abrir minha própria loja. Meus vestidos são usados por mulheres nobres e importantes.

— E agora elas ficarão sem sua modista — Rupert brinca.

— Sim, mas a maioria são minhas amigas, tenho certeza de que ficarão felizes por mim.

— Annora, existe algo que eu gostaria de ver antes de morrer.

— O senhor não vai morrer, *papa*.

— Eu vou, e não demorará muito. Mas gostaria de vê-la casada. Sei que não posso sair desse quarto e por isso não será um grande casamento, mas...

— Vou providenciar tudo, *papa*. Sou a rainha agora, todos devem me obedecer — ela brinca e se levanta depositando um beijo no rosto do pai.
— Não se preocupe.

Uma hora depois, o quarto de Rupert estava cheio novamente, Annora estava ao seu lado, a seu pedido, Rupert fora colocado em uma poltrona para que estivesse sentado durante a cerimônia. Tobiah se aproxima e estende a mão para Annora, que tem a sua colocada gentilmente na dele por seu pai.

— Um dia amei intensamente uma mulher, fui fraco por não brigar por ela e é o meu maior arrependimento, desse amor nasceu Annora. A proteja com a sua própria vida, a ame como se não houvesse amanhã, e lhe dê filhos para alegrar seus dias e continuar nossa linhagem.

— Eu prometo que farei — Tobiah diz.

Annora se aproxima de Tobiah e o bispo começa a cerimônia de casamento. A primeira fora simples como aquela, mas essa tinha um valor especial, seu pai estava presente e não sentia mais como se faltasse alguma coisa.



Uma semana após o casamento de Annora e Tobiah em Larornna, os criados estavam correndo em todas as direções para receberem os convidados da rainha. Annora enviara um convite especial para suas amigas. Elas não sabiam ainda que Annora era uma rainha e sabia que surpreenderia a todas.

— Eleanor? — Annora chama ao entrar na sala de visitas onde suas amigas estavam.

— Annora. — Eleanor se levanta e abraça a amiga. — O que está fazendo no palácio real? Quando recebi o convite vindo diretamente do palácio fiquei sem acreditar.

— Todas estamos curiosas. — Katherina se levanta para abraçar Annora.

— Eu sou a nova rainha de Larornna.

— Rainha? — Simon pergunta e olha para Tobiah, que está um pouco afastado e sorrindo para todos.

— Fiquei surpreso com a notícia também. Annora era a herdeira do trono. A antiga rainha queria a sua morte, por isso ela fugiu e passou a

viver como uma modista.

— E fazia aquele monte de reverências, sendo que era eu a obrigada a se inclinar? — Eleanor pergunta sem acreditar.

— Não se preocupe, Eleanor, nunca fiquei ressentida. Eu sabia que muito provavelmente não voltaria a viver como uma princesa. Então estava conformada em ser apenas uma modista.

— E agora que é uma rainha, quem fará nossos vestidos? — Cornélia pergunta se levantando e vai até Annora. — Você será uma grande rainha, tem um coração maravilhoso.

— Obrigada. Agora que revelei quem eu sou realmente, por que não sobem para descansar um pouco da viagem. Sei o quanto ela é exaustiva. — Annora observa seus convidados irem para os seus quartos e nota a falta de um deles. — Onde está o James?

— Ele começou na escola e está fascinado com tudo que está aprendendo. Diz que é mil vezes melhor ir à escola do que aprender em casa — Eleanor explica. — Ele queria vir, mas tinha uma prova importante e disse que sabia que se viesse muito provavelmente você e todas as outras mulheres brigariam com ele por perder a prova.

— E ele está certo — Annora diz.

— Ele enviou todo o seu carinho e disse para que eu avisasse a Hinxtone que mesmo Annora tendo todo um exército para defendê-la, se a magoar ele virá até aqui para desafiá-lo em um duelo.

— Se esse menino aos doze anos desafia a todos, principalmente homens com o dobro do seu tamanho, o que fará quando for maior de idade? — Tobiah pergunta e Eleanor solta um gemido.

— Não quero nem pensar.

Logo após o almoço, uma carruagem para em frente ao palácio e Annora vai ao encontro de suas convidadas especiais. Insistira com Tobiah

para que convidasse sua madrastra e irmãs.

— Octavia. — Annora abraça a irmã caçula de Tobiah.

— Estava enlouquecendo dentro dessa carruagem.

— Não se preocupe, a partir de agora não será mais obrigada a conviver com elas.

— Não? — Octavia pergunta esperançosamente.

— Ah, Tobiah. Por que nos fez vir tão longe, o que tem de tão importante nesse país, para fazer com que viéssemos até aqui? — Birdie pergunta alisando as saias e Tobiah abraça a cintura de Annora.

— Minha esposa e rainha de Larornna, Annora.

Annora observa com fascinação os olhos de Birdie e Celestia arregalarem diante das novidades, pelo visto elas não souberam sobre o casamento e ainda tinham esperanças de que Tobiah se casasse com Celestia.

— Isso significa que posso morar aqui? — Octavia pergunta.

— Sim, Annora deseja a sua companhia, o que me diz?

— Claro que aceito. Adoro aventuras.

— Octavia, você... — Birdie começa a falar, mas Tobiah levanta a mão a impedindo.

— Celestia não é minha irmã, por isso não sou responsável por ela legalmente, mas Octavia é minha responsabilidade e determino que ela more aqui comigo. Onde receberá os melhores ensinamentos e poderá ser o que quiser. Mas, para não alegarem futuramente que as abandonei, poderá viver na casa de duquesa viúva até o fim de seus dias. Quanto a você Celestia lhe darei um bom dote para que se case até o fim da temporada.

— Obrigada — Celestia diz baixinho percebendo que não haveria mais o que fazer em relação a se casar com Tobiah.

Enquanto as últimas convidadas são acomodadas, Annora toma a mão de Tobiah e segue para o jardim. Na última semana, apesar de ter seus compromissos como rainha, dedicara alguns momentos para Tobiah, era raro ficarem completamente sozinhos, mas quando estavam ela sempre aproveitava.

— Achei que Birdie teria uma síncope — Tobiah brinca.

— Acredito que faltou pouco.

— Está pretendendo me corromper atrás de alguma moita? — Tobiah pergunta abraçando Annora.

— Não, só queria dividir algo que tenho praticamente certeza de que está acontecendo.

— E o que seria?

— Nosso herdeiro ou herdeira está a caminho — Annora revela e Tobiah abre lentamente um sorriso.

— Vamos ser pais?

— Sim, e espero que meu pai possa viver o suficiente para segurar seu primeiro neto.

— Ele é um homem teimoso, tenho certeza de que se colocar na cabeça que verá seu primeiro neto nascer, ele fará isso.

— Obrigada, Tobiah.

— Pelo quê?

— Por me ajudar, por não desistir de mim, por fazer meus dias felizes, e principalmente por me deixar amá-lo.

— Não precisa agradecer, meu amor. Porque eu te amo e faria tudo novamente por você, mas prefiro que não fuja novamente.

Tobiah beija Annora fazendo com que ela se esqueça de tudo a sua volta. Ela não estava mais em perigo, não precisa continuar se escondendo, agora podia gritar para os quatro ventos que era feliz e amada.

Epílogo

Uma das coisas que Annora mais amava no fato de ser rainha é que poderia melhorar a vida do seu povo, logo que percebera que havia outras meninas como Octavia que desejavam estudar e fazer uma faculdade como os homens, decretara que todas que assim desejassem poderiam se matricular.

No início houvera algumas discordâncias por parte de professores e os alunos das faculdades, mas ela era a rainha e sua decisão não poderia ser contestada.

Agora, oito anos depois, Octavia estudava sobre outras culturas e história de outros países, ela estava determinada a ser a primeira embaixadora de Larornna. Tobiah decidira não apressar a irmã e permitir que ela tivesse o seu tempo para tudo, até mesmo para se casar, se ela decidisse o fazer seria quando quisesse.

Annora e Tobiah logo no início do casamento se perguntavam como fariam com as sucessões ao trono e ao ducado, o que fora resolvido naturalmente com o nascimento de uma menina alguns meses depois. O segundo filho fora um menino e assim tudo estava resolvido.

Em oito anos de reinado, Annora descobrira que não era tão rápido mudar as coisas, tinha muito ainda a melhorar, mas tinha seu marido ao seu lado, que a apoiava e aconselhava. Sentia falta do pai, sabia que com ele ao seu lado poderia fazer grandes coisas, mas infelizmente ele vivera somente tempo suficiente para segurar sua neta nos braços por uma vez.

O grande escritório do pai, agora era de Annora, era ali que ela tomava suas decisões, orientava seus criados e negociava com outros líderes. Ela tivera o prazer de receber a rainha da Inglaterra, que oferecera seus conselhos caso precisasse. Afinal eram duas mulheres governando um país.

No mesmo momento em que fecha o livro que examinava, a porta se abre e duas crianças entram correndo com seu pai logo atrás.

— Já terminou de governar, mamãe? — Sua filha pergunta apoiando a cabeça em seu braço.

— Já, sou toda de vocês pelo resto do dia.

— Eba! — seu filho grita animado e ela se levanta com a ajuda de Tobiah, já que a barriga de sete meses estava pesada.

O terceiro filho estava a caminho e ela não poderia estar mais feliz.

— Pedimos que preparassem uma cesta com um verdadeiro banquete, vamos até o jardim e nos sentar na grama para comer — Tobiah explica a abraçando enquanto seguem os filhos que corriam animados.

— Esses são os meus momentos favoritos.

— Quer dizer que os momentos que passamos a sós não são os seus favoritos?

— Esses são momentos nossos, é claro que eu adoro ficar com você. Mas quando estamos juntos em família, sinto uma alegria imensa. Por muito tempo estive sozinha.

— Sei o que quer dizer. — Tobiah a beija delicadamente e a faz parar de andar apontando para o jardim.

Dariela estava com a sua filha, que já corria perseguindo os filhos de Annora.

— Estou feliz por minha irmã. Romulus e ela são um casal perfeito.

— Ela não foi influenciada pela mãe, o que já é uma grande vantagem para ela.

— As crianças ficarão entretidas por um bom tempo antes de sentirem fome — Annora diz abraçando o pescoço de Tobiah, que abre um sorriso.

— Pensando em se esconder por alguns momentos, minha rainha?

— Talvez — ela ri, Tobiah contorna o jardim e se sentam em um banco. — Por muito tempo acreditei que não estaria aqui um dia.

— Era seu destino ser uma rainha, meu amor.

— Não. — Ela sorri. — Achava que jamais teria um marido a quem amo tanto, filhos lindos, e uma vida da qual não me arrependo.

— Fico feliz em saber que não se arrepende de se casar comigo.

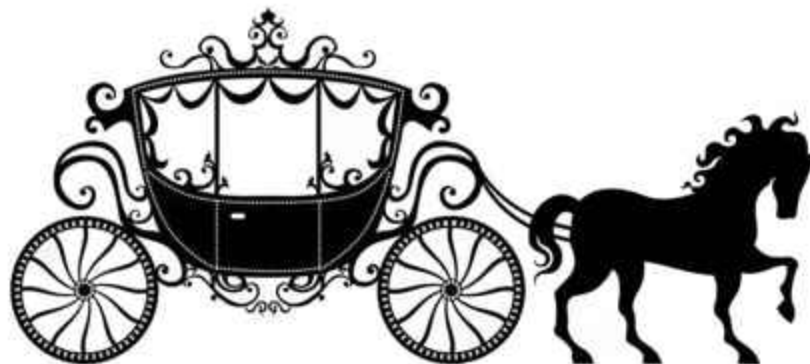
— Lutei com todas as minhas forças para que isso não acontecesse, serei imensamente grata a Eleanor por abrir meus olhos. Se estou tão feliz hoje, é porque ela me fez perceber que o medo me impedia de viver.

— Eu te amo, Annora.

— Eu também te amo, Tobiah.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A VIÚVA ESTIMADA



A VIÚVA ESTIMADA

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 6

Prólogo

Quando menina Pippa sempre imaginara como seria o seu marido; ao ver suas irmãs se casarem com bons homens, sua vontade era de encontrar alguém como eles. Coltrane, Aiden e Lucca eram bons cunhados, que cumpriam à risca a posição de irmãos mais velhos. Logo na sua primeira temporada, no primeiro baile, os três estavam presentes parecendo três falcões a vigiando.

Enquanto os cunhados tentavam assustar os pretendentes, Cornélia, Kathy e Hester a orientavam da melhor forma que conseguiam. Até mesmo a duquesa de Wentworth Eleanor, a viscondessa de Culbert Charlotte e Annora, que descobriram ser uma rainha na verdade, estavam ao seu lado.

Com quase dois meses de festas, sarais, peças de teatro e concertos, Pippa conhecera um rapaz que lhe tirara o fôlego, Fergus Packard, o conde de Passelewe, a princípio era exatamente o que ela procurava. Alto, ombros largos, cabelos negros, olhos sedutores, um sorriso marcante e palavras doces. Desde o primeiro momento, ele conquistara a todos em sua casa; e, quando propôs casamento, pedindo sua mão para os três cunhados, ela achara que tirara a sorte grande.

Somente após se mudar para longe, para as terras da família Packard que Pippa conheceu a verdade. Fergus não era tão doce quanto aparentava. De alguma forma, nos anos seguintes ele se transformara, no começo os carinhos trocados ficaram cada vez mais ausentes, eles quase não conversavam mais e ele a tratava de maneira rude. Na cabeça de Pippa se devia ao fato de que não engravidara tão rapidamente quanto ele e sua família desejavam.

Adélia, a condessa viúva, dizia a todo momento o quanto era decepcionante o fato de que Fergus não tivera um filho homem para ser seu herdeiro, que não haveria outro destino se não Gerrit, o irmão mais novo, assumir o título quando Fergus morresse.

Para Pippa cada uma dessas vezes era como uma facada em seu peito, ela sofria por não ter filhos e não precisava ser acusada por isso. Quando finalmente suas regras começaram a falhar e teve certeza de que estava grávida fora o segundo momento mais feliz de sua vida, o primeiro lugar estava guardado para o momento em que pegou seu pequeno bebê em seus braços.

Gwendoline, ou Gwen como a chamava, era o bebê mais lindo que havia posto os olhos. Mais até mesmo do que seus vários sobrinhos. Claro que se devia ao fato também por ser sua filha, mas Pippa acreditava que não havia criança mais linda.

Mesmo dando uma filha para Fergus, as acusações não diminuía; para Adélia só importava um filho homem. Durante os quatro anos da pequena Gwen, a condessa viúva adorava mencionar na frente da menina o quanto era decepcionante que não nascera um menino.

Mas fora justamente o nascimento de um menino que mudara toda a vida de Pippa. Tarde da noite, Pippa ouviu alguns gritos no corredor; ao sair de seu quarto viu Fergus correr em direção às escadas, ao perguntar

para o mordomo o que estava acontecendo ele apenas desviara o olhar. Somente na manhã seguinte soubera que a amante de Fergus tivera um filho, um menino que ele trouxera para casa, Pippa jamais esqueceria suas palavras enquanto vivesse.

— Ele é meu filho e sua mãe morreu no parto, você o criará como sendo seu. Diremos a todos que ele é nosso filho.

Pippa se recusara, é claro, não assumiria um filho que não era seu. Por muitos dias discutira com Fergus, rejeitava a criança mesmo sabendo que era errado, que a pequena criatura não tinha culpa da traição de seu pai. Mas não podia aceitar criar o filho de outra mulher.

Uma semana após o nascimento do menino, Fergus fora atingido por um tiro. O pai da moça, após se recuperar da morte da filha, decidiu se vingar. O tiro acertara o peito de Fergus sem lhe dar qualquer chance de recuperação. E foi assim que Pippa se vira viúva aos vinte e cinco anos de idade com uma filha pequena.

Ao enterrar seu irmão, Gerrit pedira a mãe para que sumisse com o menino e assim ele pudesse herdar o título e toda a herança. Percebendo que teria muitas mais vantagens, Adélia devolveu o menino para a família da amante de Fergus, permitindo assim que ninguém soubesse sobre a criança.

Durante um ano, Pippa foi mantida juntamente com sua filha em luto restrito, não recebiam visitas – sendo a última logo após o enterro de Fergus, quando sua família veio lhe prestar solidariedade. Após esse episódio, sob ordens de sua sogra manteve toda sua família afastada.

Segundo Adélia, como viúva Pippa deveria abrir mão dos prazeres da vida, mesmo ainda sendo tão jovem. Seus vestidos coloridos foram queimados, e os pretos tomaram seu guarda-roupa e o de sua filha. Mas o que mais machucava era o fato de sua sogra tomar os brinquedos de Gwen.

Para Adélia, a menina não poderia brincar enquanto estava enlutada, tendo poucos anos de vida, Gwen não entendia por que tinha que abrir mão de suas preciosas bonecas.

Por muitas vezes, Pippa decidira pedir ajuda para suas irmãs, mas Adélia lia cada uma das cartas enviadas por ela, e as respostas deveriam passar por ela antes que a nora pudesse ler.

Adélia e Gerrit comandavam todos os aspectos de sua vida e um ano após a morte de Fergus, quando poderia finalmente abandonar as vestes pretas, nada mudara. Pippa sentia que poderia enlouquecer, sua vontade era de fugir na calada da noite, mas tinha medo de não ter sucesso ou que pudesse acontecer algo a ela durante a viagem estando sozinha com uma criança pequena.

Enquanto sofria silenciosamente, todas as noites ela elevava uma prece para que Deus a ouvisse e enviasse alguém para tirá-la de todo aquele inferno.



— Posso ter uma audiência com a rainha? — Annora escuta e abre um sorriso ao se levantar.

— Como passou por meus criados?

— Criei uma distração no salão principal, três crianças estão agitadas com os presentes que eu trouxe. — James abraça Annora com carinho.

— Você está enorme. — Annora olha para o menino, que considerava como um irmão caçula.

Mesmo morando tão longe, Eleanor e sua família a visitavam sempre que podia, e James, quando tinha férias escolares, passava pelo menos uma semana a visitando.

— Os exercícios valeram para alguma coisa, sem contar outras atividades que tenho feito.

— Atividades? — Annora pergunta puxando James para um sofá. — Espero que nada indecoroso.

— Melhor não entrarmos em detalhes. — Ele pisca para Annora, que sorri.

James estava com vinte anos, mudara completamente do menino pequeno e magrelo, que brigara por tanto tempo para viver. Agora estava alto, encorpado, mas seu sorriso continuava doce e seus olhos vividos sempre com alguma travessura escondida no olhar.

— Vai ficar muito tempo?

— Na verdade, não muito. Eleanor soube que eu viria para esses lados e enviou presentes para as crianças, fui visitar um amigo primeiro.

— Ah, sou sua segunda opção?

— Claro que não, era a minha primeira, mas preferiu se casar a me esperar. — James dá de ombros.

— Nunca fui a sua primeira opção, se bem me lembro. Era outra moça que sempre esteve em sua mente.

— E ela infelizmente também não esperou por mim.

— Tem alguma notícia de Pippa?

— Katherina disse que o período de luto pela morte de seu marido terminou, mesmo assim ela decidiu ficar com a família dele. Ela queria visitar Pippa, mas no momento é praticamente impossível. Por isso me ofereci para ir até ela, já que mora aqui perto.

— Sem segundas intenções, James?

— O que quer que eu faça? Que eu roube uma viúva logo após o seu período de luto terminar?

— Oras, não é ela quem você sempre quis?

— Queria que fosse fácil. — James abre um sorriso fraco. — Pippa amava o marido, e eles tiveram uma filha, sou apenas um jovem conde com um passado triste.

— Você é muito mais do que isso, James. Mesmo tão novo defendeu as mulheres que tanto ama. Desafiou um duque por mim, ameaçou seu cunhado no dia do casamento dele.

— Isso só mostra o quanto sou sem juízo.

— Não, isso mostra o quanto tem um bom coração. E sei que qualquer mulher ficaria feliz em tê-lo como marido.

— Marido? — James levanta e se afasta de Annora torcendo o nariz. — Sou muito novo para casar. Agora vamos, levante-se daí antes que aqueles pestinhas destruam o palácio. Quem você pensa que é para ficar de conversa o dia inteiro? A rainha por acaso?

— Eu sou a rainha — Annora diz divertida e James revira os olhos.

— Obrigado por jogar na minha cara que sou um simples conde.

— Mas é, o meu conde favorito. Dê um beijo em Pippa por mim quando a vir.

— Eu darei, vou passar a noite aqui se não se importar e amanhã vou até a casa dela. Acordei com Pippa na minha cabeça hoje e estou preocupado, por mim iria hoje mesmo, mas não quero aparecer como alguém desesperado e desarrumado que fugiu do inferno. — Ele aponta para as roupas cheias de pó.

— Teme assustar Pippa se aparecer assim?

— O que está sugerindo, Majestade? — James pergunta.

— Que teme que a mulher que você ama se assuste ao ver seu estado.

— Está sugerindo que eu amo Pippa?

— James, todos sempre souberam o quanto ela é importante para você e eu sei que, quando um amor é verdadeiro, ele jamais acaba.

James toma a mão de Annora e a acompanha até o salão onde os filhos dela estão animados com os presentes. Ele não poderia negar o que ela dissera, o amor que ele sentia por Pippa era grande e muito forte; mesmo ela se casando e indo para tão longe, ele jamais a esquecerá, e no fundo do seu coração tinha esperanças de que um dia pudesse tê-la em seus braços.



— Queria ir lá fora, mamãe — Gwen pede soltando um suspiro enquanto olha pela janela da sala.

Pippa estava tão ansiosa por um pouco de sol quanto sua filha. Segundo Adélia, pessoas em luto não deveriam sair de casa, o que significava que ambas eram praticamente mantidas prisioneiras. Mesmo um ano passando da morte de Fergus, Adélia não permitiria que saíssem do luto. Uma mulher madura entendia o que a sogra estava fazendo, uma menina de quatro anos não.

— Olha, mamãe, um cavalheiro. — Gwen aponta e Pippa se aproxima para ver quem tinha chamado a atenção de sua filha.

Assim que o homem desmonta de seu cavalo e retira o chapéu para alinhar os cabelos, Pippa reconhece o visitante: James. Antes que alguém possa mandá-lo embora sem que ela pudesse conversar com ele, Pippa corre para o hall da mansão ao mesmo tempo que o mordomo abre a porta.

— James? — Pippa chama e ele abre um sorriso.

— Como está, Pippa? — Ele se aproxima de braços abertos e a abraça. Por alguns momentos, Pippa permite ser amparada antes de se soltar. — E essa é a pequena Gwen?

— Fala oi para o James, querida — Pippa diz puxando a filha para frente, que o observa. — Ele é o irmão da tia Eleanor.

— Oi, tio James — Gwen cumprimenta-o.

Eleanor, Charlotte e suas irmãs, sempre que podiam, desde o nascimento de Gwen, a visitavam. Para a menina, todas eram suas tias, o que fazia de James alguém próximo em sua cabeça.

— Como está, lady Gwen? — James se abaixa e retira algo de trás das costas, era uma boneca de pano, que na mesma hora conquistou sua filha. — Um presente para você.

— Obrigada, tio James. — Gwen pega a boneca como se fosse um tesouro e a abraça.

— Devolva agora mesmo! — Adélia diz alto assustando a todos.

Gwen se aproxima de Pippa praticamente se escondendo dentro de suas saias, James se levanta e olha para ela sem entender o que está acontecendo.

— Este é lorde Greenwood, irmão da duquesa de Wentworth — Pippa o apresenta à sogra.

— Sei quem ele é, não deveria estar aqui, milorde. Estamos de luto e não recebemos visitas.

— Mas o período de luto já se encerrou — James diz olhando para Pippa, que desvia o olhar.

— Não cabe ao senhor decidir quanto tempo uma família sofre por uma perda. — Adélia desce as escadas e para próximo a eles. — Devolva a boneca, Gwendoline.

— É um presente, ela não precisa devolver.

— Estamos de luto, a criança não deve brincar.

— Não? — James pergunta sem acreditar e sente alguém puxar seu casaco; ao olhar para baixo, Gwen lhe entrega a boneca e vai para os

braços de Pippa, que a levanta.

— Acho que é melhor se retirar, milorde — Adélia diz apontando para a porta.

— Ao saberem que eu viria para esses lados, suas irmãs pediram que eu entregasse algumas cartas — James diz praticamente ignorando as ordens de Adélia. — Elas esperam por sua resposta, vou ficar na vila por um ou dois dias, pode me entregá-las e eu as levarei pessoalmente.

Pippa pega as cartas que James lhe estende e agradece timidamente. Sem outra solução, James vai para a porta, que o mordomo abriu para ele. Queria ficar ali e entender o que estava se passando naquela casa, por que Gwen não poderia ficar com a boneca? Por que Pippa não se parecia com a moça que ele conhecia?

Ao se virar para ver Pippa uma última vez, não pôde deixar de ver Adélia tomar as cartas de sua mão e subir as escadas.

— Mas o quê...

— Não, milorde. — O mordomo segura o seu braço e desce as escadas com ele. — Se quer realmente ajudar, descubra uma forma de tirar a senhora e a criança daqui. Não posso fazer nada por ser um simples mordomo, mas o senhor como um conde pode. A condessa viúva as mantêm prisioneiras dentro de casa, jogou fora todos os brinquedos da menina, elas precisam do senhor.

— Por que Pippa não disse nada a ninguém?

— A condessa viúva e o novo conde controlam todas as cartas escritas por lady Pippa, e até mesmo as que ela recebe. Tirou completamente o contato dela com o mundo exterior. Por favor, ajude-a. Ela sempre foi gentil comigo, mas sou um criado, não tenho como fazer nada.

— Vou para a vila, preciso descansar um pouco da viagem, mas assim que eu souber o que fazer lhe aviso.

— Não converse com os outros criados, eles não conseguem guardar segredo.

— Obrigado.

James monta em seu cavalo e rapidamente vai para a vila onde deixara Ashton alugando quartos para os dois. Ao entrar na estalagem, escolhida para passarem a noite, ele rapidamente se dirige para a mesa onde o seu homem de confiança está.

Ashton fora a forma que Simon descobrira para dar poderes a James; desde que o homem forte e inteligente passara a ser sua sombra, James se soltara. Não temia ser ameaçado a qualquer momento ou que alguém o envenenasse. Por muito tempo tivera pesadelos, que somente seu cunhado conhecia. Tivera medo de comentar com as irmãs e acharem que ele ainda não estava preparado para o mundo.

Desde que Ashton passara a acompanhá-lo, seus medos foram acabando e criara forças para enfrentar o mundo. Mesmo quando ainda menino dizia coisas ou desafiava homens maiores do que ele, quando ia para o seu quarto e ficava sozinho temia que seu tio aparecesse.

— Como elas estão? — Ashton pergunta assim que ele se senta e James joga a boneca sobre a mesa. — Ela não gostou do presente?

— Ela adorou, mas a sogra de Pippa mandou que devolvesse. Segundo ela estão de luto e por isso a menina não pode ter uma boneca.

— Nunca ouvi nada parecido.

— Fica pior, ela tomou as cartas que as irmãs de Pippa enviaram; e, segundo o mordomo, estão mantidas prisioneiras dentro daquela casa. Preciso fazer algo, Ashton.

Ashton dá um gole em sua cerveja e olha para James atentamente. Ele sabia o quanto James amava Pippa desde que era um menino, quando soubera que ela estava viúva esperava que o rapaz corresse para tomar a mulher que amava para si. Mas vira sua atitude nobre de esperar que ela vivesse seu luto, mas agora que sabia que ela estava em perigo e que seu patrão faria alguma coisa, ele o ajudaria.

— Vou alugar uma carruagem, podemos partir à noite.

— Não vou sem Pippa e Gwen.

— E quem disse que iremos? Peça para que o filho do estalajadeiro leve um recado para ela, que fique pronta para partir à meia-noite.

— Vamos roubá-las?

— Tem alguma ideia melhor, Greenwood?

— Não. — James se levanta e vai falar com o dono da estalagem enquanto Ashton vai alugar a carruagem.



Pippa levava muito tempo tentando acalmar a filha que chorava desesperadamente por ter devolvido a boneca, ela se apaixonara por aquele brinquedo assim que James lhe entregara. Era praticamente um bebê ainda e entender que Adélia era uma bruxa sem coração estava além de sua capacidade.

— Lady Pippa? — O mordomo entra discretamente e fecha a porta.

— Chegou esse bilhete para a senhora.

Pippa abre ansiosamente e se segura para não soltar um grito de alívio ao ler as poucas palavras.

“Esteja pronta para ir embora à meia-noite.

James”

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — o mordomo pergunta e Pippa olha para ele indecisa. — Eu avisei o conde que a senhora precisava de ajuda. Estou ao seu lado para o que precisar.

— Acredito que eu precise fazer uma mala pequena para Gwen e outra para mim, e é necessário sair escondida à noite.

— Não se preocupe, senhora, eu vou ajudá-la.

Pippa deixa a filha dormindo em seu quarto e vai até o da menina; pegando alguns vestidos e roupas de baixo, ela coloca em uma valise e volta sorrateiramente para o seu quarto onde faz outra pequena mala para si. Quando Adélia decidira queimar todos os seus vestidos, conseguira esconder três deles, seus favoritos.

Na hora do jantar, Pippa pede que sua criada avise Adélia que jantaria em seu quarto com Gwen, o que sabia que sua sogra aprovaria. Uma vez que os pratos usados são retirados, ela dispensa a criada pelo resto da noite. Conforme as horas se arrastam, Pippa tenta controlar sua ansiedade, estava para ir embora dali com a ajuda de James e temia ser pega pela sogra e o cunhado.

Quando o ponteiro do relógio marcava cinco minutos para a meia-noite, ela veste a sua capa e ajuda uma adormecida Gwen a se sentar para colocar a capa na menina. A porta se abre levemente e o mordomo entra para pegar as malas.

— Obrigada — Pippa sussurra ao levantar a filha em seus braços e o segue para fora.

A casa estava em silêncio, os criados haviam se recolhido e Pippa sabia que sua sogra estava dormindo, já Gerrit muito provavelmente estava na casa de sua amante. O curto caminho de terra da casa até o portão parece uma eternidade para Pippa. Enquanto ela corre, não demora

muito para avistar uma pequena lamparina e o contorno de uma carruagem.

— Pippa — James chama seu nome e levanta Gwen de seus braços.

— Entre na carruagem.

Pippa nota outro homem pegar suas malas e abre um sorriso, era claro que Ashton também estava ali, já que não se separava de James. Ela entra na carruagem e James lhe entrega Gwen e entra em seguida.

— Obrigada por me ajudar.

— Eu faria qualquer coisa por você, Pippa — James diz a olhando intensamente com a luz da lua refletindo seu rosto.

A porta da carruagem se fecha e ele lhe entrega um cobertor para jogar sobre a filha. Com um leve solavanco, a carruagem começa a se movimentar e ela solta um suspiro, estava se afastando da casa onde vivera por sete anos, a casa onde acreditara que seria feliz, mas nos últimos anos só conhecera sofrimento.



James combinara com Ashton de viajarem praticamente a noite toda, para garantir que assim estariam longe o suficiente para quando a sogra de Pippa notasse a sua falta. Quando começa a amanhecer, Ashton para em uma estalagem para a troca de cavalos e para que eles possam descansar um pouco.

— Gwen? — Pippa balança a filha adormecida, que pisca os olhinhos. — Acorda, meu amor.

— Onde estamos, mamãe?

— Estamos indo para muito longe de sua avó — James responde abrindo um sorriso.

— Tio James. — Gwen se senta mais desperta.

Ashton abre a porta da carruagem e James salta para ajudar as duas a descerem.

— Gwen, estou com um problema. — Ele se abaixa para ficar na altura da menina. — Alguém está muito triste, ela só tem chorado desde que foi separada de você. — James retira a boneca de pano do bolso interno do seu paletó e Gwen abre um sorriso.

— Minha boneca!

— Você vai cuidar dela?

— Vou, tio James. Ela não vai mais chorar.

Ao entrarem na estalagem, James pede que Pippa e Gwen esperem por ele enquanto conversa com o dono. Após providenciar um quarto e um banho para as duas, ele as acompanha até o andar de cima.

— Vão trazer uma banheira e água para que tomem um banho e depois uma refeição. Se quiserem dormir um pouco, fiquem à vontade.

— Não é melhor seguir viagem? — Pippa pergunta ansiosa.

— Ashton ficou acordado a noite toda, ele precisa descansar um pouco. Não se preocupe, porque estamos longe o suficiente. — James abre um sorriso para tranquilizá-la. — Tem uma questão que precisamos conversar.

— Algum problema?

— Me apresentei ao dono como Owen Osborne, futuro conde de Ashworth. E você como minha esposa e Gwen minha filha.

— Por quê? — Pippa pergunta sem acreditar enquanto sua filha os olha atentamente.

— Sua sogra e cunhado irão procurar por uma mulher e criança em luto. Se durante a viagem nos apresentarmos como uma família, não haverá rastros. Trouxe algum vestido que não seja preto? — James pergunta e ela concorda. — Ótimo, vista-o então quando sair do quarto, fingir que somos casados deixará nossa fuga mais fácil, a não ser que deseje voltar para a casa de sua sogra.

— É claro que não. Lorde Osborne não ficará irritado ao descobrir que está usando o nome dele?

— Somos velhos amigos, o tio dele casou com Charlotte, então somos praticamente da mesma família, não se preocupe. Agora lembre-se: você é a senhora Osborne, evite usar o seu nome novamente.

As criadas da estalagem entram com uma banheira e baldes de água, James pede licença e sai do quarto as deixando sozinhas. Assim que o banho está pronto, Pippa ajuda Gwen a tirar o vestido e entrar na banheira, se juntando a ela logo em seguida.

— Mamãe, por que não pode usar o seu nome? — Gwen pergunta enquanto Pippa ensaboa suas costas.

— Sua avó vai nos procurar e não queremos voltar a morar com ela, queremos?

— Não. — Gwen fica em silêncio por algum tempo. — Então o tio James vai ser o meu papai para não deixar a vovó nos levar embora?

— Isso. Enquanto fingirmos que ele é meu marido será mais fácil ficar escondidas.

— Eu tenho que chamá-lo de papai?

— Seria o ideal, meu amor.

— Está bem. — Gwen dá de ombros e Pippa agradece silenciosamente o fato da menina parar de fazer perguntas.

Após o banho e colocar uma camisola nela e em Gwen, ambas comem a refeição quente que foi trazida e se deitam para descansar um pouco. O corpo estava dolorido de dormir sentada na carruagem, mas ao se lembrar de que era necessário para fugir do sofrimento que vivia na casa de sua sogra, dormiria para sempre em uma carruagem.

Perto da hora do almoço, Pippa desperta e acorda Gwen para se arrumarem; uma vez que estão vestidas, elas descem para o salão da estalagem onde James está sentado comendo.

— Pedi nosso almoço. — Ele mostra os pratos.

— Ashton acordou?

— Já, ele está arrumando a carruagem, vamos partir assim que terminarem de comer. Conseguiram descansar?

— Praticamente adormeci assim que encostei a cabeça no travesseiro — Pippa diz sem graça. — Você dormiu?

— Dormi um pouco, pedi outro quarto para mim.

Após terminarem de comer, James vai até o dono da estalagem pagar pelos quartos e pela comida, Pippa ajuda Gwen a se levantar e vão para o lado de fora. Ashton já estava com os cavalos prontos para partirem, as malas de presas no alto da carruagem.

— Boa tarde, senhora Osborne — Ashton diz se inclinando levemente e ela ri.

— Boa tarde. Descansou?

— Sim, poderemos seguir adiante por um bom tempo. Devemos parar somente à noite.

— Não é melhor...

— Não se preocupe, nos desviamos do caminho de Londres, sua sogra irá procurar em um lugar completamente diferente.

— Para onde vamos? — Pippa pergunta e sente a mão de James na sua cintura.

— Para a casa de campo Greenwood. Vamos ficar escondidos por lá por algum tempo, enquanto sua sogra revira Londres.

— Oh, Deus, consegue imaginar a cara de Coltrane quando ela chegar dizendo que eu sumi?

— Estou contando com isso, ele a pressionará para saber o que aconteceu. Lately se juntará a ele, sua sogra terá que dar muitas explicações.

— Não é melhor avisar minhas irmãs onde estou?

— Vamos avisar quando chegarmos ao nosso destino. Elas sabem que eu iria visitá-la; então, quando sua sogra disser que sumiu, elas saberão que eu estou envolvido.

— Está bem.

James ajuda Pippa a subir na carruagem e levanta Gwen, que dá risada. Assim que a carruagem começa a se movimentar, James pega um cobertor amarrando duas pontas nas laterais fazendo uma cabana improvisada para Gwen, que dá um grito de alegria e se esconde com a boneca e começa a falar baixinho.

— Lembro-me de poucas coisas do meu pai, uma delas é que ele improvisava uma cabana para mim na carruagem, assim fazia as viagens mais interessantes para um menino pequeno — explica.

— Obrigada, James.

— Não precisa me agradecer por nada, Pippa, eu faria tudo por você — diz com o seu olhar intenso sobre ela, apoiando seus cotovelos nos joelhos, ele toma a sua mão na dele. — Você é importante para mim.

— Porque somos velhos amigos.

— Não, eu nunca a vi apenas como uma amiga.

Pippa sente seu corpo tremer levemente com as palavras de James e tenta olhar para o lado de fora da carruagem, mas é impossível. O olhar dele parece queimar sua pele, a mão dele segura firmemente a sua.

— James...

— Não sou mais um garoto, Pippa. Sou um homem que sabe o que quer.

— E o que você quer?

— Você.



Pippa fica em silêncio sem saber para onde olhar, James era o mesmo menino que por tantos anos brincaram juntos, fora ele que a convidara para dançar pela primeira vez em um baile. Jamais imaginara que ele se sentisse assim a respeito dela.

— Eu sei que talvez seja muito rápido, já que está viúva há um ano. — James se levanta para sentar ao lado dela e segura a sua mão. — Mas você sempre foi a moça que eu desejei, desde que eu era apenas um menino aprendendo a ser um conde.

— Você deve estar se confundindo...

— Não há qualquer tipo de confusão, Pippa. Por muito tempo tive vontade de matar o seu marido por ter passado na minha frente. Eu imaginava que teria alguma oportunidade de me declarar, fazer a corte. Mas quando finalmente tive idade suficiente, você já estava casada. Agora que está livre não vou permitir que outro homem se aproxime, não sem lutar.

— James...

— Eu vou fazer a corte, vou levá-la para um passeio, vou fazer poemas sobre você. — Ele arranca uma risada de Pippa. — Vou fazer tudo

o que venho desejando desde que a vi pela primeira vez.

— Eu sou uma viúva com uma filha pequena, James.

— E isso é motivo para não se dar uma chance de ser feliz? Além do mais, Gwen é uma menina maravilhosa, não me importaria em ser o pai dela de verdade.

— Você tem apenas vinte anos, James, tem muito ainda para fazer.

James solta um suspiro e leva a mão de Pippa aos lábios.

— Sinto-me um velho de oitenta anos algumas vezes, Pippa. Passei por muita coisa nesses vinte anos. Sofri uma tentativa de assassinato, tive que conviver com o meu corpo fraco que mal conseguia andar, fui obrigado a fazer exercícios diários para fortalecer meus músculos, tudo isso enquanto aprendia a ser um conde. Nunca contei a ninguém, mas desde que abri meus olhos após quase morrer, agradei a Deus por ter colocado Simon e posteriormente Walden no nosso caminho. Eles cuidaram das minhas irmãs enquanto eu não podia.

— Você era uma criança.

— Uma criança com um título, terras, arrendatários, dezenas de pessoas que necessitavam de meus cuidados. Simon cuidou de tudo permitindo que eu me recuperasse. Graças a ele, eu pude ser criança em alguns momentos, mas eu sempre soube qual era o meu lugar, o que eu deveria fazer quando crescesse. Se Gwen fosse um menino seria ela que herdaria o título do seu marido, passaria a se ver obrigada a aprender tudo, enquanto um homem mais velho desejava sua posição.

— Confesso que, quando a peguei nos braços pela primeira vez e vi que era uma menina, agradei a Deus. Ela não teria qualquer responsabilidade com aquela família.

— E então, Pippa? Vai permitir que esse velho conde a corteje?

— Velho? — Pippa pergunta com uma risada e o sorriso de James fica maior. — Você realmente deseja isso, James?

— Mais que tudo nessa vida. Não bati na sua porta antes porque deixei que cumprisse o seu luto de um ano, o que me arrependo imensamente; se tivesse aparecido antes, a teria livrado de todo esse sofrimento. Você está livre de qualquer obrigação com a família do seu marido, já ficou em luto por ele, agora pode fazer o que quiser de sua vida, até mesmo ficar comigo.

— Você vai se arrepender mais para frente. Enquanto praticamente todos os nobres fogem de casamentos e filhos, você aos vinte anos quer se comprometer. Tenho certeza de que se seus cunhados estivessem aqui lhe diriam que é loucura.

— Se eles estivessem aqui me dariam tapas nas costas e diriam que finalmente tomei uma atitude. Simon sabe o quanto é importante para mim, Pippa.

— Está bem, vou permitir que faça a corte, mas não teremos um compromisso aberto a todos.

— Por que não?

— Porque se perceber que não é isso realmente que deseja, não teremos que explicar a todos porque nos separamos. — Pippa leva as mãos ao rosto escondendo seus olhos. — Eu concordei realmente em receber a corte um ano após a morte do meu marido?

— Você apenas concordou em receber a corte, que deveria ter recebido se não fosse aquele maldito...

— Olha a boca! — Pippa briga com James e levanta o cobertor para ver a filha, que está deitada balançando a boneca no ar, completamente alheia à conversa.

— Me perdoe, esqueci que não devo falar algumas coisas na frente das crianças. — James passa o braço por sobre os ombros de Pippa e a puxa para ele, segurando o seu rosto com a mão livre. — Eu prometo, Pippa, que não haverá um final nessa corte, serei eternamente o seu namorado.

James beija Pippa no início delicadamente, mas ao sentir seus lábios de encontro aos dela praticamente perde o controle. Desejara por tanto tempo beijá-la, que tê-la ali, finalmente em seus braços, era demais para suportar.



Após o beijo, as coisas dentro da carruagem pareciam tensas, James queria continuar a beijar Pippa, mas com a presença de Gwen era complicado. Enquanto Pippa não conseguia deixar de pensar no beijo e se o que estavam fazendo era sensato ou não. Quando a tarde começava a escurecer, Gwen que adormecera em sua cabana improvisada reclamara que queria fazer xixi, então James optara por parar na próxima estalagem onde passariam a noite.

Como da outra vez, ele conversara com o dono se apresentando como Owen Osborne com sua esposa e filha, solicitando três quartos.

— Infelizmente, milorde, só possuo um quarto, o seu cocheiro pode ficar no quarto dos criados se desejar — o dono da estalagem diz sem graça.

— Não tem problema — Ashton diz baixinho para James. — Assim posso ficar a par se alguém aparecer atrás de nós.

— Vamos ter que dividir o quarto — James diz se aproximando de Pippa. — Eles não possuem mais quartos.

— Mamãe? — Gwen diz dando pulinhos ansiosa para se aliviar.

— Onde é o quarto? — Pippa pergunta e James sobe com ela.

Enquanto Pippa cuida de Gwen, James retorna para o salão para pedir o jantar. Meia hora depois, as duas retornam, Gwen corre até ele puxando uma cadeira para perto e se senta ao seu lado.

— Pedi torta de carne — James diz para Pippa.

— Minha favorita. — Gwen sorri e James não consegue resistir a menina.

— Fico feliz por ter acertado então. Quer um copo de leite?

— Quero. — Ela balança os cachos delicados concordando e ele se levanta para incluir no seu pedido.

— Quanto tempo temos de viagem ainda? — Pippa pergunta assim que ele retorna. — Trouxe apenas dois vestidos para mim e para Gwen.

— Se quiser podemos passar o dia aqui amanhã. Ashton me disse, enquanto esperava por vocês, que a vila é bem abastecida, podemos procurar uma modista e comprar algumas roupas.

— Já estou devendo demais a você, James.

— Owen. — James coloca um dedo sobre os lábios dela. — Não se esqueça.

— Desculpe. — Ela olha para os lados.

— E não se preocupe com o dinheiro, tenho bastante e se realmente se importa com isso, Coltrane pode acertar comigo depois.

— Está bem — Pippa diz e olha para Gwen, que observa o salão. — Ela está adorando a viagem.

— Tudo é novidade para ela. — James sorri e puxa um dos cachinhos de Gwen e dá risada.

— Tem uma família linda, milorde — uma senhora diz se aproximando com a bandeja e servindo o pedido.

— Obrigado.

Assim que a comida é servida, Pippa ajuda Gwen a fazer o seu prato, se servindo em seguida.

— Mamãe, eu posso comer torta de maçã depois?

— É claro que pode — James concorda.

— Crianças não devem comer doces perto da hora de dormir, Owen, ou ela jamais pegará no sono.

— Sério? — Ele olha para Gwen e dá de ombros. — Só consigo lembrar da minha época quando me proibiam de comer doces.

— Exato, pelo mesmo motivo. — Pippa ri. — Mas vou deixar que coma um pedacinho, Gwen, mas apenas se comer toda a sua comida.

Após o jantar, onde James se divertira como nunca, ele levanta Gwen em seus braços e sobe com ela e Pippa para o quarto. Enquanto elas se arrumavam para a noite após tomarem um banho, ele verificara com Ashton se estava tudo certo com os cavalos.

— Fiz um desvio na estrada, acredito que não irão encontrar nosso rastro, mas ouvi alguns cocheiros conversarem, um deles é da mesma região que lady Pippa. Dizem que o atual conde está procurando por sua cunhada e sobrinha.

— Eu sabia que fariam alguma coisa, se querem manter tudo em segredo é importante que tenham controle sobre Pippa e Gwen.

— Mudar de nome foi o ideal, não estão suspeitando de nada. Se tudo der certo, depois de amanhã chegaremos ao nosso destino.

— Deixe tudo arrumado para partirmos logo após o almoço.

Após se despedir de Ashton, James vai para o quarto. Batendo duas vezes na porta, ele entra e para em seu caminho observando a cena. Pippa está deitada em uma cama no chão com Gwen, ela faz carinho nos cabelos da filha enquanto conta uma história.

— Poderia dormir com ela na cama, eu fico no chão — ele diz entrando e tirando o casaco.

— Sugeri isso a ela, estava adorando a ideia até que viu a cama que arrumaram, disse que é uma aventura e correu para ela — Pippa diz. — Já tomou banho?

— Já, fiz isso no quarto do Ashton.

James se senta na poltrona em frente a lareira e observa Pippa atentamente.

— Se um dia quiser que Gwen durma rapidamente, mexa em seu cabelo, ela não resiste, é assim desde que era um bebê.

— Lembro quando a vi alguns meses após o nascimento. Era a menina mais linda que eu já vi em toda a minha vida.

— Me arrependo de muitas coisas na minha vida, me casar com Fergus não é uma delas, porque desse casamento eu tive a Gwen. Como poderia me arrepender de ter a minha filha?

— É só por isso que não odeio Fergus totalmente — James diz e se levanta. — Estou com ela há um dia e já não consigo imaginar um mundo sem ela. Gwen é uma menina doce.

— Outro dia estava pensando em quando chegar a hora de Gwen debutar, eu...

— Não fale nisso. — James fecha a cara e se senta ao lado de Pippa no chão. — Ela é um bebê ainda, nada de debutar, pretendentes ou coisa do tipo.

— Um dia isso vai acontecer, James.

— Vamos deixar para quando esse dia chegar. Agora ela é uma menininha doce, que não tem pretendentes em seu futuro.

— Está bem. — Pippa ri e se levanta indo até a cama. — Acho que vamos ter que dividir a cama então.

James rapidamente se levanta e para atrás dela a abraçando.

— Não se preocupe, Pippa, por mais que eu a deseje e que deitemos na mesma cama, não vou tomar qualquer liberdade. Quando fizer isso, quero passar horas e horas adorando seu corpo, sem correr o risco de Gwen presenciar a cena. Vamos apenas nos deitar e dormir abraçados.

Pippa se deita sob os cobertores enquanto James apaga algumas velas e vai para o outro lado da cama. Ficando apenas com sua calça, ele se deita e puxa Pippa para o seu peito a abraçando forte. Era a primeira vez que ela dormia assim, já que Fergus não queria dividir a mesma cama com ela; com o som do coração de James em seu ouvido, ela rapidamente pega no sono.



Acordar abraçada com um homem foi uma completa surpresa para Pippa, ainda mais que esse homem era James, o mesmo garoto com quem ela crescera correndo pelos jardins, conversando sobre livros, trocando cartas enquanto ele estava na escola. Tudo parecia perfeito até o dia em que ela se casou e percebeu que trocar cartas com um rapaz solteiro, mesmo que o conhecesse desde pequena, não era mais apropriado.

Agora depois de tanto tempo estava em um quarto de estalagem com ele, em seus braços, enquanto sua filha dormia tranquilamente – ou era o que ela pensava até que Gwen se joga sobre a cama entre eles.

— Acorda, mamãe, já amanheceu.

— O que foi? — James pergunta sonolento e escuta a risada de Gwen. — Volte a dormir, querida.

— Não, está de manhã, olha. — Ela aponta para a janela e James finge olhar, mas a puxa novamente para o meio deles.

— Está de noite, é impressão sua — ele resmunga.

— Eu estou com fome.

— Está bem. — James se levanta e faz praticamente um teatro ao colocar a camisa e as botas. — Vou pedir que preparem um grande café da

manhã para você.

— A Maggie também está com fome. — James para de calçar as botas e olha para Pippa.

— Quem é Maggie?

— A minha filhinha, papai. — Gwen revira os olhos e mostra a boneca para James, que sorri, mas pelo fato dela ter lhe chamado de papai.

— Desculpa por me esquecer dela. Vou pedir que sirvam comida para a Maggie também. Espero por vocês duas lá embaixo.

Assim que James sai do quarto, Pippa abraça a filha lhe dando um bom-dia. As duas rapidamente se arrumam para o café da manhã e vão encontrar James, que já está sentado à uma mesa.

O café da manhã é farto, Pippa e Gwen aproveitam os deleites preparados antes de irem até a vila para comprarem alguns vestidos. Durante o passeio, Pippa percebe que Ashton os segue discretamente a uma certa distância.

— Por que ele está nos seguindo? — Pippa pergunta e James nem ao menos olha para trás.

— Para garantir que estamos seguros, não vou correr o risco com vocês duas.

— Mas estamos longe de Geri e Adélia, não estamos?

— Estamos, mas não vou abaixar a guarda. — James abre uma porta para elas.

— Bom dia — uma senhora diz atrás do balcão. — Em que posso ajudar?

— Bom dia, sou lorde Osborne e essas são minha esposa e filha, elas estão atrás de alguns vestidos — James diz e se senta em uma poltrona para esperar.

— Não sei se tenho algo tão chique para uma dama — a senhora diz sem graça. — Mas tenho algumas coisas muito bonitas.

— Não se preocupe com isso. — Pippa abre um sorriso e segue a senhora.

Por duas horas, Pippa e Gwen experimentaram alguns vestidos e fizeram alguns ajustes na hora. Durante todo o momento esperara que James se irritaria por esperar, mas ele a olhava com um sorriso no rosto, até mesmo rejeitara dois vestidos que ela experimentara. Era algo completamente estranho para ela, já que Fergus se recusava a acompanhá-la nas compras.

Após os dois vestidos para Pippa e mais dois para Gwen estarem prontos com os ajustes feitos, James paga por eles e os três saem da loja se direcionando para uma pequena feira ao ar livre.

Enquanto olhavam as variedades de mercadorias nas barracas, Gwen se aproxima de James e segura a sua mão, ficando entre ele e Pippa. Para James, o gesto que era tão simples significava o mundo todo para ele. Tinha muitos sobrinhos, e via a forma como eles procuravam pelos pais para brincarem ou conversarem.

Oliver, por ser o futuro duque, muitas vezes se sentava no escritório de Simon fingindo que analisava os livros como o pai, mesmo na época que não sabia ainda ler ou escrever, era o seu passatempo favorito, já que Simon muitas vezes o pegava no colo e explicava o que tanto olhava.

Era isso o que James desejava tanto, ter filhos com quem ele pudesse brincar, conversar, ensinar a fazer algo. Mesmo que não tivesse tantos talentos. Entre ele e Pippa, ela era a talentosa que entalhava lindos objetos na madeira. Ele possuía todos sobre a cornija da lareira em seu quarto, se recusara a se desfazer de qualquer um deles, eram esses objetos que o lembravam constantemente da mulher que agora estava ao seu lado.

Após o passeio pela vila, eles retornam para a estalagem e trocam de roupa para seguirem viagem logo após o almoço. James comprara outros brinquedos que, assim como a boneca, entretinham Gwen, que brincava alegremente no chão da carruagem, enquanto ele estava sentado ao lado de Pippa segurando sua mão.

— Você não me contou o que tem feito ultimamente — Pippa tenta aliviar o clima que está carregado não de tensão, mas de desejo por parte dela e de James.

— Após as minhas viagens para as Américas com a empresa do Walden e da Charlotte decidi comprar a parte da sociedade de meu cunhado da sua antiga empresa.

— Não entendi.

— Simon comprou alguns navios com o dote de Charlotte para ela. Com o tempo, ela aprendeu a cuidar dos negócios e logo tinha frota própria para montar sua própria empresa. Como não poderia ser rival nos negócios de sua própria esposa, Walden decidiu se tornar sócio de Charlotte. Eu me ofereci para comprar a parte dele na outra empresa.

— Então você, além de um conde, é sócio de uma empresa de transportes?

— Exatamente. — James sorri. — Tenho feito muito dinheiro. Meu sócio é quem administra ativamente os negócios, ele tem mais experiência que eu. Mas tenho aprendido um pouco.

— Tenho certeza de que muito em breve saberá tudo. Você é muito inteligente, James.

— Obrigado. — Ele passa o braço por sobre os ombros dela e a puxa para mais perto.

— Quando seu marido morreu, a única coisa que eu conseguia pensar era o quanto eu desejava que seu período de luto passasse logo. Aí

então me perguntava o que eu estava fazendo para que se orgulhasse de mim quando finalmente nos encontrássemos, não queria que visse um menino que vivia apenas do dinheiro que herdara. Foi então que eu decidi me aventurar nessa sociedade.

— Eu tenho orgulho de você, James, sempre tive. Por tudo o que você enfrentou e pelo homem que se tornou.

— Isso significa que se casaria comigo?

— Não é muito cedo para falar sobre isso? — Ela ri e James gira o rosto dela para ele.

— Não quando se espera por isso desde os dez anos — ele diz seriamente e Pippa percebe o quanto está sendo sincero.

— Vamos conversar sobre isso depois? Quando não estivermos em uma carruagem e principalmente com Gwen por perto.

— Não se preocupe, conversaremos mais tarde. Amanhã pela manhã estaremos na minha casa de campo, então poderemos conversar. Só quero que saiba de uma coisa, Pippa, quando chegarmos lá, você dormirá comigo. Como deveria ser.



A intenção de James uma vez que faltava tão pouco era viajar a noite toda e mais algumas horas da manhã, mas assim que amanhecera Gwen despertara reclamando que estava com fome e que precisava fazer xixi, sem outra alternativa eles param novamente a pedido da menina. Enquanto Pippa cuidava da pequena ele pediu por um café da manhã e se sentou para esperar por elas.

James não queria parar, porque todos ali praticamente o conheciam, então não havia mais como usar o disfarce de Owen Osborne.

— Ainda falta muito para chegar, papai? — Gwen pergunta assim que se senta para comer.

— Não, mais umas duas horas.

— Na sua casa tem au au?

— Tem, temos gatinhos e cavalos também.

— A mamãe disse que eu poderia ter um au au, mas a vovó não deixou.

— Crianças em luto não devem ter animais — Pippa explica para James.

— Bom, sua vovó está muito longe, e na minha casa crianças podem ter o animal que quiser.

Após terminarem a refeição, eles saem da estalagem e Gwen corre até Ashton, que abre a porta da carruagem.

— Posso ir com você ali em cima? — Gwen pergunta apontando para o banco alto e Ashton abre um sorriso.

— Não tem medo de altura?

— Não, eu quero ir com você.

— James? — Ashton pergunta e ele olha para Pippa.

— Não é perigoso?

— Não vou correr, estamos perto então não haverá problemas — Ashton diz.

— Por favor, papai — Gwen pede unindo as mãozinhas e Pippa ri.

— Você não vai conseguir resistir a essa carinha, vai?

— Como sabe o que eu estava pensando? — James pergunta.

— Porque muitas vezes eu também não resisto.

— Está bem, Gwen, pode ir lá em cima, mas se ficar com medo avise para o Ashton na mesma hora.

— Eba! — Ela dá pulinhos no mesmo lugar. Ashton sobe para o seu banco no alto da carruagem e James a levanta. — Papai, cuida da Maggie, ela tem medo de altura.

James pega a boneca e entrega para Pippa, que entra na carruagem.

— Tome cuidado e obedeça ao Ashton — James avisa e ela balança a cabeça concordando.

— Você vai fazer tudo o que ela pedir lhe chamando de papai, não vai? — Pippa pergunta assim que James entra e fecha a porta da carruagem.

— É claro que não — ele diz e escuta uma risada de Pippa. — É difícil resistir a ela.

— Eu sei, por algum motivo Fergus conseguia. Ele a ignorava sempre que podia, tudo porque não era o filho homem que ele queria. Ao contrário de mim que estava feliz com Gwen, ele reclamava o tempo inteiro.

— Fergus era um estúpido por não ver o tesouro que tinha em casa. — James puxa Pippa para perto e a abraça. — Ao contrário dele, eu sei a sorte que eu tenho em ter vocês duas comigo.

— Estamos em uma fuga, James. Essa aventura toda é completamente diferente de estar juntos no dia a dia.

— Eu sei, e também sei que será ainda melhor quando criarmos uma rotina.

— Muito em breve, Gwen e eu iremos morar com uma das minhas irmãs...

— Quem disse que permitirei que vá embora? — James pergunta levantando o seu rosto. — Vocês duas são minhas, Pippa, e não vou permitir que se afastem, não sem uma boa luta.



Ashton estava preocupado por ter uma menina tão pequena ao seu lado enquanto a carruagem se movimentava na estrada. Mesmo o dia estando tão bonito temia que uma chuva surgisse do nada e ela se molhasse toda, ou então que passasse em um buraco e ela caísse da carruagem.

— É muito mais divertido ir aqui do que dentro da carruagem — Gwen diz com uma das mãozinhas segurando no apoio de ferro e a outra agarrada no casaco de Ashton.

— Não está com medo?

— Não. — Ela balança a cabeça. — Eu posso ver tudo daqui de cima. Faz muito tempo que eu não posso ver as coisas.

— Porque sua avó a mantinha dentro de casa.

— Sim, ela dizia que eu não podia brincar.

— Bom, esses dias ficaram para trás. Você está indo para um lugar onde vai poder brincar bastante.

— A vovó não vai me encontrar, vai?

— Senhorita Gwen, eu não vou permitir que ninguém a leve embora sem sua vontade. Prometo. — A carruagem faz uma curva e Ashton aponta para um grande portão de ferro que é aberto assim que eles se aproximam.

— Essas são as terras de Greenwood, a casa de James.

— Agora é a minha casa também, não é, tio Ashton.

— Tenho certeza que sim.

Ashton para a carruagem em frente as escadas da mansão e entrega Gwen para um dos criados enquanto outro abre a porta para James e Pippa.

— Não esperávamos sua chegada — o senhor Bryer, mordomo da casa diz para James.

— Mudei meus planos — ele diz e pega a mão de Pippa. — Essa é lady Pippa e sua filha Gwendoline, minhas convidadas pelo tempo que quiserem. Providencie, por favor, acomodações para elas.

— Sim, milorde.

— Vou até o meu escritório escrever uma carta para suas irmãs e as minhas explicando tudo o que aconteceu.

— Cadê o au au, papai? — Gwen pergunta puxando o casaco dele e James se abaixa.

— Sobe com a sua mamãe para conhecer seu quarto, vou cuidar de alguns assuntos e depois prometo que vou mostrar cada bichinho nessas

terras para você.

— Não vai esquecer. — Ela balança o dedinho na frente do rosto dele.

— Eu não vou, agora leve a Maggie com você, ela ficou chorando de saudades. — Ele entrega a boneca para Gwen, que dá um beijinho nela e a abraça forte. — Logo me juntarei a vocês.

Pippa pega a filha pela mão e acompanha a governanta para dentro de casa, Bryer olha curioso para James, que coça a cabeça.

— Lembra-se de Pippa Threston?

— É ela, milorde?

— Sim, ela estava praticamente sendo mantida prisioneira em sua própria casa, eu a sequestrei junto com a filha. A única forma de mantê-las em segurança foi dizendo a todos no caminho que ela era minha esposa. Gwen gostou de me chamar de papai.

— Creio que a estadia delas aqui deva ser mantida em segredo, caso alguém venha procurá-las?

— Se não for da família dela ou minha, sim, ninguém deve saber que estão aqui.

— Vou avisar a todos os criados, milorde.

— Obrigado Bryer. Peça para prepararem um bom almoço, estou cansado de comer comida de estrada.

— Sim senhor — Bryer faz uma mesura e entra em casa.

James vai para o seu escritório onde escreve uma carta para Coltrane e outra para Simon explicando o que estava acontecendo. Ao sair do escritório, ele escuta uma certa agitação no hall da casa e vai até lá se surpreendendo com os visitantes.

— Hester? — James pergunta sem acreditar e ela corre até ele o abraçando.

— Ela está aqui?

— Como...

— Imagine a nossa surpresa ao receber uma carta de Coltrane informando que a sogra de Pippa apareceu em sua casa procurando por ela e a neta. Que as duas haviam desaparecido após a sua visita — Lucca diz.
— Como moramos mais perto ele pediu que procurássemos por notícias.

— Você sequestrou a Pippa? — Hester pergunta.

— Na calada da noite — James concorda. — Não tive outra opção, ela estava sendo mantida prisioneira, sua sogra jogou todos os brinquedos de Gwen fora alegando que estavam de luto e não poderiam ter qualquer tipo de prazer.

— Por que ela não nos contou nada? — Hester pergunta ofendida para o marido.

— Toda a correspondência era controlada; se Pippa escrevesse que precisava de ajuda, a sogra dela jamais permitiria o envio da carta. Não tive outra opção.

— Agradeço pelo que fez — Lucca diz.

— Acabamos de chegar, escrevi uma carta para Coltrane explicando tudo. Vou manter Pippa e Gwen escondidas aqui.

— Não é melhor levá-la para nossa casa? — Hester pergunta e Lucca olha para James.

— Talvez ficar aqui é exatamente o que ela precise, querida. A sogra dela está em Londres ainda. Se não me engano já bateu na porta de suas irmãs — ele diz a James. — Vamos para Londres contar o que está acontecendo pessoalmente para Coltrane, enquanto isso cuide das duas.

— Eu vou cuidar — James promete.

— Posso vê-las antes de partir? — Hester pergunta.

James chama pelo mordomo e pede que leve Hester até o quarto de Pippa; assim que ela se afasta, Lucca dá um tapa no ombro de James.

— Não vai permitir que ela vá embora, vai?

— Não é uma opção — James diz e entrega a carta endereçada a Coltrane. — Por favor, a entregue para o seu cunhado, estou explicando todos os motivos para roubar Pippa, e principalmente os motivos para mantê-la aqui.

— Sabe o que ele disse na carta que nos enviou? — Lucca pergunta e sorri. — Acredito que James tenha levado Pippa para sua casa, nunca foi segredo os olhares que ele direcionava a ela. Sei que muito provavelmente ele tenha esperado por esse momento por todos esses anos, tenha a certeza de que Pippa está bem e que ele a está tratando bem, caso contrário leve-a embora com você.

— Papai! — Gwen desce correndo as escadas e pula no colo de James. — A mamãe está chorando abraçando a tia Hester.

— Elas estão com saudades — James diz. — Lembra do seu tio Lucca?

— Oi. — Ela balança a mãozinha para ele, que olha os dois com um sorriso.

— Acredito que minha cunhada e sobrinha estão muito bem.

James dá um beijo na cabecinha de Gwen, que a deita no seu ombro. Ele olha para Lucca, que sorri para os dois.

— Elas são minhas, Lucca, e vou mantê-las.



— Você devia ter contado o que estava passando, Pippa — Hester diz nervosa andando de um lado para o outro.

— Eu tentei, juro que tentei, mas Adélia lia todas as cartas que eu escrevia e rasgava os meus pedidos por ajuda. Até mesmo quando tentei dizer indiretamente que queria que me visitassem ou que eu fosse até a sua casa, ela rasgou tudo.

— Não entendo o porquê dela tentar mantê-la presa. O que tanto tem a esconder?

— Fergus teve um filho fora do casamento e queria que eu dissesse a todos que era nosso, já que era um menino, eu me recusei. No dia seguinte, ele foi morto pelo pai da moça. Para que Gerrit não perdesse a oportunidade de ficar com o título, tentaram manter tudo em segredo. Não querem que eu conte para a sociedade sobre a infidelidade de Fergus ou sobre o menino.

— Se Coltrane souber, ele caçará seu cunhado até no inferno.

— Durante um ano sonhei com isso. — Pippa sorri. — Ainda bem que James apareceu.

— Está tudo bem ficar aqui? Sabe que pode se esconder na nossa casa se quiser. George está lá, ele voltou de viagem.

— James tem me protegido durante todos esses dias, não acho certo virar as costas agora, ainda mais... — Pippa para de falar e Hester se senta ao seu lado com um sorriso.

— Aconteceu alguma coisa?

— Ele disse que quer fazer a corte, que pretende se casar comigo.

— Ele sempre foi apaixonado por você — Hester concorda. — Foi algo que jamais conseguiu esconder. Sempre achei que era um amor de criança, mas, pelo visto, ele não esqueceu.

— Você acha que estou me precipitando? Afinal de contas, eu sou uma viúva.

— Viúva que já passou do seu período de luto, você ainda é nova, Pippa, e pode encontrar um novo amor; ou um antigo amor, já que James e você sempre gostaram um do outro.

— Tenho medo de não dar certo. Meu casamento não foi dos melhores, sempre desejei ser tão feliz quanto vocês.

— E por que acredita que não será agora? Tudo bem que o James é muito mais novo que você, mas pode se dar ao luxo de tentar. Não é nenhuma debutante virgem. Ficarão aqui sozinhos, eu diria para aproveitar esse período.

— Ele trata Gwen com carinho — Pippa diz abaixando os olhos. — Ele a escuta, conversa com ela, permite que fale por horas sobre coisas de crianças e não se importa. Em tão pouco tempo, os dois já se apaixonaram.

— Mais um motivo para tentar. Não existe nenhuma regra ou lei que a impeça de amar novamente, Pippa.

— O que Cornélia diria?

— Ela diria que você é uma boba por pensar tanto e que, se levarmos em consideração a forma com que nós três nos casamos, você não poderia ser feliz realmente sendo cortejada por tanto tempo e se casando da forma correta.

— Fui a ovelha negra — Pippa concorda, rindo.

As duas escutam algumas risadas no jardim e se aproximam da janela, lá embaixo Gwen corria de um cachorro, que pulava e latia animado atrás dela, enquanto James e Lucca observavam a cena.

— Papai! — Gwen grita correndo até ele, que se abaixa e vai ao chão com ela em seus braços quando o cachorro pula neles, os dois dando risada.

— Qual era a sua dúvida mesmo? — Hester pergunta e Pippa apoia a cabeça em seu ombro.

— Consegue segurar Coltrane em Londres por alguns dias?

— Acredito que será necessário, já que se ele vier até aqui vocês dois não poderão se entender.

Após conversarem por mais algum tempo, elas descem para o jardim, Lucca abraça Pippa por algum tempo e ela agradece seu apoio.

— Vamos para Londres hoje mesmo, quero tranquilizar Coltrane e Aiden sobre o que está acontecendo e contar toda a verdade — Lucca informa.

— Acha que pode encomendar alguns vestidos para mim e para Gwen? Fugimos com apenas dois e James comprou outros dois, precisamos de tudo.

— É claro que eu posso — Hester a tranquiliza. — Vou falar com o Aiden e providenciaremos tudo na Lavelly's.

— Mamãe, o papai me deu um au au. — Gwen corre até ela com o cachorro logo atrás.

— Ele não é muito grande?

— Claro que não, mamãe, ele é muito bonito e vai dormir comigo.

— Vai? — Pippa pergunta para James, que dá de ombros.

— Ele será uma ótima companhia e também poderá mantê-la segura à noite.

— E qual o nome dele? — Lucca pergunta se abaixando na altura da sobrinha.

— O papai disse que é Lobo.

— Bom, o Lobo vai precisar de um banho se quiser dormir com você

— Pippa avisa.

Gwen olha para o cachorro e depois para o homem que se aproxima e corre até ele gritando:

— Tio Ashton, me ajuda a dar banho no meu au au?

— É claro, princesa, vamos lá.

— Acho que não existe nenhuma pessoa que possa resistir a Gwen.

— Hester ri.

— Ela é uma bonequinha — James concorda e puxa Pippa para os braços dele a abraçando. — Vou cuidar delas, têm minha palavra.

— Acho bom, Greenwood, ou terá Coltrane, Aiden e eu para caçá-lo

— Lucca avisa olhando seriamente para ele antes de chamar a esposa para irem embora.

A carruagem de Lucca e Hester se afasta enquanto James, tomando a mão de Pippa, sobe com ela para um terraço onde se sentam, ele a beija delicadamente e volta a abraçá-la. Os dois ficam em silêncio enquanto o som das risadas de Gwen chegam até eles.

Por algum motivo, Pippa temia essa calmaria, muitas vezes ela precedia uma grande tormenta.



Enquanto Gwen brinca no jardim sob o olhar atento de Ashton, Pippa procura pela governanta para providenciar não só uma criada para ela, mas também alguém que possa cuidar de sua filha.

— A menina Aldys trabalha na cozinha, ela seria ideal para cuidar da pequena Gwen, ela tem quatro irmãos mais novos — a senhora Bryer diz. — Tenho certeza de que as duas se darão muito bem. Quanto a senhora, Bessie é quem cuida das senhoras, irmãs do conde, quando elas vêm fazer uma visita. Tem bastante experiência.

— Obrigada, senhora Bryer, avise as duas, por favor, principalmente Aldys, o dia de Gwen foi bastante agitado, daqui a pouco ela estará cansada.

— Já pedi que arrumassem o berçário para ela. Para nossa sorte, essa casa tem andado cheia de crianças desde que lady Eleanor e lady Charlotte tiveram filhos — diz com um sorriso.

— Gwen tem sofrido nesse último ano, sua avó tomou todos os seus brinquedos e a proibia de brincar no jardim. Agora que percebeu que pode fazer todas essas coisas, quer passar o dia inteiro brincando.

— Não se preocupe, minha senhora, Aldys cuidará bem da menina. O tempo de sofrimento acabou. — A senhora Bryer pega a mão de Pippa e dá um tapinha. — Para vocês duas.

— Obrigada.

Quase no final do dia, Pippa observa sua filha deitada com um cachorro aos seus pés. Depois de correr a tarde inteira, ela tomara um banho e comera um lanche para simplesmente adormecer logo em seguida. Como previra, ela estava cansada.

— Achei que ela não dormiria hoje — James diz se aproximando e Pippa ri.

— Ela queria conhecer a casa inteira. Aldys prometeu que amanhã mostraria todos os esconderijos da casa, foi a única coisa que fez com que ela entrasse na banheira. — Pippa dá um beijo nos cabelos de Gwen e se afasta. — Se precisar de alguma coisa, me chame, por favor, Aldys.

— Não se preocupe, senhora, ficaremos bem. — A moça sorri e vai se sentar em uma poltrona de onde ficaria de olho em Gwen.

— Esse cachorro vai realmente dormir aqui? — Pippa pergunta e percebendo que falavam dele, Lobo apenas mexe as orelhas e se ajeita melhor, com a cabeça apoiada nas pernas de Gwen.

— Quer um protetor melhor? — James pergunta e puxa Pippa para fora do quarto. — Ele não vai permitir que ninguém se aproxime dela. A senhora Bryer avisou que nosso jantar está servido no terraço. Por que não vamos comer e depois podemos fazer o que você quiser?

— Acredito que a única coisa que conseguiria fazer é me deitar. Sinto que finalmente meu corpo começa a relaxar de toda a tensão em que tenho vivido desde a morte de Fergus.

— Fico feliz que tenha percebido que está segura aqui.

James e Pippa se sentam à mesa preparada para o jantar e alguns criados os servem.

— A essa hora, Hester e Lucca chegaram em Londres. Coltrane deve estar irado com tudo o que aconteceu comigo e Gwen — Pippa diz cortando sua comida.

— Para a sorte de seu cunhado, ele terá que se entender com Coltrane; se fosse comigo, a conversa não seria tão fácil.

— Acredita mesmo que Coltrane terá uma conversa fácil? Desde a morte dos meus pais, ele tomou para si a missão de cuidar de nós. Por ser a mais nova, algumas vezes o via como um figura paterna. O que significa que ele estará ainda mais nervoso.

— Ele está nervoso pelo que fizeram com a irmãzinha dele, eu estou irado com o que fizeram com a mulher que eu amo — James diz e Pippa olha para ele em silêncio. — É a verdade, Pippa. Eu sempre te amei. Não vou negar que tive outras mulheres, você estava casada, era alguém inalcançável. Mas quando ficou viúva terminei tudo com minha amante. Só conseguia pensar em você e que eu poderia finalmente tê-la em meus braços.

— O que vamos fazer, James? — pergunta baixinho.

— Vamos terminar nosso jantar, depois subiremos para o seu quarto, onde eu vou demonstrar o quanto eu a amo; quando terminarmos, seu marido será uma lembrança distante.

— Está tão confiante assim que o permitirei em minha cama? — Pippa ri e James abre um sorriso.

— Termine seu jantar, meu amor.

ele

Pippa sente os braços de James se afrouxarem a sua volta e ele se remexe na cama para se levantar. Logo após o jantar, os dois subiram para o quarto dela e ele a beijou até que estivesse completamente rendida a ele. A forma como fizeram amor, com tanto carinho, lentamente como se tivessem todo o tempo do mundo, a emocionara. Fergus a procurava todas as noites, fazia o que tinha que fazer e ia embora a deixando sozinha.

James se levanta e procura por suas roupas para se vestir e Pippa sente seu coração se apertar, era praticamente Fergus novamente a deixando sozinha.

— O que foi, Pippa? — James pergunta ao ouvir um suspiro e se senta na cama.

— Você vai voltar para o seu quarto?

— Não é o que deseja? — Ele a vira para olhar o seu rosto. — Por mim eu passaria a noite toda aqui, mas não tinha certeza se você me permitiria. Muito provavelmente sua criada me encontrará na sua cama. Muitas mulheres não desejam isso.

— Fergus nunca ficava. Tudo o que eu queria era alguém me abraçando a noite toda. Minhas irmãs não possuem quartos próprios, meus cunhados não permitem que durmam sozinhas, sempre desejei o mesmo.

— Se é assim — James volta a retirar as roupas e se deita novamente a puxando para ele — saiba que amanhã todos nessa casa saberão que dormimos juntos, muito provavelmente haverá comentários, mas se realmente me quiser na sua cama a noite toda ficarei aqui, mas amanhã você irá para o meu quarto de onde nunca mais vai sair.

— Não somos casados — ela ri se aconchegando ao peito dele.

— Um mero detalhe, nada que não possa ser resolvido. Simon pode conseguir uma licença para nos casarmos amanhã mesmo se desejar.

— É tudo tão rápido, James.

— Rápido? Pippa, eu a amo desde que eu tinha dez anos, em minha opinião demorou demais. — Ele a aperta em seus braços. — Se não quiser se casar até o fim da semana, não tem problema, não me recusarei a viver em pecado pelo tempo que quiser.

Pippa solta uma gargalhada, que para apenas quando ele a volta a beijar, se deitando sobre ela, James decide que farão amor novamente. Como ele mesmo dissera, passaram tempo demais longe um do outro e agora que ela estava ali não se separariam mais.



Por uma semana, James e Pippa acreditaram que suas famílias haviam se esquecido deles, mas quando, logo após o almoço, a carruagem do duque de Wentworth parou em frente a mansão, James sabia que o tempo de sossego havia acabado. Ele desce as escadas para receber a irmã, que o abraça por um longo tempo para em seguida dar lugar ao marido.

— Então, deu para roubar viúvas agora? — Simon pergunta dando um tapa em seu ombro.

— Você faria a mesma coisa se visse a situação em que ela e Gwen estavam vivendo.

— Não tenho dúvidas de que eu faria. Lady Cornélia nos visitou faz alguns dias e explicou todo o ocorrido. Não viemos antes, porque eu estava ajudando Coltrane a lidar com a situação.

— O cunhado de Pippa procurou a polícia e a Câmara dos Lordes para alegar que você deve ser preso.

— Preso? — Eles escutam um suspiro preocupado e James corre até Pippa.

— Vou ficar bem, meu amor, eles não podem fazer nada contra mim. Eram eles que a mantinham como prisioneira. — James a abraça e ela se

agarra a ele.

— Não quero que você pague por ter me ajudado.

— E eu não vou pagar por nada, não se preocupe.

— Ele tem razão, Pippa — Simon diz com carinho e toma a mão dela. Eles se conheciam desde que ela era uma menina, e tinha um carinho especial por ele, como se fosse seu irmão. — Deixe que Coltrane e eu cuidaremos disso. Preocupe-se apenas em apagar as lembranças ruins.

— Bom, chega de conversa na porta de casa, estou ansiosa para ver a Gwen, a última vez que a vi era apenas um bebezinho — Eleanor diz passando um braço pela cintura de Pippa e as duas entram juntas em casa. — Meus filhos estão praticamente todos crescidos agora. Oliver está com quase dez anos e, segundo ele, não devo tratá-lo como uma criança.

— Sei como é, para mim Gwen ainda é um bebê, mas ela insiste que já é uma mocinha.

Algumas crianças passam correndo por elas e Eleanor apenas as avisa para não quebrarem nada.

— Meus filhos quando chegam aqui parecem esquecer que são filhos de um duque. James é o tio que permite que façam tudo, então correm para todos os lados.

— Ele é muito condescendente com Gwen também. Ela tomou posse de um cachorro, que a acompanha para todos os lados. Os dois estão no jardim, provavelmente abrindo buracos. — Pippa ri e as direciona para as grandes portas laterais de onde podem ouvir as risadas de Gwen. — O jardineiro disse que ela poderia ajudá-lo a plantar algumas mudas, muito em breve ele pedirá para que eu a tire do seu jardim.

— Vejo que não é só James que foi conquistado por Gwen.

— Não. — Pippa sorri e aponta para a filha suja de terra. — Todos os criados estão apaixonados por ela. Ashton principalmente, James disse que

muito provavelmente ele poderia matar alguém para protegê-la.

— Ele a vê como filha de James, não é? — Eleanor pergunta. — Ele é muito grato a Simon por tê-lo contratado e confiado James a ele. Nunca vi alguém mais fiel. Sempre acreditei que ele seria capaz de esganar meu irmão por ser um menino tão precoce e falador. Mas os dois acabaram de alguma forma se entendendo.

— James é um bom rapaz.

— Ele é sim — Eleanor diz com um sorriso e Pippa sente suas faces pegarem fogo pela vergonha.

— Gwen? — Pippa chama e a menina corre até ela, os cabelos praticamente soltos, a saia do seu vestido coberto de terra e lama, suas mãos sujas. — Essa é lady Eleanor, a duquesa de Wentworth e irmã do James.

— Oi, tia Eleanor. — Gwen abraça as pernas de Eleanor antes que Pippa possa impedir.

— Oi, minha princesa. — Eleanor se abaixa para ficar na sua altura. — Você é uma menina muito linda.

— Obrigada.

— Desculpa pela sujeira — Pippa diz sem graça e Eleanor mexe as mãos como se não fosse nada.

— Tenho filhos, Pippa, lembra-se? Se eu fosse me importar com um pouco de sujeira, os manteria sempre longe.

— Onde eles estão? — Gwen pergunta curiosa.

— Muito provavelmente nos estábulos. James lhes deu cavalos.

— O papai disse que ia me dar um cavalinho — Gwen diz com um sorriso radiante.

— O papai? — Eleanor pergunta confusa, já que o pai dela havia morrido.

— Ela está se referindo ao James — Pippa explica e Eleanor abre um sorriso.

— Papai? — Eleanor pega Gwen no colo. — Tenho certeza de que ele vai lhe dar um cavalinho lindo, ele sempre cumpre suas promessas.

— Por que você não sobe com a Aldys para tomar um banho? — Pippa pergunta e Eleanor coloca Gwen no chão, que entra com a criada e o cachorro atrás delas. — Ele disse que ela poderia chamá-lo de papai, ela simplesmente não consegue chamá-lo de outra forma.

— E por que ela faria isso? — Eleanor toma o braço de Pippa para entrarem. — Nunca foi segredo para ninguém que James a amava desde que era um menino. Quando você se casou, ele partiu em viagem, lembra-se? Estava determinado a não participar da cerimônia ou da festa, disse para o Simon que não conseguiria ver a mulher que amava se casando. Se tudo fosse diferente, ele seria seu marido e pai de Gwen. Acredito que nesse momento o destino esteja apenas cuidando de colocar tudo no lugar.

— Eu sou uma viúva e ele um jovem conde que poderia escolher a nova beldade da temporada.

— James jamais teve olhos para essas beldades. Meu irmão não é santo, quando percebeu que jamais poderia tê-la em seus braços ele aprontou muito. Mas no dia em que ficou viúva, ele cortou relações a amanta e passou a contar os dias para que seu luto terminasse. Eu sempre soube que ele iria atrás de você, Pippa. Não fique desconfortável com a minha presença aqui, ou sem graça por estar com James. É algo que ele vem desejando há anos, e algo que eu tenho sonhado para o meu irmão. Eu quero a felicidade dele e nunca o vi tão feliz quanto agora.

— Mas se o que o duque disse for verdade, James pode ser preso por minha causa.

— Ele não vai ser preso, não se preocupe. Simon e Coltrane estão cuidando de tudo. Sem contar que eu enviei uma carta para uma certa rainha que poderia interceder juntamente a rainha da Inglaterra a seu favor. Tenha paciência, querida, e aproveite a oportunidade que a vida está lhe dando. Apenas seja feliz.



Após uma tarde onde o barulho reinou na casa, já que todas as crianças decidiram brincar juntas e James disse que poderiam fazer o que quisessem, com muito custo os criados conseguiram levá-los para tomarem banho e se prepararem para jantar. Pippa e Eleanor fiscalizavam tudo enquanto as crianças se sentaram à uma mesa confeccionada a pedido de James, para que os pequenos pudessem comer confortavelmente.

Para surpresa de Pippa, Gwen fizera amizade com todos, e praticamente via Oliver como um novo herói, já que o menino parecia ter tendência a se aventurar.

— Qual a programação da noite? — James pergunta entrando na sala das crianças e passa um braço na cintura de Pippa.

— Eles decidiram que querem dormir juntos, as criadas estão montando uma grande cama para eles. Provavelmente passarão a noite toda acordados.

— Eles estão se divertindo.

— E quem não estaria com um tio que permite que façam tudo? — Eleanor pergunta se aproximando.

— Eu sei o que é ser criança e desejar brincar e não ser possível. Por isso quero que eles possam se divertir sem se preocuparem.

— Só espero que minhas irmãs não decidam vir para cá, não sei se a casa aguentará tantas crianças — Pippa brinca e Eleanor abre um grande sorriso.

— Charlotte está a caminho, e até onde sei, Kathy e Hester também. Cornélia ficaria para trás apenas até que Coltrane acertasse tudo em Londres. Então teremos uma grande reunião em família.

— Temos quartos para todos? — Pippa pergunta preocupada e ao perceber que praticamente falara como dona da casa fica sem graça.

— Sim, temos quarto para todos, meu amor. E não se sinta envergonhada por ver essa casa como sua. — James beija o seu rosto. — Porque ela é.

— Quando vão se casar? — Eleanor pergunta e, ao notar a troca de olhares, solta uma risada. — Os três cunhados de Pippa estão chegando, acha mesmo que poderá dividir a cama dela sem uma ameaça de morte?

— Tem razão, eles vão matá-lo — Pippa solta um gemido e James a abraça.

— Não se preocupe. Tudo ficará bem.

Dois dias depois, a promessa de James que tudo ficaria bem parece estar completamente errada, Charlotte, Kathy e Hester chegaram com suas famílias e depois que todos estavam acomodados, as mulheres se reuniram para tomarem um chá na sala da família. Pippa podia sentir todos os olhares inquisidores sobre ela.

— O que tanto me olham? — Pippa reclama.

— Estamos apenas esperando que conte o que está acontecendo entre você e James — Kathy diz.

— Ele está fazendo a corte, diz que deseja se casar comigo.

— Espero que realmente deseje isso, Lucca e Aiden passaram a viagem toda planejando mil maneiras de matá-lo.

— Walden disse que se recusaria a ser o padrinho de James no caso de um duelo — Charlotte ri.

— Vocês estão assustando a Pippa — Eleanor censura-as.

— Meu marido morreu com um tiro, senti a morte dele, é claro. Mas se algo acontecer a James não suportarei.

— Nada vai acontecer ao James. — Eleanor a abraça. — Ele te ama, e tenho certeza de que todos os seus cunhados sabem disso. A única coisa que meu irmão precisa fazer é pedir uma licença especial e se casarem de uma vez.

— Antes que você fique grávida — Kathy concorda.

— Não sei se isso é tão fácil, Kathy, levei anos para engravidar da Gwen. Um dos motivos de discórdia com a família de Fergus. A mãe dele adorava dizer todos os dias como ele havia errado em se casar comigo.

— Ok, chega de falarmos de coisas ruins, que tal descobrirmos por que essa casa está em silêncio? — Hester diz e todas percebem que realmente o silêncio reinava.

— As crianças devem estar brincando do lado de fora. Walden disse que levaria os meninos aos estábulos.

O som de uma carruagem atravessando o caminho da entrada da mansão chama a atenção de todas que se aproximam da janela. Coltrane é o primeiro a descer, que ajuda a esposa logo em seguida. Pippa corre até a porta e se lança em seus braços.

— Jamais a perdoarei por não ter me contado que estava sofrendo — Coltrane diz a apertando de encontro ao peito. — Sabe que eu moveria céus e terras para protegê-la.

— Eu sei — ela diz entre lágrimas, ele era mais do que seu cunhado ou um irmão de consideração, era muito nova quando perdera seus pais, então o via como uma figura paterna.

— Juro que isso não se repetirá, estarei atento a tudo.

— Eu sei. — Pippa dá um beijo no rosto dele e se afasta. — Oi, minha irmã.

Cornélia a abraça por um tempo fazendo um carinho em seus cabelos, suas outras irmãs tiveram a mesma reação ao encontrá-la.

— Achei que ficariam mais tempo em Londres — Hester diz e Coltrane solta algo parecido a um rosnado.

— O novo conde e sua mãe, depois de revirarem toda Londres, decidiram que faltava apenas um lugar para irem.

— Deixe-me adivinhar, essa casa — Eleanor diz.

— Exato, como já estávamos com tudo pronto partimos na mesma hora. Eles chegarão essa noite ou no máximo amanhã pela manhã. — Coltrane olha de Pippa para Eleanor. — Onde está seu irmão? Consegui uma licença especial, ele deve se casar com Pippa agora mesmo.

— Casar? — Pippa pergunta sem acreditar.

— Gerrit procurou a Câmara dos Lordes e alegou que como seu cunhado, irmão de seu falecido marido, é obrigação dele cuidar da sobrinha e da viúva de seu irmão. Ele vem para levá-las embora, e a polícia ficará do lado dele, a não ser que esteja casada.

— Isso é um absurdo, ela é maior de idade, ninguém pode obrigá-la a ir contra sua vontade — Kathy diz abraçando Pippa.

— Infelizmente a Câmara dos Lordes concordaram, então a menos que James se case com ela agora mesmo, teremos uma grande batalha amanhã.

— Nós vamos nos casar — James diz atrás de Coltrane e vai até Pippa a puxando para os seus braços.

— Não quero que se case comigo obrigado — Pippa resmunga e James solta uma gargalhada.

— Querida, não percebe que estou apenas aproveitando esse motivo para que seja minha esposa? Eu a amo, sempre amei e sempre quis me casar com você. Você e Gwen são minhas.

— Não temos muito tempo, Pippa — Coltrane diz.

— Por que a mamãe está chorando? — Gwen corre até Pippa, que a pega no colo.

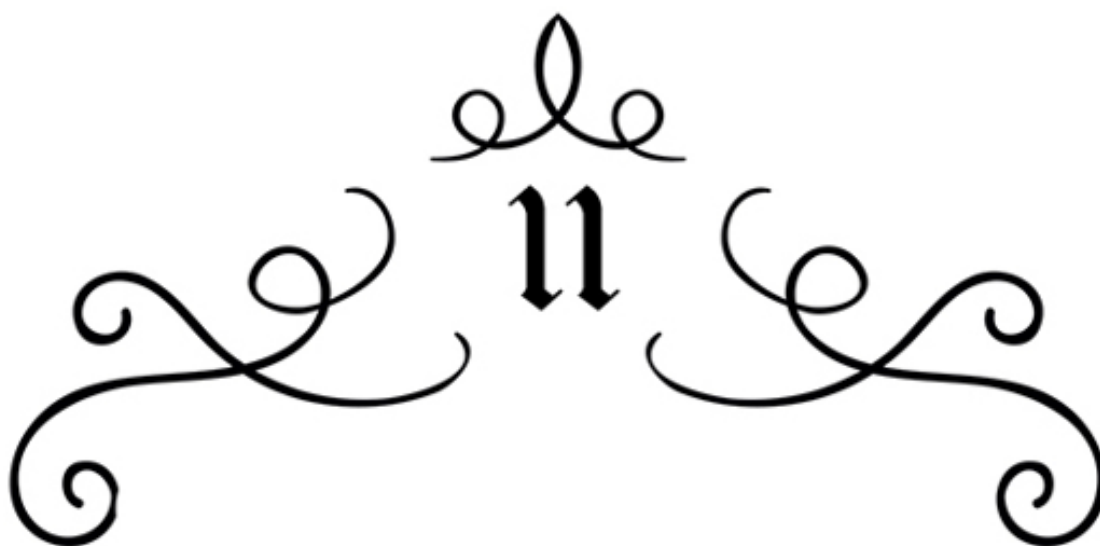
— Gwen, eu pedi sua mamãe em casamento, ela está pensando demais, o que acha? Ela deve casar comigo? — Gwen olha para a mãe e balança a cabeça, seus cabelos se agitando.

— Mamãe e papai devem se casar.

— Você ouviu, Pippa, devemos nos casar, o que me diz?

Pippa beija o rostinho da filha e aceita a mão que James lhe estende.

— Está bem, vamos nos casar.



Enquanto Ashton corre até a vila para buscar o padre, Pippa é levada por suas irmãs e suas futuras cunhadas até o seu quarto para trocar de roupa. Por sorte, Kathy trouxera alguns vestidos novos, um deles seria perfeito para a cerimônia.

Depois de ter seu cabelo escovado rapidamente e preso em um penteado elaborado, Pippa desce com a companhia de Coltrane, eles caminhariam o pequeno percurso até a pequena capela nas terras de James, onde a cerimônia seria realizada.

— Sei que muito provavelmente não é a forma como queria se casar — Coltrane diz enquanto caminham lentamente.

— Tive o meu casamento grandioso, lembra-se? E nem por isso fui feliz.

— Tem razão — ele suspira e dá um beijo em seu rosto. — Me prometa que, se tiver algum problema, saberei imediatamente.

— Eu prometo. Ele pode ser preso?

— Acho pouco provável, ele é respeitado entre a nobreza, sem contar que é cunhado de um duque. Além da sua declaração é claro de que saiu de lá por vontade própria.

— Tenho medo do que Gerrit e sua mãe possam fazer.

— Concentre-se em seu casamento e em ser feliz. Deixe que eu cuide dos problemas.

— Algum dia imaginou que, ao se casar com Cornélia, teria tantos problemas com sua família? — Pippa brinca e Coltrane para de andar e olha nos seus olhos.

— Não houve um só dia que eu tenha me arrependido de casar com Cornélia, não só porque eu a amo e por nossos filhos. Mas porque ganhei a oportunidade de ter três adoráveis irmãs, por quem eu iria até o fim do mundo para proteger. Nunca lamentei tê-las em minha vida.

— Eu te amo muito, Coltrane — Pippa diz e enxuga uma lágrima.

— Eu também te amo, minha menina. Agora vamos, seu noivo deve estar nervoso.

Pippa e Coltrane entram na pequena capela, suas famílias esperavam por eles, no altar James tinha Simon ao seu lado e estava com um sorriso enorme.

— Espera! — Todos escutam um grito e Gwen corre até a mãe para pegar a sua mão. — Posso entrar junto?

— Claro que pode, meu amor.

Com Coltrane de um lado e Gwen do outro, Pippa atravessa o corredor, a cerimônia é feita rapidamente a pedido de Simon e não demora muito para que os dois estejam casados. James chama Gwen a pegando no colo e os três vão em direção a casa juntos.

— Agora ninguém vai me levar embora? — Gwen pergunta mexendo no laço do seu vestido.

— Se alguém tentar levá-la, eu irei atrás. Você é minha filha, Gwen — James promete e ela abraça o seu pescoço.

O almoço preparado às pressas para a cerimônia é servido e a pedido de James as crianças participam junto da festa improvisada. Pippa não poderia reclamar de toda aquela bagunça. Como dissera para Coltrane, tivera o seu casamento grandioso, e não fora feliz.

Mas agora, enquanto James a abraçava na frente de todos sem vergonha alguma, enquanto Gwen o chamava de papai e pedia colo, ela sabia que jamais poderia ser tão feliz.

Após o almoço, todos se retiram para os seus quartos trocarem de roupa e descansarem um pouco enquanto os cunhados de Pippa, incluindo Simon e Walden, agora iam para o escritório para conversarem provavelmente sobre a chegada de Gerrit em breve.

Determinada a deixar que Coltrane cuidasse de tudo, ela vai para o seu quarto, não demora muito e a porta se abre rapidamente batendo com um estrondo em seguida enquanto Gwen corre até a sua cama e se joga ao seu lado.

— O que foi, Gwen?

— Maggie estava com saudades — ela diz balançando a boneca. — E ela está preocupada.

— Preocupada com o quê?

— Se ela vai ter que ir embora.

— É claro que ela não vai embora. Nós três vamos ficar aqui e se tivermos que sair daqui iremos todos juntos.

— Promete, mamãe?

— Prometo.

Pippa abraça a filha apertado e escuta uma risada.

— E eu achando que ver você caminhando por aquele corredor foi a cena mais linda do mundo. Estava enganado, a mais linda é essa, as duas meninas que mais amo nesse mundo juntas.

James se aproxima da cama e se senta do outro lado de Gwen.

— A Maggie estava com saudades, papai — Gwen diz e James pega a boneca a abraçando, fazendo Gwen dar risada.

— Também estava com saudades dela, e das minhas meninas.

— A mamãe disse que vamos morar aqui, é verdade?

— Sim, mas temos uma casa em Londres também. Onde você vai poder visitar seus primos sempre que quiser.

Gwen parece refletir sobre isso por um tempo.

— Se eu for para Londres, vocês também vão, certo?

— Certo — James concorda.

— Então tá bom, a mamãe prometeu que ficaremos sempre juntos.

— E vamos ficar, é uma promessa, minha princesa.

James se estica para pegar a mão de Pippa a aproximando para que os três fiquem abraçados. Ele estava feliz por estar com sua família, Gwen não era sua filha de sangue, mas mataria o primeiro que dissesse que ela não era sua. Ele a amava e isso já bastava para ele.



Como previsto por Coltrane, não demorou muito para que Adélia e Gerrit chegassem, a carruagem imponente parou na porta da mansão na manhã seguinte fazendo muito barulho e atraindo a atenção de todos. Ao notar o brasão na porta, James pede para que Pippa e Gwen fiquem na sala da família juntamente com as outras mulheres e crianças. Seria mais fácil mantê-las seguras no meio de várias pessoas.

James desce as escadas rapidamente com seus cunhados logo atrás. O olhar de Coltrane era mortal em direção a Gerrit, que exibia um sorriso sarcástico no rosto.

— Onde está minha neta? — Adélia pergunta nervosa assim que eles se aproximam.

— Em segurança — James responde.

— Você as roubou do seu lar, elas estavam seguras.

— Não, elas não estavam — James enfatiza.

— O que querem aqui? — Coltrane pergunta se aproximando de James.

— Minha neta. O seu lugar é entre sua família.

— Gwen está com a sua família. Uma vez que seu filho está morto, o lugar dela e de sua mãe é conosco. Estão livres para fazer o que bem entenderem com o título e todos os bens — Lucca diz recebendo um olhar de desprezo de Gerrit.

— Minha mãe deseja criar a neta.

— Então providencie herdeiros — Aiden diz, James olha para o lado e percebe que todos o estão cercando em sinal de apoio.

— Pippa e eu nos casamos ontem. Ela é minha responsabilidade agora.

— Eu sabia que ela não prestava, sempre disse isso para o meu querido filho. Ele deveria ter arrumado uma boa moça.

— Pippa é a mulher mais doce e gentil que eu conheço. Tome cuidado para não faltar com respeito com a minha condessa — James avisa com seu olhar ferino sobre Adélia.

— Minha cunhada está casada, seu marido está disposto a criar sua filha. Não há nada para vocês aqui. Se estão com medo de que ela possa revelar que Fergus teve um filho, não se preocupem. Ela deseja apenas esquecer toda essa história — Coltrane diz.

— Gwendoline é minha neta e seu lugar é na casa de seu pai! — Adélia esbraveja.

— Não, segundo a rainha. — Todos escutam uma voz doce falar atrás de Adélia, que se vira.

Annora entra no hall da casa acompanhada por seu marido e seus filhos, que são levados para a sala de família onde as outras crianças estão.

— Majestade. — Simon faz uma mesura para Annora, que sorri.

— Como vai, Vossa Graça?

— Contento por vê-la.

— Igualmente — Annora diz e volta a olhar para Adélia. — Não sei se é de seu conhecimento, mas sou uma rainha, e mais do que isso sou amiga dessa família, de Pippa principalmente. Ao descobrir o que minha querida amiga estava passando, enviei uma mensagem para a rainha da Inglaterra pedindo por sua ajuda. — Annora tira uma carta de sua bolsa e estende para James. — A rainha concordou que Pippa e sua filha devem ficar com o seu marido, o conde de Greenwood. E para não haver qualquer confusão sobre seu desejo, ela decretou que o responsável por lady Pippa e Gwen é lorde James.

— Ela não fez isso — Adélia diz e olha para seu filho. — Como a rainha ousa se intrometer nos assuntos da nossa família?

— Ela é a rainha. — Annora dá de ombros e sorri. — As rainhas podem se intrometer em todos os assuntos do seu reino. É um privilégio que possuímos.

— Acredito que não tenham mais nada a fazer por aqui — James diz entregando a carta para Coltrane.

— Vamos até a rainha, ela vai...

— Ela não vai recebê-los — Annora interrompe Adélia. — Seus criados possuem ordens de impedi-los de entrar no palácio. Ela disse que sua ordem é incontestável. Não há mais o que possam fazer, a não ser voltarem para sua casa.

— Vamos embora — Gerrit diz para sua mãe.

— Não sem minha neta! — ela grita.

— Eu não vou com você! — todos escutam um grito infantil. Gwen está no alto da escada olhando para todos, suas mãos fechadas em punho, seus olhos cheios de lágrimas. — Você jogou todos os meus brinquedos fora. Eu vou ficar com a mamãe e o papai.

— Ele não é o seu pai — Adélia diz e tenta se aproximar da escada, mas Coltrane entra na sua frente.

James se afasta do grupo e estende os braços para Gwen, que desce as escadas correndo e pula no seu colo.

— Você é o meu papai.

— Eu sou, meu amor. — James beija a sua testa. — Vão embora, não há mais nada que possam fazer aqui.

— Ela...

— Chega, minha mãe — Gerrit diz nervoso levantando a mão. — Eu sou o conde agora, tenho todos os direitos sobre o título e a última coisa que eu quero é criar a filha do meu irmão. Só estou nessa busca insana com você porque temia que Pippa contasse sobre o bastardo; se ela prometer ficar quieta, então não tenho mais nada a fazer aqui. A única coisa que me importa é o título.

— E ficará com ele, desde que deixe Pippa e Gwen em paz — Aiden pede.

— De acordo — Gerrit concorda e vai para a sua carruagem.

— Passar bem, condessa — Annora diz com um sorriso indicando a porta.

Adélia solta um ofego nada digno e corre atrás do filho.

— Por que não ficou com a sua mãe?

— Todas as crianças foram levadas para a sala de brinquedos, eu ouvi a vovó e fiquei com medo de que ela fosse me levar embora — Gwen diz para James. — Não quero ir embora.

— Você não vai. Sua avó se foi e agora você vai ficar comigo para sempre.

— Gwen?! — Pippa grita angustiada e desce as escadas correndo. — Você me assustou quando sumiu. Oliver veio procurar por você e ninguém

a encontrava.

— Eu queria o papai. — Gwen abraça o pescoço de James. — A vovó foi embora.

— Foi? — Pippa pergunta e James a puxa para um abraço.

— Foi, ela foi embora. Adélia e seu filho não são mais uma ameaça, com a condição de mantermos segredo sobre o bastardo.

— Não me interessa mais nada daquela família — Pippa diz. — Tudo o que necessito está bem aqui.

— Eu quero um irmãozinho — Gwen diz surpreendendo a todos, que soltam uma risada.

— Vamos cuidar disso — James diz com os olhos brilhando e dá um beijo em Pippa.

Pippa deita a cabeça no ombro de seu marido enquanto esfrega as costas de sua filha, todo aquele medo e angústia de serem levadas embora por sua sogra agora não existia mais. Estava casada com o seu melhor amigo, que amava sua filha e tinha todo um futuro pela frente.

Epílogo

— Se continuar andando assim vai abrir um buraco na sala — Gwen diz soltando uma risada e James suspira.

Cinco anos se passaram desde que James roubara Pippa e Gwen de sua família por estarem praticamente mantidas prisioneiras. Nesse tempo a família crescera, deram dois irmãos para Gwen e agora o terceiro estava prestes a nascer.

Pippa estava no quarto com suas irmãs a ajudando, enquanto Coltrane, Aiden e Lucca estavam sentados na sala bebendo alguma coisa. Ele era o único a andar de um lado para o outro nervoso. Mesmo sendo seu terceiro filho a nascer, não conseguia deixar de sentir medo por sua esposa.

— Ela está bem, papai. — Gwen corre até ele o abraçando pela cintura.

Aos dez anos de idade, ela era sua princesa ainda. A única menina que tiveram até aquele momento, já que não tinha ideia de qual sexo era o bebê. Quando finalmente Cornélia aparece na porta da sala, ele respira aliviado.

— Nasceu, Pippa está pedindo por sua presença.

— Estão bem? — James pergunta.

— Oh, eles estão muito bem. — Ela sorri e James fica desconfiado.

— Apenas vá ver a sua esposa.

Pegando a mão de Gwen, James corre até o seu quarto; ao abrir a porta, seu olhar vaga rapidamente pelas criadas limpando tudo, Kathy e Hester conversam baixinho com Pippa e se levantam ao notar sua presença. James se aproxima da cama e para sem acreditar no que vê.

Pippa está deitada com dois pequenos bebês em seus braços.

— Dois? — pergunta sem acreditar e Hester ri ao seu lado.

— Dois meninos preciosos — Kathy diz e abraça James. — Parabéns.

— Obrigado.

Todos saem do quarto enquanto Gwen corre até a cama e se senta ao lado da mãe observando os rostinhos de seus irmãos.

— Então agora são quatro meninos? — Gwen pergunta e Pippa concorda. — Ainda sou a princesa da família — ela diz com um sorriso.

— Tudo bem, James?

— Fui pego de surpresa, apenas isso — ele diz para a esposa e se senta ao seu lado. — Dois meninos? Fomos abençoados.

— Sim, nós fomos — Pippa concorda e entrega um dos bebês para James. — Obrigada.

— Foi um prazer lhe dar quatro filhos.

— Não estou me referindo a isso. — Pippa revira os olhos e dá risada. — Obrigada por roubar a mim e a Gwen naquele dia.

— Não precisa agradecer, meu amor. Foi a melhor decisão que já tomei na minha vida. Você e nossos filhos são os meus bens mais preciosos.

— Mesmo que a casa agora vai ficar uma loucura? — Gwen pergunta fazendo carinho em um dos bebês.

— É a loucura que vai ser essa casa que me faz um homem feliz. Não trocaria nenhuma bagunça sua ou de seus irmãos, por momentos de sossegos.

Pippa estica a mão para pegar a do marido e abre um sorriso. Ela sabe o que ele estava pensando. Confessara a ela uma noite que, quando estava muito doente quando criança, por diversas vezes pensara em se entregar, desejava a morte para pôr fim ao seu sofrimento. Mas que depois de finalmente se casar com ela e terem filhos, estava arrependido de desejar a morte. Agora ele era imensamente feliz, algumas vezes se cansava rapidamente por fazer alguma atividade, mas estavam aprendendo a conviver com sua saúde debilitada.

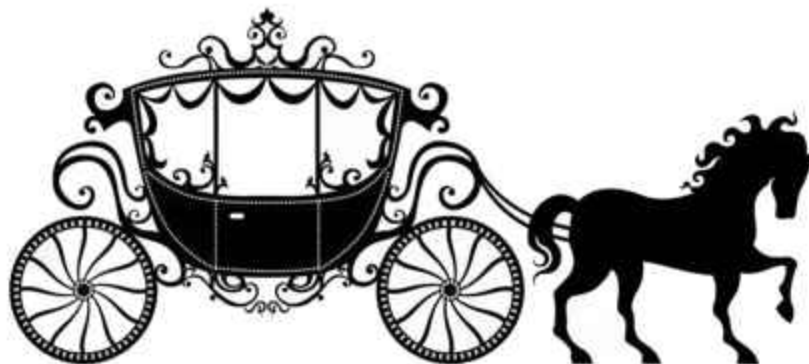
Seus filhos o mantinham ocupado, desejando sua presença em praticamente todas as brincadeiras. E ao contrário de alguns nobres, James não se importava em se sujar de terra ou se molhar. Ele sabia que cada momento passado com as crianças ou com sua esposa eram preciosos.

Estar à beira da morte mudava a visão de um homem sobre o mundo. Ele sabia que todo o dinheiro do mundo que poderia adquirir não compensaria os momentos perdidos com seus filhos.

Agora ele tinha mais dois bebês que desejariam sua presença constante, e estaria ao seu lado sempre que pudesse. Era pai de cinco crianças agora e era o homem mais feliz de todo o mundo.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
O SEGREDO DA LADY



O SEGREDO DA LADY

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 7

Prólogo

O salão de baile estava lotado, para onde olhasse Zora Blankenship, a caçula do marquês de Boorman, podia ver jovens moças debutantes soltando risinhos enquanto admiravam os homens solteiros e, segundo as matronas, os mais desejados para suas filhas.

Ao contrário de todas as mocinhas risonhas, Zora não se imaginava casando com algum nobre importante como um duque ou um conde. Seu pai mesmo era possuidor de um título menor e nem por isso sua família era infeliz. Sempre tivera os melhores vestidos e sapatos, nunca passaram necessidades, mas para ela isso era o que menos importava, o fato de estarem sempre juntos era o que a tornava mais feliz.

Reynold Blankenship tivera três filhos, para sua sorte o primogênito era o seu herdeiro, Crispin levava a sua fama de solteiro libertino ao pé da letra. Não se importava que falassem sobre as amantes que arrumava ou os corações que se partiam por sua recusa em cortejar uma dama, segundo ele havia muito tempo para que finalmente fosse obrigado a arrumar uma esposa e produzir um herdeiro.

Logo após vinha Albany, uma dama com um coração puro e doce. Zora adorava passar o seu tempo livre sentada no quarto da irmã enquanto

ela lia alguma coisa para as duas. Sua voz melodiosa e cadenciada poderia encantar qualquer pessoa, seja falando ou cantando. Muitos desejaram lhe fazer a corte, mas seu pai garantira que apenas aceitaria alguém que Albany desejasse. Após duas temporadas, finalmente ela elegera o seu preferido e agora estavam se conhecendo enquanto praticamente todos os dias a visitava. Webster não era um homem que as mulheres desejassem, não tinha um título, já que era o filho número quatro de um conde. Mas era um estudioso, fora para a faculdade e se formara em medicina, foi assim que eles se conheceram, quando ele realizara uma visita médica a mansão Blankenship.

Ver sua irmã tão feliz fazia com que Zora sonhasse em encontrar quem faria seu coração bater mais rápido, alguém que a olhasse com desejo, que não se importaria de se sentar ao seu lado em silêncio observando o céu noturno. Principalmente alguém que não se importasse com quem ela realmente era.

Para Zora não importava quem esse rapaz fosse, se tivesse um título ou não, poderia ser um professor, um médico, um soldado, apenas desejava que ele a amasse incondicionalmente.

Enquanto seus olhos vagavam pelo salão tentando não rir das moças que praticamente se atiravam aos pés dos solteiros, sua irmã se aproximou dela com um sorriso que ela conhecia bem, estava prestes a ouvir alguma fofoca.

— Ao que tudo indica, depois de tantos anos fugindo dos salões de baile, finalmente o visconde de Callow fará uma aparição essa noite.

— Quem é ele? — Zora pergunta.

— O futuro conde de Asworth, Owen. Segundo ouvi algumas matronas dizerem, ele é o solteiro do ano. Ao que tudo indica decidiu finalmente cotejar uma dama. Algumas mulheres ouviram sua mãe

conversar com a duquesa de Wentworth, elas são parentes por casamento de seus irmãos.

— O que significa então que essas meninas ficarão ainda mais em polvorosa?

— Exato — Albany ri.

Quando alguns gritinhos animados começam, Zora e Albany seguem os olhares das moças que se direcionam para a porta do salão. Mesmo que ninguém dissesse a ela, Zora podia imaginar que aquele era Owen, o visconde de Callow.

Alto, com ombros largos, cabelos negros e olhos penetrantes, ele deixou que seu olhar vagasse pelo salão antes de caminhar até duas senhoras e beijá-las no rosto. Zora imaginou que seria sua mãe.

— Ele seria um ótimo pretendente, não acha? — Albany pergunta.

— Já está praticamente noiva, minha irmã.

— Não disse para mim, sua maluca. Ele seria um ótimo pretendente para você.

— Como se um rapaz como ele fosse se interessar por alguém como eu.

— Você é linda, educada, refinada, por que ele não iria querer alguém como você?

— Você acredita que sou tudo isso porque é minha irmã. Ele jamais olharia para mim duas vezes, e não tem problema, estou aqui apenas porque a nossa mãe queria que eu debutasse esse ano. Prefiro encontrar um jovem médico como o seu para me casar. Sabe muito bem o que aconteceria se alguém soubesse a verdade sobre mim, um rapaz com título seria o último a querer se casar comigo.

— Você poderia ter um conde ou um duque. Você merece ser feliz, minha irmã.

— Casar com um nobre não é sinônimo de felicidade, ou então você não escolheria o Webster.

— Você diz isso porque acredita realmente que não tem direito de ser feliz. Mas você tem, além do mais acredito que seja tarde demais para não tentar chamar a atenção de Callow.

— Por que diz isso?

— Ele não tira os olhos de você — Albany diz gesticulando com a cabeça.

Ao se virar, Zora percebe que sua irmã tem razão, os olhos de Owen estavam nela, os dois se encaram por alguns momentos, antes dele desviar o olhar para sua mãe novamente.



Owen sabia que desejar se casar aos vinte e dois anos na atualidade parecia um completo absurdo. Enquanto das jovens damas era esperado que se casassem aos dezoito ou dezenove anos, um nobre poderia se casar com bem mais de trinta que ninguém se importaria. Mas para ele os poucos anos que passara em libertinagem, tendo amantes, haviam sido suficientes, por isso dissera à sua mãe que lhe ajudasse a escolher uma boa dama para se casar.

Poderia passar um ano talvez como noivos e depois oficializar a união, se claro ela não o encantasse de sobremaneira, que quisesse se casar o mais rápido possível, o que na opinião dele poderia ser pouco provável. Mas o ponto era, ele queria se casar, mesmo que seus irmãos o provocassem sobre o assunto. Seus pais o apoiavam, principalmente porque sua mãe dissera que não se importaria em ter netos, adoraria ter crianças correndo pela casa novamente.

Owen vinha de uma família grande, era o primogênito de cinco filhos. Algumas vezes não entendia por que seus pais haviam parado na caçula Lily, já que adoravam ter filhos. Era uma piada entre sua família

que seu pai estava determinado a ter seu herdeiro e por isso tivera quatro meninos.

Mesmo que seus irmãos o atormentassem a todo instante, ele os amava, e não os trocava por nada, principalmente a pequena Lily, que era a alegria da casa, por isso deviam tanto a Zachary.

Um dia, aos cinco anos de idade, Lily quase fora atropelada por uma carruagem, fora Zachary que a salvara de um grave acidente. O jovem menino de quatorze anos, que trabalhava arduamente para ajudar sua família, se tornara o herói da família Osborne. Ao descobrir que ele trabalhava tão jovem para trazer dinheiro para casa, já que sua mãe era viúva e tinha duas irmãs menores. Henry o contratara para ajudar em tudo que a mansão precisasse e principalmente para ser seu garoto de recados.

A mãe de Zachary agradecera imensamente por isso, ela sabia que seu filho teria um futuro melhor trabalhando para um conde do que nas ruas. Angela se sensibilizara com o que a família do garoto passava, por isso sempre que podia enviava comida e roupas de Lily, que segundo ela não serviam mais – mesmo que era nítido que eram novas e nunca usadas, algumas feitas na medida das meninas menores.

Zachary sentia que devia muito a família de Owen, já que em alguns momentos Angela o fazia se sentar com os meninos para estudar, ela alegava que uma vez que ele trabalhava para o conde deveria ter estudos, o que não passava de uma grande mentira, ela não queria nada mais que dar um futuro para o garoto.

Por causa do exemplo dado por seus pais, Owen era o homem que era hoje, ele sabia das suas responsabilidades e principalmente que deveria tratar as jovens damas com respeito, porque queria que futuramente Lily recebesse o mesmo tratamento.

Quando finalmente a temporada daquele ano se iniciou, ele estava determinado a encontrar sua futura noiva, era possível que ela não estivesse ali aquele ano, mas não queria correr o risco de estar e algum outro passar à sua frente.

A carruagem em que ele está para em frente à mansão onde o baile daquela noite está acontecendo e sua porta se abre rapidamente.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Zachary lhe pergunta com uma sobrancelha levantada e Owen ri.

— Está contra minha decisão também?

— Não exatamente contra. Temos a mesma idade, não me vejo casando por agora. — Zachary dá de ombros. — Mas se está determinado a se casar, quem sou eu para falar alguma coisa?

— Você é meu amigo, mesmo que esteja determinado a nos deixar.

— Não estou determinado, apenas finalmente vou conseguir ajudar minha família de verdade, é uma oportunidade única. Sabe que venho guardando dinheiro há anos.

— Eu sei. — Owen bate no ombro de Zachary.

Durante anos, o rapaz juntara dinheiro para conseguir abrir um próprio negócio, para que sua família não precisasse depender da caridade dos outros. Zachary conseguira comprar um pequeno prédio que reformara para construir um hotel, que seria administrado por sua mãe e irmãs.

— Estarei por perto sempre, prometi a seu pai que cuidaria de Lily até que ela completasse dezoito anos. Aquela menina parece determinada a testar minha paciência.

— Não sei como uma menina tão pequena pode se meter em tantas confusões. — Owen balança a cabeça. — Obrigado por vir comigo essa noite.

— Na verdade fui obrigado, Lily me fez prometer que eu contaria tudo o que acontecer essa noite para ela. Segundo ela, você não vai dividir suas histórias.

— Tão pequena e tão sábia — Owen ri e ajeita o casaco. — Bom, está na hora, me deseje sorte.

— Sorte. — Zachary sobe na carruagem com o cocheiro e eles se afastam rapidamente.

Owen entra na casa e ao adentrar o salão seu nome é anunciado, ele pode sentir os olhares de cada pessoa presente sobre ele, alguns risinhos podem ser ouvidos e sabe que são as damas solteiras alegres por vê-lo ali. Não era comum que um rapaz tão novo estivesse presente em um baile determinado a conseguir uma noiva. Por isso, ele seria bombardeado pelas mães desesperadas.

Ele atravessa o longo salão até sua mãe, que está com Eleanor, irmã de sua tia, ele as beija no rosto rapidamente.

— Seu pai disse que iria desistir desse plano, mas eu sabia que viria.

— Estou determinado a conseguir minha noiva, mamãe. E conto com sua ajuda. E a da tia Eleanor e da tia Charlotte também.

— Charlotte me enviou uma carta hoje, ela e Walden estão voltando do campo, seu tio disse que irá fazer com que desista dessa ideia, que você possui muitos anos para aproveitar ainda — Eleanor diz.

— Por que aproveitar muitos anos com várias mulheres, se posso passar todos eles com apenas uma? Quero ter alguém com quem dividir minhas conquistas, meus sonhos, quero deitar à noite e acordar abraçado com a mulher que eu escolhi todos os dias. Sei que sou muito novo ainda, tia Eleanor, mas quero ter alguém ao meu lado nessa longa jornada que eu tenho pela frente.

— Você é muito sábio, meu filho. — Angela aperta sua mão.

— E então, já viram alguma que valha a pena convidar para dançar?
— pergunta e sente que alguém o observa, o que é praticamente verdade, já que os olhos ainda estão voltados para ele.

Deixando seu olhar correr pelo salão, ele encontra um par de olhos escuros o observando, o vestido branco tão parecido com os das outras debutantes, parece diferente aos seus olhos. Ao lado dela uma jovem fala rapidamente também o olhando, mas Owen só consegue enxergar a jovem à sua frente. Ela é baixa, seus cabelos estão trançados e enrolados no alto da sua cabeça, suas mãos, que parecem tão delicadas, seguram sua bolsa e o leque. Ele sabe exatamente quem ela é.

— Lady Zora Blankenship — Eleanor diz seguindo seu olhar. — Filha caçula do marquês de Boorman, está estreando esse ano. É uma dama totalmente elegível, de boa família. Sua irmã está noiva de um médico.

— Não vai se casar com um nobre? — Angela pergunta enquanto Owen ainda as observa.

— Não, o marquês disse que não vai obrigá-las a casar com um nobre só porque a sociedade espera isso. Ele permitiu que as filhas se casem por amor. O que Simon está determinado a fazer também.

— Ela é a sensação da temporada, aposto — Owen diz e Eleanor solta uma risadinha.

— Na verdade não, é outra jovem. Lady Zora não tem uma grande fortuna ou um grande dote, mas tem seus encantos, soube que alguns herdeiros a cogitaram, mas não é nada sério ainda. Aposto que você teria grandes chances.

— Claro que ele tem chances, é meu filho — Angela brinca. — Vai passar a noite toda a observando ou vai convidar a moça para dançar?

— Não é abuso fazer isso assim que eu entrei no salão?

— Se quer a moça, tome uma atitude, antes que outro faça.

— Sabe que não posso me aproximar sem ter sido apresentado — Owen resmunga.

— Não seja por isso. — Eleanor o toma pelo braço e ambos atravessam o salão.

Os olhos de Zora parecem crescer a cada momento enquanto se aproximam, ele percebe que ela fica nervosa, não sabe se por medo ou porque não consegue imaginar um rapaz como ele se aproximando dela.

— Lady Albany, lady Zora, permitam-me apresentar meu sobrinho, lorde Owen Osborne, Visconde de Callow.

— Milorde. — Elas se inclinam levemente e ele as cumprimenta com um beijo leve nas mãos.

— Ah, Sua Graça, que prazer vê-la novamente.

— Lady Clara — Eleanor cumprimenta a mãe das jovens e apresenta Owen. Após as apresentações, Eleanor o cutuca e ele sai de um pequeno transe.

— Me daria a honra de dançar comigo, Lady Blankenship? — Owen pergunta e Zora olha para a sua mãe, que concorda.

— Será um prazer. — Ela lhe estende o caderninho de danças e ele rapidamente escreve seu nome.

— Aguardarei ansiosamente pela nossa dança.

Owen se despede das três e volta com Eleanor para perto da sua mãe.

— E então? — Angela pergunta com um sorriso.

— Ela é ainda mais bela de perto — Owen diz e se arrepende ao ouvir a risada de sua mãe e sua tia.

— Será possível que encontrou sua futura noiva assim que entrou no salão? — Angela pergunta.

— Deixará as outras jovens decepcionadas — Eleanor provoca.

— Não me importo, não notei nenhuma outra moça, lady Zora ganhou minha atenção como nenhuma outra. Vou atrás do meu pai e do meu tio.

Owen vai para o salão de jogos, mas antes olha por sobre o ombro para Zora, que conversa com a mãe e a irmã. Ela é linda, seus olhos encantadores e Owen não acredita que realmente é possível ter encontrado a moça que levará até o altar tão rapidamente.



Zora não consegue entender o que acabara de acontecer, Lorde Owen Osborne a convidara para dançar, poucos minutos após entrar no salão de baile. Claro que ele havia chamado sua atenção, só não imaginava que tivesse feito o mesmo. Enquanto sua irmã e sua mãe conversavam animadamente sobre o ocorrido, Zora só conseguia pensar em inúmeras razões pelas quais não seria uma dama elegível para ele.

— Zora? — Sua mãe chama. — O que foi, querida?

— Estou sem acreditar ainda, mamãe, só isso.

— Ele é um belo rapaz e com muitas conexões na alta sociedade. A duquesa de Wentworth é irmã da tia dele, sem contar o tio, que é um visconde.

— Não me interessa quantos títulos ele possui, mamãe.

— Eu sei, querida, só estou querendo dizer que ele é um forte candidato.

— Zora não tem candidatos, mamãe, lorde Osborne foi o primeiro a demonstrar qualquer tipo de interesse.

— Apenas porque a temporada acabou de começar. Tenho certeza de que não vai demorar muito para que Zora seja notada. Minhas filhas são as

melhores damas de toda a sociedade.

— Tenho que concordar — Reynold, seu pai, diz dando um beijo no rosto da esposa. — Sobre o que estão conversando tão animadamente?

— Zora recebeu um convite para dançar com o visconde de Callow. Ao que tudo indica, ela o enfeitiçou.

— Vocês estão exagerando. — Zora balança a cabeça. — Por que não se preocupam com o fato de que Crispin está indo para o lado de fora com uma moça? — Ela aponta para o outro lado do salão e Clara rapidamente vai atrás do filho para evitar qualquer tipo de mexericos.

— Isso foi cruel — Reynold diz para a filha.

— Prefiro que ela tente arrumar uma esposa para Crispin, do que um marido para mim. Sabe que não me importo com títulos.

— Eu sei. — Ele abraça a filha. — Mas não é ruim se ele tiver.

A orquestra contratada começa a tocar e Zora sente um frio na espinha, está na hora de dançar com Owen, teme que faça alguma coisa errada como pisar no pé dele, ou acabar caindo de cara no chão passando vergonha.

— Lady Blankenship? — Owen diz estendendo a mão e ela o acompanha até o centro da pista. — Espero que perdoe a minha ousadia ao dizer que está muito bonita.

— Obrigada — Zora agradece sentindo as bochechas queimarem de vergonha.

— Posso ser curioso e perguntar um pouco mais sobre a senhorita?

— O que deseja saber? — pergunta enquanto rodam pelo salão.

— O que gosta de fazer?

— Adoro livros. — Ela sorri. — Animais, tenho um gato que enlouquece a todos em casa, mas é meu maior companheiro. Apesar de não saber cantar muito bem, sou muito boa ao violino.

— Não tenho talento para qualquer tipo de instrumento. Mas posso controlar uma briga entre irmãos como ninguém.

— Bom saber, quando precisar vou chamá-lo — ela ri e ele abre um sorriso. — Tem muitos irmãos?

— Somos em cinco filhos, e meus tios possuem duas crianças com o terceiro muito provavelmente a caminho. Parece que os homens da minha família adoram ter muitos filhos. A senhorita tem algum irmão além de lady Albany?

— Crispin, a ovelha negra da família.

— Ah, sempre existe uma. — O sorriso dele fica ainda maior e Zora não consegue deixar de admirá-lo. — Se bem que muito provavelmente tenhamos três na minha, só se salva eu e minha irmã Lily. Segundo todos, ela é o docinho da família, mesmo que apronte todas.

— As meninas são sempre as favoritas.

— Sei bem disso. O que está achando até agora da temporada?

— Vi muito pouco, mas estou adorando, sempre imaginei como seria estar em um salão de baile, dançando, conversando.

— Fugindo até os balcões? — Owen aponta para onde alguns casais estão apoiados observando o jardim.

— Acredito que não tenha direito a fugir ainda. Além do mais, não tenho com quem fugir.

— Agora tem — Owen diz ao mesmo tempo que a música termina.

Tomando o braço dela, ele toma o caminho mais longo de volta para a família dela.

— O que quer dizer, milorde?

— Que adoraria acompanhá-la até os balcões quando quiser fugir. Prometo ser uma boa companhia.

— Obrigada por se oferecer. — Ela sorri e abaixa o rosto.

Ao se aproximarem da família dela, ele beija delicadamente sua mão.

— Obrigado pela dança, Lady Blankenship. — Ele se despede de todos e volta para a sala onde seu pai estava.

— Sobre o que conversaram? — Albany pergunta curiosa.

— Sobre família, instrumentos. — Ela dá de ombros.

— Existe a possibilidade de ele pedir ao seu pai para fazer a corte?

— Clara pergunta tomando as mãos da filha.

— Não sei dizer, mamãe, mas pode ser que sim.

Quando Zora e a família voltam para casa, ela corre diretamente para o seu quarto, estava agitada com os acontecimentos, vira Owen mais duas vezes antes do baile acabar. Ele se despedira de longe dela com um aceno de mão.

— Como foi o baile, senhorita? — Ella, sua criada, pergunta enquanto a ajuda a retirar o vestido.

— Muito mais animado do que o último, fui convidada para dançar.

— Ele era bonito? — Ella pergunta animada, as duas tinham praticamente a mesma idade, e a criada adorava falar sobre homens que considerava bonitos.

— Sim, ele é um visconde alto, moreno; ao contrário dos nobres comuns, ele possui uma barba presente em seu rosto. Nada de rosto lisinho como o de um menino.

— Já estou gostando, se precisar da minha ajuda para fugir e se encontrar com ele, só me dizer.

— Obrigada. — Zora dá risada e veste sua camisola indo para a cama. — Obrigada por tudo hoje, Ella, pode ir se recolher.

A criada sai do quarto levando o vestido que Zora usara e fecha a porta.

Zora levanta as cobertas e se deita, rapidamente seu gato, o senhor Leon, seu companheiro de todas as noites, deita sobre o seu travesseiro. Ele adora se enrolar perto da cabeça dela e dormir ali.

— O que acha, senhor Leon, tenho chances de conseguir um noivo?
— O gato ronrona e ela sorri. — Tem razão, obrigada pelo conselho.

Se ajeitando na cama ela fecha os olhos e só consegue pensar na dança que tivera e na proposta de fugir para os balcões. Zora sabia o que acontecia ali, muitos casais se escondiam para trocarem beijos e o que ela mais desejava era saber como seria beijar um homem. Como muitas noites, ela sonhara sobre isso, mas dessa vez ele tinha um rosto.



Owen nunca foi de ficar até tarde na cama, mesmo que fosse dormir além do horário normal, às sete da manhã estava desperto, seu passatempo favorito era sair para cavalgar enquanto todos dormiam, sentia que o mundo naquele momento era somente dele. Após andar a cavalo por um bom tempo no parque praticamente vazio, ele retorna para casa e troca de roupa para tomar café com a sua família.

Ao contrário de alguns anos, onde praticamente ficava na casa de campo onde passavam a maior parte do tempo, todos estavam ali, já que ele dissera que queria uma noiva. Seus pais queriam estar por perto para orientá-lo enquanto seus irmãos queriam provocá-lo, já Lily dissera apenas que queria conhecer sua futura irmã e dar sua opinião sobre a moça.

Ao entrar na sala de jantar, ele cumprimenta sua família e se senta ao lado da irmã lhe dando um beijo na cabeça.

— Como foi o baile? Mamãe se recusa a me contar os detalhes — Lily reclama.

— Porque talvez a versão de Owen seja melhor que a minha.

— A versão dele não terá detalhes, mamãe.

— Conheci uma moça — Owen diz e todos os seus irmãos lhe dão atenção. — Seu nome é Zora Blankenship.

— Zora? Que tipo de nome é esse? — Griffith, o segundo mais velho, pergunta.

— Como se Griffith fosse um nome muito comum. — Lily revira os olhos. — Ela é bonita?

— Muito — Owen responde enquanto se serve.

— E? — Lily insiste. — Se não me responder, serei obrigada a fazer uma visita para a senhorita Blankenship.

— Você tem treze anos, não pode fazer visitas — Jayden diz e Lily responde mostrando a língua.

— Tomara que a mamãe decida, já que Owen quer uma noiva, casar todos vocês, assim não terei mais que aturá-los.

— Muito bem, chega de brigas — Angela diz olhando para todos os filhos e sorri para Lily. — Sempre podemos convidá-la para um chá.

— Não acha que está sendo muito precipitada, querida? Owen precisa conhecer outras jovens.

— Não fale bobagens, Henry. Soube tudo o que eu precisava saber sobre lady Zora. É de uma família respeitada, o pai é um marquês. Não estão passando por necessidades, claro que ela não possui um grande dote, mas Owen não está procurando uma herdeira rica. Não há escândalos na família, o que mais você precisa saber sobre ela?

— Concordo em ir a mais um baile antes de tomar a decisão de cortejá-la oficialmente, mas também não quero que ela ache que não tenho interesse. Não vou permitir que outro passe na minha frente.

— Como se houvesse outro rapaz melhor que meu irmão — Lily diz o abraçando e Owen sorri.

— Obrigado, pequena.

— O que vai fazer hoje? — Henry pergunta para o filho e aponta para os outros três. — Já sei que eles não farão nada.

— Pensei em verificar como estão as coisas na transportadora. James foi viajar e, como o terceiro sócio e o único em Londres hoje, é minha obrigação verificar tudo. Devo voltar a tempo para o jantar.

— Hoje teremos o sarau na casa da sua tia Eleanor, tanto você quanto Griffith devem ir.

— Não estou atrás de uma noiva, minha mãe — Griffith reclama.

— Sua tia pediu que comparecesse, então você deve ir.

Enquanto o irmão reclama sobre escutar jovens donzelas sem talento para a música tocarem, Owen se despede de todos e vai para a transportadora. Quando seu tio decidiu trabalhar com a esposa, que estava se tornando uma grande empresária, deixou o seu lugar como sócio na antiga empresa, James se prontificara a comprar sua parte e, como eram grandes amigos, acabaram entrando na empreitada juntos.

Após passar a tarde toda verificando os livros e os pedidos que sairiam para as Américas até o final da semana, Owen volta para casa, seu criado o ajuda a se trocar após um banho e ele vai para a sala da família encontrar seus pais.

— Eu não fiz nada! — Lily reclama de braços cruzados sentada em uma poltrona enquanto Zachary a observa tentando segurar uma risada.

— O que houve?

— Lily queria dar um passeio, então a acompanhei com sua dama de companhia até o parque. Ela viu um garoto maltratando um cachorro, ela simplesmente correu até ele e o chutou.

— Chutou? — Owen pergunta sem entender e Zachary levanta a sobrancelha. — Ela o chutou naquele lugar?

— Exato, eu disse para ela alguns dias atrás que é um ótimo lugar para derrubar um homem, ao que tudo indica ela não se esqueceu. O menino foi ao chão e ela pegou o cachorro o trazendo para casa.

— Não deve sair batendo nas pessoas — Henry diz para a filha, que dá de ombros.

— Se machucarem um animal na minha frente, eu vou revidar.

— Lily, por que não vai com Zachary cuidar do cachorro? Se quer realmente que ele fique aqui, deve dar um banho nele.

— Está bem, mamãe. — Lily se levanta rapidamente e pega a mão de Zachary. — Vamos, Zac, antes que a mamãe desista.

— Vai deixá-la ficar com o cachorro? — Henry pergunta para a esposa, que sorri.

— O coração dela é puro, Henry, ela quis ajudar um animal indefeso. Como posso castigá-la por fazer algo bom?

— A mamãe tem razão. — Owen se senta ao lado dela. — Se brigarmos com a Lily por fazer algo bom, estaremos acabando com o espírito dela.

— Está bem, mas se esse cachorro começar a destruir tudo não venham reclamar para mim.

— Prometo que não faremos, agora vamos, quero ajudar Eleanor a receber os convidados. Charlotte deve chegar até o final da semana, então ela está sozinha.



Owen entra de braço dado com a mãe na mansão do duque de Wentworth e são recebidos por Eleanor. Ela não era sua tia realmente, já que fora sua irmã que se casara com seu tio, mas eram tão próximas que não havia como não considerá-la alguém da família.

— Que bom que vocês dois vieram, algumas moças solteiras estarão presentes.

— Não vou me casar tão cedo, tia — Griffith responde lhe dando um beijo. — Vou atrás do tio Simon, divirta-se Owen.

— Quem dera que todos os meus filhos tivessem a cabeça de Owen — Angela suspira.

— Nem tudo é perfeito, minha amiga — Eleanor diz e Owen se aproxima dando o braço para ela e a mãe para entrarem na sala onde seria o sarau.

Algumas moças já estavam presentes, assim que ele entra é nítido que o clima na sala muda quando todas se ajeitam para ficarem mais apresentáveis.

— Lady Zora vem? — Angela pergunta para Eleanor, que sorri.

— Vem, ela é maravilhosa ao violino. Não poderia deixá-la de fora.

— Owen está inclinado a lhe fazer a corte.

— Não precisa contar para todo mundo, minha mãe.

— Já está decidido por ela? — Eleanor pergunta. — Lady Shackleford esteve me sondando desde a hora que chegou sobre você. Segundo algumas fofocas, a filha dela é a grande sensação da temporada.

— A senhorita Ruby Shackleford? — Angela pergunta torcendo o nariz. — Eu a vi algumas vezes na rua e na modista, é uma menina mimada pelos pais. Claro que é muito bonita, com seus longos cabelos loiros e olhos azuis, mas não sei ao certo se combinaria com Owen.

— Eu estou aqui, vocês sabem?

— Concordo com sua mãe, meu querido. A senhorita Ruby é muito bonita, mas provavelmente não combina com você. Entretanto, seria de bom tom se apresentar a ela e sua mãe.

— Farei isso apenas por educação.

Eleanor atravessa a sala e assim que eles se aproximam, Ruby e sua mãe se levantam rapidamente. Owen percebe os olhos de Ruby o avaliarem dos pés à cabeça, como se estivesse decidindo se ele valia a pena desencorajar outros pretendentes.

— Senhora Shackleford, permita-me apresentar a condessa Ashworth e o visconde de Callow.

— É um prazer. — A senhora se inclina levemente e sua filha a acompanha. — Minha filha tocará ao piano hoje, ela é uma pianista maravilhosa — ela se apressa a dizer.

— Tenho certeza que sim — Owen responde percebendo que a mulher na mesma hora se sente vitoriosa. — Vou deixá-las se prepararem para a apresentação.

Owen se afasta com a sua mãe e, antes que perceba, seu olhar é atraído para a porta, Zora entra com sua mãe e irmã. Um sorriso leve no rosto, um vestido pêssego delicado, os cabelos trançados e presos no alto da sua cabeça o tentando a ir até lá e soltá-los.

— Vejo que seus olhos já têm dona — Angela diz para o filho.

— Não consigo deixar de notá-la.

— Isso significa que devo tentar uma aproximação?

— Se convidá-la para um chá amanhã, não serei eu a proibi-la.

— Está bem. — Angela solta uma risada e vai até as três. — Senhora Blankenship.

— Condessa. — Clara abre um sorriso. Após os cumprimentos de praxe, Angela volta para a mulher mais velha.

— Gostaria que fossem até a minha casa amanhã para um chá, o que me dizem? Gostaria de conhecê-las um pouco melhor.

— Adoraríamos aceitar o convite — Clara diz olhando para Zora.

— Maravilhoso, nos vemos amanhã à tarde então. — Angela volta para perto do filho, que tinha guardado uma cadeira para ela. — Elas aceitaram, você estará em casa na parte da tarde, creio eu.

— Não perderia isso por nada — Owen diz e volta a olhar para Zora, que desvia o olhar.

O sarau começa e Owen é obrigado a confessar que algumas moças eram muito ruins com os instrumentos. Ao se sentar ao piano, Ruby lhe dirige o olhar e começa a tocar, os dedos dela correm levemente pelas teclas enquanto balança delicadamente ao som da música.

— Ela é muito boa — Griffith diz ao seu lado, ele fora praticamente arrastado do escritório por Simon para assistir ao sarau.

Quando ela termina de tocar a peça, todos aplaudem e se levanta com um sorriso triunfante. Eleanor se levanta e chama por Zora, que seria a última a tocar. Ela se aproxima do piano e, ao invés de se sentar em uma cadeira que um dos criados traz para ela, permanece em pé.

Zora posiciona o violino entre o seu ombro e o queixo, ela fecha os olhos e uma doce melodia sai de seu instrumento. Durante toda a música, os olhos dela permanecem fechados, como se estivesse mergulhada no som que estava produzindo.

Owen não consegue tirar os olhos de Zora, não percebe seu irmão falando ao seu lado, ou sua mãe o analisando. O mundo parecia ter desaparecido e apenas Zora e eles restavam. Quando ela termina de tocar e abre os olhos, olhando diretamente para ele, Owen percebe que está perdido.

Zora seria dele a qualquer preço.



Para a família de Zora, o fato de que a condessa de Asworth a convidara para um chá só poderia significar que ela estava sondando Zora para uma provável união. Ela sabia que muito provavelmente estavam enganados e nada mais se passava de boas maneiras. O fato era que agora ela estava na porta da grande mansão, que se abre rapidamente para que ela, a mãe e sua irmã entrassem.

— Lady Blankenship — Angela diz entrando no hall da casa de braços abertos e abraça as três as surpreendendo. — Fico feliz que realmente vieram, estive ansiosa por esse encontro o dia inteiro.

— É um prazer estar aqui — Clara diz.

— Pedi para servissem o chá no solário, o dia está tão bonito hoje. — Angela guia o grupo até o solário onde algumas criadas terminam de colocar a mesa, um bule de chá está no centro cercado por pãezinhos, bolos e tortas. — Tocou lindamente ontem, lady Zora — Angela diz enquanto serve a todos.

— Obrigada.

— É por esse motivo que não arrisco tocar qualquer instrumento — Albany diz rindo. — Sou ótima bordando, mas música não é algo que eu

domine.

— Por que não me avisaram que elas chegaram? — Lily entra correndo no solário assustando a todas e Angela olha seriamente para a filha.

— Porque a senhorita estava estudando.

— Mas já terminei. — Lily dá de ombros. — Oi, quem é a Zora?

— Sou eu — Zora responde desconfiada.

— Você vai casar com o meu irmão?

— Lily! — Angela puxa a filha, que olha para ela sem remorso.

— Ele disse que gosta dela.

— Mas não precisa ficar contando sobre o que seu irmão fala.

— Se é sobre ela, não tem todo o direito de ficar sabendo? — Lily pergunta e Clara tenta esconder um sorriso.

— Não se preocupe, lady Angela, sei bem o que é ter uma filha geniosa na família. Albany pode ser doce hoje, mas quando pequena dizia coisas que me fazia desejar viajar para o fim do mundo e me esconder pela eternidade.

— Lily é a nossa caçula, a única entre cinco filhos. Até mesmo os primos são homens, estou torcendo para que Charlotte tenha uma menina e assim possa entreter Lily.

— Sou única. — Lily dá de ombros e se senta ao lado de Zora. — E ele gosta de você, ontem à noite me contou como a senhorita tocou lindamente.

— Obrigada — Zora agradece com um sorriso.

— Sabia que meu irmão é o melhor do mundo? Nenhum rapaz é melhor que ele.

— Fico feliz em saber — Zora diz e aproveita que sua mãe e a de Owen estão conversando. — Ele realmente falou de mim?

— Ele só sabe dizer o quanto é bonita — Lily para de falar e pensa um pouco. — Isso significa que ele quer casar com você, não é?

— Não sei se é o suficiente para isso, mas deve significar alguma coisa.

Zora pensa em Owen, na noite anterior pôde sentir o olhar dele sobre ela a todo momento, sempre que o olhava seus olhares se cruzavam e se fixavam por um bom tempo. Não podia negar que pensava nele o tempo todo.

— Boa tarde. — Zora dá um pulo em sua cadeira ao ouvir a voz de Owen atrás dela.

— Ah, Owen. Que bom que está em casa — Angela tenta disfarçar o fato de que sabia que o filho estava ali esperando pelo momento em que poderia entrar casualmente.

— Pensei em convidar lady Zora para um passeio no jardim.

— Não sei se é...

— Eu vou junto, mamãe — Lily a interrompe. — Serei a dama de companhia da Zora.

Angela olha para Clara, que acena com a cabeça. Owen estende a mão para Zora, que aceita e o acompanha até o jardim. À frente deles, Lily corre em disparada gritando por alguém.

— Ela adquiriu um cachorro ontem, era algum cachorro de rua que foi adotado — Owen explica. — Ela bateu em um menino que estava judiando dele. O pobre está machucado, uma das orelhas foi cortada pela metade, o pelo está faltando em alguns lugares. Mas ela garante que ele é o cachorro mais lindo do mundo.

— Ela não vê a aparência — Zora tenta disfarçar o nervosismo por estar tão perto dele, de braços dados.

— É uma qualidade da Lily, desde pequena sempre viu o lado bom de tudo.

Owen indica um banco onde eles se sentam.

— O convite de sua mãe partiu dela? — Zora pergunta observando Lily, que joga um graveto para o cachorro.

— Sim, mas confesso que com algum tipo de incentivo de minha parte.

— Por quê?

— Porque a senhorita me encantou desde o primeiro momento em que a vi.

— No baile há duas noites? — Zora olha para ele, que balança a cabeça.

— Acredito que tenha sido um ano atrás. Temos um amigo em comum e acredito que ele não tenha mencionado nada.

— Que amigo?

— Webster, nos conhecemos na universidade, fiz uma visita a ele ano passado sobre uma dor de cabeça terrível que estava sentindo e a vi entrar na clínica com sua irmã.

— E lembra-se de mim desde então?

— Estava usando um lindo vestido azul-claro, a senhorita estava resplandecente, lembro que as minhas dores aliviaram quando a vi. Foi a visão mais bela que vi em toda a minha vida. Quando entrei no baile há duas noites e a vi, soube que estava ali após debutar e eu não poderia permitir que outro se aproximasse.

— O senhor... tem certeza?

— Certeza do quê?

— De que sou tão encantadora assim, ou que deveria pensar em mim?

— Penso na senhorita desde aquele dia. Ao encontrá-la novamente apenas reacendeu tudo o que eu senti. Então sim, eu tenho certeza.



Zora se sentia como em um sonho, enquanto Owen a observava em silêncio e seu coração batia rapidamente.

— Me perdoe por falar tão francamente.

— Imagine. — Zora tenta sorrir. — A honestidade é algo muito desejada.

— Vou tentar ser sempre honesto com a senhorita. — Owen toma a sua mão nas suas.

Zora sente um aperto no peito, porque sabia que ela jamais poderia ser completamente honesta com ele.

— Quanto tempo vou ter que enrolar para que vocês finalmente se beijem?! — Lily grita do outro lado do jardim e Owen solta uma risada.

— O que acha? — ele pergunta para Zora, que desvia o olhar.

— Não sei, milorde, se desejar.

— Não. — Owen levanta o rosto de Zora para que ela o olhe. — Não me chame de milorde, pelo menos não quando estivermos a sós. Me chame de Owen.

— Mas...

— Eu desejo cortejá-la formalmente, Zora. E se for o seu desejo, gostaria de me casar com você.

— Por que deseja se casar tão novo?

— Porque se eu não me casar agora, outro tomará o meu lugar e a roubará de mim. E isso não é uma opção. O que me diz? Devemos nos beijar e assim permitir que Lily pare de enrolar?

Zora olha para a menina, que tenta disfarçar a todo momento que os observa, mas sem grande sucesso e dá uma risada.

— Ela quer ver o nosso beijo.

— Eu sei. — Owen abre um sorriso e Zora não consegue se concentrar em mais nada. — Ela é uma romântica, fala a todo instante para a minha mãe que não vê a hora de crescer logo para ser a vez dela de arrumar um noivo.

— E você não vê um problema nisso? Os irmãos mais velhos normalmente tendem a querer proibir suas irmãs mais novas de se casarem.

— Se Lily se casar, não terei que ser responsável por ela, e sim seu marido. E acredite em mim, aquela pequena criatura consegue se meter nos maiores problemas possíveis.

— E você a ama.

— Amo, daria minha vida por ela. A não ser que eu tenha que dar minha vida por você primeiro.

— Não quero que dê a sua vida por mim, quero que viva comigo.

— Isso é algo que eu com certeza desejo fazer. — Owen se inclina e toca os seus lábios levemente sobre os de Zora, que solta um suspiro.

Owen sente que Zora treme levemente em seus braços e, ao invés de tentar se separar, ela se aproxima ainda mais dele. Quando alguém limpa a garganta atrás deles, Zora dá um pulo com o susto e se afasta.

— O que você quer aqui? — Owen pergunta rudemente e escuta a risada de Zachary.

— Ao contrário de sua acompanhante, que deveria se atentar ao que estão fazendo, eu estou aqui para proteger a virtude da senhorita Blankenship.

— A virtude dela não está em perigo. — Owen se levanta e estende a mão para Zora, que se levanta se afastando em seguida indo até Lily. — Você me atrapalhou.

— E você estava dando um verdadeiro espetáculo para a senhorita Lily, ela estava rindo do outro lado do jardim tentando disfarçar.

— Um dia ela vai ser beijada. — Owen dá de ombros.

— Gostaria que ela fosse beijada em um jardim a sós? — Zachary pergunta sem acreditar e Owen ri.

— É de Lily que estamos falando, não duvido nada que ela consiga ser beijada em um jardim a sós muito antes de sua estreia.

— Se continuar a ver seu irmão beijando damas indefesas, não tenho dúvidas.

— Zora não é uma dama indefesa, é minha noiva.

— Já a pediu em casamento?

— Ainda não, isso é apenas um mero detalhe.

Zachary vai responder, mas seus olhos se concentram na cena à sua frente, e antes que ele possa alertar alguém, o cachorro de Lily pula sobre Zora a empurrando no chão, que solta um grito.

— Zora! — Owen corre até ela, mas ao invés de estar indignada com o ocorrido ela ri alegremente.

— Veja, ele gosta de mim — Zora diz enquanto o cachorro cheira toda sua roupa.

— Não acho que ele esteja assim porque gosta da senhorita, ele parece curioso com alguma coisa — Lily diz enquanto Owen a ajuda a se levantar.

— Senhor Leon — Zora se lembra.

— Quem é esse Leon? — Owen pergunta na mesma hora ofendido.
— E por que teria o cheiro dele em você?

— Porque ele dorme comigo. — Zora dá de ombros, percebendo que Owen começa a se irritar ela ri. — Ele é o meu gato, por isso ele está tão curioso assim.

— Você deixou de fora que ele era um gato de propósito, não foi?

— Queria ver a sua reação — Zora concorda.

— Por que não leva a senhorita para dentro? — Zachary sugere e pega a coleira do cachorro. — Lily, entre com eles, como é a dama de companhia deles deve ajudar a explicar por que a senhorita Blankenship está toda suja de terra.

— Ou eu posso dizer que os dois fugiram de mim e os encontrei rolando no chão, assim Owen seria obrigado a se casar com ela amanhã mesmo — Lily diz abrindo um sorriso e todos a encaram. — Acha que é fácil crescer com quatro irmãos dizendo a todo momento o que pode ou não fazer? Quero uma irmã o quanto antes — ela diz irritada e Zora a puxa para ela, passando o seu braço por sobre os seus ombros.

— Não se preocupe, querida. Se eu me casar com seu irmão, serei sua defensora a todos os momentos.

— Sabia que eu gostaria de você.



— Então você está noivo? — Griffith pergunta para Owen ao entrar em seu quarto.

— Não exatamente. Mas não demorará muito, já manifestei meu desejo para Zora e ela corresponde as minhas intenções.

— Tanto é que rolaram no jardim durante a tarde — Griffith diz soltando uma gargalhada enquanto se joga na poltrona.

Owen solta um suspiro ao se lembrar da cena de Lily e Zora entrando no solário.

— *O que houve com você?* — Clara pergunta se levantando rapidamente ao notar o estado da filha.

— *Lady Zora e o meu irmão rolaram na terra quando me distraí* — Lily diz rapidamente.

— *O quê?* — Angela pergunta para o filho, que revira os olhos.

— *Zachary?* — Owen chama e o rapaz passa por ele levantando Lily por sobre um ombro e a carregando para fora do solário enquanto a menina grita.

— *Eles precisam se casar amanhã mesmo* — Lily diz entre risadas.

— *Owen?* — Angela pergunta tentando segurar um sorriso.

— O cachorro da Lily pulou sobre lady Zora a derrubando, por isso está suja.

— Ele sentiu o cheiro do senhor Leon — Zora diz para a mãe, que se senta respirando aliviada.

— Sabia que esse gato ainda causaria confusões.

— Na verdade foi o cachorro da Lily — Owen diz puxando uma cadeira para Zora.

— E por que ela disse que tinha sido um encontro indiscreto? — Angela pergunta olhando o filho atentamente.

— Ela disse que está desesperada por uma irmã, e que essa seria uma forma de conseguir uma mais rápido — Zora explica. — Está cansada de esperar que seus irmãos cresçam de uma vez e se casem.

— É difícil ser a única menina entre cinco irmãos — Angela concorda. — Mas também não justifica inventar algo tão grave assim.

— Está tudo bem, não estou brava com ela. Lily é uma menina tão carinhosa e cheia de vida que é impossível não gostar dela — Zora tenta tranquilizá-la.

— Lily não é a única irmã a se interessar por um casamento para um de seus irmãos — Albany diz olhando para Owen. — Espero que suas intenções com a minha irmã sejam verdadeiras e corretas.

— E são — Owen a tranquiliza. — Já conversamos e uma vez que ela corresponde as minhas intenções, amanhã mesmo procurarei seu pai.

— Oh, querida! — Clara leva a mão ao peito emocionada.

— Vou deixá-las terminar o chá, preciso procurar meu pai e acertar tudo para amanhã.

Owen vira para o irmão após se lembrar da tarde quase tumultuada que Lily causara e sorri.

— Nosso pai tentou me convencer a ter um noivado longo, mas não é o meu interesse. Quero me casar com Zora o quanto antes.

— Ansioso para se enforçar?

— Não é um enforcamento quando se deseja a dama em questão. Sei que sou muito novo, Griffith, e que provavelmente ninguém me culparia por querer um noivado de um ano. Mas desejo ter Zora a meu lado a todo momento e não poderei esperar por tanto tempo.

— Você que sabe, meu irmão, eu pretendo ficar solteiro o tanto quanto for possível. — Griffith se levanta e bate no ombro de Owen. — Mesmo não concordando com essa pressa toda, desejo-lhe toda a felicidade do mundo.



Owen estava ansioso com a chegada do dia seguinte, quando finalmente o relógio marcou três da tarde, ele e seu pai foram para a casa de Zora. Logo ao entrarem no hall, Owen sentiu um arrepio por seu corpo, algo parecia muito estranho.

— Por favor, esperem um minuto — o mordomo diz e entra em uma porta lateral.

— Achei que a moça e a mãe teriam avisado que viríamos hoje — Henry diz para o filho, que não tira os olhos da porta por onde o mordomo desaparecera.

— Também não entendo, meu pai.

— Não quero vê-lo! — Owen escuta o grito de Zora e sem poder aguentar mais entra na sala onde toda a família dela está reunida. — O que está fazendo aqui?

— Como o que estou fazendo aqui? Conversamos ontem, vim para conversar com o seu pai e pedir a sua mão formalmente.

— Como ousa? — Albany pergunta abraçando a irmã.

— Algum problema? — Henry pergunta olhando para o pai de Zora, que olha ameaçadoramente para Owen.

— Eu o desafio. — Crispin se levanta do sofá e para em frente a Owen. — Um duelo, amanhã ao raiar do dia.

— Um duelo? — Owen pergunta e empurra o irmão de Zora. — Querida, o que está acontecendo?

— Não me chame de querida, seu... seu... seu cretino! — ela grita e se agarra a irmã chorando.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — Henry pergunta segurando o braço de Owen, que tenta ir até Zora.

— Seu filho deliberadamente fez promessas para a minha filha, logo após cruzar toda a Inglaterra com uma esposa e filha — Clara explica e Henry olha para um Owen confuso.

— Perdão, mas o que a senhora disse? — Owen questiona.

— Soubemos essa manhã, o senhor estava viajando com uma mulher que foi apresentada a todos como sua esposa e uma menina como sua filha. Se não for uma esposa legítima, então é sua amante que decidiu esconder no campo antes de contrair um matrimônio. Seja como for, o senhor faltou ao respeito com a minha filha — Clara responde.

— E por isso vamos duelar! — Crispin volta a gritar.

— Não sei do que estão falando. Não tenho esposa, filha ou uma amante. Não escondi ninguém.

— Não é o que meu sobrinho diz — Reynold diz. — Ele soube que o senhor pretendia se casar com a minha filha e veio nos avisar. Ele pernoitou em uma estalagem, onde não se falava de outra coisa a não ser sobre o jovem visconde de Callow com sua esposa e filha.

— E ele por acaso viu o meu filho?

— Não, mas viu as duas. E o criado do seu filho as chamando.

— Não tenho ninguém — Owen diz entredentes.

— Seu sobrinho ouviu o nome da mulher? — Henry pergunta desconfiado.

— Lady Pippa Osborne e a menina Gwendoline Osborne — Clara diz.

— Filho da... — Osborne respira fundo e olha para o pai, que balança a cabeça.

— Tudo não passa de um mal-entendido — Henry diz para Reynold.
— Posso lhe garantir que não é nada do que estão pensando. Peço que, antes que tome uma decisão de negar um compromisso ao meu filho, lhe permita explicar tudo.

— Não cabe a mim, minha filha está determinada a não vê-lo nunca mais.

— Zora? — Owen chama se aproximando e ela não levanta a cabeça do ombro de sua irmã, sem alternativas ele se aproxima ainda mais e sussurra: — A única mulher em quem tenho pensado é em você, permita-me provar que foi tudo uma confusão. Eu prometo que vou explicar tudo.

— Você me magoou — Zora diz baixinho.

— Não, querida, não magoei. Porque para isso eu deveria ter feito algo errado e não fiz. Juro que vou trazer a explicação em pessoa até você.

— Se existe uma explicação, por que não fala agora? — Albany pergunta.

— Porque não vão acreditar nas minhas palavras. E se o que eu suponho seja verdade, se usaram meu nome foi por algum motivo, que espero que seja muito bom, ou eu vou matá-lo.

— Quem o senhor pretende matar? — Zora pergunta levantando o rosto para o olhar e ele solta um suspiro ao ver os olhos vermelhos.

— O verme que ousou criar essa confusão toda, e assim fazendo a moça, que é a mais importante do meu mundo, chorar.

Owen beija a testa de Zora e sai da sala com seu pai atrás dele. Assim que ele entra na carruagem solta uma maldição e Henry sorri.

— Só existe uma pessoa que viajaria por toda Inglaterra com Pippa e ousaria usar seu nome.

— Eu sei! — Owen rosna. — James.



Owen era um homem com uma missão, após deixar o seu pai em casa, ele se dirigira para a casa Halsey, assim que a carruagem dele encosta em frente à mansão, ele rapidamente pula para fora correndo até a porta que se abre.

— Onde Greenwood está? — Owen rosna assustando o mordomo.

— Na sala de visitas, milorde.

— Greenwood! — Owen entra na sala gritando e assim que avista James, ele desfere um soco o arremessando longe.

— Owen! — Eleanor solta um ofego e se levanta, mas seu marido a segura.

— O que está acontecendo aqui? — Simon pergunta.

— Acho que posso imaginar — James diz tentando se levantar.

— Não bate no meu papai, seu bobão! — Owen sente pequenos punhos batendo de encontro a sua perna e olha para baixo para uma pequena menina de cabelos escuros.

— Está tudo bem, meu amor. Ele é amigo do papai.

— Amigo não bate em amigo. A mamãe disse isso.

— E eu tenho razão — Pippa diz se aproximando e Owen por um minuto deixa sua raiva de lado e a abraça.

— Sinto muito pela sua perda, só não sinto por ter se envolvido com esse estúpido depois.

— Está aqui por causa da confusão que ele fez no seu nome, não foi? Eu disse a ele que traria problemas.

— E mesmo assim ele continuou dizendo por aí que sou eu e que estava casado e com uma filha?

— Tínhamos que viajar escondidos, era importante — James diz sem tirar a filha do colo, como se a usasse como um escudo.

— Explique isso para a dama que eu pretendia pedir em casamento hoje e agora não quer me ver na frente dela, tudo porque acredita que eu escondi minha amante e nossa filha.

— Céus! — Eleanor solta um gemido. — Zora está brava?

— Muito — Owen diz olhando para James, que suspira.

— É claro que vamos explicar tudo — Pippa diz rapidamente. — James inventou essa história para nos proteger da família do meu marido. Mas não vou permitir que pague por isso.

— Podemos ir agora mesmo? — Owen pergunta.

— Agora? Acabamos de chegar de viagem.

— É claro que vamos agora, James — Pippa diz pegando a filha. — Não vamos deixar uma pobre coitada sofrendo por causa da sua mentira.

Durante o caminho até a casa de Zora, Owen só conseguia pensar nos seus olhos vermelhos de tanto chorar. Ele pôde entender por que James tomara aquela decisão, sabia que provavelmente no lugar dele faria a mesma coisa, mas não tirava o fato de que isso lhe trouxera problemas.

— Viemos falar com Lady Zora Blankenship — Owen diz para o mordomo, que o olha irritado.

— Já voltou? — Albany pergunta descendo as escadas.

— Vim explicar tudo. — Ele aponta para Pippa, que sorri.

— Venha comigo.

Ao entrarem na sala, Owen tem vontade de correr até Zora, que está encolhida em uma poltrona.

— Gostaria de apresentar Lady Pippa Bartlett, condessa de Greenwood, e sua filha Gwendoline — Owen faz as apresentações e Pippa se senta em frente à Zora.

— Como vai, lady Zora?

— Estou bem — responde olhando para Gwen.

— Owen explicou a confusão que indiretamente a colocamos. Estou aqui para explicar.

— Veio explicar sobre a mulher e a filha do senhor Osborne? — Zora pergunta irritada.

— Ele é o meu papai — Gwen diz surpreendendo a todos e Zora se encolhe.

— Não, meu amor, ele não é. — Pippa ri. — A senhora teria alguém que poderia levá-la até o jardim? — pergunta para a mãe de Zora. — Eu a deixaria em casa com o meu marido, mas no momento ele está sofrendo uma repreensão da irmã.

— É claro — Clara chama por uma criada, que leva Gwen até a cozinha para comer um bolo recém-assado.

— Owen e eu não somos casados. Nos conhecemos há muitos anos, mas nunca houve nada entre nós dois — Pippa diz assim que a filha sai. — Eu me casei e fui viver longe da minha família, por motivos que agora não interessam, passei um ano sofrendo nas mãos da família de meu falecido marido. Quando James, o atual conde de Greenwood, cunhado de lorde Walden Osborne, tio de Owen, foi fazer uma visita e viu a situação em que

estávamos, sem outra alternativa ele nos ajudou a fugir tarde da noite. Como corríamos o risco de sermos encontrados, ele decidiu dizer a todos que era o Owen, eu sua esposa e a Gwen nossa filha. A coitada acredita que, se disser que não é filha dele, alguém a leve para longe. Estamos trabalhando nisso.

— Então não é esposa dele?

— Não, nem mesmo amante. — Pippa sorri. — Não conheço Owen tão bem quanto ao James, mas de uma coisa eu tenho certeza: ele jamais faria algo do tipo. A educação que ele recebeu foi exemplar e se ele tivesse realmente uma amante e uma filha, posso lhe garantir que sua mãe o teria esfolado vivo, ele sendo um homem feito ou não.



— Acredita agora que tudo não passou de uma grande confusão? —
Owen pergunta enquanto caminha com Zora no jardim.

— Como poderia imaginar que alguém estava usando seu nome?

— Não a culpo, nem mesmo eu esperava por isso.

— Entendo que foi necessário para proteger lady Pippa e a filha, mas a forma que soubemos não deixava margens para um erro.

— Imagino. — Owen segura Zora pelo ombro e olha para os lados.
— Podemos selar a nossa trégua com um beijo?

— Um beijo? — Zora ri. — Creio que está tentando tomar certas liberdades, milorde.

— No momento sim, mas em um futuro não tão distante, Zora, não serão mais liberdades, porque terei o direito de beijá-la quantas vezes quiser, principalmente sem me preocupar se vão nos ver ou não.

Owen a puxa para perto e a beija segurando sua cabeça para que não se afaste. Zora pode ouvir o som de alguns pássaros por perto, os criados falando do outro lado do jardim, mas no momento nada mais parece importar, a não ser o homem que a segura em seus braços.

Ao voltarem para a mansão, agora feito as pazes, Owen faz um carinho na mão de Zora, que para de repente olhando para a porta. Ele segue o seu olhar e estranha o fato de que a mulher que estava tirando seu chapéu, de alguma forma parecia ter assustado Zora.

— Está tudo bem?

— E-está — Zora sorri. — Deixe-me apresentá-lo. — Ela puxa Owen até a mulher, que abre um sorriso estonteante ao notar o casal se aproximar. — Lorde Owen Osborne, visconde de Callow, essa é a minha tia Blanche, irmã do meu pai.

— Lady Blanche. — Owen dá um beijo em sua mão.

— Tia Blanche, esse é lorde Callow, meu... — Zora para de falar procurando as palavras ideais para descrevê-lo.

— Noivo — Owen responde por ela.

— Noivo? — Blanche leva as mãos à boca, seus olhos se iluminando enquanto tenta segurar as lágrimas. — Oh, minha querida, fico feliz por ter encontrado um belo rapaz. Espero poder conhecê-lo melhor.

— Ele virá para o jantar — Clara diz.

— Mamãe, a senhora praticamente o intimou — Zora diz desconfortável.

— Não se preocupe, Zora, está tudo bem — Owen a tranquiliza. — Ficarei feliz em vir jantar com a sua família. Tomaria a liberdade de ficar até a hora do jantar, mas preciso acompanhar Pippa e Gwen até em casa.

— Posso pegar sua carruagem emprestada — Pippa se apressa em dizer.

— Não vou deixar que vão sozinhas. Além do mais preciso ter certeza de que James recebeu todas as broncas possíveis.

Owen beija a mão de Zora e se despede de todos. Assim que ele passa pela porta, Zora olha para a mãe que abre os braços.

— Só agora me dei conta, mamãe.

— Eu sei, meu amor.

— O que vamos fazer?

— Zora? — Blanche chama delicadamente e faz um leve carinho em suas costas. — O que foi, querida?

— Ele não sabe a verdade, e muito provavelmente vai me odiar quando souber, pode até mesmo não querer se casar comigo.

— E por que devemos contar? — Albany pergunta. — É um segredo guardado a sete chaves por todos nessa casa. Não vejo motivos para contar.

— Não é certo que eu comece um casamento baseado em mentiras. Se ele souber depois, não me perdoaria.

— Sinto muito, talvez não devia ter aparecido sem avisar — Blanche diz olhando para Clara.

— Imagine, Blanche, você é muito bem-vinda. Reynold ficará feliz em vê-la. Seu quarto como sempre está arrumado.

— Obrigada.

Blanche sobe para o quarto que usava sempre que vinha de Paris para visitar a família. Enquanto observa a tia subir, Zora se agarra ainda mais a mãe.

Ao ver a tia, Zora soube que o segredo de sua família não poderia ser mantido escondido de Owen. Ele tinha o direito de saber, mesmo que isso significasse que o perderia.

Ele voltaria para jantar e, de alguma forma, teria que contar a ele toda a verdade.



Owen sentia que algo atormentava Zora, desde o momento em que vira sua tia entrar em casa, ela simplesmente mudara. A princípio não pensara muito nisso, mas ao ir para casa deixar Pippa, não conseguia pensar em outra coisa. Ela estava diferente, quase como se quisesse fugir.

Ao retornar para a casa dos Blankenship, não pôde conversar com Zora, já que Reynold e o filho e o noivo de Albany o puxaram para o escritório para beber alguma coisa enquanto esperavam a hora do jantar.

— Quem diria que Zora conseguiria um noivo tão rápido — Crispin dá risada.

— Seria um tolo se permitisse que outro tivesse a oportunidade de cortejá-la — Owen diz para o seu futuro cunhado.

— Quase o mesmo sentimento que eu tive ao ver Albany, fico feliz que meu futuro sogro permitiu que eu a cortejasse e ficássemos noivos.

— A única coisa que me interessa é a felicidade das minhas filhas. Seja com um conde, um duque ou um médico.

— Além do que sempre é bom ter um médico na família — Crispin provoca Webster.

— Se está pensando que serei seu médico em duelos está enganado. Albany me proibiu.

— E faz tudo o que ela manda?

— Eu quero ser feliz. — Webster dá de ombros.

— Sábias palavras, meu rapaz. — Reynold bate no ombro dele.

— Com licença, milorde, o jantar está servido — um criado diz entrando no escritório e eles vão para a sala de jantar.

Ao se aproximarem da porta da sala de jantar, as mulheres se aproximam, Owen estende o braço para Zora, que o aceita relutante.

— Está tudo bem?

— Está sim, tive uma dor de cabeça à tarde só isso. — Owen a observa atentamente. — Não se preocupe, Webster já me receitou um remédio, ele está começando a fazer efeito.

— Fico feliz, mas se desejar se recolher, por favor, não se sinta obrigada a ficar por minha causa. Sua saúde vem em primeiro lugar.

— Obrigada.

Todos se sentam e os criados rapidamente começam a servir os pratos. Owen pôde perceber que a família de Zora não é muito diferente da sua, eles conversam tranquilamente, muitas vezes um provocando o outro. Tirando Zora que estava em silêncio, a tia dela parecia preocupada e olhava para Zora a todo momento.

— Vai ficar muito tempo, minha tia? — Crispin pergunta para Blanche, que toma um susto.

— Não sei ainda, meu querido. Tudo depende de quanto tempo vocês vão me aguentar dessa vez.

— Você sempre é bem-vinda, minha irmã — Reynold diz e ela abre um sorriso.

— Obrigada, Reynold.

— Paris continua encantadora? — Owen pergunta.

— Sim, estamos à frente no que diz à moda e alguns costumes.

— Quem sabe, não levo Zora para passar a lua de mel em Paris — ele diz e escuta Zora soltar um gemido ao seu lado. — O que foi? É a sua cabeça? — ele sussurra.

— Está tudo bem — Zora responde com lágrimas nos olhos.

— Você não está bem, quer se recolher?

— O que houve, Zora? — Reynold pergunta preocupado e olha para a esposa, que gesticula alguma coisa.

— É só uma dor de cabeça, papai, Webster já me examinou.

— Ela não deveria estar na cama? — Owen pergunta para Webster, que se levanta e vai até Zora para examiná-la novamente.

— A dor está mais forte? — Ele se ajoelha ao lado de Zora.

— Estou bem — ela diz tentando se controlar.

— Zora. — Clara se levanta para se aproximar da filha, que não aguenta mais e sai correndo da sala de jantar.

— O que ela tem? — Owen pergunta se levantando e Webster balança a cabeça.

— Ela reclamou de dor de cabeça mais cedo, mas não era nada preocupante. Ela não me disse que estava ficando cada vez mais forte.

— Eu quero vê-la — Owen diz para Clara, que chama uma criada para levá-lo até o quarto de Zora. — Não há problema que eu suba sozinho?

— Não é a cabeça de Zora que está doendo, milorde, é o coração. Ela está preocupada que o senhor a rejeite — Albany diz ao mesmo tempo que seu pai se levanta a censurando. — O que foi? Ela não disse outra coisa a tarde inteira.

— O que está havendo? — Owen sente o sangue gelar dentro do seu corpo. — Ela está doente?

— Não — Clara diz com um suspiro. — Suba, milorde, converse com Zora a sós, peça para que ela conte o que a está afligindo, e caberá ao senhor depois decidir se vai manter esse noivado.

Owen sobe as escadas rapidamente, instigando a criada a ir mais rápido; assim que ela indica a porta do quarto de Zora, ele entra fechando a porta com um baque na cara da criada.

— Owen? — Zora se levanta da cama, seu rosto vermelho de tanto chorar. — O que faz aqui?

— Sua mãe disse que eu deveria subir para conversarmos, e que deveria exigir que me contasse o que a está atormentando. Desistiu de se casar comigo?

— Não — ela solta um soluço e senta na cama. — Mas temo que você desista.

— Por que eu desistiria, Zora? Tudo estava bem hoje de tarde, expliquei toda a confusão envolvendo meu nome. O que mais poderia estar errado?

— Estou tão acostumada com a vida que eu levo, que muitas vezes esqueço a verdade.

— Que verdade, Zora? — Owen se ajoelha na frente dela.

— Eu sou uma...

— Uma o quê? — ele pergunta quando ela para de falar.

— Uma bastarda.

— Como? — Owen se levanta para sentar ao seu lado. — Não entendi.

— Não sou filha de Reynold e Clara. Blanche é minha mãe verdadeira.

— Como isso é possível?

— Quando ela era jovem, um rapaz a envolveu em muitas mentiras e ela acabou se entregando a ele, quando soube que estava grávida ele desapareceu. Seria um grande escândalo, mas Clara decidiu que protegeria a família. Ela e Blanche embarcaram em um navio para a França, e alguns dias depois enviou uma carta para Reynold avisando que estava grávida.

— Ele não sabia?

— Ah, ele sabia a verdade. Você não assumiria um filho bastardo de Lily para que ninguém apontasse o dedo para ela?

— Sem pensar duas vezes — Owen diz rapidamente. — Então a carta era para manter as aparências?

— Sim, algumas semanas após Clara enviou outra carta, dizendo que o médico aconselhou que ela não viajasse novamente, pois a gravidez era de risco. Elas ficaram em Paris até que eu nascesse e só então voltaram. Fui apresentada a todos como filha legítima de Clara e Reynold.

— Como você soube a verdade?

— Um dia, ouvi Blanche e Clara conversando. Não houve como guardar segredo após esse dia. Eu tinha uns doze anos, corri até Albany chorando e contei toda a história que tinha ouvido. Eles foram obrigados a se sentarem com nós três e contar tudo.

— E o seu pai?

— Meu pai é o Reynold, minha mãe é a Clara — Zora diz. — Não existem outros. Eu disse para a Blanche que não conseguiria vê-la como minha mãe e ela entendeu. Principalmente porque, três meses depois de terem voltado da França, ela decidiu que moraria em Paris definitivamente. Não conseguia estar por perto me vendo crescer.

— E é por tudo isso que acredita que não quero mais você?

— Você vai se casar com uma bastarda, Owen? — Zora pergunta.

Ele a observa por um tempo, e antes que ela possa reagir ele deita sobre ela tomando seus lábios em um beijo cheio de desejo. Quando finalmente se separa um pouco, ele abre um sorriso.

— Existem duas formas de resolver isso, descemos para continuar o jantar ou eu a possuo agora mesmo, fazendo com que seja minha definitivamente. Mas nessas duas opções só haverá um final, Zora, você como minha esposa. Então o que você quer?

— Você realmente não se importa por eu ser uma bastarda?

— A única coisa que vejo ao olhar para você, é a mulher que venho desejando todos os dias da minha vida. Não existe outra mulher para mim, Zora.

— Então eu escolho ser sua agora mesmo.



Provavelmente todos no andar de baixo sabiam que Owen e Zora estavam demorando demais. Mas naquele momento ela não poderia se importar mais com o que pudessem falar dela, estava feliz deitada nos braços de Owen. Quando ele se mexe para levantar, ela puxa as cobertas para se cobrir e o observa se vestir.

— Vou falar com o seu pai, amanhã mesmo vou pedir uma licença especial para nos casarmos.

— Eles já devem imaginar o que aconteceu aqui, não é?

— Provavelmente, mas de minha parte não vou negar nem confirmar. Cabe a você decidir se quer falar alguma coisa. De qualquer jeito, a essa hora amanhã estaremos casados.

— Isso tudo é uma loucura. — Zora leva as mãos ao rosto e sente a cama afundar ao seu lado.

— Tudo isso é real, meu amor. Você é a dama que me encantou sem querer, que não saiu da minha cabeça, dos meus pensamentos, meus dias. A única coisa que eu conseguia pensar é o quanto eu a desejava. E ainda desejo. Amanhã seremos oficialmente casados.

— Sempre temi que o homem com quem eu me casasse, não aceitasse que eu sou uma bastarda. Estava determinada a nunca contar, mas só de imaginar esconder algo tão importante de você me deixava doente. Não poderia suportar esconder um segredo que futuramente poderia nos separar.

— Não pense mais nisso. Como você mesma disse, é filha de Reynold e Clara, e é isso que toda a sociedade sabe e vai ficar sabendo. Ninguém mais precisa saber. Agora é melhor que eu desça, devo falar com o seu pai e ir para casa avisar à minha família que teremos um casamento amanhã.

— Não quer esperar mais um pouco?

— Não. — Owen se levanta e termina de se vestir. — Não vou deixar que o destino ou que outra pessoa tenha a oportunidade de nos separar. Amanhã estaremos casados.

Owen a beija rapidamente e sai do quarto, ele sabia que muito provavelmente não resistiria a passar a noite toda ali. Ao entrar na sala de jantar, todos estavam se levantando, um silêncio absoluto preenche o ambiente.

— Amanhã mesmo vou conseguir uma licença especial para que Zora e eu nos casemos.

— Vocês conversaram? — Clara pergunta.

— Pela demora fizeram bem mais do que conversar — Crispin ri e Owen se aproxima ameaçadoramente.

— Sei o quanto irmãos gostam de provocar uns aos outros, falar sobre eles, brincar com coisas sérias. Mas se falar de minha noiva nesse tom novamente, eu juro que acerto um soco no meio dessa sua cara bonitinha, fui claro?

— Foi — Crispin diz e sai da sala.

— Lorde Blankenship... — Owen para de falar quando o homem levanta a mão.

— Ela contou tudo?

— Sim, senhor, e mesmo assim quero me casar com ela, o quanto antes melhor.

— Você não se importa com a forma do nascimento dela? — Clara pergunta.

— A única verdade sobre o nascimento que conheço é que ela é sua filha e de seu marido. Existe outra verdade que o mundo precisa conhecer?

— Não. — Blanche se levanta e enxuga uma lágrima. — Sempre temi que minha presença pudesse atrapalhar a felicidade de Zora. Pode parecer cruel, já que eu dei à luz a ela, mas desde que a coloquei nos braços de Clara, ela se tornou sua filha. Você tem razão, milorde, a única verdade que existe é a que ela é uma filha legítima.

— A senhora não precisa voltar para a França e ficar escondida, será sempre bem-vinda em nossa casa, afinal espero muito em breve ter filhos, e ele precisarão de uma tia-avó para mimá-los.

— Obrigada. — Blanche o abraça.

— Como conseguirá uma licença tão rápido? — Clara pergunta e Owen abre um sorriso.

— Sou sobrinho de consideração de um duque.



A cerimônia de casamento fora realizada rapidamente, para Zora não importava que a igreja não estava lotada, todas as pessoas que eram importantes estavam ali. Claro que não imaginava que teria um duque, condes e alguns outros nobres presentes. Mas Owen tinha grandes amigos e todos estavam ali para testemunhar sua união.

Ao voltarem para a casa dos pais de Zora, onde uma recepção havia sido preparada, os convidados se separaram em grupos para conversarem. Tudo parecia um verdadeiro sonho, sonho esse que parecia impossível alguns anos atrás.

— Agora somos oficialmente irmãs — Lily diz se sentando ao lado de Zora, que a abraça.

— Sim, e eu prometo que vou lhe ajudar quando chegar a hora.

— Eu já sei com quem eu quero me casar. — Lily suspira.

— E quem é ele?

— Não posso falar, segundo a minha criada é algo impossível.

— Nem tudo na vida é impossível, querida. Lembre-se disso.

— Vou tentar lembrar. — Lily dá de ombros e aponta para o outro lado da sala. — Quem é ela?

— Nora Wild, a condessa viúva de Stock. Nós fizemos aula de violino juntas.

— Viúva? Não é muito nova?

— Ela tem apenas vinte e dois anos — Zora concorda. — Ela se casou aos dezessete anos, sua família tinha acordado o seu casamento com um vizinho de terras, ele era grande amigo do pai de Nora. O marido dela morreu por uma doença dois anos atrás. Ela está sozinha agora com uma criança pequena para cuidar.

— E a família do marido dela?

— Ele era filho único, então um primo assumiu o título e as terras, a última coisa que ele queria era cuidar de uma viúva, então sem alternativa ela voltou para Londres, para morar com a família. Ela tem procurado trabalho para se sustentar, não quer depender dos pais.

— Talvez eu tenha uma solução para esse problema — Owen diz colocando uma mão sobre o ombro de Zora.

— Escutando conversa alheia?

— Estava me aproximando e não pude deixar de ouvir.

— E qual seria a solução, meu marido?

— James estava dizendo que Pippa procura alguém que possa auxiliar com Gwen. Ela poderia ser a preceptora da menina.

— Mas ela tem uma filha pequena.

— E Gwen também não passa muito de um bebê. Acho que não haverá problemas, vou conversar com Pippa.

— Obrigada. — Zora se levanta e o abraça. — Temia que a minha amiga ficasse desamparada.

— Não se preocupe. — Owen beija os seus cabelos. — Faria qualquer coisa por você, meu amor.

Zora acompanha com o olhar seu marido ir até James e Pippa, eles conversam por um tempo e ele aponta para Nora. O olhar de Pippa se transforma na mesma hora, algo como compaixão e entendimento. Quando ela se afasta e vai conversar com Nora, fica claro que o marido tinha conseguido ajudar sua amiga mais querida.

Epílogo

Zora estava preocupada com a sua apresentação à sociedade oficialmente como a viscondessa de Callow, mas sua família e a de Owen se uniram para deixá-la tranquila. Como o que um duque ou uma duquesa faziam era sempre considerado algo extraordinário, ficou decidido que Simon e Eleanor dariam uma festa para apresentar o novo casal.

Muitos nobres da alta sociedade compareceram, algumas jovens damas não conseguiam esconder as caras de desgosto por Owen ter se casado tão rapidamente sem terem chance de físgar o jovem visconde.

Durante a recepção, Zora dançou com o pai e o tio de Owen, o duque e outros amigos da família dele. Era incrível pensar que agora indiretamente fazia parte de uma família tão diferente. Mesmo que não fossem parentes oficialmente, Owen tinha tios de consideração, como o dono da maior loja de departamento, Aiden Lavelly. Para Zora era tudo muito diferente e extraordinário.

O baile estava ricamente decorado com flores e lustres, a comida servida era maravilhosa, assim como o vinho e o champanhe. Conforme a hora ia avançando, as pessoas pareciam não querer ir embora. Não só

porque tudo estava maravilhoso, mas também porque não conseguiam tirar os olhos do jovem casal que por poucas vezes se separaram.

— Serão motivos de fofocas por toda a temporada — Pippa diz para Zora, que sente seu rosto queimar com a vergonha. — Não se preocupe, querida, não tem nada do que se envergonhar.

— É tudo tão... estranho.

— Sei como é. As pessoas também não tiram os olhos de mim e de James. Mas uma coisa que aprendi é que, quando temos a família ao nosso lado, tudo é possível.

— Eu sei. — Zora olha para o salão e dá um sorriso. — Ainda não consigo acreditar que sou parente por consideração de lady Katherine Lavelly, a maior pintora de toda a Inglaterra.

— E pensar que algumas pessoas acreditam que os homens da família é que são realmente os importantes. — Pippa revira os olhos. — Já ia me esquecendo, obrigada por indicar a senhora Wild, Gwen está apaixonada por ela.

— Sou eu que tenho que agradecer por contratá-la, estava com o coração apertado imaginando o que seria dela e de Tessie.

— Tessie é uma menina encantadora. Ela e Gwen se entenderam, apesar da diferença de idade. As duas estão aprontando travessuras que sequer imaginamos que duas meninas tão pequenas possam fazer.

— Oh, Deus! — Zora leva a mão ao rosto envergonhada.

— Não se preocupe, James e eu estamos adorando cada momento. Trouxe alegria para a casa. Charlotte e Eleanor estão encantadas por terem duas meninas para mimar agora. Precisamos de mais meninas na família.

— Quanto a isso posso sempre providenciar. — James se aproxima e beija o rosto de Pippa, enquanto Owen toma a mão de Zora.

— Já ia esquecendo completamente que agora somos praticamente primas. — Pippa ri. — Apesar dos dois terem se desentendido alguns dias atrás.

— Ele quase fez com que eu perdesse para sempre a minha mulher.

— Eu tinha que proteger a minha.

— Ok, senhores, nada de brigas — Zora tenta acalmá-los e sorri. — Hoje é um dia de festa.

— Por mim essa festa já estava encerrada, está quase amanhecendo e ninguém foi embora ainda. Como posso levá-la para casa, se somos o casal homenageado?

— Como a festa não é para mim, posso ir embora com minha esposa.

— James pisca para Pippa. — Tenham um bom-dia.

— Bastardo! — Owen resmunga enquanto observa James ir embora.

— Não podemos fugir? — Zora pergunta. — Tenho certeza de que os meus pais e os seus podem cuidar dos convidados.

— Ótima ideia.

Após uma fuga bem-sucedida, ao chegar em casa Owen dispensa a criada de Zora e ajuda a retirar seu vestido. Antes que ela possa colocar a camisola, ele a leva para a cama e deita ao seu lado a beijando.

— Desse jeito, muito em breve estarei grávida — Zora ri enquanto ele beija seu pescoço.

— Não me importo com algumas crianças correndo pela casa. Além do mais prometi a sua tia Blanche que lhe daria sobrinhos-netos para mimar.

— Ela estava tão feliz hoje na festa, pela primeira vez em muito tempo a vi sorrir verdadeiramente.

— Ela sabe que a filha está bem cuidada e amada. — Owen levanta a cabeça e olha para Zora. — Eu prometi que a amaria por todos os dias da

minha vida, e que jamais lhe faria mal. Ela tinha medo que pudesse de alguma forma atrapalhar a sua felicidade. Agora que não existe qualquer perigo, está feliz.

— Obrigada por pedir que ela faça parte da nossa vida.

— Eu faço qualquer coisa por você, meu amor. Enfrentaria toda Londres por você.

— Não precisa enfrentar toda Londres. — Zora ri e o beija. — Basta ficar ao meu lado.

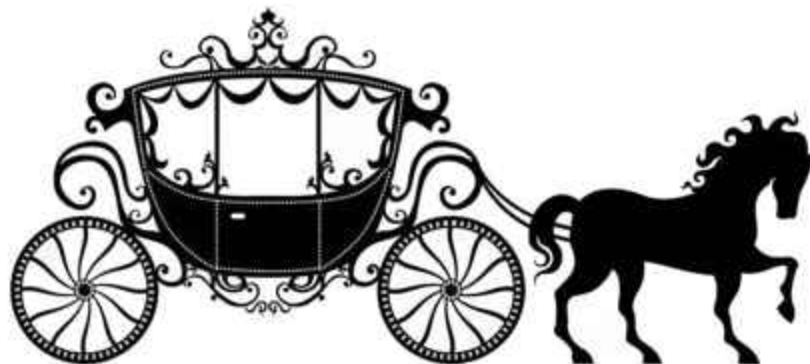
— Isso eu vou fazer, você querendo ou não, vai chegar uma hora que vai se irritar de tanto me ver.

— Acho pouco provável, meu marido. Eu te amo.

— Eu também te amo, Zora.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A CONDESSA VIÚVA



A CONDESSA

VIÚVA

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 8

Prólogo

Ashton não entendia por que estava sentado em um grande corredor de uma mansão imponente, propriedade de um duque. Aos vinte anos procurava um emprego para sustentar sua mãe, ela estava doente e, devido ao seu estado, não poderia mais trabalhar como lavadeira. Quando soubera que um jovem conde estava à procura de um criado, pensou que poderia se candidatar a vaga, mesmo que não soubesse muito sobre como cuidar de uma roupa ou como vestir outra pessoa. Mas agora, enquanto esperava outro rapaz terminar uma entrevista, se perguntava o que estava fazendo ali.

— Obrigado pela atenção. — A porta se abre enquanto o duque se despede do rapaz. — Ashton Watson?

— Vossa Graça. — Ashton se levanta rapidamente e enxuga as mãos na calça antes de estendê-la para o duque. Ele desejava estar mais bem-vestido ou arrumado, mas não tinha uma roupa melhor que aquela.

— Sente-se. — Ashton o obedece rapidamente e tenta focar seus olhos no lado bom do rosto do duque, o que não estava marcado por cicatrizes. — Meu cunhado herdou o título de conde muito cedo. Ele tem apenas doze anos e mesmo sendo tão novo, está decidido a gritar para os

quatro ventos que é um conde e quer ser tratado como tal, exercendo seu poder também. — O duque ri.

— Não imaginei que ele fosse tão novo.

— Os pais dele sofreram um acidente quando ele tinha dez anos. Não sei se ouviu a fofoca que corre por toda Londres.

— Não me atento a fofocas, Vossa Graça, tenho uma mãe para sustentar, preciso trabalhar.

— Entendo. — Simon olha para ele por um tempo e balança a cabeça. — Meu cunhado foi envenenado pelo tio por dois anos, ele pretendia ficar com o título e para isso James deveria morrer. Ele está melhor hoje em dia, mas precisa se fortalecer bastante ainda. O trabalho em si na verdade não é apenas ajudá-lo a se vestir ou essas coisas rotineiras. Preciso de alguém que dê liberdades a James para correr, brincar, cair, se machucar, e principalmente aprender a se levantar em seguida. Ele é apenas um menino. Mas com uma grande responsabilidade.

— Então, o trabalho é ajudá-lo em tudo?

— Exato, é deixar o James ser um menino, mas ao mesmo tempo protegê-lo. Ele ainda teme ser envenenado novamente, mesmo estando em segurança na minha casa. O trauma foi muito grande. Então ter alguém ao seu lado o tranquilizaria, não só a ele, mas também às suas irmãs. Preciso de alguém que seja o braço direito dele. Claro que o pagamento será condizente a todas as funções que exerceria. Por enquanto serei eu a pagar o salário, uma vez que ele assume oficialmente o título aos dezoito anos, ele cuidará disso.

— Não entendo muito sobre os nobres ou sobre roupas, mas de proteção eu entendo. Cresci nas ruas de Londres, sei lutar se necessário.

— Espero que não seja necessário, mas James tem a capacidade de se meter em confusões constantemente. Até mesmo um duque, ele

desafiou para um duelo. — Simon ri e Ashton não consegue acreditar no que ele diz. — Acredite, minha vontade era de puxar a orelha dele, mas querendo ou não, ele é um conde e quero que ele receba o tratamento que lhe condiz.

— Então seria tratá-lo como um conde, mas também como um garoto?

— Sim, e principalmente não mimá-lo. Não quero que ele acredite que pode ter tudo apenas porque tem um título. Deve aprender a conquistar o que deseja. O que me diz, senhor Watson, aceita o emprego?

— Já está me contratando? Nem ao menos fez perguntas.

— Tudo o que eu preciso saber o senhor já disse. Está procurando um trabalho digno para ajudar sua mãe. Poderia pegar o caminho mais fácil do roubo, mas está aqui decidido a cuidar de um garoto de doze anos para levar dinheiro para casa. O senhor tem a motivação necessária para o trabalho.

— Não sei se estou à altura do trabalho, mas aceito. Com a condição de que, se o senhor não achar que sou o ideal do que o conde precisa, me diga imediatamente.

— De acordo. — Simon se levanta e indica a porta. — Que tal conhecer o seu novo pequeno patrão?



Nora estava eternamente agradecida a sua amiga Zora, por conseguir um emprego para ela. Trabalhar como preceptora de Gwendoline era o melhor serviço que poderia conseguir, ainda mais que seus novos patrões não se importavam por Tessie estar com ela a cada momento.

Quando dissera a seus pais que trabalharia como preceptora, ouviu todos os tipos de acusações e reclamações, mas estava determinada a continuar firme na sua decisão, precisava pensar na filha pequena. Mesmo que ficasse garantido seu dote para quando se casasse, tinha outros diversos custos com a pequena. Ela estava crescendo e roupas e sapatos não eram baratos, e principalmente tinha que alimentá-la.

Por algum motivo que Nora não conseguia entender, seu pai praticamente a acusava por causa da morte de seu marido. Como se fosse culpa dela que ele ficasse terrivelmente doente e morresse algumas semanas depois. Agora era uma jovem viúva que voltara para a casa dos pais. Seu irmão um dia herdaria o título e toda a fortuna e, por mais que dissesse que cuidaria dela e de Tessie, não poderia esperar tanto tempo. O clima em sua casa estava terrível e não queria criar a filha assim.

Agora que estava se aproximando da casa do conde Greenwood, sua nova vida parecia finalmente se tornar realidade. Ele enviara uma carruagem para buscá-la, dissera que não poderia permitir que viesse de carruagem de aluguel, ela era a preceptora de sua filha e por isso teria todas as mordomias que ele pudesse fornecer.

De início não conseguia entender como ele poderia ser pai de uma menina de cinco anos, mas a condessa lhe explicara rapidamente que, como ela era uma viúva, e que se casara com seu amigo de infância, ele adotara Gwendoline como dele na mesma hora.

Assim que a carruagem para em frente à grande mansão, um criado abre a porta da carruagem e ela desce se virando para pegar Tessie. Sua filha era o principal motivo para que lutasse tanto, com apenas quatro anos, a menina era a única coisa que seu casamento havia lhe proporcionado que amaria para sempre. Nunca se entendera com o marido, apesar de ser um homem rude, jamais levantara a mão para ela, e mesmo que lhe desse uma menina, ele amava Tessie de verdade.

Seu último pedido em seu leito de morte, foi para que não deixasse Tessie se esquecer dele. Mesmo que ela ainda fosse praticamente um bebê, Nora lhe prometera que a filha se lembraria dele. Ao sair da mansão que fora sua durante o casamento, Nora conseguira convencer o novo conde a permitir que levasse um retrato do falecido marido, para que a filha tivesse alguma coisa do pai. Agora o quadro estava envolto em uma manta juntamente com sua bagagem.

— Que bom que chegou. — Pippa, a condessa de Greenwood, corre até ela e a abraça. — Estava ansiosa por sua chegada. Sempre tive minhas irmãs à minha volta durante o dia, então ter uma companheira está sendo maravilhoso. Essa é a pequena Tessie?

— Sim, senhora. — Nora levanta a filha nos braços. — Fala oi para a lady Pippa.

— Oi — Tessie diz desconfiada no primeiro momento, mas logo abre um sorriso. — Sou a Tessie.

— Você é muito bonita, Tessie. Tenho certeza de que será muito feliz aqui. Vamos entrar?

Enquanto os criados levam as coisas de Nora e Tessie para o que será o seu quarto, ela acompanha Pippa até uma sala de visitas, onde algumas mulheres estão tomando chá.

— Essa é a preceptora? — Uma delas pergunta pousando sua xícara na mesa.

— Sim. Lady Nora Wild, essas são minhas irmãs, Cornélia, Katherina e Hester.

— É um prazer conhecê-las.

— Eu sou a Tessie — a menina diz logo em seguida fazendo todas rirem.

— E essa é a Tessie, minha filha.

— Oi. — Gwendoline corre para perto. — Vamos brincar?

— Posso, mamãe?

Nora olha insegura para Pippa, que retira Tessie dos seus braços.

— Gwen, pode ir no jardim brincar com o Lobo, mas garanta que Ashton fique de olho em vocês duas.

— Está bem, mamãe. — Gwen pega a mão de Tessie e as duas correm porta afora.

— Não se preocupe, todos os criados da casa ficam de olho na Gwen. — Pippa indica uma poltrona para Nora e lhe serve o chá. — Você será a preceptora dela, ensinará música, a ler e escrever. Não espero que você a

olhe vinte e quatro horas por dia, para isso temos uma babá. Você cuidará dos estudos e das aulas de etiqueta. E claro, pode ensinar Tessie junto.

— É muita generosidade.

— Imagine, tive uma ótima professora. — Pippa aponta para Cornélia, que sorri. — Minha irmã mais velha sempre disse que devemos fazer o bem, e que não adianta menosprezar alguém por causa da nossa classe social. Tessie é muito bem-vinda à nossa casa, a babá de Gwen poderá olhar as duas e algo me diz que elas serão muito amigas.

— Tessie reclamava a todo momento que não tinha crianças para brincar — Nora diz com um sorriso. — Tenho certeza de que está no paraíso agora. Mas só me tire uma dúvida, quem é Lobo?

— É o cachorro do James, Gwen o adotou como dela. — Pippa ri. — O cachorro a segue para todos os lugares, até no quarto dela ele dorme.

— Acredito que proteja Gwen melhor do que o Ashton — Hester diz.

— Ashton? — Nora pergunta confusa.

— Ele é o criado particular do meu marido, mas acaba fazendo de tudo nessa casa, principalmente olhar Gwen, ele está encantado por ela, e como meu marido faz de tudo por ela.

— Espero que ele não se importe que Tessie esteja junto.

— Não se preocupe, Ashton adora crianças, ele tem cuidado de James desde que ele tinha doze anos. E acredite, se ele sobreviveu a um menino como James, ele pode lidar com duas pequenas meninas.

— Ah, então ele está há bastante tempo com o conde?

— Sim, por isso não se preocupe.

Nora abre um sorriso aliviada, se um senhor que acompanhava o conde desde menino estava cuidando das meninas não teria com o que se preocupar, teria?



Nora estava preparada para tudo referente ao senhor chamado Ashton, menos ao rapaz com aparência por volta dos trinta anos, com os braços de fora já que as mangas da sua camisa estavam dobradas. O belo rapaz loiro com olhos claros, sorria para as duas meninas que estavam completamente molhadas enquanto davam banho em um cachorro.

— Aquele é o Ashton — Pippa diz indicando o rapaz.

— Ele não era um senhor?

— Oh, não. Ele está com o James desde os vinte anos. Ele tem vinte e oito agora. Ele pode ser novo, mas é muito bom no que faz, e tem uma paciência enorme. Se ele aguentou meu marido quando criança, então aguenta qualquer coisa.

— Elas estão se divertindo — Nora diz sorrindo para a filha, que grita animada toda vez que o cachorro se chacoalha.

— James estabeleceu a regra que o Lobo deve tomar banho toda semana. Gwen adora esses momentos, porque Ashton deixa ela se molhar completamente. Espero que não se importe por Tessie estar molhada.

— Não, vê-la assim tão animada me fez bem.

— É uma alegria depois de tanta tristeza, não é?

— É sim.

— Sei bem o que está passando, Nora, perdi meu marido um ano atrás. Não éramos um casal apaixonado, tivemos nossas brigas, mas ser uma viúva tão nova não é fácil. Ainda mais com uma filha pequena para criar.

— Temos que sobreviver por elas.

— Exato.

— Mamãe! — Gwen grita e corre até ela. — O Lobo está limpinho.

— E espero que ele permaneça assim, da última vez se sujou inteiro logo em seguida.

— Não posso fazer nada se ele gosta de rolar na lama — a menina diz dando de ombros.

— Vou cuidar para que ele não se suje — Ashton diz se aproximando com Tessie segurando sua mão.

— Ashton, essa é lady Nora Wild, a preceptora de Gwen.

— Muito prazer. — Ashton se inclina levemente sem tirar os olhos de Nora.

— Vamos trocar de roupa, meninas, ou vão ficar resfriadas — Nora consegue dizer desviando o olhar do belo rapaz.

— Mamãe, o *Aston* disse que posso brincar no jardim.

— É, Ashton, meu amor — Nora diz pegando Tessie no colo sem se importar em molhar o vestido.

— Isso, *Aston*. — Ela concorda.

— Me desculpe — Nora diz sem graça e Ashton sorri.

— Não tem problema, a culpa é da minha mãe que me deu um nome difícil para uma criança falar.

— Vamos, Gwen? — Nora estica a mão e a menina vai com ela para dentro de casa.

— Pelo visto, alguém está encantado — Pippa diz com uma risadinha.

— Não sei do que está falando.

— Não? Você não tirou os olhos da Nora.

— Só estava avaliando a nova moradora da casa.

— Sei bem o que estava avaliando. — Pippa ri. — Não se preocupe, Ashton, ela é uma mulher muito bonita, não o culpo por olhar. Ainda mais que você é solteiro.

— E ela é casada.

— Viúva na verdade, faz dois anos que ele morreu. Então é caminho livre.

— Não tem um marido em algum lugar procurando por você? — Ashton pergunta delicadamente.

— Provavelmente, mas provocá-lo está muito melhor.

— Vou cuidar do cachorro. — Ashton dá as costas para Pippa e vai até onde Lobo está se esfregando em uma toalha.

Quando Gwen aparecera com uma menina ao seu lado, ele se perguntara quem era a pequena criança com um sorriso tão lindo. Ela se apresentara como Tessie e era tão encantadora quanto Gwen. Mas a mãe dela era fascinante. Longos cabelos pretos presos no alto da cabeça, o vestido cobria todo o seu corpo, mas se moldava a sua cintura. Os olhos eram brilhantes e ele ficara como um idiota cobiçando a mulher.

Depois de cuidar de todo o seu serviço, Ashton vai para o seu quarto. Apesar de ser o homem de confiança de James, ele preferia dormir na ala dos criados. Era uma forma de não só se lembrar de onde ele viera, como também lembrá-lo que não era um nobre, apesar de conviver com eles todos os dias.

Após tomar um banho, ele coloca roupas limpas e vai para a cozinha. Era o seu lugar favorito da casa, a cozinheira tinha um grande talento e não se importava em usá-lo como cobaia para testar novos sabores. Quando James abriu a antiga casa da família novamente aos dezoito anos, novos criados foram contratados. Ele não confiava nos antigos, tinha medo que alguém tentasse alguma coisa contra ele.

— Já viu a nova preceptora? — a senhora Darcey pergunta para Ashton sem parar de mexer na panela.

— Vi, ela é nova e tem uma filha pequena.

— Mais uma criança na casa — Darcey diz com os olhos brilhando.

— Tenho muitas receitas de doces que eu quero fazer.

— Tenho certeza de que as meninas vão adorar.

— O conde está na sala da família com a condessa e a preceptora — uma das criadas diz entrando na cozinha.

— O jantar já vai ser servido. Já arrumaram tudo? — Darcey pergunta.

— Sim, senhora. O conde pediu para que fosse até a sala — ela avisa Ashton, que se levanta da cadeira que havia se sentado.

— Obrigado.

Ao entrar na sala, Ashton sabia que não deveria olhar para Nora, mas não podia evitar. Ela estava linda com um vestido claro, olhando atentamente para um livro, não percebeu que ele a encarava.

— Vai ficar aí parado? — James pergunta o olhando de uma forma engraçada.

— Deseja alguma coisa?

— Pippa quer que nos acompanhe no jantar.

— Não...

— Por favor, Ashton — Pippa o interrompe. — É o primeiro da Nora aqui, não quero que ela se sinta deslocada.

— Sente-se. — James indica um sofá e Ashton se senta relutante.

— Esse material é maravilhoso — Nora diz entregando o livro para Pippa.

— Ganhei de uma das minhas irmãs, acredito que seja útil na educação das meninas.

— Será sim, amanhã vou preparar uma grade de estudos para elas.

— Não é muito cedo? — Ashton pergunta curioso e Nora olha para ele.

— Cedo para aprender a ler? Talvez, mas Gwen tem cinco anos, não há problema nenhum em começar a conhecer as letras. E as outras aulas podem ser etiqueta.

— Ainda é cedo — ele insiste.

— Quando eu tinha seis anos, minha preceptora criou um jogo para me ensinar como me portar em uma mesa ou diante das visitas. Todos os dias, eu tomava chá de mentirinha com as minhas bonecas. Então, enquanto eu estava brincando, na verdade estava aprendendo. É isso que eu desejo fazer.

— Gwen adora bonecas — James concorda. — Se for algo que as envolva, ela vai adorar o jogo.

— Sei que ela é pequena, mas nunca é cedo demais para se aprender a ser educada. Até mesmo para reclamar ou contradizer alguém dá para se fazer com classe.

— Estou feliz que está aqui, Nora. — Pippa pega a sua mão. — Não sabia como iria fazer com a educação de Gwen. Não quero que ela passe vergonha quando for maior, porque a mãe não soube ensinar como se

portar. Posso entalhar uma mesa de dois metros de uma única madeira, mas sou um terror com pessoas.

— Você é maravilhosa, Pippa — James diz com o amor refletido nos olhos.

— Obrigada, querido.

— O jantar está servido — uma criada anuncia.

James estende o braço para Pippa e a leva para a sala de jantar, sem outra solução, Ashton faz o mesmo para Nora, que aceita o braço dele.

— Tessie não parou de dizer sobre a brincadeira do banho no cachorro — Nora diz para ele.

— Você tem uma filha encantadora.

— Obrigada.

— Sempre que Gwen vai ao jardim e a babá não está presente, eu mantenho um olho sobre ela, não precisa se preocupar com Tessie. Ela está segura aqui na casa.

Ao deixar Nora em seu lugar, ele vai para o dele soltando uma maldição baixinho, podia sentir o perfume dela em seu casaco e agora passaria todo o jantar ao lado dela. Não queria pensar na mulher ao seu lado, mas cada vez que a via, era impossível não se encantar.



Nora passara a noite toda pensando no que poderia fazer no dia seguinte para entreter as duas meninas, por mais que desejasse começar a ensiná-las, sabia que não poderia manter duas crianças tão pequenas sentadas o tempo todo. Por isso logo que amanheceu, ela correu até a cozinha e pediu para que a senhora Darcey preparasse uma cesta com lanches para o período da tarde. Iria até o parque com as meninas e ali daria um jeito de começar os estudos.

Após avisar Pippa e James o que fariam à tarde, Nora pede para que a babá Matilda preparasse Gwen com uma roupa que não teria problema de sujar. Uma vez que está tudo pronto, ela vai para o lado de fora da casa e encontra uma carruagem preparada e Ashton as esperando.

— James pediu para que eu as acompanhe — ele explica. — Quer que eu fique de olho na filha, ele não confia que a avó dela tenha desistido tão facilmente.

— Lady Pippa me contou tudo hoje pela manhã. — A babá sai com as meninas, que correm para a carruagem. — Matilda, o senhor Watson vai junto com a gente, então não será necessário que me acompanhe.

— Sim, senhora.

— Posso ir no banco alto, tio Ashton?

— Hoje não, Gwen, mas prometo que outro dia levo você e Tessie para uma volta no banco alto.

— Banco alto? — Nora pergunta confusa e ele aponta para onde o cocheiro está sentado. — Não é perigoso?

— Não é não — Gwen diz subindo a escadinha com a ajuda de Ashton. — Eu já fui lá, é muito melhor, dá para ver tudo.

— Eu também quero ir, mamãe.

— Se o senhor Watson prometer que é seguro, você pode dar uma volta com a Gwen.

— Não vai acontecer nada com elas, eu prometo. Mas ficará para outro dia, agora parem de enrolar ou vamos perder a tarde toda.

Ao chegarem no parque, Ashton pega a cesta com os lanches e a manta que Nora levara, enquanto ela andava de mãos dadas com as meninas. Assim que encontraram uma árvore com uma sombra segundo Gwen perfeita, estenderam a manta.

— Posso brincar? — Gwen pergunta.

— Podem. — Nora retira os sapatos e as meias das meninas e as deixa correr por um tempo.

— Não iria dar lições?

— Mas estou dando lições — Nora diz para Ashton, que se encostara na árvore, enquanto ela havia se sentado na toalha. — Elas estão aprendendo a aproveitar a simplicidade das coisas. Daqui a pouco ficarão com fome e será o momento ideal para alguns jogos. Não conseguiria manter as duas sentadas diante de tudo isso. — Nora abre os braços e Ashton concorda. — Não vai se sentar?

Ashton se senta meio sem jeito ao lado de Nora e observa as meninas que correm uma atrás da outra.

— Enquanto dávamos banho no Lobo ontem, Tessie disse algo sobre um Alfred que a visita todas as noites, quem é ele?

— Ela disse sobre ele? — Nora pergunta emocionada. — Normalmente ela não fala sobre isso tão abertamente, deve ter realmente gostado do senhor.

— Ele é alguém importante?

— É o pai dela. — Nora olha para a filha. — Alfred nunca fora um bom marido, era grosseiro, autoritário, mas quando a filha nasceu simplesmente se tornou outro homem quando estava com ela. Ele a adorava, nunca se importou por não ser um menino. Em seu leito de morte, ele me implorou para que Tessie soubesse sobre ele. Quando seu primo chegou em casa para assumir tudo, fiz apenas dois pedidos: o primeiro, para que ele garantisse o dote de Tessie como Alfred pedira, o que ele fez. Está guardado em um banco a quantia. E o segundo, é que permitisse que eu levasse um quadro de Alfred, para que Tessie conhecesse o pai. O que ele também permitiu. Ele sabia que eu não desejaria mais nada daquela casa.

— E por que ela disse que ele a visita?

— Uma noite ela não queria dormir, perguntava sobre ele o tempo todo, para onde ele tinha ido, se não a amava. Então aponte para o céu estrelado e disse que ele agora era uma estrela que toda a noite ele vinha protegê-la enquanto dormia. Nunca mais ela dormiu sem olhar para o céu e desejar uma boa-noite para ele.

— Acho bonito você cumprir a promessa que fez a ele.

— Alfred foi ruim comigo, mas nunca com a filha. Não poderia simplesmente tirá-lo da vida dela, mesmo que fosse um homem de quem ela não se lembrasse.

— Mamãe! — Tessie grita chorando e Nora e Ashton correm até as meninas que estão em frente a uma árvore. — Tadinho. — Ela aponta para um filhote de passarinho que muito provavelmente caíra do ninho.

— Ele morreu, tio Ashton? — Gwen pergunta com os olhinhos cheios de água.

O passarinho se mexe um pouquinho e Ashton olha para a árvore localizando o ninho em um dos galhos.

— Não, mas ele é muito pequeno.

— Ele quer a mamãe dele — Tessie diz se agarrando a Nora.

— Então por que não o devolvemos para a mamãe?

Ashton pega o passarinho o colocando no bolso do seu casaco e sobe lentamente na árvore, enquanto no chão Nora abraçava as duas meninas. Assim que ele se aproxima do ninho, percebe a mãe do passarinho agitada. Lentamente ele pega o filhote e o coloca no lugar descendo rapidamente.

— Pronto, ele está de volta com a mamãe dele, que ficou muito feliz.

— Obrigada, tio Aston. — Tessie abraça as pernas dele, que coloca uma mão na cabeça dela.

— De nada, pequena. Por que não vamos comer agora? — As meninas correm para a toalha enquanto Nora fica parada no lugar o olhando. — Algum problema?

— Obrigada pelo que você fez.

— Não foi nada de mais, apenas devolvi um filhote para a sua mãe.

Ashton dá de ombros e vai para onde as meninas estão sentadas já abrindo a cesta e procurando o que comer. Nora caminha lentamente atrás dele sem conseguir parar de pensar em como ele subira naquela árvore com precisão, como ele se importara com o sentimento de duas meninhas e simplesmente considerara como nada de mais. Outro em seu lugar jamais faria isso.

Alfred jamais escalaria uma árvore para devolver um filho ao ninho. E muito provavelmente muitos nobres também não fariam o mesmo. E só por isso, Ashton já era um homem especial para ela e sua filha.



Durante uma semana, Nora se empenhara ao máximo para fazer valer o salário que recebia como preceptora, em alguns dias conseguira fazer com que as meninas decorassem as vogais e já as reconhecessem em algumas palavras. Mas o que elas mais gostavam era de sentar em uma pequena mesa para o chá, com algumas bonecas as acompanhando.

— Mamãe, quer chá?! — Gwen grita assim que Pippa entra no quarto e Nora chama a atenção.

— Não é assim, lembra-se?

— Ah! — Gwen tampa a boca com as mãos para não demonstrar que está rindo. — A senhora nos daria a honra de nos acompanhar no chá? — Ela tenta novamente e Pippa se senta no chão de pernas cruzadas como Nora, já que eram grandes demais para a mesa das crianças.

— Adoraria.

Nora conseguira em uma visita à loja de departamento Lavelly's um conjunto de chá infantil ricamente decorado. Quando estava prestes a pagar, Aiden, o dono da loja, aparecera e ao descobrir que era para a sobrinha disse que o pagamento não era necessário. Agora era o conjunto

favorito de Gwen, que todos os dias queria se sentar para beber o chá – que deveria ser de verdade, bem como os pãezinhos.

Enquanto Gwen e Tessie servem o chá e os doces para Pippa com movimentos delicados, ela olha para Nora com um sorriso.

— Vejo que o jogo do chá deu certo.

— Elas se empolgam algumas vezes, mas sim, tem dado certo. Temos problemas apenas quando insistem que as visitas devem tomar chá de verdade, sendo elas bonecas de pano. Creio que provavelmente umas cinco já estão penduradas secando.

— Oh, meu Deus! — Pippa tenta não rir. — Obrigada pelo chá, senhorita — ela agradece Gwen e tenta segurar a pequena xícara.

— Papai, vem tomar chá! — Gwen corre até James, que entra no quarto, esquecendo completamente o fato de que não deveria gritar.

— Agora não posso, vou ter que ir até a casa da sua tia Eleanor.

Enquanto James se ajoelha em frente à filha e conversa com ela lhe dando toda a atenção, Nora percebe que Tessie observa os dois em silêncio; desde que a menina passara a acompanhar Gwen a todos os momentos, presenciou o relacionamento entre um pai e uma filha, e isso agora começava a lhe fazer falta. Mesmo sendo tão pequena, ela sentia a ausência de uma figura masculina como a que Gwen tinha.

— O que acha de darmos uma volta depois, Tessie? Só nós duas? — Nora pergunta e Pippa, percebendo a tristeza da menina, rapidamente concorda.

— Isso, aproveitem a tarde. Já que James vai visitar Eleanor, posso aproveitar e visitá-la também. O que acha, Gwen?

— Sim, quero ver o tio Simon.

— Então vou esperá-las. — James sai do quarto e Pippa se levanta com Nora.

— Vou pedir que uma carruagem as leve onde quiserem.

— Não é preciso.

— É sim, você tem feito muito por Gwen, ela simplesmente a adora, bem como a amiga que ela ganhou. E não há sentido que andem por toda Londres, quando temos uma carruagem sobrando.

Após trocar o vestido de Tessie por um mais fino, já que estava muito calor, as duas vão para o portão da mansão onde uma carruagem já as esperava. Ao entrar, Nora se surpreende com Ashton no interior.

— James pediu que eu as acompanhe no passeio.

— Não é necessário.

— Uma figura masculina é sempre necessária.

— Nem sempre, senhor Watson — Nora diz e percebe o sorriso dele abrindo.

— O que me diz, Tessie? Quer a minha companhia.

— Sim. — Ela bate palmas.

— Isso não é justo, porque ela aceitaria a sua companhia todas as vezes, e sabe disso.

A carruagem começa a se movimentar com um pequeno solavanco, eles atravessam algumas ruas e, após um pequeno percurso, param em frente à Lavelly's.

— Preciso comprar algo aqui se não se importar? — Ashton diz.

— Adoro esse lugar, sempre quis trazer Tessie, mas na maioria das vezes precisava resolver alguma coisa, e com uma criança levaria o dobro do tempo.

— Então, se não temos compromissos, vamos aproveitar a tarde. — Ashton indica o caminho e Nora entra na loja.

A grande loja sempre a encantara, não só por ser muito bem organizada, mas também por algumas telas espalhadas pelas paredes,

quadros que ela soubera depois serem pintados pela irmã de Pippa.

— Preciso de ajuda se não se importar — Ashton diz indicando um balcão com diversos tecidos. — Quero comprar uma peça de tecido para dar a minha mãe. Ela adora costurar vestidos. Diz que é muito melhor usar algo feito por ela mesma.

— Gostei do azul. — Tessie aponta com o dedinho e Ashton a pega no colo.

— Esse? — ele pergunta e ela balança a cabeça. — Então será esse, tenho certeza de que ela vai adorar.

Após comprar o tecido, os dois voltam a andar pela loja, com Tessie no colo de Ashton, que não parecia se importar.

— Olha, mamãe. — Tessie aponta para um balcão com diversas bonecas e Ashton se aproxima com ela. — É tão bonita. — Ela se estica e pega uma boneca com tranças vermelhas.

— Gostou? Então é sua.

— Senhor Watson...

— Por favor, senhora Wild — ele a interrompendo, rindo. — Deixa eu dar esse presente para ela.

— Está bem. — Uma vez a boneca comprada, Ashton vai em direção à saída e Nora estranha. — Onde vamos?

— Minha mãe mora a dois quarteirões, pensei que poderíamos fazer uma visita e entregar o tecido, ela adoraria conhecer a pessoa que escolheu.

— Vamos, mamãe — Tessie pede e ela acaba concordando.

O dia não estava sendo nada como o esperado, ela pensara em passear com Tessie sozinha, não ter a companhia de um homem, principalmente um que não saía de seus pensamentos. E agora tudo se complicava, porque conheceria a mãe dele.



Ashton para em frente à porta da casa que ele conseguira comprar depois de quase um ano trabalhando para James, desde que fora contratado. Simon, o duque de Wentworth, o pagara muito bem para cuidar do pequeno menino, quando finalmente James assumira todas as contas e terras aos dezoitos anos, dera um aumento para Ashton – segundo ele, em reconhecimento aos anos em que estiveram juntos.

Abrindo a porta de entrada, ele chama pela mãe que sai da cozinha enxugando a mão em um pano de prato. Assim que ela avista Nora e Tessie arregala os olhos.

— Ashton?

— Mãe, essas são lady Nora Wild e sua filha Tessie. Essa é a minha mãe Fiorella — ele faz as apresentações.

— É um prazer conhecer a senhora. — Tessie se inclina um pouco e a mãe de Ashton sorri.

— Uma pequena dama.

— A mamãe está ensinando como se deve cumprimentar as pessoas.

— Lady Nora é a preceptora de Gwen.

— Ah, e ela como ela está? Aquela menina simplesmente me conquistou.

— Ela está muito bem, foi fazer uma visita para a tia com a mãe e o pai — Nora diz e vai para o sofá que Ashton indica.

— Comprei um presente para a senhora e, como estava por perto, decidi trazê-lo.

— Fui eu que escolhi — Tessie diz pulando do sofá que Nora havia a colocado e vai até Fiorella.

— Então será lindo, porque uma menina adorável só pode gostar de coisas bonitas. — Fiorella abre o embrulho e, ao notar o tecido azul, abre um sorriso emocionado. — Obrigado, meu filho, é lindo. A senhora aceita uma xícara de chá?

— Eu adoraria — Tessie diz arrancando uma risada de todos.

— A aula favorita das meninas é a hora do chá. Estão melhores do que qualquer lady — Nora explica.

— Acabei de assar um bolo, se importam de se sentar na cozinha? Acredito que a mesa seja melhor para Tessie.

— Claro que não me importo.

Nora coloca Tessie ajoelhada na cadeira para que fique na altura exata, enquanto a menina tenta colocar a boneca de pano sentada na mesa sem sucesso. Ashton coloca uma garrafa sobre a mesa e encosta a boneca fazendo Tessie sorrir.

— Mamãe, a minha filhinha precisa de um nome.

— Que tal Francesca? — Ashton pergunta.

— *Fancesca*? — Tessie pergunta.

— Acredito que seja um nome muito difícil para a menina falar, Ashton — Fiorella repreende o filho enquanto coloca o bolo na mesa e corta um pedaço para cada um.

— Então que tal Ruby? Ela tem os cabelos vermelhos — ele sugere.

— É bonito — Tessie concorda. — A Ruby quer bolo, mamãe.

Antes que Nora possa dizer que a boneca não come, a mãe de Ashton serve um pedaço de bolo em um prato e coloca sobre as pernas da boneca e se senta. Uma vez que o chá está servido, eles aproveitam o lanche.

— O bolo está maravilhoso.

— Obrigada, lady Nora. Por muito tempo trabalhei como lavadeira; quando Ashton passou a trabalhar para o conde e nossa vida melhorou, troquei as bacias de roupas pelos bolos. Aceito pequenas encomendas, não é nada que me deixe rica, mas ajuda nas despesas. Meu filho preferia que eu não trabalhasse, mas não posso passar o dia todo sem fazer nada.

— Eu posso sustentá-la agora.

— Eu sei, querido, mas prefiro ganhar o meu próprio dinheiro.

— Eu não sei fazer bolo — Tessie diz e Fiorella começa a explicar como é a receita.

Enquanto a menina escuta atentamente, Ashton retira o pedaço de bolo do prato da boneca comendo rapidamente.

— Tessie, sua filha comeu todo o bolo — ele diz e olha para Nora, que tenta não rir.

— Não acredito! — a menina diz animada. — Mamãe, ela comeu tudo.

— E eu acho que ela quer mais bolo, o que você acha? — Nora pergunta olhando para Ashton, que fica sem acreditar.

— Um pedaço bem grandão — Tessie diz.

Nora corta uma fatia grossa do bolo e coloca no prato, Fiorella olha para os dois sem entender, até que percebe Ashton reclamando baixinho. Voltando a entreter a menina, mas mantendo um olho no filho, nota

quando ele pega o pedaço de bolo e envolve em um guardanapo e o coloca no bolso.

— Tessie... — Nora vai dizer, mas é interrompida por Ashton.

— A Ruby disse que está satisfeita, não quer mais bolo.

— Minha filha é muito esfomeada. — Tessie balança a cabeça. — Ela precisa de aulas de etiqueta, mamãe, não se pode comer o bolo rápido assim. Ai, ai, Ruby, o que eu faço com você? Assim passo vergonha. — Ela pega a boneca e a abraça.

— Acho que ela está com sono — Fiorella diz, olhando para Tessie se referindo a ela, mas a menina olha para o rosto da boneca.

— Está sim.

— Venha comigo, Tessie.

Fiorella volta para a sala e Nora levanta curiosa, se sentando no sofá, Fiorella pega uma pequena manta que estava enfeitando as costas do sofá e coloca Tessie no seu colo.

— O que é isso? — Tessie pergunta curiosa.

— Essa manta é mágica, ela faz com que todos os bebês adormeçam rapidamente.

— Eu não sou um bebê — ela diz bocejando e não demora muito para estar adormecida.

— Talvez seja melhor pedir pela carruagem.

— Imagina, minha mãe está adorando ficar com a Tessie, olha para ela, não vejo aquele sorriso há muito tempo. Normalmente quanto tempo dura o cochilo dela? — Ashton pergunta.

— Uma hora ou uma hora e meia.

— Perfeito, deixamos as duas aqui e vamos dar uma volta. James pediu que eu comprasse algumas coisas na loja, como é perto podemos resolver tudo e voltar para pegar a Tessie.

— Eu não sei...

— Pode ir, lady Nora — Fiorella diz. — Eu cuido dela.

— Obrigada.

Nora dá uma última olhada na filha adormecida e acompanha Ashton para fora da casa.

— Minha mãe sempre quis uma menina, meu pai faleceu quando eu tinha seis anos, e desde então tem sido só nós dois.

— Ela é uma mulher maravilhosa.

— É sim — Ashton concorda e estende o braço para Nora. — Você também é.

— Obrigada. Criar um filho sozinha não é fácil, tendo dinheiro ou um título ou não.

— Não parece, tanto você quanto a minha mãe fazem um ótimo trabalho. Passamos necessidades até que eu comecei a trabalhar com o James. Mas nunca faltou amor, carinho e principalmente afeto verdadeiro na nossa casa. Tudo o que eu passei quando criança, não ter roupas novas, sapatos bons, comida farta, nada disso parece ter importância ou pesar, quando lembro da minha mãe se sentando ao meu lado e dedicando um pouco do tempo dela para mim. Eu faria qualquer coisa por aquela mulher.

— Isso só mostra como é um bom homem, senhor Watson.

— Ashton, use meu nome.

— Não devo.

— Deve. — Ashton olha atentamente para ela, Nora percebe o olhar de desejo dele e sabe que não será beijada nesse momento apenas porque estão em uma rua movimentada. — Mais tarde. — ele diz e Nora entende exatamente o que ele quer dizer, mais tarde ele a beijaria.

E Nora, por algum motivo, não conseguia deixar de desejar por esse beijo.



Ao voltarem à loja de departamentos, Ashton resolve os pedidos de James primeiro, solicitando que entreguem tudo na mansão até o final do dia. Uma vez que isso está resolvido, os dois vão para a sessão de crianças, onde Nora procura por um jogo de chá para Tessie.

— Ela começou a perceber que existe uma diferença entre ela e as outras crianças.

— Como assim? — Ashton pergunta confuso.

— Ela está sentindo pela primeira vez como é a ausência de um pai. Ao ver Gwen com James, o jeito que ela corre até ele, como recebe a atenção, passou a perceber que ela não tem o mesmo. E isso está a entristecendo, sei que é errado, mas espero que comprando esse jogo de chá ela se anime um pouco e esqueça esse assunto.

— Sei como ela se sente, perdi meu pai quando eu era pequeno, algumas vezes ele fazia muita falta, mas com o tempo aprendi que teria que me virar sozinho.

— Para um menino é fácil falar, agora para Tessie é mais difícil, ela será vista com outros olhos sem ter um homem na família para protegê-la. Temo que decidam se aproveitar dela por esse motivo.

— Isso não vai acontecer, tenho certeza de que James a protegeria, sem contar que eu mesmo seria capaz de matar qualquer um que tente levar vantagem sobre ela.

— O senhor? — Nora pergunta e dá uma pequena risada. — Não significamos nada para o senhor.

— Pelo contrário, significam muito — Ashton diz e indica logo em seguida uma prateleira com lindos jogos de chá. — Qual ela gostaria mais? — pergunta, mas Nora não responde, com seus olhos fixos nele. — O quê?

— Por que se importa tanto com nós duas?

— Por muito tempo não senti nada, Nora. Minha meta de vida era trabalhar para sustentar minha mãe, para tirá-la de frente de uma bacia de roupas para lavar. Sempre fiz tudo o que me pediam sem questionar. Mas hoje, se me perguntassem se eu me atiraria na frente de uma bala por alguém, eu responderia que sim, faria isso por você e por Tessie. Não há um momento em que eu não pense em vocês duas, que não me pergunte como estão. Que não deseje me deitar em sua cama e abraçá-la durante toda a noite.

— Isso é loucura.

— Sim, é loucura, mas não há nada que eu possa fazer. Agora escolha o conjunto de chá.

Nora olha para Ashton por mais alguns segundos antes de se virar para o vendedor, após escolher algumas xícaras brancas com lindos desenhos em lilás, ela e Ashton desce para a rua com destino à casa da mãe dele. Os dois ficam em silêncio durante o caminho e assim que entram na casa podem ouvir algumas risadas.

— Mamãe. — Tessie corre até ela abraçando sua cintura. — A vovó disse que você voltaria logo.

— Vovó? — Nora pergunta confusa.

— Tessie disse que pareço com uma avó e por isso não poderia me chamar pelo nome ou de senhora Fiorella — a mãe de Ashton explica. — Tem me chamado de vovó desde então.

— Eu não...

— Por favor, lady Nora, eu não me importo — Fiorella a interrompe. — Na verdade, nunca me senti tão feliz quanto quando ela me chama assim.

— Sinto muito interromper a festa que estavam fazendo, mas temos que ir — Ashton diz.

Nora e Tessie se despedem de Fiorella e entram na carruagem. Durante o caminho, Tessie conta sobre tudo o que fizeram enquanto ela e Ashton estavam na loja. Assim que chegam em casa, Nora vai para o quarto onde entrega o embrulho com o conjunto de chá para a filha.

— É lindo, mamãe. — Tessie abraça uma xícara. — Posso chamar Gwen para o chá?

— Claro que pode, mas primeiro precisa ver se ela já retornou da casa da tia dela.

— Está bem. — Tessie coloca a xícara sobre o baú onde as outras peças estavam e corre para fora do quarto.

Antes que a porta possa se fechar atrás dela, Ashton entra trancando os dois no quarto.

— Deseja alguma coisa? — Nora pergunta se levantando e alisando o vestido.

— Lembrei que prometi que a beijaria mais tarde. Acredito que já tenha chegado o momento.

— Não tenho tanta certeza, senhor Watson.

Nora tenta fugir dele para o outro lado do quarto, mas ele é mais rápido e a puxa para ele.

— Eu tenho certeza de que já é o momento.

Ashton segura o rosto de Nora delicadamente e a beija, no início ele sente que ela tenta se livrar, mas aos poucos vai se rendendo, as mãos dela puxam o seu paletó, enquanto ele a abraça mais apertado. Quando os dois não conseguem mais respirar, ele desgruda os lábios do dela e respira fundo.

— O que vamos fazer agora, Nora? — Ashton pergunta e cola sua testa na dela. Ele sabia que se a beijasse estaria perdido para sempre, mas não tinha conseguido evitar.

Agora sua suposição se tornara verdadeira. Ele estava completamente rendido à mulher em seus braços.



Por duas semanas, Ashton e Nora se encontraram às escondidas, não acontecera nada além de beijos e alguns toques, mas ela sentia que muito provavelmente ele não aguentaria muito tempo. Mesmo que ninguém soubesse o que estava acontecendo entre eles, Nora podia sentir que a forma de tratamento dele com ela e Tessie mudara completamente. Ele sempre estava atento às duas, se estavam com algum problema, se estavam tristes ou não.

Ele se sentara com Tessie por quase uma hora no jardim e apontara algumas nuvens inventando formas para a menina tentar descobrir. Tessie não fala sobre outra coisa a não ser sobre Ashton, ela até mesmo parecia não sentir mais ciúmes de Gwen por ela ter um pai.

Depois de uma semana, onde passeara com as meninas e tiveram algumas aulas ao ar livre, Nora decidira fazer algo que pudesse entreter as meninas e que talvez elas jamais esqueceriam. Após combinar no dia anterior com a senhora Darcey o que fariam no dia seguinte, ela leva as meninas até a cozinha, onde várias tigelas estavam dispostas na enorme mesa.

— O que vamos fazer, senhora Nora? — Gwen pergunta curiosa quando ela a ajuda a subir na cadeira.

— Pensei que poderíamos fazer um bolo.

— Bolo? — Tessie pergunta e abre um sorriso.

— Eu vou ensiná-las — a senhora Darcey diz se aproximando.

A próxima meia-hora transformou a cozinha em uma verdadeira bagunça, as meninas derrubaram os ovos, esparramaram leite na mesa, e tinha farinha voando para todos os lados. Mas no final as duas conseguiram preparar a massa, que agora estava no forno.

— Desculpe pela bagunça, senhora Darcey, prometo que vou ajudar a arrumar tudo.

— Imagine — a senhora Darcey diz balançando a mão. — A sua ideia para as meninas foi maravilhosa, nunca me diverti tanto. E as criadas podem cuidar de tudo.

— Já está pronto, senhora Darcey? — Tessie pergunta ansiosa.

— Ainda não, criança, leva um tempo para assar o bolo.

— Quando estiver pronto quero levar para a mamãe e o papai — Gwen diz.

— Eu vou levar para o *Aston* — Tessie diz logo em seguida e Nora se aproxima passando as mãos em seu cabelo para tirar a farinha.

— Se ele não estiver trabalhando, meu amor.

— Ele disse que posso sempre ir falar com ele, mesmo quando ele estiver trabalhando.

— Ele disse, é? — Nora pergunta levantando uma sobrancelha.

— Disse que nunca vai estar ocupado para mim.

Por outros longos trinta minutos, as meninas permaneceram na cozinha perguntando a todo momento se os bolos estavam prontos ou não.

Quando finalmente a senhora Darcey retira as formas e coloca sobre a mesa, elas dão gritinhos animados.

— Tomem cuidado, estão quentes — Nora avisa quando tentam pegar as formas.

Com ajuda da senhora Darcey, Nora coloca dois grandes pedaços de cada bolo em uma bandeja e acompanha as meninas até a sala de visitas, onde Pippa e James estavam com Eleanor e o marido.

— Mamãe, eu fiz um bolo — Gwen diz correndo até a mãe, que olha para Nora.

— A senhora Darcey explicou como fazia, mas foram as duas que fizeram tudo.

— Eu também fiz — Tessie diz com um sorriso.

— Tenho certeza de que está maravilhoso então.

Nora serve um pedaço para cada um e observa as reações. Ela sabia que o de Gwen estava muito doce, já que a menina derrubara muito açúcar, e o de Tessie estava levemente salgado, já que confundira o sal com açúcar.

Mas mesmo com esses defeitos, todos os quatro adultos provaram um pedaço de cada e sorriram para as meninas, as incentivando.

— Estão maravilhosos — James diz e puxa a filha para um abraço.

— Gostou, papai?

— Eu adorei. — James beija a testa da filha.

Nora sente uma pontada em seu peito, mesmo que o bolo não estivesse bom ele mentira para a filha, para que ela se sentisse orgulhosa do que fizera.

— Mamãe, vamos levar o do *Aston* — Tessie pede.

Se despedindo de todos, Nora vai até a cozinha e pega um pedaço de bolo e vai até o lado de fora onde Ashton está conversando com alguns

criados.

— *Aston*, eu fiz um bolo para você. — Tessie corre até ele, que se abaixa e a pega no colo.

— Um bolo para mim?

— Sim, e está maravilhoso.

— Agora eu quero comer, onde ele está?

Nora corta um pedaço com o garfo e leva até a boca dele, Ashton mastiga por alguns segundos e olha para Tessie, que está ansiosa esperando sua reação.

— Gostou? — Tessie pergunta e Ashton engole rapidamente o pedaço do bolo e abre um sorriso.

— O melhor bolo que eu já comi na minha vida.

— Eba! — Tessie abraça o pescoço dele.

Nora coloca o prato sobre a mesa que está ali perto e se senta. Ele tivera exatamente a reação que ela queria que alguém tivesse para com Tessie. Ele mentira para deixá-la feliz.

Tessie tinha apenas quatro anos, não era estranho que estivesse ruim, mas ele transformara um pequeno erro dela em um incentivo, e Nora sentia que tinha perdido um pouco mais do seu coração para Ashton.



Dois dias depois da bagunça que fizeram na cozinha, Gwen saiu com seus pais para um passeio, o que deixou Nora e Tessie com a tarde livre. Enquanto a filha coloria algumas folhas em branco criando o que na sua cabeça eram lindas paisagens, mas não passavam de rabiscos, Nora lia um livro sentada ao lado da janela. Quando sua filha solta um suspiro, ela fecha o livro.

— O que foi, meu amor?

— Estou cansada.

— Então pare de desenhar.

— Não, estou cansada de ficar aqui. — Ela gira da sua posição deitada e se senta com as pernas cruzadas por baixo do vestido. Ela parece pensar um pouco e sua fisionomia muda, como se tentasse fazer uma cara de coitada. — Estou com saudades da vovó.

— A vovó foi para a casa de campo.

— Não a vovó, a outra vovó.

— Não entendi, querida. — Nora dá risada.

— A vovó, mamãe do *Aston*.

— Ah! — Nora se levanta e vai até a filha. — Está com saudades dela?

— Estou, ela brincou comigo quando fiquei lá. Podemos ir visitá-la?

— Teríamos que falar com o senhor Watson.

— Por que senhor Watson? É *Aston*, mamãe. — Tessie revira os olhos.

— Está bem, por que não vamos procurá-lo?

Após pegar um casaco para a filha, suas luvas e bolsa, elas descem até a cozinha onde encontra Ashton sentado à mesa conversando com a senhora Darcey.

— Vão sair? — Ashton pergunta levantando uma sobrancelha.

— Quero ver a vovó. — Tessie sobe no colo dele. — Mas a sua mamãe, não a mamãe da mamãe. — ela diz já se apressando em não deixar que ele confunda.

— Então, por que não vamos visitá-la? — Ele se levanta com Tessie em seus braços e estica uma mão para Nora.

O caminho até a casa de sua mãe é feito rapidamente e com Tessie falando a todo momento sobre os desenhos que ela fizera. Ela até mesmo pegara um deles para dar de presente para a mãe do Ashton.

Ao chegarem à casa de Fiorella, Ashton abre a porta e Tessie corre gritando vovó.

— E eu que imaginava que estava fazendo um bom trabalho em ensinar boas maneiras para elas. — Nora ri enquanto tira o chapéu.

— Está fazendo um bom trabalho, apenas não tem como controlar a felicidade de uma criança — ele diz e a beija rapidamente.

— A Tessie pode acabar vendo. — Nora empurra Ashton sem conseguir esconder um sorriso.

Ashton leva Nora para a cozinha onde Tessie está contando sobre o bolo que ela e Gwen fizeram e entrega o desenho. Como não havia nada para fazer aquele dia os dois se sentam com Fiorella e Tessie aproveitando a tarde.

Nora sabia que era perigoso permitir que a filha se afeiçoasse tanto a mãe de Ashton, mesmo que os dois estivessem em um relacionamento às escondidas, ver a mãe dele como sua própria avó poderia confundir a cabecinha de Tessie.

Quando o dia começa a escurecer, Ashton chama as duas para irem embora, Tessie, após resmungar bastante, acaba cedendo e os três voltam para à mansão Greenwood.

— Achei que não conseguiríamos ir embora — Ashton diz olhando para Tessie adormecida no colo de Nora.

— Ela adora sua mãe.

— O sentimento é recíproco. Quando a visitei outro dia sem vocês duas tomei uma bronca.

— Estou com medo — Nora diz fazendo um carinho nos cabelos da filha enquanto Ashton fica em silêncio por um tempo.

— De que ela se apegue demais a minha mãe?

— Sim, e se por algum motivo nós dois nos desentendermos, como ficará a relação das duas?

— Não sei, Nora, mas acho difícil que isso aconteça. — Ele abre um sorriso e Nora revira os olhos.

A carruagem para com um leve solavanco e Ashton pula para o lado de fora e levanta Tessie em seus braços, os três entram juntos e são parados pelo mordomo na mesma hora.

— Senhora Wild, tem um casal na sala de visitas esperando pela senhora.

— Por mim? — Nora olha para a porta fechada. — O senhor sabe me dizer quem são?

— O conde de Stock e a condessa mãe.

— Sua sogra? — Ashton pergunta para Nora, que concorda.

— Não sei o que estão fazendo aqui.

Ashton entrega Tessie para o mordomo pedindo para que ele procure a babá para cuidar dela e abraça Nora.

— Vou acompanhá-la, vai ficar tudo bem. Provavelmente querem apenas saber sobre a Tessie.

Os dois entram na sala e Nora para na mesma hora, o primo de seu falecido marido, e atual conde, com sua tia estão tomando chá juntamente com James, Pippa, Eleanor e Simon.

— Ah, senhora Wild. — Pippa se levanta e vai até Nora. — Não se preocupe estamos ao seu lado — ela sussurra assim que se aproxima.

— O que eles querem?

— Não falaram nada.

— Como vai, Nora? — A condessa mãe pergunta um pouco indiferente.

— Estou bem, e a senhora?

— Tão bem quanto eu poderia estar após a morte do meu querido filho.

— Podemos conversar a sós? — O conde de Stock pergunta e Nora olha para os outros na sala.

— Na verdade, prefiro que conversemos aqui. Não há nada para esconder.

— Seria o ideal — o conde diz e Nora abre um sorriso.

— O que deseja, milorde?

— Já que não quer manter tudo em família, talvez o ideal seja falar de uma vez o que queremos — sua sogra diz.

— Se quer falar em família, talvez eu deva chamar meus pais e meu irmão.

— Não é necessário. Queremos apenas saber como ousa trabalhar como preceptora? — o conde de Stock pergunta e Nora solta uma risada.

— Preciso sustentar minha filha, a única coisa que recebi quando saí daquela casa foi o dote de Tessie e o quadro com a imagem do pai dela, nada mais. Nem mesmo uma pensão de viúva eu recebo. Queriam que eu deixasse minha filha morrer de fome?

— Você tem sua família para ajudá-la, não precisa trabalhar — sua sogra diz indignada.

— Eu preciso trabalhar.

— Você está manchando o nome do conde atual e dos antigos, como a condessa viúva de Stock não deveria estar trabalhando, frequentando a alta sociedade como uma criada.

— O senhor não me deu outra opção, milorde.

— Esse é um dos motivos pelo qual estou aqui. — Ele se levanta e vai até Nora. — A senhora irá casar comigo.

— Como disse?

— Preciso de uma esposa e um herdeiro. Poderá ficar no campo com sua filha e receberá minhas visitas até que um herdeiro seja gerado. Depois poderá viver a sua vida. Mas o ponto principal é que deixe de trabalhar como uma criada.

Nora olha para o primo de seu falecido marido sem acreditar em suas palavras, ela dá as costas a ele e encontra o olhar de Ashton sobre ela. Na noite anterior, ele havia a procurado, os dois fizeram amor pela primeira vez e agora um homem a pedia em casamento na sua frente.

— Não vou me casar com você — Nora diz e volta a encarar o atual conde. — Não me importa se sou uma criada agora ou não. Se desejam reclamar de alguma coisa podem procurar pela minha família. Tenho certeza de que meu pai adorará receber uma visita das pessoas que não se importaram com a vida de sua filha e sua neta. Agora, se me dão licença, preciso arrumar minha filha para o jantar.

— Quero ver a minha neta.

— Sua neta? — Nora olha para sua sogra. — Desde a morte de seu filho, não se preocupou em como ela estava. Nunca a procurou e agora, porque está na frente de um duque, quer mostrar que se importa com ela? Sinto muito, mas no que diz respeito a minha filha, ela não será usada como uma peça no jogo que estão fazendo. Tenham uma boa-noite.

Assim que se afasta da sala de visitas, Nora corre para o quarto das crianças, só queria abraçar a sua filha e nunca mais soltar.



Ashton sabia que por mais que vivesse em uma mansão, fosse o homem de confiança de um conde e um duque, ele era um simples plebeu. Não fazia parte da nobreza, era um homem que desde muito cedo fora obrigado a trabalhar para cuidar da sua mãe. Mas nunca em sua vida se sentira tão incomodado pelo fato de não ter nascido privilegiado como os homens da alta sociedade.

Ver Nora sendo duramente criticada pela família do seu falecido marido, por agora trabalhar, o irritara imensamente. Queria se manifestar, fazer o atual conde engolir cada palavra, principalmente o pedido de casamento.

Por mais que fossem de níveis sociais diferentes e soubesse disso, para Ashton era difícil imaginar agora como seria sua vida sem Nora e Tessie nela. Amava a menina e não poderia negar que já sentia algo praticamente tão grande quanto pela mãe. Nora mexera com ele de forma que nenhuma outra mulher conseguira. Passara diversas noites pensando nela até que finalmente tomara a coragem de beijá-la e após isso fazer amor com ela pela primeira vez.

Enquanto a abraçara durante a noite, seu corpo encaixara perfeitamente ao dele, ele não se incomodara por estar abraçado, ou por passar a noite a olhando praticamente todos os minutos.

Mas agora que ouvira o desprezo nas palavras da antiga família de Nora, sabia que se decidisse assumir o que sentia por ela, traria ainda mais problemas a ela. Temia que tanto Nora quanto Tessie sofressem por se envolverem com um homem como ele.

Tinha pouco estudo, muito do que aprendera fora sentado na mesma sala que James enquanto ele recebia suas aulas. Somente alguns anos depois entendera que o duque exigira que ele ficasse presente nas aulas, como uma forma de disfarçar o seu desejo de que Ashton aprendesse também. Devia muito a James, mas principalmente ao duque de Wentworth.

Depois de uma noite em que não conseguira procurar por Nora, o que ele tinha certeza de que muito provavelmente a magoara, ele pediu licença a James com a desculpa de que tinha um assunto para resolver e fora até a casa do duque. Simon o recebera imediatamente, preocupado com o que poderia ter acontecido.

— James está bem? — Simon pergunta indicando uma cadeira para ele se sentar.

— Está sim, estou aqui por outro motivo. Vossa Graça presenciou ontem a conversa que a senhora Wild teve com a família do falecido marido.

— Sim, não acredito que pessoas como eles ainda existam. Só se preocuparam com ela ou a filha quando as conversas sobre ela trabalhar chegaram aos salões.

— Nora... quer dizer, a senhora Wild pode perder a filha?

— Acho pouco provável, ela também é de uma família nobre, teriam que se enfrentar na Câmara dos Lordes. Mas ela possui amigos agora que ficariam ao seu lado. Eu mesmo falaria por ela. Mas por que o interesse?

— Tessie é uma menina doce e vejo a forma como elas se amam, seria um crime se separassem. Temo que alguma coisa possa prejudicá-las.

— Alguma coisa como? — Simon pergunta tentando segurar um sorriso. — Não deixei de perceber que a chamou pelo nome e, principalmente, se segurou para não socar o conde quando ele fez uma proposta de casamento.

— Eu a desejo, é isso que deseja ouvir, milorde? — Ashton pergunta irritado.

— A deseja somente ou sente algo mais?

— E isso de alguma forma faz diferença?

— Faz quando você pode interceder para impedir que a senhora Wild sofra.

— Sou apenas um faz-tudo do conde.

— Você é mais do que isso, tenho certeza de que James ficaria extremamente irritado se ouvisse essas palavras. Você esteve ao seu lado a todo momento, você deu a ele a segurança para crescer e ser quem ele é hoje, sem contar que o ajudou no plano maluco para trazer Pippa para cá. Ele o vê como um bom amigo, senão como um irmão. Minha família faria qualquer coisa por você, Ashton, até mesmo enfrentar a Câmara dos Lordes para garantir que a mulher que você ama não sofra.

Ashton fica em silêncio encarando suas mãos por um tempo e solta um suspiro.

— O que eu teria a oferecer para uma mulher que era uma condessa?

— O que o marido jamais ofereceu. Tenho certeza de que ela deve ter lhe contado o que mais sentia falta em seu casamento.

— Um amigo — ele diz baixinho. — Alguém que estivesse ali por ela.

— Você poderia ser esse homem?

— E onde ela iria morar? Moro em um quarto dos empregados. Não posso dar uma casa imensa cheia de criados para ela.

— Acho que sua cabeça-dura está criando diversas suposições sem ao menos ter conversado com a dama em questão — Ashton levanta com um pulo ao ouvir Eleanor dizer ao entrar no escritório. — Sinto muito me intrometer, mas a porta estava entreaberta e peguei um pouco da conversa. Como Simon disse, essa família faria qualquer coisa por você.

Eleanor se senta na poltrona ao lado de Ashton e pega sua mão.

— Era minha obrigação, Vossa Graça.

— Não, não era. Sua obrigação era ser apenas o criado de James, você se tornou muito mais do que isso. Sei que tem um carinho especial por ele. Por isso vou lhe dar um conselho, converse com Nora, deixe-a decidir se quer uma casa grande e cheia de criadas, ou um lar acolhedor ao lado da filha e do marido. Sei que eu escolheria a segunda opção sempre. O maior erro dos homens é criar suposições sobre o que uma mulher pensa ou deseja. Por isso lhe digo, fale com Nora, abra seu coração a ela.

— E quanto a onde morar, fale com James. — Simon sorri. — Até onde eu sei, existe uma casa comprada em seu nome como um presente por tê-lo ajudado com Pippa. Foi um pedido especial dela e James concordou. Segundo fiquei sabendo, não é uma mansão, mas está a alguns quarteirões da mansão Greenwood, ela é tudo o que uma família poderia querer, com quartos suficientes para futuros filhos.

— A condessa me comprou uma casa? — Ashton pergunta sem acreditar e Eleanor ri ao seu lado.

— Já que tem um problema a menos, o que está esperando para pedir Nora em casamento?

— E se a família dela ou do falecido tentarem impedir?

— Não podem fazer isso, ela já é maior de idade e pode tomar suas próprias decisões. Mas eu sei de um certo duque que não se importaria de conseguir uma licença especial para que você se case — Eleanor diz e olha para o marido, que sorri.

— E então, rapaz? O que está fazendo aqui ainda? — Simon pergunta.

Ashton se levanta rapidamente resmungando um adeus e corre para casa, precisava falar com Nora, sabia que não seria o marido perfeito, mas tinha que ao menos tentar. Jamais se perdoaria se não tentasse ficar com a mulher que não saía de seus pensamentos.

Epílogo

Ashton era um homem com uma missão, por mais que soubesse que não deveria fazer o que planejava, que muito provavelmente arrumaria grandes problemas com a família de Nora, ele não poderia pensar em outra coisa que pudesse fazer a não ser mantê-la para si.

Não conseguia mais suportar a ideia de que outro homem pudesse se casar com ela, ou então ser o pai de Tessie. Ele as amava e faria tudo por elas. Ao entrar na mansão, ele sobe as escadas rapidamente assustando as criadas no caminho, o primeiro lugar que consegue pensar em ir é o quarto de Nora e, ao entrar de supetão, acaba assustando a ela e Tessie.

— Tudo bem, Ashton? — Nora pergunta preocupada.

— Eu quero passar toda a minha vida ao seu lado — ele diz se aproximando e ajoelhando ao lado dela e Tessie, que estavam sentadas na cama. — Quero ser o seu melhor amigo, o homem que vai protegê-la, amá-la e enlouquecê-la por todos os dias da sua vida. Quero ser o homem que vai ensinar Tessie a se defender, e que vai ameaçar cada rapaz estúpido que se aproximar dela. Quero ser o seu marido e ser o pai de Tessie.

— Meu papai? — Tessie pergunta e olha para a mãe, que tinha lágrimas nos olhos. — Por que está chorando, mamãe?

— Não estou chorando, meu amor. — Nora faz um carinho em Tessie. — Tem certeza?

— Nora, sei que sou apenas um plebeu sem muito estudo, que sou um criado nessa casa, que não posso oferecer todos os luxos que teve em seu antigo casamento. Mas posso oferecer meu coração, cada segundo da minha vida. Posso lhe dar o que você sempre desejou: um amor de verdade.

— E eu? — Tessie pergunta e Ashton sorri.

— Você será a filha mais amada nesse mundo. Não posso prometer que não vai sofrer na sua vida, Tessie, mas prometo que estarei sempre ao seu lado oferecendo meu colo para você, meu apoio e principalmente meu amor.

— Eu quero o *Ashton* como papai — Tessie diz para Nora, que solta uma risada.

— Tudo isso é loucura.

— Uma enorme loucura — Ashton concorda e pega a mão dela. — A duquesa me confidenciou que James e Pippa compraram uma casa para mim aqui perto, um lugar onde poderemos viver. Um lar para onde voltaremos todos os dias como uma família. Você jamais vai ter que se preocupar novamente, Nora. Sei que muito provavelmente será rebaixada socialmente por se casar comigo, mas prometo que farei valer a pena cada momento.

— Rebaixada? — Nora se ajoelha ao seu lado pegando seu rosto. — Como me casar com você será me rebaixar? Você é um homem justo e honesto, Ashton. Jamais seria um castigo ou uma coisa ruim me casar com você.

— Então você aceita? O duque prometeu que conseguiria uma licença especial, nos casaríamos o mais rápido possível.

— O que você me diz, Tessie? Devo aceitar o Ashton como meu marido e seu pai? — Nora pergunta e Tessie olha para ele atentamente.

— Sim! — ela grita levantando os braços e Ashton a pega no colo abraçando as duas juntas.

— Acho que isso significa que somos uma família agora — Ashton diz beijando Nora.



Uma semana depois do pedido de casamento, Nora estava sentada em uma sala de visitas, no que era agora sua nova casa. A parte mais difícil de sair da casa do conde foi o fato de que Gwen e Tessie não queriam se separar. Mas como prometeram que se veriam todos os dias acabaram se acalmando.

Nora continuaria como preceptora de Gwen e Ashton como o braço direito de James, nada mudaria após o casamento. A não ser o local onde agora moravam. Fiorella, apesar de receber o convite para morar com eles, já que tinham muitos quartos na casa, se recusou, preferia continuar a morar em sua casa.

— E pensar que tudo o que eu pedi foi um serviço para você — Zora diz para a amiga enquanto tomam o chá. — Não imaginei que com isso teria agora uma família.

— Serei eternamente grata, graças a você conheci o Ashton. Ele e Tessie agora não se desgrudam mais. Ela apresenta Ashton a todos como o seu papai.

— E a família do seu falecido marido?

— O duque disse ao Ashton que, assim que souberam que iríamos nos casar, entraram com um pedido na Câmara dos Lordes para que eu entregasse Tessie a eles, e assim garantir que a filha do conde de Stock não crescesse como uma plebeia.

— Não acredito que fizeram isso — Zora diz sem acreditar.

— O duque se manifestou e explicou toda a situação aos outros membros da Câmara e disse que estaria ao nosso lado, assim como James e os outros amigos da família fizeram. No final, não tiveram alternativas a não ser retirarem o pedido. Aconselhado pelo duque, Ashton e eu retiramos o dote de Tessie do banco que o atual conde tem conta e transferimos para outro lugar, assim ele não tem como sumir com o dinheiro.

— Fez muito bem, muito provavelmente dariam um jeito de se vingarem. E agora? Quais são os planos para o futuro?

— Um filho — Nora diz soltando uma risada. — Ashton disse que está determinado a ter um filho.

— Assim como Owen, ele não tirou da cabeça que devemos ter um filho ainda esse ano.

— Quem sabe, não ficamos grávidas juntas?

— Seria incrível, se for um casal poderiam se casar no futuro — Zora diz. — Sua filha poderia ser a futura esposa de um conde.

— Outra menina nem pensar — Ashton diz entrando na sala e se senta ao lado de Nora. — Teremos um menino, assim ele me ajudará a espantar todos os pretendentes de Tessie.

— Nossa filha terá que se casar um dia.

— E ela irá, mas não será com um estúpido oportunista.

— E por acaso meu filho seria um estúpido oportunista? — Zora pergunta levantando uma sobrancelha.

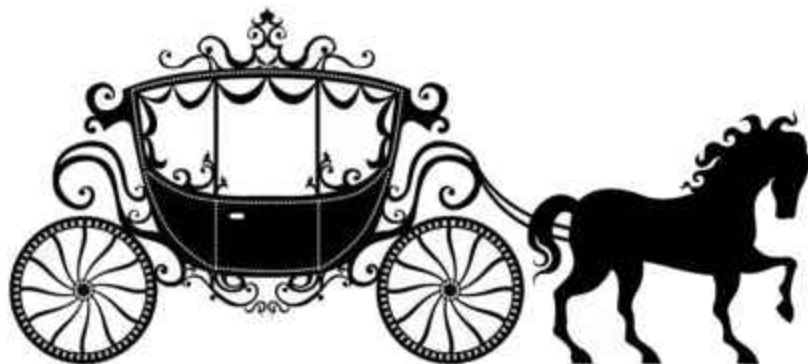
— Não sei se será, condessa, mas o fato é que nosso próximo filho será um menino.

Nora e Zora dão risada com a determinação de Ashton, eles sabiam que muito provavelmente não teria como ele evitar o fato de que se estivesse no destino deles uma menina, não haveria como mudar isso.

O que elas não contavam era que nove meses depois, Ashton seguraria em seus braços um lindo menino com olhos claros como o pai.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A SENHORITA ASTUCIOSA



A SENHORITA ASTUCIOSA

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 9

Prólogo

Passear com sua mãe era algo que Lily mais adorava; por ser a única menina entre cinco filhos, tinha a mãe para ela sempre que queria. Como aquele dia em específico, ela, a mãe e Eleanor, a irmã de sua nova tia Charlotte, estavam passeando pela cidade, as três entraram em diversas lojas onde viram chapéus, vestidos, luvas, sapatos e pararam para comer um delicioso pedaço de bolo.

Agora estavam indo para outra loja, onde sua mãe havia encomendado um lindo vestido para ela; se havia algo que Lily mais adorava no mundo eram belos vestidos. Era provocada a todo momento por seus irmãos, mas não se importava, gostava de vestir vestidos bonitos.

Enquanto sua mãe e sua tia Eleanor conversavam caminhando, Lily observava algumas vitrines tentando acompanhá-las, mas quando algo chamou sua atenção não conseguiu evitar e parou. Uma linda boneca com cabelos trançados estava em uma prateleira dentro da loja praticamente gritando seu nome. Quando se virou para falar com sua mãe percebeu que estava sozinha.

— Mamãe? — Lily olha em todas as direções e não a encontra. — Mamãe?! — ela grita ficando desesperada.

Sem saber onde sua mãe poderia estar, ela corre em todas as direções procurando por ela, as lágrimas escorrendo por seu rosto, enquanto chamava por ela. Sem ter certeza para onde deveria ir, ela gira na calçada ao mesmo tempo que escuta o barulho de uma carruagem se aproximando rapidamente. Ela levanta os braços tentando se proteger, mas ao invés da colisão sente ser puxada.

— Você está bem? — um menino pergunta a olhando atentamente.

— Onde está minha mamãe? — ela pergunta se sentando, uma multidão se formava em volta deles e o menino parecia preocupado.

— Qual o seu nome?

— Lily.

— Lily? Quem é a sua família?

— Meu papai é Henry, o conde de Ashworth — ela informa o título que havia decorado.

— Você se perdeu?

— Minha mamãe estava aqui, mas eu parei para ver uma boneca.

— Está tudo bem, menina? — um senhor grosseiro pergunta se abaixando, mas o menino o empurra e puxa Lily com ele.

— Venha, vou levá-la para casa.

— Você sabe onde eu moro?

— Não, mas alguém deve saber.

— Qual o seu nome?

— Zachary.

Zachary segura a mão de Lily firmemente na sua. Ele estava preocupado com ela, era tão pequena e o lembrava de suas irmãs. Ele precisava ajudá-la a chegar em casa. Desviando da multidão que atravessava as ruas de Londres, ele corre até um cocheiro de aluguel a quem ajudava algumas vezes.

Aos quatorze anos de idade, precisava ajudar seus pais a conseguir algum dinheiro. Por isso algumas vezes ajudava o senhor limpando a carruagem ou alimentando os cavalos.

— O que você tem aí? — o cocheiro pergunta apontando para Lily.

— O senhor conhece o endereço do conde de Ashworth?

— Conheço, por quê?

— Poderia me levar até lá? Ela é filha dele e se perdeu na rua.

Após pensar por alguns segundos, ele pede para que os dois entrem na carruagem. Lily já não chorava mais ao seu lado, mas não soltava sua mão. Quando finalmente a carruagem para em frente a uma grande mansão, Zachary ajuda Lily a descer.

— Essa é a minha casa. — Lily aponta.

— Está entregue.

— Entre com ela, garoto. Vão estranhar se ela aparecer sozinha.

Zachary acompanha Lily para dentro da casa e, assim que o mordomo abre a porta, estranha o que está acontecendo.

— Onde está o papai?

— Lily? — Henry chama pela filha descendo as escadas. — Não estava com a sua mãe?

— Ela se perdeu — Zachary informa timidamente para o homem à sua frente. — Ela estava andando sozinha na rua e eu vi quando uma carruagem ia em sua direção.

— Ele me salvou, papai.

Henry se ajoelha em frente à filha sem acreditar e a abraça.

— Você a salvou?

— O cocheiro não a viu, ela é tão pequena. Eu a puxei da frente da carruagem e a trouxe até aqui com a ajuda de um amigo.

— Muito obrigado — Henry diz e estende a mão para o garoto. — Qual o seu nome?

— Zachary.

— E o que você faz, jovem Zachary?

— De tudo. — Ele dá de ombros. — Minha mãe precisa de ajuda, tenho duas irmãs mais novas, meu pai está doente e não consegue trabalhar. Onde posso ajudar e conseguir algum dinheiro, eu vou em frente.

Henry olha para a filha em seus braços e o sentimento de agradecimento é enorme, algo de muito ruim poderia ter acontecido, não só o fato de ser atropelada por uma carruagem, mas também alguém com más intenções poderia tê-la levado.

— Aceitaria trabalhar para mim? — Henry pergunta.

— Trabalhar para o senhor?

— Sim, poderia ser o meu garoto de recados, ajudar o meu mordomo em alguns outros serviços. Basicamente seria um faz-tudo aqui em casa, mas receberia um bom salário, não precisaria ficar procurando onde conseguir algum dinheiro. O que me diz?

— Por que, senhor? — Zachary pergunta desconfiado.

— Porque serei eternamente grato por ter salvado a vida da minha filha. A vida dela não tem preço, Zachary. Por isso quero fazer algo por você. E então?

Zachary observa o homem à sua frente. Ele sabia que trabalhar ali todos os dias seria muito melhor do que tentar arrumar pequenos bicos ou limpar cocô de cavalo. Poderia levar um dinheiro certo para casa todos os dias e ajudar sua família.

— Eu aceito — Zachary diz e aperta a mão de Henry.

Era praticamente o primeiro dia de Zachary na mansão Ashworth, e mal sabia ele que, a partir dali, sua vida mudaria completamente.



Para Lily a pior parte em crescer foi perder seu pai prematuramente; quando tinha dezesseis anos passara dias ao lado da sua cama tentando ajudar sua mãe em tudo o que podia, ele pegara uma grave doença e segundo Webster, o marido da irmã de Zora e médico, não havia nada que pudessem fazer a não ser deixá-lo confortável nos seus últimos dias.

Enterrá-lo foi a coisa mais difícil que Lily e seus irmãos fizeram, Henry era um bom pai e agora não tinham mais ele ao seu lado. Owen fora obrigado a assumir a família, seus outros irmãos tiveram que mudar algumas atitudes e todos se uniram para cuidar da mãe que estava triste com a perda.

Por causa do luto de um ano, Lily deixara de debutar aos dezessete anos na alta sociedade; mesmo que desse tempo, ela não queria passear pelos salões sorrindo como se estivesse bem, porque não estava. Com a ajuda de Zora e a família dela, aos poucos conseguiram fazer com que Angela se recuperasse da perda, mesmo que levasse a vida inteira para se acostumar com a ideia de que havia perdido o homem que tanto amava, ela estava determinada a viver por seus filhos.

Fora por isso que passaram os últimos meses preparando Lily para seu debut. Não que ela quisesse dançar com os rapazes e procurasse por pretendentes. Ela tinha o seu escolhido, mesmo que ele tentasse arduamente não assumir essa posição.

Zachary era o único rapaz com quem Lily poderia se casar, ele não tinha um título e prestígio entre os nobres, mas possuía algo que na opinião dela era mais importante do que tudo: ele possuía seu coração.

Desde que Zachary entrara em sua vida no dia em que a salvara de quase virar decoração na rua, jamais conseguira se afastar dele. Seu pai o contratara como um faz-tudo na mansão e, aos poucos, ele foi conquistando a confiança de todos, com isso assumira ainda mais responsabilidades.

Depois de tantos anos, Zachary se tornara um grande amigo de seus irmãos, o rapaz a quem Angela pedia para acompanhá-la sempre que saía e, principalmente, o rapaz que Lily tanto amava.

Com nove anos de diferença, ela sabia que para Zachary provavelmente era uma criança ou uma irmãzinha, mas não queria essa posição. Tinha quatro irmãos que a protegiam demais ou implicavam com ela, preferia ter um pretendente que a visse como a dama mais bela de todo o mundo.

Durante todos aqueles anos, ela se empenhara em se tornar uma dama desejável. Não era segredo para ninguém que, em algumas coisas, ela era completamente atrapalhada ou impaciente. Mas com a ajuda de Zora aprendera a tocar violino e tivera aulas de etiqueta. Poderia ser uma ótima anfitriã, ao mesmo tempo que seria uma ótima companhia para correr pelo campo.

O único problema em sua opinião, com a passagem do tempo, fora que Zachary juntara dinheiro e conseguira realizar um sonho. Com muito

esforço comprara um hotel na cidade e o reformara, agora era o ponto principal de encontros da nobreza para comer alguma coisa, apresentações de música e saraís em seus salões e também como um lugar para se hospedarem.

Amabel, a mãe de Zachary, gerenciava todos os criados do hotel e exigia nada mais do que excelência de todos eles, um dos motivos para que crescessem tão rapidamente. Zachary e sua família deixaram de serem pessoas simples e humildes e agora transitavam entre os nobres.

Não que recebessem convites para bailes – a não ser que fossem da família dela –, mas eram respeitados por todos, já que era em seu hotel que hospedavam.

Lily adorava frequentar o restaurante do hotel, não só pela boa comida, mas também porque poderia ver Zachary sempre que estava ali. Não importava a hora ou o dia, se ela colocasse os pés no hotel, algum criado o avisaria e ele pararia tudo para nem que fosse apenas lhe cumprimentar. O que era uma das coisas que ela também tanto adorava nele.

Lily não sabia se sua família desconfiava desse amor que sentia por ele, tentara esconder arduamente por muito tempo e agora o que mais desejava era que o mundo inteiro soubesse, assim não teria que lidar com mais nenhuma visita de candidatos a pretendentes, não precisaria fingir que estava fascinada pela conversa deles ou que achava as flores belas.

Nunca fora uma dama que admirava flores, preferia que elas ficassem plantadas, enfeitando os jardins, do que em um vaso em seu quarto. E por isso os achava tão estúpidos por tentarem conquistá-la com algo que tanto odiava.

— Se continuar divagando assim será uma péssima companhia — Zora chama sua atenção e Lily dá um salto na cadeira fazendo sua

sobrinha rir.

Nos cinco anos de casada com Owen, o irmão mais velho de Lily, Zora tivera dois filhos: Valentine, de quatro anos; e Philipe, de um ano.

— Estava apenas me perguntando quanto tempo deveria ficar escondida aqui no hotel para fugir daqueles estúpidos.

— Seus pretendentes não são estúpidos — Zora diz e Lily a encara.
— Está bem, alguns são. Mas nem todos, Owen disse que alguns deles dariam ótimos maridos.

— Não quero nenhum deles — Lily resmunga.

— Zac — Valentine diz agitando os braços e Lily se ajeita na cadeira quando percebe que ele se aproxima.

— Muito obrigado pela honra de receber três belas damas hoje. — Ele se inclina levemente e se senta com elas. — Estão passeando?

— Estamos escondidas — Valentine tenta sussurrar, falhando. — Tia Lily não quer receber flores.

— Ela odeia flores — Zachary afirma com um sorriso e olha para Lily. — Muitos pretendentes?

— Queria que meus irmãos fossem mal-educados e ciumentos, e expulsassem cada um dos... dos...

— Já entendi — Zachary ri com a tentativa de Lily de procurar alguma ofensa.

— Owen já disse que não expulsará ninguém, que cabe a você decidir quem é que você deseja receber a corte.

Lily olha para Zachary, que não está sorrindo. Ela sabia quem desejava, mas parecia ser completamente difícil que conseguisse convencê-lo.

— Pode usar meu hotel pelo tempo que precisar para se esconder. — Zachary se levanta.

— Já vai?

— Tenho uma reunião importante, fugi por alguns instantes para dizer oi. Fiquem à vontade.

— Seu irmão quer um nome de pretendente — Zora diz cortando um pedaço de bolo para a filha.

— Não tenho nenhum nome ainda.

— Não? — Zora pergunta e olha para Zachary se afastando. — Achei que tivesse. — Lily olha para ela em silêncio e a cunhada sorri. — Se seu coração já decidiu, querida, então faça alguma coisa para ser feliz. Ficar desejando às escondidas não vai fazer com que fiquem juntos.

— E se ele não me quiser?

— Só saberá se tentar.



As palavras de Zora não saíam da cabeça de Lily. Como ela poderia tentar convencer seu irmão a permitir que se casasse com o rapaz que cresceu com eles, mas que trabalhou para a família por tantos anos?

Lily não considerava Zachary alguém inferior a ela, desde o primeiro momento, ele era o seu herói, seu amigo, aquele que estava sempre ao lado dela quando precisava. E agora ela queria algo mais, queria que ele fosse o único homem a tocá-la. Mas não sabia como tornar isso real.

Depois de passarem praticamente a tarde inteira escondidas no hotel, as três finalmente voltaram para casa. Enquanto Lily estava fechada em um mundo próprio, pensando nas dificuldades que enfrentaria, sua sobrinha apontava para tudo que via fora da carruagem.

— Onde a senhorita se escondeu? — Angela, sua mãe, pergunta assim que entram em casa.

— Não me escondi — Lily diz rapidamente.

— Escondeu sim — Valentine diz e Lily tenta agarrá-la.

— Ela não disse nada que eu já não saiba. — Angela puxa a filha para a sala de visitas e aponta para as diversas flores espalhadas. — Vieram inúmeros pretendentes.

— E todos são estúpidos por trazerem flores — Lily resmunga.

— Quer que eu espalhe no próximo baile o quanto minha irmãzinha odeia flores? — Griffith pergunta entrando na sala e lhe dando um beijo.

— Prefiro que espalhe que não estou disponível.

— Não quer se casar, meu amor? — Angela puxa Lily para o sofá.

— Quero, mamãe, mas não com algum estúpido como esses que apareceram nessa casa todos os dias. Sei muito bem que todos eles estão interessados em alguma coisa, e essa coisa não sou eu.

— Se decidir não se casar esse ano, tenho certeza de que Owen concordará. Podemos fugir para a nossa casa no campo — Griffith propõe, piscando para Lily.

— Não precisa fugir — Owen diz se sentando ao lado de Zora. — Se Lily não quer pretendentes esse ano, deixarei que todos saibam. Não é necessário obrigá-la a receber tantas atenções se não deseja.

— Eu quero me casar — Lily diz. — Apenas não com esses que apareceram até agora.

— E como sabe que não quer se casar com esses, se não ficou para recebê-los e saber quem são? — Owen pergunta e Lily dá de ombros. — Vou lhe dar duas opções, Lily: você passará a receber os pretendentes e rejeitar os avanços deles você mesma; ou então, pedirei para que Steven e Jayden os expulsem a chutes de casa.

— A segunda opção era para ser algo ruim? — Lily pergunta.

— Chega vocês dois! — Angela briga com os filhos. — Lily, você precisa recebê-los, não é de bom tom que fuja todos os dias. Ou esteja aqui para receber os pretendentes ou então deixe Owen dizer a todos que você não se casará esse ano.

— E se eu decidir me casar?

— Como vai se casar se não conhece os pretendentes? — sua mãe pergunta curiosa.

— Vocês estão me pressionando. — Lily se levanta e corre para fora da sala.

Ao entrar em seu quarto, ela se joga em sua cama e deixa as lágrimas caírem, em momentos como esse era para o seu pai que ela corria, ela se jogava em seus braços e deixava que ele a aconselhasse, ele sempre tinha os melhores conselhos e também nunca estava ocupado demais para ela.

Por um momento, a sua dor se dissipa um pouco e ela enxuga as lágrimas e sai do quarto. Decidida a não encontrar com sua família, ela desce pela escada dos criados e, ao entrar na cozinha, assusta a todos.

— Preciso de uma carruagem.

O cocheiro rapidamente se levanta e vai preparar a carruagem, ao ajudá-la a subir ouve o endereço para onde deve levá-la.

O curto caminho é feito rapidamente, ela teria ido a pé, mas não gostava de caminhar quando começava a escurecer. Ela bate na porta da grande mansão e assim que ela é aberta o mordomo faz uma mesura.

— Onde está meu tio?

— No escritório, senhorita.

Lily corre para o escritório de Walden e, ao entrar, ele levanta a cabeça do livro que estava lendo; sem lhe dar qualquer tempo para perguntar o que estava acontecendo, ela se joga em seu colo e volta a chorar.

— Saudades? — Walden pergunta a abraçando e ela concorda com a cabeça.

— Se ele estivesse aqui poderia me dar algum conselho.

— Que conselho você precisa?

— Quero me casar, mas não com um desses almofadinhas, filhinhos de papai, que só estão interessados no meu dote.

— Diga não a todos então.

— Owen disse que devo decidir se quero me casar ou não. Se eu disser que não, ele vai avisar a todos, o que significa que não poderei me casar, ou então chegará aos ouvidos dele e ele talvez não queira se casar comigo.

— Ele quem? — Walden pergunta e Lily percebe que ele está sorrindo. — É quem eu imagino?

— Não sei quem está imaginando, não leio mentes, tio Walden.

— Também não leio mentes, querida, mas sou um bom observador e sei muito bem sobre quem está se referindo. Por isso vou lhe dar um conselho, talvez não seja o ideal, talvez Charlotte poderia aconselhá-la melhor do que eu. Mas vou dizer minha opinião assim mesmo. Receba os pretendentes, converse com eles, esteja disponível para a corte, deixe que todos pensem que irá escolher um deles.

— Mas...

— Enquanto isso, pense em algo que possa fazer para que o rapaz que deseja decida finalmente se manifestar.

— Não sei se ele sente o mesmo.

— Ah, ele sente. Pode acreditar. E se não sentir, ele é um estúpido. Não existe uma dama atualmente tão linda e elegível quanto você.

— Exato, mais um motivo para ele não me querer.

— Quando duas pessoas realmente se amam, Lily, status, dinheiro, títulos, nada disso fica no caminho; e se ficarem, é porque não é amor de verdade.



Por quase uma semana, Lily aceitara as visitas dos seus pretendentes, muitos deles pediram permissão a Owen para que pudessem cortejá-la, mas a pedido dela ele estava esperando que Lily se decidisse por um deles. Nos bailes seu cartão de danças estava sempre cheio, nos salões não se falava outra coisa a não ser sobre a dama que estava conquistando corações.

Até mesmo as jovens que Lily acreditava serem suas amigas passaram a olhar torto para ela, enraivecidas de que ela estivesse fazendo tanto sucesso. Não que ela estivesse feliz com tanta atenção, porque a pessoa que ela mais desejava não frequentava os salões, o que dificultava seu plano.

— O que acha de darmos um baile? — Lily pergunta indiferente durante o jantar e toda a mesa silencia a observando. — O que foi?

— Quer fazer algum anúncio? — Jayden pergunta curioso.

— Sim, o casamento do Griffith — ela afirma com um sorriso.

— E quem disse que vou me casar? — pergunta nervoso.

— Não precisamos de um motivo para dar um baile — Angela intercede por Lily. — Costumávamos fazer isso todo ano, tenho certeza de

que seu pai ficaria muito irritado se deixássemos de fazer esse ano, ainda mais quando Lily tem atraído tanta atenção.

— Usar o papai é um golpe baixo, mãe — Owen diz baixinho e suspira. — Está bem, vou deixar que a senhora e Zora organizem um baile, quero ver como vão fazer com o grande problema que tenho em mãos.

— Que problema? — Zora pergunta segurando a mão do marido, que sorri para ela.

— Os trinta pedidos de corte que recebi somente nessa semana. Tenho trinta solteiros – dignos, como diriam as matronas, esperando por minha resposta se podem ou não cortejar Lily.

— Oh, céus, teremos que chamar todos! — Zora leva as mãos ao rosto.

— Não temos não, não quero passar todo o baile na minha própria casa fugindo desses estúpidos.

— Temos que chamar alguns solteiros, querida, você não será a única na festa à procura de um noivo — Angela diz docemente para a filha.

— Chamem quem quiserem, mas quero Zachary e a família dele no baile. Eles são esnobados pela alta sociedade e não quero fazer o mesmo.

— É claro que eles serão chamados — Owen diz. — Devemos muito a ele, e nada mais do que justo mostrarmos nosso apoio. Ele se tornou um grande empresário e as irmãs dele podem fazer bons casamentos.

— Você realmente está determinado a casar alguém esse ano, querido — Zora dá risada. — Quero ver se ficará assim quando chegar a vez de Valentine.

— Achei que ela já tivesse um noivo — ele brinca com a esposa lembrando-se da promessa que ela e Nora fizeram de casarem seus filhos.

— Tem razão, ela já tem um noivo.

Após o jantar, Lily pega um caderninho e se senta ao lado da mãe para fazerem a lista de convidados, claro que o nome de Zachary era o primeiro da lista, mas, como justificativa para sua mãe, deu a resposta de que apenas não queria se esquecer deles.

Dois dias depois, um dos criados da mansão saiu com os convites para entregar em mãos, durante dez minutos Lily o ameaçou de diversas maneiras, explicando em detalhes o que faria com ele, caso perdesse o convite de Zachary.

Com medo das ameaças da jovem dama, fora o primeiro convite a ser entregue.



Zachary sempre soube que um dia seria o responsável por sua família, principalmente quando seu pai faleceu quando ele era ainda um garoto. Salvar Lily naquele dia foi uma grande sorte, sua vida passou a mudar depois do episódio. A família Osborne o tratava como um amigo.

Henry o ensinara diversas coisas e até mesmo o orientara sobre como começar o seu próprio negócio. Durante anos, ele juntara dinheiro para realizar o sonho de sua mãe: abrir um hotel. Ele estava determinado que fosse o melhor hotel de toda Londres, e conseguira com sucesso.

Diversas pessoas passavam todos os dias pelo hotel, seja para se hospedar ou comer no restaurante ou até mesmo para assistir algum sarau que era realizado ali. Se tudo desse certo, ele faria uma grande expansão com um salão para bailes.

Zachary não era de uma família nobre, mas passara a ser respeitado por causa do seu negócio. Não que isso lhe trouxesse muitos privilégios ou convites para frequentar a alta sociedade. Ele não se importava em ser deixado de lado, mas sentia por suas irmãs, desejava que elas realizassem bons casamentos.

Spring e Verena estavam na idade que as jovens damas debutavam nos salões da alta sociedade, mas ele não pudera fazer o mesmo por elas, já que não tinham títulos. Por mais que dissessem que não se importavam ele sabia a verdade.

Ele queria garantir um bom futuro para sua mãe e suas irmãs, por isso trabalhava praticamente durante todo o dia. Desde a inauguração não trabalhava mais para os Osbornes, mas eles sabiam que ele sempre estaria ali por eles. Como quando Henry falecera.

Zachary estava no hotel verificando a reforma, quando Lily entrara desesperada se jogando em seus braços; apenas meia hora depois, quando finalmente conseguira acalmá-la, ficou sabendo sobre a grande perda.

Durante três dias, ele se ausentara da reforma e ficara na mansão ao lado de Lily e seus irmãos. Angela estava sofrendo imensamente e o agradecera por estar ali pela sua filha. A dor das duas era tão grande que ele desejava ser possível fazer alguma coisa para trazer Henry de volta. E se fosse honesto, ele também estava sofrendo, por diversas vezes imaginara como seria ter Henry como seu pai, o homem era honesto, justo e sempre o ouvia quando tinha alguma dúvida, aprendera muitas coisas com ele.

Em agradecimento a tudo que Henry fizera por ele, um dos salões do hotel recebera seu nome; quando houve a inauguração, Lily o abraçara por longos segundos e ele entendeu o quanto ela estava emocionada. Agora sempre que podia, ela se sentava ali naquele salão em silêncio, como se esperasse que o pai se sentasse ao seu lado.

Pensar em Lily despertava diversos sentimentos, ele não só pensava nela como a garotinha que salvou a vida uma vez, mas também na menina que alegrava seus dias, a que o enlouquecia por diversas vezes, e principalmente a jovem dama que a cada dia o enfeitiçava.

Parecia errado pensar em Lily como uma mulher, ainda mais quando a vira crescer; sabia que se seus irmãos soubessem o quanto ele desejava beijá-la levaria uma surra. Vê-la todos os dias e admirar uma dama de longe sem poder tocá-la era o seu tormento. Não só por causa de seus irmãos, mas também porque ela era de uma família nobre e ele não era ninguém na alta sociedade.

Por isso ele precisava se afastar, garantir que seus sentimentos ficassem escondidos e jamais demonstrar o quanto a queria.

— Senhor Immers? — Seu secretário bate na porta e ele gira a cadeira de sua posição olhando para a janela. — Tem um mensageiro da mansão Osborne, ele disse que tem um envelope para o senhor e que deve ser entregue em mãos.

— Deixe-o entrar.

— Desculpe o incômodo — o mensageiro diz entrando rapidamente e entrega o envelope com um suspiro. — A senhorita Osborne ordenou que fosse entregue pessoalmente para você.

— Pela sua cara, Brick, ela o ameaçou — Zachary diz se levantando e entregando um copo de água para ele. Conhecia o rapaz, já que trabalharam juntos na mansão.

— Ela disse que se caso não entregasse para você, me faria em pedaços e entregaria para os cachorros.

— Você sabe que ela não faria isso.

— Tenho minhas dúvidas, você poderia enviar uma resposta por algum criado do hotel? Assim ela ficará sabendo que fiz como ordenado.

— Não se preocupe, vou cuidar disso.

Zachary sorri para Brick, que sai apressado do escritório, ele se senta novamente e abre o envelope, um lindo convite escrito à mão pela própria

Lily, para um baile que seria realizado na mansão, o convite era estendido à mãe dele e suas irmãs.

Ele sabia como o convite seria recebido por sua família, por isso ele vai até a ala que construíra para ele, sua mãe e irmãs. Sabia que elas estariam ali naquela hora para tomarem um lanche. Ao sair de sua sala pede para que o secretário vá pessoalmente até a mansão Osborne e diga a Lily que aceitam o convite.

— Zachary? — Sua mãe estranha quando ele entra na sala. — A essa hora está sempre trancado no escritório.

— Tenho um convite especial e sei que se deixasse para falar dele somente à noite seria morto por vocês três.

— Que convite? — Spring pergunta curiosa.

— Nós quatro fomos convidados para um baile na mansão Osborne.

— Baile?! — Verena grita se levantando.

— Sim, por isso quero que as três procurem uma modista agora mesmo e façam lindos vestidos.

— Tem certeza de que devemos ir? — Amabel pergunta para o filho, que se senta ao seu lado entregando o convite.

— Por que não lê o convite?

Amabel lê atentamente e, ao chegar ao final do convite, solta uma risada. Lily escrevera em letras grandes que não aceitava desculpas e esperava todos sem exceção no baile.

— Acho que fomos intimados — Amabel diz.

— Quer mesmo desafiar aquela menina? — Zachary pergunta.

— Não. Lily é uma jovem especial, jamais faria alguma coisa para desafiá-la ou para chateá-la.

Zachary sabia o quanto Lily conquistara sua mãe e suas irmãs, ela seria bem aceita por sua família, e se não fosse o fato de que ela merecia

alguém muito melhor do que ele, já teria se casado com ela.



— Zora! — Lily entra correndo na sala anexa ao quarto de seu irmão, onde a cunhada estava ensaiando violino.

— Por Deus, Lily, o que aconteceu? — Zora pergunta se levantando rapidamente.

— Preciso de um vestido novo.

— Você invade a sala gritando a plenos pulmões por que precisa de um vestido novo? — Zora pergunta inconformada.

— Zachary aceitou o nosso convite para o baile, preciso de um vestido novo urgente. Por favor, vem comigo.

— É claro que ele aceitaria, vi quando escreveu a ameaça no rodapé. — Zora ri e coloca o violino sobre o sofá. — Mas é claro que eu vou com você. Preciso garantir que minha cunhada seja a dama mais linda da noite.

Zora e Lily vão o ateliê de Annora. Mesmo sendo uma rainha agora, ela mantém o ateliê que abriu com tanto esforço. Agora outras costuram por ela, mas o belo trabalho ainda é mantido.

Enquanto a modista mostra alguns desenhos para Zora, Lily anda de um lado para outro olhando os diversos tecidos, ela toca delicadamente um tecido azul-claro com bordados dourados e solta um suspiro.

— A senhorita precisa usar branco — a modista diz para Lily.

— Infelizmente, queria poder usar outra cor.

— Por que não usa? Tenho certeza de que Owen e sua mãe não se importarão — Zora diz.

— Mas a tradição...

— Esqueça a tradição — Zora interrompe a modista. — Se quer usar esse tecido, Lily, você tem todo o direito.

— Eu usava um vestido com um tecido parecido quando conheci o Zachary — Lily diz timidamente.

— Queremos esse vestido. — Zora entrega o desenho para a modista. — Naquele tecido e se fizer rapidamente garanto que o conde de Ashworth lhe pagará muito bem.

— É claro. — A modista pega o desenho e o tecido e vai para os fundos rapidamente chamando uma ajudante para tirar as medidas de Lily.

— Aonde deseja ir? — Zora pergunta quando saem do ateliê.

— Eu... — Lily para de falar e abre um sorriso. — Como vai, senhora Immers? — ela cumprimenta a mãe de Zachary, que a abraça.

— Estou muito bem, querida, Zachary ordenou que fizéssemos belos vestidos para o baile da sua família.

— Não vejo a hora de poder dançar — Spring diz animada.

— Vocês são nossos convidados de honra — Zora diz para elas com um sorriso. — Não foi só Lily que desejou a presença de vocês. Temos sua família em alta conta.

— Obrigada, Senhora Osborne. — Amabel faz uma leve reverência.

— Bom, vamos deixar que escolham seus vestidos — Zora diz pegando a mão de Lily.

— Zachary está no hotel — Verena avisa com um risinho e leva um beliscão da mãe.

— Isso é bom — Lily tenta disfarçar. — Estava pensando em reservar o salão Henry Osborne para um sarau. Tenho ensaiado com Zora no violino.

— Seus irmãos já disseram que fugirão para as Américas se fizermos um sarau. — Zora dá risada. — Não que toquemos tão mal — ela diz apressadamente para Amabel. — Mas é que eles odeiam ficar sentados por horas ouvindo música clássica.

— Eu acho que devem marcar o sarau, ainda mais com o sucesso que a senhorita Lily tem feito.

Lily olha para Amabel por um tempo e abre um grande sorriso, Zora a seu lado treme levemente imaginando a terrível ideia que a cunhada tivera.

— Tem razão, senhora Immers, acredito que um sarau com a presença de todos os meus pretendentes seja o ideal no momento.

— Oh céus, Lily! — Zora solta um gemido enquanto Spring e Verena dão risada.

Apenas Amabel estava alheia sobre a ideia terrível que passara pela cabeça de Lily.



Como não havia outro jeito de impedir que Lily decidisse marcar o sarau, Zora não teve alternativas a não ser acompanhar a cunhada, que não podia andar sozinha pelas ruas de Londres. Por diversas vezes foram paradas por algumas senhoras que tinham filhos solteiros e que estavam interessados em Lily. Zora perdera a conta de quantas vezes teve que desconversar sobre os rapazes irem conversar com Owen sobre fazerem a corte.

Assim que entram no hotel, os funcionários as cumprimentam com um sorriso, já que eram conhecidas por todos e um deles as levam até o escritório de Zachary.

— Como vai, senhor Yule? — Lily cumprimenta o secretário de Zachary, que se levanta rapidamente.

— Muito bem, senhorita. — Ele sorri e abre a porta do escritório. — Senhor Immers, o senhor tem visitas.

Lily e Zora entram na sala de Zachary, que abre um sorriso ao vê-las.

— Veio fazer o convite para o baile novamente?

— Na verdade não, queremos marcar uma data para um sarau — Lily diz tentando parecer inocente e Zachary cruza os braços a observando.

— O que está tramando, Lily?

— Por que acha que estou tramando alguma coisa?

— Porque conheço o seu olhar quando se concentra em não falar algo que a comprometa. Está tramando alguma coisa.

— Ela apenas deseja fazer um sarau com a presença de todos os pretendentes.

— Exato — Lily concorda com Zora. — Não posso me casar com alguém que goste de música. Então quem aguentar uma hora de sarau já tem alguma vantagem.

— Sei — Zachary diz a observando e olha para Zora, que dá de ombros. — Infelizmente só vou ter alguma data dois dias após o baile na sua casa. Estamos com uma procura muito grande de reservas.

— Melhor assim, se surgir mais algum pretendente ele entra na lista de convidados para o sarau.

— Lista? — Zachary se aproxima fazendo uma carranca. — Tem uma lista?

— Owen está nomeando cada um deles. — Zora ri. — Lily é a sensação dessa temporada.

— Entendo. — Zachary volta para a mesa dele e se senta. — Vou deixar agendado a data, assim não correrá o risco de não fazer o sarau para eles.

— Você também comparecerá? — Lily pergunta se aproximando da mesa e ele olha para ela. — Quero a sua presença.

— Já a ouvi tocar diversas vezes — ele diz.

— Por favor?

— Está bem — ele suspira e volta a se levantar. — Eu irei.

Zachary acompanha Lily e Zora até a porta e elas se despedem dele. Enquanto as duas se afastam, Zachary tenta entender o que Lily poderia

estar tramando, não poderia ser a simples justificativa que lhe dera.



Após o jantar em família onde Lily explicara sobre o sarau, ela vai para o escritório do pai, que agora pertencia a Owen e se senta no sofá observando a escrivaninha do pai. Por diversas vezes estivera ali sentada conversando com ele enquanto trabalhava.

— O que faz aqui sozinha? — Owen pergunta entrando no escritório.

— Pensando no papai. Algumas vezes me esqueço de que ele não está mais aqui e o procuro pela casa.

— Sei como é. — Owen se senta ao seu lado. — Sabe que pode me procurar nesses momentos, não sabe?

— Mesmo não sendo a mesma coisa? — pergunta e ele abre um sorriso.

— Jamais será a mesma coisa, Lily, mas estarei sempre aqui para ouvi-la.

— Mesmo se for sobre o assunto: não quero nenhum desses pretendentes?

— Já disse que, se quiser, coloco todos para correr.

— Eu... — Lily para de falar e suspira.

— O que foi, princesa?

— Tem alguém que eu desejo me casar. Mas não sei como a sociedade vai reagir.

— As únicas pessoas que podem falar alguma coisa é a sua família. E enquanto ele não for um bandido, assassino ou alguém que quer apenas o seu dinheiro, não tenho nada para falar contra. — Owen olha para ela atentamente. — Quem ele é?

Lily se levanta rapidamente e vai para a porta, ela para ao ouvir Owen lhe chamar e sente uma lágrima escorrer pelo rosto.

— O papai gostava dele. — Ela sai correndo do escritório e vai para o seu quarto.

Owen observa a porta entreaberta e se levanta para ir até a lareira onde um quadro de seu pai estava pendurado.

— O que eu faço, pai? — ele pergunta para o retrato e fecha os olhos. Ser o chefe da família não era algo que ele desejava fazer tão cedo.



O grande salão da mansão estava iluminado e todo enfeitado para o baile, os convidados começavam a chegar aos poucos e enquanto Owen, Zora e Angela os recepcionavam, Lily estava escondida estrategicamente esperando pela única pessoa que realmente lhe interessava.

De seu esconderijo notou a chegada de diversos rapazes, que lhe enviaram flores, bombons e outros presentes, tentando inutilmente ganhar a afeição dela. Depois de tanto fugir, no dia anterior Lily foi obrigada a ficar em casa, mais precisamente na sala de visitas recebendo cada um dos pretendentes. Perdera a conta de quantas vezes revirara os olhos ou desejara se enforcar em uma das cortinas.

Quando finalmente Zachary entra acompanhado por sua mãe e irmãs, Lily ajeita o vestido e tenta correr discretamente por entre os criados que estavam carregando bandejas e servindo a todos.

— Obrigada pela presença — Angela diz pegando a mão de Amabel.

— Eu que agradeço o convite, as meninas não falaram de outra coisa todos esses dias.

— Oi — Lily cumprimenta parando ao lado de Zora, que tenta disfarçar um sorriso.

— Como está, senhorita Osborne? — Zachary diz inclinando sobre a mão dela e depositando um beijo.

— Vai me chamar para dançar? — ela pergunta.

— Lily!

— O que foi, mamãe? Não quero que meu cartão de danças fique cheio e o Zac não tenha chances de me convidar.

— Por isso estava escondida? Para evitar que não houvesse mais uma dança disponível? — Owen questiona.

— Não sou nenhum nobre — Zachary diz olhando em volta.

— Sabe que não me importo com isso, nem mesmo a minha família.

— Ela tem razão, não nos importamos — Angela afirma com um sorriso.

— Se dançar comigo, meus quatro irmãos dançarão com suas irmãs — ela promete rapidamente e as meninas olham para Zachary com expectativa.

— Isso é um golpe extremamente baixo Lily, sabe o quanto elas desejam dançar no primeiro baile a qual vão — Zachary tenta repreendê-la, mas ela simplesmente dá de ombros. — Está bem, vou dançar com você.

Zachary entra no salão com sua família e Lily tenta acompanhá-los, mas Angela a segura, puxando para um canto da sala.

— Você deve dar atenção aos outros rapazes também, não pode ficar a festa inteira ao lado de Zachary.

— Mas mamãe...

— Não, Lily, você conhece muito bem as regras de etiqueta, deve aceitar dançar com outros preenchendo o seu cartão de danças; se falarem com você, seja gentil. Não pode continuar a agir como se seu futuro não dependesse da sua reputação perante a sociedade.

— Algumas vezes desejava não ter que me preocupar com reputação nenhuma.

— Infelizmente não há o que fazer quanto a isso. Você é uma lady e deve agir como uma.

Soltando um suspiro dramático, Lily entra no salão, ao avistar seu tio Walden e Simon ela percebe que pode ter uma solução para o seu cartão de danças.

— Sinto muito, já está completo — Lily diz para o décimo rapaz que se aproxima a convidando para dançar.

— Como preencheu o cartão tão rápido? — Zora pergunta tomando o cartão da mão dela e a olha com reprovação. — Aqui tem o nome de praticamente todos os seus tios, seja de sangue ou de consideração, o único solteiro é o Zachary. Sua mãe não disse que teria que dançar com um de seus pretendentes, pelo menos?

— Não tenho culpa se o cartão foi preenchido tão rapidamente — Lily diz tentando parecer inocente.

— E o fato de que você não disfarçou enquanto rodava o salão praticamente exigindo que eles dançassem com você não significa nada, creio eu — Pippa diz e Lily dá de ombros.

— Sabe o que esse último trouxe de presente para mim? — Lily diz levantando a voz, e Zora a pega pelo braço a alertando. — Um maldito guaxinim empalhado.

— Olha a boca, Lily! — Zora a repreende tentando segurar uma risada e olha em volta.

— Eu tive pesadelos com aquele bicho.

— Está bem, ele foi infeliz com a escolha — Pippa concorda.

— Ele passou uma hora explicando como faz para empalhar um bicho. — Lily cruza os braços. — Outro passou mais uma hora falando

sobre como funciona a fermentação das ameixas para licores e remédios. Por acaso pareço ser alguma dama que adora conversas inúteis?

— Não, não parece — Zora ri e estica a mão para o marido, que se aproxima.

— Nossa mãe me enviou aqui para saber por que está tão exaltada.

— Ela estava contando sobre o pesadelo que teve com o guaxinim empalhado.

— Ele estava fermentando ameixas — Lily diz irritada. — Não dormi a noite toda.

— Não se preocupe, os dois já estão fora da lista.

— E já sabe quem eles são, meu marido? — Zora pergunta sem acreditar.

— Ouvi os criados comentarem sobre as conversas dos pretendentes, até mesmo eles estavam indignados com o presente.

— Ainda vou botar fogo naquele bicho — Lily diz tentando disfarçar quando uma senhora se aproxima com o seu filho.

— Como vai, Lorde Ashworth? — ela cumprimenta Owen. — Quero apresentar meu filho, ele...

A mulher para de falar quando Lily leva uma mão à cabeça dramaticamente.

— Preciso de um pouco de ar, onde está o Webster, Zora?

— Eu vou chamá-lo. — Zora pega Lily pelo braço e as duas vão até o lado de fora, assim que se afastam começam a rir. — Você não tem jeito.

— Sabe quem é o filho dela? Jayden o conhece, ele está endividado por toda a cidade, e está à procura de uma herdeira rica. Ele me alertou para ficar longe dele, então se alguém quiser reclamar que procurem o Jayden, só estou fazendo o que o meu irmão mandou.

— Você está bem, Lily? — Zachary pergunta se aproximando preocupado. — Vi quando levou as mãos à cabeça e saiu apressadamente.

— Ela só está fugindo de um pretendente — Zora diz com um sorriso. Uma melodia vem do salão e ela olha para os dois. — Não era essa a dança de vocês?

Zachary estende a mão para Lily, que a segura.

— O que foi?

— Não podemos dançar aqui?

— Lily...

— Claro que podem, estarei ali na porta vigiando os dois. — Zora se afasta.

Zachary lentamente se aproxima e, apesar da música ser um pouco mais rápida e não ter nenhum contato tão próximo, ele a segura pela cintura e se balançam de um lado para o outro.

— Ouvi diversas conversas — Zachary diz e ela solta um gemido.

— Os meus pretendentes?

— Muitas mães estão irritadas porque está evitando seus filhos.

— Não tenho culpa se são estúpidos demais, ou interesseiros demais. Só queria alguém que, ao olhar para mim, visse a Lily e não uma herdeira rica.

— Se essas mães a vissem como eu a vejo, não estariam interessadas em um casamento.

— E como você me vê? — Lily se afasta dele e sente um aperto no coração. — Como alguém que não é digna de se casar?

— Não foi isso que eu quis dizer, Lily. — Zachary tenta se aproximar, mas ela se afasta ainda mais e corre para as escadas.

Lily sabia que estava escuro, mas conhecia aquele jardim como ninguém, ela o atravessa rapidamente e empurra uma porta lateral onde se

esconde. Era um pequeno quarto que o jardineiro usava antigamente para guardar algumas ferramentas, mas que agora estava vazio.

Ela se senta no chão frio e sujo abraçando suas pernas. No seu peito, seu coração batia rapidamente e as suas lágrimas corriam por seu rosto acompanhando o mesmo ritmo.



Lily não viu o final do baile, não conversou com ninguém ou teve suas danças, depois de um longo tempo escondida ela foi para o seu quarto e, após arrancar o vestido, se jogou em sua cama onde passou praticamente a noite toda chorando. Os únicos momentos em que permitiu que as lágrimas parassem de correr, foi quando alguém entrou em seu quarto para saber se estava bem.

Por dois dias praticamente evitara todo mundo, sua desculpa constante era que estava com uma dor de cabeça terrível e que por isso não aguentava ficar perto de falatórios ou à luz do dia. Webster a examinara e não conseguia chegar a uma conclusão sobre o que seria que lhe estava causando tanto mal.

No terceiro dia após o baile finalmente chegou o dia do sarau, todos se perguntavam se deveriam cancelar a apresentação, mas Lily descera com seu violino, toda arrumada e pronta para sair.

Parecia uma transformação completa para sua família, de uma menina que estava doente para alguém determinada a se apresentar. Não era típico de Lily e ela podia sentir os olhares sobre ela se questionando o que estava acontecendo.

Ao chegarem no salão onde seria o sarau, os amigos mais próximos e familiares já estavam ali, não demorou muito para que os pretendentes de Lily começassem a chegar, aos poucos o salão estava cheio e Zora estava se apresentando a todos. A cunhada de Lily seria a primeira a tocar alguma coisa, a segunda apresentação seria Nora e Zora juntas e então finalmente chegaria a vez de Lily.

Quando o salão se fez um silêncio completo à espera de sua apresentação, ela se levanta e vai até o centro da grande sala, todos os olhos estão voltados a ela, que se posiciona; a primeira nota a sair de seu violino parecia o som de um gato sendo assassinado cruelmente, as notas seguintes eram tão terríveis quanto. Na noite anterior, ela havia desafinado seu violino propositalmente como era seu plano desde o início.

A sua apresentação seria a pior possível, o que ela não contava era que as notas que tocava pareciam refletir o seu coração que estava sofrendo imensamente por causa das palavras de Zachary. Quando tocou o último acorde, ela abre os olhos e encara a sala que está em silêncio, os semblantes de todos parecem um misto de horror e descrença. Apenas Griffith, Steven e Jayden estão tentando disfarçar uma risada.

— Obrigada. — Ela se inclina levemente e vai para sua cadeira.

Zora parece levar uma eternidade para se recompor, ela teria que anunciar que a próxima apresentação seria um trio, mas não tinha coragem de chamar Lily novamente para tocar após aquele espetáculo. Recorrendo ao marido, ela lhe implora com um olhar para que a salve de continuar a apresentação.

— Preparamos um lanche a todos — Owen diz se levantando e gesticulando onde um buffet estava organizado.

Parecia a desculpa que todos queriam para se levantarem e se afastarem de Lily rapidamente. Enquanto ela guarda o violino pode sentir

sua família lhe rodear.

— O que foi isso, Lily? — Angela pergunta baixinho. — Você pode tocar muito melhor do que isso.

— Não toquei bem? — Lily pergunta tentando parecer inocente.

— Parecia um gato agonizando — Steven diz e leva um tapa de sua mãe. — Que foi? Sou o único que teve coragem de dizer a verdade.

— O que aconteceu, Lily? — Charlotte abraça a sobrinha e a sente tremer levemente em seus braços.

— Nada — Lily diz baixinho e olha para Owen, que se aproxima e a puxa para os seus braços.

— O que foi, minha pequena?

— Não quero me casar esse ano — ela diz com a voz abafada em seu peito.

— Está bem, ninguém a obrigará a isso. Vou garantir que se espalhe a notícia de que você não ficará noiva nesse ano. Está bem assim?

— Obrigada. — Lily pega a mala com seu violino e sai rapidamente do salão.

— Ela está bem? — Zachary pergunta se aproximando da família de Lily. — Parecia que estava chorando.

— Algo está acontecendo com ela — Zora diz olhando do marido para Zachary. Ela presenciara a conversa dos dois no baile, vira quando Lily fugira dele e desaparecera logo em seguida.

— Se precisarem de ajuda — Zachary diz e se afasta rapidamente. Ele tentara falar com ela após o baile, mas o estava evitando com todas suas forças.

Ao chegar em casa, Lily vai para o seu quarto dispensando a criada, não queria falar com ninguém e, principalmente, não queria ver ninguém.



Valentine se considerava uma menina esperta, com apenas quatro anos ouvira diversas vezes que se parecia com sua tia, o que ela simplesmente adorava ouvir, considerava sua tia Lily a mulher mais encantadora e bonita do mundo – após sua mãe, é claro. Por isso, sempre que podia ia até o quarto de sua tia para conversarem ou brincarem, já que recebia a atenção de Lily pelo tempo que desejasse.

Ao abrir a porta do quarto, ela corre até a cama de sua tia e se joga sobre ela a balançando.

— Tia Lily? — Valentine puxa as cobertas, mas Lily não se mexe, estava de olhos fechados e não emitia nenhum som. — Tia?

Notando que sua tia não demonstrava nenhum sinal de que a escutava, ela a chacoalha mais forte, estava com medo de que sua tia estivesse muito mal. Uma vez que ela não abria os olhos, a menina sai do quarto correndo, lágrimas escorrendo por seu rosto; com medo do que poderia ter acontecido, ela grita a plenos pulmões por seu pai:

— Papai! — Valentine soluça enquanto desce as escadas.

— Por Deus, Valentine, o que foi? — Owen sai do escritório preocupado e pega a filha nos braços; à volta deles, os criados se aproximam preocupados de que a menina tenha se machucado.

— Ela está bem? — Zora pergunta saindo da sala de visitas com Angela logo atrás. — O que foi, meu amor?

— A tia Lily morreu — Valentine diz se agarrando ao pescoço do pai, que olha para Angela.

— O que disse, Valentine? — Zora toca as costas da filha, que continua a soluçar.

— Eu chamei, mas ela não responde.

— Chame o doutor Webster agora mesmo. — Owen diz ao mordomo entregando a filha para Zora e sobe as escadas rapidamente, ele sente que outros correm atrás dele. — Lily? — ele grita ao entrar no quarto e corre até a cama dela. Ao tocar seu rosto, ele sente o quanto ela está quente, ao invés de ser um corpo gelado por causa da morte. — Graças a Deus!

— Ela está viva? — Steven pergunta amparando a mãe.

— Está, mas está suando e muito quente. Deve estar doente — Owen diz e pede a uma criada que estava na porta para trazer compressas.

— Por que ela não abre os olhos? — Angela pergunta preocupada.

— Não sei, mamãe, teremos que esperar por Webster.

Por longos trinta minutos, eles esperaram ansiosamente pelo cunhado de Zora, que ao chegar fora rapidamente para a cama de Lily a examinar.

— O que ela tem? — Owen pergunta.

— Não sei qual é o problema de Lily desde o dia após o baile — Webster diz se afastando da cama. — Ela está sempre indisposta, com dores no corpo, não quer comer ou beber alguma coisa. Já a examinei todos esses dias e não há nada físico que possa explicar por que está assim. Essa febre é algo completamente novo.

— O que vamos fazer? — Angela pergunta olhando para a filha.

— A princípio tentar abaixar a febre e a obrigar a comer alguma coisa, nem que seja um caldo forte. Ela está perdendo as forças dela e temo que entre em um caminho sem volta.

Lily escuta o que estão dizendo a sua volta, ela sabia que deveria se manifestar, dizer que estava tudo bem, mas estava sem forças ou sem vontade para isso. Valentine estava sentada ao seu lado alisando seus cabelos. Zora a colocara ali, para que a menina soubesse que Lily estava viva e se acalmasse.

Quando todos finalmente saem do quarto a deixando sozinha, ela puxa as cobertas por sobre a cabeça. Ela sente o cansaço bater como nunca e, quando finalmente começa a se entregar, sente alguém se sentar ao seu lado e puxa as cobertas.

— O que está acontecendo, Lily? — Charlotte pergunta virando seu rosto para olhar para ela.

— Nada — ela diz fracamente e tenta se afastar, mas Charlotte a impede.

— Eu a conheço desde que era uma menininha, sou sua tia, lembra-se? Se não quer contar para sua mãe ou seus irmãos, diga então para mim. O que foi, meu amor?

— Ele disse que não sirvo para me casar com ninguém — Lily diz e as lágrimas correm por seu rosto.

— Quem disse?

— Zac, ele disse que soubessem como eu sou, as mães não deixariam os filhos se casarem comigo. Isso significa que... — ela para de falar e Charlotte faz um carinho nela.

— Significa que nem mesmo ele quer se casar com você? É isso? — Quando Lily faz um aceno fraco com a cabeça, Charlotte solta um suspiro. — Você está sofrendo por amor, é isso, não é? Seu coração está despedaçado.

— Não quero... — Lily solta um soluço. — O que eu faço?

— Sei que está doendo muito, Lily, mas ouça algo que eu tenho para lhe dizer. Conheço você há muito tempo; quando voltei das Américas e conheci o Zachary, eu vi a forma como aquele rapaz cuidava de você. Durante todos esses anos, ele esteve ao seu lado e sei que, se ele se esforçou tanto para construir algo próprio, foi para ser merecedor.

— Merecedor do quê? De mim? Ele não gosta de mim.

— Claro que ele gosta, Lily. Enquanto você tocava horivelmente ontem, ele estava sorrindo, o ouvi dizer que sabia que você faria isso para afastar a todos. Ele esteve preocupado com você. Ele te ama e ficar aqui nessa cama se entregando a essa dor não é a menina que eu conheço. A minha sobrinha estaria invadindo aquele hotel e o obrigando a reconhecer que ele a ama.

Charlotte dá um beijo na testa de Lily e sai do quarto a deixando sozinha. Lily puxa as cobertas sobre sua cabeça novamente enquanto pensa nas palavras de sua tia. Será que Zachary realmente gostava dela? Ele havia dito que ela não era digna de se casar, valeria a pena insistir em algo que parecia não existir por parte dele?



Lily ainda sentia o corpo muito fraco, já que não comia nada há alguns dias, sem contar a febre que fazia seu corpo tremer inteiro. Mas estava determinada a seguir com o seu plano, passara a tarde inteira pensando o que fazia sua cabeça doer ainda mais. Mas mesmo que seu corpo gritasse para ficar deitada, não desistiria.

Já passava da hora do jantar e ela sabia que sua família tinha saído, já que sua mãe a visitara alguns momentos antes. Com a ajuda de sua criada, ela coloca uma capa sobre um vestido leve e desce as escadas até o lado de fora onde uma carruagem a espera.

O caminho até o hotel de Zachary é feito em silêncio, ela sabia que sua criada queria criticá-la, o que ela já tinha feito desde que Lily pedira sua ajuda. Assim que a carruagem para na porta dos fundos do hotel, a criada desce e bate na porta pedindo para que chamassem o secretário de Zachary.

— Em que posso ajudá-la? — O senhor Yule pergunta à criada, que olha para a carruagem.

Lily tenta descer com alguma dificuldade e ele corre para ajudá-la.

— Preciso falar com o seu patrão.

— A senhorita está bem? — pergunta preocupado, podia sentir que ela estava tremendo.

— Ela está doente, deveria estar na cama e não rua, mas ela simplesmente não me ouve.

— Tenho que falar com o Zachary — Lily diz tentando parecer irritada, mas falhando devido à fraqueza.

Sem qualquer alternativa e sabendo que provavelmente seria repreendido por seu patrão por deixar Lily naquele estado na rua, Yule a pega no colo e entra no hotel. Usando as escadas dos criados, ele sobe até os aposentos de Zachary e a coloca em um sofá.

— Vou chamá-lo agora mesmo.

Yule sai do quarto rapidamente e desce as escadas correndo, sabia que o patrão estava no restaurante jantando com alguns amigos. Tentando chegar até Zachary rapidamente, mas sem demonstrar o seu nervosismo, ele atravessa o salão.

— Desculpe interromper, senhor Immers, mas há um assunto urgente que precisa de sua presença — Yule diz ao seu ouvido.

— O que está acontecendo?

— O senhor precisa vir comigo agora mesmo — Yule diz nervoso.

— Me desculpem, mas preciso ir — Zachary avisa aos seus acompanhantes e se levantam. Assim que se afastam um pouco dos clientes, ele puxa Yule para perto. — O que foi?

— A senhorita Osborne está no seu quarto, ela está queimando em febre.

— O que ela está fazendo aqui? — Zachary corre até o seu quarto com seu secretário o seguindo. Assim que ele entra em seus aposentos, ele se vai até Lily pegando a sua mão. — O que está fazendo aqui? Olha seu estado.

— Precisava falar com você — ela diz baixinho.

— Ela precisa de um médico — Zachary pede para Yule.

— O doutor Webster já a examinou, disse que deveria descansar e se hidratar bastante, mas ela não come nada há alguns dias — a criada informa.

— Traga um caldo bem forte para ela e uma jarra de água. Peça para encherem a minha banheira com água fria, vou tentar abaixar essa febre — Zachary diz e seu secretário corre para atendê-lo.

— Preciso falar. — Lily tenta apertar sua mão sem sucesso.

— Você não tem forças nem para manter os olhos abertos, Lily.

Lily não precisava que ele dissesse isso, ela podia sentir que realmente não tinha forças, ela podia ouvir ao fundo alguns criados enchendo a banheira, Yule conversava com algumas pessoas e logo se fez silêncio.

— Pode ir com o Yule, eu vou cuidar dela — Lily ouve Zachary dizer.

— Não posso deixá-la sozinha, o conde vai me mandar embora se souber que a deixei aqui — sua criada diz.

— Não se preocupe, agora me deixem sozinho com ela.

Após uma porta se fechar, Lily sente que sua capa é retirada, Zachary a ajuda a se sentar e abre seu vestido rapidamente o jogando de lado.

— O que vai fazer? — ela pergunta tentando manter a cabeça erguida.

— Vou colocá-la na banheira, precisamos abaixar essa febre.

Lily sente seu corpo parecer flutuar por alguns momentos e logo é mergulhada em uma água gelada, ela solta um gemido e tenta se segurar em Zachary, mas ele toma os seus braços e os afunda na água.

— Gelado — reclama.

— Eu sei, mas é necessário. O que tinha na cabeça para vir até aqui nesse estado?

— Eu precisava saber por que você não acha que sou digna para casar — ela diz tentando controlar o corpo que tremia.

— Nunca disse isso.

— Disse, você falou que ninguém iria querer se casar comigo se soubessem quem eu realmente sou.

— Você é uma menina espreitada, que bate em meninos para salvar cachorros, que sobe em árvores, que enlouquece a sua família e a mim — ele diz colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Mas também é a mulher mais doce e gentil que eu conheço. Sua ternura, seu carinho, são especiais, Lily. Qualquer pessoa que tentasse se casar com você apenas por dinheiro, se arrependeria imensamente por usá-la assim.

— Não quero me casar com nenhum deles. São todos estúpidos.

— Eu sei. — Zachary ri. — Nenhum deles serve para você. Eles não são dignos de se casarem com você e não o contrário.

— E você?

— O que tem eu? — Zachary diz sem tirar os olhos do rosto de Lily.

— Não se acha digno?

— Eu não sou digno, Lily — ele diz e levanta em seus braços a colocando em uma cadeira que tinha no banheiro. Pegando uma grande toalha, ele coloca aos pés de Lily e tenta retirar a sua camisola molhada sem olhar para o corpo dela.

— Chame a minha criada, eu vou embora.

— Não, você não vai.

Zachary a envolve na toalha e a leva para o seu quarto, ele a coloca em sua cama e entrega uma de suas camisas para ela se vestir. Uma vez

que está vestida, ele joga as pesadas cobertas sobre ela, e se afasta pelo tempo suficiente para pegar a bandeja com uma sopa e volta para se sentar ao seu lado.

— Não precisa cuidar de mim — ela reclama tentando levantar.

— Fique quieta, Lily, agora abra a boca. — Ele leva uma colher de sopa até a boca dela. — Vamos.

Sem outra alternativa, Lily colabora com ele até tomar praticamente metade da sopa, ela já estava sonolenta por causa de todo esforço que fizera. Tentando manter a lucidez, percebe que ele sai do quarto para levar a bandeja, ele conversa com alguém por alguns instantes e ao voltar fecha a porta e apaga algumas velas. Ela pode sentir quando ele se deita ao seu lado e a puxa para ele a abraçando.

— O que está fazendo? — ela pergunta tentando segurar as lágrimas por estar deitada de encontro a ele.

— Cuidando de você.

— Não sou uma obrigação, Zac. Não precisa cuidar de mim, você mesmo disse que não serve para mim.

— Nunca a vi como uma obrigação Lily, você sempre foi especial para mim. Realmente não sirvo para você, sou um plebeu, alguém sem sangue nobre que teve a sorte de conhecer uma boa família, trabalhei muito para construir esse hotel e chegar ao que sou hoje. Você merece alguém com um título, terras, muito dinheiro. E eu estava determinado a ficar longe e permitir que encontrasse o que você merece.

— Não quero nada disso — ela diz baixinho.

— Sabe o que eu percebi no sarau? Que preferia ouvi-la tocar horivelmente todos os dias da minha vida, a conviver com o fato de que estaria tocando lindamente para outro homem. Então sendo digno de você ou não, Lily, não vou permitir que vá para longe de mim. Você está

justamente onde eu sempre desejei: nos meus braços. E se alguém tentar tirá-la daqui enfrentará uma grande luta.

— Você quer que eu fique aqui? — Ela tenta levantar a cabeça para ver seu rosto.

— Não quero que se afaste de mim, Lily, você veio até aqui só para me questionar?

— Não consegui suportar o fato de que não me achava digna para se casar.

— Foi tudo uma confusão, meu amor, eu estava incomodado por ver tantos rapazes a perseguindo pelo salão. A única coisa que eu queria era bater em cada um deles e arrancar os braços dos que ousaram te tocar. Se você aceitar um simples dono de um hotel como seu marido, eu ficaria imensamente feliz em me casar com você.

— Isso foi um pedido? — Lily pergunta e sente quando ele os gira na cama para ficar sobre ela.

— Você quer se casar comigo, Lily?

— Quero — ela diz abrindo um pequeno sorriso. — Você vai me beijar?

Zachary solta uma gargalhada antes de tocar os lábios frios de Lily, ele podia sentir que o corpo dela estava esquentando novamente, a febre não havia cedido completamente. Ele precisava cuidar dela primeiro, ter certeza de que estava melhor, e depois... depois enfrentaria toda a família Osborne se fosse necessário para fazer de Lily sua esposa.



Zachary passou a noite toda tentando abaixar a febre de Lily, que muitas vezes tremia, somente quando o dia estava amanhecendo ela estava fria ao seu toque. Soltando um suspiro, ele se levanta da cama e vai para a sala dos seus aposentos. Ao se sentar no sofá para pensar no seu próximo passo, a porta se abre.

— Por que não me avisou que ela estava aqui? — Amabel pergunta.

— Estava preocupado com a febre dela... como sabe que a Lily está aqui?

— Yule me avisou, ele está preocupado, já que há uma certa movimentação lá embaixo, toda a família dela está aqui.

— Como eles descobriram? — Zachary se levanta e, antes que possa se arrumar, o seu quarto é invadido por quatro irmãos nervosos.

— Como você teve coragem de trazê-la para cá, tarde da noite? — Jayden grita avançando sobre ele, mas Owen o segura.

— Procuramos por Lily quando chegamos do baile e ela não estava na cama. Depois de muito perguntar, finalmente um dos criados disse que ela tinha vindo para cá — Owen explica.

— Ela me pegou de surpresa e, se não fosse o fato de que estava ardendo em febre, eu a teria enviado de volta para casa. Decidi cuidar dela primeiro.

— Obrigada, Zachary — Angela diz o abraçando. — Onde ela está?

— No meu quarto.

— Seu quarto?! — Steven grita.

— Fale mais baixo, ela praticamente não dormiu nada, passou a noite toda tremendo e falando besteiras por causa da febre. Somente agora a febre abaixou e ela conseguiu dormir.

— Não se preocupem, eu estive aqui o momento todo — Amabel se apressa a dizer, mas um sorriso de Angela entrega que ela não acredita naquilo.

— Vamos levá-la para casa.

— Agora? — Owen pergunta para Jayden. — Não ouviu o que ele disse, ela está descansando. Não tem por que tirá-la da cama agora.

— Já tiraram com essa gritaria — Lily diz apertando o roupão de Zachary, que ela encontrara sobre uma poltrona. — O que está acontecendo?

Zachary vai até ela e a pega no colo para colocá-la em seguida no sofá, já que ainda estava muito fraca.

— A senhorita desapareceu tarde da noite, foi isso que aconteceu — Zora diz se sentando ao lado dela. — Por que veio para cá?

— Precisava falar com o Zachary.

— E não podia esperar? — Owen pergunta cruzando os braços.

— Achei que estava morrendo, não queria partir sem falar com ele.

— E uma vez que não está morta, vamos para casa. — Steven tenta se aproximar, mas Owen levanta a mão o impedindo.

— Tem alguma coisa que queira dizer, Zachary, antes que eu pegue Lily e a leve comigo?

Zachary olha para Lily, que o observa em silêncio.

— Sei que muito provavelmente vocês não irão concordar, já que não tenho títulos, mas eu quero me casar com a Lily.

— Você está comunicando ou pedindo? — Owen pergunta. — Fiquem calados — ele pede aos irmãos que tentam entrar na conversa. — Eu sou o mais velho, sou o responsável legal por Lily, então quem resolve esse assunto sou eu. E então, Zachary?

— Cresci sabendo que Lily e eu éramos de dois mundos diferentes. Que ela estava em um lugar inalcançável, mas nunca deixei de querer que fosse minha. Eu a amo, Owen, ver e ouvir o quanto de pretendentes corriam atrás dela estava me matando aos poucos. Eu queria gritar que ela era minha e não deles, mas temia que a nossa diferença impedisse que ela se casasse comigo. Mas agora? Não me importo mais, eu quero a sua bênção, quero que permita o nosso casamento, mas caso não dê, vou roubar Lily e ir para a Escócia. Eu vou me casar com ela, de um jeito ou de outro.

— Owen? — Angela chama, mas ele levanta a mão novamente e olha para Lily.

— Pouco antes de morrer, meu pai me chamou em seu quarto, ele disse que queria deixar algumas coisas explicadas antes de partir. Achei que ele iria dizer sobre as propriedades, o título, todo o dinheiro. Mas a única coisa que ele me disse foi: “Um dia, Lily terá um pretendente; um dia, um rapaz entrará nessa casa e pedirá para se casar com ela, quero que investigue toda a vida dele, faça com que ele mereça se casar com ela, mas, se por obra do destino for o Zachary, dê a sua bênção sem fazer perguntas, porque ele tem a minha”. Então, Zachary, não só com o meu

consentimento, mas também com a bênção do meu pai, eu permito que se casem.

Epílogo

O casamento de Lily e Zachary se tornou o assunto daquela temporada, muitos comentavam como o atual conde de Ashworth havia permitido que sua irmã caçula se casasse não só com um plebeu, mas que também era dono de um hotel.

Lily não se importava com os comentários, estava casada com o homem que sempre amou e que a conhecia melhor do que ninguém. Uma das brigas com Zachary foi a respeito de onde morariam; ela estava irredutível, queria morar no hotel, ele tinha bons aposentos e até que tivessem filhos e eles comessem a correr para todos os lados, o hotel serviria.

Com o casamento de Lily, Angela virara sua atenção para os três filhos solteiros, que passaram a fugir da mãe constantemente, não estavam interessados em se casarem, mas sabiam que não poderiam fugir para sempre.

Uma vez que agora a família de Zachary e Lily estavam unidas por casamento, as irmãs de Zachary passaram a serem notadas, o que deu a Amabel a certeza de que elas fariam bons casamentos.

Quase três meses depois após o casamento de Lily, as coisas começavam a se normalizar, ela e Zachary estabeleceram uma rotina, onde ele sempre jantava com ela em seus aposentos e passavam um tempo juntos. Durante o dia ela ajudava na administração do hotel com sua sogra. Passara até a ser responsável por agendar os eventos na sala Henry Osborne.

Por diversas vezes, ela se sentava sozinha naquela sala e falava baixinho como se conversasse com o pai. A saudade ainda era grande, mas sentia que de alguma forma ele estava ali com ela.

Enquanto está sentada olhando para a grande sala, ela sente alguém se aproximando.

— Finalmente a encontrei. — Zachary se ajoelha na sua frente e toma as suas mãos.

— Estava conversando com o meu pai — ela diz e ele sorri.

— Pedindo conselhos?

— Não, estava dando uma notícia para ele — Lily diz e uma lágrima escorre.

— O que foi, meu amor?

— Queria que ele estivesse aqui para ouvir de verdade, nesses momentos mais importantes sinto tanto a falta dele.

Quando Lily entrara na igreja de braços dados com Owen, sentira o seu peito se apertar por não ser o seu pai ao seu lado. Por muito tempo sonhara com aquele momento, em que entraria com Henry.

— Sinto muito, Lily, sei o quanto você sente falta dele.

— Quando venho até aqui e me sento sozinha em silêncio, quase posso senti-lo ao meu lado.

— Por isso vem tanto aqui?

— É estranho?

— Claro que não, Henry era um bom homem, e um pai maravilhoso. É compreensível que sinta a falta dele. E essa sala é sua, pode ficar quanto tempo quiser, apenas quando a saudade for demais e precisar de companhia me avise, que eu ficarei aqui com você.

— Obrigada.

— Agora me diz, essa notícia era apenas para o seu pai?

— Na verdade não. — Lily dá risada e puxa as mãos de Zachary para o rosto. — Fui com Zora visitar o Webster, não estava me sentindo muito bem.

— Está doente? — Zachary começa a se preocupar.

— Não, eu estou grávida.

— Grávida?

Zachary olha para a barriga plana de Lily por alguns segundos e abre um sorriso lentamente.

— Está feliz?

— Estou, meu amor, e eu prometo que serei um bom pai.

— Eu sei que vai ser. — Lily faz um carinho no seu rosto.

— Tive um bom exemplo de como ser um bom pai — Zachary diz levantando Lily para se sentar no lugar dela e a coloca no seu colo fazendo um carinho em sua barriga.

— Não sabia que se lembrava tão bem assim do seu pai.

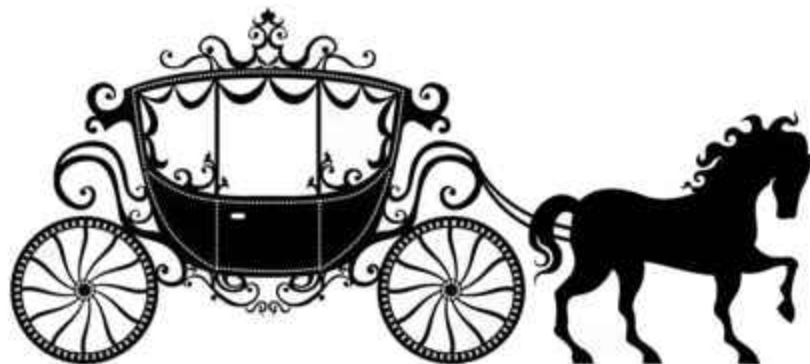
— Mas não é do meu pai que eu estou falando. O melhor exemplo de como ser um bom pai que eu tive foi de Henry Osborne. E eu prometo que serei um bom pai para os nossos filhos, como ele foi para você.

Lily abraça Zachary emocionada e sente seus medos e preocupações sumirem. Ela estava nos braços do homem que amava, estava grávida; e por mais que sentisse falta do seu pai, sabia que ele aprovava o seu casamento. Ele dera sua bênção anos atrás e, se estivesse ali,

provavelmente teria um sorriso enorme no rosto por saber que sua garotinha era muito feliz.



DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A FILHA DO CONDE



A FILHA DO CONDE

DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 10



Família



ELEANOR E SIMON

Oliver – 23 anos

Ethan – 18 anos

Archie – 16 anos

KATHY E AIDEN

Nathan – 23 anos

Heidi – 15 anos

HESTER E LUCCA

Maya – 22 anos

Ella – 16 anos

CHARLOTTE E WALDEN

Lewis – 18 anos

Luke – 15 anos

Connor – 10 anos

ANNORA E TOBIAH

Sienna – 21 anos

Alexander – 20 anos

Alyssa – 13 anos

PIPPA E JAMES

Gwen – 18 anos

Harry – 17 anos

Thomas – 16 anos

Os gêmeos: Daniel e Oscar – 13 anos

ZORA E OWEN

Valentine – 13 anos

Philippe – 10 anos

NORA E ASHTON

Tessie – 17 anos

Caleb – 13 anos

Elsie – 5 anos

LILY E ZACHARY

Rose – 7 anos

Bebê a nascer

CORNÉLIA E COLTRANE

Elliot – 27 anos

Gracie – 24 anos

ANGELA E HENRY

Owen – 36 anos

Griffith – 34 anos

Steven – 32 anos

Jayden – 30 anos

Lily – 27 anos

Prólogo

Desde pequena, Gwen soube que sua família era diferente, o homem a quem chamava de pai não era seu pai de verdade. James era o homem que a roubou tarde da noite juntamente com sua mãe, para livrá-las de uma vida difícil que tinham com a família de seu pai.

Ver todos os seus brinquedos serem tomados, a forma como tratavam sua mãe a assustava. Mas desde que James entrara em suas vidas tudo mudou. Ela se sentia amada, cuidada e não tinha mais medo de dizer ou fazer alguma coisa. Quando finalmente chegaram ao que seria agora sua nova casa e nova família, se descobriu com um monte de primos, tios e amigos que a amavam.

Por parte de sua mãe tinha três tias e por seu pai James, duas. Os momentos que as visitavam eram seus favoritos, ainda mais quando visitava a loja de Aiden, ele permitia que ela brincasse com tudo e olhasse cada coisa da loja. Sua tia Kathy pintara um retrato seu com seus pais, que agora estava pendurado sobre a lareira do seu quarto.

O único momento em que achara algo estranho com sua nova família, foi seu tio Simon, a marca em seu rosto e mão a assustara no primeiro momento, mas ao perceber que ele era bonzinho como seu pai,

não conseguia mais esquecê-lo. Amava toda a sua família, até mesmo seu primo Oliver.

Ele a levava diversas vezes para brincar no jardim, a colocara em sua cela para uma volta de cavalo, mostrara como pescar, contava histórias e lhe ajudava quando estava com dificuldades. A diferença de cinco anos, a princípio parecia não importar, até que Oliver passou a ficar mais velho.

Quando Oliver chegou aos dezessete anos, sua atenção se voltou para as meninas, o que irritava terrivelmente Gwen. Sua atenção não era mais somente para ela, e quando reclamou um dia com sua mãe, ouviu que era completamente normal, já que seu primo estava na fase de se interessar pelas meninas.

Por muito tempo, Gwen fora obrigada a presenciar mesmo que de longe o fato de que ele conversava e flertava. Quando soube que Oliver, aos vinte anos de idade, possuía uma amante, passara um dia inteiro trancada no quarto chorando.

Para ela, Oliver deixara de ser seu primo querido muito tempo atrás, estava apaixonada por ele e isso a machucava. Um dia, ela, sua mãe e sua tia Eleanor cruzaram com a amante de Oliver, por mais que visse com seus próprios olhos como ela era bonita, para Gwen parecia um monstro, porque era assim que queria imaginá-la e não como a bonita cantora de ópera francesa.

Agora que seu debut estava chegando, aos dezoito anos, já que pedira para seus pais esperarem um pouco, para que fizesse isso junto com Tessie, só conseguia pensar no fato de que teria que aceitar as atenções de algum rapaz que não era Oliver.

Oliver parecia ser um sonho de menina, um que ela queria poder realizar.



A temporada faltava pouco para acabar e Gwen, em sua opinião, conseguira passar sem grandes problemas, não passara vergonha ou tivera seu nome envolvido em qualquer tipo de fofocas. Tanto ela e Tessie foram muito elogiadas e tiveram algumas propostas para a corte. Mas uma vez que seus pais declararam que não existia qualquer pressão para se casarem aquele ano, não viram motivos para correr com algo que não queriam.

Gwen queria Oliver, mas sabia que talvez fosse impossível, por isso estava determinada a escolher muito bem o rapaz que passaria o resto de sua vida. Já Tessie simplesmente não se encantara por ninguém.

Um dos momentos favoritos das duas era no dia seguinte à algum baile, onde iam até a casa de Eleanor e passavam a tarde tomando chá. Suas mães se reuniam e conversavam sobre as festas e outros assuntos. Já Gwen torcia para encontrar com Oliver.

— Todos praticamente concordam que a senhorita Esme Goody é a sensação da temporada — Pippa diz para Eleanor.

— Não entendo por que, ela me parece tão insossa — Gwen diz e olha feio para Tessie, que dá uma risadinha.

Não era segredo entre as duas que Gwen não gostava de Esme, já que a moça estava recebendo atenções de Oliver.

— Não tive oportunidade para conversar com ela ainda — Eleanor solta um suspiro. — Mas não há outro jeito, terei que enviar um convite para a família dela para se juntar a nós no campo.

— Por quê? — Gwen pergunta de uma forma estridente assustando a todas.

— Oliver me pediu — Eleanor explica. — Simon e eu já dissemos a ele que não precisa se precipitar, não o estamos obrigando a se casar tão cedo. Mas está fascinado por aquela moça, então faremos o convite para que assim possamos conhecê-la melhor.

— Não acredito que vou ser obrigada a aguentar aquela sonsa — Gwen sussurra para Tessie.

— Veja o lado positivo, ela estará no seu terreno.

— O que sugere?

— Oliver pode sempre se decepcionar com ela. — Tessie dá de ombros.

— Tudo bem, meninas? — Nora pergunta as observando atentamente, por ter sido preceptora delas desde que eram pequenas, as conhecia muito bem.

— Tudo bem, tia Nora. — Gwen abre um sorriso que imagina ser inocente, mas o levantar de sobrancelha de Nora entrega que não a enganou.

— Quando se juntarão a nós? — Eleanor pergunta para Pippa.

— Falei com o James, os meninos estão animados para terem um pouco de liberdade, então iremos no mesmo dia que vocês.

— Então coloque todos os meninos na mesma carruagem, por favor — Gwen suplica à mãe, que ri.

— Não é uma má opção.

— Simon comprou uma carruagem nova, ela é enorme, tenho certeza de que pode comportar seis meninos.

Eleanor e Simon tiveram três meninos, Oliver que estava com 23, Ethan com 18 e Archie com 16. Pippa e James haviam levado a sério o desejo de terem filhos, então após Gwen vieram Harry com 17 anos, Thomas 16, e os gêmeos Daniel e Oscar com 13 anos. E a eles se juntaria na carruagem o filho do meio de Nora, Caleb de 13 anos.

— No primeiro trecho da viagem, Ethan se jogará da carruagem, já que ficará responsável por todos — Gwen diz.

— Se ele souber que terá que ir nessa carruagem, dará um jeito de sumir com Oliver — Pippa alerta Eleanor.

— Vou pensar em como resolver esse assunto. Mas Gwen tem razão, melhor que todos vão junto, assim nos darão um pouco de sossego.

Três dias depois, Gwen estava sentada com Tessie na sala de visitas da casa de campo do duque de Wentworth, a família estava espalhada em diversas direções aproveitando o dia que estava bonito. Ela queria passear pelo jardim, mas segundo as previsões de Eleanor, Esme e a família chegariam naquele dia e ela estava determinada a estar presente quando chegassem.

— É uma carruagem? — Tessie pergunta deixando seu bordado de lado e Gwen joga o seu livro sobre o sofá.

As duas correm até a janela e observam Esme descer da carruagem.

— O que Oliver viu nela que eu não tenho?

— Cabelos loiros como fios de ouro, um corpo esbelto, um sorriso doce?

— Ei, você é minha amiga, deveria dizer que ela é horrível e não elogiá-la.

— Desculpa — Tessie ri e se assusta quando Charlotte se junta a elas na janela.

— Ela pode até parecer uma boneca de porcelana, ótima para exhibir a todos. Mas no fundo não deve ter nada que realmente o segure. Oliver está encantado pela aparência, tenho certeza de que esses dias que o teremos junto, ele verá a verdade.

— Por que está dizendo isso, tia? — Gwen pergunta tentando disfarçar.

— Você não estaria aqui desdenhando a moça que Oliver está interessado se não tivesse algum motivo.

— Somos primos.

— Tecnicamente isso não é verdade. Não há qualquer relação de sangue entre os dois, são primos de consideração. Então poderiam se casar sem problema algum. E prefiro muito mais você a ela.

— Obrigada, tia Charlotte.

As vozes no hall da casa ficam mais altas e as três vão até lá para receberem as visitas. Gwen e Tessie ficam um pouco mais afastadas analisando Esme, que sorri a todo momento para Eleanor e Simon.

— O sorriso dela é falso — Tessie cochicha. — Como consegue ficar com ele aberto desse jeito?

— Deve ter parafusado o rosto — Gwen diz e elas dão risada.

— Aquelas são Gwen e Tessie. — Eleanor aponta para elas. — Tenho certeza de que vocês três serão grandes amigas.

— Eu não teria tanta certeza assim — Charlotte diz passando pelas duas ao voltar para a sala.

— Minha tia é tão sábia — Gwen suspira.

Enquanto Esme e a família sobem para os seus quartos para descansarem da viagem, Gwen puxa Tessie para o lado de fora da casa. O

som de algumas risadas e gritos as atraem até o riacho. Os meninos estavam balançando em uma corda que Ashton alguns anos atrás pendurara para James, e se jogavam no riacho.

— Vieram nadar também? — Ethan pergunta se aproximando com Oliver, o cabelo dos dois estavam molhados, mas suas roupas secas.

— Faremos isso em uma hora que não esteja com superlotação. — Gwen aponta para o riacho.

— Boa sorte — Lewis, o filho mais velho de Charlotte, diz se aproximando.

— Não iam ficar o dia inteiro em casa? — Oliver questiona.

— As visitas chegaram, após os cumprimentar como as boas maneiras ditam, viemos dar uma volta — Gwen diz.

— Sua noiva chegou? — Lewis pergunta para Oliver, que abre um sorriso.

— Ela não é minha noiva, ainda.

— Tia Daisy chegou? — Ethan pergunta.

— Ainda não, tia Eleanor disse que enviaram uma carta, devem chegar amanhã.

— Essa casa ficará lotada — Lewis suspira.

— Como se nunca tivesse acontecido. Lembro bem quando éramos crianças e nos juntávamos para dormir no mesmo quarto — Gwen diz rolando os olhos e eles riem.

— Deveríamos repetir uma noite dessas ver se ainda cabemos todos em um mesmo quarto — Ethan propõe.

— Você quer juntar a todos? — Gwen pergunta sem acreditar. — Já fiz as contas, se juntar todos os primos de sangue e de consideração, serão 34 em um quarto, isso porque a Lily está grávida, senão seriam 35.

— Muito simples, dormimos no grande salão. — Lewis dá de ombros.

— Quer saber, acho que eu gostei da ideia. Fazer uma grande festa com todos os primos — Oliver diz animado. — Vou falar com a minha mãe.

— Isso não vai dar certo — Tessie diz dando risada, mas Gwen estava tentando se controlar, poderia tentar dormir próxima a Oliver e ficarem conversando enquanto os outros adormeciam, como eles faziam como crianças.

Para ela, a ideia era maravilhosa.



À noite, o jantar parecia uma verdadeira comemoração, por causa dos inúmeros convidados outra mesa foi preparada para que todos pudessem participar. Claro que foi preciso estipular que todos com dezessete anos para baixo jantariam antes, ou seria praticamente impossível colocar todos em um mesmo lugar.

A princípio cogitou-se a não levar algumas crianças para a casa de campo, mas Simon havia sido categórico que queria a presença de todos. Durante anos, a casa fora reformada e agora comportava a todos.

Para a sorte de Gwen ela fora colocada ao lado de Ethan e Tessie, com Oliver a sua frente. Poderia conversar com ele durante o jantar, sem a presença de Esme, que estava do outro lado da mesa.

— Acredito que Vossa Graça possa fazer um grande baile apenas com os membros da família — Willow, mãe de Esme diz para Eleanor, que abre um sorriso enorme.

— Adoramos ter uma família enorme, por isso acabamos adotando os amigos. Simon adora ter tantas crianças em casa.

— Por tanto tempo fomos apenas eu e Daisy, que agora que temos a oportunidade de encher essa casa de barulho, sempre aproveitamos.

— A maior parte dos barulhos são responsabilidade de James. — Charlotte aponta para o irmão. — É o que tem mais filhos, sem contar que os gêmeos valem por dois cada um.

— Precisava garantir um herdeiro para os Greenwood. — Ele dá de ombros.

— Para mim chega a ser um pouco estranho, já que sou filha única — Esme diz tentando parecer tímida e Gwen sente vontade de socá-la.

— Nossos encontros são sempre assim — Ethan diz. — Cheios de crianças e bagunças. Isso que nem fomos pescar ainda.

— Vamos amanhã, não vamos, tio Walden? — Gwen pergunta juntando as mãos em forma de oração e ele ri.

— Acho que seria ideal irmos em turnos, não vou aguentar com todos juntos. Estou velho demais para isso.

— Se continuar a falar assim, tio Walden, vou convencer a tia Charlotte a levar todos os trinta e quatro sobrinhos para um passeio de barco, onde o senhor será o capitão — Maya, a filha mais velha de Hester e Lucca, diz com um olhar provocador.

— Pelo amor de Deus, não, eu te suplico — Walden resmunga fazendo todos rirem. — Acho que prefiro pescar a navegar com todos vocês. Seria capaz de me jogar em alto-mar logo no início da viagem.

— Tão dramático! — Charlotte provoca o marido.

— Talvez devamos fazer nossa competição de sempre — Tessie diz para Charlotte.

— Competição? — Esme pergunta tentando entrar na conversa, já que Oliver parecia interessado.

— Homens contra mulheres — Gwen explica.

— Quem perde deve pagar algo para o outro grupo. Tio Walden e tia Charlotte começaram a competição anos atrás — Maya diz. — E eu

concordo, vamos fazer uma competição.

— Se o Oliver não roubar esse ano, tudo bem — Gwen diz para ele, que fecha a cara.

— Eu não roubei.

— Roubou sim — Maya responde.

— Todos viram quando você pegou alguns peixes que já haviam sido contados e jogou na cesta novamente, tudo porque elas estavam ganhando — Eleanor diz dando um tapinha na mão do filho.

— A Gwen não parava de me atormentar sobre os bolinhos que eu seria obrigado a comprar e vê-la comer, sem dar nem ao menos uma mordida.

— Eles estavam deliciosos. — Gwen suspira. — Talvez eu deva pedi-los novamente esse ano.

— Gostava muito mais quando eram bonecas os pedidos. — Walden ri.

— Se quiser pode ir conosco, senhorita Goody — Charlotte convida Esme, que dá um sorriso amarelo.

— Tive uma ideia — Simon diz surpreendendo a todos. — Vamos fazer um piquenique amanhã, assim todos podem presenciar a derrota feminina amanhã.

— Derrota? — Eleanor questiona o marido. — Temos Charlotte no nosso grupo.

— E vocês com o Connor e o Philipe — Tessie diz lembrando sobre os dois meninos de dez anos.

— Se alguém deixar que eles comam doces antes da pescaria, eu torturarei terrivelmente — Oliver diz irritado. Não era segredo entre eles, que sempre que os dois comiam doces ficavam superagitados. — Ouviu, Gwen?

— Por que está falando assim? — ela pergunta irritada.

— Porque conheço a senhorita muito bem. Sei que trapaceia, não sou o único.

— Tem razão, formamos uma bela dupla. — Ela sorri e Oliver não resiste soltando uma risada e piscando para ela.

— Sim, formamos uma bela dupla.



A beira do rio onde seria realizado a pescaria parecia uma verdadeira bagunça, alguns criados haviam montado uma tenda onde colocaram uma mesa com lanches e refrescos, com algumas cadeiras para as senhoras, que não iriam participar da pesca, pudessem se sentar.

Como sempre, uma corda dividia a margem ao meio, delimitando onde cada um dos grupos ficariam. Todos estavam agitados preparando as varas de pesca e as iscas. Os mais velhos ajudavam os mais novos, enquanto Simon orientava Eleanor, o senhor e a senhora Willow para a tenda.

— Como assim vão competir sem a minha presença — Elliot o filho mais velho de Cornélia e Coltrane grita se aproximando com os pais.

— Você chegou? — Heidi, a filha mais nova de Kathy e Aiden, pergunta correndo até ele.

— Não pestinha, ainda estou em casa — ele provoca a prima, que lhe dá um soco na barriga e volta para o grupo.

— Temos o Elliot agora, vocês vão perder — Oliver diz para Gwen, que abre um sorriso.

— Isso significa que Gracie também chegou.

— Exatamente — Gracie diz passando pelo irmão. Enquanto Cornélia leva os netos pequenos para a tenda.

— Parece que a cada momento o grupo aumenta cada vez mais — Willow diz olhando para agitação na margem.

— Isso que ainda temos pessoas para chegar — Eleanor ri.

— Estamos prontos, pai! — Oliver grita para o pai que se aproxima. Ele seria o juiz aquele dia.

— Certo, crianças, lembrem-se das regras: nada de trapagens, sem confusões e brigas, e no final eu e seu tio Coltrane contaremos os peixes. Vocês possuem duas horas para pegarem o máximo de peixes que conseguirem. Boa sorte a todos e que a pescaria comece.

Rapidamente todos jogam suas varas no rio, as meninas mais velhas prendem uma das pontas da terra e correm para ajudar as mais novas. Elas estavam em desvantagem, já que nem todas chegaram, mas por anos tinham aprendido a compensar com outros meios.

— Senhor Halsey, poderia me ajudar? — Esme pergunta se aproximando de Oliver com a vara. — Não coloquei a isca.

— O que essa menina quer aqui? Esse lado é dos meninos! — Connor grita apontando para Esme e Walden o puxa para perto.

— Desculpa, Esme, mas é uma competição, não posso te ajudar. — Oliver dá um olhar sem graça a ela. — Se eu fizer isso serei arremessado no rio pelos outros.

— Não pensaríamos duas vezes — Elliot concorda jogando sua linha no rio.

— Nunca peguei em uma minhoca na minha vida! — Esme reclama.

— Peça ajuda para uma das meninas — Daniel, um dos gêmeos e irmão de Gwen, diz apontando para o outro lado.

— Prefiro não pescar — Esme reclama e joga a vara no chão. Ela para ao lado de Oliver, que olha para o rio. — O senhor gosta de pescar?

— Sêrio que ela vai ficar aqui batendo papo? — Archie, o caçula de Eleanor, resmunga para o tio, que dá risada.

— Gwen! — Nathan grita para a prima. — Venha pegar a integrante do seu grupo.

— Não vou pescar — Esme diz.

— Então junte-se aos outros na tenda — Ethan diz irritado.

— Desculpe, senhorita Goody. — Eleanor se aproxima e a pega pelo braço. — Eles levam essa competição muito a sério. Até mesmo as esposas e os maridos passaram a competir no decorrer dos anos. Algumas crianças já começaram a aprender a pescar. Pescaria nessa família é praticamente uma religião.

— Nunca imaginei que alguém levasse algo tão banal como uma pescaria tão a sério, Vossa Graça.

— Oh, mas não é a pescaria em si. É a competição. Se não me engano estão empatados, então quem ganhar esse ano ganha uma grande vantagem. Por isso estão tão irritados.

Esme se senta ao lado da mãe, que tenta se comunicar com os olhos com a filha.

— O que foi, mamãe? — Esme sussurra.

— Não arranje confusões — Willow diz. — Se tem vontade de se unir a essa família, principalmente em ser a futura duquesa, seja mais discreta com o seu descontentamento.

— Oi, tia Eleanor — Bella, filha de Daisy, diz se aproximando correndo e abraça a tia.

— Oi, meu amor.

— Bom dia — Daisy cumprimenta a todos enquanto o marido e os dois filhos se juntam a pescaria.

— Como vai, minha irmã? — Simon a beija no rosto.

— Tio Simon. — Bella pula no colo dele e salpica o seu rosto com beijos.

Simon sempre temera que as pessoas tivessem nojo e medo de suas cicatrizes, mas Eleanor estivera certa todos aqueles anos, sua família o amava e não se importaria com aquelas marcas.

— Oi, Bellinha, vai pescar?

— Meu dedo tá dodói. — Ela mostra um dedo gordinho que tinha um arranhão.

— Ela se cortou em um espinho ontem — Daisy explica.

— Então por que não aproveita para comer todos os doces que estão na mesa? — Simon pergunta indo para a grande mesa.

— Evito tanto que ela coma açúcar em abundância, porque depois fica agitada, para meu irmão causar uma overdose açucarada.

— Bella é o bebê dele, não conseguirá evitar — Eleanor diz para a cunhada.

— O que estamos fazendo enquanto eles pescam? — Cornélia pergunta depois de deixar os netos com uma criada, que estava em outra tenda.

— Eu poderia cantar! — Esme diz animada praticamente gritando.

— Não! — Um grito em coro preenche o rio a assustando.

— Eles acreditam que cantorias afastam os peixes — Daisy diz à jovem, rindo.

— Devemos então ficar aqui apenas os observando? — Esme pergunta sem acreditar.

— Pode voltar para a mansão se desejar — Eleanor diz com pena da jovem.

— Não, está tudo bem, prefiro fazer companhia — ela diz após um olhar de advertência da mãe.

— Quem é você? — Bella pergunta para Esme quando volta para a tenda.

— Sou Esme. — Ela sorri para a criança, que a olha atentamente enquanto morde uma rosquinha açucarada.

— Bella, a Gwen arrumou duas varas pequenas para a gente — Elsie diz correndo até ela.

— Estou conversando com a Esme — Bella diz.

— Pescar é mais legal. — Elsie dá de ombros e corre até a margem.

Bella entrega a rosquinha para a mãe e corre atrás da prima.

— Me desculpe, mas sendo as mais novas elas tendem a sempre ficarem juntas — Daisy diz envergonhada.

— Não se preocupe — Esme diz com um sorriso sem graça.

— Você está roubando! — o grito de Gwen surpreende a todos.

— Não estou não — Oliver responde soltando uma risada.

— Eu vi a rede.

— Que rede? — Ele levanta as mãos enquanto Oscar corre para longe com uma rede.

— Aquela. — Ela aponta para o irmão, e tenta ir atrás dele.

Oliver a segura, rindo, enquanto ela se debate.

— Você vai nos derrubar — ele a alerta, irritada com a trapaça de Oliver ela apoia os pés no chão e empurra com tudo para trás, fazendo com que os dois caiam no rio.

— Meu Deus! — Willow se levanta sem acreditar na cena, enquanto todos riem a sua volta.

— Mostra para ele, Gwen! — Gracie grita quando Gwen afunda Oliver na água.

— Vai deixar uma menina ganhar de você? — Luke grita para o primo.

Gwen e Oliver se empurram dentro do rio até que escutam um assovio alto, os dois param com a briga e olham para Simon, que está de braços cruzados.

— Acredito que essa pescaria tenha chegado ao fim. E uma vez que foram pegos roubando, dou a vitória para as meninas.

— Mas... pai — Oliver levanta os braços ao mesmo tempo que Gwen empurra a cabeça dele para baixo da água.

— Ah! Nós ganhamos — Tessie diz para os outros e vai ajudar as meninas a tirarem Gwen da água.

— Eu sei o que eu quero — Elsie diz pulando ao lado da irmã. — O forte é nosso.

— Não, nem pensar! — Connor reclama.

— Elas ganharam — Ethan diz irritado. — Elas têm direito a ficarem com o forte essa temporada.

— Forte? — Esme pergunta.

— É uma antiga cabana de caça, Simon reformou para que os meninos pudessem brincar, eles a apelidaram de forte. Foi um domínio masculino por anos, e ao que parece, agora é das meninas — Daisy explica.

— Isso vai ter volta! — Oliver resmunga para Gwen.

— Não deveria ter roubado.

— Não fui eu, foi seu irmão.

— Você é o líder. — Ela se aproxima e sorri. — Deveria tomar mais cuidado com o seu grupo. E principalmente consigo mesmo.

— Como assim?

Gwen o empurra novamente para o rio e se afasta vitoriosa com as outras meninas.



Dois dias depois e o grupo estava finalmente completo, Lily e Annora chegara com suas famílias, bem como Owen, Zora, sua mãe Angela e seus irmãos, que ficariam na casa deles que era vizinha a mansão Wentworth. A bagunça na mansão era completa com crianças para todos os lados, os adolescentes brigavam sempre que se encontravam, mas Simon e Eleanor não reclamavam, estavam felizes por todos estarem ali. Era o primeiro ano que finalmente conseguiram juntar a todos desde que os mais velhos cresceram.

Esme e seus pais pareciam assustados com a confusão, mas tentavam não demonstrar, já que esperavam que um casamento com Oliver acontecesse muito em breve.

O chá da tarde fora servido para as mulheres, enquanto os homens estavam fora cavalgando. Até mesmo as crianças tinham acompanhado.

— Estou quase perdendo as esperanças de que Griffith, Steven e Jayden se casem — Cornélia diz a Eleanor.

— Temos quatro moças em idade de casamento aqui. Mesmo que sejam primas de consideração, nada as impede de se casarem — Eleanor diz chamando a atenção de Gwen, que estava perto.

— Então se eu quisesse me casar com um primo que não tem relação de sangue comigo não achariam estranho?

— Para mim não haveria problema algum — Eleanor diz fazendo Gwen querer pular de alegria.

— Mas são primos! — Willow diz horrorizada.

— Tecnicamente não, Gwen não é prima de sangue dos meus filhos ou os da Charlotte ou os da Angela. Então não seria um horror se decidissem se casar.

— Sienna está adiando sua escolha ao máximo — Annora diz olhando para a filha, que seria sua sucessora ao trono.

— Não estou adiando, mamãe, estou apenas esperando que ele cresça. — Sienna revira os olhos.

— Ele é uma criança? — Willow pergunta levando a mão ao peito.

— De idade não, mas de cabeça? Às vezes parece mais criança que a Elsie, que só tem cinco anos.

— Quem é ele, querida? — Angela pergunta. — Nós conhecemos ou é alguém de Larornna?

— Ninguém em Larornna é um candidato em potencial — Alyssa, a caçula de Annora, diz. — Nem mesmo eu escolheria algum deles. E sei de fontes confiáveis que Alexander já elegeu a pretendente dele aqui na Inglaterra.

— Como assim? — Annora pergunta sem acreditar. — Ele não me disse nada.

— Escutei quando ele falava com o papai. Os dois estavam ao lado da carruagem e não sabia que eu estava lá dentro. Ouvi quando ele disse quem ele pediria para fazer a corte.

— E o papai concordou? — Sienna pergunta.

— Papai disse que Alexander não poderia ter feito escolha melhor.

— Mais tarde terei uma conversa muito séria com o seu pai — Annora resmunga.

— Não é justo que tenhamos que esperar que os homens decidam fazer a corte. Por que eu não posso chegar e dizer “eu escolho você”? — Ella, de dezesseis anos, pergunta.

— Porque seria uma vergonha para a sua família — Esme diz.

— Não seria não. Sei muito bem que nossos pais não se importariam, eles sabem o quanto as mulheres são decididas — Maya diz.

Aos vinte e dois anos, Maya dissera aos pais que não cederia a pressão dos bailes e escolheria alguém simplesmente para não ser considerada solteirona. Ela tivera o seu debut, dançara com os tios e os primos naquele ano e não fizera a sua escolha. Nenhum rapaz lhe chamara a atenção, até que dois meses atrás conhecera um jovem empresário que estava investindo nas ferrovias. Ele chamara a sua atenção e os dois conversavam sempre que ele aparecia na Lavelly's, e com a aprovação de seus pais, Maya e o rapaz estavam se conhecendo melhor.

— O que jovens meninas sabem sobre escolher um marido? Ninguém melhor do que seus pais para isso. — Willow dá uma risada sem graça.

— Eu posso escolher meu marido — Rose diz se levantando e Lily a puxa para seu colo, com sete anos ela poderia desafiar qualquer um em sua pequena cabeça.

— Pode sim, meu amor. Mas, segundo o papai, isso vai demorar um pouquinho para acontecer.

— Sim, primeiro vou ser médica igual ao tio Webster.

— Médica? — Esme pergunta e dá um gole em seu chá ao perceber que ninguém considerava um absurdo o que a menina dizia.

— Em Larornna, qualquer moça pode estudar o que quiser, foi uma das primeiras coisas que instituí. Claro que houve algumas reclamações por parte dos homens, mas dei plenos direitos as nossas jovens para se formarem — Annora diz. — Até mesmo Sienna estudou.

— Fico tentada a me mudar para Larornna só para fazer uma faculdade — Tessie suspira.

— Mas você vai se mudar para Larornna — Alyssa diz baixinho e Gwen agarra o braço dela.

— O quê?

— Nada — Alyssa se levanta e Gwen corre atrás dela a levando para um canto da sala.

— Alexander quer se casar com Tessie?

— Você não ouviu nada — Alyssa pede e Gwen dá risada.

— Eu sabia. Sabia que ele olhava demais para ela. Eles vão formar um belo casal.

— Gostaria de saber o que o conde de Stock vai dizer quando a sobrinha dele se tornar não só uma duquesa, mas também se casar com o herdeiro do trono de Larornna — Alyssa ri.

— Ela tem que aceitar primeiro — Gwen diz e olha para Alyssa. — Acho que seu irmão acaba de ganhar uma aliada.

— E você ganhou várias aliadas, aquela Esme é uma nojenta, o que o Oliver viu nela?

— Não tenho ideia. Queria tanto que ela fosse embora.

— E se a ajudássemos a partir? — Gracie pergunta assustando as duas, que não viram que ela estava sentada ali perto.

— Como? — Alyssa pergunta.

— Bom, hoje será a grande festa do pijama, acredito que até mesmo ela vá participar. Podemos usar isso a nosso favor.

— Ela poderia contar uma história de terror para assustar as menores — Alyssa ri e estranha o olhar de Gracie e Gwen. — Foi só uma sugestão boba.

— Foi uma ótima sugestão. Bella e Elsie não gostaram de Esme, tenho certeza de que se pedirmos para ajudar elas irão.

— Gracie, você quer realmente envolver as menores? — Gwen pergunta sem acreditar.

— Só existe uma pessoa que deve se casar com o Oliver, e essa pessoa é você, Gwen.



— Isso não é um pouco indecoroso? — Willow pergunta olhando para o grande salão de baile, que agora estava repleto de colchões para a “noite do pijama” dos primos.

— Eles fazem isso sempre que podem, são muito unidos — Charlotte diz tentando tranquilizá-la.

— Mas moças solteiras estarão dormindo no mesmo lugar que homens solteiros e, como vocês mesmo disseram mais cedo, alguns não são primos de sangue.

— Não nos preocupamos com falatórios. — Eleanor sorri. — Se quiser, é claro que a senhorita Goody não precisa participar.

— Está tudo bem, mamãe — Esme tenta tranquilizar a mãe.

— Isso dará muitos falatórios nos salões de baile.

— Não se preocupe, senhora Goody, meu marido e eu ficaremos aqui. Nossa filha menor vai dormir junto com os outros, sem contar as damas de companhia das outras moças — Nora tenta tranquilizar a senhora.

— Owen e Zora também vão ficar, os mais velhos passam o tempo jogando cartas ou xadrez, as meninas conversando, enquanto as crianças

muito em breve estarão adormecidas — Charlotte diz.

— Só me preocupo com a reputação da minha filha.

— Se quiser pode enviar a dama de companhia da senhorita Goody, ou até mesmo a senhora pode ficar — Eleanor sugere.

Willow sabia que não deveria permitir que a filha ficasse, mas para elas tudo valia quando se dizia em arrumar um futuro duque para casamento. Sem qualquer outra alternativa, ela permite que a filha se junte as outras jovens e vai para o seu quarto.

— Não gosto dela. — Heidi aponta para Esme.

— Ela quer se casar com o Oliver, ouvi a mãe dela dizendo que deveria conseguir o pedido de casamento o quanto antes — Ella diz.

— Por isso temos um plano — Alyssa conta as outras o que deveriam fazer.

— Já falou com as menores? — Heidi pergunta.

— Bella está eufórica por fazer parte do plano. — Alyssa ri. — Agora é com vocês.

Heidi e Ella atravessam o salão até onde Esme está sentada.

— Que bom que decidiu se juntar a nós — Ella diz tentando parecer inocente. — Para que não se sinta deslocada, decidimos lhe dar alguns conselhos.

— Mais tarde contaremos histórias, Oliver adora as de terror. Então se contar uma, tenho certeza de que contará pontos.

— Por que estão querendo me ajudar? — Esme pergunta desconfiada.

— Nós mulheres devemos ficar unidas. — Ella dá de ombros e vai embora puxando Heidi.

Alguns minutos depois, todos se sentam nos colchões; apesar de se chamar festa do pijama, apenas as meninas menores estavam com longas

camisolas. Os rapazes usavam uma camisa e calças, enquanto as moças vestidos leves e mais soltos.

— Vamos começar a nossa rodada de histórias — Oliver diz animado. — Quem quer ir primeiro?

— Eu! — Elsie grita e todos ficam em silêncio enquanto a pequena conta uma história sobre uma princesa. Ao terminar, todos a aplaudem animadamente.

— Eu poderia ser a próxima? — Esme pergunta timidamente. Uma vez que Oliver concorda, ela começa a contar sobre uma floresta escura.

Enquanto Esme conta sua história, os mais velhos trocam olhares preocupados; quando os menores estão presentes, eles evitam ao máximo assustá-los.

— Mamãe! — Elsie grita se levantando e corre para o colo de Nora, que a abraça preocupada.

— O que aconteceu? — Ashton se aproxima do grupo.

— A senhorita Goody estava contando uma história de terror — Connor explica.

Bella pula no colo de Oliver, que olha para Esme sem acreditar.

— Me desculpem — ela diz baixinho.

— Está tudo bem. — Ashton tenta tranquilizá-la. — Porque você, Elsie e Rose não se juntam a nós no outro lado do salão? — ele pergunta para Bella. — Temos chocolate quente.

— Eba! — Rose se levanta do colo de Maya e corre para se juntar às outras meninas.

Ella e Heidi olham para Alyssa, que tenta controlar a risada.

— Por que não deixamos as histórias para depois? — Kyle pergunta. — Podemos fazer outras coisas.

— Só não deixe as meninas começarem a cantar. — Daniel revira os olhos.

— Como se quiséssemos cantar para uma plateia tão chata quanto vocês — Ella diz.

Enquanto eles discutem sobre o que iriam fazer a seguir, Gwen se levanta e vai até a mesa onde alguns lanches estavam preparados, Oliver se junta a ela e solta um suspiro.

— O que foi?

— Não sabia que ela iria fazer isso, as meninas ficaram assustadas.

Gwen olha para onde as pequenas estão rindo e brincando com suas bonecas, sem nenhum traço de medo.

— Elas parecem muito bem.

— Parece que ninguém gostou dela — Oliver diz apontando para Esme.

— Não sei o que você viu nela.

— Ela é a sensação da temporada, esqueceu?

— E só isso importa para você? Que alguém seja a mais desejada?

— Gwen pergunta sem acreditar. — O que estou perguntando? Você tem aquela amante estrangeira também.

— Não deveria estar falando da minha amante.

— Por que não?

— Porque senhoritas não tocam nesses assuntos.

— Eu já sou grandinha, Oliver, caso não tenha percebido. Sei que você tem uma amante e que a leva para vários lugares. E tanto ela quanto a senhorita Esme são de péssimo gosto.

— Está dizendo que não sei escolher minhas mulheres?

— Se soubesse, não estaria com nenhuma dessas duas. Esme não tem nada de parecido com você ou com a família. Não quis pescar, fica isolada

o tempo inteiro e a única coisa que lhe interessa é um duque como marido. Você está caindo no jogo que a mãe e ela estão fazendo.

— Talvez eu queira uma mulher bonita.

— E o amor? Mesmo vendo seus pais e nossos tios tão apaixonados, nunca desejou algo parecido?

— Tenho que garantir um herdeiro para o meu pai.

— Não, não precisa. Ele não exige isso de você. Está apenas arrumando desculpas! — Gwen diz alto completamente alheia que todos estão prestando atenção na briga.

— O que você pensa que sabe, Gwen?

— Eu sei muita coisa, Oliver, principalmente que você quer escolher uma moça insípida para se casar, porque tem medo.

— Medo? Eu tenho medo?

— Tem, ou se arriscaria a encontrar uma mulher que você ame de verdade.

— Você não sabe de nada, Gwen. Não existe a opção de amor para mim, tenho que ficar então com a segunda opção.

— Tenho certeza de que seus pais o apoiariam na sua primeira opção.

— Não se eles souberem quem é a moça que eu realmente quero.

Oliver se aproxima de Gwen praticamente a prendendo contra a mesa.

— Está bem, meninos, chega de discussão. — Ashton puxa Oliver para longe. — Melhor se acalmar, rapaz, já falou demais.

— Ela não entende. — Oliver aponta para Gwen, que agora está abraçada com Tessie, Maya e Sienna.

— Oliver, você já passou dos limites, a senhorita Esme saiu correndo daqui por causa do que ela ouviu — Nora diz e ele olha para o

grande salão.

— Muito obrigado, Gwen, estragou todas as minhas chances.

— Que chances? — Gwen grita tentando segurar as lágrimas. —
Você é um maldito, Oliver, eu te odeio!

Gwen corre para o quarto, as meninas se levantam e vão atrás dela. O resto da noite elas passariam todas juntas tentando tranquilizar e confortar Gwen, que estava com o coração arrasado por causa das palavras de Oliver.



Todas as meninas se juntaram no quarto de Gwen e deram um jeito de se espremerem para dormir, enquanto ela chorava em silêncio, aos poucos as outras adormeciam. Sentindo-se praticamente sufocada com tanta atenção, ela se levanta delicadamente da cama onde as menores estavam deitadas e pega sua capa.

Tomando cuidado para não acordar ninguém, Gwen corre para fora da casa com um castiçal na mão. Só queria ficar sozinha no momento, estava não só irritada, mas completamente arrasada com o fato de que Oliver só se importava com a beleza.

Ela sabia que era bonita, ouvira isso diversas vezes durante a temporada, tivera alguns pretendentes, mas ignorara a todos, porque sua cabeça só conseguia pensar em um rapaz, que agora parecia ter pisado em seu coração.

Ao chegar no forte, onde criança brincara diversas vezes, ela abre a porta e vai até a lareira para acendê-la, ficaria ali aquela noite, sozinha com os seus pensamentos. A noite estava fria, então ela abre um armário onde alguns cobertores estavam e se senta na poltrona em frente à lareira para se aquecer.

Seus olhos não saem do fogo, concentrada em tudo o que acontecera desde que chegara na casa de campo. Oliver estava encantado pela senhorita Esme, a queria mais que tudo, estava determinado a se casar com uma moça completamente insípida, porque, segundo ele, não tinha outra alternativa.

O que ele poderia querer e não poderia ter?

Ela sabia exatamente o que queria, mas parecia que não teria oportunidades de conseguir, já que Oliver queria coisas diferentes.

— Não deveria estar na sua cama, mocinha? — Gwen dá um pulo ao ouvir essas palavras e tenta enxugar as lágrimas que estavam rolando por seu rosto.

— Como me encontrou aqui, papai?

— Sua mãe e eu estávamos conversando na sala da família com seu tio Owen e a Zora. Quando, para a nossa surpresa, Ashton entrou para informar que a noite do pijama tinha sido um fracasso total e todas as meninas estavam agora no seu quarto. Sua mãe foi até lá, mas você era a única que estava faltando.

— Tive uma discussão com o Oliver.

— Eu sei. — James puxa uma cadeira para perto e se senta ao seu lado.

— Ashton é um fofoqueiro.

— Ele se preocupa com você, e caso tenha se esquecido, ele é o protetor dessa família há muito tempo.

— Eu sei — ela solta um suspiro e olha para a porta. — A mamãe não veio junto?

— Ela queria vir, mas pedi que me deixasse vir aqui sozinho. Queria conversar com você.

— Sobre o quê?

— Sobre o porquê de estar tão irritada desde que chegamos aqui.

— Não estou irritada, papai.

— Está incomodada então. E se não me engano é com a senhorita Goody.

— O que o Oliver viu nela, papai? Como ele pode querer se casar com aquela sonsa?

— Os homens veem as coisas de forma diferentes, meu amor. Ele está em uma fase em que a beleza da mulher é o que chama mais atenção.

— Na idade dele, o senhor tinha dois filhos.

— Passei por coisas que me fizeram amadurecer.

— Eu sei. — Gwen pega a mão do pai e leva ao rosto. — Não consigo imaginar como seria o meu mundo sem o senhor.

— Digo o mesmo, minha querida. — James sorri. — Você está apaixonada pelo Oliver, não está?

— Claro que não, papai — Gwen diz soltando a mão dele, mas James a puxa novamente.

— Eu me apaixonei por sua mãe quando era ainda um menino. Eu a queria para mim e, mesmo quando achava que não poderia ter, a desejava.

— Ela não é sua prima.

— E o Oliver não é seu primo. Se fosse minha filha de sangue, eu diria para que esquecesse tudo isso, mas é minha filha do coração. E por isso digo para que lute pelo que você deseja.

— Ele está decidido a se casar com a Esme.

— E suas primas estão determinadas a casá-la com o Oliver. Acredito que não tenha uma pessoa nessa família que não deseje isso.

— O Oliver não deseja.

— Sabe por que a sua tia Eleanor simplesmente intimou a todos para virem para cá? Por que ela encheu essa casa de pessoas que poderiam

mostrar um lado do Oliver para a senhorita Esme, que a faria simplesmente desistir?

— Não.

— Porque ela tem esperanças de que o filho abra os olhos e perceba que ele te ama. Nós sabemos dos sentimentos que um tem pelo outro.

— Ele disse com todas as letras, papai, que o que ele deseja não pode ter, então por isso se casará com a Esme. Não sei o que é que ele deseja, só sei que não sou eu, porque se fosse não teria me magoado hoje.

— Ele está completamente arrasado por ter feito isso. E eu sei, porque ele estava praticamente destruindo o escritório do Simon, que estava gritando com ele por ser um estúpido. Posso dar um conselho?

— Claro que pode, papai, eu confio no senhor.

— Amanhã pela manhã, aja como se nada tivesse acontecido, seja a Gwen de sempre, a que conhece o Oliver como ninguém.

— Por que eu faria isso?

— Aposto que, nesse exato momento, ele está recebendo um puxão de orelha dos pais dele. Amanhã ele provavelmente pedirá desculpas, aquele rapaz não suporta ficar sem falar com você ou vê-la triste. Então seja a amiga dele que você sempre foi. Mostre a ele o que ele pode perder se decidir seguir adiante com esse plano de se casar com a senhorita Goody.

— Ele não me quer, papai.

— Ele a ama, Gwen, mas acredito que nesse momento a cabeça dele esteja em conflito com o coração. Terá que ter paciência.

— E se ele decidir pela Esme?

— Então meu sobrinho será um estúpido. E você seguirá com a sua vida, sabendo que fez de tudo para viver um grande amor. Melhor tentar do que se arrepender por ter deixado a oportunidade passar.



No dia seguinte, depois de repetir cem vezes que estava bem para a sua mãe, Gwen colocou o seu melhor vestido e desceu para a sala da família, onde todas estavam reunidas, apenas as mais novas tinham saído para um passeio com as babás.

Por diversas vezes, Gwen precisara repetir em sua mente que deveria agir como se nada tivesse acontecido, principalmente depois de encontrar Esme e sua mãe sentadas tomando chá, como se nada tivesse acontecido. Ou talvez a moça não tivesse contado para a mãe as palavras de Oliver.

Enquanto a conversa gira entre livros, bordados, filhos e atividades do dia seguinte, Gwen se concentra em um livro que não sabia ao certo sobre o que dizia, sabia apenas que ele estava aberto em suas mãos. Um movimento ao seu lado chama atenção, na mesma hora que se faz um silêncio na sala.

— Não posso ficar aqui? — Oliver pergunta embaraçado para a mãe, que sorri.

— Fugindo dos outros?

— Os pequenos insistiram em cavalgar, os do meio querem apenas jogar bola, os mais velhos estão em algum lugar que não sei bem, e os pais

estão no escritório falando sobre negócios.

— E você está entediado — Gwen diz passando a página do livro que não havia lido.

— Exato — ele ri e se estica para pegar uma xícara de chá e alguns biscoitos. — Estou atrapalhando?

— Claro que não, meu jovem — Willow se apressa em dizer. — Estava contando sobre os estudos de Esme.

— Chato! — Gwen resmunga e escuta uma risadinha, ela não precisava olhar para saber que havia sido Oliver.

Enquanto Willow tentava descrever todas as vantagens que Oliver teria se casasse com Esme, Gwen remói lentamente as palavras da mulher. Somente quando um pequeno vulto chama sua atenção, ela encontra alguma coisa interessante para olhar.

Andando sorrateiramente, Fury, o furão de Archie, entra na sala, com seus pequenos olhos fixos em algo à sua frente. Gwen segue o olhar e percebe que é a pequena bolsa de Esme, que está no chão ao seu lado.

— Oliver — Gwen chama discretamente e ele a olha curioso. Apontando com a cabeça para o furão, ela dá risada quando ele solta algumas maldições.

Antes que alguém possa fazer alguma coisa, o furão pega uma das luvas que estava sobre a bolsa e corre para o lado de fora.

— Acho que vou me juntar aos pais — Oliver diz dando um pulo da cadeira e assustando a todas.

— Eu vou... ver as pequenas — Gwen diz rapidamente e corre atrás dele.

Assim que ela fecha a porta atrás de si, um forte estrondo enche o silêncio da casa, Gwen olha para Oliver caído no chão e não consegue resistir soltando uma gargalhada, ela se apoia na parede tentando recuperar

o fôlego, mas é demais para suportar. Oliver estava completamente ensopado com alguma coisa que um dos criados carregava quando se esbarraram.

— O que está acontecendo aqui? — Eleanor pergunta se aproximando de Gwen, que aponta para Oliver, que se levanta lentamente balançando o paletó. — O que houve, Oliver?

— Fury achou que seria legal entrar na sala e roubar a luva da senhorita Esme. Corri atrás dele, mas não vi por onde eu ia.

— Sinto muito, senhor.

— Você não tem culpa, Fred, pode ir para a cozinha. — Oliver dispensa o criado e olha para trás, o furão estava parado o olhando em expectativa. — Seu maldito!

Oliver se abaixa para pegar a luva que estava no chão e escuta Gwen gargalhar novamente.

— Oh, querido! — Eleanor dá uma risadinha. — Acredito que não foi só a água que caiu em você.

— O que foi? — Oliver olha para elas curioso.

— Sua calça está rasgada — Gwen diz segurando a barriga e Oliver se levanta.

— Isso é engraçado para você?

— Muito — ela concorda.

Oliver se aproxima lentamente e entrega a luva para a mãe; antes que Gwen possa correr, ele a puxa para um abraço a molhando também.

— Tia! — Gwen reclama e Eleanor balança a cabeça.

— Vai se trocar, Oliver, não quero que fique doente, e principalmente que alguém veja o seu traseiro exposto.

— Meu traseiro não está exposto.

— Você me entendeu — Eleanor diz balançando a mão. — Vai se trocar também, Gwen, ou ficarão doentes.

Oliver solta Gwen, que corre para as escadas; ao chegarem no corredor que levava aos seus quartos, Oliver segura o seu braço a parando.

— Me desculpe por ontem.

— Me desculpe também, sua amante não é da minha conta.

— Terminei tudo com ela. — Ele dá de ombros. — Não achei certo fazer a corte a alguém tendo uma amante.

— Que bom que tem essa consideração com a senhorita Esme. — Gwen se afasta e entra em seu quarto, ela tenta fechar a porta, mas Oliver é mais rápido e entra junto com ela. — O que você quer, Oliver?

— Por que se importa tanto, Gwen?

— Não importa. — Ela aponta para a porta. — Por favor, saia.

— Gwen...

— Você ficaria bem se eu aparecesse com um pretendente? Se eu estivesse desfilando com um rapaz? Um que só se importasse com o status que teria ao se casar comigo ou com o meu dinheiro?

— Eu o mataria — Oliver diz entredentes. — Você vale muito, Gwen.

— Você também, então por que insiste?

— Já disse, o que eu quero não posso ter.

— Não entendo. — Gwen se afasta e se senta em sua cama. — Eu também desejo algo, eu lutaria por ele se ao menos tivesse certeza de que é possível.

— O que você quer? — Oliver pergunta se aproximando.

— Acredito que o mesmo que você. — Gwen olha para Oliver, que respira fundo.

— Somos primos.

— Por consideração, não sou filha do James.

— Mas é assim que a sociedade pensa.

— E desde quando essa família se preocupa com a sociedade?

Oliver se ajoelha em frente a Gwen e pega as suas mãos.

— Gwen, mesmo que não sejamos primos de verdade, não sabemos se tudo isso não passa de uma grande amizade. Nos conhecemos melhor do que ninguém, sei tudo sobre você e você sabe tudo sobre mim. Mas como ter certeza de que isso é verdadeiro? Que não é apenas um carinho entre primos?

— Acredito que talvez tenhamos que fazer uma experiência. — Gwen dá de ombros.

— Experiência? — Oliver dá risada. — Por quanto tempo?

— Não sei — Gwen sussurra.

Oliver segura o seu rosto e se aproxima lentamente, ele queria beijá-la há muito tempo, queria poder abraçá-la de verdade, dizer a todos o quanto ela era especial para ele. Eles estavam em um quarto sozinhos, ninguém poderia impedi-lo de finalmente sentir os lábios de Gwen.

Assim que eles se beijam, Gwen sente o seu coração bater mais rápido, suas mãos estão frias e tremendo. Oliver se levanta ainda a beijando e a obrigando a se deitar na cama e ficando sobre ela. Cedendo ao desejo, ela o abraça forte sentindo o calor do corpo dele.

— Temos um grande problema — Oliver diz ao parar de beijá-la.

— Qual?

— Não sei se esse é o único beijo que vou querer.



No dia seguinte, um passeio até a vila que ficava a um quilometro da casa fora preparado. Um grande grupo saiu liderado por Oliver, que conhecia melhor a região. Apenas Elsie, dos mais novos, foi junto; durante todo o caminho, ela alternava entre os grupos recebendo toda a atenção dos primos.

— Não vai me contar o que aconteceu ontem? — Tessie pergunta para Gwen.

— Como assim?

— Você e o Oliver saíram ao mesmo tempo da sala, logo depois houve um estrondo e todas puderam ouvir sua risada.

— Fury entrou na sala e roubou uma luva da senhorita Esme, Oliver correu atrás dele e acabou batendo em um criado, que derrubou uma jarra de água nele.

— Não acredito! — Tessie tenta segurar uma gargalhada. — Mas por que você não voltou para a sala depois?

— Ele ficou bravo que eu estava rindo e me abraçou, molhando todo o meu vestido, tive que ir trocar de roupa e acabei ficando no quarto.

— Foi só isso?

— Foi, agora minha vez de perguntar. O que esteve fazendo no jardim com Alexander por tanto tempo?

— Como você sabe?

— Ninguém mandou ficar bem na frente da minha janela.

— Ele só queria conversar. Desde que chegou, mal tivemos tempo de nos falar.

— E ele só queria isso?

— O que mais ele poderia querer?

— Não sei, já que vocês dois se esconderam atrás de um muro e não pude ver o que estava acontecendo.

— Não aconteceu nada — Tessie diz virando o rosto.

— Eu a conheço muito bem, Tessie.

— Eu conheço melhor — Elsie diz empurrando as duas para ficar entre elas. — Eu a conheço mais tempo.

— Você tem cinco anos, eu tenho dezoito, conheço a Tessie por treze anos. Então eu a conheço mais tempo.

— Não conhece não, eu conheço a Tessie a minha vida toda, você não conhece ela há todo esse tempo — Elise diz abrindo um sorriso.

— Isso faz sentido — Oliver diz se aproximando ao lado de Gwen, enquanto Alexander fica ao lado de Tessie.

— Como faz sentido?

— Ela conhece a Tessie cada dia da vida dela, você não. Então ela tem mais tempo junto a irmã.

— Ainda não faz sentido. — Gwen balança a cabeça e percebe que Oliver segura o braço dela diminuindo os passos para que Alexander e Tessie ficassem a sós.

— Ele quer falar com ela.

— Ele vai pedir?

— Pedir o quê? — Oliver pergunta confuso e arregala os olhos ao entender. — Ele vai?

— Tenho informações de fontes seguras de que ele vai fazer isso.

— Por isso ele está tão estranho. — Oliver olha para o casal. — Onde está Elsie. — Ele olha em volta procurando a menina.

— Correu até o Ethan e a Maya. — Gwen aponta.

— Ela não consegue ficar parada por cinco minutos no mesmo lugar?

— Não. — Gwen ri. — O tio Ashton fica doido com ela. Ele diz que era mais fácil cuidar de duas meninas ao mesmo tempo durante todo o dia, do que ficar de olho na Elsie por cinco minutos. Não deveria estar com sua pretendente?

— Achei que eu estava. — Oliver sorri discretamente.

— Posso confessar algo?

— Sabe que pode me contar tudo, Gwen.

— Acordei com uma sensação estranha, como se algo ruim fosse acontecer hoje.

— Não se preocupe, não deixarei que nada de mal te aconteça.

Ao chegarem na vila, rapidamente os grupos se separam, Tessie segura a mão de Elsie para que ela fique por perto, enquanto ela, Gwen, Maya e Sienna visitavam uma loja de acessórios. Após comprarem uma linda fita turquesa para Elsie e algumas luvas para elas, saem da loja conversando e quase não percebem o homem que para diante delas.

— Me desculpe — Maya diz rapidamente, mas ele mantém os olhos em Gwen.

— Senhorita Packard — ele diz com um sorriso desdenhoso. — Quanto tempo não nos encontramos.

Gwen solta um ofego ao ver o homem à sua frente e agarra o braço de Tessie.

— Tio Gerrit?

— Como vai?

— Estou bem, e o senhor?

— Cansado de uma longa viagem, fui até Londres à sua procura, mas me informaram de que estava aqui.

— Como está a vovó? — pergunta tentando mudar de assunto, sem saber muito por que, só sabia que o pressentimento de algo ruim não a abandonava.

— Não soube? Ela faleceu ano passado.

— Sinto muito.

— Não, você não sente. Mas não tem problema, não é por isso que estou aqui. — Ele olha para trás e gesticula para um homem por volta dos cinquenta anos que se aproxima, com os olhos fixos em Gwen. — Esse é o marquês de Soule, nosso vizinho. Francis, essa é Gwendoline, sua noiva.

— O que disse? — Gwen pergunta sem acreditar.

— O senhor Soule queria uma noiva, nós conversamos e acertamos tudo.

— Você não pode dar a mão de Gwen para alguém, não é o responsável por ela.

— Na verdade posso, sou o tio dela — ele diz para Tessie. — Como o herdeiro do título e de tudo o que envolve a família, sou eu que tenho o direito de permitir que ela se case ou não, e dei a mão da minha sobrinha para o marquês.

— Você não é o pai dela! — Harry grita entrando na frente de Gwen, com Thomas e os gêmeos.

— Saia da minha frente, garoto.

— Não, ela é nossa irmã e você não tem o direito de casá-la com esse velho! — Oscar grita.

— Estamos atraindo muitos olhares — Sienna avisa. — Por que o senhor não vem até a mansão daqui uma hora, para conversar com a mãe e o pai dela.

— O pai dela está morto! — Gerrit diz cuspindo as palavras.

— Entendo sua posição, mas é muito melhor conversar na mansão do duque em privacidade do que no meio da rua. Venha daqui a uma hora, assim teremos tempo de avisar aos pais dela para que possam recebê-lo.

— Está bem — Gerrit diz puxando o outro homem.

— O que eu vou fazer? — Gwen diz desesperada e os irmãos a abraçam.

— Vamos voltar para a mansão agora mesmo. O papai e o tio Coltrane vão pensar em alguma coisa — Thomas diz fazendo um carinho no rosto de Gwen.

Gwen e os irmãos correm para a mansão com Sienna, enquanto Tessie vai à procura de Oliver, ele precisava saber o que estava acontecendo imediatamente.



— Alguém pode me explicar que confusão é essa?! — Simon praticamente grita ao entrar na sala da família, todos estavam ali falando ao mesmo tempo enquanto James gesticulava nervoso.

— O tio da Gwen apareceu, ele deu a mão dela em casamento para um homem que tem a idade para ser seu avô — Eleanor diz ao marido. — Ele estará aqui em uma hora para conversar com James e Pippa.

— Ele pode fazer isso, Simon? — James pergunta apoiando uma mão no ombro de Pippa, que abraça Gwen.

— Ele é o chefe de família. Na ausência do pai da Gwen, ele responde por ela enquanto for menor de idade — Simon concorda. — Não entendo por que só agora ele decidiu aparecer.

Sienna puxa a mãe para um canto enquanto todos conversam tentando encontrar soluções para o caso.

— A senhora pode ajudar.

— Eu?

— Essa mansão, por decreto real da rainha da Inglaterra, não diz que é Larornna?

— Sim, tanto eu quanto ela fizemos um acordo real. O local onde estivermos hospedadas em nossos países serão nosso território. Tecnicamente, aqui é Larornna enquanto eu estiver aqui.

— E pelas leis de Larornna, como a Rainha, tem poderes para casar alguém. — Sienna aponta para Gwen. — Se ela for casada pela senhora, e enquanto essa mansão for território de Larornna, ela estará segura do tio.

— E quem se casaria com ela?

— Como quem? Oliver, é claro.

Annora gira para olhar a confusão na sala; quando ela mais precisou, aquelas pessoas estiveram ao seu lado, agora eram eles que precisavam de ajuda.

— O que está pensando, meu amor? — Tobiah pergunta tomando a mão dela. — Percebi o seu olhar de dúvida de longe.

— Você sempre sabe quando algo está acontecendo comigo. — Ela sorri.

— Claro que sim, eu te amo.

— Sienna sugeriu que eu poderia casar Gwen, e resolveria todo esse problema.

Tobiah olha para James, que praticamente está arrancando os cabelos.

— Se você pode ajudar, então faça isso. O dia em que eu a comprometi, aquele rapaz me desafiou a um duelo para proteger a sua honra. Tudo porque ele se importava com você. Hoje, ele precisa que você proteja o bem mais valioso dele; se fosse Sienna ou Alyssa, eu gostaria que quem tivesse poderes para isso me ajudasse.

Annora dá um beijo em Tobiah e vai até o centro da sala chamando a atenção de todos.

— Acredito que eu tenha uma solução para isso. Como sabem, como Rainha de Larornna, essa mansão, por ser o lugar onde estou hospedada, é meu território, sendo assim todos os meus direitos de Rainha são mantidos, posso fazer decretos, posso mandar prender e, principalmente, posso realizar um casamento.

— Casamento? — Pippa pergunta sem entender.

— Posso casar Gwen e, enquanto ela estiver aqui comigo, o casamento será válido, os direitos do tio não vão valer.

— Isso realmente é válido? — Coltrane pergunta.

— Sim, é um decreto real assinado por mim e pela Rainha da Inglaterra.

— Mas com quem ela se casaria? — Gracie pergunta olhando para todos.

— Comigo. — Oliver vai até Gwen e segura a mão dela. — Case comigo, Gwen, lhe daria o meu nome, meu título.

— Não quero casar para ter um título, Oliver.

— Está bem, então não se case comigo por isso. Se case comigo, porque quero ter ao meu lado todos os dias a minha melhor amiga; se case comigo, porque preciso de alguém que suba em árvores comigo, que me dê broncas, que se sente comigo em silêncio observando o pôr do sol; case comigo, Gwen, simplesmente porque não posso me casar com nenhuma outra mulher que não seja você.

Alguns suspiros podem ser ouvidos na sala enquanto todos observam Gwen à espera de uma resposta.

— Sim — ela diz baixinho e Oliver a puxa para um abraço.

— Temos menos de meia hora para oficializar esse casamento — Aiden avisa.

— Mãe, se não se importar, acredito que poderíamos aproveitar e realizar dois casamentos — Alexander diz tomando a mão de Tessie.

— O que disse, rapaz? — Ashton pergunta e é segurado por Nora, que limpa uma lágrima.

— Eu amo Tessie, eu quero que ela seja a minha princesa, minha duquesa, a mãe dos meus filhos. Eu ia pedir a mão dela para o senhor, mas eu sei o quanto Tessie e Gwen são amigas, tenho certeza de que ficariam felizes se casassem juntas. Por isso me adiantei.

— É isso o que você quer, Tessie? — Annora pergunta.

— Sim — Tessie diz e corre para abraçar os pais.

A sala rapidamente é arrumada para que os dois casais se casassem rapidamente, as meninas menores trazem dois buquês pingando água dos vasos que estavam no corredor e entregam para Gwen e Tessie, que de braços dados com seus pais caminham até Alexander e Oliver.

Annora respira fundo para conter a emoção, já que seu filho também estava casando.

— Alguns anos atrás, eu vivia escondida, acreditava que não tinha direito ao amor, e foi justamente nessa casa que eu encontrei o homem que eu mais amo nesse mundo. Foi nessa casa que um pequeno rapaz se levantou por mim. Nessa sala existem grandes amigos, que se tornaram parentes. E é esse conselho que deixo a vocês: confiem um no outro, confiem em seus amigos e na sua família. Essas pessoas estarão sempre aqui para vocês.

O casamento é realizado em poucos minutos e os noivos se beijam; quando Gwen acha que é apenas isso, James começa a resmungar para Coltrane, Aiden, e Lucca.

— O que foi, papai?

— Ele está bravo porque o casamento para ser válido deve ser consumado — Annora explica.

— Consumado? — Gwen pergunta confusa e olha para Oliver finalmente entendendo tudo.

— Não se preocupe, Gwen, nós cuidaremos do seu tio. — Pippa a abraça. — Confie em seu marido.

— Eu vou, mamãe.

Oliver e Gwen sobem para o quarto dela, assim que ele fecha a porta ela sente as pernas tremerem, sua mãe explicara tudo sobre o que acontecia entre um casal, mas não pensara nisso com a correria toda para se casar, agora estava em um quarto sozinha com Oliver, que era seu marido.

— Gwen? — Oliver a abraça por trás e beija seu pescoço.

— Nós nos casamos.

— Sim.

— E se eu não for uma boa esposa?

— Meu pai acreditava que seria um péssimo pai e marido. Ele é?

— Não.

— Exatamente, porque ele nos ama. E eu te amo, Gwen, e sei que você também me ama. Esse é apenas o primeiro dia de nossas vidas juntos.



Enquanto Oliver e Gwen estavam recolhidos no quarto, Eleanor pediu para que as babás levassem os mais novos para o jardim, os adolescentes decidiram se unir e ficar, mas foram dispensados por Simon com apenas um olhar. Apenas Harry, Thomas, Daniel e Oscar bateram o pé e insistiram em ficar alegando que Gwen era irmã deles e que tinham todo o direito de estarem presentes.

Quando Gerrit entrou na sala de visitas acabou se surpreendendo com o número de pessoas presentes. As irmãs de Pippa e seus maridos ficaram para apoiar, bem como Charlotte e Annora.

— Estão dando uma grande festa? — Gerrit pergunta com um sorriso amarelo.

— É um assunto de família, então a família está presente. — Simon dá de ombros e gesticula para uma poltrona onde Gerrit se senta. — Fomos informados de que veio até aqui porque deu a mão de Gwen em casamento.

— Sou o chefe da família, então sou eu quem tem o direito de decidir com quem ela se casa.

— Não, segundo a própria Rainha! — James rosna as palavras.

— Gwendoline é da minha família, ela nos pertence.

— Não, na verdade ela é da minha família e pertence ao meu filho

— Simon diz abrindo um grande sorriso evidenciando de propósito suas marcas. Ele sabia que isso iria incomodar Gerrit.

— Como ela pode pertencer ao seu filho?

— Eles se casaram — Coltrane diz tirando um pelo inexistente de seu casaco e se aproximando de Gerrit.

— Ela não pode se casar. — Gerrit se levanta e tenta se afastar, ele estava intimidado com aquelas pessoas. — Não sem minha permissão.

— Não nessa casa. — Tobiah coloca uma mão no ombro de Annora. — Deixe-me lhe apresentar Annora Burbidge, Rainha de Larornna. Como um conde creio que conheça os decretos reais.

— Isso não significa nada. Chamem minha sobrinha agora mesmo.

— Isso significa tudo. Enquanto estiver hospedada nessa casa, ela se torna território de Larornna, eu realizei o casamento e ele é válido. Em meu país, se uma moça aos dezoito anos manifestar desejo em se casar, ela pode fazer isso. Sem qualquer autorização dos pais.

— Vou recorrer a Rainha da Inglaterra, ela vai anular essa estupidez!

— Gerrit grita.

— Na verdade, já enviei um mensageiro até a Rainha informando o casamento. Ao meu pedido ele será oficializado por ela. Creio que um pedido de Rainha para Rainha... até mais que isso, de amiga para amiga, será prontamente atendido.

— Sem contar o fato de que ela já entrevistou nessa questão. — Simon se levanta e aponta para James e Pippa. — Já foi decidido que Gwen ficaria com a mãe e James. Agora ela se casou, é futura duquesa de Wentworth, vai querer brigar contra a minha família e tentar anular um casamento, que até mesmo já foi consumado?

— Eu dei a minha palavra! — Gerrit grita com o rosto vermelho.

— Pois deveria ter pensado melhor ao fazer isso — James responde.

— Minha filha está casada e protegida de homens como você. Volte para as suas terras e esqueça que tem uma sobrinha.

— Escute aqui...

— Será que posso finalmente bater nele? — Ashton pergunta ficando atrás de James. — Queria ter feito isso treze anos atrás, mas não tive a oportunidade.

— Posso ajudar, tio Ashton? — Thomas pergunta.

Gerrit olha para os músculos de Ashton que o evidenciara de propósito, depois para os homens na sala. Todos praticamente o estavam rodeando, ele estava sozinho, não tinha a quem pedir ajuda no momento.

— Vou até a Rainha.

— Por favor, mande lembranças minhas — Annora diz docemente.

Gerrit sai empurrando móveis, criados e batendo a porta durante o caminho; assim que ele está longe, Pippa se joga nos braços do marido chorando.

— Ele se foi, meu amor, Gwen está segura. — James faz um carinho em seus cabelos.

— Preciso ir para Londres para garantir uma licença para que o casamento seja válido aqui? — Coltrane pergunta para Annora, que balança a cabeça.

— A Rainha enviará o decreto real informando o casamento dos dois. Expliquei toda a questão e pedi para que o meu criado não saísse de lá sem esse documento. Oliver e Gwen estão casados oficialmente.

— Agora que tudo se resolveu aqui, o que acha de subirmos? — Alexander pergunta para Tessie, que dá um sorriso encabulado e estende a mão para ele.

Enquanto o jovem casal sai da sala, Sienna vai até Angela, que estava sentada mais afastada em silêncio.

— Dois casamentos em um dia, brigas, discussões, ameaças, o que mais podemos querer? — ela pergunta e Angela dá risada.

— Que meus filhos se ajeitassem?

— Griffith é um caso perdido — Sienna diz olhando para o rapaz, que conversa com Owen e James.

— Tento casar esse rapaz há anos, mas sem sucesso.

— Ele precisa crescer primeiro — Sienna resmunga e Angela a olha atentamente.

— Oh, querida, é você?

— Eu? — Sienna pergunta confusa e procurando uma desculpa para sair dali.

— Você é a moça que ele pediu para fazer a corte e que o rejeitou?

— Ele disse a senhora?

— Ele chegou bastante abalado em casa na época, estava irritado porque uma dama o chamara de infantil e disse que, enquanto ele não crescesse, não o aceitaria.

— Ele tem trinta e quatro anos, não deveria ficar jogando todas as noites, bebendo, fazendo badernas.

— Ainda mais se decidir que quer se casar com uma Rainha — Angela concorda. — Você o aceitaria se ele mudasse?

Sienna respira fundo e olha para Griffith, o homem que não sai de sua cabeça.

— Se ele se mostrasse um homem a quem eu poderia confiar meu futuro, meus filhos, os meus dias... sim, eu o aceitaria.

— Ele sabe disso?

— Fui bem clara quando o rejeitei.

— Então cabe a ele tomar uma decisão. Conheço meu filho, ele não está se sentindo ameaçado, então não mudará tão facilmente.

— Isso é com ele. — Sienna se levanta e atravessa a sala, seu destino era Nathan, que havia se sentado em uma mesa com um tabuleiro de xadrez. Ele era o mais próximo da sua idade. — Vai jogar sozinho?

— Adoraria uma parceira.

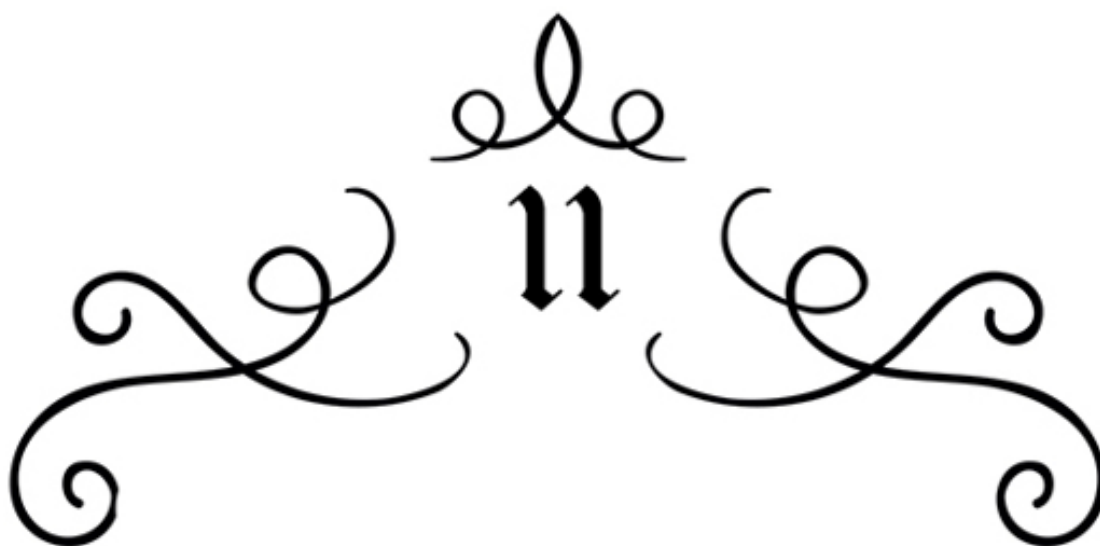
Sienna se senta para jogar com Nathan tentando esquecer que do outro lado da sala está o homem que tem seu coração nas mãos.

A atenção de Griffith está dividida entre seu irmão e seu primo. Antes de notar Sienna atravessar a sala e se sentar com Nathan, ele poderia dizer o que os dois estavam conversando, mas agora sua atenção era total para Sienna. Ela estava linda em um vestido pêssego, ria de alguma coisa que Nathan falava e isso o irritava. Ele queria ser o motivo das suas risadas e dos seus suspiros enquanto ela estava determinada a mantê-lo afastado.

— Se a deseja faça alguma coisa logo — Owen diz o assustando. — Ela se casará em breve, mesmo que Annora e Tobiah aleguem que não a pressionarão, ela tem que se casar, produzir herdeiros para a coroa.

— Por que está me falando isso?

— Acha mesmo que não sei que a procurou? — Owen o olha com uma sobrancelha levantada. — Eu sei de tudo o que se passa nessa família. Se deseja Sienna faça alguma coisa, meu irmão, ou passará o resto da sua vida arrependido por perdê-la.



O jantar se transformara em uma grande festa, dois casamentos precisavam ser comemorados, então um grande banquete fora preparado no salão de bailes, várias mesas estavam distribuídas para que todos se sentassem confortavelmente.

Gwen ficara com medo de sair do quarto e descobrir que seu tio ainda estava ali para tentar levá-la, mas Oliver garantira a ela que ninguém a tocaria sem permissão dele. Agora eram casados e seria ele que a protegeria de todo mal.

Enquanto vários grupos se separaram conversando alegremente, Gwen vai até Tessie, que está sentada beliscando um sanduíche.

— E então? — Gwen pergunta dando uma risadinha.

— E então você. — Tessie ri. Muito tempo atrás, elas haviam combinado que conversariam sobre a noite de núpcias.

— Só posso dizer que Oliver foi um verdadeiro cavalheiro e me tratou como uma princesa.

— Posso dizer o mesmo. — Tessie ri. — Acredita que nós duas, com a mesma história, depois de perder os pais, ser adotadas por dois homens maravilhosos, casaríamos com dois futuros duques?

— Acho que as famílias dos nossos pais jamais esperariam isso.

— Alexander quer ir para Larornna assim que possível, para que a família do meu pai não tente o mesmo. Mas acho pouco provável.

— Ficaram sabendo? — Sienna se junta a elas. — Lady Esme foi embora logo após o casamento. Ela estava transtornada que Oliver a rejeitara de tal forma. O pai dela estava gritando que tinha sido enganado, e que Oliver a trouxera aqui apenas para humilhá-la.

— Esme foi a última coisa em que pensei desde que voltamos da vila. — Gwen faz uma careta.

— Você estava ocupada consumando seu casamento, faz sentido. — Sienna ri. — Estão bem?

— Dolorida. — Tessie faz uma careta se ajeitando na cadeira. — Mas estou feliz, Alexander é muito carinhoso.

— Por mais que eu tenha curiosidade sobre o que se passa em uma noite de núpcias, a sua experiência é a última que quero ouvir, minha cunhada. Não quero saber como meu irmão é entre quatro paredes.

— Por que não se casou ainda? Minha mãe disse que teve vários pretendentes — Gwen pergunta.

— Porque o estúpido que eu quero... — Sienna solta um suspiro pesaroso.

— É estúpido demais? — Tessie pergunta dando uma risada.

— Exatamente, se ele não mudar logo, terei que escolher alguém. Não posso esperar muito.

— Já disse isso a ele?

— Acho que ele sabe, Tessie, tenho vinte e um anos, serei a futura rainha de Larornna, preciso garantir herdeiros para a coroa.

— E por isso vai escolher qualquer um? — Sienna escuta alguém perguntar e fecha os olhos.

— Isso é algum problema para você, milorde? — pergunta para Griffith que apoia uma mão no encosto da sua cadeira, permanecendo às suas costas.

— Todos nos importamos com as mulheres dessa família.

— Não sou da sua família.

— Eu sei. — Griffith deixa que um dedo discretamente faça um carinho na nuca de Sienna, que se levanta rapidamente.

— Com licença.

Griffith observa Sienna ir até seu pai para conversarem e se afasta na direção contrária.

— É ele? — Tessie pergunta para Gwen, que balança a cabeça.

— Faria sentido.

— Como assim?

— Ela não tira os olhos dele, e ele também não tira os olhos dela.

— Da mesma forma que você e Oliver?

— E você com Alexander.

— Parece que estão fofocando a nosso respeito — Alexander diz para Oliver assustando as duas.

— Trocando informações? — Oliver se senta ao lado de Gwen, que se encosta nele.

— Apenas tentando descobrir se existe algo entre Sienna e Griffith.

— Sienna? — Alexander olha por sobre o ombro para a irmã e depois para Griffith, que do outro lado do salão a observa. — Sério?

— Seria tão ruim assim?

— Claro que não, meu amor, Sienna pode se casar com quem ela bem entender, apenas não imaginava que ele era o escolhido.

— Tessie! — Elsie corre até a irmã e sobe em seu colo. — Você vai embora?

— Eu me casei, querida, agora devo morar com o meu marido.

— Vou ficar sozinha com o chato do Caleb?

— Pode nos visitar sempre que quiser em Larornna, mas não ficaremos muito tempo, vamos voltar para Londres — Alexander diz para a pequena, que o olha atentamente.

— A Tessie agora é uma princesa?

— Sim, ela agora é uma princesa — Alexander concorda.

— Eu também sou?

— Você sempre foi. — Tessie dá um beijo na irmã, que a abraça. — Você é o meu bebê, e sempre que precisar vou estar aqui para você. Eu te amo, Elsie.

— Também te amo. — Elsie beija o rosto de Tessie várias vezes e olha para Alexander. — Se minha irmã chorar, eu vou bater em você.

— Não se preocupe, não vou fazê-la chorar.

Parecendo aceitar a promessa de Alexander, Elsie pula do colo de Tessie e vai se juntar as outras crianças para brincar.

— Meus irmãos nem se importaram por eu me casar! — Gwen diz indignada e Oliver ri ao seu lado. — O que foi?

— Eles me prensaram em um canto da parede e fizeram todos os tipos de ameaças, mas, ao invés de ser do tipo “vou te matar se fizer minha irmã sofrer”, foi do tipo: “se deixar que o maldito do tio dela se aproxime vamos te desmembrar pedacinho por pedacinho”.

— Ele não vai voltar vai?

— Não sei, Gwen, espero que não, mas se voltar ele vai me enfrentar.

— Silêncio, por favor — Simon pede batendo em uma taça para chamar a atenção de todos. — Estamos todos reunidos aqui para comemorar o casamento de dois jovens casais. Alguns anos atrás, esse salão estava trancado, não recebia festas, bailes, nem reuniões como essa.

Daisy e eu vivíamos em nosso mundo afastados de todos. Mas um dia, uma jovem dama, a mais bela que eu já vi na minha vida, me pediu em casamento. E foi ali que tudo mudou, ganhei uma família, amigos, pessoas por quem eu lutei, pessoas que não me vejo vivendo sem. Quando segurei meu filho pela primeira vez, só conseguia pensar em qual seria a reação dele ao ver meu rosto, se ele teria medo, vergonha do seu pai. Mas não só ele, como também meus outros filhos se tornaram bons rapazes. E hoje ganhei uma filha, uma menina que tanto desejávamos. Gwen, eu a vi crescer, se tornar uma moça maravilhosa, e tê-la como uma parte da minha família, uma filha de coração, não poderia me deixar mais feliz. Bem-vinda, e que os seus dias e os de Oliver sejam cheios realizações e amor, como os meus e de Eleanor foram.

Todos levantam as suas taças para um brinde ao casal. Respirando fundo, Ashton também se levanta e dá um tapa no ombro de James, que sorri.

— Acredito que seja minha vez de falar alguma coisa.

— Está chorando, pai? — Caleb pergunta sem acreditar e recebe um olhar feio.

— Não — Ashton diz para o filho e olha para Tessie. — Diferente de muitos aqui, tive que lutar muito para ajudar minha mãe, aceitei um emprego para ser o faz-tudo de um jovem conde, que estava determinado a me colocar à prova a cada minuto do dia. Perdi as contas de quantas vezes o tirei de alguma enrascada.

— Isso é mentira! — James reclama.

— Isso é totalmente verdade — Simon concorda.

— Acredito que a maior enrascada de todas — Ashton continua — foi quando ele decidiu roubar uma jovem viúva e sua filha. Atravessamos a Inglaterra com medo de sermos pegos, mas durante todo o caminho me

vi apaixonado por aquela jovem menina, eu não sabia que, ao ajudar James, minha vida mudaria. Foi graças a você, Gwen, que Nora veio trabalhar na mansão e outra pequena menina me conquistou. Meus dias passaram a ser muito melhores por ter Nora e Tessie na minha vida. Você, Tessie, preencheu meu coração de muito amor e alegria. Ouvi-la me chamar de papai era música para os meus ouvidos, agradeço a Alfred todos os dias por ter feito uma filha tão carinhosa e amorosa. Desejo que você tenha toda a felicidade do mundo, e prometo, mais uma vez, que sempre estarei aqui quando precisar de mim.

— Por que não vão falar nada para a gente? — Oliver pergunta para Alexander arrancando uma risada de todos.

— Porque serão elas que terão a parte mais difícil, aguentar homens geniosos — Nora diz.

— Está dizendo que Gwen e Tessie possuem um temperamento fácil e dócil? — Simon pergunta.

— Isso não precisa ser mencionado, todos já sabem que Oliver e Alexander terão problemas com essas duas — Pippa diz ao cunhado.

Após os brindes, todos voltam a conversar e comemorar os casamentos. Para Gwen e Tessie, não era necessária outra festa com outros convidados, tudo ali estava perfeito. Até mesmo quando o mensageiro de Larornna entrou no salão e entregou uma carta para Annora, nada poderia atrapalhar aquela felicidade.

— Acredito que isso seja de vocês. — Annora entrega um papel para Oliver, que abre um sorriso.

— A Rainha da Inglaterra oficializou nosso casamento e nos deseja felicidades. — Ele mostra o papel para Gwen.

— Estamos oficialmente casados.

— Sim, você é oficialmente minha esposa. — Oliver beija Gwen na frente de todos arrancando uma salva de palmas.

— E agora, Oliver? — Gwen pergunta para ele, que olha para o grande salão.

— Agora temos a obrigação de aumentar o número de pessoas nessa família.

Gwen segue o olhar dele e sorri.

— Se dermos essa desculpa para sair desse jantar, será que irão reclamar?

— Por que não fazemos um teste?

Oliver se levanta e estende a mão para Gwen, aproveitando a deixa, Alexander faz o mesmo e os dois casais saem do salão sem se importarem que as comemorações eram para eles. Tinham assuntos muito mais importantes para cuidarem no momento.

Epílogo

Cinco anos se passaram desde o casamento de Gwen e Oliver, mesmo sendo às pressas, não tiveram dúvidas de que a decisão fora correta. Oliver mostrara a Gwen o quanto a amava todos os dias, e quando o primeiro filho nasceu a felicidade parecia não poder ficar maior ou mais completa.

Os encontros de família continuavam acontecendo todos os anos, e Simon, para garantir que todos estivessem juntos, continuava a aumentar a casa. Para ele e Eleanor, não havia momentos melhores do que quando estavam todos reunidos.

Fora em um desses encontros, enquanto observava o filho brincar, que Gwen confidenciara a Tessie o quanto estava feliz por se casar com o seu melhor amigo.

— Ele parece me conhecer melhor do que ninguém.

— Claro que ele conhece, Alexander às vezes consegue perceber que tem alguma coisa errada apenas de me olhar, isso me irrita, mas também fico feliz por saber que presta atenção.

— Oliver quase não quis vir esse ano, disse que não me colocaria em uma carruagem prestes a dar à luz — Gwen diz ao esfregar a enorme

barriga. — Disse que estava com medo de que nosso filho nascesse na carruagem.

— E eu fui obrigada a esconder o fato de que estou esperando um filho, caso contrário não sairíamos de Larornna. — Como Gwen, Tessie estava esperando o segundo filho.

— Consegue acreditar na sorte que tivemos? Duas meninas órfãs de pai, casadas com homens lindos, e com filhos saudáveis.

— Estive pensando nisso, acho que foi uma forma de Deus nos consolar por perdermos nossos pais tão cedo.

— Deveria estar do lado de fora? — Oliver pergunta assustando as duas.

— Estou olhando o nosso filho.

— Ele tem uma babá de olho nele e seus irmãos.

— Você realmente confia nosso filho aos gêmeos?

Oliver olha por sobre o ombro, seu pequeno filho de três anos estava brincando em uma enorme caixa de areia que Simon havia mandado construir. Aaron parecia estar se divertindo jogando areia nos tios, que tentavam construir um castelo para ele.

— Acredito que seja nosso filho que esteja vigiando os tios — Oliver brinca e ajuda Gwen a se levantar. — Elsie está vindo para se juntar a eles, Anna não para de perguntar do Aaron — ele diz a Tessie sobre sua filha de dois anos.

— Um dia, esses dois vão acabar se casando — Gwen diz ao marido, que abre um sorriso.

— Primos, melhores amigos... — ele inclina a cabeça como se estivesse pensando. — Acredito que seja uma boa combinação.

— Concordo. — Tessie sorri ao ver a filha correndo para a caixa de areia. — Pode entrar, Gwen, eu vou ficar aqui mais um pouco.

— Se precisar mande me chamar.

Oliver passa um braço pela cintura de Gwen e caminha lentamente com ela para o lado de dentro, sua barriga estava tão grande que todos adoravam provocá-lo dizendo que mais um par de gêmeos estava para chegar.

— Não deveria estar abusando — Pippa diz ao ver a filha se aproximando das escadas para ir ao quarto.

— Eu sei, mamãe, mas é que estava tão gostoso ficar no sol conversando com Tessie.

— Essa criança pode nascer a qualquer momento — Eleanor diz se juntando a elas. — Não sei por que está demorando tanto.

— Acho que ela quer entrar com grande estilo — Gwen provoca e leva uma mão à barriga ao sentir uma pontada. — Vocês todos são culpados! — ela resmunga.

— Culpados do quê, meu amor? — Oliver pergunta preocupado.

Gwen solta um grito ao notar a bolsa estourar e o líquido escorrer por sua perna.

— Acho que chegou a hora. — Pippa abraça a filha, Oliver a levanta nos braços e corre para o quarto.

Quase três horas depois, que para Oliver pareceram dias, Eleanor desce para a sala de visitas, lotada com tantas pessoas.

— Nasceu? — Simon pergunta ansioso assim como o seu filho.

— Nasceu, Gwen está te chamando.

Oliver pega Aaron no colo e vai para o quarto onde sua esposa estava, ao entrar seu olhar procura por Gwen, que estava reclinada sobre os travesseiros segurando um pacotinho.

— É um só? — pergunta para Pippa, que sorri.

— Sim, foi um só. Por que não vai conhecer sua filha?

— Filha? — Oliver sente uma lágrima escorrer e se senta na cama ao lado de Gwen, Aaron se inclina para olhar a irmã, que está dormindo.

— O que acha, papai?

— Acho que ela é a menina mais linda desse mundo.

— Nenê — Aaron diz colocando a mão sobre o pacotinho.

— Isso mesmo, é um neném, sua irmãzinha — Gwen diz para o filho.

— Nossa pequena Erin. — Oliver beija delicadamente a testinha da filha e dá risada quando o filho faz o mesmo.

— E agora, Oliver? — Gwen pergunta ao marido, que passa um braço por seus ombros, Aaron parecia vidrado no pequeno bebê, fazendo um carinho no rostinho dela.

— Como dizem aquelas histórias que você tanto ama ler?

— Elas dizem várias coisas, Oliver.

— Não, no final. — Ele leva um dedo aos lábios e finge pensar. — Ah sim, e eles viveram felizes para sempre, não é isso?

— Isso é quando uma história chega ao fim, a nossa história não teve um final ainda, está apenas começando.

— Tem razão, meu amor, mas quer apostar quanto que, quando chegarmos ao final, será exatamente isso que irão falar sobre o nosso amor?

Gwen olha para os filhos e beija o marido.

— Não preciso fazer uma aposta sobre isso. Tenho certeza de que seremos felizes para sempre.

Nota da autora

A série *Damas da Sociedade* chega ao seu final, espero que tenham amado ler sobre cada uma dessas mulheres fortes que não desistiram de viver um grande amor e encontrar sua felicidade e o seu final feliz.

Obrigada por estarem comigo em cada um desses contos, se divertindo, se emocionando, e principalmente amando junto com elas esses nossos mocinhos problemáticos e fofos.

Como nossas damas, desejo que o futuro reserve para todas vocês um grande amor e um final feliz.

Um beijo a todas.

Bônus

Sienna & Griffith

Sienna e sua família estavam prontos para voltarem a Larornna, a temporada na mansão Wentworth havia chegado ao fim, tinham vivido grandes momentos como o casamento de Gwen e Oliver e de seu irmão Alexander e Tessie, que não voltariam com eles. Alexander queria ficar um tempo com Tessie em lua de mel e por isso ficariam em Londres por um tempo.

As malas já estavam nas carruagens, as despedidas haviam sido feitas, não havia mais nada que a segurasse ali. Nem mesmo um estúpido de lindos olhos claros e que tomava coragem em mudar por ela.

Por mais que amasse Griffith, não poderia aceitar as atitudes dele, ela seria uma Rainha um dia, e não poderia permitir que seu marido fosse um homem que adorasse beber tanto, jogar e, principalmente, ter amantes. Queria um marido que tivesse olhos apenas para ela.

Soltando um suspiro nada digno para uma dama, Sienna entra na carruagem que dividira com a irmã; logo após se sentar, ela toma um susto

ao notar que Griffith estava no banco à sua frente.

— O que está fazendo aqui?

— Você estava indo embora sem se despedir.

— Não temos nada para conversar, a última vez que fizemos isso foi bastante esclarecedora.

— Da última vez, eu disse o quanto a desejava, e fui rejeitado — Griffith diz se inclinando para perto.

— E eu disse o que deveria fazer para que eu o aceitasse, agora se não se importa, saia daqui.

— Não, eu não vou sair. — Griffith se encosta no banco e estica as pernas para o banco que Sienna estava.

— Se não sair vou chamar os guardas.

— Faria isso, princesa? Gritaria e faria com que me prendessem?

— Não tenha dúvidas.

— Algum problema? — Annora pergunta colocando a cabeça dentro da carruagem. — Estou ouvindo a conversa de vocês dois aqui de fora.

— Sua filha é uma cabeça-dura, Majestade, eu a pedi em casamento, mas ela insiste em me rejeitar.

— E por que motivo? — Annora pergunta para a filha.

— Ele é um libertino, um jogador, como posso me casar com um homem assim?

— Eu me casei com um homem assim. — Annora ri e olha para os dois. — Você ama a minha filha, milorde?

— Amo, na verdade preciso ser honesto, Majestade, paguei uma boa quantia para o cocheiro nos levar até a Escócia, estou determinado a sequestrar a sua filha e convencê-la durante o caminho de que deve se casar comigo.

— Ora, não é necessário sequestro nenhum.

— Não mesmo! — Sienna diz concordando com a mãe.

— Eu, como a Rainha de Larornna, os declaro casados — Annora diz com um sorriso. — Ela é toda sua.

— Mamãe! — Sienna grita irritada enquanto Griffith abre um sorriso enorme.

— Seja muito feliz, minha filha. Quanto ao senhor, se fizer minha filha sofrer, enfrentará todo o meu exército.

— Não se preocupe, minha sogra, minha esposa será muito feliz.

Annora fecha a porta da carruagem enquanto Sienna resmunga que não pode estar casada com Griffith, que abre a porta de comunicação para o cocheiro e muda o destino deles, pedindo que os leve para a casa de campo da sua família. A viagem era curta, já eram vizinhos de Simon.

— Não estamos casados — Sienna reclama.

— Segundo sua mãe estamos, não se preocupe, meu amor, assim que chegarmos em casa mudarei sua opinião.

— Acho pouco provável e, assim que chegarmos lá, eu irei embora.

— Não, você não vai, agora é minha esposa, e eu vou mostrar o quanto ir embora será uma péssima ideia.

— Acho pouco provável que consiga isso.

— É uma aposta, querida? Pois saiba que eu adoro apostas, e nunca perco uma.

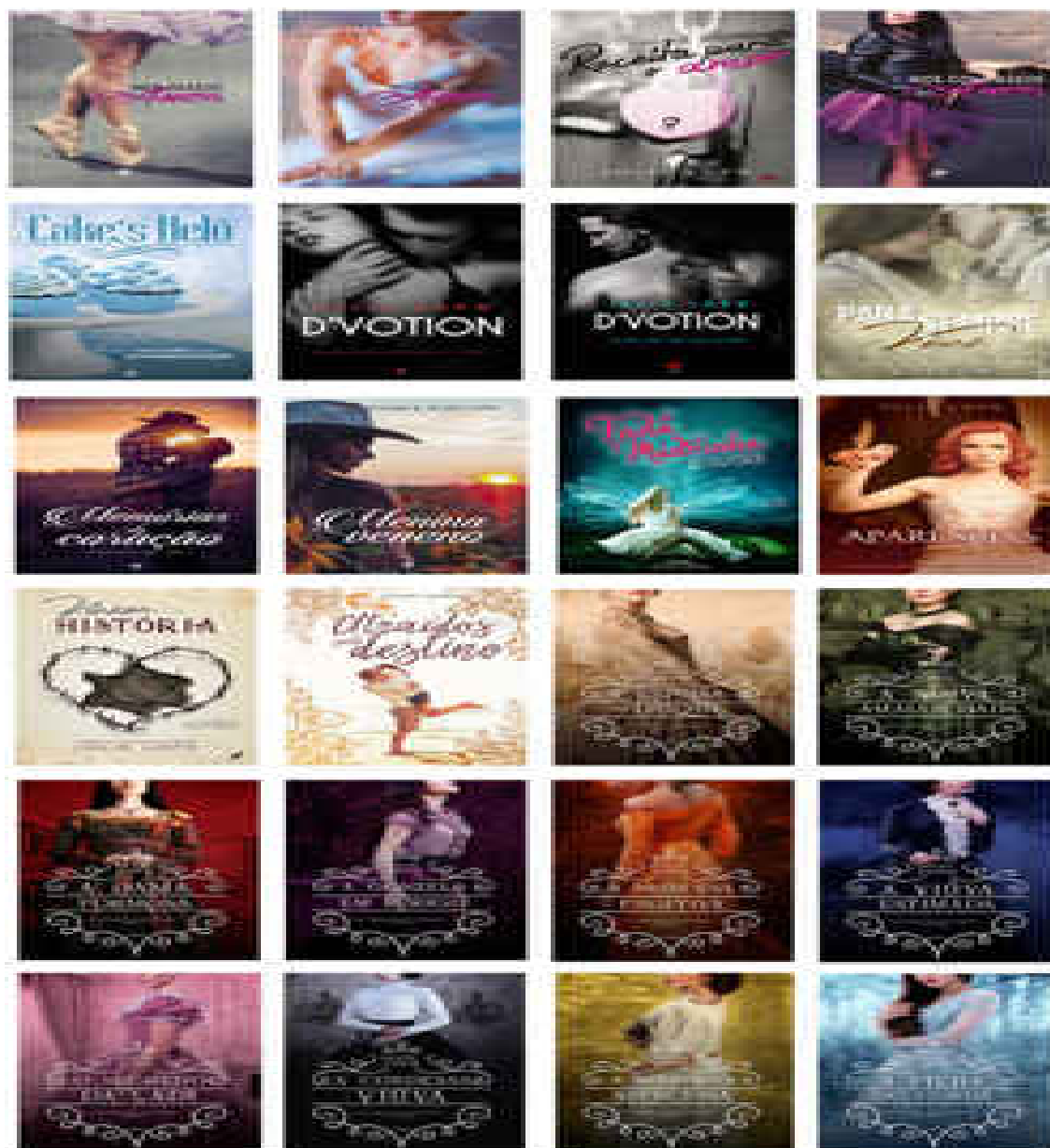
Biografia

JULIE LOPO nascida em São Paulo capital, formada em Direito. Leitora compulsiva, chegou a ler 25 livros em um mês. Viciada em livros, chocolate, sapatos e maquiagem. Sempre gostou de escrever, mas parou quando uma professora disse que não tinha talento, mas nunca desistiu do seu sonho. Gosta de filmes românticos, de comédia e de ação.

Autora da *Série Nos Passos, Para Sempre Você, D'votion: quem será a próxima vítima?*, *Memórias do Coração*, que foram publicados pela Editora PL, além de outras obras que publicou de forma independente na Amazon, incluindo a série de contos de época *As damas da sociedade*.

"Encontrei na escrita uma paixão que quero dividir com o mundo."

Obras



amazon **kindle** unlimited